

ROBERT M. EDSSEL

COM **BRET WITTER**

CAÇADORES DE OBRAS-PRIMAS

**SALVANDO A ARTE OCIDENTAL
DA PILHAGEM NAZISTA**



ROCCO HILLMAN

A obra que deu origem ao filme distribuído pela Twentieth Century Fox



Robert M. Edsel
COM Bret Witter

CAÇADORES de OBRAS-PRIMAS

SALVANDO A ARTE OCIDENTAL
DA PILHAGEM NAZISTA

TRADUÇÃO
Talita M. Rodrigues

ROCCO 

Para minha mãe, Norma; tia Marilyn e filho Diego.



À memória de meu pai e meu tio, A. Ray Edsel e Ron B. Wright, ambos veteranos.



E aos Monuments Men, homens e mulheres cujos esforços heroicos preservaram grande parte da beleza de que usufruímos hoje.

Seja lá o que for que estes quadros talvez tenham sido para os homens que olharam para eles uma geração atrás – hoje, eles não são apenas obras de arte. Atualmente, eles são símbolos do espírito humano, e do mundo que a liberdade do espírito humano criou... Aceitar este trabalho hoje é afirmar o propósito do povo americano de que a liberdade do espírito humano e da mente humana, que produziu o que há de melhor na arte no mundo e toda a sua ciência, não será totalmente destruído.

– PRESIDENTE FRANKLIN D. ROOSEVELT, cerimônia de inauguração da National Gallery of Art, 17 de março de 1941.

Costumava se chamar saque. Mas hoje as coisas se tornaram mais humanas. Apesar disso, eu pretendo saquear, e fazer isso totalmente.

– REICHMARSCHALL HERMAN GOERING, discursando em um congresso dos Comissários do Reich para os Territórios Ocupados e Comandantes Militares, Berlim, 6 de agosto de 1942.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Nota do Autor

Personagens principais

SEÇÃO I: A MISSÃO

- 1 Saindo da Alemanha
- 2 O sonho de Hitler
- 3 O chamado às armas
- 4 Um mundo monótono e vazio
- 5 Leptis Magna
- 6 A primeira campanha
- 7 Monte Cassino
- 8 Monumentos, belas-artes e arquivos
- 9 A tarefa

SEÇÃO II: NORTE DA EUROPA

- 10 Conquistando respeito
- 11 Um encontro no campo de batalha
- 12 A Madona de Michelangelo
- 13 A catedral e a obra-prima
- 14 O Cordeiro Místico de Van Eyck
- 15 James Rorimer visita o Louvre
- 16 Entrando na Alemanha
- 17 Uma viagem de pesquisa
- 18 Tapeçaria
- 19 Votos de Natal
- 20 A Madona de La Gleize

- 21 O trem
- 22 As Ardenas
- 23 Champanhe

SEÇÃO III: ALEMANHA

- 24 Um judeu alemão no Exército americano
- 25 Sobrevivendo à batalha
- 26 O novo Monuments Man
- 27 George Stout e seus mapas
- 28 Arte em mudança
- 29 Dois momentos decisivos
- 30 O Decreto Nero de Hitler
- 31 O I Exército do outro lado do Reno
- 32 Mapa do tesouro
- 33 Frustração
- 34 Dentro da montanha
- 35 Perdidos
- 36 Um semana inesquecível

SEÇÃO IV: O VAZIO

- 37 Sal
- 38 Horror
- 39 O gauleiter
- 40 A mina castigada
- 41 Último aniversário
- 42 Planos
- 43 O laço
- 44 Descobertas
- 45 O laço apertado
- 46 A corrida

47 Últimos dias

48 O tradutor

49 A noviça rebelde

50 O fim da estrada

SEÇÃO V: O RESULTADO

51 Compreendendo Altaussee

52 Evacuação

53 A jornada de volta para casa

54 Heróis da civilização

Elenco

Notas

Bibliografia

Agradecimentos

Qual é sua conexão com a história?

Créditos

Os Autores

NOTA DO AUTOR

A maioria de nós está ciente de que a Segunda Guerra Mundial foi a mais destruidora da história. Sabemos sobre a terrível perda de vidas; vimos imagens das cidades europeias devastadas. Mas quantos de nós percorremos um museu majestoso como o Louvre, desfrutamos a solidão de uma catedral de torres elevadas como Chartres, ou contemplamos uma pintura sublime como a Última Ceia, de Leonardo da Vinci, e nos perguntamos: “Como tantos monumentos e obras de arte sobreviveram a essa guerra? Quem foram as pessoas que os salvaram?”

Os principais acontecimentos da Segunda Grande Guerra – Pearl Harbor, o Dia D, Batalha do Bulge – já fazem parte de nossa consciência coletiva assim como os nomes dos livros e filmes – *Band of Brothers*, *The Greatest Generation*, *O resgate do soldado Ryan*, *A lista de Schindler* – e dos escritores, diretores e atores – Ambrose, Brokaw, Spielberg, Hanks – que ressuscitaram para nós estes eventos épicos e o heroísmo daqueles tempos.

Mas, e se eu lhes dissesse que existe uma história importante sobre a Segunda Guerra Mundial que ainda não foi contada, uma história significativa no centro de todo o esforço de guerra, envolvendo o grupo mais improvável de heróis de que vocês já ouviram falar? E se eu lhes dissesse que havia um grupo de homens nas linhas de frente que literalmente salvou o mundo como nós o conhecemos; que não carregava metralhadoras, nem dirigia tanques, que não era formado por estadistas oficiais; homens que não tiveram apenas a visão para compreender a séria ameaça às maiores realizações culturais e artísticas da civilização, mas que ingressaram nas linhas de frente para fazer alguma coisa a respeito?

Esses heróis incógnitos ficaram conhecidos como os “Monuments Men”, os homens dos monumentos, um grupo de soldados que serviram no esforço militar dos Aliados ocidentais de 1943 até 1951. A responsabilidade inicial deles era mitigar os danos do combate, basicamente as estruturas – igrejas, museus e outros monumentos importantes. Com o progredir da guerra e o rompimento das fronteiras alemãs, seu foco passou para a localização de obras de arte móveis e outros itens culturais roubados ou perdidos. Enquanto ocuparam a Europa,

Hitler e os nazistas realizaram o “maior roubo da história”, apossando-se e transportando mais de 5 milhões de objetos culturais para o III Reich. O esforço aliado ocidental, encabeçado pelos Monuments Men, tornou-se, portanto, a “maior caça ao tesouro da história”, com todos os relatos bizarros e inimagináveis que somente a guerra é capaz de produzir. Foi também uma corrida contra o tempo, pois, escondidas nos locais mais incríveis – alguns dos quais inspiraram ícones populares da atualidade como o castelo da Bela Adormecida, na Disneylândia, e A noviça rebelde –, estavam dezenas de milhares das maiores obras-primas do mundo, muitas roubadas pelos nazistas, inclusive quadros de valor inestimável de Leonardo da Vinci, Jan Vermeer e Rembrandt, e esculturas de Michelangelo e Donatello. E alguns fanáticos nazistas que as mantinham em seu poder tinham a intenção de garantir que, se o III Reich não podia ficar com elas, o resto do mundo também não.

No final, uns 350 homens e mulheres de 13 nações serviram na MFAA (Monuments, Fine Arts e Archives) – a seção responsável por monumentos, obras de arte e arquivos –, um número extraordinariamente pequeno em uma força de combate que chegava a milhões. Entretanto, havia apenas 60 Monuments Men, se tanto, servindo na Europa no final do combate (8 de maio de 1945), a maioria americanos ou britânicos. A Itália, repleta de monumentos, tinha apenas 22 oficiais do Monuments. Nos primeiros meses depois do Dia D (6 de junho de 1944), menos de uma dúzia de Monuments Men estava em terra na Normandia. Outros 25 foram gradualmente acrescentados até o final das hostilidades, com a assombrosa responsabilidade de cobrir todo o norte da Europa. Parecia uma tarefa impossível.

Meu plano original para este livro era contar a história das atividades dos Monuments Men por toda a Europa, concentrando-me nos acontecimentos de junho de 1944 até maio de 1945 a partir das experiências de apenas oito Monuments Men que serviram nas linhas de frente – mais duas figuras-chave, incluindo uma mulher –, usando seus diários de campo, suas agendas, relatos de guerra e, o mais importante, as cartas que escreviam para esposas, filhos e familiares em casa durante o combate. Devido à enormidade da história e minha determinação de transmiti-la fielmente, o manuscrito final ficou tão extenso que lamentavelmente tornou-se necessário excluir deste livro as atividades dos

Monuments Men na Itália. Usei o norte da Europa – principalmente a França, os Países Baixos, a Alemanha e a Áustria – como uma parte para compreender todo o esforço do Monuments.

Os oficiais do Monuments, Deane Keller, Frederick Hart (ambos americanos), John Bryan Ward-Perkins (que era britânico) e outros passaram por experiências incríveis durante seu difícil trabalho na Itália. Nossa pesquisa desenterrou cartas emocionantes e perspicazes que eles escreviam para casa detalhando as responsabilidades, às vezes imensas, que enfrentavam para proteger esse berço insubstituível da civilização. Incluirei as memoráveis experiências desses heróis na Itália, usando muitas de suas próprias palavras, em um próximo livro.

Tomei a liberdade de criar diálogos para manter a continuidade, mas em caso algum eles tratam de questões importantes e sempre estão baseados em extensa documentação. Em todos os momentos tentei não apenas compreender e comunicar os fatos, mas também as personalidades e perspectivas das pessoas envolvidas, assim como suas percepções dos acontecimentos no próprio instante em que ocorreram. Com a vantagem da visão em retrospectiva, estes podem ser muito diferentes de nossas opiniões; portanto, um dos grandes desafios da história. Qualquer erro de julgamento será de minha inteira responsabilidade.

Em sua essência, *The Monuments Men* é uma história pessoal: uma história sobre pessoas. Permita-me então um relato pessoal. No dia 1º de novembro de 2006, peguei um avião para Williamstown, Massachusetts, a fim de conhecer e entrevistar o Monument Man S. Lane Faison Jr., que também serviu no OSS (Office of Strategic Services, o escritório para serviços estratégicos), precursor da CIA (Central Intelligence Agency, agência central da inteligência americana). Lane chegou na Alemanha no verão de 1945 e foi logo para Altaussee, na Áustria, ajudar nos interrogatórios de oficiais nazistas importantes que tinham sido detidos pelas forças Aliadas ocidentais. Sua atribuição em particular era descobrir o máximo possível sobre a coleção de arte de Hitler e seus planos para o Führermuseum. Depois da guerra, Lane foi professor de arte no Williams College por quase trinta anos, ensinando e dividindo suas talentosas percepções com estudantes. Sua herança profissional se mantém viva com seus alunos, em particular os líderes de muitos museus importantes dos Estados Unidos: Thomas

Krens (Solomon R. Guggenheim Foundation, 1988-2008), James Wood (J. Paul Getty Trust, 2004-presente), Michael Govan (Los Angeles Conty Museum of Art, 2006-presente), Jack Lane (Dallas Museum of Art, 1999-2007), Earl A. “Rusty” Powell III (National Gallery of Art, Washington, D.C., 1992-presente) e o legendário Kirk Varnedoe (Museum of Modern Art, 1986-2001).

Apesar dos 98 anos de idade, Lane parecia estar bem de saúde. Porém, fui alertado com antecedência por Gordon, um de seus quatro filhos, que “Papai não tem ficado acordado por mais de trinta minutos, portanto, não se decepcione se não conseguir saber muita coisa com sua conversa”. E que conversa. Foram mais de três horas enquanto Lane folheava meu primeiro livro (Rescuing Da Vinci, um tributo fotográfico à obra dos Monuments Men), parando periodicamente para observar com atenção imagens que pareciam transportá-lo de volta no tempo. Repetidas vezes, quando sua memória era cutucada, o brilho em seu olhar surgia, e seus braços se moviam entusiasmados com a narrativa de cada uma das incríveis histórias, até que ambos tivemos de parar. Gordon não conseguia acreditar, um sentimento a que cada um de seus irmãos mais tarde fizeram eco.

Quando me levantei para me despedir, dirigi-me para a lateral de sua poltrona reclinável e estendi a mão para lhe agradecer. Lane estendeu a dele e a agarrou firme com ambas as mãos, puxou-me mais para perto e disse:

– Esperei a vida inteira para conhecê-lo.

Dez dias depois, faltando uma semana para comemorar seus 99 anos de idade, ele morreu. Era o Dia dos Veteranos.

PERSONAGENS PRINCIPAIS



MAJOR RONALD EDMUND BALFOUR, I EXÉRCITO CANADENSE.

Idade em 1944: 40. Naturalidade: Oxfordshire, Inglaterra. Balfour, historiador na Cambridge University, era o que os ingleses chamavam de um “gentleman erudito”: um homem solteiro dedicado à vida intelectual sem ambição por louvores e cargos. Protestante dedicado, começou sua vida como estudioso de história, depois mudou para estudos eclesiásticos. Seu bem mais valioso era sua imensa biblioteca pessoal.



SOLDADO HARRY ETTLINGER, VII EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 18. Naturalidade: Karlsruhe, Alemanha (imigrou para Newark, Nova Jersey). Judeu alemão, Ettlinger fugiu da perseguição nazista em 1938 com a família. Convocado pelo exército depois de se formar na escola secundária em Newark, em 1944, o soldado Ettlinger serviu a maior parte do tempo perdido na burocracia do Exército antes de finalmente encontrar seu nicho no início de

maio de 1945.



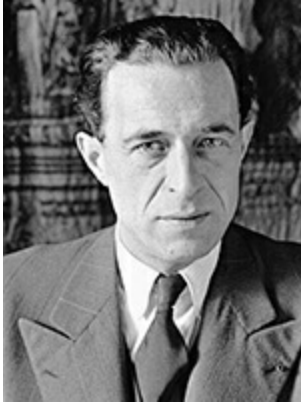
CAPITÃO WALKER HANCOCK, I EXÉRCITO DOS
ESTADOS UNIDOS.

Idade: 43. Naturalidade: Saint Louis, Missouri. Hancock era um escultor famoso, premiado com o prestigiado Prix de Rome antes da guerra e desenhou a Army Air Medal em 1942. Afetuoso e otimista, ele escrevia com frequência para seu grande amor, Saima Natti, com quem se casou duas semanas antes de embarcar para servir na Europa. Os assuntos sobre o que ele mais falava eram sua felicidade no trabalho e os sonhos de uma casa e estúdio onde pudesse morar e trabalhar ao mesmo tempo, em Gloucester, Massachusetts.



CAPITÃO WALTER "HUTCH" HUCHTHAUSEN, IX
EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 40. Naturalidade: Perry, Oklahoma. Hutch, solteiro, bonitão e com ar de garoto, era arquiteto e professor de desenho na University of Minnesota. Lotado basicamente na cidade de Aachen, na Alemanha, ele ficou responsável por grande parte do noroeste do país.



JACQUES JAUIARD, DIRETOR DOS MUSEUS NACIONAIS FRANCESES.

Idade: 49. Naturalidade: Asnières, França. Como diretor dos Museus Nacionais franceses, Jaujard era responsável pela segurança das coleções de arte do Estado francês durante a ocupação nazista de 1940 a 1944. Ele foi chefe, mentor e confidente de outra grande heroína das instituições culturais francesas, Rose Valland.



SOLDADO DE PRIMEIRA CLASSE LINCOLN KIRSTEIN, III
EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 37. Naturalidade: Rochester, Nova York. Kirstein era um empresário cultural e patrono das artes. Brilhante, mas com tendência a variações de humor e depressão, fundador do legendário New York City Ballet, é considerado por muitos como uma das figuras culturais mais importantes de sua geração. Não obstante, era um dos membros de nível mais baixo da MFAA, servindo como o muito capaz assistente do capitão Robert Posey.



CAPITÃO ROBERT POSEY, III EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 40. Naturalidade: Morris, Alabama. Criado na pobreza em uma fazenda no Alabama, Posey formou-se arquiteto pela Auburn University graças ao patrocínio do Reserve Officers' Training Corps (ROTC) do Exército. O solitário da MFAA sentia um profundo orgulho do III Exército e seu legendário comandante, general George S. Patton Jr. Escrevia com frequência para a mulher, Alice, e muitas vezes recebia cartões e lembranças de seu filho pequeno, Dennis, a quem chamava de “Woogie”.



SEGUNDO-TENENTE JAMES J. RORIMER, ZONA DE COMUNICAÇÃO E VII EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 39. Naturalidade: Cleveland, Ohio. Rorimer foi a criança prodígio do mundo dos museus, chegando a curador do Metropolitan Museum ainda muito jovem. Especialista em arte medieval, foi muito útil na fundação do setor de coleções medievais do Met, o Cloisters, com a ajuda do grande patrono John D. Rockefeller Jr. Designado para servir em Paris, com sua firme determinação, disposição para se opor ao sistema e amor por tudo que fosse francês, conquistou a afeição de Rose Valland. Esse relacionamento seria de importância vital na corrida para descobrir os tesouros nazistas. Casado com Katherine, uma colega

funcionária do Metropolitan, sua filha, Anne, nasceu enquanto ele estava na ativa e ele não a pôde ver por mais de dois anos.



TENENTE GEORGE STOUT, I EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS E 12º GRUPO DE EXÉRCITOS DOS ESTADOS UNIDOS.

Idade: 47. Naturalidade: Winterset, Iowa. Uma figura imponente no então obscuro campo da conservação das artes, Stout foi uma das primeiras pessoas nos Estados Unidos a compreender a ameaça nazista ao patrimônio cultural da Europa e forçou a comunidade dos museus e o exército a fundarem um corpo profissional para conservação das artes. Como oficial de campo, era o especialista à disposição para todos os outros Monuments Men no norte da Europa e seu indispensável modelo e amigo. Garboso e bem educado, com uma personalidade exigente e perfeccionista que se destacava no campo, Stout, veterano da Primeira Guerra Mundial, deixou para trás a esposa, Margie, e um filho pequeno. Seu filho mais velho serviu na Marinha americana.



ROSE VALLAND, GUARDIÁ TEMPORÁRIA DO JEU DE PAUME.

Idade: 46. Naturalidade: Saint Etienne de Saint Geoirs, França. Rose Valland,

mulher de poucos recursos econômicos, criada na área rural da França, era uma improvável heroína no mundo cultural francês. Durante um bom tempo, ela trabalhou como voluntária sem rendimentos no museu Jeu de Paume, adjacente ao Louvre, quando começou a ocupação nazista de Paris. Uma mulher solteira, simples, mas determinada, com estilo e modos suaves, conquistou as graças dos nazistas no Jeu de Paume e, despercebidamente, espionou as atividades deles durante os quatro anos da ocupação. Depois da libertação de Paris, a extensão e importância de suas informações secretas, que ela guardou com unhas e dentes, tiveram um impacto fundamental na descoberta de obras de arte roubadas da França.

Seção

I

A MISSÃO

1938-1944

Esta é uma longa estrada que temos de trilhar. Os homens que podem fazer coisas serão perseguidos com tanta certeza quanto o sol se levanta de manhã. Falsas reputações, hábitos de discursos loquazes e engenhosos e o desempenho de brilho superficial serão descobertos e jogados ao mar. Liderança sólida, firme... e férrea determinação para enfrentar desânimo, riscos e cada vez mais trabalho sem titubear sempre caracterizarão o homem que tem uma ótima, infalível unidade de combate. Além disso, ele deve ter uma forte imaginação – surpreendo-me sempre com a incrível falta de ideias criativas... Finalmente, o homem tem que ser capaz de se esquecer de si mesmo e de suas fortunas pessoais. Substituí dois sêniores aqui porque começaram a se preocupar com “injustiça”, “deslealdade”, “prestígio” e – ah, deixa pra lá!

– SUPREMO COMANDANTE GENERAL DWIGHT DAVID EISENHOWER, em uma carta ao General Vernon Prichard, 27 de agosto de 1942.

Acho que conseguimos fazer alguma coisa, olhando para o início, porque ninguém nos conhecia, ninguém se incomodava com a gente – e não tínhamos dinheiro.

– JOHN GETTENS, FOGG MUSEUM CONSERVATION DEPARTMENT, descrevendo descobertas científicas que fez com George Stout, 1927-1932.

OS MONUMENTS MEN

Os Monuments Men eram um grupo de homens e mulheres de 13 nações, quase todos apresentando-se como voluntários para servir na recém-criada seção Monuments, Fine Arts, and Archives, ou MFAA. Os primeiros, em sua maioria, tinham experiência como diretores de museus, curadores, estudiosos e professores de arte, artistas, arquitetos e arquivistas. A descrição de sua tarefa era simples: salvar o máximo possível da cultura da Europa durante os combates.

A criação da seção MFAA foi uma experiência extraordinária. Foi a primeira vez que um exército lutou em uma guerra tentando de forma abrangente mitigar os danos culturais, e isso foi feito sem transporte adequado, suprimentos, pessoal ou precedentes históricos. Os homens com essa missão eram, na aparência, os heróis mais improváveis. Dos mais ou menos sessenta iniciais que serviram nos campos de batalha no norte da África e na Europa durante o mês de maio de 1945 (o principal período coberto por nossa história), a maioria já estava na meia-idade, com uma média de 40 anos. O mais velho tinha 66 anos, um “velho e indestrutível”^[1] veterano da Primeira Guerra Mundial; somente cinco ainda estavam na casa dos vinte anos. A maioria tinha família criada e carreiras de sucesso. Mas todos tinham escolhido ingressar no esforço de guerra na seção Monuments, Fine Arts, and Archives, e estavam dispostos a lutar e morrer pelo que acreditavam. Orgulho-me de apresentá-los a vocês e contar, da melhor forma que me for possível, suas extraordinárias histórias.

Saindo da Alemanha

KARLSRUHE, ALEMANHA

1715-1938

A cidade de Karlsruhe, no sudoeste da Alemanha, foi fundada em 1715 pelo margrave Karl Wilhelm von Baden-Durlach. Conta a lenda local que Karl Wilhelm, caminhando pelos bosques um dia, adormeceu e sonhou com um palácio rodeado por uma cidade. Na realidade, ele deixou sua residência anterior em Durlach depois de uma briga com o povo local. Mas, sempre otimista, Karl Wilhelm mandou construir seu novo assentamento como uma roda, com o palácio no centro e 32 estradas partindo dali como raios. Como no sonho, logo uma cidade cresceu ao redor de seu palácio.

Esperando que a nova cidade se transformasse logo em uma potência regional, Karl Wilhelm convidava qualquer um para vir se estabelecer onde quisesse, independente de raça ou credo. Isso era um luxo raro, especialmente para os judeus, relegados a bairros exclusivos para eles na maioria da Europa oriental. Em 1718, uma congregação de judeus fixou-se em Karlsruhe. Em 1725, um mercador judeu chamado Seligmann imigrou para lá vindo de Ettlinger, a cidade vizinha onde sua família vivia desde 1600. Seligmann prosperou em Karlsruhe, talvez porque só em 1752, quando a cidade finalmente se sentiu uma legítima potência regional, é que as leis antijudeus viraram moda. Por volta de 1800, quando os habitantes da Alemanha foram obrigados por lei a ter um sobrenome, os descendentes de Seligmann escolheram Ettlinger como último nome, o nome de sua cidade de origem.

A rua principal de Karlsruhe é Kaiserstrasse, e foi lá que os Ettlingers abriram, em 1850, uma loja de roupas femininas, a Gebrüder Ettlinger. Naquela época, os judeus estavam proibidos de possuir terras para cultivo. As profissões, como medicina, advocacia ou serviços no governo, eram acessíveis para eles, mas também francamente discriminadoras, visto que as guildas de comércio, como as

de bombeiros e carpinteiros, barravam sua admissão. Por conseguinte, muitas famílias judias concentraram-se nas vendas a varejo. Gebrüder Ettlinger ficava a apenas dois quarteirões do palácio e, no final da década de 1890, a frequência regular da descendente de Karl Wilhelm, a arquiduquesa Hilda von Baden, esposa de Friedrich II von Baden, fez com que a loja se tornasse uma das mais elegantes da região. No início de 1900, a loja tinha quatro andares de mercadorias e quarenta funcionários. A duquesa perdeu sua posição em 1918, após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, mas, mesmo sem sua cliente mais famosa, a sorte da família Ettlinger não foi afetada.

Em 1925, Max Ettlinger casou-se com Suse Oppenheimer, cujo pai era um atacadista de produtos têxteis na cidade vizinha de Bruchsal. Seu mercado principal eram tecidos para os uniformes de funcionários do governo, como policiais e oficiais da alfândega. Os Oppenheimers judeus, com raízes locais datando de 1450, eram bem conhecidos por sua integridade, bondade e filantropia. A mãe de Suse tinha sido, entre outras coisas, presidente da Cruz Vermelha local. Portanto, quando em 1926 nasceu o primeiro filho de Max e Suse, Heinz Ludwig Chaim Ettlinger, chamado Harry, a família estava não só bem financeiramente, como era uma presença estabelecida e respeitada na área de Karlsruhe.

Crianças vivem em um mundo fechado, e o jovem Harry supunha que a vida que levava tinha sido sempre assim. Ele não tinha amigos que não fossem judeus, mas seus pais também não, portanto isso não parecia nada de extraordinário. Via não judeus na escola e nos parques, e gostava deles, mas bem no fundo dessas interações havia a consciência de que, por algum motivo, era um estranho. Ele não tinha ideia de que o mundo estava entrando em uma depressão econômica, ou que épocas difíceis trazem recriminações e culpa. Sem demonstrar ao filho, os pais de Harry se preocupavam não só com a economia, mas com a crescente onda de nacionalismo e antissemitismo. Harry notava apenas que talvez a fronteira entre ele mesmo e o mundo maior de Karlsruhe estivesse ficando mais fácil de se ver e difícil de cruzar.

Então, em 1933, Harry, aos sete anos de idade, foi proibido de frequentar a associação esportiva local. No verão de 1935, sua tia mudou-se de Karlsruhe para a Suíça. Quando Harry entrou para o quinto ano meses depois, era um dos dois

meninos judeus em sua turma de 45 crianças. Seu pai era um veterano condecorado da Primeira Guerra Mundial, ferido por um estilhaço de granada nos arredores de Metz, na França; por isso Harry recebeu uma isenção temporária das Leis de Nuremberg, de 1935, que tiraram dos judeus a cidadania alemã e, com ela, a maior parte de seus direitos. Obrigado a se sentar na última fila, as notas de Harry caíram visivelmente. Não era ostracismo ou intimidação – isso ocorria, sim, mas Harry nunca foi espancado ou fisicamente importunado por seus colegas de turma. Era o preconceito de seus professores.

Dois anos depois, em 1937, Harry mudou para a escola judia. Logo depois, ele e seus dois irmãos menores receberam um presente surpresa: bicicletas. A Gebrüder Ettlinger falira, atingida por um boicote de empresas de propriedade de judeus, e seu pai estava trabalhando com Opa (vovô) Oppenheimer em seu negócio de têxteis. Harry aprendeu a andar de bicicleta para poder circular pela Holanda, para onde a família esperava se mudar. A família de seu melhor amigo estava tentando imigrar para a Palestina. Quase todos que Harry conhecia, de fato, estavam tentando sair da Alemanha. Nisso chegou a notícia de que o pedido dos Ettlinger havia sido negado. Eles não iam para a Holanda. Logo depois, ele se acidentou com a bicicleta; sua internação no hospital local também foi negada.

Havia duas sinagogas em Karlsruhe, e os Ettlingers, que não eram judeus rigidamente praticantes, frequentavam a menos ortodoxa. A sinagoga da Kronenstrasse era um prédio centenário grande e vistoso. O centro de adoração alçava-se por quatro andares em uma série de domos decorados – quatro andares era a altura máxima permitida, pois nenhuma construção em Karlsruhe podia ser mais alta do que a torre do palácio de Karl Wilhelm. Os homens, que vestiam ternos pretos passados a ferro e cartolas pretas, sentavam-se em bancos longos no fundo. As mulheres sentavam-se nos balcões superiores. Atrás delas, o sol entrava pelas grandes janelas, banhando de luz o salão.

Nas noites de sexta-feira e nas manhãs de sábado, Harry observava toda a congregação de seu lugar na galeria do coro. As pessoas que ele conhecia estavam partindo, obrigadas a atravessar o oceano pela pobreza, discriminação, ameaça de violências e um governo que incentivava a emigração como a melhor “solução” tanto para judeus como para o estado alemão. Mesmo assim, a sinagoga estava

sempre cheia. Conforme o mundo encolhia – econômica, cultural e socialmente –, a sinagoga atraía mais e mais os membros da comunidade judaica para o último abraço confortável da cidade. Não era raro quinhentas pessoas encherem o salão, cantando juntas e rezando pela paz.

Em março de 1938, os nazistas anexaram a Áustria. A adulação pública que se seguiu cimentou o controle de poder de Hitler e reforçou sua ideologia de “Deutschland über alles” – “Alemanha acima de tudo”. Ele estava formando, assim dizia, um novo império alemão que duraria mil anos. Império alemão? Alemanha acima de tudo? Os judeus de Karlsruhe acreditaram que a guerra era inevitável. Não apenas contra eles, mas contra toda a Europa.

Um mês depois, em 28 de abril de 1938, Max e Suse Ettlinger viajaram 80 quilômetros de trem até o consulado americano em Stuttgart. Há anos eles vinham pedindo permissão para emigrar para a Suíça, Grã-Bretanha, França e os Estados Unidos, mas todos os seus pedidos foram negados. Eles não iam levar documentos agora, apenas responder a umas poucas perguntas, mas o consulado estava repleto de pessoas e em total confusão. O casal foi levado de sala em sala, sem saber para onde estava indo ou por quê. Perguntas eram feitas e formulários preenchidos. Dias depois, chegou uma carta. Seu pedido de emigração para os Estados Unidos estava sendo processado. O dia 28 de abril, ficaram sabendo, era o último dia para os Estados Unidos aceitarem pedidos de imigração; aquela misteriosa papelada, os formulários, era o requerimento deles. Os Ettlingers estavam indo embora.

Mas antes, Harry tinha de celebrar seu bar mitzvah. A cerimônia estava programada para janeiro de 1939, com a família partindo logo em seguida. Harry passou o verão estudando hebraico e inglês enquanto as posses da família desapareciam. Algumas eram enviadas para amigos e parentes, mas a maioria de seus itens pessoais eram encaixotados para a América. Não era permitido aos judeus levar dinheiro para fora do país – o que tornava os 100% de taxas de embarque pagos ao Partido Nazista totalmente sem sentido –, mas eles ainda podiam manter uns poucos pertences, um luxo que lhes seria tirado no final do ano.

Em julho, a cerimônia de bar mitzvah de Harry foi transferida para outubro de 1938. Encorajado pelo sucesso na Áustria, Hitler proclamou que, se a

Sudetenland – uma pequena faixa de território que se tornou parte da Tchecoslováquia depois da Primeira Guerra Mundial – não fosse dada à Alemanha, o país entraria em guerra por ela. O clima era sombrio. A guerra parecia não só inevitável, mas iminente. Na sinagoga, as orações por paz eram mais frequentes e mais desesperadas. Em agosto, os Ettlingers anteciparam a data do bar mitzvah do filho, e sua saída da Alemanha, mais três semanas.

Em setembro, Harry, com 12 anos, e seus dois irmãos percorreram de trem os 28 quilômetros até Bruchsal para visitar seus avós pela última vez. O negócio de têxteis falira e seus avós estavam se mudando para a cidade vizinha de Baden-Baden. Oma (avó) Oppenheimer preparou um almoço simples para os meninos. Opa Oppenheimer lhes mostrou, mais uma última vez, umas poucas peças escolhidas de sua coleção de gravuras. Ele era um estudioso do mundo e um patrono menor das artes. Sua coleção de obras de arte continha quase duas mil gravuras, basicamente ex libris e obras de impressionistas alemães de menor importância do final da década de 1890 e início de 1900. Uma das melhores era a de um artista local com o autorretrato de Rembrandt que estava pendurado no museu de Karlsruhe. A pintura era uma joia da coleção do museu. Opa Oppenheimer a admirara muitas vezes em suas visitas ao museu para palestras e encontros, mas já fazia cinco anos que ele não via o quadro. Harry nunca tinha visto, apesar de morar a quatro quarteirões dele durante sua vida inteira. Em 1933, o museu havia proibido a entrada de judeus.

Deixando de lado as gravuras, Opa Oppenheimer voltou-se para o globo:

– Vocês, meninos, vão virar americanos – ele lhes disse com tristeza. – E seus inimigos serão – girou o globo e colocou o dedo não sobre Berlim, mas sobre Tóquio – os japoneses.^[1]

Uma semana depois, no dia 24 de setembro de 1938, Harry Ettlinger celebrou seu bar mitzvah na magnífica sinagoga de Kronenstrasse, em Karlsruhe. O serviço demorou três horas, durante as quais Harry ergueu-se para ler a Torá e cantar passagens em hebraico antigo como havia séculos se fazia. A sinagoga estava com a lotação esgotada. Era uma cerimônia para comemorar sua passagem para a idade adulta, sua esperança para o futuro, mas para muitos a sorte de uma vida em Karlsruhe parecia perdida. Não havia emprego; a comunidade judaica era desprezada e assediada; Hitler estava desafiando a oposição das potências

ocidentais. Depois da cerimônia, o rabino chamou os pais de Harry e lhes disse para não esperarem mais, para partirem, não no dia seguinte, mas naquela mesma tarde, no trem das 13 horas que ia para a Suíça. Seus pais ficaram pasmos. O rabino estava defendendo que eles viajassem no Shabat, sábado, o dia de descanso. Isso era estranho.

A caminhada dos dez quarteirões até em casa pareceu longa. A refeição comemorativa de sanduíches frios foi feita em silêncio em um apartamento vazio. Os únicos convidados eram Oma e Opa Oppenheimer; a outra avó de Harry, Oma Jennie e a irmã dela, Tante (tia) Rosa; as duas últimas morando com a família desde a época em que a Gebrüder Ettlinger falira. Quando a mãe de Harry contou a Opa Oppenheimer o que o rabino havia aconselhado, o veterano do exército alemão foi até a janela, olhou para a Kaiserstrasse e viu dezenas de soldados uniformizados rondando a área.

– Se a guerra fosse começar hoje – o cauteloso veterano disse –, todos estes soldados não estariam nas ruas e sim em suas barracas. A guerra não vai começar hoje.^[2]

O pai de Harry, também um orgulhoso veterano do exército alemão, concordou. A família partiu não naquela tarde, mas na manhã seguinte no primeiro trem para a Suíça. No dia 9 de outubro de 1938, eles chegaram no porto de Nova York. Exatamente um mês depois, no dia 9 de novembro, os nazistas usaram o assassinato de um diplomata para colocar em plena força sua cruzada contra os judeus alemães. Kristallnacht, a Noite dos Cristais, viu a destruição de mais de 7 mil negócios judeus e duzentas sinagogas. Os homens judeus de Karlsruhe, inclusive Opa Oppenheimer, foram cercados e colocados no campo de concentração na vizinha Dachau. A magnífica e centenária sinagoga de Kronenstrasse, onde apenas semanas antes Heinz Ludwig Chaim Ettlinger havia celebrado seu bar mitzvah, foi totalmente queimada. Harry Ettlinger foi o último menino a fazer sua cerimônia de bar mitzvah na velha sinagoga de Karlsruhe.

Mas esta história não é sobre a sinagoga de Kronenstrasse, o campo de concentração em Dachau, ou mesmo o holocausto contra os judeus. É sobre um ato diferente de negação e agressão perpetrado por Hitler contra povos e nações da Europa: sua guerra contra a cultura deles. Pois quando o soldado Harry

Ettlinger, do exército dos Estados Unidos, finalmente retornou a Karlsruhe, não foi para encontrar seus parentes perdidos ou vestígios de sua comunidade; foi para determinar o destino de outro aspecto de sua herança roubada pelo regime nazista: a amada coleção de arte do avô. No processo, ele descobriria, enterrado a 2 metros de profundidade no solo, algo sobre o qual ele sempre ouvira falar, mas nunca tinha esperado ver: o Rembrandt de Karlsruhe.

O sonho de Hitler

FLORENÇA, ITÁLIA

MAIO DE 1938

No início de maio de 1938, poucos dias depois que os pais de Harry Ettlinger, sem querer, assinaram seus requerimentos de emigração para a América, Adolf Hitler fez uma de suas primeiras viagens para fora da Alemanha e da Áustria. Foi uma viagem de Estado à Itália, para encontrar seu aliado fascista Benito Mussolini.

Roma, tão vasta, tão monumental, tão sugestiva de um império com suas enormes ruínas colunadas, quase certamente o deixou humilhado. O esplendor da cidade – não seu esplendor atual, mas o reflexo da antiga Roma – fez Berlim parecer um mero posto provinciano. Roma era o que ele queria que sua capital alemã fosse. Ele vinha manobrando as conquistas havia anos, planejando subjugar a Europa, mas Roma detonou a ideia de império. Desde 1936, Hitler discutia com seu arquiteto pessoal, Albert Speer, um plano para reconstruir Berlim em grande escala. Depois de Roma, disse a Speer para não construir pensando no presente, mas sim no futuro. Queria criar monumentos que ao longo dos séculos se tornassem ruínas elegantes para que com mil anos de Reich a humanidade ainda olhasse com assombro para os símbolos de seu poder.

Hitler achou Florença, a capital da arte da Itália, igualmente inspiradora. Ali, no aglomerado intimista de prédios que marcaram o berço do Renascimento italiano, estava o coração cultural da Europa. Bandeiras nazistas tremulavam; os cidadãos ovacionavam; mas a produção artística o emocionou. Ele passou mais de três horas na Galleria Degli Uffizi, maravilhado com suas famosas obras de arte. Sua comitiva tentava mantê-lo em movimento. Atrás dele, Mussolini, que nunca havia espontaneamente colocado os pés em um museu de arte na vida,^[1] resmungava exasperado:

– Tutti questi quadri... – “Todos estes quadros...”^[2]

Mas Adolf Hitler não se deixava apressar.

Quando jovem, ele sonhara em ser artista e arquiteto. Esse sonho foi por água abaixo quando sua matrícula na Academia de Belas-Artes de Viena foi recusada por uma comissão de supostos especialistas em arte que ele acreditava serem judeus. Ele vagou em ostracismo durante uma década, quase miserável e virtualmente morando nas ruas. Mas seu verdadeiro destino finalmente se revelou. Ele não estava destinado a criar, mas a refazer. Expurgar e depois reconstruir. Fazer da Alemanha um império, o maior que o mundo já vira. O mais forte; o mais disciplinado; o mais racialmente puro. Berlim seria sua Roma, mas um verdadeiro imperador-artista precisava de uma Florença. E ele sabia onde construí-la.

Menos de dois meses antes, no dia 13 de março de 1938, um domingo, Adolf Hitler depunha uma coroa no túmulo de seus pais em Linz, sua cidade natal adotada na Áustria. Na véspera, 12 de março, dera-se a realização de uma de suas maiores ambições. Ele, que um dia fora rejeitado e ignorado, havia cruzado a fronteira da Alemanha, que agora governava, entrando em sua nativa Áustria, que acabara de anexar ao Reich. Em todas as cidades, as multidões ovacionavam sua caravana e se aglomeravam em torno de seu carro de capota arriada. As mães gritavam de alegria ao vê-lo; as crianças o presenteavam com flores e adulações. Em Linz, Hitler foi saudado como um herói conquistador, um salvador de seu país e de sua raça.

Na manhã seguinte, ele foi obrigado a continuar em Linz. Eram tantos os caminhões e tanques enguiçados no comboio alemão que a estrada para Viena ficou totalmente bloqueada. Ele passou a manhã inteira xingando seus comandantes por arruinarem seu momento, por deixá-lo constrangido diante de seu povo e do mundo. Mas naquela tarde, sozinho no cemitério, com seus soldados e seguidores a uma respeitosa distância, o grande momento baixou sobre ele mais uma vez, como uma águia mergulhando dos céus para agarrar um peixe.

Ele conseguira. Não era apenas um filho enlutado de joelhos diante da cruz de ferro de sua mãe. Ele era o Führer. Ele era, a partir daquele dia, o imperador da Áustria. Não precisava se curvar de vergonha diante da visão das desordenadas margens industriais do rio; ele podia reconstruí-las. Ele podia fazer jorrar

dinheiro e prestígio nessa pequena cidade industrial até ela derrubar a predominância da Viena de tonalidades judaicas (mas, ao mesmo tempo, virulentamente antisemita), uma cidade que ele desprezava.

Talvez naquele dia ele tenha pensado em Aachen. Durante 1100 anos, a cidade, túmulo de Carlos Magno, sacro imperador romano e fundador do I Reich alemão em 800 d.C., tinha permanecido como um monumento à glória daquele homem. Sobre suas antigas fundações, Carlos Magno havia construído uma sede de poder permanente, centrada na magnífica Catedral de Aachen. Adolf Hitler reconstruiria Berlim nos moldes de Roma. Mas reconstruiria Linz, esse lugar atrasado, rural, de fábricas e fumaça, à sua própria imagem. Não era apenas um sonho; ele agora tinha poder para forjar um testemunho permanente de sua própria impetuosa liderança e alma de artista. Dois meses depois, na Galleria Degli Uffizi, em Florença, ele viu nitidamente o que Linz estava destinada a ser: o centro cultural da Europa.

Em abril de 1938, Hitler já estava pensando na possibilidade de um museu de arte em Linz, um local para abrigar sua coleção pessoal que começara a juntar na década de 1920. Sua visita a um dos epicentros da arte ocidental mostrou que suas ideias estavam longe de ser pequenas. Ele não daria a Linz um simples museu. Ele reformaria as margens do Danúbio em um distrito cultural como o de Florença, mas com amplas avenidas, pistas para pedestres e parques, e com todas as perspectivas consideradas e controladas. Ele construiria um teatro para óperas, um salão para concertos sinfônicos, um cinema, uma biblioteca e, é claro, um gigantesco mausoléu para abrigar seu túmulo. E próximo, no centro de tudo, ficaria o Führermuseum, sua catedral de Aachen, o maior, mais imponente, mais espetacular museu de arte do mundo.

O Führermuseum. Essa seria sua herança artística. Ele vingaria sua rejeição pela Academia de Belas-Artes de Viena. Daria forma e propósito a seu expurgo de obras “degeneradas” de judeus e artistas modernos; a seus novos museus, como o Haus der Deutschen Kunst (Casa da Arte Alemã) em Munique, o primeiro projeto público financiado por seu governo; a suas imensas exposições anuais de arte para a edificação do povo alemão; a seu incentivo para coleções de arte entre a elite nazista; a seus dez anos de busca de uma coleção de arte pessoal de classe internacional. Ele passou a vida toda procurando por pureza artística e

perfeição. O Führermuseum, o mais espetacular museu de arte da história, composto pelas riquezas do mundo inteiro, deu àquela busca uma definição racional.

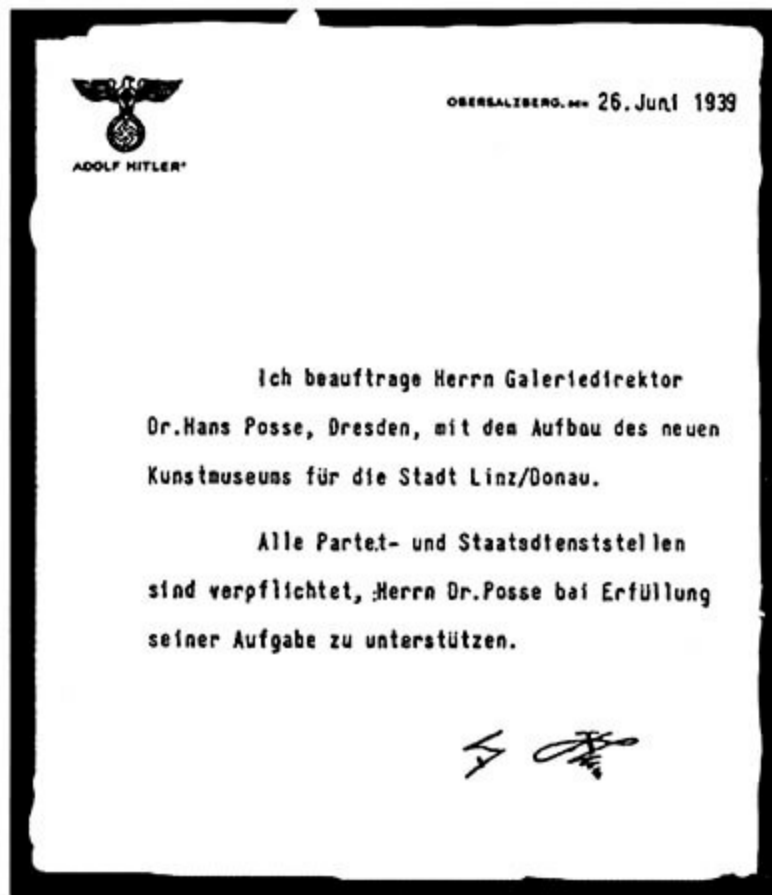
A base para a colheita dessas riquezas já estava lançada. Em 1938, ele já havia expurgado a sociedade cultural alemã. Havia reescrito as leis, privado os judeus alemães de sua cidadania e confiscado suas coleções de arte, seus móveis, todas as suas posses – até a prataria e fotos de família. Mesmo na hora em que ele se ajoelhava diante do túmulo de sua mãe, em seu segundo dia como governante da Áustria, as tropas nazistas da SS sob o comando de Heinrich Himmler estavam usando essas leis para prender o patriarcado judaico de Viena e se apoderar de suas propriedades para o Reich. A SS sabia onde as obras de arte estavam escondidas; tinham uma relação de tudo. Anos antes, estudiosos de arte alemães tinham começado a visitar os países da Europa, preparando secretamente inventários, de modo que, quando Hitler conquistasse cada um dos países – ah, sim, naquela época ele já se preparava para conquistá-los –, seus agentes saberiam o nome e a localização de cada objeto de importância artística e cultural.

Nos anos seguintes, conforme cresciam seu poder e território, esses agentes se espalhariam como tentáculos. Eles entrariam à força em todos os museus, bunkers ocultos, torres trancadas e salas de estar para comprar, trocar, confiscar e coagir. As racialmente motivadas apreensões de propriedades feitas pelo líder nazista Alfred Rosenberg se tornariam uma operação de saque das artes; a insaciável ambição do Reichsmarschall nazista Hermann Göring se transformaria em uma máquina de exploração. Hitler usaria novas leis, suas leis, para recolher as grandes obras de arte da Europa e levá-las para a pátria-mãe. Uma vez ali, ele as empilharia em todos os armazéns disponíveis até o dia em que pudessem ser exibidas no museu mais magnífico do mundo. Até então, elas ficariam relacionadas em enormes catálogos para que, talvez, em um futuro não tão distante, depois de um longo dia governando o mundo, ele pudesse relaxar em casa, com o cão fiel e uma chaleira fumegante de chá ao lado, e escolher na maior coleção de arte jamais reunida, a sua coleção de arte, uma ou outra peça para alegrar seu dia. Nos anos seguintes, Adolf Hitler esboçaria tal visão repetidas vezes. Ele a contemplaria, a reviraria mentalmente, até que com a ajuda dos arquitetos Albert Speer, Hermann Giesler e outros, o Führermuseum e o distrito

cultural de Linz – os símbolos de sua alma artística – se tornariam uma ideia definida; depois uma planta arquitetônica com 6 metros de comprimento; e, finalmente, um modelo em escala tridimensional, grande o suficiente para encher uma sala inteira, mostrando cada prédio, ponte e árvore que iria crescer e prosperar sob sua mão poderosa.

26 de junho de 1939

Carta de Hitler designando o Dr. Hans Posse para supervisionar a construção do Führermuseum, em Linz



“Delego ao Dr. Hans Posse, diretor da Galeria de Dresden, a construção do novo museu de arte para Linz, Donau. Todos os serviços do Partido e do Estado têm ordem de ajudar o Dr. Posse no cumprimento de sua missão.”

Assinado: Adolf Hitler.

O chamado às armas

CIDADE DE NOVA YORK

DEZEMBRO DE 1941

As luzes de Natal faiscavam desafiadoramente na cidade de Nova York em meados de dezembro de 1941. As vitrines da Saks e da Macy's resplandeciam, e a árvore gigantesca no Rockefeller Center olhava o mundo com milhares de olhos atentos e fulgurantes. No Centro de Defesa, soldados enfeitavam árvores de Natal, enquanto a seu redor cidadãos preparavam-se para alimentar 40 mil homens alistados no maior banquete que a cidade já vira. Nas lojas, cartazes como sempre pendurados nas vitrines, um indício certo de que esse era apenas um Natal como tantos outros. No dia 7 de dezembro, os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor, chocando a nação e catapultando-a para a guerra. Enquanto a maioria dos americanos compravam e defumavam carnes e decidiam, pela primeira vez em anos, passar alguns dias com a família – viagens de ônibus e de trem marcaram recordes naquele ano –, observadores olhavam o céu nas duas costas, procurando sinais de bombardeiros inimigos.

Muita coisa havia mudado desde a anexação da Áustria por Hitler em 1938. No final desse ano, a Tchecoslováquia capitulara. No dia 4 de agosto de 1939, a Alemanha e a União Soviética tinham assinado um pacto de não agressão. Uma semana depois, no dia 1º de setembro, os alemães invadiram a Polônia. Em maio de 1940, a blitzkrieg (guerra-relâmpago) nazista voltou-se para o ocidente, dispersou um exército misto de britânicos e franceses, e invadiu a Bélgica e a Holanda. Em junho, os alemães haviam tomado Paris, pegando os franceses chocados em meio à retirada. A Batalha da Bretanha começou em julho, seguida por um bombardeio aéreo de Londres, em setembro, que durou 57 dias e ficou conhecido como a “Blitz”. No final de maio de 1941, as bombas haviam matado dezenas de milhares de cidadãos britânicos e danificado ou destruído mais de um milhão de prédios. No dia 22 de junho, confiante de que a Europa ocidental

havia cedido, Hitler voltou-se para Stalin. No dia 9 de setembro, a Wehrmacht (Forças Armadas) alemã havia invadido a Rússia ocidental até Leningrado (antigamente a capital, São Petersburgo). O Bloqueio de Leningrado, que duraria quase 900 dias, tinha começado.

O resultado, pelo menos para os oficialmente neutros americanos, tinha sido um aumento gradual da tensão, um lento retesar de cabos que ao longo de três anos havia criado um grande reservatório de energia represada. A comunidade dos museus americanos, como tantas outras, estava zunindo de atividade, em grande parte centrada em planos de proteção, desde evacuações à criação de salas subterrâneas, climatizadas. Quando os nazistas tomaram Paris, o diretor do Museu de Arte de Toledo escreveu a David Finley, diretor da ainda não inaugurada Galeria Nacional de Arte de Washington, para incentivar a criação de um plano nacional, dizendo, “Sei que (a possibilidade de invasão) é remota no momento, mas era remota na França”.^[1] Os britânicos levaram quase um ano reformando uma mina enorme em Manod, Gales, para armazenar com segurança obras de arte evacuadas. A comunidade artística americana tinha realmente mais um ano para se preparar?

Agora, depois de Pearl Harbor, o pior ataque em solo americano, a tensão havia se transformado em uma necessidade quase desesperada de agir. Um raide aéreo sobre uma importante cidade americana parecia provável; uma invasão pelo Japão ou Alemanha, ou ambas, não estava descartada. No Museu de Belas-Artes, de Boston, as galerias japonesas estavam fechadas com medo de ataques de multidões iradas. Na Walters Gallery, em Baltimore, itens pequenos de ouro e pedras preciosas foram removidos dos mostruários para não tentarem bombeiros com machados que pudessem vir a entrar no local caso ocorresse uma emergência. Na cidade de Nova York, o Metropolitan Museum of Art estava fechando ao anoitecer com medo de que visitantes esbarrassem nas coisas ou roubassem quadros em um possível blecaute. Todas as noites o Museu de Arte Moderna (MoMA) levava os quadros para uma área protegida por sacos de areia, recolocando-os na parede de manhã. A Frick Collection cobria com panos pretos suas janelas e claraboias para que os bombardeiros inimigos não a pudessem localizar no meio de Manhattan.

Tudo isso pesava nas mentes dos líderes culturais dos Estados Unidos quando

desceram de seus táxis e subiram a escadaria do Metropolitan Museum of Art, na gelada manhã de 20 de dezembro de 1941. Eles haviam sido convocados, via telegrama da Western Union, por Francis Henry Taylor, diretor do Metropolitan e presidente da Association of Art Museum Directors (Associação dos Diretores de Museus de Arte), e David Finley, diretor da National Gallery of Art. Os 44 homens e quatro mulheres que entraram no Met naquela manhã eram principalmente diretores de museus, representando a maioria das principais instituições americanas a leste das Montanhas Rochosas: Frick, Carnegie, Met, MoMA, Whitney, National Gallery, Smithsonian e os grandes museus de Baltimore, Boston, Detroit, Chicago, Saint Louis e Minneapolis. Inclusive os principais nomes na área como Jere Abbot, William Valentiner, Alfred Barr, Charles Sawyer e John Walker.

Entre eles entrou a passos largos Paul Sachs, o diretor associado do Fogg Art Museum de Harvard. O Fogg era uma instituição relativamente pequena, mas Sachs tinha extraordinária influência dentro da comunidade dos museus. Ele era filho de um dos primeiros sócios do banco de investimentos Goldman Sachs (o fundador, Marcus Goldman, era seu avô materno) e era o principal canal de comunicação da comunidade dos museus com os ricos banqueiros judeus de Nova York. Mais importante ainda, Sachs era o primeiro educador da comunidade dos museus. Em 1921, Sachs havia criado em Harvard o curso “Museum Work and Museum Problems” (Trabalho em museus e seus problemas), o primeiro programa acadêmico destinado especificamente a cultivar e treinar homens e mulheres para serem diretores e curadores de museus. Além da especialização em arte, o “Museum Course” ensinava os aspectos financeiros e administrativos da gestão de um museu, com foco na obtenção de donativos. Os estudantes encontravam-se regularmente com colecionadores de arte, banqueiros e a elite social americana, em jantares elegantes onde tinham de se vestir formalmente e observar protocolos sociais da alta cultura. Em 1941, os alunos de Sachs tinham começado a preencher os postos de liderança nos museus americanos, um campo que dominariam nos anos do pós-guerra.

Até onde ia a influência de Paul Sachs? Como não era muito alto, tinha 1,60 metro mais ou menos, ele pendurava os quadros mais em baixo nas paredes. Quando os museus americanos se tornaram importantes depois da guerra,

muitos dos diretores penduravam seus quadros mais baixo do que seus colegas na Europa. Os alunos de Sachs tinham simplesmente aceitado isso como norma, e os outros museus copiaram.

Sachs, atendendo à insistência de George Stout, o esperto chefe do obscuro, mas inovador, Departamento de Conservação e Pesquisa Técnica do Fogg, desenvolveu um forte interesse nas condições da comunidade europeia dos museus. Os dois, junto com outros no Fogg, haviam criado uma pequena apresentação de slides para ressaltar esse problema. Na tarde do primeiro dia, quando as luzes do teto se apagaram e o show de slides de Sachs adquiriu vida na parede diante deles, os diretores dos maiores museus americanos foram submetidos a uma série de lembranças horríveis do tributo pago pelas artes ao avanço nazista. A National Gallery inglesa, em Londres, deserta, com suas grandes obras enterradas em Manod. A Tate Gallery repleta de vidros estilhaçados. A nave da Catedral de Canterbury cheia de terra para absorver o choque de explosões. Slides do Rijksmuseum em Amsterdam, o museu nacional mais famoso dos Países Baixos, mostrava os quadros dos grandes mestres holandeses empilhados como cadeiras dobráveis contra paredes vazias. Talvez sua propriedade mais famosa, o monumental quadro de Rembrandt, A vigília noturna, estivesse enrolado como um tapete e trancado em uma caixa que parecia irritantemente um caixão de defunto. Em Paris, a Grande Galerie do Louvre, lembrando por seu tamanho e majestade uma estação de trem da Era Dourada, continha nada mais do que molduras vazias.

As imagens evocaram outros pensamentos: as obras-primas roubadas da Polônia, que não eram vistas havia anos; a obliteração do centro histórico de Rotterdam, destruído pela Luftwaffe porque o ritmo das negociações de paz com os holandeses tinha sido lento demais para o gosto dos nazistas; os grandes patriarcas de Viena, na prisão até concordarem em entregar aos alemães as obras de arte que possuíam; o David, de Michelangelo, sepultado em tijolos por oficiais italianos preocupados, ainda que ele ficasse dentro de um museu famoso internacionalmente, no coração de Florença. E havia o museu estadual da Rússia, o Hermitage. Os curadores tinham conseguido evacuar 1,2 milhões de seus estimados mais de 2 milhões de obras de arte para a Sibéria antes que a Wehrmacht cortasse as linhas das estradas de ferro que saíam de Leningrado.

Havia rumores de que os curadores estavam morando no porão com as obras-primas remanescentes, comendo um grude à base de proteína e até velas para não morrerem de fome.

A apresentação de Paul Sachs teve o efeito desejado: concentrou as energias da comunidade dos museus. Naquela noite, eles foram unânimes ao concordar que os museus americanos permaneceriam abertos até quando fosse humanamente possível. Derrotismo não era uma opção, mas a complacência também não era. Durante os dois dias seguintes, movidos por uma energia nervosa incomum, os líderes dos museus discutiram questões práticas e estratégicas de funcionamento em tempo de guerra: deviam abrir as portas aos cidadãos para que se protegessem no caso de raids aéreos? As obras mais valiosas deveriam ficar permanentemente armazenadas e serem substituídas por peças de menor valor? Eventos e mostras especiais deveriam continuar, mesmo que atraíssem gente demais para uma evacuação eficiente? Obras deveriam ser enviadas de museus nas costas leste e oeste para museus nos estados do interior, onde havia menos perigo? E as bombas incendiárias? Blecautes? Vidros quebrados?

A resolução final, apresentada no dia seguinte por Paul Sachs, foi um chamado às armas:^[2]

Se, em tempos de paz, nossos museus e galerias de arte são importantes para a comunidade, em tempos de guerra eles são duplamente valiosos. Pois então, quando o mesquinho e o trivial desaparecem e estamos frente a frente com valores finais e duradouros, nós... devemos invocar em nossa defesa todos os nossos recursos intelectuais e espirituais. Devemos guardar com zelo tudo que herdamos de um longo passado, tudo que somos capazes de criar em um presente doloroso, e tudo que estamos determinados a preservar em um futuro previsível.

A arte é a expressão dinâmica e indestrutível desses objetivos. Ela é, e sempre foi, a prova visível da atividade de mentes livres... Por conseguinte fica resolvido:

1. Que os museus americanos estão preparados para fazer de tudo a serviço do

povo deste país durante o presente conflito.

2. Que eles continuarão com as portas abertas a todos que buscarem conforto espiritual.
3. Que eles, com a ajuda financeira contínua de suas comunidades, ampliarão a abrangência e variedade de suas obras.
4. Que eles serão fontes de inspiração, iluminando o passado e vivificando o presente; que eles fortificarão o espírito de que depende nossa vitória.

Apesar das palavras eloquentes, a maioria dos principais museus da costa leste continuou se preparando para a guerra. O Metropolitan, silenciosamente, fechou suas galerias menos importantes, substituindo a equipe de curadores por bombeiros. Na véspera do Ano Novo, na calada da noite, a National Gallery acondicionou 75 de suas melhores obras e secretamente as retirou de Washington. Quando o museu abriu pela primeira vez em 1942, obras menos importantes ocupavam seus lugares. No dia 12 de janeiro, as obras-primas chegaram em Biltmore, a grande propriedade dos Vanderbilt nas montanhas da Carolina do Norte, onde ficaram escondidas até 1944.

Mas toda a energia do encontro de dezembro não foi gasta em evacuações. Percebendo a oportunidade, Paul Sachs e seu esperto conservador George Stout convidaram diretores de museu para uma série de seminários sobre segurança nos museus realizada no Fogg. Dezenas compareceram para aprender com Stout, que estivera durante anos em íntimo contato com os principais conservadores da Europa, sobre as dificuldades que teriam pela frente. Stout falou sobre mofo e fungos, as vantagens das telas de arame, os danos causados pelo calor. Ele explicou porque bombas explodiam janelas, e a melhor forma de encaixotar quadros para evitar perfurações por estilhaços de vidro. Para o encontro em dezembro no Met, havia preparado um folheto sobre como neutralizar os efeitos de raids aéreos. Na primavera de 1942, ele ampliou esse folheto em um artigo em seu jornal de comércio de tiragem mensal, o *Technical Issues*, que foi uma primeira tentativa de abordagem sistemática para preservação de obras de arte em tempos de guerra.

Ao mesmo tempo, Stout insistia em uma resposta concertada, de âmbito industrial. Em abril de 1942, ele esclareceu os problemas da conservação em

tempos de guerra em um folheto enviado a Francis Henry Taylor, o homem por trás do encontro de dezembro de 1941. Os museus americanos, ele sugeria, não estavam preparados para enfrentar uma crise porque “não há um conjunto de conhecimentos coletado; não existem critérios de procedimento aceitos”. Os museus devem “estar dispostos a reunir todas as suas experiências, a compartilhar suas perdas assim como seus ganhos, a expor suas dúvidas assim como suas convicções, e a manter um método regular de trabalho cooperativo... O bem de todos terá de ser definitiva e praticamente considerado como o bem de cada um”.^[3]

A solução de Stout, além do compartilhamento de informações, era o treinamento imediato de uma grande classe nova de conservadores, “operários especiais” que seriam capazes de lidar com a maior, mais perigosa, revolução na história da arte ocidental. Stout sugeria que o treinamento deveria durar cinco anos, mesmo admitindo que o mundo das artes estava em crise. Mais de 2 milhões de obras europeias já estavam sendo transferidas de seus confortáveis museus para armazéns temporários inadequados, muitas vezes por estradas esburacadas e sob o bombardeio inimigo. E essas eram apenas as evacuações oficiais; o número não levava em conta os boatos de saque em massa pelos nazistas. Seriam necessários esforço e inteligência extraordinários para colocar o mundo das artes de pé outra vez. E o que dizer dos inevitáveis, e sem dúvida brutalmente destruidores, ataques aéreos e de solo necessários para conquistar a liberdade da Europa?

No verão de 1942, em um panfleto com o título “Proteção de monumentos: uma proposta para consideração durante guerra e reabilitação”, Stout expôs em termos explícitos os desafios que havia pela frente:^[4]

Quando soldados das Nações Unidas lutarem abrindo caminho em terras um dia conquistadas e controladas pelo inimigo, os governos das Nações Unidas encontrarão muitos problemas... Em áreas arrasadas por bombardeios e incêndios encontram-se monumentos tratados com carinho pelo povo dessas regiões rurais ou cidades: igrejas, santuários, estátuas, quadros e muitos tipos de obras. Alguns podem estar destruídos, outros danificados. Todos correndo o risco de mais danos, saques ou destruição...

Salvaguardar essas coisas não afetará o curso das batalhas, mas afetará as relações de exércitos invasores com esses povos e (seus) governos...

Salvaguardar essas coisas demonstrará respeito pelas crenças e costumes de todos os homens e será um testemunho de que tais coisas pertencem não somente a um determinado povo, mas também à herança da humanidade. Salvaguardar essas coisas é parte da responsabilidade dos governos que compõem as Nações Unidas. Esses monumentos não são apenas coisas bonitas, meros sinais valiosos do poder criativo do homem. Eles são expressões de fé, e representam a luta do homem para se relacionar com seu passado e com seu Deus.

Convictos de que a salvaguarda de monumentos é um elemento na condução correta da guerra e na esperança de paz, nós... desejamos chamar a atenção do governo dos Estados Unidos da América para tais fatos e insistir para que se busquem meios de lidar com eles.

E quem estava mais habilitado para lidar com essa proteção? A unidade altamente treinada de “operários especiais” que Stout já havia proposto, é claro.

17 de setembro de 1940
Ordem do Feldmarschall Keitel alemão em relação à apreensão de propriedade cultural

CÓPIA

O chefe do Supremo Comando das Forças Armadas
Berlim W 35, Tirpitzufer 72-76, 17 de setembro de 1940
Tel: 21 81 91

2 f 28.1.4 W. Z. No. 3812/ 40 g
Para o chefe do Alto Comando do Exército pela
Administração Militar da França Ocupada.

Suplementando a ordem do Führer transmitida na época ao Reichsleiter Rosenberg para inspecionar alojamentos, bibliotecas e arquivos nos territórios ocupados do ocidente em busca de material valioso para a Alemanha, e proteger o mesmo por meio da Gestapo, o Führer decidiu:

O status de propriedade antes da guerra na França, anterior à declaração de guerra no dia 1º de setembro de 1939, deverá ser o critério.

Transferências de propriedade para o Estado francês ou transferências similares realizadas depois desta data são irrelevantes e legalmente inválidas (por exemplo, bibliotecas polonesas e eslovacas em Paris, bens do Palais Rothschild ou outras posses judaicas sem dono). Restrições no tocante a busca, apreensão e transporte para Alemanha com base nas razões acima não serão reconhecidas.

O Reichsleiter Rosenberg e/ou seu representante Reichshauptstellenleiter Ebert receberam pessoalmente claras instruções do Führer sobre o exercício do direito de apreensão; ele está autorizado a transportar para a Alemanha bens culturais que lhe parecerem valiosos e ali salvaguardá-los. O Führer reservou a si mesmo a decisão quanto ao uso desses bens.

Solicita-se que os serviços em questão sejam correspondentemente informados. Assinado: KEITEL Para informações: Atenção: Reichsleiter Rosenberg.

Um mundo monótono e vazio

HARVARD E MARYLAND
INVERNO DE 1942-1943

George Stout não era um típico funcionário de museu. Ao contrário de muitos de seus colegas, produtos da sociedade elitista do leste, Stout era um garoto da classe operária da cidadezinha de Winterset, Iowa (também cidade natal do ator John Wayne). Dali, ele foi direto para o Exército, onde serviu durante a Primeira Guerra Mundial como soldado em uma unidade hospitalar na Europa. De brincadeira, ele resolveu estudar desenho ao voltar da guerra. Depois de formado pela Universidade de Iowa, Stout passou cinco anos em empregos que mal davam para sua subsistência, economizando para a turnê pelos centros culturais da Europa que era o pré-requisito tácito para uma carreira nas artes. Quando chegou em Harvard para iniciar seus estudos de pós-graduação, em 1926 (o ano em que Harry Ettlinger nasceu em Karlsruhe, na Alemanha), Stout tinha 28 anos de idade e sua esposa estava grávida. Seu Carnegie Fellowship lhe pagava como bolsa um salário de 1200 dólares por ano (seu aluguel mensal era de 39 dólares), o que sua jovem família logo descobriu ser o suficiente apenas para ficar “só um pouco acima do nível da inanição”.^[1]

Em 1928, Stout ingressou no pequeno departamento de conservação de artes no Fogg Art Museum como um assistente em nível de pós-graduação não remunerado. Conservação – a técnica para preservar obras mais antigas ou danificadas – era a área menos popular no departamento de história da arte, e Stout era provavelmente seu discípulo mais aplicado e discreto. De fato, em um departamento baseado em arrogâncias, no qual as perspectivas de um aluno quase sempre se baseavam nos relacionamentos pessoais com professores superastros como Paul Sachs, Stout talvez fosse o aluno mais anônimo. Mas era também meticuloso, um traço que se estendia para sua aparência pessoal: cabelos cuidadosamente penteados para trás, ternos de lã penteada e um bigodinho fino

no estilo de um dos grandes astros do cinema da época, Errol Flynn. George Stout era vivo, afável e decididamente inabalável. Mas, sob sua plácida aparência, havia uma mente brilhante, inquieta, capaz de grandes saltos de compreensão e visão de longo alcance. Ele também possuía outra qualidade essencial: uma extraordinária paciência.

Logo depois de ingressar no departamento de conservação, Stout notou um arquivo de cartões da biblioteca da universidade abandonado. As fileiras de minúsculas gavetas lhe deram uma ideia. No departamento de conservação havia um espantoso conjunto de matéria-prima para pintura: pigmentos, pedras, plantas secas, óleos, resinas, gomas, colas e bálsamos. Com ajuda do químico do departamento, John Gettens, Stout colocou amostras em cada uma das gavetas do arquivo de cartões, acrescentou várias substâncias químicas e observou os resultados. E tomou notas. E observou. E esperou. Durante anos. Cinco anos depois, usando apenas pilhas de sucata e um armário com gavetas descartado, Stout e Gettens foram pioneiros no estudo de três ramos da ciência da conservação da arte: rudimentos (compreendendo matérias-primas), degradação (compreendendo as causas da deterioração) e restaurações (interrompendo e em seguida reparando danos).

“Penso que conseguimos fazer alguma coisa, olhando para o início”, Gettens comentou pouco antes de morrer em 1974, “porque ninguém nos conhecia, ninguém se importava com a gente – e não tínhamos dinheiro.”[2]

A descoberta levou Stout – ainda conhecido apenas por um punhado de profissionais em sua área – a uma nova missão. Durante séculos, a conservação tinha sido considerada uma arte, o domínio de restauradores treinados por mestres nas técnicas de pintar novamente. Se ela ia se tornar uma ciência, como sugeriam os experimentos de Stout, então precisava de um conjunto de conhecimentos científicos. Durante toda a década de 1930, Stout correspondeu-se regularmente com grandes conservadores da época, compartilhando informações e lentamente compilando um conjunto de princípios científicos para a avaliação e preservação de quadros e artes visuais.

As coisas começaram a mudar em julho de 1936, quando os fascistas espanhóis, sustentados por poderosos armamentos alemães e treinamento militar, mergulharam seu país em uma guerra civil. Em outubro, bombas

incendiárias caíam perto de El Escorial, o grande museu monastério 50 quilômetros a noroeste de Madri. Duas semanas depois, as janelas do museu nacional da Espanha, o Prado, iam para os ares. Na primavera de 1937, a Alemanha entrou no conflito e soltou pela primeira vez suas tropas de tanques e aeroplanos, a base de sua doutrina da “guerra-relâmpago” em evolução.

O mundo das artes percebeu que as poderosas armas alemãs, e especialmente o uso dos bombardeios aéreos em massa, tinham de repente tornado a maioria das grandes obras-primas artísticas do continente suscetível à destruição. Os europeus e os britânicos começaram rapidamente a desenvolver planos para proteção e evacuação, e George Stout começou pouco a pouco, carta por carta, a reformar seu repertório de conhecimentos para um mundo em guerra. Para a reunião no Metropolitan Museum, em dezembro de 1941, ele criou um folheto sobre técnicas de raids aéreos. Tinha apenas algumas páginas, mas fundamentava-se em décadas de pesquisa. Era típico de George Stout: detalhado, oportuno e discreto. Ele era um homem que nunca se apressava. Que era cuidadoso. Pontual. Preciso. Um especialista e purista primeiro analisa – ele sempre dizia –, depois decide.^[3]

Ele passou quase um ano e meio depois disso treinando curadores e insistindo em um plano nacional de conservação. Mas nada se resolvia e, no outono de 1942, o inabalável George Stout estava desanimado. Ele havia passado toda sua carreira desenvolvendo uma especialização, nem um sub-ramo da história da arte, e de repente os acontecimentos mundiais tinham jogado essa especialização para a linha de frente. Este era o momento para a conservação da arte; não havia um segundo a perder se o patrimônio cultural do mundo ia ser preservado – e ninguém o escutava. Em vez disso, o movimento de conservação em tempos de guerra estava sendo controlado pelos diretores de museus, os “sahibs” do mundo da arte, como Stout os chamava. Stout era um operário, um trabalhador das trincheiras, e sentia aversão pelo mundo administrativo de comitês, conversações e cultivo de clientes típicos do técnico em detalhes práticos.

“Eu me cansei do ponto de vista pessoal, do teatro, que parecia ocupar uma boa parte do tempo da administração dos museus”, ele escreveu a um amigo no Fogg Art Museum em Harvard. “Tentei resistir a isso, mas foi inútil... calculo ter

uns vinte anos mais de tempo útil. É o bastante para trabalhar, mas não o suficiente para ficar brincando e já estou farto de todos esses sorrisos afetados e enfeites para os ricos, e de fazer bonecos de papel com políticas e princípios só para agradar a eles.”^[4]

Stout estava convencido de que apenas sua dedicada força de “operários especiais”, treinada em conservação da arte e atuando nas forças militares, poderia fazer alguma coisa de valor duradouro na guerra iminente. Mas os diretores de museus, em sua opinião, sorriam e se enfeitavam, tentando conquistar o endosso do presidente Roosevelt para uma comissão cultural de alto nível que aconselhasse as Forças Armadas – uma comissão que, sem dúvida, seria formada pelos próprios diretores.

No início de 1943, incapaz de fazer qualquer avanço nos Estados Unidos, Stout e o colega conservador W. G. Constable, do Museu de Belas-Artes, em Boston, foram procurar os ingleses. Em uma carta a Kenneth Clark, diretor da National Gallery, em Londres, os dois expuseram seus planos para uma força de conservação. Clark achou a ideia absurda. “Acho difícil acreditar”, ele escreveu de volta, “que seja possível montar um mecanismo para realizar as sugestões contidas em sua petição, isto é, mesmo supondo que seja possível para um arqueólogo acompanhar cada força invasora, não posso deixar de pensar que seria muito difícil para ele impedir um oficial no comando de bombardear um importante objetivo militar só porque ali existem alguns excelentes monumentos históricos.”^[5]

Stout talvez nunca tenha visto a resposta. Em janeiro de 1943, com a nação em guerra e necessitando de homens, ele desistira do programa de conservação e se inscrevera para o serviço ativo na Marinha, no qual era reservista desde o final da Primeira Guerra Mundial. “Nesses últimos meses”, ele admitiu em uma carta para casa depois de chegar na Patuxent River Naval Air Station, em Maryland, “não me sentia digno. Eu não estava conseguindo fazer o que um homem deveria em tempos como este. O trabalho era restringido por outras pessoas, e era medíocre e secundário. Agora existe uma chance de fazer um trabalho que é necessário, e muito mais do que qualquer homem é capaz de fazer.”^[6]

Embora não pudesse dizer à mulher o que ele estava fazendo por causa da censura militar – ele fazia testes com pintura de camuflagem para os aviões –,

garantiu-lhe que estava feliz. “(O trabalho) É tão importante e de tamanha responsabilidade que estou assustado e encantado. Se podemos fazer o que esperamos fazer, ou uma boa parte disso, não terei dúvidas sobre o que se chama ‘dar uma contribuição’.” [7]

Logo depois, seu amigo Constable escreveu que o coronel James Shoemaker, chefe da Divisão Militar do Governo dos Estados Unidos, havia inesperadamente se interessado pelo trabalho de Stout, requisitando todas as suas informações sobre monumentos e conservação. Constable alertou que “embora todos os sinais apontem para a criação de algum tipo de força de conservação ocupando a mente das Forças Armadas, não tenho a menor ideia se isso se cristalizou, e talvez isso nunca aconteça.”[8]

Stout respondeu que “essa transformação do nebuloso esquema numa forma definida nas mãos do Exército é muito satisfatória... Francis Taylor me telefonou há alguns dias. Ele estava em uma outra viagem para dar início a seu esquema. Mas parecia mal-humorado e cansado, como se o negócio não estivesse indo muito bem. Talvez o esforço modesto, constante, funcione melhor”.[9]

Stout garantiu a Constable, entretanto, que sua posição na Marinha era “nitidamente o que me atrai” e que não tinha interesse em abandoná-la. “Farei o possível para ajudar”, ele escreveu, “mas é difícil imaginar o que isso seria, ou onde achar tempo para isso”.[10]

Mas a decisão de ingressar na Marinha o atormentava – não por causa do programa de conservação (para ele, um assunto morto), mas devido à sua família. Stout estava com 45 anos, casado, e era pai de dois meninos. Ele havia insistido no nível salarial mais alto do posto de tenente, mas sabia que seu modesto soldo militar mal daria para sustentar sua família, mesmo com a vida simples a que estavam acostumados por suas longas labutas em uma especialidade obscura. Era um homem de sua época e, apesar de Margie trabalhar como professora, Stout acreditava que era seu dever sustentar a família. E ele detestava a ideia de deixá-la.

“Este parece um mundo monótono e vazio depois da grande experiência de passar em casa aquelas horas preciosas”, ele escreveu a Margie depois de uma breve licença em julho de 1943. “Fiquei profundamente emocionado com você e (o filho de sete anos) Tom, sua coragem e incompreensível amor por mim. Não

o mereço, mas retribuirei tudo e juro fazer de tudo para merecê-lo. Preciso continuar me convencendo... de que isto está certo e que não deixei vocês para lutar por um capricho romântico.”^[11]

5 de novembro de 1940

Ordem do Reichsmarschall Hermann Göring referente à distribuição dos
tesouros de arte judeus

Ao levar a efeito as medidas tomadas até hoje para a salvaguarda de propriedades artísticas dos judeus pelo chefe da Administração Militar em Paris e o Einsatzstab Rosenberg (Chefe OKW, 2 f 28.14. W. Z. Nr 3812/ 40 g), as categorias de objetos de arte transferidas para o Louvre serão estabelecidas da seguinte maneira:

1. Aqueles objetos de arte cuja disposição ulterior o Führer reservou para si o direito de decidir;
2. Aqueles objetos de arte que servirão para completar a coleção do Reichsmarschall;
3. Aqueles objetos de arte e material de biblioteca que parecem úteis para construção da Hohe Schule e para a tarefa do Reichsleiter Rosenberg;
4. Aqueles objetos de arte adequados para serem entregues aos museus alemães; serão imediatamente inventariados, empacotados e transportados para a Alemanha pelo Einsatzstab com todo o devido cuidado e com a assistência da Luftwaffe.
5. Aqueles objetos de arte adequados para serem transferidos para os museus franceses e para o comércio de arte francês e alemão serão vendidos em leilões com data ainda a ser fixada; e os lucros serão destinados ao Estado francês em benefício dos dependentes franceses dos mortos de guerra.
6. Outras apreensões de propriedades artísticas dos judeus na França serão efetuadas da maneira até agora

eficiente pelo Einsatzstab Rosenberg, em cooperação com o chefe da Administração Militar em Paris.

Paris, 5 de novembro de 1940

Apresentarei esta sugestão ao Führer, de cuja aprovação depende a permanência efetiva deste procedimento.

Assinado: GÖRING

Leptis Magna

NORTE DA ÁFRICA

JANEIRO DE 1943

Enquanto os americanos se preocupavam e planejavam, os britânicos estavam ativamente envolvidos em operações de combate contra as potências do Eixo. Na Europa, a máquina de guerra dos Aliados consistia principalmente de sabotadores clandestinos e dos bravos pilotos combatendo a Luftwaffe alemã sobre o Canal da Mancha; na URSS, o Exército Vermelho defendia-se nas trincheiras contra uma agressiva ofensiva nazista; mas do outro lado do Mediterrâneo a batalha oscilava para frente e para trás no grande deserto do norte da África. Os britânicos dominavam o Egito; uma força combinada ítalo-alemã ocupava a Líbia e a Argélia até o oeste. Durante dois anos, começando com um ataque italiano ao Egito em 1940, a batalha avançava e recuava pelo deserto. Só em outubro de 1942, e com a derrota decisiva das forças germânicas e italianas na segunda Batalha de El Alamein, os britânicos finalmente abriram caminho e começaram a avançar em direção a Trípoli, a capital líbia.

Em janeiro de 1943, eles haviam chegado a Leptis Magna, uma ruína romana esparramada apenas 103 quilômetros a leste de Trípoli. Foi ali que o tenente-coronel Sir Robert Eric Mortimer Wheeler, real artilharia, Exército britânico norte-africano, contemplou a majestade da cidade imperial do imperador Lucius Septimus Severus: o imponente portão da basílica, as centenas de colunas que marcavam o antigo mercado, o enorme anfiteatro em plano inclinado, com as águas azuis do Mediterrâneo cintilando ao fundo. No auge de seu poder na virada do século 3 d.C. – quando o imperador Severus havia feito chover dinheiro sobre sua cidade natal em uma tentativa de torná-la a capital econômica e cultural da África –, Leptis Magna fora um porto, mas nos últimos 1700 anos o porto fora assoreado e virara um terreno de barro endurecido, um mundo monótono e vazio.

Aqui, Mortimer pensou, está o poder. É uma lembrança de nossa mortalidade.

A cidade estava em ruínas, desgastada e deslizando de volta para o Saara que a vinha invadindo nos últimos 2 mil anos. As colunas e blocos em sua maioria eram sem graça, já espelhando a cor da areia avermelhada, mas em meio às ruínas ele podia avistar uns poucos acréscimos brancos fulgurantes, algumas das muitas “melhorias” feitas pelos italianos nos últimos dez anos. “Um novo império está surgindo das ruínas do velho”, Mussolini dizia repetidas vezes aos italianos. “Estamos construindo outro império romano.” Wheeler bebeu um gole do seu cantil e passou os olhos pelo céu enorme em busca de sinais de aviões inimigos. Nada, nem mesmo uma nuvem. Pela segunda vez, os italianos haviam abandonado essa pedra fundamental de seu “império” sem nem mesmo resistir.

A primeira vez foi em 1940, quando 36 mil tropas britânicas e australianas revidaram um avanço sobre o Egito feito pelos 200 mil homens do décimo Exército italiano.

Os britânicos perderam as ruínas em 1941 quando os italianos, reforçados pelas excelentes tropas alemãs, e sob o comando do general alemão Erwin Rommel, os empurraram de volta para o Egito. Logo depois, os italianos publicaram o sensacional artigo de propaganda cultural “Che cosa hanno fatto gli Inglesi in Cirenaica” – “O que os ingleses Fizeram em Cíneraica”. O folheto exibia artefatos saqueados, estátuas despedaçadas, e paredes desfiguradas no Museu de Cirene, obra – afirmavam os italianos – de soldados ingleses e australianos. Só com a recente recaptura de Cirene, 650 quilômetros a leste de Leptis Magna, os ingleses souberam que as declarações dos italianos eram falsas. As estátuas estavam quebradas havia séculos; os pedestais estavam vazios porque os italianos haviam removido as estátuas; os grafitos não estavam nas paredes das galerias dos museus, mas em uma sala dos fundos cheia de grafitos semelhantes riscados pelas tropas italianas.

Mas que fama o episódio deu ao Ministério da Guerra: durante quase dois anos, os ingleses tiveram que se defender contra acusações que não tinham como confirmar ou negar. Eles não tinham arqueólogos no norte da África, e ninguém examinara o local enquanto estava nas mãos dos ingleses. De fato, ninguém no Exército tinha levado em consideração o valor histórico e cultural, e portanto o

valor de propaganda, de Cirene.

Agora Wheeler estava no centro de Leptis Magna, assistindo atônito aos ingleses repetirem esse erro. À sua esquerda, caminhões de equipamentos triturando as antigas pedras do pavimento romano. À sua direita, tropas escalavam paredes derrubadas. Um guarda árabe, Wheeler notou, não pôde fazer mais do que acenar com os braços quando um tanque passou por ele e entrou no templo. O artilheiro apareceu lá de dentro e começou a acenar. Seu companheiro tirou uma foto. Um dia perfeito no norte da África, mãe, gostaria que você estivesse aqui, pensou. Os ingleses não teriam aprendido nada com a derrocada de Cirenaica? Nesse ritmo, eles realmente dariam aos italianos algo de que se queixar.

– Não podemos fazer nada, senhor? – Wheeler perguntou ao oficial do Civil Affairs (CAO).

O Civil Affairs estava encarregado de administrar uma área capturada assim que a luta a terminasse. Ele mantinha a paz, por assim dizer, mesmo que essa paz estivesse apenas a uns 3 ou 6 quilômetros da linha de frente.

O oficial deu de ombros:

– São apenas soldados sendo soldados – ele disse.

– Mas esta é Leptis Magna – Wheeler protestou. – A grande cidade do imperador romano Lucius Septimus Severus. A ruína romana mais completa de toda a África.

O homem simplesmente olhou para ele.

– Nunca ouvi falar – disse.

Wheeler não entendia. Todos os oficiais tinham ouvido falar de Cirenaica. Mas um CAO do Exército norte-africano inglês nunca fora informado sobre Leptis Magna, mesmo que o Exército fosse certamente combater ali. Por quê? Porque ainda não tinham sido acusados de profaná-la? A guerra inteira seria um exercício de compreensão de erros somente depois de cometidos?

– São importantes? – o oficial perguntou.

– O quê?

– Os prédios quebrados?

– São ruínas clássicas, senhor. E, sim, eles são importantes.

– Por quê?

– Porque são insubstituíveis. Eles são história. Eles... É nosso dever como soldados protegê-los, senhor. Se não o fizermos, o inimigo usará isso contra nós.

– O senhor é um historiador, tenente?

– Sou um arqueólogo. Diretor do Museu de Londres.^[1]

O oficial do Civil Affairs concordou:

– Então, faça alguma coisa a respeito, diretor.

Quando Wheeler percebeu que o CAO estava falando sério, entrou em ação. Por sorte, descobriu logo que um colega arqueólogo do Museu de Londres, o tenente-coronel John Bryan Ward-Perkins, estava servindo como capitão de artilharia em uma unidade perto de Leptis Magna. Com o apoio do CAO, os dois homens redirecionaram o trânsito, fotografaram os danos, postaram guardas e organizaram esforços de restauro na cidade arruinada. No mínimo, eles pensaram, isso vai manter as tropas ocupadas.

Em Londres, seus relatórios foram recebidos com um olhar intrigado. Leptis Magna? Preservação?

– Manda para Woolley? – alguém disse finalmente. – Ele saberá o que fazer.

Woolley era Sir Charles Leonard Woolley, um arqueólogo de fama mundial que nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial tinha sido íntimo companheiro de Sir Thomas Edward Lawrence, mais conhecido como Lawrence da Arábia. Agora, com seus 60 anos, ele servia na British War Office em uma outra função totalmente diferente. Woolley se preocupava com os tesouros antigos do mundo e, na primavera de 1943, os três homens acharam um tempo em meio a suas atividades regulares para prepararem planos de preservação para todos os três sítios antigos da Líbia.

Foram Wheeler e Ward-Perkins que insistiram que, além de serem protegidos, “os sítios antigos e os museus (da África do Norte grega e romana) deveriam ser acessíveis às tropas e o interesse por antiguidades despertado nelas”.

^[2] Um Exército informado, em outras palavras, é um Exército respeitoso e disciplinado. E é bem menos provável que um Exército respeitoso e disciplinado cause danos culturais. Sem perceber, os ingleses aproximavam-se pouco a pouco da meta que George Stout promovia com tamanha veemência nos Estados Unidos: o primeiro programa mundial de proteção de monumentos na linha de frente.

A primeira campanha

SICÍLIA

VERÃO DE 1943

Em janeiro de 1943, quando Wheeler e Ward-Perkins formalizaram seus planos para Leptis Magna e George Stout apresentava-se para o serviço naval em Maryland (Estados Unidos), o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, encontravam-se para uma reunião de cúpula secreta em Casablanca, Marrocos. (O premier soviético Joseph Stalin foi convidado, mas não pôde comparecer.) O norte da África estava nas mãos dos Aliados, os italianos tinham sido postos para correr pelas forças da Inglaterra e da França Livre na Argélia, mas a Fortaleza Europa continuava inviolável. Roosevelt, aconselhado por seus comandantes militares, em particular o general C. Marshall, queria atacar imediatamente cruzando o Canal da Mancha; Churchill e seus conselheiros militares, com o apoio do general Dwight D. “Ike” Eisenhower, argumentavam que os Aliados não estavam prontos. Depois de dez dias de reuniões, as duas potências concordaram com uma invasão da Europa, mas não pelo Canal da Mancha. Eles entrariam pela porta dos fundos, a ilha da Sicília, no bico da bota do território italiano.

A campanha siciliana seria uma operação conjunta, sem precedentes na história, com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha dividindo o comando em tudo, desde missões de combate aéreo a serviços de lavanderia na base de preparações em Argel. Desnecessário dizer, não seria fácil integrar dois Exércitos independentes. Quase de imediato, as tropas no norte da África notaram que os poderes de casa haviam embaralhado algumas atribuições: a comida era britânica e os banheiros franceses, quando deveria ter sido o contrário. Era um prenúncio do que viria pela frente.

Entre as milhares de responsabilidades que se tornaram “aliadas” entre as duas potências naquela primavera, estava o nascente programa de conservação

iniciado por Wheeler e Ward-Perkins nas ruínas de Leptis Magna. No final de abril de 1943, ficou decidido que dois oficiais, um americano e outro britânico, deveriam ser enviados à Sicília para inspecionar todos os monumentos nos territórios ocupados “assim que possível após a ocupação”.^[1] Paul Sachs e os diretores de museus tiveram sua primeira chance na política quando as Forças Armadas dos Estados Unidos lhes pediram para recomendar alguém para ser o conselheiro americano em Belas-Artes e Monumentos. Eles sugeriram um deles mesmo, Francis Henry Taylor, o diretor do Met e criador de “grandes intrigas” tão ridicularizado por George Stout, mas ele foi recusado para o serviço militar porque era... bem, gordo demais. Pressionado pelo tempo, e precisando de alguém já alistado no serviço militar, os diretores escolheram o capitão Mason Hammond, um professor de literatura clássica em Harvard que estava trabalhando no Serviço Secreto das Forças Aéreas do Exército.

Infelizmente, ninguém contou a Hammond, que chegou em Argel para sua misteriosa tarefa sabendo apenas que ia trabalhar com problemas de conservação. Os primeiros dias foram repletos de mais choques do que apenas a comida horrível e os banheiros nojentos.

Ele chegou em junho. Disseram-lhe que a invasão estava programada para início de julho.

Invasão? Ele achava que ia servir no norte da África. Não – lhe disseram – ele ia para a Sicília.

Então era melhor ir à biblioteca em Argel e dar uma refrescada em seus conhecimentos. A Sicília não era sua especialidade. Sinto muito – lhe disseram – nada de pesquisas públicas. Ele poderia dar dicas aos espões alemães sobre o próximo destino do Exército.

Então ele estudaria a pesquisa do Exército sobre a Sicília. Não havia nenhuma disponível, pela mesma razão.

Então, como ele poderia estudar as listas e descrições dos monumentos que teria de proteger? Infelizmente, as listas ainda estavam sendo preparadas por Paul Sachs e seus colegas em Nova York. Talvez levassem semanas para ficar prontas. E mesmo que chegassem antes da invasão, elas estariam proibidas, também. Mesma razão: espões alemães. As listas seriam embarcadas para a Sicília e entregues a comandantes depois do desembarque.

Então ele precisava falar com seus colegas oficiais especializados em arte imediatamente.

Oficiais especializados em arte? Havia apenas um. E era britânico. E... não estava ali. Lord Woolley, que estava dirigindo o lado britânico, queria Wheeler ou Ward-Perkins, mas ambos tinham sido transferidos desde Leptis Magna. Quando descobriu que eles não estavam disponíveis, começou a se mostrar relutante em designar seu oficial.

Relutante?

Não havia outro oficial. Pelo menos, ainda não.

Então, e o pessoal para mobilização?

Nada de pessoal.

Transporte?

Nenhum determinado.

Máquinas de escrever? Rádios? Lanternas? Mapas? Papel de rascunho? Lápis?

Nenhum suprimento, também.

E ordens?

Não havia nenhuma. Ele estava livre para ir aonde quisesse.

Hammond, diante da realidade da situação, percebeu que em essência não havia nenhuma missão. A liberdade, pelo visto, era outra palavra para nada de importante a ser feito. O que não incomodou Hammond. “Duvido que haja necessidade de uma grande equipe de especialistas para esse trabalho”, ele escreveu do norte da África a um amigo, “visto que na melhor das hipóteses é um luxo e os militares não olharão com boa vontade para um bando de especialistas em arte correndo de um lado para o outro, tentando lhes dizer o que não devem atingir.”^[2] Até os primeiros “Monuments Man”, como os especialistas em conservação ficaram conhecidos, no início pensaram que o modo como o Exército estava agindo em relação à missão era uma tolice e perda de tempo.

Os Aliados desembarcaram na Sicília na noite de 9 para 10 de julho de 1943. Hammond, inferior na lista de prioridades para transporte e considerado parte da força de ocupação, só chegou no dia 29 de julho, muito depois que as tropas tinham deixado a cabeça de praia. Em Siracusa, seu primeiro quartel-general, fazia calor, mas soprava uma brisa agradável. Funcionários da cultura local o

receberam com entusiasmo – tinha sido tratado muito mal pelos italianos e alemães no continente, e estava feliz em se ver livre deles – e o levaram em uma excursão turística pelos monumentos locais. Apesar de estarem no caminho do Exército, tinham sofrido poucos danos. A costa ao sul, seu próximo destino, estava tranquila, nada além de montanhas descendo suavemente até o mar. Ao examinar as grandes ruínas romanas em Agrigento, dias depois, listradas de sombras no inclemente sol siciliano, ele viu muitos estragos, mas nenhum que tivesse sido feito nos últimos mil anos. Parece que ele adivinhara o que ia acontecer: além de se consultar com uns poucos especialistas sicilianos, não havia muita coisa para um Monuments Man fazer.

Os muros da realidade vieram abaixo em Palermo, a capital siciliana. Os Aliados haviam bombardeado a cidade sem parar como parte de uma campanha aérea diversiva, destruindo o distrito do antigo porto, inúmeras igrejas e catedrais, a biblioteca estadual, arquivos estaduais e os jardins botânicos. Todos os oficiais na área, pelo que parecia, estavam exigindo ação por parte do Governo Militar Aliado (AMG), e todos eram direcionados para o pobre capitão sentado em uma cadeira dobrável em um canto miserável de um escritório compartilhado. Os sicilianos estavam dispostos a ajudar, mas precisavam de explicações, avaliações, financiamentos para reparos, equipamentos, suprimentos e artesãos hábeis para trabalhos de emergência nos prédios que corriam risco de desmoronar. O arcebispo queria atenção especial para suas igrejas... e para seu palácio particular. O general Patton, cujas tropas do Sétimo Exército dos Estados Unidos haviam ocupado a cidade, queria dinheiro para redecorar seu quartel, o antigo palácio do rei da Sicília.

Hammond não tinha tempo para ouvir todas as perguntas, muito menos para respondê-las. Durante mais de um mês, não conseguiu sair do escritório para inspecionar nenhum sítio. Usando sua máquina de escrever pessoal que havia trazido de casa, ele enviava relatórios para o Departamento de Guerra, e longas cartas para casa, implorando por informações e reforços. Nada chegou até setembro, quando finalmente chegou o oficial britânico do Monuments, o capitão F. H. J. Maxse. Mas já era tarde demais. Quando os Aliados saltaram da ponta do pé da Sicília para a Itália continental no dia 3 de setembro de 1943, Hammond ainda estava frustrado, confuso e irremediavelmente atolado em

dificuldades, centenas de quilômetros distante, em Palermo. Até a pequena Sicília, em sua maior parte uma região rural, tinha sido demais para o esforço inicial da MFAA.

No dia 10 de setembro de 1943, uma semana depois de os Aliados desembarcarem na Itália continental, um exultante Paul Sachs escreveu a George Stout: “Eu já deveria ter lhe escrito faz tempo para lhe dizer que o ‘fruto da sua imaginação’ finalmente tomou forma de um jeito meio oficial e, como você sabe, o presidente nomeou uma comissão americana para a Proteção e Salvamento de Monumentos Artísticos e Históricos na Europa com o Senhor (Suprema Corte) Justice Roberts como presidente, e fui solicitado a ser um dos membros dessa comissão e aceitei... Parece-me... que devo notificá-lo de imediato porque não apenas esta comissão é resultado de sua grande imaginação e claras declarações na época do encontro no Metropolitan logo depois de Pearl Harbor, mas num sentido muito real você me parece o verdadeiro pai de todo o espetáculo... é minha opinião deliberada que a nomeação desta comissão se deve a sua iniciativa, imaginação e energia.”^[3]

Stout deve ter lido o anúncio sem entender muito bem. Certo, ele era o pai, mas do que exatamente? Não da força de especialistas na linha de frente que tinha imaginado, mas de outra geradora de burocracias? Paul Sachs e os diretores de museus tinham, depois de mais de dois anos de esforços, imposto a visão deles, não a sua.

No dia 13 de setembro, quando o V Exército dos Estados Unidos lutava desesperadamente para manter sua cabeça de praia italiana em Salerno, Stout enviou a Sachs uma resposta. “Congratulo o governo dos Estados Unidos e o presidente da comissão americana por convencê-lo a servir”, ele disse a Sachs em seu estilo usualmente autodepreciativo, mordaz e ligeiramente humorístico. “Você é gentil em me dar tanto crédito por conseguir a realização desta obra, mas você o engrandece demais. Para imaginar o que deve ser feito basta um conjunto de cérebros bem abaixo da média. O que importa é fazer.”^[4]

20 de março de 1941

Relatório ao Führer por Alfred Rosenberg, chefe da principal organização de pilhagem nazista, conhecida como a ERR

Relato oficialmente a chegada do principal carregamento de “propriedades culturais” judaicas sem dono (Kulturgut) no local de salvamento Neuschwanstein por trem especial no sábado, dia 15 deste mês. Ele foi protegido por minha equipe para Propósitos Especiais (Einsatztab) em Paris. O trem especial, contratado pelo Reichsmarschall Hermann Göring, compreendia 25 carros expressos de bagagem repletos com os mais valiosos quadros, móveis, gobelins, artesanato de valor artístico e ornamentos. O embarque consistiu principalmente das peças mais importantes das coleções Rothschild, Seligmann, Bernheim-Jeune, Halphen, Kann, Weil-Picard, Wildenstein, David-Weill, Levy-Benzion.

Minha Equipe para Propósitos Especiais iniciou a ação de confisco em Paris durante o mês de outubro de 1940 com base em sua ordem, meu Führer. Com a ajuda do Serviço de Segurança (SD) e da Polícia de Campo Secreto (Geheime Feldpolizei) todos os locais de armazenamento e ocultação de bens artísticos pertencentes aos emigrantes e judeus fugitivos foram sistematicamente conferidos. Estas posses foram então recolhidas nos locais providenciados pelo Louvre em Paris. Os historiadores da arte de minha equipe relacionaram cientificamente todo o material de arte e fotografaram todas as obras de valor. Por conseguinte, ao término, serei capaz de submeter a sua apreciação um catálogo conclusivo de todas as obras confiscadas com informações exatas sobre origem mais avaliação e descrição

científicas. Neste momento, o inventário inclui mais de 4000 peças individuais de arte, em parte do maior valor artístico. Além deste trem especial, as obras-primas selecionadas pelo Reichsmarschall – principalmente da coleção Rothschild – foram enviadas em dois carros especiais para Munique já faz algum tempo. Elas foram ali depositadas nos abrigos contra ataques aéreos do prédio do Führer...

Além do principal carregamento, encontra-se protegida em Paris uma grande quantidade de outros bens artísticos judaicos abandonados. Estes estão sendo processados no mesmo sentido e preparados para serem embarcados para a Alemanha. Descrições exatas sobre a extensão deste embarque restante não estão disponíveis no momento. Entretanto, estima-se que os trabalhos nas áreas ocidentais estejam encerrados daqui a dois ou três meses. Em seguida, um segundo transporte poderá ser trazido para a Alemanha.

Berlim, 20 de março de 1941 A. Rosenberg

Monte Cassino

SUL DA ITÁLIA

INVERNO 1943-1944

O V Exército dos Estados Unidos desembarcou no continente italiano, perto de Salerno, no dia 9 de setembro de 1943. Era para ser um desembarque de surpresa, sem nenhum apoio naval ou aéreo, mas quando os navios-transporte se aproximaram da praia os alemães gritaram em um alto-falante em inglês, “Entrem e se entreguem. Nós lhes daremos cobertura”. Mas os americanos entraram atirando, e a batalha foi uma das mais sangrentas da guerra. A campanha, desde então, não tinha sido muito fácil. A batalha pelos principais campos de aviação em Foggia foi tão intensa, por exemplo, que depois a dizimada 82ª Divisão Aérea teve de se fundir com a X Força Britânica.

Não obstante, o V Exército capturou seu objetivo básico, o porto ao sul da cidade de Nápoles, no dia 1º de outubro. Eles avançaram imediatamente, tomando as terras altas ao sul do Rio Volturno no dia 6 de outubro. Diante deles estendiam-se centenas de quilômetros de terreno montanhoso, irregular, esburacado com fortificações e riscado com quatro importantes linhas de defesa. A rendição italiana, oferecida em 3 de setembro, o dia do primeiro desembarque aliado no continente, foi anunciada em 8 de setembro, mas Hitler não foi apanhado desprevenido. Ele havia previsto a falta de determinação da Itália e estacionado tropas alemãs por todo o país. Quando os soldados italianos depuseram suas armas, tropas alemãs obstinadas haviam chegado em grande número para substituí-los. Eram bem treinadas, testadas nos campos de batalha, determinadas... e estavam por toda a parte. O tempo piorou. A chuva alagando tudo transformava as estradas de terra em lodaçais, depois o frio gélido transformava esses lodaçais em gelo. Os rios transbordavam; os bivaques das tropas inundavam. O traiçoeiro terreno montanhoso ao norte do Volturno permitia aos alemães combater e recuar com mortal eficiência. Observadores

alemães nos picos das montanhas convidavam o fogo de artilharia quase contínuo. Os comandantes aliados tinham esperado estar em Roma antes do início do inverno. Quando a neve começou a cair, não estavam nem na metade do caminho.

No dia 1º de dezembro, o V Exército entrou no Vale Liri. Unidades atacando de flanco combatiam os alemães nos picos nevados, enquanto o corpo principal das tropas avançava através do vale sob uma forte chuva, na maioria das vezes protegidos pela escuridão, sempre sob fogo. Quarenta e cinco dias depois, eles finalmente alcançaram a outra extremidade do que já era chamado de Vale do Coração Púrpura, por causa do vasto número de soldados feridos ou mortos em ação ali. Diante deles estava a cidade de Cassino, a âncora da Linha Gustav, a principal trincheira defensiva dos alemães ao sul de Roma. A crista da montanha sobre a cidade oferecia uma imponente visão do vale, permitindo aos alemães revidar um ataque dos Aliados no dia 17 de janeiro de 1944. Durante semanas, a chuva golpeou os homens amontoados, e a temperatura os congelava em suas botas. Outro ataque aliado foi revidado, com numerosas baixas, e as bombas continuavam caindo tão constantes quanto a chuva.

A montanha era ruim, porém muito pior para os soldados exaustos era o que estava lá em cima: a formidável, altaneira, milenar abadia de Monte Cassino. O mosteiro fora fundado por São Benedito por volta de 529 d.C., durante os últimos dias do Império Romano, em parte devido a sua excelente posição defensiva, que oferecia proteção contra um mundo pagão. Foi em Monte Cassino que o santo escreveu as Regras Beneditinas, estabelecendo a tradição de monasticismo no mundo ocidental. Foi ali que ele morreu e foi enterrado. A abadia era solo sagrado, um centro intelectual e “símbolo da preservação e cultivo das coisas da mente e do espírito em épocas de grandes tensões”.^[1] Agora a grandiosa e imponente abadia parecia olhar com ar feroz para as exaustas e ensanguentadas tropas aliadas, um símbolo do poder nazista.

Os comandantes das forças aliadas ocidentais não queriam destruir a abadia. Semanas antes, em um de seus últimos atos antes de deixar a Itália, o general Dwight D. Eisenhower havia emitido uma ordem executiva declarando que sítios artísticos e históricos importantes não deveriam ser bombardeados. Monte Cassino, uma das maiores realizações da antiga cultura italiana e cristã, era

nitidamente um local protegido. A ordem de Eisenhower continha exceções. “Se tivermos de escolher entre destruir um prédio famoso e sacrificar nossos próprios homens”, ele escreveu, “então as vidas de nossos homens contam infinitamente mais e os prédios devem desaparecer”. [2] Mas ele havia traçado também um limite entre necessidade militar e conveniência militar, e nenhum comandante queria ser o primeiro a testar esse limite.

Portanto, durante um mês, os comandantes aliados vacilaram, e durante um mês os soldados aliados acoraram-se no vale da morte. Fazia um frio brutal. A chuva parecia não ter fim. Durante muitos dias as nuvens eram tão espessas que as tropas não podiam ver o mosteiro, e o mundo nada mais era do que os troncos enegrecidos das árvores bombardeadas. Então as nuvens subiam, e a abadia olhava para eles. Dia após dia, as tropas arrastavam-se pela lama grudenta, congelada, molhadas até os ossos e perseguidas por projéteis alemães. A imprensa se alimentava da miséria, noticiando não apenas as esquálidas condições, mas a crescente lista de mortos e feridos. Quanto mais a imprensa e os soldados olhavam para a montanha, mas viam a abadia não como um tesouro mundial, mas como uma astuciosa armadilha mortal, cercada de armas de fogo alemãs. O nome Monte Cassino ecoava no mundo inteiro: a montanha da morte, o vale das lágrimas, e um prédio afastando as forças aliadas do ocidente de Roma.

Os cidadãos em casa, estarecidos com o sofrimento de seus rapazes, queriam a destruição de Cassino. Os comandantes britânicos queriam Cassino destruído. Os soldados queriam Cassino destruído. Mas alguns comandantes americanos e franceses se opunham, não acreditando que os alemães estivessem lá dentro. O brigadeiro Butler, subcomandante da 34ª Divisão dos Estados Unidos, observou: “Não sei, mas não acredito que o inimigo esteja no convento (sic). Toda a fuzilaria tem vindo das encostas da montanha sob a muralha.”[3] Finalmente os britânicos, e especialmente as forças indianas, australianas e neozelandesas designadas para a primeira onda de ataques aos alemães entrincheirados, venceram. O major general Howard Kippenberger, líder das forças neozelandesas em Monte Cassino, resumiu assim a necessidade de bombardeio: “Se não está ocupada hoje, (a abadia) talvez esteja amanhã e não pareceu que seria difícil para o inimigo introduzir ali reservas durante um ataque ou que as tropas se abrigassem ali se forçadas por posições externas. Era impossível pedir às tropas

que tomassem de assalto uma montanha encimada por um prédio intacto como este.”[4]

No dia 15 de fevereiro de 1944, em meio a ovação dos soldados aliados e correspondentes de guerra, um bombardeio aéreo em massa destruiu a magnífica abadia em Monte Cassino. O general Eaker das Forças Aéreas Militares dos Estados Unidos saudou isso como um grande triunfo, um exemplo do que os alemães poderiam esperar para o resto da guerra.

O resto do mundo não aplaudiu. Em vez disso, os alemães e os italianos viraram o feitiço contra o feiticeiro, sugerindo que se isso era o que o mundo poderia esperar dos Aliados, então eram eles os bárbaros e traidores. O cardeal Maglione, falando pelo Vaticano, chamou a destruição da abadia de “uma colossal mancada” e uma “estupidez enorme”. [5]

Dois dias mais tarde, depois de vários pequenos ataques, os Aliados ocidentais lançaram um ataque em massa à montanha. Mais uma vez, as tropas foram revidadas por pesada artilharia. Como o brigadeiro Butler suspeitara, os alemães não estavam na abadia – na verdade, eles haviam respeitado sua importância cultural – e o bombardeio não enfraqueceu sua posição. Na verdade, as bombas a haviam reforçado, permitindo que lançassem paraquedistas em suas ruínas e os incorporassem as suas defesas. Seriam necessários mais três meses e um número estimado em 54 mil de seus próprios homens mortos e feridos, para os Aliados capturarem Monte Cassino.

No dia 27 de maio de 1944, uma semana depois de sua captura e mais de três meses após sua destruição, o primeiro Monuments Man a visitar a cidade de Cassino, o major Ernest DeWald, chegou para uma inspeção das ruínas de Monte Cassino. Encontrou as fundações e as câmaras subterrâneas do complexo intactas, mas quase tudo acima do solo estava destruído. A igreja do século XVII não existia mais; a biblioteca, galerias de arte e o mosteiro nada mais eram do que entulho. Ele localizou os fragmentos do que um dia fora a abadia, mas não encontrou vestígios de seus famosos portões de bronze do século XI ou dos tijolos em mosaico. Não sabia se a magnífica biblioteca do mosteiro e a famosa coleção de arte tinham sido enterradas ou destruídas, ou se tinham sido removidas pelos alemães antes do bombardeio. As únicas coisas de valor que o major DeWald viu naquela tarde, revolvendo o entulho, foram os rostos dos

anjos que enfeitavam o coro, a maioria quebrados mas alguns ainda inteiros, os olhos arregalados olhando sem piscar para o grande céu azul.

16 de abril de 1943

Carta de transmissão de Rosenberg a Hitler acompanhando álbuns de fotografias de obras de arte roubadas para o Führermuseum

Mein Führer,

Em meu desejo de lhe dar, meu Führer, alguma alegria em seu aniversário, tomo a liberdade de lhe apresentar uma pasta contendo fotografias de alguns dos quadros mais valiosos que meu Einsatzstab, de acordo com suas ordens, salvaguardou de coleções de arte judaicas sem dono nos territórios ocidentais ocupados. Estas fotos representam um acréscimo à coleção de 53 dos mais valiosos objetos de arte entregues faz algum tempo a sua coleção, esta pasta mostra também somente uma pequena porcentagem do excepcional valor e extensão desses objetos de arte, apreendidos por meu Dienststelle (comando de serviço) na França, e colocados em local seguro para o Reich.

Eu lhe suplico, meu Führer, que me dê uma chance durante minha próxima audiência de lhe relatar oralmente toda a extensão e alcance deste ato de apreensão de obras de arte. Eu suplico que aceite um breve relatório intermediário por escrito do progresso e extensão do ato de apreensão de obras de arte que será usado como base para este relatório oral posterior, e também aceite três cópias do catálogo temporário de quadros que, também, mostra apenas parte da coleção que possuí. Entregarei outros catálogos que estão agora sendo compilados, quando estiverem terminados. Tomarei a liberdade durante a solicitada audiência de lhe dar, meu Führer, outras vinte pastas de quadros, com a

esperança de que esta breve ocupação com as belas-artes
que tanto lhe agradam enviará um raio de beleza e alegria a
sua reverenciada vida.

Heil, mein Führer
A. Rosenberg

Monumentos, belas-artes e arquivos

SHRIVENHAM, INGLATERRA

PRIMAVERA DE 1944

George Stout, elegante conservador do Fogg que virou marinheiro, respirou o primeiro ar quente da manhã de uma primavera britânica. Era o dia 6 de março de 1944, um mês após a destruição de Monte Cassino, mas a poucos meses ainda da planejada invasão ao norte da França. O sul da Inglaterra já fervilhava com soldados britânicos e americanos. Mais de um milhão, se o que se dizia estava correto, o que não melhorava a situação de um país bombardeado por quatro anos de raids da Luftwaffe e vivendo uma perigosa escassez de comida e matérias básicas. “O problema com os ianques é que eles recebem salários demais, fazem sexo demais, se alimentam demais e são demais aqui”, era uma frase popular que circulava em Londres.^[1] Mas o que eles esperavam de homens jovens, muitos ainda com menos de vinte anos? Sem dúvida eram excessivamente confiantes, mas só para esconder o terror que sentiam. Afinal de contas, ele seriam em breve lançados contra as cabeças de praia da Fortaleza Europa, e todos sabiam que muitos deles jamais voltariam para casa.

Em Shrivenham, um vilarejo rural a meio caminho entre Bristol e Londres, o estado de espírito era outro. A força conjunta de Estados Unidos e Grã-Bretanha nas Relações Civis havia assumido o comando da American School (uma universidade no estilo americano) como um centro de treinamento para suas operações e, apesar da ocasional formação de soldados mais velhos marchando uniformizados, as paredes de pedra e amplos gramados pareciam muito distantes dos horrores da guerra.

O que George Stout notava principalmente, sempre que deixava as quadras, eram os brotos verdes. Os primeiros botões da primavera estavam nas árvores, e embora Stout desconfiasse que fossem muito prematuros e que uma geada tardia os derrubaria, o otimismo deles o deixava animado. Recentemente a melancolia

do inverno se dispersara e, na noite anterior, ele havia caminhado 8 quilômetros até um pub local com dois colegas, um inglês e um americano. O pub era desses bares britânicos eternos: fazendeiros de cara vermelha com canecas de cerveja, vigas de madeira, paredes de pedra, um alvo para dardos no canto, nenhum soldado à vista. A cerveja era leve e amarga; a companhia animada. Ele sentia falta das tábuas do navio que o havia trazido lá do outro lado do Atlântico, sua rígida formação, o ritmo simples e preciso do mar. A caminhada de volta a Shrivenham pelo escuro e ordenado interior de Oxfordshire, com seus campos bem definidos e pequenos jardins e hortas impecáveis, era exatamente a coisa para ajudar Stout a esquecer que já estava ali fazia duas semanas e ainda não recebera nenhuma carta de casa.

Um marinheiro designado para o Exército, ele pensou. O típico peixe fora d'água. Nem o carteiro vai conseguir me achar.

Caminhando agora até um povoado vizinho na luz fresca de um domingo de manhã, ele podia ver a desordem do mundo a sua volta. Os buxos e outras árvores cobertos de trepadeiras. As paredes de pedra trôpegas e desmoronando. Os brotos caóticos, alguns germinando, outros esmagados por saltos de sapato na lama. Os campos rasgados por pegadas de cavalos. As árvores estendendo os ramos. A estrada sinuosa. Tudo desconjuntado, mas sob a superfície ele podia perceber ordem, uma adequação tanto no tempo quanto no espaço, uma composição que parecia confusa até que, de repente, via-se sob as pinceladas o sistema funcionando.

Ainda assim, ele teria preferido os barcos. E o lar. E espaço para trabalhar em um mundo em paz. Mas agora era um soldado, e tinha de admitir que esta tarefa era exatamente aquilo que lhe dava prazer. Monumentos, Belas-Artes e Arquivos. Ele quase riu ao pensar nisso. Estavam realmente montando uma unidade de técnicos especializados, nomeados como oficiais no Exército, para tratar de assuntos relacionados com a conservação.

A subcomissão de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos (MFAA) tinha sido formalizada no final de 1943 como uma operação conjunta oficial entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, dirigida pelo ramo de Relações Civis do Governo Militar Aliado para Territórios Ocupados (AMGOT) e respondia basicamente à divisão M-5 do Ministério da Guerra britânico. O desastre do

trem burocrático foi uma alusão à prioridade da operação, que estava enterrada tão fundo na cadeia militar de comando que ficava quase invisível. Todos sabiam dos fracassos na Itália. O gabinete de Hammond fora dissolvido e substituído por uma nova hierarquia, mas a operação MFAA na Itália – uma operação totalmente distinta dirigida por uma cadeia separada de comando, sob a Comissão de Controle Aliada (ACC) – ainda lutava para se tornar relevante. Não havia nenhum Monuments Men ao norte de Nápoles, por exemplo, quando a decisão de destruir a abadia em Monte Cassino foi tomada. Esse fracasso não apenas colocou rapidamente em ação o punhado de oficiais do Monuments Men na Itália, mas provou como era difícil criar uma organização no meio de uma campanha militar.

A situação, por sorte, seria diferente no norte da Europa. O Civil Affairs pretendia ter um grupo treinado de oficiais a postos antes dos desembarques na França. A comissão Roberts havia dado a Paul Sachs, chefe de Stout no Fogg Museum, a responsabilidade de escolher os americanos que serviriam nesse corpo de oficiais, e George Stout tinha sido um dos primeiros convidados. Isso foi em setembro de 1943. Stout não ouviu falar mais nada durante meses, o que não o surpreendeu. Esses projetos, Stout sabia, eram em geral um “fogo no rabo”, como um colega da Marinha havia engenhosamente (embora por acaso) observado.^[2] E ele nunca confiou em nada dirigido por diretores de museus.

Ainda assim, havia exposto a Sachs suas ideias sobre a operação. “Cada tropa”, ele escreveu, “precisaria de uma equipe de conservadores”. Cada equipe precisaria de funcionários especializados, dez pessoas no mínimo, e 16 de preferência, incluindo encaixotadores, encarregados de mudanças, taxidermistas (sim, taxidermistas), secretários, motoristas e, o mais importante, fotógrafos. A equipe de auxiliares não podia ser adquirida em campo, porque Stout sabia desde sua experiência na Primeira Guerra Mundial que, em campo, nenhum homem é supérfluo, e nenhum comandante abriria mão de seus homens. Eles tinham de ser designados para o serviço de conservação, e tinham de estar equipados: jipes, caminhões cobertos, engradados, caixas, material para empacotar, câmeras, aerômetros para conferir a qualidade do ar, todas as ferramentas do ofício de conservador.

Em dezembro, sem notícias de Sachs, Stout ouviu boatos de que a operação

estava extinta. Ele continuou com a camuflagem dos aviões, supondo que os rapazes do museu haviam entendido errado. Pena, ele pensou, que o Exército tivesse deixado tudo nas mãos dos sahibs.

Mesmo quando sua transferência saiu em janeiro de 1944, Stout continuou sem acreditar. “O que você sente a respeito do serviço de salvamento é exatamente o que eu sinto”, ele escreveu para a mulher, Margie. “Se for montado decentemente, pode continuar a ser muito útil. Se não, haverá dificuldades irritantes, atrasos e frustrações. Espero uma boa parte disso tudo, de qualquer forma. E quer eu goste ou não, provavelmente aceitarei se o Exército decidir levar avante o programa... Uma coisa é certa: será, se ele evoluir, um emprego militar. Não será chefiado por pessoas civis de museus mas pelo Exército e a Marinha. Se fosse comando de civis de museus, eu recusaria. [Mas] Meus associados serão militares, pelo que sei. No Exército e na Marinha, eficiência é a norma e simples honestidade sustenta as relações com as pessoas. O blefe em geral não vai muito longe. E então veremos.”^[3]

George Stout subestimou os sahibs. A comunidade civil dos museus, na forma da Comissão Roberts (e em tempo seus colegas na Inglaterra, a comissão Macmillan), tinha sido ao mesmo tempo um catalisador para a criação de uma força de conservação e uma diretriz em seu desenvolvimento. Duvida-se de que o Exército dos Estados Unidos tivesse tolerado o MFAA não fosse o prestígio da Comissão Roberts, formada com o apoio explícito de Roosevelt, e ninguém era mais adequado para montar a força de “operários especiais” de Stout do que os homens que dirigiam a sociedade cultural americana. Eles eram capazes de pegar as duas lições básicas do norte da África e da Sicília – que o exército escutaria os oficiais da conservação, desde que fossem oficiais militares, e que esses oficiais precisavam chegar nas linhas de frente durante ou imediatamente depois da luta, não semanas ou mesmo meses depois – e formar para eles a base de um plano exequível. E para Stout, pelo menos, havia algo tão promissor quanto: não haviam designado nenhum diretor de museu para o corpo de oficiais da MFAA.

Não, não era com o caráter dos homens ou o objetivo da missão que George Stout se preocupava enquanto seus pensamentos se perdiam imaginando como seria a iminente invasão, naquela quente manhã de março tão fora de época. Era com a natureza especial da operação. Não havia qualquer declaração formal de

missão, ou mesmo cadeia definida de comando. Ninguém parecia saber ao certo quantos homens seriam necessários para a tarefa, como eles poderiam ser distribuídos no continente, ou até mesmo quando ou se mais soldados chegariam. Os homens simplesmente se apresentavam com seus papéis de remoção, pelo visto de forma aleatória. Um manual geral de procedimentos de conservação baseava-se na experiência e escritos de Stout sobre o assunto. Mas os Monuments Men não tinham qualquer treinamento formal. A maior parte do esforço estava sendo aplicada em coisas básicas, tais como relacionar os monumentos protegidos nos diversos países da Europa. Pelo que Stout podia dizer, não havia ninguém nem mesmo cuidando do lado militar da operação, tal como providenciar armas, jipes, uniformes ou rações. Dizer que a corrida para montar uma unidade de conservação antes da invasão da França tinha começado lentamente era um eufemismo.

E havia o tamanho da operação. Stout tinha recomendado a Sachs uma equipe de 16 homens por oficial; estava ficando cada vez mais claro que talvez não houvesse 16 homens em toda a operação MFAA para o norte da Europa. Stout sabia que não era fácil negociar remoções através da burocracia militar, especialmente a que estava planejando a operação mais importante da história mundial. E ele tinha certeza de que Paul Sachs conhecia homens mais qualificados. Sachs tinha sido professor da maioria dos homens jovens nos museus dos Estados Unidos, afinal de contas. Mas Stout podia contar o número de homens reservados para o trabalho de campo dos monumentos nos dedos das duas mãos. Rorimer. Balfour. LaFarge. Posey. Dixon-Spain. Methuen. Hammett. No final, se os oficiais continuassem se apresentando com seus documentos, a MFAA talvez tivesse 12 homens. Total. Havia mais homens sentados à sua mesa no refeitório durante a viagem até a Inglaterra – e esse era um barco em mil, e alimentava cem mesas de refeitório por dia.

Ele pensava nos atuais Monuments Men, sentados para um retrato imaginário em uma colina ensolarada nos arredores de sua base em Shrivenham.

Geoffrey Webb, seu oficial comandante, alto e esguio, com mais de 50 anos, professor-titular em Cambridge e um dos mais distintos estudiosos de arte nas Ilhas Britânicas.

Além dele, lord Metheun e o líder do Esquadrão Dixon-Spain, ambos

veteranos britânicos mais velhos da Primeira Guerra Mundial.

O mais jovem do contingente britânico era Ronald Balfour, baixo e meio calvo, com seus 40 anos, historiador do King's College, em Cambridge – colega de Geoffrey Webb de Cambridge, na verdade, levado para a MFAA por sua sugestão. Os dois haviam dividido um quarto em Shrivenham, e Stout gostou logo de sua natureza gentil, generosa e lúcida. Um ávido protestante, o pesquisador especializava-se em temas eclesiásticos, tendo saído da área de história, que, é claro, tinha sua dose de implicações e imagens religiosas. Continuando em Cambridge depois de formado, ele era o que os ingleses costumam chamar de um “gentleman erudito”, um universitário profissional sem interesse em publicar ou progredir na carreira, mas apaixonado por empreitadas intelectuais e longas, pachorrentas conversas e debates com aquelas pessoas de pendor intelectual semelhante.

Com o passar dos anos, Stout pensava, ele se tornara um homem intoxicado por papéis. Podia ser considerado o especialista em arquivos e manuscritos do grupo, o único entre eles mais preocupado com a segurança de documentos históricos do que com as artes visuais, e seu maior triunfo – como o próprio Balfour havia dito mais de uma vez – era ter acumulado uma biblioteca de 8 mil volumes aos 35 anos. Todos livros de qualidade, também, como ele se apressava a observar. Mas, embora fosse um homem do papel, Ronald Balfour não era um homem de papel. Ele podia não parecer um soldado com sua pequena estrutura e os óculos de aro de metal de um acadêmico, mas tinha uma determinação férrea e desejo de lutar. Tinha sido criado por um militar na Inglaterra central – Buckinghamshire, para ser preciso – e conhecia e respeitava a cultura militar. Além disso, levava décadas de cuidadosa colheita para montar sua biblioteca, e não tinha intenção de deixar que ela fosse destruída por bombas alemãs.

E tinha o lado americano. Marvin Ross, formado em Harvard e especialista em arte bizantina, era o segundo em comando depois de Webb. Ralph Hammett e Bancel LaFarge, ambos arquitetos e especialistas em prédios.

Walker Hancock, com quarenta e poucos anos, era um renomado escultor de obras monumentais. Sacrifice, seu memorial aos soldados em sua cidade natal de Saint Louis, Missouri, parecia particularmente relevante agora. Ainda mais do que outros soldados, Hancock era um homem de sacrifícios. Ele havia se

sacrificado por seu pai ao frequentar a Academia Militar de Virgínia, brevemente, durante a Primeira Guerra Mundial. Sem dúvida ele se sacrificaria mais, se lhe pedissem. Mas a guerra terminou, e a arte, sua verdadeira vocação, chamou-o de volta para sua cidade natal a fim de estudar na Washington University, depois na Pennsylvania Academy of the Fine Arts e, por fim, encerrando a década de 1920, na American Academy, em Roma. Ele era o artista do grupo e, talvez, George Stout percebeu, seu membro mais condecorado. Em 1925, Walker havia ganhado o prestigiado Prix de Rome. Em 1942, ainda recebendo o treinamento básico, soube que havia vencido um concurso para desenhar a Air Medal, uma das maiores honras militares. Esse prêmio, sem ele saber, havia sido seu bilhete para escapar da unidade de infantaria na linha de frente.

Otimista. Fácil de conversar. Sempre animado. E, no entanto, o sacrifício pessoal de Walker Hancock era evidente. Apenas algumas semanas antes de embarcar para a Inglaterra, ele havia se casado com a namorada, Saima, em uma pequena capela na catedral nacional em Washington. Estava apaixonadíssimo, isso era óbvio, porque parecia não pensar em outra coisa. E, no entanto, ele sacrificara sua carreira e seu casamento para viajar para o outro lado do oceano. Ele se apresentara como voluntário, de fato, embora o Exército quisesse mantê-lo perto de casa, no Pentágono; e ele tinha feito isso de boa vontade. Ele era quase atencioso demais, gentil demais e bondoso. Stout não conseguia vê-lo no campo de batalha. Sempre o imaginava enroscado com Saima em sua casa e estúdio de arte em Massachusetts – Hancock estava cuidadosamente reservando parte de seu pagamento para comprá-la –, a lareira acesa e um grande busto de Atlas semiacabado no fundo. Hancock estaria rindo, é claro. Nada o deixava deprimido por muito tempo. Ele tinha um caráter tão positivo, bem-humorado, que até dizia gostar da comida do Exército.

O recém-chegado, James Rorimer, com apenas 39 anos de idade, era o extremo oposto do otimista Hancock: um homem ambicioso, crítico, cinzelado na fogueira dos grandes interesses do mundo dos museus. Aqui estava um homem, baixo e muito largo, nitidamente talhado para a guerra. Ele havia ingressado no corpo de funcionários do Metropolitan Museum of Art logo depois de se formar em Harvard, e ainda com vinte e poucos anos fora muito

útil no planejamento de uma vasta expansão da coleção medieval do museu. Em 1934, com apenas sete anos de carreira, tinha chegado ao posto de curador de arte medieval. Quando a nova residência da coleção medieval do Met, os Cloisters, foi inaugurada no alto Manhattan, em 1938, Rorimer tinha sido um de seus mais importantes criadores e curadores. Só um homem de talento e impulso singulares poderia subir de nível tão rápido no Met. Talvez seja por isso que Stout não se surpreendeu com o fato de Rorimer vir de uma cidade operária como Cleveland (Ohio) e que o pai dele tivesse mudado a grafia do sobrenome judeu Rorheimer, preocupado com o antissemitismo na vida americana.^[4]

Claro, Rorimer nem era oficialmente um Monuments Man. Ele estava oficialmente designado para Relações Cívicas, que dirigia o complexo de treinamento em Shrivenham. Rorimer foi entrevistado pela junta diretora no dia 3 de março, e Stout soube de fonte limpa que ele havia manifestado um forte interesse pelo trabalho com os monumentos. E Stout sabia que o comandante Geoffrey Webb da MFAA o queria. Por que não? Rorimer era um estudioso de arte do mais alto nível, falava francês, tinha amplo conhecimento de Paris e estava até tendo aulas seis vezes por semana em Shrivenham para adquirir fluência em alemão.

Stout tinha de reconhecer, o garoto era um buldogue. Ninguém em Shrivenham tinha se esforçado mais para ingressar na MFAA, e ninguém estava trabalhando mais para aprimorar suas habilidades. Se você colocasse uma tarefa na frente de Rorimer, ele se mataria para fazer. Stout desconfiava que estava vendo um futuro astro da sociedade cultural americana. Se Rorimer sobrevivesse à guerra.

E havia Robert Posey, o estranho no grupo. Stout não sabia muita coisa sobre Posey. Ele estava quase sempre tranquilo e calado. Não era um dos membros do círculo de Paul Sachs em Harvard e, pelo que se sabia, não era muito conhecido em sua área, a arquitetura. Fora criado muito pobre no Alabama, até aí Stout sabia, e tinha se formado na Auburn University, um honra bancada quase totalmente pelo Reserve Officers' Training Corps do Exército. Ele era nitidamente um militar por treinamento e temperamento, assim como um especialista na área cultural, o que o tornava ideal para a unidade. Mas ninguém sabia muito bem como ele fora designado para a MFAA. Dizia-se que havia sido

enviado para a Inglaterra direto do Círculo Ártico, o que parecia estranho demais para não ser verdade. Ele também disse, em um momento mais descontraído, ser a única pessoa que destruiu um tanque na Pensilvânia. O que aconteceu foi que, em uma de suas primeiras funções militares, ele havia projetado uma ponte experimental. Ela não funcionou e o primeiro tanque a tentar atravessá-la mergulhou direto no rio e afundou. Os outros Monuments Men, Stout estava ciente, não sabiam muito bem o que fazer com Robert Posey, mas ele o compreendia. Posey era um típico fazendeiro do interior dos Estados Unidos, calado, trabalhador: muito parecido com o próprio George Stout.

Mas com esse, o retrato estava completo. Balfour, o estudioso britânico. Hancock, o artista bem-humorado. Rorimer, o buldogue curador. Posey, o fazendeiro do Alabama. E, à espreita lá no fundo, o pequeno e ativo George Leslie Stout, o de bigodinho. Stout ria da ideia ao fazer uma curva na estrada. O velho impecável George Stout. Não desta vez. O peso da roupa suja sobre seu ombro, uma das razões para esta excursão de domingo fora do acampamento, fazia-o lembrar que as instalações para o cuidado pessoal na escola de treinamento do Exército estavam bem abaixo do padrão, e que ele já estava um pouco mais desalinhado do que preferia

Ah, bem. A operação podia ser “fruto de suas ideias”, como Paul Sachs tinha escrito, mas aqui George Stout era apenas mais um soldado da infantaria, sem nenhuma autoridade sobre ninguém. E era assim que ele gostava. Mesmo no serviço militar, Stout tinha uma desconfiança inerente em relação a administradores. Ele preferia sujar as mãos com o trabalho de verdade – e logo depois lavá-las meticulosamente.

Era um bom grupo, ele tinha de admitir. Um grupo que ele mesmo talvez tivesse escolhido, se lhe tivessem dado chance. Só 11 homens, infelizmente, mas 11 homens bons. Não conservadores treinados, mas o que havia de melhor em segundo lugar: estudiosos, artistas, curadores de museus e arquitetos, homens que trabalhavam para viver, não que mandavam os outros trabalharem. Eram profissionais estabelecidos. Quase todos tinham mulheres e a maioria tinha filhos. Eram velhos o suficiente para compreender o que estava em jogo, e talvez jovens o bastante para sobreviver aos rigores dos campos de batalha.

Sobreviver. Não era uma palavra na qual George Stout gostava de pensar. Ele

estava indo para a guerra com esses homens e sabia que isso significava que alguns provavelmente não sobreviveriam. Era um crime mandá-los para a guerra, ele pensou de novo, sem equipamentos e pessoal adequados.

Ele culpava lord Woolley, aquele velho arqueólogo do Ministério da Guerra. Um cara legal, como Ronald Balfour diria, mas estava matando o grupo de fome. Woolley tinha um orgulho imenso do fato de apenas três pessoas dirigirem o escritório de comando para toda a operação de conservação – e uma delas era lady Woolley, sua mulher. Com essa equipe, como levar a sério o esforço? “Nós protegemos as artes com o menor custo possível.”^[5] Esse era o lema de Woolley. Tirado da Oração fúnebre, de Péricles. Stout tinha certeza de que as altas patentes militares apreciavam a referência histórica. Esse talento, sem dúvida, seria útil no campo.

“Está tudo montado adequadamente”, ele dissera à mulher. Esse era o segredo. Era realmente demais, em um exército de 1 milhão de homens, pedir uns cem disponíveis? Era realmente demais arrumar uns milhares de dólares para câmeras, rádios e outros equipamentos básicos?

– Que tal, George, lá está ela – Ronald Balfour disse com seu sotaque veloz das Midlands.

As palavras invadiram os pensamentos de Stout, trazendo-o de volta à Inglaterra, à primavera, a 1944. Ele ergueu o olhar. Diante dele havia um aglomerado perfeito de casas de pedra com telhado de sapê. Mais além, podia ver uma torre de igreja, uma das razões pelas quais eles tinham vindo até esse vilarejo. Stout olhou para o sol, agora bem a pino, e depois para seu relógio. A missa devia ter terminado fazia tempo.

– Uma parada rápida para isto – Stout disse, indicando a trouxa de roupa suja, – e depois subimos.

– Certo – Balfour respondeu, sorrindo da expressão carinhosa dos britânicos de que os americanos pareciam gostar tanto.

Era difícil não gostar de Balfour, Stout pensou. Porém, o mais importante, ele era um homem em quem se podia confiar. Uma boa coisa, visto que eram homens como Balfour que fariam a diferença. Stout era um cientista, um modernizador, mas nunca levou muita fé nas máquinas. O hábil observador, não a máquina, era a essência da conservação. Esse era o segredo, ele acreditava, do

sucesso em qualquer empreendimento: ser um cuidadoso, instruído e eficiente observador do mundo, e agir de acordo com o que se via. Para ter êxito no campo, um oficial do Monuments necessitaria não apenas de conhecimento; ele precisaria de paixão, esperteza, flexibilidade, uma compreensão da cultura militar: como funcionavam as armas, a cadeia de comando. Em Balfour, Stout via um misto de intelecto aguçado, instintos práticos e respeito pelo uniforme. E isso lhe dava confiança.

É só nos levar até lá, ele pensou, e faremos o trabalho.

Quando rapaz, Stout tinha passado um verão com o tio em Corpus Christi, no Texas. Eles trabalhavam seis dias na semana; no sétimo, iam pescar. Um dia, eles pegaram um linguado do Golfo, um morador das profundezas das águas com os dois olhos do mesmo lado da cabeça. Foi difícil para um menino de Iowa acreditar que no mundo havia peixes tão inesperados e estranhos. Naquela tarde, na volta para o porto, o motor morreu. Stout remou horas, mas o barco estava perdido, flutuando languidamente nas águas rasas do Golfo do México, até que surgiu uma escuna com as velas desfraldadas e os rebocou até a praia. Desde então, Stout tinha visto muita coisa no mundo para acreditar em motores. Ele estava sempre preparado para confiar nas marés e nos remos. Ele estava sempre seguro de que voltaria para a praia.

Ele sabia que os Monuments Men não iam para a França de mãos vazias. Eles tinham mapas de estruturas e museus importantes, criados sob a direção dos diretores de museus e outros conselheiros, depois sobrepostos em fotos aéreas de reconhecimento. As listas de monumentos protegidos, compiladas por civis e examinadas minuciosamente por oficiais do Civil Affairs, estavam além de qualquer censura. E ele não podia censurar os manuais sobre técnicas de conservação, que se baseavam em seu próprio trabalho.

Mas ainda assim, ele podia ver os esparadrapos unindo a operação. Os diretores de museus não compreendiam os militares; os militares ainda não tinham certeza se essa era uma boa ideia. Os Monuments Men eram apenas conselheiros; não podiam forçar nenhum oficial, de qualquer nível, a agir. Eles tinham liberdade de movimentos, mas não podiam ter veículos, escritórios, equipe de suporte e nenhum plano de apoio. O Exército lhes dera um barco, mas não o motor. Os homens no campo, George Stout já podia ver, teriam de

remar, e ele tinha uma forte desconfiança de que estariam remando contra a maré. Mas uma vez na água, ele sabia, se você continuasse remando talvez surgisse uma escuna.

É só nos levar até lá, Stout pensou, ainda não convencido de que a operação não estava para desmoronar. É só nos dar uma chance.

– Renascimento românico – Ronald Balfour disse sobre o ombro de Stout. – Pequena, porém bem construída, provavelmente do final do século XIX. O que você acha, George?

George olhou para a igreja rural. Era simples, sólida, e lindamente detalhada. Não havia nada exageradamente belo, mas não havia nada fora do lugar, nada extravagante ou em mal estado, e isso tinha uma beleza própria. Poderia bem ter sido uma igreja no estilo renascimento românico, mas a palavra que lhe vinha à cabeça era “romântico”. Como em um cenário romântico, um lugar para amantes, onde ele e sua mulher, Margie, teriam rido anos atrás. Ou era romântico como em excessivamente otimista e bem intencionado, como sua ideia romântica de que se podia salvar prédios como estes nos campos de batalha de uma guerra moderna?

– Teremos sorte de encontrar uma assim no continente – disse Stout, examinando a igreja intacta.

Balfour sorriu.

– Ah, George, meu velho. Sempre pessimista.

Stout pensou nos dois seguros de vida que havia feito antes de partir para a Inglaterra, sua proteção contra obstruções no meio do caminho. Sempre estar preparado.

– Sou um otimista, senhor Balfour. Um otimista cauteloso, mas não obstante um otimista.

CAPÍTULO 9

A tarefa

SUL DA INGLATERRA
FINAL DE MAIO DE 1944

No dia 26 de maio de 1944, o general Eisenhower, supremo comandante das Forças Expedicionárias Aliadas, emitiu a seguinte ordem.^[1] Ao contrário da Itália, onde sua ordem foi publicada quase seis meses depois do início da invasão da Sicília, esta chegou 11 dias após a invasão do norte da Europa.

Em breve estaremos lutando para entrar no continente europeu em combates destinados a preservar nossa civilização. Inevitavelmente, em nosso caminho encontraremos monumentos históricos e centros culturais que simbolizam para o mundo tudo aquilo que estamos lutando para preservar.

É responsabilidade de cada comandante proteger e respeitar esses símbolos sempre que possível.

Em algumas circunstâncias, o sucesso da operação militar pode ser prejudicado por nossa relutância em destruir esses objetos reverenciados. Então, como em Cassino, onde o inimigo contou com nosso apego emocional para proteger suas defesas, as vidas de nossos homens são de máxima importância. Portanto, onde a necessidade militar ditar, os comandantes podem ordenar a ação exigida mesmo que ela signifique a destruição de alguns locais respeitáveis.

Mas há muitas circunstâncias em que danos e destruição não são necessários e não se justificam. Nesses casos, pelo exercício da contenção e da disciplina, os comandantes preservarão centros e objetos de importância histórica e cultural. Equipes do Civil Affairs nos mais altos escalões informarão os comandantes sobre a localização de monumentos históricos desse tipo, tanto antecipando as linhas de frente quanto as áreas ocupadas.

Esta informação, junto com a necessária instrução, será transmitida através dos canais de comando para todos os escalões.

EISENHOWER

No dia seguinte, a MFAA encaminhou aos quartéis do general Eisenhower no Supremo Quartel General das Forças Expedicionárias Aliadas (SHAEF) uma relação de monumentos protegidos na França. Todos, militares e civis, estavam ansiosos. A guerra inteira dependia de um grande salto para o desconhecido: Operação Overlord, o desembarque na França. Depois de instruído sobre os planos, Winston Churchill havia agarrado a mão de Eisenhower e lhe dito, com lágrimas nos olhos:

– Estou com você até o final, e se isso falhar afundaremos juntos. [2]

Uma derrota significaria, na melhor das hipóteses, mais dois anos para reagrupar e replanejar e, na pior delas, a queda da Grã-Bretanha. Ninguém, muito menos os oficiais de campo aprovando as listas de “Proibido Entrada” na zona de batalha iminente, queria atrapalhar o sucesso. A lista da MFAA de monumentos protegidos foi rejeitada por oficiais de campo por ser abrangente demais e prejudicial às manobras nos campos de batalha.

Os líderes da MFAA tinham de tomar uma decisão: ceder à pressão militar ou defender sua missão e suas crenças? Em vez de modificar a lista, Woolley decidiu explicá-la. Dos 210 prédios protegidos na Normandia, ele disse a SHAEF, 84 eram igrejas. Os outros, em sua maioria, eram ruínas romanas ou medievais, círculos de pedra pré-históricos, fontes e estruturas semelhantes que não serviriam de muita coisa para o Exército. Em toda a Normandia, ele estimava, apenas 35 prédios que poderiam ser usados para propósitos militares legítimos estavam sendo negados por restrições da MFAA. As altas patentes do Exército leram a explicação, e a lista foi logo aprovada. No dia 1º de junho, a MFAA havia alcançado seu número de homens prontos para o combate. Quinze estariam servindo no continente, excluindo a Itália: oito americanos e sete britânicos (outro americano e três britânicos tinham chegado desde o “retrato de grupo” de Stout em março, designados para “unidades rurais” na França, Bélgica e Alemanha). Sete homens serviriam nos quartéis gerais da SHAEF em uma função estritamente organizacional. Os outros oito foram designados para tropas

americanas e britânicas e para a Zona de Comunicações. Para enfatizar a natureza conjunta da operação, eles trocavam as linhas, com um americano no 20º Agrupamento do Exército Britânico e um britânico no I Exército dos Estados Unidos. Por mais impossível que pareça, era dever destes oito oficiais inspecionar e preservar todos os monumentos importantes que as forças aliadas encontrassem entre o Canal da Mancha e Berlim.

Seção

II

NORTE DA EUROPA



Carta de James Rorimer à esposa, Katherine
6 de junho de 1944

Queridos,

Fomos informados de que a invasão da Europa ocidental por forças devastadoras está em marcha. Li no jornal da manhã e fiquei encantado em saber que Roma foi poupada. Agora estou pensando nas tropas de combate e na tarefa que é delas. Nós, homens mais velhos, estamos ansiosos, por um lado, para ajudar a dar o golpe mortal na tirania e, por outro, pensamos em nossas famílias em casa e nas obrigações que temos como maridos, pais, filhos e membros da comunidade dos tempos de paz.

Minha situação mudou muito pouco. Não tenho ideia do que nos aguarda no futuro. Espero que eu possa ser útil. Estou convencido de que somente meu grau inferior na hierarquia militar está dificultando uma indicação. Conhecer a Europa e os europeus, ter habilidade para fazer e conservar amigos, uma noção de valores reais, uma carreira de sucesso, mente e corpo úteis, conexões, nada disso, incluindo uma vontade de ser útil – o que se chama de servir à humanidade –, parece fazer as coisas funcionarem. Espero continuar como oficial do Monumentos e Obras de Arte – mas não há indícios do tipo de trabalho que farei.

Amor,

Jim

Conquistando respeito

NORMANDIA, FRANÇA
JUNHO-AGOSTO DE 1944

O bombardeio naval da praia de Omaha começou às 5:37 da manhã do dia 6 de junho de 1944. Próximo do alvorecer, teve início o bombardeio aéreo. A primeira onda de tropas aliadas chegou em Omaha na “Hora H”: 6:30 da manhã. Não demorou muito para eles perceberem que os bombardeios naval e aéreo não tinham funcionado. Voando em um intenso nevoeiro e temendo que as bombas caíssem perto de seus próprios aviões de transporte de tropas, os bombardeiros as tinham soltado muito para dentro do continente, deixando as forças costeiras alemãs entrincheiradas intactas. As unidades americanas mais para o leste e oeste em Omaha sofreram fortes baixas antes de poderem rastear até o meio da praia. A segunda onda, chegando trinta minutos depois, encontrou os sobreviventes encalhados no pequeno banco de areia que marcava a linha da maré alta. Logo eles estariam encalhados também, seus equipamentos aglomerados na praia superlotada, os feridos afogando-se na maré que subia. Depois de seis horas de combate e morte, os americanos detinham uma faixa perigosamente pequena de terra. A maré estava comendo sua cabeça de praia quase tão rápido quanto eles podiam defendê-la.

Mas as tropas chegavam, onda após onda. Com as vias de escoamento da praia interceptadas pelo fogo cruzado alemão, pequenos grupos começaram a escalar os penhascos. O coronel George A. Taylor reanimava os sobreviventes com o grito, “Dois tipos de pessoa vão ficar nesta praia, os mortos e os que vão morrer. Agora, vamos sair daqui”. [1] Quarenta e três mil homens foram transportados de barco pelo Canal da Mancha até “Bloody Omaha”, Omaha Sangrenta, naquele dia; mais de 2200 morreram lá. Eram em sua maioria homens alistados e voluntários, treinados para esta batalha, mas ainda trazendo as marcas de suas vidas como professores, mecânicos, operários e funcionários de

escritório. Eles morreram nas praias de Sword, Gold, Juno e Pointe du Hoc, também. Chegaram em ondas na praia de Utah mais de 23 mil homens, surgindo do nevoeiro e da espuma do mar, movendo-se incessantemente para o interior em direção às linhas alemãs. As 101ª e 82ª divisões aéreas haviam lançado 13 mil paraquedistas atrás das linhas inimigas e, se os soldados chegando às praias não se encontrassem com eles no local combinado, ao anoitecer os paraquedistas poderiam ser aniquilados. E mesmo que eles encontrassem as unidades aéreas, ou o que restara delas, esses soldados sabiam que a batalha estava longe de terminar, que a cabeça de ponte era precária, e que 1 milhão de combatentes alemães estavam escondidos nas fileiras de moitas e árvores, prontos para enterrá-los para sempre em solo francês.

Os alemães tinham calculado mal. Pensavam que os Aliados ocidentais não poderiam jamais suprir um exército sem um porto, mas os soldados eram despejados na praia em Utah carregando munição, armas e latões de gasolina. Eles chegaram não só na primeira manhã, mas dia após dia, principalmente tropas de infantaria, mas também navios-tanque, artilheiros, capelães, oficiais de artilharia, engenheiros, médicos, repórteres, datilógrafos, tradutores e cozinheiros. Chegaram de todos os tipos de embarcação, mas especialmente dos LSTs (Landing Ship, Tanks), as barcas de desembarque. Eram quilômetros de “LSTs em todas as praias, suas mandíbulas escancaradas vomitando tanques, caminhões, jipes, bulldôzers, armas grandes e pequenas e montanhas de caixas de ração e munição, milhares de galões de aço prensado cheios de gasolina, caixotes de rádios e telefones, máquinas de escrever e formulários, e tudo mais que homens em guerra precisam”. [2] Lá em cima, o rugido dos aviões dos Aliados era contínuo – 14 mil surtidas foram feitas só no Dia D, com quase tantas quantas em cada dia claro subsequente. O Canal da Mancha ficou tão repleto de navios que por mais de um mês a travessia que era de um dia levava três. E nesse tumulto, a poucos metros de Utah Beach, ficava uma igreja pequena, tranquila, com quatrocentos anos de idade.

Sabe-se lá o que os soldados pensaram da igreja. A maioria dos homens na Utah Beach, com quase 5 quilômetros de extensão, provavelmente não a viram. Muitos outros passaram por ela correndo, porque raramente é mencionada em memórias ou histórias de guerra. Deve ter servido primeiro como ponto de

descanso, depois talvez tenha sido um ponto de reunião para se organizarem antes de avançar mais para o interior. Sem dúvida, homens morreram ali, levados por camaradas ou abatidos por morteiros, balas ou minas dos alemães. O teto recebeu fogo de artilharia, as vigas racharam, mas a pequena capela resistiu e, com o tempo, começou a abrigar serviços diários para alguns dos milhares de homens que chegavam às praias e para as centenas mais que voltavam da frente de batalha.

Nos primeiros dias de agosto, pela primeira vez, um soldado notou as pedras. “Capela chamada Ste-Madeleine”, ele escreveu. “O padre McAvoy colocou um cartaz chamando para a missa todos os dias às 17 horas. Boa arquitetura renascentista do século XVI em estilo Maison Carrée. Fragmentos que podem ser usados para restauração encontram-se dentro e ao redor da área imediata que está afastada da autoestrada. Portal principal danificado por fragmentação do sul ou oeste. Teto de madeira em boas condições, exceto por pequenos danos.”^[3] Em seguida ele tirou uma foto para arquivar e enviar para a Inglaterra. O soldado era o segundo-tenente James Rorimer, o obstinado curador do Metropolitan Museum, e ao contrário de milhares de outros soldados que haviam cruzado a praia de Utah, ele não estava na França para usar a pequena capela para qualquer propósito que fosse necessário à guerra. Como um Monuments Man, ele estava ali para salvá-la.

Como na maioria das coisas que aconteciam na Normandia, a mobilização do tenente Rorimer não saiu exatamente de acordo com o planejado. Ele devia desembarcar antes, mas sua passagem foi adiada enquanto o Exército fazia o pessoal de prioridade mais alta chegar mais rápido às linhas de frente. Mesmo quando finalmente lhe deram autorização para viajar, ele perdeu o barco – o capitão de serviço não estava esperando um Monuments Man, um dos poucos soldados fazendo a travessia que não estavam designados para uma unidade, e partiu mais cedo. Podendo escolher entre vários navios no dia seguinte, ele preferiu viajar com uma carga de veteranos franceses da campanha no norte da África. Queria desembarcar em solo francês com tropas francesas livres.

Lá pelo final de julho, os Aliados acharam que estariam atravessando a França; mas, oito semanas depois, tinham avançado só 40 quilômetros para o interior, em uma frente com menos de 128 quilômetros. Em muitos lugares, o progresso era pior. No início de agosto, o II Exército Britânico e seu oficial do Monuments, Bancel LaFarge, estavam a apenas alguns quilômetros de Caen, seu objetivo no primeiro dia. Cinco outros Monuments Men tinham chegado à França, mas também encontraram suas áreas de operação limitadas pelo lento avanço. A corrida de velocidade planejada tinha virado uma corrida de obstáculos no meio do lamaçal, e a imprensa estava começando a pronunciar a temível palavra “impasse”. James Rorimer, desembarcando no dia 3 de agosto, foi o último Monument Man a chegar durante as principais operações de combate na Normandia.

O motivo ficou logo óbvio: não havia espaço para mais ninguém. Depois da praia de Utah, Rorimer encontrou não a tranquila região rural francesa de apenas dois meses antes, mas uma cidade fervilhando de soldados. No canal atrás dele, o cenário era “atordoante e comovente”, segundo John Skilton, um oficial do Civil Affairs que mais tarde se tornou um Monuments Man. O canal estava repleto até o horizonte de barcos esperando para atracar. As praias estavam apinhadas de tropas; a água, cheia de soldados chapinhando com dificuldade até a areia. Lá em cima, milhares de balões prateados formavam um muro de segurança contra aviões inimigos. Mais além estavam os aviões de caça dos Aliados. Na frente, fora da praia, havia tráfego. “Nunca vi tantos veículos de todos os tipos e tamanhos”, escreveu Skilton. “Até onde se pode ver, as estradas formam uma fita ininterrupta de veículos.”^[4]

Mas foi só quando estava em um comboio em direção ao quartel-general da Advance Section que Rorimer percebeu a magnitude da situação. À sua volta havia uma paisagem lunar de caixinhas de pílulas escancaradas, sebes mutiladas e terra sulcada. Veículos destruídos estavam sendo removidos para depósitos de lixo por reboques, enquanto armas e fortificações despedaçadas enferrujavam ao longo da estrada. Aviões rugiam continuamente lá em cima. As explosões de suas bombas misturando-se com as detonações de minas próximas. A maioria das minas estavam sendo explodidas por caça-minas, mas outras eram pisadas por tropas ou civis azarados. “A tentativa de registrar danos (culturais) em meio às

crateras abertas e carcaças de prédios incendiados”, Rorimer escreveu sobre sua primeira visão da Normandia, “seria como tentar esvaziar um tonel de vinho com uma caneca furada.”[5]

O quartel-general da Advance Section (Ad Sec), estendendo-se por quilômetros em prédios agrícolas e tendas, parecia não mais organizado do que as praias. Rorimer, tendo perdido sua travessia no dia anterior, era apenas vagamente esperado. Teve de caminhar vários quilômetros, e voltar, só para prestar juramento. Seu oficial comandante simplesmente o alertou sobre armadilhas com minas ou granadas, que haviam aparecido em cofres, bancos de igreja e até em corpos mortos, depois voltou para seus mapas. E só. Rorimer estava por sua conta própria. Então ele montou um pequeno escritório, sentou-se confortável em uma cadeira e ficou imaginando o que faria primeiro.

Não ficou sentado por muito tempo. Uma coisa é ser um soldado com 18 anos de idade e saber que está para travar uma luta de vida ou morte com outro soldado de 18 anos, tão distante das razões para essa batalha quanto você. Até os maiores e sargentos sabiam que não estavam combatendo monstros, mas militares de carreira como eles mesmos que, por acaso, vestiam uniformes de cores diferentes. Para a maioria dos soldados, guerra era uma circunstância. Mas para alguém como James Rorimer, era a missão de toda uma vida. Hitler tinha dado o tiro de advertência no mundo das artes em 1939, quando a blitzkrieg da Polônia incluiu unidades encarregadas do roubo deliberado de peças de arte e da destruição dos monumentos culturais daquele país. O evento divisor de águas veio logo depois, quando os nazistas capturaram o retábulo Veit Stoss – um tesouro nacional polonês – e o levaram para Nuremberg, na Alemanha. Em seguida, roubaram Dama com Arminho, de Leonardo da Vinci, um dos únicos 15, mais ou menos, quadros atribuídos unicamente à mão do mestre, junto com obras-primas de Rafael e Rembrandt. Essas obras, todas menos o retábulo Veit Stoss, parte da famosa Coleção Czartoryski, eram as mais importantes na Polônia. Ninguém as tinha visto ou escutado falar delas desde então. Um ano depois, quando a Europa ocidental caiu, fatos deram origem a rumores e insinuações. Mas até isso já foi o bastante para o mundo das artes saber que museus e coleções, grandes e pequenas, estavam sendo sistematicamente desmontadas e transportadas para a Alemanha. O desembarque na Normandia

foi a primeira chance para os profissionais dos museus nos Estados Unidos e na Inglaterra não só descobrirem o que tinha acontecido por trás do véu nazista, mas começarem a corrigir os erros. James Rorimer não pretendia ficar sentado atrás de uma mesa enquanto a história da arte se desenrolava diante dele.

E, no entanto, foi quase exatamente isso que aconteceu.

Rorimer se apresentou como voluntário para o serviço militar em 1943. Aos 37 anos de idade, ele era uma estrela em ascensão no Metropolitan Museum of Art, tendo sido recentemente promovido a curador dos Cloisters, o ramo do Met dedicado à arte e arquitetura medievais. Mas, como muitos outros profissionais de sucesso, Rorimer foi alistado como soldado raso e designado para o IV Batalhão de Treinamento da Infantaria, Camp Wheeler, na Georgia. Em fevereiro de 1944, sua filha Anne nasceu. “Finalmente, sou um orgulhoso pai”, ele escreveu para a mulher, Katherine – a quem chamava de Kay –, quando soube, “as fotos são os bens mais valiosos que tenho comigo”.^[6] Logo depois, ele embarcou para a Inglaterra. Não veria a filha por mais de dois anos.

Designado para treinamento no Civil Affairs, em Shrivenham, o determinado Rorimer logo conseguiu ser indicado para trabalhar com os monumentos. “Aos poucos vou conhecendo mais ‘historiadores’ de arte aqui”, ele escreveu para a mulher depois de estacionado na MFAA. “Seremos mantidos em um fundo comum para servir quando, onde e se necessário... Eu fico em segundo plano enquanto os outros fazem política.”^[7]

Com formação em arte francesa e conhecimento da língua, Rorimer esperava trabalhar nas preparações para a invasão do seu “país europeu preferido”.^[8] Mas a MFAA era uma confusão. Em abril, com um posto de oficial dos monumentos, mas sem atribuições, Rorimer saiu em busca de algo útil para fazer. Finalmente encontrou algo no dia 9 de abril – ensinar os oficiais a dirigir caminhões do Exército. Com sua usual perseverança e empenho no trabalho, ele logo se tornou um especialista em caminhões e dava aulas durante oito horas por dia. Mas admitiu para Kay que “venho realizando trabalho com monumentos no campo sempre que tenho um momento livre”.^[9]

Mas, no dia 30 de abril, ao surgir uma oportunidade de ser um oficial de relações públicas e historiador em outra unidade, ele imediatamente aproveitou a chance. Mas o chefe da MFAA, Geoffrey Webb, recusou-se a liberá-lo. “Minha

designação propriamente dita depende das circunstâncias, dos humores, da política e de Webb”, queixou-se com Kay.^[10] Ele acreditava no trabalho com os monumentos, mas, como o garboso conservador do Fogg, George Stout, que tinha passado anos tentando fazer a unidade sair do chão, Rorimer não acreditava muito que o esforço uma dia se cristalizasse. “Diga a Sachs que tudo que eu temia aconteceu”, ele escreveu pouco mais de um mês antes do Dia D, “e que eu estou bem empregado ensinando sobre manutenção de veículos e motores.”^[11] Uma semana depois, no dia 7 de maio, ele tinha mudado de ideia. “Alguns dias, ou horas – de vez em quando – a gente pensa que o Civil Affairs são o serviço mais maravilhoso do mundo... Nós (Monuments Men) temos uma tarefa extraordinária a cumprir e estou satisfeito que as coisas estejam sendo tratadas da melhor maneira possível.”^[12]

O fato é que James Rorimer não estava condicionado para o cozimento em banho-maria burocrático do Exército. No Metropolitan Museum, ele tinha subido rápido na hierarquia. Apesar de sua juventude, havia passado por cima de todas as dificuldades de criar um novo departamento do museu como os Cloisters, cultivando um grande patrono em John D. Rockefeller Jr. e organizando uma equipe heterogênea. No Exército, Rorimer estava na base de uma imensa burocracia e totalmente impotente; uma promoção a segundo-tenente ainda significaria ser o oficial de nível mais baixo no Exército e na MFAA. “A guerra interrompe muitas coisas”, ele escreveu para a mulher em abril, “particularmente se alguém é um oficial júnior com uma carreira civil contínua de sucessos. Só espero que meu desejo de servir não seja no devido tempo dificultado pelos sujeitinhos que brincam de política e exibem patentes.”^[13] Ele só recebeu sua nomeação na MFAA mais de quatro semanas depois da invasão da Normandia; logo depois, estava no continente. Livre do emaranhado burocrático da Inglaterra, com a nomeação de seus sonhos, não havia como Rorimer falhar – não importava o quanto a tarefa fosse difícil ou insegura.

Na Normandia, cada Monuments Man tinha uma zona de batalha pela qual era responsável. Quase todas correspondendo a grupos de batalha individuais, como o I e III Exércitos dos Estados Unidos ou II Exército britânico. O de Rorimer era a Zona de Comunicações, a área por trás das linhas de frente onde

as estradas eram construídas e os suprimentos transportados. Infelizmente, as informações nas fronteiras da Zona de Comunicação mudavam tão rápido que era quase impossível acompanhá-las – ou às vezes até saber a exata localização das linhas de frente. A Normandia era entrecortada de sebes, enormes barragens de terra encimadas por árvores e moitas que separavam os campos e resguardavam as estradas. Havia, com frequência, oito ou dez por quilômetro, limitando a visibilidade do campo vazio a sua frente e, do outro lado, o muro ameaçador da próxima sebe. Depois de duas ou três, todas estendendo-se em ângulos assimétricos, os comandantes não sabiam se estavam avançando ou retrocedendo.

– É só não sair da estrada – um oficial aconselhou Rorimer quando ele estava para sair do quartel-general para seu primeiro dia em campo. – E mantenha a cabeça baixa. Um oficial do Monuments morto não serve de nada. ^[14]

Na frota de veículos motorizados, um soldado conferiu suas ordens e sacudiu a cabeça.

– Sinto muito, tenente, a seção Monuments não está na lista. O senhor vai ter de pegar uma carona. Tem sempre caminhões saindo – consertar fio, transportar suprimentos, enterrar os mortos. O senhor não vai ter qualquer dificuldade.

Rorimer partiu no primeiro comboio que o aceitou. Tinha dezenas de sítios para visitar, mas nenhum plano e nenhum objetivo definido. Tinha apenas o desejo de agir, de ser útil. Sua primeira parada foi Carentan, elo estratégico entre as praias de Omaha e Utah. A cidade tinha sido destruída recentemente por bombardeios aéreos e artilharia dos Aliados, mas, em meio à carnificina, Rorimer ficou surpreso ao encontrar um prédio da lista dos monumentos protegidos – a catedral – quase intocado. Só a torre tinha sido danificada e, mesmo assim, era pouca coisa. Rorimer baixou o binóculo. Sua primeira tarefa era registrar a condição do monumento depois da batalha; a segunda, supervisionar obras de reparos de emergência, se necessários. A torre, por não correr perigo imediato de ruir, permitiu que ele não se demorasse em Carentan. Ele recrutou o idoso arquiteto departamental francês de Cherbourg, que também estava inspecionando as ruínas, para assumir a responsabilidade de reforçar a torre, em seguida fez um sinal para um garoto que o observava na sombra do outro lado da

rua.

– Tu veux aider? – Rorimer perguntou. – Quer ajudar?

O menino concordou com um movimento de cabeça. Rorimer enfiou a mão na mochila.

– Quando aquele homem descer da torre – ele instruiu o menino em francês –, diz para ele que eu fui para outra cidade. Depois pede para colocar isto no prédio.

E entregou vários cartazes para o menino. Depois disse, em inglês e em francês:[15]

PROIBIDO ENTRADA

A todo pessoal das Forças Armadas

MONUMENTO HISTÓRICO

Entrar neste local ou retirar qualquer material ou artigo está
terminantemente proibido por ordem do comandante

Uma terceira tarefa do Monument Man, e talvez a mais importante, era garantir que não ocorressem mais danos, causados por soldados ou cidadãos locais. Monumentos protegidos, mesmo em ruínas, não deveriam ser perturbados. Ele observou o menino se afastar em direção à catedral, um pontinho esfarrapado contra o fundo de pedras quebradas e vidros estilhaçados. Não usava nem sapatos. Rorimer foi atrás dele, agarrou-o pelo ombro:

– Merci – disse, entregando-lhe um chiclete.

O menino pegou e sorriu, depois se virou e correu para a catedral.

Minutos depois, Rorimer tinha partido em outro comboio para conferir outro monumento. Em poucos dias, não sabia nem dizer onde tinha estado sem ajuda de sua agenda de campo e a relação de monumentos. As cidades se confundiam enquanto ele ia e vinha refazendo seu caminho em busca de transporte. Ele podia ficar uma hora em uma estrada apinhada de tanques, todos equipados com suas tripulações e aríetes de metal apontados. “Tanques rinocerontes”, ele os chamava, perfeitos para dirigir por entre as sebes em vez de passar por cima delas. Em seguida o jipe virava uma esquina e não haveria ninguém durante quilômetros. Em um trecho, as sebes estariam incineradas ou

cortadas, o solo crivado de crateras de bombas e transformado em um lamaçal sob as botas. No seguinte, as vacas descansavam indolentes à sombra das fileiras de árvores, tão pacíficas como no verão anterior. Algumas cidades estavam destruídas; outras intocadas. Mesmo nas cidades, um quarteirão estaria dizimado e o próximo, parcialmente inteiro – até você notar uma janela quebrada ou um segundo andar onde uma bala perdida tinha ido parar. A guerra não chegava como um furacão, Rorimer percebeu, destruindo tudo pelo caminho. Ela vinha como um tornado, que toca o chão em trechos, leva com ele uma vida, enquanto deixa a pessoa ao lado ilesa.

Havia apenas uma constante, pelo visto, naquele deserto de destruição e alívio temporário: as igrejas. Em quase todas as cidades, Rorimer via a cena daquela primeira vez em Carentan: igreja intacta, torre quebrada. A Normandia era plana, e o ponto mais alto em quilômetros era em geral uma torre de catedral. Os Aliados ocidentais não violariam a santidade de uma catedral; os alemães não demonstravam tantos escrúpulos. Desrespeitando o Regulamento da Guerra em Terra estabelecido nas Convenções de Haia, atiradores de tocaia e observadores costumavam se esconder nas torres, abatendo tropas e lançando tiros de morteiro sobre as unidades que avançavam. Os Aliados aprenderam a apelar para seu próprio fogo concentrado, derrubando torres, mas deixando o resto da catedral em grande parte incólume. Rorimer não sabia se os Aliados estavam examinando as listas de monumentos protegidos ou não, mas isso não tinha importância. Os comandantes militares sabiam, inerentemente, que algumas estruturas mereciam ser preservadas.

Nem todas as catedrais foram preservadas. Em La Haye Du Puits, Rorimer precisou desalojar camponeses amontoados que iam ali rezar todos os dias; a estrutura estava seriamente danificada, e ele temia que o estremecimento provocado pelos veículos blindados e peças de artilharia que transitavam pela rua do lado de fora fizesse ruir a torre. Buldôzers aliados tinham empurrado o entulho da parte central da igreja de Saint Malo (em Valognes) para a nave visando limpar uma rota de suprimentos. Os cidadãos gritavam e imploravam por alívio, mas quando Rorimer lhes disse que não tinha outro jeito, eles compreenderam. Este era o preço da liberdade.

Houve visitas mais próximas. A abadia histórica de Saint Sauveur le Vicomte,

um depósito de munições alemão, foi destruída por bombardeios aéreos dos Aliados. Quando Rorimer chegou, os pracinhas americanos alimentavam crianças com suas próprias rações; estavam lá dentro 56 órfãos e 35 freiras.

– A abadia é abençoada – a madre superiora lhe disse. – Ela foi destruída, mas todos escaparam sãos e salvos.

O château de Comte de Germigny fora incendiado pelos bombardeios dos Aliados. Ao se aproximar, Rorimer pôde ver os fragmentos de muros, escurecidos nas bordas, projetando-se como enormes ombros de pedra. Em sua sombra, um bulldôzer recuava, preparando-se para derrubar uma das últimas paredes quase inteiras. Era uma prática comum derrubar paredes danificadas; o Exército usava as pedras como material básico para estradas. Mas este château estava na lista dos monumentos protegidos, e essa parede em particular fazia parte da capela privativa do château. Nos fundos, Rorimer notou duas grandes estátuas do século XVIII.

– Pare o bulldôzer – ele gritou para o engenheiro surpreso, que sem dúvida havia passado os últimos dias derrubando outras paredes do château danificado.

– Este é um sítio histórico. – Ele mostrou sua lista de monumentos protegidos. – Não é para ser destruído.

Minutos depois, o comandante apareceu pisando com dificuldade sobre o entulho.

– O que está acontecendo aqui... segundo-tenente? – A menção do posto de Rorimer, o oficial de nível mais baixo no Exército, era intencional. Os Monuments Men não tinham autoridade para dar ordens; o papel deles era só de alertar, e esse oficial sabia disso.

– Este é um monumento histórico. Não deve ser danificado.

O oficial olhou para a parede quebrada e para os fragmentos de pedra:

– Os pilotos deviam ter pensado nisso.

– É propriedade privada, senhor. Deve ser respeitada.

O oficial tentou conversar com o homem mais novo – mais novo no posto, se não na idade:

– Temos uma guerra a vencer aqui, tenente. Minha tarefa nessa guerra é assegurar que esta estrada passe por aqui.

O oficial se virou para ir embora. Em sua cabeça, a conversa tinha terminado,

mas James Rorimer era um buldogue; baixo, atarracado e não temia desafios. Com persistência e muito esforço ele havia chegado aos mais altos níveis do Metropolitan Museum, a maior instituição cultural dos Estados Unidos, em menos de dez anos. Ele tinha essa mistura potente de ambição e fé; nele mesmo e em sua missão. Não tinha prática em fracassos, e não pretendia começar agora.

– Fotografei essa parede para um relatório oficial.

O oficial parou e se virou de novo. A ousadia desse bastardo. Quem ele pensava que era? Rorimer mostrou uma cópia da proclamação de Eisenhower sobre monumentos e guerra:

– Só em caso de necessidade, Senhor. Ordens do supremo comandante. Quer passar o resto de sua excursão explicando por que essa demolição foi uma necessidade militar, não uma conveniência?

O oficial olhou para o homenzinho nos olhos. Parecia um soldado, mas agia feito um idiota. Esse maluco não sabia que estava acontecendo uma guerra? Mas, só de olhar para James Rorimer, ele viu que não adiantava. – Tudo bem – o oficial resmungou, sinalizando para o buldôzer se afastar da parede. – Mas é um jeito muito estranho de fazer guerra.^[16]

Rorimer pensou na abadia de Saint Sauveur le Vicomte, onde tinha encontrado pracinhas americanos dividindo suas rações com as crianças. Os soldados estavam acampados na chuva, depois de receberem ordem de saírem das camas secas e quentes das freiras por um general de combate que compreendeu o valor histórico e cultural da abadia. Esse general não devia ser muito popular com as tropas, mas Rorimer sabia que eram homens assim que conquistavam o respeito dos franceses.

– Eu discordo – Rorimer disse para o oficial em Comte de Germigny. – Acho que é exatamente assim que se faz uma guerra.

Carta de George Stout à sua mulher, Margie
14 de julho de 1944

Querida Margie,

A sorte me sorriu três dias atrás e tenho um alojamento debaixo de um teto. É um grande conforto e estou aproveitando ao máximo enquanto dura.

Pode anotar o que estou dizendo: tiro o chapéu para o povo da França. Não falo das pessoas importantes na política. Elas podem ser competentes, mas não sei nada a respeito delas. O valor do povo simples do campo é tocante. Todos veem quando eles andam pelas estradas. Aleijados e moídos, e aparentemente sem se alterar, eles continuam trabalhando. São bondosos com a gente – mais do que merecemos – e muito cordiais. A própria bandeira tricolor deles está pendurada em centenas de portas de chalés, e um número surpreendente de bandeiras americanas. Onde eles as conseguem é impossível imaginar. Devem ter sido costuradas nos forros de suas roupas. Algumas despretensiosamente feitas em casa, costuradas com as tiras brancas e com um tom parecido com vermelho, as estrelas bordadas. Andando pelas estradas acenamos para eles o tempo todo, e muitas vezes eles ficam de pé diante de casas em ruínas. Nenhum desfile de vitória se compara ao que isso significa...

Escrever agora me faz sentir como se eu tivesse perdido pelo menos um de meus sentidos. Não posso ouvi-la ou vê-la e me pergunto se você me ouve. Uma coisa é bem certa. Eu a amo.

Seu,

George

Um encontro no campo de batalha

NORMANDIA, FRANÇA

AGOSTO DE 1944

Uma antiga encruzilhada, a cidade de Saint-Lô ficava no alto dominando a vista de uma estrada principal leste-oeste na Normandia. Desde o início de junho, a 29ª Divisão de Infantaria (os “29^{ers}”) tinha se atolado ali em um confronto mortal com a 352ª Divisão alemã. Em meados de julho, não havia quase nenhum homem vivo de um lado ou de outro que tivesse combatido no Dia D.

No dia 17 de julho, uma hora antes do alvorecer, os 29^{ers} iniciaram um ataque geral a Saint-Lô, sem qualquer reforço de reserva. Foi um ataque-surpresa; os homens saltaram sobre as trincheiras alemãs usando basicamente baionetas e granadas de mão. Eles atravessaram as linhas inimigas ao alvorecer e tomaram a área elevada a menos de 1,5 quilômetro da cidade. Os alemães contra-atacaram, mas a investida maciça da artilharia e bombas incendiárias dos Aliados amorteceu o ataque deles. Na bruma fumacenta de uma manhã francesa, os 29^{ers} avançaram sobre a última colina e viram pela primeira vez o objetivo pelo qual haviam lutado e morrido. “Saint-Lô tinha sido atacada por B-17s no Dia D e em todos os dias claros desde então”, escreveu o historiador Stephen Ambrose. “O centro do lugar era uma pilha inerte de entulho ‘onde ruas e calçadas mal se distinguiam.’” [1]

Mas a cidade não estava morta. Por trás de cada pilha de pedras havia um soldado alemão à espreita. O avanço dos Aliados logo se tornou uma batalha acirrada, com grande parte do combate centrado no cemitério próximo às ruínas da igreja de Sainte Croix. Balas despedaçavam lápides à medida que tanques rinocerontes equipados com aríetes de fabricação caseira atropelavam os túmulos como se fossem sebes, forçando os alemães de volta à cidade dizimada. Quando a batalha finalmente terminou com a vitória dos Aliados, os 29^{ers} embrulharam o

corpo do major Tom Howie, ex-professor e um dos oficiais mais populares, em uma bandeira americana e o içaram até o topo do monte de pedras que um dia tinha sido a igreja de Sainte Croix. A cidade finalmente estava nas mãos dos Aliados, mas a um custo tremendo. A 29ª Divisão tinha perdido mais homens em Saint-Lô do que na praia de Omaha.

James Rorimer foi enviado a Saint-Lô para avaliar os danos. Encontrou a cidade em ruínas, os mortos insepultos no entulho, os moradores sem teto tropeçando em pilhas de madeira lascada e cinzas em busca de comida e água.

– Os alemães tacaram fogo nas casas com gasolina – um homem lhe disse, avançando com cautela no meio dos escombros. – Eles plantaram minas em todas as ruas principais.

Em algum lugar ali perto uma mina explodiu; outro prédio ruiu. O arquiteto da prefeitura chorou ao ver pela primeira vez o bairro histórico da cidade. Os alemães tinham construído trincheiras e fortes de concreto subterrâneos ao redor e dentro dos monumentos mais importantes da cidade, e os Aliados os haviam bombardeado sem deixar nada de pé. Bombas abriram crateras nos principais prédios do governo, que foram em seguida devorados pelas chamas. O Hotel de Ville, cuja biblioteca continha a carta de Guilherme, o Conquistador, foi destruído. O museu vizinho e seus séculos de tesouros acumulados foram reduzidos a pó. O centro da igreja de Notre-Dame era uma pilha de entulho de 6 metros de altura. As partes da igreja que ainda estavam de pé, Rorimer notou, estavam “cheias de granadas, bombas de fumaça, caixas de ração e toda espécie concebível de escombros. Havia armadilhas com granadas no púlpito e no altar”.

[2]

Os oficiais no quartel-general acharam o relatório de Rorimer tão inacreditável que o coronel encarregado das Relações Cíveis fez sua própria inspeção. Ele encontrou o cenário, no mínimo, ainda mais terrível do que Rorimer descrevera. Estimativas posteriores classificaram a destruição em 95%, uma escala rivalizando apenas com as piores cidades alemãs bombardeadas. O grande escritor irlandês Samuel Beckett, um expatriado na França, descreveu Saint-Lô como “a Capital das Ruínas”.^[3] O inventário de objetos destruídos de Rorimer incluía não apenas a arquitetura antiga da cidade, mas centenas de anos de arquivos, uma estonteante coleção de cerâmicas, inúmeras coleções de arte

particulares e, talvez o mais triste, uma grande coletânea de manuscritos com iluminuras, preparados e coletados pelos monges do mosteiro do Mont Saint Michel. Os manuscritos de valor inestimável, originais feitos à mão, decorados com ilustrações, e datando em alguns casos do século XI, tinham sido transferidos para os Arquivos Departamentais em Saint-Lô por segurança.

Mas a destruição, embora lamentável, estava longe de ser injustificada. A captura de Saint-Lô foi a cavilha de roda do sucesso dos Aliados, dando-lhes o terreno alto de onde podiam localizar com precisão a artilharia e os ataques aéreos no coração das defesas alemãs. Poucas semanas depois, após o maior bombardeio aéreo da história militar, o I Exército e o III Exército dos Estados Unidos entraram pela brecha em Saint-Lô, finalmente rompendo o “Anel de Aço” alemão que tinha mantido os Aliados confinados na Normandia por dois meses. Se houve um dia uma cidade-símbolo da complexidade da missão dos Monuments Men, a dificuldade para equilibrar preservação e avanços estratégicos, essa foi Saint-Lô.

Era justo, portanto, que os Monuments Men em campo se reunissem como um grupo pela primeira vez nos arredores das ruínas de Saint-Lô. O encontro se deu no dia 13 de agosto, exatamente quando o general Patton, que vinha se afastando da cidade na direção leste, virava seu III Exército para noroeste em uma tentativa de cercar o exército alemão. Embora a batalha pela Normandia não estivesse oficialmente terminada, a vitória parecia inevitável, e era hora tanto de avaliar o passado como de considerar o futuro. Tinham sido meses difíceis, e o cansaço em seus ossos era testemunha da dificuldade da missão. James Rorimer, pegando uma carona para sair do quartel-general, estava praticamente dormindo dentro de suas botas sujas de lama. Ele estava acompanhado do arquiteto-capitão Ralph Hammett, um colega Monuments Man servindo na Zona de Comunicações. O major Bancel LaFarge, o especialista em prédios de Nova York e primeiro Monuments Man a desembarcar, chegou em um carro pequeno providenciado por seus colegas no II Exército inglês. Em fevereiro, LaFarge deixaria o campo para ser o segundo em comando na MFAA. O capitão

Robert Posey, o arquiteto de Alabama e estranho no grupo, que fora designado para o III Exército implacável de George Patton, não conseguiu transporte para deixar o front e perdeu a reunião.

Olhando de fora, não pareciam lá essas coisas como grupo: três homens de meia-idade de uniformes amarrotados de cor marrom, menos da metade dos oitos oficiais da MFAA que eram esperados na Normandia. Não se viam desde Shrivenham, e nos rostos uns dos outros perceberam como estavam diferentes daqueles homens de carreira polidos que eles eram não fazia muito tempo. Não havia lavanderia na Normandia, nem chuveiro, nem licença. Tinham passado semanas deslocando-se com dificuldade por intermináveis campos de batalha e cidades brutalizadas, com frequência sob fortes chuvas de verão que transformavam em lamaçais todos os trechos de terra. Estavam exaustos, sujos, frustrados... Mas vivos, física e espiritualmente. Podiam ver isso nos olhos uns dos outros. Depois de todos aqueles meses e anos esperando, era bom estar fazendo alguma coisa, qualquer coisa, para ajudar a causa dos Aliados.

“Acho que nunca me senti tão feliz”, James Rorimer tinha escrito para a mulher. “Trabalho de manhã até a noite e com a esplêndida colaboração de meu coronel e sua equipe. Não só tenho as devidas credencias de uma autoridade superior mas o fato de ser um escravo do trabalho e ter recebido treinamento na infantaria está agora revertendo em dobro. Meu francês é sempre tudo menos vacilante e estou fazendo todas as coisas que quis fazer desde que a guerra foi declarada.”^[4]

Isso não queria dizer que o trabalho fosse fácil: longe disso. Os homens todos tinham percebido que estavam realmente por sua conta própria no campo de batalha. Não havia procedimentos definidos a seguir; nenhuma cadeia adequada de comando; nenhum modo certo de lidar com oficiais de comando. Eles tinham de sondar cada situação; improvisar hora a hora; encontrar um jeito de terminar um trabalho que parecia mais desanimador a cada dia. Não existia qualquer autoridade real, mas serviam meramente como conselheiros. Quando estavam no campo de batalha, não havia ninguém ali para ajudar exceto os homens alistados e oficiais a quem convenciam de que sua causa era justa. Aqueles que esperavam regras claras, poder, ferramentas adequadas ou mesmo sucesso visível seriam considerados rapidamente incapazes para o serviço. Mas

para aqueles, como James Rorimer, que prosperavam abrindo caminho à força em um ambiente difícil e às vezes mortal, era uma descarga de adrenalina que nenhum trabalho civil podia proporcionar. Como Rorimer escreveu: “Não é o momento para considerações pessoais... Kay, você estava certa, é uma experiência emocionante.” [5]

Não adiantava se queixar. Eram os parâmetros da guerra deles, e em vista de todos os outros deveres na zona de combate, não era uma guerra ruim de se travar. Rorimer nunca foi de se queixar; sempre tinha sido um doador. Por isso estava aqui. E isso era o que ele esperava fazer a partir de agora e até que Hitler estivesse morto e debaixo da terra, e o Exército alemão enterrado com ele.

Não obstante, apesar das melhores intenções de todos, a conversa logo mudou para os problemas. Não havia cartazes suficientes de “Proibido Entrada” – alguém disse – para todas as igrejas danificadas, muito menos para os outros prédios. Câmeras supostamente haviam sido encomendadas para Hammett e Posey, mas ainda não tinham chegado. E ninguém tinha um rádio. A tarefa deles era solitária. Não eram uma unidade; eram indivíduos com territórios individuais, com objetivos e métodos individuais. Como oficiais vagando sozinhos em campo se comunicariam com os quartéis-generais, e uns com os outros, sem um rádio?

Rorimer estava prestes a colocar à tona o assunto do transporte designado permanentemente – ou a falta dele – quando notou o dilapidado Volkswagen alemão atravessando aos solavancos um campo vizinho. Atrás do volante, com o pé firme no pedal da gasolina, estava um americano com o uniforme de oficial-padrão: capacete de metal, camisa de lã, calças verdes e botas de campo sob um par de galochas. Embora estivesse quente, ele vestia uma jaqueta de campo para se proteger da chuva, que surgia de repente durante todo o verão. O carro não tinha para-brisa, portanto o oficial usava óculos de proteção vistosos, semelhantes aos usados pelos pilotos da Primeira Guerra Mundial. Ao redor de seu capacete havia uma faixa azul; na frente da jaqueta estavam as grandes letras brancas “USN”, marcas inconfundíveis de um homem da marinha. Foi isso mais do que tudo que disse a Rorimer que o homem por trás do volante era seu colega George Stout.

Stout desceu do carro, arrancou fora os óculos e limpou cuidadosamente a

poeira da estrada do rosto e das roupas. Quando tirou o capacete de combate, que descia quase cobrindo seus olhos, eles notaram que seus cabelos estavam com um corte recente e cuidadosamente penteados. Os vincos da lavanderia eram igualmente recentes. Tom Stout mais tarde descreveria como seu pai, no crepúsculo da vida, caminhava pelas alamedas no campo perto de sua casa em Massachusetts vestindo um paletó esporte, plastrão e boina, bengala na mão, parando frequentemente para conversar com pessoas conhecidas. Ele parecia transpirar a mesma confiança casual em Saint-Lô, um ar de fidalguia estragado apenas pelo Colt .45 em um lado do quadril e a adaga no outro. O que era maravilhoso na vida civil, entretanto, era mágico no campo de batalha. O garboso George Stout, ao contrário dos outros Monuments Men, não parecia desgastado.

A primeira coisa que todos quiseram saber era onde ele tinha conseguido o carro.

– Não tem buzina, a transmissão escapa, o freio é fraco, a barra de direção está frouxa e não tem capota – Stout lhes disse –, mas sou muito grato aos alemães por terem-no deixado para trás.

– Você o requisitou, então?

– Eu o encontrei – Stout disse simplesmente. Aqui estava um homem que havia mudado a área de conservação com um velho arquivo de cartões de biblioteca; ele não perderia tempo se queixando, não quando havia fartura de suprimentos ao redor.

“Stout era um líder”, Craig Hugh Smyth, que chegou mais tarde ao Monuments Men, certa vez escreveu a seu respeito, “tranquilo, altruísta, modesto, porém muito forte, muito solícito e extraordinariamente inovador. Seja falando ou escrevendo, ele era econômico nas palavras, preciso, vívido. As pessoas acreditavam no que ele dizia; as pessoas queriam fazer o que ele propunha”.^[6]

Foi George Stout quem convocou a reunião, e como qualquer outro bom líder (embora não estivesse acima de qualquer um desses homens na cadeia de comando), suas intenções não eram meramente trocar anotações. Ele tinha sido um dos primeiros Monuments Men a desembarcar, chegando na Normandia no dia 4 de julho, e nas últimas seis semanas havia provavelmente viajado mais

quilômetros e salvado mais monumentos do que qualquer um deles. Não tinha vindo a Saint-Lô para congratulações ou queixas. Viera para identificar problemas e descobrir como solucioná-los.

Não havia cartazes de “Proibido Entrada” suficientes? Rorimer cuidaria de mandar imprimir quinhentos imediatamente. Não havia muita eletricidade na Normandia, mas o Exército tinha uma máquina impressora em Cherbourg que ligavam à noite. Enquanto isso, os outros homens podiam fazê-los em campo.

Soldados e civis tendiam a ignorar cartazes feitos à mão? Stout tinha a solução para isso, também: usar fitas brancas da engenharia ao redor de locais importantes. Nenhum soldado vasculharia um sítio nitidamente marcado “PERIGO: MINAS!”

A orientação geral da MFAA era para que se utilizassem civis franceses para pendurar os cartazes sempre que possível, para não dar a impressão de que os Aliados eram invasores. Crianças, Rorimer sugeriu, eram com frequência os mais úteis. Estavam ansiosas para agradar e, em geral, não queriam mais do que um chiclete ou um chocolate. – As autoridades culturais locais são boas também – ele disse. – Um pouco de orientação e incentivo, e elas podem cuidar de tudo, menos das tarefas mais complicadas.

Quanto às câmeras, todos concordaram que era impossível trabalhar sem elas, mas por enquanto eles tentariam.

A comunicação era outro problema. Estavam isolados em campo, sem ter como entrar em contato com os quartéis-gerais e nem compartilhar as informações entre eles. Seus relatórios oficiais levavam semanas para chegar a todos, e então não serviam para muita coisa além de arquivos. Muitas vezes, depois de horas árduas e perigosas na estrada, um Monuments Man acabava encontrando o sítio protegido já inspecionado, fotografado e definido como proibido, e em meio a reparos de emergência. E se um súbito contra-ataque alemão mudasse de lugar as linhas de frente enquanto um Monuments Man estivesse em campo?

– É pior com os britânicos – murmurou Rorimer, que tinha ficado muito frustrado com o perambular desorientado do Monuments Man britânico, lord Methuen. – Eles não ficam em suas zonas. E não existe comunicação.

– Os britânicos estão tentando resolver isso – disse o capitão LaFarge.

– Quanto aos relatórios – Stout sugeriu –, vamos começar fazendo cópias adicionais para cada um quando os enviarmos ao Ad Sec.

Isso levantou a questão dos assistentes. Cada homem precisava de, no mínimo, um assistente qualificado alistado, Stout ainda pensava, e de preferência um fundo de especialistas nos quartéis-generais de onde eles seriam selecionados, também.

O problema mais urgente, entretanto, era a falta de transporte. LaFarge tinha seu carro velho e Stout, um Volkswagen sem capota, mas o resto estava perdendo horas preciosas pedindo carona, e mais tempo ainda preso nas rotas ineficientes que as caronas exigiam.

– O Exército tem sempre a mesma resposta – Rorimer resmungou. – A Comissão Roberts em Washington deveria ter arrumado tabelas adequadas de organização e equipamentos.

– E a Comissão Roberts diz que o Exército não tolera interferências – Stout respondeu, resumindo a situação ad hoc, improvisada, de toda a missão. Mas, sempre otimistas, Hammett e Stout tinham conseguido combinar uma reunião para o dia 16 de agosto com os oficiais de serviço do 12º Grupamento Militar dos Estados Unidos, quando tratariam de todos os assuntos discutidos.

Tendo tratado de todas as questões básicas, a conversa passou para observações mais gerais. Todos concordaram, apesar dos óbvios problemas, que a missão tinha sido um surpreendente sucesso. Eles tiveram sorte: a área a cobrir era pequena e a Normandia, embora muito bonita, tinha relativamente poucos monumentos designados para proteção. Era o lugar perfeito para se começar. Eles teriam de ser mais eficientes no futuro, sabiam disso, mas por enquanto estavam satisfeitos. Os franceses eram corajosos, estoicos e gratos. Os soldados Aliados respeitavam a cultura francesa e estavam abertos a sugestões. Havia um obstáculo um nível acima da campanha; a burocracia do Exército simplesmente se recusava a apoiar a missão. Mas os comandantes no solo, em geral, apesar dos ocasionais chatos, respeitavam o trabalho. Suas experiências confirmavam a crença original de George Stout de que um homem no solo, falando cara a cara, era o único modo de a missão ter sucesso.

Sua verdadeira preocupação era com os alemães. Quanto mais os Monuments Men aprendiam sobre o comportamento deles, mais preocupados ficavam. Os

alemães tinham igrejas fortificadas. Tinham armazenado armas em áreas habitadas por mulheres e crianças. Queimado casas e destruído infraestruturas, às vezes com propósitos estratégicos, mas, quase sempre, apenas porque podiam. Seus comandantes, dizia-se, atiravam em suas próprias tropas se elas ameaçassem recuar. James Rorimer, depois de um instante procurando, mostrou um cartão de visitas comercial. Na frente havia um nome: J. A. Agostini, um funcionário da cultura francês na cidade de Countances. No verso, o homem havia rabiscado, “Certifico que o pessoal militar alemão usou caminhões da Cruz Vermelha para pilhagem e que às vezes estavam acompanhados de seus oficiais”.^[7]

– Um alerta de mau agouro – George Stout disse, dando voz ao pensamento de que todos pensavam. Ninguém nem mesmo se deu ao trabalho de concordar.

– Seu idiota – o novo e bem menos compreensivo oficial-comandante de James Rorimer respondeu dias depois, quando o Monuments Man pediu autorização para se afastar 160 quilômetros do caminho para inspecionar o Mont Saint Michel, uma fortaleza medieval sobre uma ilha rochosa formada pela maré na costa da Bretanha. – Esta é uma guerra do século XX. Quem se importa com paredes medievais e piche fervendo?^[8]

Este era outro problema. O Exército estava sempre trocando os comandantes, e Rorimer nunca sabia quem seria o seu quando voltasse ao quartel-general – ou a atitude dele em relação à preservação cultural. Mas os Monuments Men contavam com o apoio do general Eisenhower, o supremo comandante, algo que o oficial de repente pareceu lembrar.

– Tudo bem – ele bufou. – Vai. Mas vou lhe dizer, Rorimer, é melhor sair daqui rápido e voltar depressa. Se ficar para trás...^[9]

Rorimer virou de costas para o oficial não ver seu sorriso. Imaginou que o resto da frase seria não vai fazer nenhuma diferença, e gostou da ideia. Ele sempre achava um certo prazer em perturbar os militares.

Incapaz de conseguir transporte oficial, mas intrépido como sempre, Rorimer contratou um carro civil – que o motorista francês havia escondido em um

monte de feno durante a ocupação alemã – para levá-lo até a costa da Bretanha. Uma contraofensiva alemã havia quase interrompido as linhas de Patton nos arredores da cidade de Avranches, mas a batalha pela Normandia estava por terminar e a área rural a oeste de Avranches estava tranquila. Durante a viagem, Rorimer pensava no Mont Saint Michel que tinha visitado anos atrás. “O Monte”, como a ilha rochosa era conhecida, ligava-se à França continental apenas por uma estreita passagem com 1,5 quilômetro de extensão. Ao redor da ilha, em suas margens, dependurava-se uma pequena aldeia; no topo, ficava o mosteiro do Mont Saint Michel, a famosa “Cidade dos Livros” medieval. Rorimer estremeceu ao pensar em quantos desses livros se perderam em Saint-Lô. Se o mosteiro tivesse desaparecido também... Ele se lembrava do claustro do século XIII; da abadia pairando nas alturas; do labirinto subterrâneo de criptas e capelas; da Salle des Chevaliers, com sua abóbada pontuda sustentada por uma tripla fileira de colunas. Era um prédio tão extraordinário que o Monument Man Bancel LaFarge lhe disse que ele o havia inspirado a ser arquiteto. O Monte resistira a mil anos de ataques e cercos, em grande parte devido à proteção das águas ao redor e da rápida maré, mas o poder da guerra moderna poderia colocar tudo abaixo com um único bombardeio.

Ele não precisou se preocupar por muito tempo. O Mont Saint Michel, podia-se ver a 1,5 quilômetro de distância, ainda estava de pé. Na entrada para a passagem, três cartazes de “Proibido Entrada” já haviam sido colocados pelo capitão Posey, o Monuments Man do III Exército de Patton. Infelizmente, eles não haviam impedido que a ilha fosse invadida. Havia tropas por toda a parte, lutando, gritando e, principalmente, bebendo. O Mont Saint Michel, Rorimer logo percebeu, “era o único lugar no continente que não estava guardado, não sofrera danos e estava com o comércio funcionando normalmente... Todos os dias mais de mil soldados chegavam em viagem de licença, bebiam o máximo e o mais rápido que podiam, e, sentindo os efeitos, tornavam-se violentos além do poder de controle local”.^[10] Os restaurantes estavam com escassez de comida e, pior ainda, de bebida. As lojas de souvenirs estavam vazias. E, apesar de um general de brigada britânico ter supostamente passado a noite no hotel local com uma mulher, James Rorimer não conseguiu encontrar um único oficial para se encarregar da situação.

Naquela noite, depois de inspecionar o mosteiro e o prédio antigos, expulsando tropas de áreas históricas e trancando com cadeado as portas, Rorimer jantou com o prefeito, cuja loja de souvenirs tinha sido esvaziada dias antes. Os homens decidiram, embora fossem muitos os argumentos em contrário, que o Mont Saint Michel devia continuar funcionando. Tinham sido três longos meses, e mais de 200 mil soldados Aliados estavam feridos, mortos ou perdidos. O fedor de morte – civis, soldados, animais de fazenda, cavalos – havia saturado o ar, a água, a comida e as roupas. Mas tinha terminado, pelo menos por enquanto. A batalha da Normandia foi uma vitória brutal, decisiva, dura, difícil, e não havia muita coisa que um oficial do Monuments pudesse fazer para impedir as tropas de comemorar. Portanto, quando o cansado prefeito saiu para se encontrar com sua mulher, Rorimer foi para um bar, apoiou as botas sobre uma mesa e ficou pensando no futuro entre goles de cerveja.

A Normandia ficara para atrás, mas o verdadeiro trabalho era o que vinha pela frente. Pensou nos soldados alemães transportando obras de arte em ambulâncias da Cruz Vermelha. Os nazistas cometeram crimes terríveis, ele tinha certeza disso, e se ele ia realmente participar do conserto do mundo das artes, precisava encontrar um jeito de ser transferido da Zona de Comunicações para o front. As evidências estavam ali em algum lugar, esperando para serem descobertas. E ele era o homem para fazer isso. O primeiro passo, entretanto, era ir para Paris.

Na manhã seguinte, Rorimer foi abordado por um policial militar da força aérea. O oficial pediu para ver seus documentos. Eles pareciam confirmar suas suspeitas, porque o soldado sorriu, balançou a cabeça e prendeu o Monuments Man.

– Nenhum oficial de nível tão baixo teria as responsabilidades que o senhor diz que tem – ele falou. – E nenhum oficial, de nenhuma patente, viajaria sem seu próprio transporte.

Até no quartel-general local, os oficiais estavam convencidos de terem tropeçado em um espião alemão. O policial estava jubiloso, sem dúvida imaginando promoções e comendas. O rapaz escoltou o “espião” de volta para o quartel-general de Rorimer antes de receber a notícia esmagadora: existia uma MFAA de verdade, e o segundo-tenente James Rorimer era realmente um de

seus membros. Os Monuments Men podem ter considerado seus primeiros meses na Europa um sucesso, mas nitidamente a missão tinha um longo caminho a percorrer.

Carta de George Stout à sua mulher, Margie
27 de agosto de 1944

Querida Margie,

Encontrei um envelope aéreo e, portanto, posso me espalhar um pouco. Faz uma semana que cheguei a meu quartel-general e tive uma chance de ver se havia alguma correspondência. Com um pouco de sorte talvez chegue amanhã e eu tenha notícias de você, querida.

O trabalho tem sido bastante exaustivo esta semana, mas nem um pouco deprimente. Durante dois dias fiquei alojado em uma cidade, de tamanho bastante razoável, e desfrutei de um bom quarto com uma família gentil... Uma casa encantadora de pessoas parecidas com muitas que conhecemos e fiquei impressionado com as ligeiras diferenças entre as nações, pelos menos entre nações civilizadas.

Conforme o front continua se movendo e as evidências se acumulam, o placar contra os alemães aumenta. Eles têm se comportado muito mal e, nos últimos dias de sua ocupação, como selvagens. Daqui, agora, eles não parecem um simples povo inocente com líderes criminosos. Eles parecem criminosos. E fico me perguntando quanto tempo vai levar para fazer com que vivam razoavelmente com o resto do mundo.

Estando em uma cidade, sinto-me muito desleixado e desarrumado em minhas roupas de campo – um chapéu de aço, sem gravata, geralmente sujo da poeira da estrada, e carregando uma arma. Manter-me limpo é sempre um problema. Ultimamente, não tenho tido tempo de lavar minha

própria roupa e, demorando-me pouco em cada lugar, não posso pedir para ninguém fazer isso.

Não há limites para a amizade com que nos recebem. Em outra cidade hoje, vi chegar um jipe coberto de flores. O cabo que dirigia disse, “Puxa, parece até que a gente ganhou a guerra”. Ontem, em uma aldeia pouco danificada pela guerra, uma menina trouxe a irmãzinha, de uns dois anos, para me dar uma maçã. Ela não quis aceitá-la de volta, nem o garotinho de outro vilarejo, que me deu um tomate. Todos querem apertar as mãos de todo mundo, pelo menos duas vezes...

Cuide-se. Quando esta carta chegar até você, o verão estará terminando e você pensando com tristeza nas reuniões de professores. Não procure fazer mais nada depois que começarem as aulas. Vou tentar receber meu pagamento direito qualquer dia destes e lhe mando algum dinheiro.

Suponho que tenha ouvido falar muito de fatalidades. Nós não sabemos de nada e não parece o pior.

Eu te amo e penso muito em você.

O seu,

George.

A Madona de Michelangelo

BRUGES, BÉLGICA
SETEMBRO DE 1944

N a última semana de agosto de 1944, a campanha no norte da Europa tinha virado um tumulto. Os alemães haviam depositado todas as suas reservas na preservação do “Anel de Aço” em torno da Normandia e, uma vez quebrado esse anel, abria-se um amplo campo para os Aliados ocidentais avançarem. Avançando rapidamente e quase sem resistência, eles encontraram milhões de quilos de comida deixados para trás, centenas de carregamentos de carvão, inúmeros veículos abandonados e soldados alemães feridos, e até vagões de trem cheios de lingerie e perfumes frutos de pilhagem. As aldeias estavam decoradas com flores, os habitantes ovacionando e oferecendo comida e vinho abertamente a seus libertadores. Os alemães sobreviventes haviam necessariamente deposto suas armas e corriam para casa.

Em 28 de agosto, as linhas de frente tinham avançado mais de 160 quilômetros, libertando Paris e atravessando seus subúrbios a leste. Em 2 de setembro, os Aliados tinham chegado à Bélgica, e um dia depois atravessaram quase metade do país e libertaram Bruxelas, a capital e maior cidade belga. Quatro dias depois, bem tarde da noite de 7 de setembro, ou possivelmente nas primeiras horas de 8 de setembro, o sacristão da Catedral de Notre-Dame, na cidade belga de Bruges, foi despertado de seu sono por uma batida na porta. Como ele demorava a responder, amarrando o roupão, a batida ficou mais forte e insistente. Quando ele chegou perto da porta, tinha alguém dando socos.

– Paciência, paciência – ele resmungou baixinho.

Havia dois oficiais alemães do lado de fora, um vestido com o uniforme azul da Marinha e outro de cinza-escuro. Atrás deles, na rua escura, o sacristão podia ver marinheiros alemães armados no quartel local, pelo menos vinte, talvez mais. Tinham vindo em dois caminhões marcados com a insígnia da Cruz Vermelha.

– Abra a catedral – um dos oficiais exigiu.

O sacristão levou os alemães para ver o deão.

– Temos ordens – o alemão falou, mostrando um papel. – Vamos levar o Michelangelo. Para protegê-lo dos americanos.

– Americanos? – O deão riu da audácia. – Dizem que os britânicos estão nos arredores da cidade. Não ouvi falar nada sobre americanos.

– Nós temos ordens – o comandante alemão repetiu, forçando a entrada. Uns poucos marinheiros entraram também. A mensagem era clara. O deão e o sacristão acompanharam os soldados de volta à catedral, destrancando as portas maciças com as velhas chaves de ferro. Atrás deles, a rua estava tranquila. Sob a ocupação alemã, ninguém, a não ser os rebeldes, saía de casa às duas da madrugada, e eles, é claro, ficavam pelas vielas. O blecaute pode ter dificultado os bombardeios aéreos pelos Aliados, mas também foi de grande ajuda para a Resistência.

– Vocês não vão conseguir tirá-la de Bruges – o deão disse ao comandante enquanto abria as portas antigas. – Os britânicos já estão em Antuérpia.

– Não acredite em tudo que você ouve – o alemão retrucou. – Ainda tem um jeito.

Uma vez lá dentro, os alemães foram rápidos. Guardas ficaram postados à porta. Soldados cercaram o santuário, fazendo sombra nas janelas, enquanto dois outros observavam o deão e o sacristão. O resto seguiu direto para a nave lateral norte da igreja, onde a escultura ficava trancada em uma sala construída especialmente pelas autoridades belgas em 1940. Os alemães escancaram as portas. À luz de suas lanternas de bolso, a única, em toda Bruges, a Madona cintilou. Era de tamanho natural e radiante, o rosto gentil e o manto de uma jovem mulher talhados por um jovem mestre, Michelangelo, no mármore mais precioso e branco da Itália. No brilho das lâmpadas de seus inimigos, a madona parecia olhar para baixo com uma expressão quase serena de tristeza; o Menino Jesus, parecendo nada mais do que um bebê impotente, dava impressão de sair com ar desafiante da alcova para a luz.

– Peguem os colchões – o comandante ordenou.

Quatro dias antes, o Dr. Rosemann, chefe da seção belga do Kunstschutz, a organização alemã para proteção de artes e monumentos, tinha estado na

catedral. Precisava ver a Madona uma última vez, disse, antes de deixar a Bélgica.

– Mantive uma fotografia dela sobre minha mesa todos estes anos – contou ao deão.

Depois de ver a escultura, Dr. Rosemann mandou que seus homens colocassem vários colchões na sala.

– Para proteger – disse – das bombas aliadas. Os americanos não são como nós; são selvagens. Como podem apreciar isto?

Os colchões eram para proteger, o deão agora percebia, mas não de bombas. Eram o meio mais rápido e seguro de transportar a estátua até os caminhões.

– E os quadros? – um marinheiro perguntou. Perto da Madona estavam penduradas muitas das obras mais magníficas da catedral.

O comandante considerou-as por um instante.

– Você aí – disse para um dos soldados perto da porta. – Vá buscar outro caminhão.

O deão prendeu a respiração quando os homens subiram para a base da preciosa estátua. Não conseguia afastar o olhar, temendo que a qualquer momento ela pudesse não existir mais. A seu lado, o sacristão fazia o sinal da cruz e murmurava orações, sem ousar olhar quando a estátua começou a oscilar em seu pedestal. Os marinheiros seguravam os colchões enquanto a estátua de 1,20 metro escorregava para frente, o peso do mármore empurrando-os todos para o chão. Mas ela estava salva, pelo menos era o que o deão achava. Estava deitada de borco sobre um colchão, mas pelo menos estava salva.

Enquanto uma dúzia de marinheiros levavam a Madona lentamente para uma porta lateral, outros montavam uma escada. Os soldados começaram a remover quadros enquanto o oficial-comandante andava de um lado para o outro jogando pontas de cigarro apagadas no chão à sua volta. De lá pra cá, de cá para lá.

– Este está muito alto – um marinheiro gritou. – Precisamos de uma escada maior.

– Fala baixo – o comandante ordenou. Ainda estava muito escuro lá fora; eles tinham bastante tempo. – Tente de novo.

A Madona estava se aproximando da porta. Os marinheiros pegaram o segundo colchão, como tinham sido instruídos claramente com antecedência, e o

colocaram sobre a escultura. Não protegeria muita coisa, mas ocultaria o roubo de olhos curiosos.

– Não adianta, comandante – disse um dos homens na escada.

– Então deixa – o comandante falou, irritado de repente com a operação. Eram cinco horas da manhã; ele não tinha dormido a noite inteira. Tudo por uma estátua. – Deixe o quadro; não é importante. Carregue o resto.

Demorou mais meia hora para içarem a estátua na parte de trás de um dos caminhões da Cruz Vermelha. Os soldados amontoaram-se no segundo caminhão. Os quadros foram no terceiro, aquele que o marinheiro tinha ido buscar uma hora antes. A primeira faixa delicada de luz do dia apenas tocava o horizonte quando o deão e o sacristão, de pé na porta lateral, em suas roupas de dormir, viram a Madona de Bruges, a única escultura de Michelangelo que saiu da Itália durante sua vida, desaparecer.

O deão interrompeu sua história e bebeu um gole de chá. A mão ainda tremia, de leve, mas dava para perceber.

– Acredita-se que ela deixou Bruges por mar – ele concluiu com tristeza –, embora talvez tenha sido de avião. Não importa, ela não está mais aqui.

À sua frente, o Monuments Man Ronald Balfour, colega de quarto de George Stout em Shrivenham, ajustou seus óculos de intelectual e registrou a informação em seu diário de campo. O estúdio do deão, com suas fileiras de livros, trazia-lhe à lembrança sua própria biblioteca em Cambridge.

– Alguma ideia de quando ela deixou a Bélgica?

– Não faz mais do que poucos dias, eu acho – o deão respondeu triste. – Possivelmente ontem, quem sabe? – Era 16 de setembro, oito dias desde o roubo e poucos dias apenas depois que os britânicos entraram triunfantes na cidade.

Balfour fechou seu caderno. Estivera tão perto. A Madona de Bruges escorregara por entre os dedos deles, por seus dedos, em algum lugar entre Bruges e o mar aberto.

– Gostaria de uma fotografia?

– Não preciso de uma fotografia – Balfour disse, preocupado com seus pensamentos. Estava no Exército britânico desde 1940. Três anos ele tinha passado recrutando homens de infantaria na Inglaterra rural. Oito meses, treinando como Monuments Man. Tinha achado que estava pronto. Estava

apenas havia três semanas no continente, vinculado ao I Exército canadense no flanco extremo norte do avanço, e a tarefa já parecia estar explodindo fora de seu controle. Uma coisa era entrar em Rouen, na França, e encontrar o Palais de Justice destruído. Uma bomba perdida dos Aliados havia, por um descuido, iniciado a destruição em abril; os alemães a completaram quando acidentalmente tacaram fogo em todo o bairro enquanto tentavam incendiar a estação telefônica, no dia 26 de agosto. Balfour escapou de salvar o Palais por menos de uma semana.

Mas isso era diferente. Não era dano de guerra ou uma decisão infeliz tomada durante um recuo apressado. O mundo sabia há muito tempo que os alemães tinham pilhado obras de arte. O fato de ainda estarem saqueando, mesmo diante de um avanço maciço dos Aliados, era algo impossível de imaginar para Balfour.

– Leve-os – o deão disse, oferecendo uma pilha de cartões-postais. – Distribua-os. Por favor. O senhor conhece a Madona. Mas muitos de seus soldados, não. E se eles a encontrarem em um celeiro? Ou na casa de um oficial alemão? Ou – ele fez uma pausa – no fundo do porto? Leve-os, para que eles a reconheçam e saibam que é uma das maravilhas do mundo.

O homem mais velho estava certo. Balfour pegou os cartões.

– Nós a encontraremos – disse.

CAPÍTULO 13

A catedral e a obra-prima

NORTE DA FRANÇA

FINAL DE SETEMBRO DE 1944

*

SUL DA BÉLGICA

INÍCIO DE OUTUBRO

Em meados de setembro de 1944, o último dos oficiais de campo originais da MFAA a chegar ao continente, o simpático escultor capitão Walker Hancock, voou direto de Londres para Paris. O avião foi obrigado a voar baixo por causa da proteção das nuvens, mas a Luftwaffe já havia desaparecido dos céus da França e havia pouco perigo. Da janela, Hancock podia ver Rouen onde uma ou duas semanas antes Ronald Balfour tinha descoberto a carcaça queimada do Palais de Justice. Mesmo olhando-se do céu a destruição na cidade era óbvia, mas depois de Rouen o interior estava tranquilo, as casas de fazenda, vacas e ovelhas nitidamente visíveis em sua eterna formação. Os campos fartamente cultivados, com suas linhas de sebes bem demarcadas, faziam lindos desenhos. Os vilarejos, com suas vielas calmas, pareciam em paz e prósperos – até você olhar com mais atenção e ver as cicatrizes da destruição. Todas as pontes, Hancock notou, estavam derrubadas.

Paris estava marcada pela guerra, mas, para Walker Hancock, mais bela do que nunca. A Torre Eiffel dominava o horizonte, é claro, mas era nos bulevares menores que estava o deslumbramento da libertação. Milhares de bandeiras francesas, britânicas e americanas ondulavam nas janelas e, exceto pelo ocasional comboio de caminhões militares, as ruas estavam vazias de tráfego motorizado. “Todos andam de bicicleta”, ele escreveu à mulher, Saima, “e o resultado é uma abundância de pernas bonitas. Parecia impossível imaginar Paris sem seus táxis –

mas eu vi. As luzes se acendem às dez horas da noite – depois de um longo anoitecer no escuro – e, é claro, não há iluminação nas ruas. Mas o metrô está funcionando e com mais gente do que em Nova York. Soldados Aliados entram sem pagar. Os alemães exigiram o privilégio, e os franceses o estenderam por cortesia aos ‘Libertadores’... As primeiras demonstrações de alegria acabaram e, portanto, à primeira vista, quase não se nota. Mas logo se percebe a atitude cordial. Com frequência, um garotinho com luvas brancas limpas aparece e solenemente aperta nossa mão sem dizer uma palavra. As crianças mais pobres, todas, insistem em nos dar suvenires – pequeninas coisas que elas colecionaram, como fotos que vinham (costumavam vir) com as barras de chocolate ou maços de cigarro... Hoje comprei alguns cartões-postais em um vilarejo perto do acampamento. O dono da loja não me deixou pagar. ‘Devemos tudo a vocês’, ele disse, ‘não podemos retribuir aos soldados americanos.’”

O outono estava no ar e no entanto, para Hancock, o mundo parecia tão fresco e luminoso como um verão parisiense. “Estive em Paris”, ele continuou, “e serei sempre grato por ter chegado ali um mês depois da libertação.”^[1]

Ele ficou uma noite com James Rorimer, “Jimsie”, como seus colegas oficiais o chamavam, que tinha conseguido a alocação que mais desejava: a de Monuments Man para a Seção do Sena, o que significava, essencialmente, Paris. Rorimer estava no apartamento da irmã e do cunhado, sem uso desde antes da guerra. Para o café da manhã ele serviu ovos frescos, os primeiros que Hancock comia em meses, e os homens falaram de suas experiências. Rorimer tinha chegado no comboio do general Pleas B. Rogers, o primeiro comboio americano a entrar na Cidade Luz. Tinha visto colunas de fumaça pairando sobre a cidade, emolduradas pela Torre Eiffel. Balas eram disparadas dos telhados; a Câmara dos Deputados ardia em fogo lento. Prisioneiros alemães estavam sendo levados para o Comptoir National d’Escompte na Place de l’Opera. No Jardim das Tulherias, os canos das armas alemãs abandonadas ainda estavam quentes do tiroteio.

– Eu não descansei, entre meu nervoso e minha excitação – Rorimer contou a Hancock – até estar deitado em minha cama no Hotel de Louvre. Era absurdo, mas ali em meio à destruição encontrava-se esse hotel confortável com água corrente fria e quente e quartos grandes com pé direito alto, todos com portas francesas, cortinas e uma varanda. Só por um momento, era como a Paris antes

da guerra.^[2]

Walker Hancock não ia ficar. De fato, estava ansioso para deixar Paris. Tinha um dever, no qual acreditava tanto que havia deixado uma vida de satisfações para cumpri-lo. Ao contrário de muitos de seus colegas oficiais que se sentiram atraídos pela guerra, pelo menos em parte, por razões pessoais, Hancock poderia ter continuado com sua vida nos Estados Unidos exatamente como era. Ele era um famoso escultor de obras monumentais, entre as quais o cavalo alado conhecido como Sacrifice no memorial aos soldados da Primeira Guerra em sua cidade natal de Saint Louis. Possuía dois estúdios de arte, e embora endividado (mais uma razão para não buscar um emprego mal remunerado no Exército), ele havia acumulado encomendas e boa vontade suficientes para sustentá-lo a vida inteira. E um mês antes de embarcar para o continente, aos 42 anos de idade, ele se casara com Saima Natti, o amor de sua vida.

E, no entanto, nenhum soldado tinha uma atitude melhor a respeito de seu serviço na guerra do que Walker Hancock. Tomado por uma noção de dever, mas com quase quarenta anos, ele havia se candidatado para o Serviço Secreto da Força Aérea Militar logo depois de Pearl Harbor. Falhou no exame físico. Então ingressou no Serviço Secreto da Marinha, passando nos testes físicos com louvor, só para ser recrutado pelo Exército e enviado para o treinamento básico. Não muito depois, o sargento-instrutor o tirou da fila de manhã e lhe disse que estava sendo transferido. Hancock pensou que voltaria para o Serviço Secreto da Marinha; na verdade, ele havia vencido um concurso para desenhar a Air Medal, um dos prêmios mais altos do Exército por bravura. Depois de cunhar a medalha, Hancock ingressou na seção italiana do Departamento de Guerra. Finalmente, foi recrutado pela MFAA.

“A vida não faz coisas estranhas para nós mortais?”, ele escreveu para a noiva Saima em outubro de 1943. “Aqui, no meio de toda minha felicidade por sua causa, de repente recebo a notícia de que vou ser mandado para o outro lado do oceano para fazer o trabalho que mais quero no Exército.”^[3] Eles se casaram no dia 4 de dezembro de 1943, em Washington. Duas semanas, depois saíram as ordens de serviço de Walker Hancock. “Ainda me lembro muito bem, quando o táxi partiu veloz para iniciar a primeira perna de minha viagem, que olhei para trás e vi Saima de pé na soleira da porta, chorando... Nunca tinha vivido um

momento tão triste.”^[4]

Hancock perdeu seu comboio de navios de guerra em Nova York – de novo, não sabiam que um Monuments Man era esperado –, então, todos os dias ele precisava se apresentar nas docas no caso de um navio ter um beliche vago. Tinha de estar uniformizado e com suas malas, mas não havia mais nada para ele fazer. Às vezes era muito deprimente. “É como a prisão – isto de ter de estar ‘disponível’ todos os dias”, ele escreveu a Saima, “quando eu quero estar com você... (Mas) enquanto isso, estou andando nas nuvens – nem lembro de dar corda no relógio. Que bom oficial estou me saindo!”^[5]

Mas ele não podia conter seu entusiasmo e otimismo inatos. “Vamos procurar ver o lado feliz das coisas”, ele escreveu para ela, “o mais maravilhoso de tudo – que sabemos o quanto nos amamos, e que a felicidade de prestar um serviço útil deveria ser maior e não menor por causa disso.”^[6]

Saima viajou para Nova York para ficar com o marido em um hotel para soldados, sem nunca saber se ele voltaria das docas depois que saía de manhã. Durante duas semanas, ele voltou para ela, e então em uma noite quando ele não voltou, ela soube que tinha partido. O Exército nem lhe dera chance de se despedir dela.

“O sol, o vento e o inspirador local de embarque”, ele escreveu a Saima quando chegou à Inglaterra, “me fazem lembrar do privilégio que é ser testemunha de alguns dos eventos daquele que será o ano mais dramático em muitas gerações – em vez de ler sobre eles nos cofres do Pentágono.”^[7] Aos 42 anos, ele lhe garantiu, tinha idade suficiente para ter os olhos abertos para as maravilhas, e se preocupava com o fato de que “a maioria dos rapazes acordarão mais tarde e perceberão o que perderam”.^[8]

Agora, finalmente, depois de oito meses na Inglaterra, ele estava no norte da França. O desembarque de surpresa na Normandia tinha virado um tumulto, e os Aliados corriam para a fronteira alemã quase sem encontrar resistência do Exército alemão que recuava. O general George C. Marshall, o conselheiro militar de maior confiança do presidente Roosevelt, previu confidencialmente que a batalha pela Europa terminaria “entre 1º de setembro e 1º de novembro de 1944”, e aconselhou seus oficiais a começarem a pensar em transferências para o teatro de operações no Pacífico.^[9] Quase tão bom, o verão intensamente úmido

da Normandia tinha finalmente abrandado para um tempo mais calmo, mais claro, que tinha feito a primeira tarefa oficial de Walker Hancock como Monuments Man para o I Exército dos Estados Unidos – viajar de jipe com seu colega Monuments Man capitão Everett “Bill” Lesley para inspecionar monumentos protegidos perto da retaguarda do território do I Exército – parecer quase que um passeio turístico. Hancock escreveu a Saima, em seu usual estilo otimista, que “cada hora de cada dia tem sido um prazer”.^[10]

Os danos que ele encontrou foram mínimos. Os alemães tinham passado feito um rolo compressor pelo nordeste da França em 1940. Quatro anos depois, os Aliados o haviam rapidamente reconquistado, deixando grandes extensões do país intocadas pela guerra. A maior parte dos problemas se originava da força de ocupação nazista: museus locais saqueados; campos semeados de minas ou que tinham se tornados impraticáveis; pequenos objetos como castiçais e maçanetas de janela de latão roubados como souvenirs. Faltavam alguns quadros, mas a pior destruição era a dos móveis Luís XIV tão comuns nas velhas mansões da França. Grande parte deles foi queimada como lenha para dar espaço às peças modernas e excessivamente estofadas que os oficiais alemães achavam mais de seu gosto. Todas as adegas de vinhos, é claro, tinham sido esvaziadas, quando muitas das safras mais valiosas foram trocadas garrafa por garrafa pelo vinho de maçã barato, que os soldados alemães preferiam. O trabalho provou ser idílico, especialmente porque a maior parte dos principais locais já tinham sido visitados pelo elegante conservador George Stout, que havia coberto uma extensão espantosa de terreno para um homem servindo perto do front.

Às vezes era espetacular. A Catedral de Chartres erguia-se, como sempre, como uma montanha dos campos de trigo. Mas a cidade normalmente agitada de Chartres estava quieta, a famosa catedral de pé sozinha como em um desafio. Hancock viu-se, ainda mais do que em suas visitas anteriores como estudante de arte da American Academy em Roma, inspirado por sua grandeza e complexidade, sua extraordinária ambição. As grandes paredes e torres, com sua rica ornamentação, tinham levado séculos para serem construídas; não havia como, ele pensou, quatro anos de guerra poderem destruir tamanha beleza.

Ele a teria amado mais se soubesse que não era verdade, que a Wehrmacht quase destruíra em uma tarde o que tinha levado quatro gerações para ser

construído? Quando os Aliados chegaram em Chartres, encontraram a catedral correndo risco de ser danificada e possivelmente destruída por 22 conjuntos de explosivos colocados em pontes vizinhas e outras estruturas. O especialista em demolições Stewart Leonard, que depois do fim das hostilidades ativas se tornaria um Monuments Man, ajudou a desarmar as bombas e salvar a catedral. Como mais tarde explicou ao Monuments Man Bernie Taper, tomando uns drinques em um apartamento em Berlim:

– Tem uma coisa de bom na unidade de desativação de bombas: não fica nenhum oficial superior olhando por cima de seu ombro.

Mas a arte valia uma vida? Taper quis saber. Como a todos os Monuments Men, esta era uma pergunta que o perseguia.

– Eu tive essa opção – Leonard disse. – Eu escolhi desativar as bombas. Mas a recompensa valia a pena.

– Que recompensa?

– Quando acabei, fiquei sentado na Catedral de Chartres, a catedral que eu havia ajudado a salvar, por quase uma hora. Sozinho. ^[11]

As futuras gerações, Walker Hancock ficou pensando, compreenderiam a importância de testemunhar esta catedral sob a ameaça da guerra? Elas apreciariam mais sua maravilha se pudessem vê-la agora, com suas janelas retiradas, sacos de areia empilhados aparentemente com 9 metros de altura, e buracos de artilharia salpicando as torres? No chão estava a trilha contorcida que os peregrinos haviam seguido durante séculos de joelhos até a salvação. No alto, as proteções de plástico rasgadas das aberturas dos vãos das janelas tremulavam desafiadoramente na brisa.

“Era uma beleza inesperada”, Hancock escreveu. “As janelas abriam-se para o céu... de modo que víamos simultaneamente o interior e o exterior desse prédio maravilhoso. Acompanhar os grandes arcobotantes entrando no telhado e se virando para as vigas das abóbadas era uma aula visual de engenharia gótica. Mas era mais. Vista de dentro, havia algo de revigorante na aparência desses arcos circulares poderosos, tão característicos de Chartres, parecendo quase devolver sua pressão sobre as paredes da abside... Podia-se ficar de pé dentro do recinto e ver sob uma nova luz, no alto, as figuras de reis e rainhas de Judá e o Cristo do Apocalipse.” ^[12] Por um momento, a catedral parecia ao mesmo tempo um

monumento ao triunfo dos Aliados e uma estrutura eterna, além da guerra, algo que ficaria para sempre, mesmo quando o mundo não existisse mais.

Mas isso não demoraria muito. O sol se punha, seus raios fugindo pelos grandes arcos das janelas abertas e subindo pelas paredes. As linhas de batalha estavam na direção oposta, no leste. Sua ajuda, Hancock sabia, era necessária aqui. Ele colocou seu kit nas costas e voltou para a guerra.

Poucas semanas depois, Walker Hancock foi acordado por alguém que o sacudia de seu sono breve demais. Sobre seu catre estava seu colega Monuments Man para o I Exército dos Estados Unidos, George Stout, com a aparência bem cuidada de sempre apesar de ser pela manhã tão cedo.

– Temos trabalho – ele disse, tirando os óculos de motorista.

Lá fora chovia. A névoa era tão forte e o céu estava tão carregado que Hancock só conseguia avistar a forma escura das enormes barracas militares onde ficava o quartel-general do I Exército. Ele lembrou com tristeza que o veículo de Stout – o dilapidado Volkswagen alemão que ele vinha dirigindo desde a Normandia – não tinha capota e, portanto, não protegia. Ele fechou melhor o casaco. Era 10 de outubro de 1944, e ele podia sentir o inverno chegando.

Ele tomou o café da manhã com Stout no refeitório. Hancock tinha chegado ao quartel-general do I Exército em Verviers, uma cidade no leste da Bélgica a uns 32 quilômetros da fronteira alemã, fazia apenas uma semana e ainda não estava acostumado com a rotina da vida militar. Tinha se separado tanto de Bill Lesley como do jipe nos arredores de Paris e passado uma semana pedindo carona da melhor forma possível para atravessar o norte da França. Movendo-se para o leste em direção ao sul da Bélgica, ele tinha entrado em uma área saqueada pelos alemães ocupantes. As famílias estavam retornando e encontravam suas casas destruídas ou saqueadas. Casamatas para metralhadoras, as pillboxes, e equipamentos abandonados pontilhavam quintais e jardins. Os aldeões, muitos com escassez de comida porque os campos ficaram abandonados, ofereciam cebolas e tomates em agradecimento, e apesar de sua situação pediam pouco em troca. Todos contavam a mesma história: os alemães “foram

maravilhosamente disciplinados e ‘corretos’ enquanto estavam no controle – e ficaram furiosos quando se tornou óbvio que sua visita estava terminando”.^[13]

“Posso ver que as cartas serão raras a partir de agora”, Hancock escreveu a Saima. “Minha vida de repente é de grande atividade. Fico tonto só de pensar onde estive e o que fiz nos últimos dois dias. Mas estou tão feliz e interessado no que faço que os meses que passei esperando, planejando, teorizando e ensinando parecem muito monótonos em comparação.”^[14]

Agora ele estava passando por outra região, as montanhosas áreas arborizadas do leste da Bélgica. Debaixo da chuva as montanhas pareciam sem graça, e ele passou por elas sem sentir o encanto da viagem anterior. Stout dirigia com firmeza, os olhos grudados na estrada. Pelo menos estavam protegidos da chuva, porque Stout tinha mandado seu Volkswagen capturado para a oficina e lhe emprestaram um veículo melhor, situação que se mostrou por demais temporária. Mas Hancock agradecia sua boa fortuna neste dia em especial porque a chuva caía fina e tão forte que ele mal via a estrada. Nem percebeu que tinham atravessado a fronteira com a Holanda, de fato, até pararem ao pé de mais outra das colinas íngremes, cobertas de moitas e árvores baixas. Havia paredes de concreto em sua base, sustentando a montanha. A princípio, Hancock pensou que era um túnel para trens, mas a abertura estava trancada por duas enormes portas de metal com ferrolhos.

– O que é isto?

– Depósito de obras de arte – Stout disse, enquanto as portas se abriam e ele entrava com o jipe.

A caverna, criada no século XVII para proteger tesouros holandeses de invasores franceses, tinha todos os confortos modernos. As salas eram bem iluminadas, a temperatura e a umidade controladas. E, no entanto, conforme ele mergulhava cada vez mais no silêncio fantasmagórico das montanhas, Hancock a achava um lugar do outro mundo. Os dois civis encarregados do depósito os conduziram até a parte de trás, passando por paredes de pedra cinzelada iluminadas por longas fileiras de lâmpadas zunindo. No fundo havia vários painéis giratórios, como os suportes para cartões-postais em lojas para turistas. Mas em vez de postais de 2 centavos, esses painéis sustentavam quadros do maior museu dos Países Baixos, o Rijksmuseum, em Amsterdam. Conforme o curador

girava a manivela, as obras-primas de pintores holandeses – naturezas-mortas retratando comida sobre mesas, paisagens sutis cheias de céus magníficos com leves nuvens acinzentadas, retratos de burgueses sorridentes vestidos de negro – passavam lentamente, o ranger do eixo ecoando no salão vazio abobadado.

– Incrível – Hancock murmurou. Ele desejava poder escrever a Saima sobre isso, mas os censores jamais deixariam passar informações assim específicas por causa do sempre presente temor de interceptações ou espionagem.

Virando-se, ele notou um quadro grande enrolado em um fuso como um tapete. Havia uma manivela de metal na extremidade, e um estojo de madeira que tinha sido construído a sua volta. O material da embalagem, enrolado com o quadro, projetava-se para fora como as extremidades rasgadas, esfarrapadas, de papel de açougueiro.

– A ronda noturna – um dos curadores comentou, batendo de leve no estojo de madeira. Hancock ficou de boca aberta. Ele estava olhando para a extremidade enrolada de um dos quadros mais famosos de Rembrandt, a grande obra-prima, do tamanho de uma parede, da companhia de milícia do capitão Frans Banning Cocq, pintada em 1642.

Stout levantou o material esfarrapado da embalagem, examinou a beirada do quadro e franziu a testa. Nunca foi uma boa ideia guardar pinturas a óleo no escuro por muito tempo. Microorganismos parasitas tendiam a se desenvolver nas superfícies pintadas a óleo. E as resinas usadas para envernizar os quadros amarelavam no escuro, apagando as cores e obscurecendo os contrastes. Desde março de 1941, Stout vinha ouvindo especialistas holandeses falar que A ronda noturna parecia estar amarelando; Stout podia ver agora, como temera, que o intervalo de três anos e meio não tinha sido generoso. Se continuasse ali por muito tempo, talvez tivesse de ser descascado e envernizado de novo, um procedimento potencialmente agressivo para uma obra centenária. Mas ele estava mais preocupado com o fato de o quadro estar fora de seu tensor e ter ficado enrolado por muito tempo, tornando-o vulnerável a fissuras ou até descamações, podendo mesmo rachar... tipos de dano estrutural que eram irreversíveis. Grandes obras-primas não foram feitas para ficar enroladas e enterradas em esconderijos nas montanhas. Mas, por enquanto, não havia nada que se pudesse fazer. Em um mundo em guerra, A ronda noturna estava recebendo o melhor

tratamento possível. Ele ficou imaginando o que outras obras-primas – como O astrônomo de Jan Vermeer, roubado das paredes da mansão dos Rothschilds em Paris pelos nazistas, em 1940, e que ninguém mais viu – estariam passando.

– Onde estão os guardas? – Stout perguntou.

Um dos curadores apontou para dois policiais do outro lado da sala.

– Só isso?

O curador fez que sim. Eram anos magros e havia poucos guardas disponíveis, mesmo para o tesouro de uma nação. Além disso, não houve necessidade. Os alemães há muito sabiam da existência desse depósito em Saint Pietersberg, perto de Maastricht, e outros como ele. Na verdade, oficiais e soldados nazistas tinham supervisionado uma transferência anterior de A ronda noturna, que ficou “escondida” em vários locais antes de chegar em Maastricht, convenientemente perto da fronteira alemã, em 1942. Talvez por isso os curadores holandeses parecessem surpreendentemente despreocupados com a falta de proteção. Isolados do resto do mundo em sua toca na encosta da montanha, não tinham escutado falar do recente roubo da Madona de Bruges de Michelangelo. Não compreendiam, como George Stout percebera, que o perigo maior não tinha sido quando os alemães estavam no comando, mas agora, que eles estavam perdendo o controle e percebiam que essa era sua última oportunidade para agir. O que o Dr. Rosemann contara ao deão da igreja em Bruges? Mantive uma fotografia dela sobre minha mesa todos estes anos. O que os camponeses franceses disseram a Hancock? Os alemães foram maravilhosamente disciplinados e “corretos” enquanto estavam no controle – e ficaram furiosos quando se tornou óbvio que sua visita estava terminando.

– Vou arrumar mais guardas – Stout disse. – Pelos menos dez até que as condições normais estejam restauradas na área.

As linhas telefônicas estavam interrompidas; a requisição de guardas teria de esperar até eles estarem de volta ao quartel-general. Stout estava visivelmente contrariado com a falta de eficiência e de planejamento, sem falar do risco inerente de uma demora, mas foi só por um momento. E aí, ele voltou a ser o homem prático e imperturbável.

– Deve haver mais guardas aqui amanhã, disse, dirigindo-se para o carro emprestado. – Mas assim é o Exército. Não posso oferecer garantias. Obrigado,

meus amigos, por uma excursão muito inusitada.

Meu Deus, Hancock pensou, ao entrar do lado do conservador e virar o rosto mais uma vez para olhar a obra-prima de Rembrandt, que estava parecendo ser para o resto do mundo mais um tapete prestes a ser instalado no chão de uma sala de estar. Guerra é uma coisa estranha.

O Cordeiro Místico de Van Eyck

LESTE DA FRANÇA
FINAL DE SETEMBRO DE 1944

O capitão Robert Posey, garoto criado na fazenda e Monuments Man para o III Exército dos Estados Unidos, do general George Patton, pendurou sua toalha e voltou para sua barraca de campanha. Era 23 de setembro de 1944, e ele tinha tomado seu primeiro banho de chuveiro quente desde que desembarcara na Normandia havia mais de dois meses. Ele passou a mão pelo rosto, morno, recém-barbeado. Usou bigode durante anos, e ainda não estava acostumado com sua ausência. Sem pelos sobre o lábio, ele parecia um garoto, não o arquiteto de quarenta anos, marido, pai e soldado. E além do mais, o bigode era uma afirmação. Quando foi chamado para a ativa, ele tinha cortado as duas pontas, imitando o famoso estilo de Hitler. Era sua pequena estocada no III Reich, mas não caiu bem com o general.

– Que diabo, Bobby, raspa essa porcaria do seu lábio – Patton explodiu ao ver a tira de pelos.^[1]

Não que Posey se importasse com as ocasionais explosões de seu comandante. Era uma honra servir no III de Patton, a melhor força de combate no continente europeu. A verdade é que Robert Posey sentiu-se muito mais identificado com os homens do III do que com seus colegas Monuments Men, e adotou logo o orgulho, a fraternidade deles e o exaspero íntimo de que os outros exércitos Aliados ainda precisavam reconhecer sua óbvia superioridade. Eles foram a tropa que rompeu o Anel de Aço na Normandia. Foram eles que fecharam o Bolsão de Falaise interrompendo a última retirada alemã do oeste da França. Eles foram a tropa que liderou o ataque ao flanco sul, enquanto as outras se dispersavam em algum lugar atrás deles ao norte. Se Eisenhower tivesse liberado o III Exército mais cedo, quando Patton sugeriu que virassem para o leste para interceptar os alemães, talvez já tivessem terminado a guerra. Não havia um homem no III

Exército que duvidasse disso. Eles estavam confiantes, e tudo por causa do homem na tenda grande, general George S. Patton Jr. Sem dúvida ele era belicoso, arrogante e às vezes parecia um louco, mas Posey faria qualquer coisa pelo homem. Era o cachorro do general, Willie, um bull terrier com o nome inspirado em Guilherme o Conquistador, que Posey não suportava.

Ele se sentou rígido em seu catre, vestiu a camisa e pegou a carta recente da mulher, Alice. Leu mais uma vez, a quarta ou quinta, e de novo sentiu o instantâneo suavizar da couraça dura do soldado. Era o familiar efeito que sua casa causava. Alice estava na Carolina do Sul morando com parentes enquanto durasse a guerra, mas Posey pensava na casa onde viviam juntos. O pedacinho de terra do jardim. O “zoológico”, como ele sempre chamava o cenário interno. O sorriso maroto do filho pequeno; a elegante confusão de sua mulher de voz suave. Ele de repente queria abraçá-la, mas como os censores haviam recentemente suspenso a proibição de detalhes específicos em cartas para casa – pelo menos no território já conquistado –, ele lhe escreveu falando sobre suas viagens.

“Agora que a campanha na França acabou”, ele disse, “podemos contar sobre as cidades que vimos. Estive nas grandes catedrais de Coutances, Dol, Rennes, Laval, Le Mans, Orleans, Paris, Reims, Chalons Sur Marne, Chartres e Troyes. Chartres é a maior de todas. Vi também muitas igrejas lindas em vilarejos e muitos châteaux. O famoso Mont Saint Michel e Fontainebleau também se incluem. A cidadezinha cuja descrição fiz (em uma carta anterior) é Les Iffs, a meio caminho entre Rennes e Saint Malo, na península da Bretanha. Tenho uma porção de cartões de souvenirs com autógrafos”. [2]

Ele remexeu nos cartões, todos para o filho de cinco anos, Dennis, a quem chamava de “Woogie”. Adorava mandar bugigangas para o menino – cartões-postais, botões, e recentemente uma fivela de cinto com a suástica e uma toalha com “Kriegsmarine” bordado que encontrou em uma base submarina alemã. Eram souvenirs de soldados, muito parecidos com aqueles enviados pelos homens alistados do III Exército com quem sentia tanta afinidade. Era seu jeito de estar conectado com o filho e de documentar sua jornada pela Europa, que, sabia muito bem, podia terminar com uma mina ou bala qualquer dia desses.

Lembrando da viagem agora, tendo acabado de sair do chuveiro, ele não

podia acreditar até onde havia chegado. Crescera apaixonado pelas Forças Armadas, tendo passado seus anos de escola no ROTC, o corpo de treinamento de oficiais da reserva do Exército. Tinha se formado arquiteto, mas ainda era um militar da reserva quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Ele queria partir para o Pacífico no dia seguinte, mas na confusão daquele momento terrível passaram-se quase seis meses até que fosse chamado para a ativa. Foi enviado para a base em Louisiana em meados do verão, o lugar mais quente e mais úmido que ele já tinha visto – e tinha crescido no Alabama central. Dali, ele voou direto para Churchill, Manitoba, o único grande porto do Canadá no Oceano Ártico, e, de longe, a experiência mais fria de sua vida. Passou a maior parte de seu tempo de serviço desenhando e construindo pistas de pouso contra uma possível invasão alemã via Polo Norte.

O Polo Norte! Que general tinha olhado para um globo e de repente começado a suar pensando nisso? Posey não encontrou nenhum alemão na tundra congelada, mas estava sempre em contato com outro inimigo: os ursos polares. Como o menino pobre do Alabama descobriu, Churchill, Manitoba, era a capital dos ursos polares do mundo.

Agora aqui estava ele em um quartel alemão capturado no leste da França. Em poucas semanas, talvez até dias no ritmo como se movia o III Exército, ele estaria na Alemanha e, não muito tempo depois, em Berlim... pelo menos se Papa Patton não tivesse alguma coisa a dizer sobre isso.

Ele terminou a carta a Alice – acrescentando um PS sobre o luxo de um chuveiro quente – e depois pegou o pacote que tinha chegado dias antes vindo do SHAEF. Dentro havia fotografias, descrições e informações preliminares sobre tesouros culturais belgas perdidos. Dois deles eram claramente os mais importantes. Um era a Madona de Bruges, cujo roubo fora documentado por Ronald Balfour havia exatamente uma semana. O outro era o Retábulo de Gand.

A Adoração do cordeiro místico, mais comumente citado como o Retábulo de Gand, era o tesouro artístico mais importante e amado da Bélgica. Com quase 4 metros de altura e 5 de largura, ele consistia de duas fileiras de painéis de madeira unidos por dobradiças: quatro no centro e quatro em cada braço, com os braços pintados dos dois lados. As 24 obras individuais, mas com temas

associados, estavam dispostas para mostrar uma visão diferente quando o retábulo se abria ou fechava. O painel central, e aquele de onde se originou o nome da peça, retratava o Cordeiro de Deus em um altar, com o Espírito Santo na forma de uma pomba brilhando sobre ele e multidões reunidas em torno. O retábulo foi encomendado a Hubert van Eyck, conhecido como maior quo nemo repertus (“maior do que todos”), mas com sua morte, em 1426, foi executado por seu irmão mais novo, Jan van Eyck, que se autodescrevia como arte secundus (“o segundo melhor nas artes”), e terminado em 1432.

O retábulo, quando revelado na Catedral de Saint Bavo na cidade de Ghent (ou Gand), chocou o mundo holandês. A pintura era em um estilo realista baseado na observação direta, não como as formas idealizadas da antiguidade ou as imagens achatadas da Idade Média. As figuras em cada painel, mesmo as sem muita importância, foram pintadas com uma atenção extraordinária a cada detalhe, desde os rostos humanos, que se baseavam em pessoas flamengas reais do século XV, até prédios, paisagens, vegetação, tecidos, joias, mantos e materiais. Esse realismo detalhado, baseado no hábil uso de tintas a óleo, era diferente de tudo que o mundo das artes já tinha visto. Ele transformaria a pintura e anunciaria o Renascimento do Norte, uma era dourada da cultura holandesa que rivalizou com o Renascimento italiano mais ao sul.

Quinhentos e oito anos depois, em maio de 1940, as montanhas e campinas retratadas tão vividamente na obra-prima de van Eyck sofreram o ataque da blitzkrieg e foram capturadas pela forças alemãs. Enquanto meio milhão de soldados britânicos e franceses recuavam para o norte, perseguidos pela Wehrmacht, três caminhões dirigiam-se para o sul carregando as obras mais importantes do Estado belga, inclusive o Retábulo de Gand. Eles tentavam desesperadamente alcançar o Vaticano e a proteção do papa, mas só conseguiram chegar até a fronteira da França antes de a Itália declarar guerra aos países da Europa Ocidental. Os caminhões, fustigados pelas divisões Panzer alemãs correndo para o norte para impedir a evacuação de tropas britânicas em Dunquerque, mudaram de direção e acabaram encontrando um château que funcionava como depósito de arte francesa no sudoeste de Pau, onde os motoristas cansados e aterrorizados confiaram a segurança do retábulo ao governo francês.

Hitler sabia que era impossível roubar obras-primas famosas na escala do Retábulo de Gand sem atrair a condenação do mundo. Embora tivesse a mentalidade de um conquistador – ele acreditava que tinha direito aos espólios de guerra e estava determinado a tê-los –, Hitler e os nazistas tinham feito de tudo para estabelecer novas leis e procedimentos a fim de “legalizar” as atividades de pilhagem que se seguiriam. Isto incluía obrigar os países conquistados a lhes darem certas obras como termo de rendição. Países do Leste Europeu como a Polônia estavam destinados, segundo o plano de Hitler, a se tornarem desertos industriais e agrícolas, onde escravos eslavos produziriam bens de consumo para a raça dominante. A maior parte dos ícones culturais foi destruída; seus grandes prédios arrasados; suas estátuas derrubadas e derretidas para fazer balas e bombas de artilharia. Mas o Ocidente era a recompensa da Alemanha, um lugar para arianos desfrutarem os produtos de sua conquista. Não havia necessidade de privar esses países de seus tesouros artísticos – pelo menos não de imediato. O III Reich, afinal de contas, duraria mil anos. Hitler deixou intocadas obras de estatura comparável a do Retábulo de Gand, tais como Mona Lisa e A ronda noturna, mesmo sabendo exatamente onde estavam escondidas. Mas ele cobiçava o Cordeiro.

Em 1940, Hitler (por intermédio de Goebbels, seu ministro da propaganda) havia encomendando um inventário, mais tarde conhecido como o Relatório Kümmel – nome de seu principal copista, o Dr. Otto Kümmel, diretor geral dos Museus Estaduais de Berlim. O inventário relacionava todas as obras de arte do mundo ocidental – França, Países Baixos, Grã-Bretanha e até os Estados Unidos (que Kümmel disse possuir nove dessas obras) – que por direito pertenciam à Alemanha. Segundo a definição de Hitler, isso incluía todas as obras tiradas da Alemanha desde 1500, todas as obras de qualquer artista de ascendência alemã ou austríaca, todas as obras encomendadas ou terminadas na Alemanha, e todas as obras consideradas feitas em um estilo germânico. O Retábulo de Gand era nitidamente um modelo e emblema definidor da cultura belga, mas para os nazistas era de estilo “germânico” o suficiente para pertencer a eles.

Ainda mais importante, seis dos painéis laterais (pintados dos dois lados, representando 14 cenas) do Retábulo de Gand tinham pertencido ao Estado germânico antes de 1919. Os alemães tinham sido obrigados, segundo os termos

do Tratado de Versalhes que encerrou a Primeira Guerra Mundial, a dar os painéis à Bélgica como indenização de guerra. Hitler sempre detestou o Tratado de Versalhes, considerando-o como uma humilhação para o povo alemão e símbolo da fraqueza que definira os líderes de seu país no passado. Quando a Alemanha conquistou a França, em junho de 1940, Hitler estava determinado a cobrar uma medida simbólica de vingança ordenando a suas tropas que localizassem o vagão onde o humilhante armistício tinha sido assinado em 1918. Mandou derrubar as paredes do prédio onde ele estava e fez rebocar o vagão até o lugar exato em Compiègne, na França, onde tinha sido colocado vinte anos antes. Sentado na mesma cadeira do marechal Foch, o herói francês da Primeira Grande Guerra que tinha sido o vitorioso naquele dia, Hitler forçou os franceses a assinar um armistício. Depois da cerimônia de assinatura, Hitler mandou que o vagão fosse levado para Berlim, onde foi rebocado pela rua histórica da cidade, Unter den Linden, atravessando o Portão de Brandemburgo, e em seguida exposto no Lustgarten nas margens do rio Spree. A captura do vagão de Compiègne era prova de que a Alemanha havia subvertido o desastroso “crime de Compiègne” e esmagado seu odiado vizinho. Mas também provava algo mais: que nada era grande demais, ou sagrado demais, para os nazistas roubarem.

O Retábulo de Gand, essa grande obra-prima que havia mudado o curso da pintura para sempre, representava portanto duas das eternas buscas de Hitler: corrigir os “erros” históricos do Tratado de Versalhes e acrescentar um inegável tesouro mundial a seu Führermuseum, em Linz.

Em 1942, Hitler não conseguiu mais resistir à tentação. Em julho, mandou uma delegação secreta, liderada pelo Dr. Ernst Buchner, diretor-geral dos museus da Baviera, ao depósito em Pau. Esta não era uma missão de força – a delegação consistia de apenas um caminhão e um carro – mas uma atuação furtiva. Quando o superintendente francês em Pau se recusou a entregar o retábulo, Buchner ligou para a chancelaria do Reich. Em poucas horas chegou um telegrama de Pierre Laval, o chefe de governo na Vichy controlada pelos nazistas na França, ordenando que o retábulo fosse entregue a Buchner. Quando as verdadeiras autoridades francesas e belgas souberam da ordem, o Retábulo de Gand tinha desaparecido na Alemanha. O governo belga protestou vigorosamente – até acusando os franceses de traição contra sua cultura – mas

não se podia fazer mais nada. O Retábulo de Gand tinha desaparecido.

E agora, mais de dois anos depois, Robert Posey estava sentado em seu beliche no quartel alemão capturado na França, olhando para uma foto desse tesouro insubstituível. Ele sabia que o mundo contava com ele e seus colegas Monuments Men para localizá-lo, encontrá-lo e forçar sua renúncia por aqueles que o guardavam, cobiçavam ou queriam destruí-lo, e devolvê-lo à Bélgica ileso.

James Rorimer visita o Louvre

PARIS, FRANÇA

INÍCIO DE OUTUBRO DE 1944

Enquanto Posey se surpreendia ao se descobrir satisfeitíssimo com a experiência no III Exército dos Estados Unidos, o segundo-tenente James Rorimer – o curador buldogue do Metropolitan Museum – estava tendo uma experiência semelhante em Paris. Tomando sua cerveja no Mont Saint Michel, Rorimer tinha desejado com todo o fervor ser designado para a Cidade Luz; ao voltar para o quartel, soube que de fato lhe haviam dado “o filé de todos os serviços na Europa para alguém com meus antecedentes”.^[1] As autoridades francesas o tinham recebido de “braços e corações abertos” e ele estava sendo festejado regularmente pelos ricos e poderosos da sociedade parisiense.^[2] Queriam sua ajuda; queriam suas informações. Dava satisfação ser aceito com tanto entusiasmo como libertador e amigo.

E Paris, essa maravilhosa cidade-santuário, estava em fantástica forma. Era quase difícil acreditar, olhando para seus prédios e monumentos, que tinha passado quatro anos sob a ocupação nazista. Vários marcos – incluindo o Grand Palais, queimado pelos nazistas em um esforço para exterminar a Resistência – tinham sido destruídos, mas um passeio por qualquer uma das amplas avenidas revelava uma cidade virtualmente sem cicatrizes e explodindo de vida. Quase não havia gasolina, mas em todos os cantos as bicicletas lotavam os estacionamento, especialmente os tandens com seus carrinhos que durante a ocupação tinham sido os táxis básicos da cidade. Nos parques, os homens idosos estavam de volta jogando cartas com suas boinas e chapéus de feltro. Nos Jardins de Luxemburgo, as crianças colocavam seus barcos para flutuar na fonte, as inocentes velas brancas contrastando com a água. “Das longas e maravilhosamente vazias avenidas que levam ao coração da cidade”, escreveu Francis Henry Taylor, que esteve ali como representante da Comissão Roberts, “sentia-se a exaltação que

ocorre apenas naqueles que despertam da doença depois de um sono profundo. A vontade de viver havia vencido. Paris como a suprema criação da mente humana havia paralisado a mão que tentara se apoderar dela”. [3]

Mas Taylor esteve em Paris só por poucos dias. Um exame mais minucioso da cidade revelava que, embora houvesse efervescência na superfície da sociedade parisiense, por baixo ela era cortada por contracorrentes de medo e desconfiança. A súbita retirada dos alemães e o colapso do governo de colaboração francês haviam deixado a cidade com escassez de servidores públicos como oficiais de polícia, e não havia como controlar as emoções em ebulição de uma população irada. Uma onda de vingança havia tomado conta do povo enquanto os cidadãos faziam justiça com suas próprias mãos. Mulheres que tinham dormido com alemães eram levadas para as ruas e tinham suas cabeças raspadas em público diante da multidão desgovernada; os suspeitos de terem sido colaboradores eram julgados e sumariamente executados. Quem lesse um dos jornais da cidade, o *Le Figaro*, compreenderia facilmente a gravidade da situação. *Le Figaro* havia voltado a ser impresso no dia 23 de agosto de 1944, depois de um hiato de dois anos. Inicialmente o jornal tinha apenas duas páginas, mas havia uma matéria recorrente publicada todos os dias. A primeira parte vinha sob a manchete “*Les Arrestations et L’Epuración*” (As prisões e os expurgos) e detalhava os acontecimentos da véspera na busca dos colaboradores. Sob o artigo apareciam duas listas: “*les exécutions capitales*” (sentenças de morte) e “*les exécutions sommaires*” (execuções sumárias). Até as sentenças de morte mais civilizadas, Rorimer sabia, deviam ter sido impostas em julgamentos que duraram poucas horas ou no máximo uns dois dias.

Neste vácuo – sem instituições civis funcionando, sem um aparato de segurança agindo e sem confiança nos concidadãos –, havia muito trabalho para um *Monuments Man*. Havia 165 monumentos parisienses no *Civil Affairs Handbook* (Manual do Relações Cívicas) das forças armadas, 52 estavam oficialmente protegidos. Eram centenas, se não milhares, as vítimas dos saques nazistas. Faltavam centenas de esculturas públicas, especialmente os famosos bronzes da cidade, e até as luminárias do século XIX tinham sido roubadas do prédio do Senado. E havia a confusão geral de uma cidade tentando novamente se firmar sobre os próprios pés. Encontrar informações básicas e suprimentos era

quase sempre impossível. Questões processuais podiam deixá-lo enrolado durante horas. Até mesmo localizar o oficial certo para uma determinada área ou tarefa consumia uma quantidade enorme de energia.

Logo depois de sua chegada em agosto, Rorimer tinha sido designado temporariamente para o destacamento do tenente-coronel Hamilton, e mesmo no final de setembro Hamilton não desistiria dele. “Nenhum oficial deve estar vinculado apenas ao serviço no Monuments”, Hamilton dissera a Rorimer quando ele implorou que o liberasse –, o que significava que Hamilton precisava de um oficial agressivo, competente e enérgico que falasse francês, e ele não liberaria James Rorimer tão cedo.^[4]

E além disso, é claro, ele tinha de garantir que as forças americanas não causassem qualquer dano à cidade. Em agosto, quando chegou no comboio do general Rogers, Paris parecia deserta; agora havia soldados americanos por toda a parte. Não que não estivessem cheios de entusiasmo para ajudar. Um destacamento, designado por Rorimer para avaliar os danos à Place de la Concorde, contou cada buraco de bala no enorme complexo. Rorimer pegou os soldados no dia seguinte contando os buracos causados pela guerra no Louvre.

– Avaliação geral – ele lhes dissera. – Só o que é importante.

O Louvre era tão grande que contar cada buraco de bala levaria um ano.

O verdadeiro problema, Rorimer sentia, era que as Forças Armadas americanas não compreendiam os franceses. O parque por onde ele estava caminhando, o Jardim das Tulherias, era um exemplo perfeito. Estava no coração de Paris, um grande jardim formal construído para Luís XIV e familiar para todos que um dia passaram por esta grande cidade. Em sua primeira manhã em Paris, Rorimer o tinha visto como poucos parisienses jamais o viram: quase vazio sob a luz matinal. As armas alemãs abandonadas dispostas em fila no perímetro pareciam ter assustado as pessoas, mas acampada sob a copa do arvoredo estava uma unidade de tanques americana com pequenas fogueiras acesas para preparar o café da manhã. Não fosse isso, os jardins teriam sido só dele.

Semanas depois, Rorimer descobriu que o Jardim das Tulherias estava destinado a ser usado como um enorme acampamento aliado. Os alemães tinham cavado trincheiras por todo o parque e o cercado com arame farpado,

mas a ideia dos Aliados cavando latrinas individuais no coração de Paris era demais. As Tulherias, ele argumentara em uma série de intermináveis reuniões, não era lugar para lixo Aliado. Os jardins eram tão vitais para a saúde e felicidade dos parisienses como o Hyde Park para os londrinos e o Central Park para os nova-iorquinos.

O Exército cedeu. Mas o que Rorimer tinha feito realmente? O famoso bulevar central das Tulherias, para onde agora ele se virava, estava coberto de caminhões de dez toneladas, carros de transporte de carga militar e jipes. Ninguém tinha declarado que os jardins estavam proibidos para veículos, não tecnicamente pelo menos, e agora eles eram o maior estacionamento de Paris. Seis estátuas já tinham sido derrubadas de seus pedestais e os encanamentos de terracota, dispostos no século XVII, explodiam sob o peso dos veículos. Foram necessários dez dias de pesquisa e planejamento para encontrar uma alternativa, mas Rorimer estava convencido de que a pavimentada Esplanade des Invalides acomodaria as necessidades do Exército. E a Esplanade, apropriadamente, era um distrito dedicado à história militar. Agora bastava convencer o Exército de que valia a pena transferir seu estacionamento para o outro lado da cidade.

Rorimer passou pela fonte conhecida como Grand Bassin – mesmo à sombra dos caminhões militares os meninos brincavam com seus barcos à vela –, atravessou o Terrasse des Tuileries e, depois de mostrar suas credenciais aos guardas armados, entrou no pátio do Louvre. De um lado, a instalação antiaérea americana estava com as armas apontadas, e ele ainda podia ver o pátio cercado onde os Aliados tinham mantido os prisioneiros alemães durante sua primeira semana na cidade. Mas lá dentro, como sempre, o museu era um santuário. Aqui, ele não via uma só arma ou guarda armado, muito menos os suplicantes que iam continuamente a seu gabinete implorar por cuidado individual. Sob o teto de vidro abobadado da Grande Galerie, o museu estava tão imóvel e silencioso quanto um túmulo. Um túmulo em grande parte vazio, oco, pois nessas paredes onde, no passado, milhões de pessoas vieram admirar as obras-primas do mundo inteiro, não havia mais do que palavras rabiscadas com giz branco, notas para lembrar aos curadores onde cada um dos magníficos quadros estavam pendurados.

As obras não tinham sido roubadas nem estavam perdidas. Na verdade, os

alemães não tocaram nelas. Estavam até agora a salvo nos depósitos para onde os franceses as haviam levado em 1939 e 1940, pouco antes da invasão alemã. A evacuação fora uma operação extraordinária, supervisionada por um dos grande heróis da causa francesa, Jacques Jaujard, diretor dos Museus Nacionais da França.

Jaujard pode ter sido um oficial do governo francês, mas era também um dos homens de museu mais respeitado na Europa ocidental. Tinha apenas 49 anos, mas com seus negros cabelos penteados para trás e o rosto bonito de traços esculpidos, ele tinha a aparência de um jovial avô, um patriarca vibrante, talvez, de algum clã de vinhateiros franceses. Era um burocrata – mas um homem que não temia sujar as mãos com trabalho. Durante a Guerra Civil Espanhola, Jaujard tinha sido muito útil na evacuação dos conteúdos de um dos museus mais famosos do mundo, o Prado, em Madri. Em 1939, ele foi promovido a diretor dos Museus Nacionais e imediatamente começou a planejar a evacuação dos museus franceses, em um momento em que poucos pensavam que os nazistas atacariam, muito menos conquistariam, um país como a França. Sob seu olhar atento, milhares das maiores obras-primas do mundo tinham sido engradadas, carregadas, transportadas e armazenadas. Até a Vitória alada da Samotrácia, a enorme estátua grega antiga que ficava no alto da escadaria principal do Louvre, foi removida por meio de um engenhoso sistema de roldanas e esteiras inclinadas de madeira. A estátua de mármore da deusa Nike com quase 3,5 metros de altura, as asas abertas (mas com a cabeça e os braços perdidos ao longo dos séculos), parecia sólida, mas de fato consistia de milhares de lascas de mármore que tinham sido cuidadosamente remontadas. Jaujard deve ter prendido a respiração, Rorimer pensou, quando a estátua escorregou pela escadaria na esteira de madeira, as grandes asas tremendo ligeiramente no ar sobre ela. Se esfarelasse, Jaujard seria responsabilizado. Mas ele sempre fora um homem que aceitava esse tipo de desafio. Como Rorimer, Jaujard acreditava que era melhor assumir o peso da liderança do que vagar nas sombras.

Rorimer parou e, virando-se, passou os olhos pela longa e vazia Grande Galerie. Tantas obras de arte insubstituíveis, tudo perdido, ele pensou. Tanto perigo. Ele desceu em direção a uma alcova pouco profunda, emoldurada por pilares, onde duas palavras chamaram sua atenção. As palavras La Joconde

pareciam flutuar na parede dentro da moldura vazia. La Joconde, o nome em francês da Mona Lisa. A maior parte das obras foram transportadas em massa, às vezes por estradas bombardeadas, mas a Mona Lisa, o quadro mais famoso do mundo, tinha sido levada na maca de uma ambulância para os fundos de um caminhão na calada da noite. Um curador subiu junto com ela; o caminhão foi selado para garantir uma temperatura estável. Ao chegar a seu destino, o quadro estava bem mas o curador estava quase desmaiando. Não havia ar suficiente para ele respirar.^[5]

Havia outras histórias. O grande quadro de Géricault, A jangada da Medusa era tão grande que ficou preso na fiação dos bondes de Versailles. Pelo menos eles aprenderam a lição. Em outra cidade que tinha os fios baixos, o caminhão foi acompanhado por homens do serviço de reparo de linhas telefônicas que iam a pé na frente levantando todos os cabos com longos mastros isolados. A imagem era curiosa: o caminhão se arrastando com sua escolta de mastros em punho, os cidadãos que abandonavam a cidade correndo ao redor, talvez olhando perplexos para o quadro de Géricault com os rostos moribundos de vítimas impotentes em uma jangada que naufragava. Mas a situação não tinha graça nenhuma. Eram obras-primas, não um desfile de carros alegóricos. E sob a cuidadosa orientação de Jaujard, não houve grandes avarias.

Mas até Jaujard não havia previsto a tempestade de raios da blitzkrieg alemã ou o humilhante colapso do Exército francês. A colocação de obras de arte em depósitos temporários, em geral châteaux no interior e castelos remotos, tinha a intenção de prevenir danos de guerra, basicamente provocados por bombardeios aéreos. No Château de Sourches, perto de Les Man, os curadores até escreveram no gramado em letras brancas garrafais as palavras “Musée du Louvre” para que os pilotos voando lá em cima soubessem que havia tesouros artísticos abrigados ali dentro e evitassem bombardeá-los. Quando o Exército francês se desintegrou, Jaujard ordenou que as obras de arte fossem transferidas para depósitos mais a oeste e a sul. Ao avançar, os alemães o encontraram no depósito de Chambord a sudoeste de Paris, dirigindo a evacuação.

– O senhor – eles lhe disseram – é o primeiro alto funcionário público francês que encontramos presente em serviço.^[6]

Nada foi danificado, graças a Deus, por bombas e artilharia, mas não havia

muito o que fazer em relação aos ocupantes nazistas. Eles conheciam quase todas as obras de arte de que era formado o patrimônio da França, e agiram rapidamente para se apossar delas. Paris foi ocupada no dia 14 de junho de 1940. No dia 30 de junho, Hitler ordenou a seus representantes em Paris para salvaguardarem as obras de arte das Coleções Nacionais Francesas e também os objetos artísticos e documentos históricos pertencentes a indivíduos, em particular aos judeus. Esses objetos culturais seriam usados como garantia nas negociações de paz. A França havia assinado apenas um armistício; Hitler estava planejando usar o tratado de paz formal para “legalmente” apreender os bens culturais do país, como Napoleão fizera ao usar tratados unilaterais para se apossar dos tesouros culturais da Prússia quase 150 anos antes. Era de conhecimento geral, e com apenas um leve exagero, que sem os espólios das campanhas napoleônicas o Louvre seria uma simples sombra do que tinha se tornado.

O poderoso embaixador nazista em Paris, Otto Abetz, agiu de imediato, declarando que o governo de ocupação controlado pelos nazistas daria “custódia” aos bens culturais. Três dias depois da ordem de Hitler, Abetz ordenou o confisco das propriedades dos 15 principais marchands de Paris, na maioria judeus. Em poucas semanas, a embaixada estava transbordando de objetos de arte “salvaguardados”. E foi aí, Jaujard contou a James Rorimer durante uma de suas frequentes conversas, que surgiu um verdadeiro herói: o oficial para as artes, o conde Franz von Wolff-Metternich.

– Um alemão? – Rorimer tinha perguntado surpreso.

Jaujard concordou, com um brilho nos olhos patricios.

– Não só um alemão – ele disse. – Um nazista.

Em maio de 1940, o conde Wolff-Metternich havia sido nomeado chefe do Kunstschutz, o programa de conservação cultural alemão. O Kunstschutz fora originalmente criado como uma proteção baseada nas Forças Armadas durante a Primeira Guerra Mundial – o único verdadeiro precursor da MFAA dos Aliados ocidentais –, mas tinha sido reconstituído em 1940 como um ramo do governo de ocupação nazista, operando basicamente na Bélgica e na França conquistadas. Wolff-Metternich, um especialista em arquitetura renascentista – especialmente a da Rhineland do noroeste da Alemanha, onde nasceu e foi criado –, foi

afastado do posto de professor na University of Bonn para ocupar um cargo mais importante.

Wolff-Metternich foi escolhido por ser um respeitável estudioso cuja credibilidade dava um senso de profissionalismo e legitimidade ao programa Kunstschutz. Ele não era um membro fervoroso do Partido Nazista, mas nestes casos os nazistas quase sempre preocupavam-se mais com a seleção de profissionais qualificados do que com suas filiações políticas. Os Wolff-Metternich serem uma importante família alemã, com um título datando de séculos, desde o Império Prussiano, também foi um fator interessante.

Wolff-Metternich não recebeu qualquer instrução, mas tinha uma boa ideia do que seu Kunstschutz devia fazer. “Sempre”, ele escreveria, “consideramos como nosso determinante legal os relevantes parágrafos da Convenção de Haia.” [7] Sua definição de responsabilidade cultural, portanto, era a reconhecida internacionalmente, não a versão nazista. “A proteção de material cultural”, Wolff-Metternich escreveu, “é uma inegável obrigação a qual qualquer nação europeia em guerra está igualmente sujeita. Eu não poderia imaginar um modo melhor de servir a meu próprio país do que fazer-me responsável pela adequada observação deste princípio.” [8]

– O conde Metternich enfrentou o embaixador – Jaujard havia dito a Rorimer. – Ele passou por cima de seu chefe e foi falar direto com as autoridades militares. Foi realmente um cabo de guerra para ver quem controlaria a França, as Forças Armadas nazistas ou o Governo de Ocupação nazista. Dias depois, as Forças Armadas proibiram a Embaixada de apreender qualquer outro objeto cultural. Por sugestão minha, transmitida por intermédio de Wolff-Metternich, a maioria dos objetos na posse deles foi transferida para o Louvre. Ao chegarem, muitos já estavam encaixotados para embarcar para a Alemanha.

Jaujard não recebeu muito crédito por esse sucesso. Era um homem que acreditava na discrição; que aqueles que não falam do que fazem são os que realmente fazem. Mas Rorimer conhecia as histórias de sua bravura; tinha ouvido muitas vezes e de muitas fontes diferentes a profunda reverência pela oposição do diretor à ameaça nazista. Derrotar o embaixador significou apenas que a batalha não estava perdida nos primeiros dias; certamente não vencia a guerra cultural. Jaujard havia trabalhado de perto com o conde Wolff-

Metternich no caso do embaixador – muito mais perto do que reconheceria – e continuaria a trabalhar com ele em uma longa série de tentativas de sequestrar o patrimônio da França. Um oficial encarregado de confiscar documentos do governo francês também tentou confiscar os objetos de arte móveis. Outros nazistas alegavam que os objetos estavam armazenados de forma inadequada nos depósitos, portanto precisavam ser transferidos para a Alemanha para sua própria segurança. Wolff-Metternich refutou tais alegações com inspeções pessoais. O Dr. Joseph Goebbels exigiu quase mil objetos “germânicos” guardados nas coleções do Estado francês. Wolff-Metternich na verdade concordava com Goebbels que muitos desses objetos pertenciam por direito à Alemanha; não aceitava era que eles deveriam ser enviados imediatamente à sua terra natal. “Nunca escondi minha ideia de que este delicado problema”, ele escreveu, “que toca o senso de honra de todas as pessoas tão profundamente, só pudesse ser solucionado na Conferência de Paz por um pleno acordo entre povos de iguais direitos.”

– Ele arriscou sua posição, talvez até a vida – Jaujard havia contado a Rorimer durante uma reunião anterior elogiando o oficial da Kunstschutz. – Ele se opôs a Goebbels da única maneira possível, por meio da estrita interpretação da ordem do Führer, de 15 de julho de 1940, que proibia a movimentação de objetos de arte na França até a assinatura de um tratado de paz. A ordem era para impedir que nós, franceses patriotas, ocultássemos objetos de arte antes que os nazistas pudessem reivindicá-los, mas Wolff-Metternich aplicou com esperteza a ordem a seus companheiros alemães também. Sem essa resistência baseada em princípios, não haveria esperança.

– Não que tenhamos lhes dito “não” exatamente. Um “não” direto só teria despertado a ira de Goebbels. Nós sempre lhe dizíamos “sim” – Jaujard contou a Rorimer –, mas... havia sempre um detalhe que precisava ser esclarecido. Os nazistas eram, como é aquela expressão deliciosa em inglês?, paper-hangers, papeleiros. Eram muito burocratas. Não sabiam tomar uma decisão sem mandar cinco ou seis cartas para Berlim.

Isso é tudo que Jaujard diria, que ele e Wolff-Metternich acabaram com a ameaça às coleções de Estado francesas eliminando milhares de papéis. Ele não reconheceria a dificuldade dessa tarefa: os longos anos prevenindo entradas

forçadas; as ameaças de violência, o código secreto que Jaujard estabeleceu com um amigo para se esconder em Paris caso os nazistas viessem prendê-lo. Os muitos telefonemas para Wolff-Metternich no meio da noite, insistindo para que ele fosse imediatamente jogar a papelada na cara de algum saqueador nazista – telefonema que Wolff-Metternich sempre atendia apesar de muito doente com problemas renais. Essa doença teria forçado sua aposentadoria, na verdade, mas ele continuava “basicamente por causa da confiança depositada em mim por pessoas da Administração Francesa de Arte”. [9]

E Rorimer não podia saber – porque Jacques Jaujard jamais falava sobre isso – que a influência do diretor dos museus ia em outras direções além da hierarquia nazista. Que ele tinha uma rede de pessoal no museu que trabalhava como seus olhos e ouvidos; que ele tinha contatos dentro da burocracia francesa; que um de seus associados mais íntimos, o patrono das artes Albert Henraux, era um membro ativo da Resistência francesa. Jaujard dava a Henraux passes de viagem e autorização do museu como uma cobertura para seu trabalho na Resistência; Henraux pegava as informações, colhidas por seus espões no museu e as transmitia aos guerrilheiros. E Wolff-Metternich quase certamente sabia de tudo. Ele arriscou sua carreira, talvez até sua vida, Jaujard lhe havia dito. A declaração valia para os dois.

O “bom nazista”, como Rorimer gostava de pensar a seu respeito, foi substituído em seu posto em junho de 1942, mas não antes de derrotar Goebbels, que desistiu de tentar confiscar os milhares de objetos “germânicos” no final de 1941. A razão declarada para a exoneração foi a oposição pública de Wolff-Metternich ao roubo mais vergonhoso da Ocupação: a apreensão do Retábulo de Gand, sob a ordem direta de Hitler, do depósito em Pau. Na realidade, certos nazistas – a maioria sob influência do Reichsmarschall Hermann Göring, o segundo em comando no Partido Nazista – vinham abalando o prestígio de Wolff-Metternich havia meses. Suas razões iam desde alegações de que seu trabalho era “exclusivamente no interesse dos franceses”,^[10] a queixas de que ele era católico demais. O verdadeiro problema era que Wolff-Metternich não era o homem que eles queriam que fosse. O Kunstschutz era para dar um verniz de legalidade. Eles queriam um homem que torcesse as regras em benefício da Pátria, mas o conde Wolff-Metternich não faria isso. No final,

ele era uma “alma perdida no ninho de vespas da gangue hitleriana”. [11]

Logo depois, a violenta denúncia de Jaujard do roubo do Retábulo de Gand lhe custou sua posição, também. Em protesto, os funcionários de todos os museus franceses se demitiram em massa. Essa era a importância de Jacques Jaujard para a comunidade cultural francesa. Os alemães ficaram pasmos, Jaujard foi readmitido. A partir de então, sua posição foi quase inviolável. No final, os nazistas se apossaram de dois objetos das coleções nacionais somente, ambos de origem alemã e de mediana importância.

E, no entanto, ainda não era a vitória final. As coleções de Estado francesas estavam a salvo, mas as coleções particulares de cidadãos franceses tinham sido presas desprotegidas para os abutres nazistas. Himmler e seu Waffen-SS. Rosenberg e seu Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR). E pior de tudo, o Reichsmarschall Göring. Pairando sobre tudo, sempre, havia a ameaça de Hermann Göring.

De pé, agora diante da parede vazia da La Joconde, Rorimer lembrou a opinião de Jaujard sobre o Reichsmarschal Göring: voraz, insaciável, um homem de apetites. Um homem que não tolerava oposições e não tinha limites morais ou éticos na busca de poder e riqueza pessoais. O homem que olhava para os tesouros culturais de uma nação como a França e não via outra coisa além de saque, pronto para ser colhido.

– James! – A palavra, ecoando nas paredes vazias da Grande Galerie, despertou Rorimer de seus pensamentos. Virou-se de costas para a alcova que um dia guardara a Mona Lisa para ver, vindo em sua direção, ninguém menos do que Jacques Jaujard, o guardião do Louvre. Rorimer conhecia Jaujard de antes da guerra. Surpreendia-se sempre ao ver a boa aparência do patriarca francês depois de todos esses anos traiçoeiros.

– Fico feliz que tenha recebido meu telefonema – Jaujard disse, segurando o Monument Man pelo ombro.

– Bom ver você de novo, Jacques – Rorimer disse, pegando a mão do homem mais velho. – E tenho boas notícias desta vez. A documentação está acertada. A tapeçaria é sua. Pelos menos por algumas semanas.

– Burocratas – Jaujard riu, virando-se e seguindo pelo corredor em direção a seu gabinete.

O homem não perdeu o ritmo, Rorimer pensou. Jaujard não só tinha um gabinete no Louvre, como seu apartamento era dentro do museu também. Rorimer ficou imaginando se ele teria deixado o prédio uma vez que fosse durante todos os quatro anos da ocupação alemã. Ou durante este mês desde a liberação.

Nos primeiros dias agitados de emancipação, uma turba caíra sobre os prisioneiros alemães que estavam sendo mantidos em um acampamento na parte externa do Louvre. Convencidos de que seriam linchados, os alemães tinham quebrado as vidraças do Louvre e pulado para dentro. Uma busca os encontrou espalhados em meio aos objetos de arte não evacuados, inclusive vários escondidos no vaso fúnebre de granito rosa do antigo imperador egípcio Ramsés III. A turba também encontrou um curador ajudando um alemão ferido até a enfermaria; todas as provas de que precisavam para condenar todos os funcionários como traidores e colaboradores. De que outra forma explicar a sobrevivência deles e das obras de arte que protegiam? Nenhuma outra instituição tinha tido tanto sucesso.

Jaujard e seus leais funcionários – inclusive sua secretária, Jacqueline Bouchot-Saupique, que tinha sido um importante canal de relatórios para a Resistência arriscando a própria vida – foram levados para a prefeitura enquanto a turba gritava. “Colaboradores! Traidores! Morte a todos!”^[12] Havia uma chance muito real de serem alvejados antes que chegassem ao prédio do governo. Somente os oportunos depoimentos de vários contatos de Jaujard, inclusive de membros da Resistência, tinham por pouco salvado a pele deles.

Agora, finalmente a salvo, ele não tirou férias. Pelo contrário, estava trabalhando sem parar para organizar uma exposição de arte para levantar os espíritos da cidade ferida. A peça central era a Tapeçaria de Bayeux. Com pouco mais de 45 centímetros e 68 metros de comprimento, datando da década de 1070, a tapeçaria era ímpar como relíquia sobrevivente do início do período medieval. Não havia precedentes: as inscrições eram únicas, as figuras mais dinâmicas do que qualquer outra retratada antes ou cem anos depois. O artista desconhecido, quem quer que ele ou ela fosse, não havia criado nenhuma outra obra que tivesse chegado até nós. A Tapeçaria de Bayeux, tratada como uma relíquia de igreja menor durante seiscentos anos e só redescoberta pelo mundo

no século XVIII, era um marco na história cultural da França.

Ela era também um importante documento histórico, um relato quase contemporâneo da invasão da Inglaterra, em 1066, pelo nobre francês Guilherme, o Conquistador. Bordado com passagens narrativas e retratando mais de 15 mil objetos – pessoas, animais, roupas, armas, formações militares, igrejas, torres, cidades, flâmulas, ferramentas, carroças, relicários e esquifes fúnebres –, era de longe a mais detalhada descrição existente da vida no início do período medieval. Com seu foco em campanhas políticas e militares, culminando com a morte do rei anglo-saxão Harold II na batalha de Hastings, em 1066, era também uma das melhores descrições de conquista e império da história. Como tal, tinha sido por muito tempo cobiçada pelos nazistas, e particularmente pelo voraz Reichsmarschall Göring, que tinha uma predileção por tapeçarias.

Em 1940, temendo por sua segurança, os franceses transferiram a Tapeçaria de Bayeux, uma das principais cidades da Normandia (Guilherme, o Conquistador era um duque normando), para o depósito do Louvre em Souches. Depois de conquistarem a França, os nazistas fizeram de sua posse uma alta prioridade, oferecendo uma artilharia constante de contrapartidas artísticas e monetárias. Jaujard, como sempre, adiava e disfarçava. Então, no dia 27 de junho de 1944, com os Aliados a salvo nas praias da Normandia e a tapeçaria prestes a escorregar de suas mãos, os nazistas a transportaram para o Louvre sob escolta militar alemã. No dia 15 de agosto, com Paris à beira da rebelião, o governador militar alemão na França, o general Dietrich von Choltitz, chegou ao Louvre para confirmar a presença da tapeçaria. Depois de vê-la com Jaujard, ele obedientemente relatou a Berlim sua localização.

No dia 21 de agosto, dois oficiais da SS chegaram à Chancelaria do Reich para transportar a tapeçaria para a Pátria. O general von Choltitz os levou para a varanda e apontou para o teto do Louvre. Estava como um agulheiro cheio de atiradores da Resistência; uma metralhadora disparava na direção do Sena.

– A tapeçaria está ali – von Choltitz disse aos homens da SS –, no porão do Louvre.

– Mas, Herr General, o inimigo está ocupando o Louvre!

– Claro que ele está ocupando, e muito bem. O Louvre agora é o quartel-

general da prefeitura, abrigando os líderes da Resistência.

– Mas nessas condições, Herr General, como vamos nos apossar da tapeçaria?

– Cavalheiros – O general von Choltitz retrucou –, os senhores são os líderes dos melhores soldados do mundo. Eu lhes darei cinco ou seis de meus próprios homens. Nós lhes daremos cobertura com fogo de artilharia contínuo para protegê-los enquanto atravessam a rue de Rivoli. Tudo que precisam fazer é forçar a porta para chegar até a tapeçaria. ^[13]

Quando os libertadores entraram em Paris dias depois, em 15 de agosto de 1944, a Tapeçaria de Bayeux continuava a salvo escondida no porão subterrâneo do Louvre, em seu estojo de viagem de chumbo.

– E a aprovação de Bayeux? – Jauyard perguntou a Rorimer sobre seu ombro.

A tapeçaria era o orgulho da Normandia e, apesar de ainda estar no porão do Louvre, obter aprovação para expô-la ao público tinha sido um pesadelo burocrático. Rorimer passara por cima da burocracia das Forças Armadas americanas e do governo francês, mas ainda restava a questão dos funcionários em Bayeux, que em geral não permitiam que a tapeçaria fosse exibida fora da cidade.

– Um jovem funcionário do governo partiu para pedir autorização. De bicicleta, se você acredita. É uma viagem de 265 quilômetros.

– Pelo menos ainda existem alguns servidores públicos dedicados – Jauyard disse, mas sem amargura. Lidar com um governo sobrecarregado de trabalho era uma realidade na França recém-libertada. – Por falar nisso – acrescentou, entrando nas áreas de recepção de seu gabinete –, gostaria de lhe apresentar mademoiselle Rose Valland.

– Um prazer – Rorimer disse quando a mulher se ergueu para cumprimentá-los. Tinha proporções generosas, não gorda, mas de constituição sólida, e com 1,70 metro era mais alta do que muitas de suas contemporâneas. Não era lá muito atraente, Rorimer não pôde deixar de notar, um fato que seu traje sem graça, deselegante, não ajudava em nada. Os cabelos estavam presos em um coque, como uma tia bondosa, mas a boca tinha uma expressão contraída. Como uma matrona. Essa foi a palavra que lhe veio à mente. E ainda assim havia uma inesperada determinação em seus olhos castanhos atentos quando ela olhou para o Monuments Man americano, algo que não se podia deixar de ver, mesmo por

trás de seus delicados olhos de aro de metal.

– James Rorimer, do Metropolitan – Rorimer disse, estendendo a mão. – E das Forças Armadas dos Estados Unidos.

– Sei quem o senhor é, monsieur Rorimer – Valland disse. – Fico satisfeita por ter uma chance de lhe agradecer a atenção especial que deu ao Jeu de Paume. Não é comum americanos terem tanta sensibilidade no que diz respeito aos franceses.

Ele percebeu de repente que já a conhecia, do pequeno posto avançado do Louvre conhecido como Jeu de Paume, localizado do canto extremo do Jardim das Tulherias. O prédio tinha sido construído por Napoleão III para ser uma quadra de tênis coberta – ou jeu de paume, como o esporte era então conhecido –, mas fora transformado em um espaço para exposições de arte contemporânea estrangeira. O Exército americano tinha planejado usá-lo como uma agência de correio; Rorimer havia com sucesso argumentado, em tensas reuniões ao longo de vários dias, que o prédio fazia parte do Louvre e portanto estava protegido.

– Mademoiselle Valland tem administrado o museu – Jaujard explicou. – Ela continuou como funcionária do governo francês por minha insistência, durante a ocupação nazista.

– Sem dúvida, um dever penoso – Rorimer disse. Ele se lembrou das descrições da ocupação que escutava com tanta frequência desde que estava em Paris: sem carne; sem café; sem óleo para calefação; dificilmente se encontravam cigarros. Pessoas em desespero arrancando amêndoas das árvores nas praças públicas para não morrerem de fome, depois folhas e galhos para servirem de combustível em seus fornos. Mulheres obrigadas a costurar a mão fazendo bolsas novas de quatro ou cinco outras velhas. Soldados de madeira esculpidos como saltos altos. Uma pasta que fazia você parecer que estava usando meias de seda, visto que as de verdade eram inacessíveis. Algumas mulheres até traçavam uma linha escura na parte de trás das pernas para imitar uma costura de meia-calça, depois se queixavam dos olhares e avanços dos soldados alemães. “Por que eles não vão a Montmartre?”, uma mulher zombou em um jantar obtido no mercado negro, agora disponível para quem tivesse dinheiro ou relações. Por causa dos blecautes noturnos e frequentes interrupções no fornecimento de energia elétrica, os teatros obscenos do distrito da luz vermelha tinham arrancado fora os

telhados e deixado a luz do sol entrar. As prostitutas tinham tido muito movimento, mas Rorimer suspeitava que até elas tinham suas queixas em relação aos alemães.

Mas não Rose Valland. Ela simplesmente sorriu e disse: – Todos nós tínhamos nossos trabalhos a fazer.

Ela devia estar só entregando a papelada, porque um minuto depois pediu licença e voltou para o Jeu de Paume. Rorimer, observando-a desaparecer no corredor, teve apenas um nítido pensamento: Rose Valland nunca havia traçado uma linha escura na panturrilha para imitar meia-calça. Ela obviamente não era esse tipo de mulher. Mas, fora isso, ele a achava totalmente inescrutável. Portanto, não a tirou da cabeça.

– Ela é uma heroína – Jaujard disse, preparando-se para voltar para a tapeçaria e outros assuntos à mão.

– Todos vocês são, Jacques – Rorimer retrucou. – Não vou me esquecer.

Carta de James Rorimer para amigos especiais, inclusive sua família e seu patrono no Cloisters, John D. Rockefeller Jr.

25 de setembro de 1944

Caros,

Hoje faz um mês que estou em Paris. Suponho que agora não seja mais novidade que esse foi o dia em que os americanos chegaram aqui. Nossa seção chegou ao mesmo tempo que as tropas de combate. Assim que os alemães se renderam em seu último baluarte, abrimos caminho por ruas cheias de barricadas em direção ao local de encontro combinado. Os alemães ainda estavam passando sua última noite nos prédios do Senado e a Câmara dos Deputados tinha acabado de ser incendiada. Dormimos em camas em um hotel onde os alemães tinham estado havia menos de 24 horas. No dia seguinte fui cumprimentar Jaujard, diretor dos Museus Nacionais, no Louvre, e comecei a pensar no trabalho que teria em Paris como o Oficial G-5 de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos para a Seção do Seine, que inclui Seine et Marne e Seine et Oise como era com os alemães.

Como um dos primeiros oficiais a chegar em Paris, fiquei conhecendo as autoridades – talvez ainda seja muito cedo para citar nomes, mesmo que eles apareçam nos jornais locais – e recebi ordens de fazer trabalhos especiais de modo algum relacionados com as belas-arts. Depois de ajudar a instalar o nosso quartel-general, pediram-me para cuidar da seção de informações, e dirigi a Mesa de Informações durante oito dias, e não as 48 horas originalmente previstas. Conheci todos em Paris que tinham

algo a ver com as relações franco-americanas. Havia muitos generais, oficiais de todos os tipos, gente dos hotéis e representantes comerciais de todas as espécies e descrições, velhos amigos, autoridades civis e nacionais, serralheiros, esquadrões de desativação de bombas e pessoal do serviço secreto... Dei ordens e vi que fossem executadas. Estalei o chicote a um ponto em que a necessidade militar exigiu que eu deixasse de lado as belas-artes e separasse os franceses dos alemães, o verdadeiro do falso, o fraco do forte e o preguiçoso do ativo.

Havia centenas de motoristas de táxi para serem empregados e intérpretes em abundância. Com frequência havia uma fila de cinquenta ou mais pessoas e eu aguentava firme em minha mesa centralmente localizada e ajudava a azeitar a roda do progresso. Sim, eu realmente ajudei a vencer a guerra durante esses dias agitados, excitantes e inacreditáveis. . .

Aqui estou eu no maior centro de arte do mundo. São museus, bibliotecas, arquivos, châteaux, prédios públicos de todos os tipos e descrições que se submetem a meu escrutínio. É preciso ajudar e nossas diretrizes devem ser executadas por decisões que precisam ser claras e sem reverberações. Até agora elas não tiveram e eu tenho feito exigências que deixariam vocês de cabelos em pé. Quando a guerra acabar, poderei contar muitas aventuras excitantes em que um segundo-tenente ousou se impor. Se for dispensado de minha atual posição ninguém dirá que não tentei fazer o possível para salvar os tesouros que séculos produziram... Estou determinado a fazer meu trabalho – às vezes me pergunto se tudo isso não passa de outro castelo no ar como os Cloisters. Aqueles bons e velhos tempos de atividade e realizações parecem ter voltado depois de longos meses ensinando manutenção de motores e línguas...

Há muitas outras coisas para escrever. O sofrimento dos franceses durante anos, de todos, exceto uns poucos que lucraram abundantemente com a ocupação – não se veem mais essas pessoas – não está esquecido, mas as alegrias de uma liberdade desconhecida é excitante para todos... Deus sabe o que realmente aconteceu. Não foi bonito, posso lhes garantir.

Já basta por esta noite. Há um mês que não recebo notícias de nenhum de vocês e estou tentando localizar as cartas. Para que agência do Exército vocês escrevem? Por favor, confirmem o novo endereço e não me abandonem.

Amor,

James

Entrando na Alemanha

AACHEN, ALEMANHA

OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1944

Durante duas semanas, Walker Hancock assistiu às bombas caindo sobre Aachen, a principal cidade situada mais ao oeste da Alemanha. Era meados de outubro de 1944, mas já fazia frio. Ele se encolhia dentro de sua jaqueta e olhava para o horizonte. Para onde tinha ido o sol de setembro? A fumaça enroscava-se no céu cinza. A cidade estava em chamas. Atrás dele, o rádio produzia estalidos conforme as informações eram transmitidas de um lado para o outro da linha de frente.

Hancock havia encontrado seu colega George Stout em Verviers, o quartel-general avançado do I Exército dos Estados Unidos, exatamente quando a máquina de guerra dos Aliados ocidentais estava ficando sem combustível e munição. As tropas haviam corrido centenas de quilômetros em dois meses, quase sem encontrar resistência, até a fronteira alemã. Ali eles encontraram não um inimigo recuando, como esperavam, mas uma linha de pequenas casamatas, arame farpado, campos minados e barreiras antitanques conhecida como a Linha Siegfried. As casamatas tinham oxidado com o tempo, e a maioria dos 700 mil soldados que as tripulavam eram recrutas novatos retirados da população alemã dizimada, muito jovens ou velhos demais para terem lutado em campanhas anteriores. Não obstante, a Linha Siegfried era um baluarte defensivo contra o qual os Aliados, já chegando a seu limite, não podiam investir. Na Normandia, eles tinham colidido com as linhas alemães em ondas sucessivas; na Linha Siegfried, eles foram chegando e parando em unidades titubeantes, exauridos seus suprimentos e ímpeto. O 21º Grupamento Militar (que incluía o I Exército canadense no qual servia o Monument Man Ronald Balfour), foi repellido nos Países Baixos tentando atravessar o Reno. O III Exército dos Estados Unidos, de Patton, foi detido perto de Metz, na França. Hancock e o I Exército

encontravam sua primeira resistência firme desde a Normandia em Aachen.

O plano era contornar totalmente Aachen, dividindo-se para o norte e para o sul e depois voltando a se unir na margem leste da cidade. Aachen, uma cidade de quase 165 mil habitantes cuja população caíra para 6 mil à medida que os Aliados avançavam, prometia o tipo de luta demorada que eles queriam evitar, especialmente porque ali havia pouca indústria pesada e valor tático. O que havia, em vez disso, era história. Aachen foi a sede do poder do Sacro Império Romano, ao qual Hitler se referia como o I Reich. Foi em Aachen que Carlos Magno consolidou seu poder e uniu a Europa central sob seu governo. No ano 800, enquanto estava em Roma, o Papa Leão III o coroou imperador do Sacro Império Romano, o primeiro governante desse tipo na Europa desde a queda de Roma. A Catedral de Aachen representou a sua Basílica de São Pedro. Começando em 936, a sala de oração, a Capela Palatina, foi a sala da coroação de reis e rainhas alemães. Ela teria essa função pelos seiscentos anos seguintes. A Catedral de Aachen e o antigo bairro ao redor eram inegáveis tesouros históricos. Os Aliados tinham todos os motivos para deixar a cidade intacta.

Infelizmente, Aachen tinha um grande valor simbólico para Adolf Hitler, não apenas como local de nascimento do I Reich alemão (e talvez uma das inspirações para seu Führermuseum em Linz) mas como a primeira cidade alemã ameaçada pelas tropas Aliadas. Quando os soldados alemães recuando se reuniram na cidade, os cidadãos da região ovacionaram. Mas quando os Aliados apareceram no horizonte, os oficiais locais nazistas requisitaram o último trem para saírem da cidade, carregando bens pessoais, e abandonaram a população à própria sorte. Hitler não se preocupava com os cidadãos – dar a vida pela Alemanha, afinal de contas, era considerado uma grande honra por aqueles que ainda não haviam sido solicitados a fazer isso –, mas ficou tão furioso com os oficiais nazistas locais que tinham abandonado uma importante cidade alemã que os mandou para o front oriental como soldados rasos, quase que uma sentença de morte. Em seguida, ele enviou para lá uma divisão de 5 mil homens com ordens para lutarem até Aachen jazer ao redor deles em ruínas e o último homem estar morto.

Os Aliados vacilaram. Tendo flanqueado a cidade e conquistado o terreno alto do outro lado, os comandantes decidiram que era arriscado demais deixar 5

mil soldados atrás do front perto de suas linhas de suprimentos. No dia 10 de outubro, exigiram a rendição dos alemães. Eles se recusaram. No dia 13 de outubro, o I Exército atacou. Era razoavelmente fácil justificar a necessidade de poupar os monumentos de países conquistados como a França e a Bélgica. Mas, e a Alemanha? Para Hancock, o bombardeio aéreo já parecia mais intenso. Os homens, ele sabia, não estavam entrando com ideias de compaixão. O lema de um batalhão dizia tudo: “Acabar com todos eles.” Os Aliados pareciam ansiosos para arrasar com Aachen.

A batalha durou oito dias. As Forças Aliadas eram superiores, mas os alemães escondiam-se por toda a parte, inclusive no sistema de esgotos, e a luta rapidamente virou um combate caótico, prédio a prédio. Os bombardeiros chamados pelos observadores no cume lançavam bombas de efeito retardado que detonavam, não nos telhados, mas vários andares abaixo nos prédios, estilhaçando tudo. O fogo de artilharia e dos tanques derrubaram a cidade quarteirão por quarteirão. Os prédios de pedra antigos no centro da cidade provaram ser muito bem construídos para os tanques, então os americanos entraram com sua maior peça de artilharia e a apontaram direto para as paredes. Um buldôzer limpava o escombros para as tropas que avançavam, sentindo uma alegria selvagem na destruição. Poucos quilômetros atrás, os Aliados tinham atravessado uma linha invisível. Isto não era França; era Alemanha. Do ponto de vista de Hancock, parecia que a atitude prevalecente era a de que Aachen merecia tudo que os Aliados pudessem lançar sobre ela e mais alguma coisa.

No dia 21 de outubro, apesar da ordem de Hitler para morrer pelo Reich, os alemães sobreviventes se renderam. Enquanto soldados e civis eram cercados e expulsos, Walker Hancock e seus colegas entraram na Alemanha. Eles passaram pelos campos minados da Linha Siegfried, marcados com fita branca por engenheiros militares. Depois dos campos minados estavam os dentes de dragão – postes de concreto dispostos em ziguezague uma fileira atrás da outra – como as lápides brancas das Forças Armadas no Cemitério Nacional de Arlington, mas grossos e pesados demais para um tanque passar por cima ou entre eles. Depois arame farpado, seguido por mais campos minados, fossos para armas e as pesadas casamatas de concreto que tinham se mostrado impenetráveis ao ataque aéreo.

Diante deles, Aachen ardia em chamas. Duas semanas antes, Hancock tinha

achado o depósito holandês em Maastricht uma coisa de outro mundo, mas este era um verdadeiro universo alternativo, a visão “mais estranha e fantástica” de sua vida.^[1] Vidraças estilhaçadas nas ruas; trilhos de bondes empinados no pavimento como dedos de metal malignos; pilhas de entulho era tudo que restava de muitas casas. Em um determinado ponto onde a destruição fazia uma clareira, deixando um vasto campo de lintéis e pedras angulares, alguns pracinhas americanos tinham colocado um cartaz com uma citação de Hitler: “Gebt mir fünf Jahre und Ihr werdet Deutschland nicht wiedererkennen.” Por baixo estava a tradução: “Deem-me cinco anos e vocês não reconhecerão a Alemanha.”^[2]

Hancock afastou-se da linha principal de avanço, onde os tanques rodavam e patrulhas se deslocavam com dificuldade, indo e vindo com suprimentos e ordens, e caminhou em direção ao centro da cidade. Virando a primeira esquina, o mundo se fechou sobre ele e ele ficou totalmente sozinho. “Pode-se ler descrições diversas sobre a destruição causada por raids aéreos e ver inúmeras fotografias, mas é simplesmente impossível imaginar a sensação de estar em uma dessas cidades mortas.”^[3] O entulho tinha 6 metros de altura, as ruas laterais eram longos corredores claustrofóbicos de fachadas quebradas, bocas abertas com os dentes à mostra. Fantasmas ocasionais passavam como relâmpagos – um grupo de belgas saqueando, um soldado americano a cavalo com um cocar de índio americano na cabeça roubado da companhia de ópera da cidade. Eu vi isso mesmo? Hancock se perguntava, enquanto o mundo fumacento engolia o cavaleiro. A cidade se desintegrava, grandes pedaços de alvenaria caindo à sua volta. Ele olhou através da fachada de um prédio, destelhado e vazio, deixando ver nas molduras do concreto quebrado pedacinhos do céu. As vidraças estavam estilhaçadas, os pisos lá dentro derrubados. “Uma cidade-esqueleto”, ele mais tarde comentaria, “é mais terrível do que uma cidade que as bombas destruíram totalmente. Aachen era um esqueleto.”^[4]

Perto do centro da cidade, Hancock foi obrigado a escalar uma sucessão de entulhos pútridos. Ocasionalmente ele avistava a cúpula da catedral, intacta por um milagre, erguendo-se sobre os prédios arrasados. Então ele virava uma esquina e ela desaparecia. O único som era o do assobio das bombas de artilharia sendo lançadas de ambos os lados. O bombardeio ficou intenso. Por vinte quarteirões, passando pelas estreitas e sinuosas ruas da cidade antiga, Hancock

tinha que se deslocar com dificuldade de soleira para pilha de escombros, correndo cada vez que explodia uma bomba.

As portas da catedral estavam abertas. Ele atravessou o pátio em uma corrida às cegas e entrou na Capela Palatina. A estrutura octogonal durante centenas de anos tinha engolido todos que ali entravam, fiéis ou peregrinos, isolando-os do mundo exterior e entregando-os nas mãos de Deus. Não foi diferente com Walker Hancock. Lá dentro ele se sentiu seguro. Todas as janelas estavam espatifadas, mas até isso não perturbava a profunda sensação de paz e segurança. Ao redor dele, o grande coro estava cheio de estilhaços de vidro e fragmentos de alvenaria. Sob o entulho, ele podia ver colchões e cobertores sujos. Ele caminhou devagar pela nave central, os pedaços de vidro rangendo sob seus pés. Refeições inacabadas descansavam sobre cadeiras, o café ainda nas xícaras. O altar improvisado tinha sido colocado no extremo oposto do salão contra um biombo temporário. Quando entrou na Sala do Coro gótica, viu que uma bomba aliada tinha furado a abside e demolido o altar principal. Hancock podia ver suas barbatanas cinzentas lisas aninhadas nos fragmentos de madeira. Curiosamente, não tinha explodido, salvando centenas de vidas e mil anos de história.

Hancock virou as costas para a cidade-fantasma de cobertores e xícaras. Olhou pelos buracos onde antes havia vitrais. As delicadas esquadrias das janelas de pedra marcavam o céu como um jogo da velha. Isso o fez lembrar da visão das grandes janelas vazias da Catedral de Chartres. Nisso, várias bombas explodiram em rápida sucessão; o vento soprou a fumaça pelo céu, escurecendo a catedral. Ele baixou o olhar para o campo de refugiados bombardeado a seu redor; uma estátua quebrada chamou sua atenção, olhando fixo para ele no meio da escuridão. Isto não era nada como Chartres.

“Durante mais de 1100 anos”, Hancock refletiu, “estas paredes maciças resistiram. Que eu tenha chegado a tempo de ser a única testemunha de sua destruição é inconcebível mas, de algum modo, tranquilizador.”^[5]

Ele estava de volta à Capela Palatina, examinando o dano mais de perto, quando uma figura saiu do escuro. Era menos assustador, Hancock percebeu surpreso, do que extraordinário. Ele havia se sentido sozinho em um outro mundo.

– Hier – a figura disse, acenando para que Hancock se aproximasse dela.^[6]

Era o vigário da Catedral de Aachen, franzino e alquebrado, uma lanterna tremendo na mão. Ele conduziu Hancock em silêncio por uma escadaria estreita, desviando-se com cuidado do entulho. A passagem até o topo era fechada, pouco mais larga do que os ombros e Hancock percebeu que estavam dentro de uma das grandes paredes de pedra. O vigário havia colocado algumas cadeiras em um pequeno esconderijo, e fez sinal para que Hancock se sentasse. Só então Hancock notou como o homem tremia.

– Seis meninos – o vigário disse em um inglês trêmulo, vacilante. – Entre 15 e 20 anos. Nosso corpo de bombeiros. Oito vezes ele apagaram o fogo no telhado e salvaram a cúpula. Foram levados por seus soldados para o campo em Brand. Não tem ninguém para acionar as bombas e mangueiras. Uma bomba, e a catedral pode estar perdida.

A luz fraca da lanterna lançava sombras no rosto cansado do homem. Em um canto, Hancock notou o velho colchão e os restos de comida com os quais o vigário havia vivido desde o início do bombardeio, havia mais de seis meses.

– São bons meninos – o vigário disse. – Sim, pertenciam à Juventude Hitlerista, mas – ele tocou no coração – não sentiam isso aqui. Você precisa trazê-los de volta antes que seja tarde demais. [7]

Hancock não sabia se ele queria dizer tarde demais para os meninos ou para a catedral, mas, de qualquer modo, o vigário estava certo. Ele anotou os nomes: Helmuth, Hans, Georg, Willi, Carl, Niklaus, todos alemães.[8] Mas Hancock era bastante inteligente para saber que nem todos os alemães eram nazistas ou maus.

– Como vai cuidar deles? – perguntou. A cidade estava sem comida, eletricidade, água corrente ou suprimentos básicos.

– Eles dormirão aqui. Temos água e suprimentos básicos. Quanto à comida...

– Talvez eu consiga alguma comida para vocês, Hancock disse.

– Temos um porão que vai mantê-la fresca.

A menção do porão fez Hancock lembrar de outra coisa. A Catedral de Aachen era famosa por suas relíquias – o busto de Carlos Magno em ouro e prata dourada, contendo um pedaço de seu crânio; a cruz processional com incrustações de pedras preciosas, do século X, de Lotar II, com o antigo camafeu de Augusto César; e outros relicários góticos. Ele não tinha visto nenhuma delas.

– Onde estão os tesouros, vigário? Estão nas criptas?

O vigário balançou a cabeça:

– Os nazistas os levaram. Para protegê-los.

Hancock tinha escutado falar bastante sobre a “proteção” dos nazistas para estremecer diante dessas palavras.

– Para onde? – perguntou.

O vigário encolheu os ombros.

– Leste.

Uma viagem de pesquisa

LESTE DE AACHEN, ALEMANHA
FINAL DE NOVEMBRO DE 1944

O carro fechado do estado-maior sacolejava sobre uma estrada esburacada e cheia de lama, com o Monuments Man Walker Hancock ao volante. Era final de novembro de 1944, quase um mês depois que Hancock entrara em Aachen e descobrira a condição de sua catedral. Em seu ritmo anterior de avanço, o I Exército dos Estados Unidos estaria a meio caminho de Berlim a essa altura, mas tinha ficado atolado nas densas e nevoentas florestas a leste de Aachen. Estavam avançando metros por dia agora, não quilômetros, contra um inimigo escondido, entrincheirado. E como se já não fosse ruim o bastante, a friagem do inverno que seria para sempre lembrado como o mais frio na história recente do norte da Europa tinha começado. Mesmo na melhor das estradas – e esta certamente não era uma delas –, o gelo enchia os sulcos e aderiria perigosamente às margens das curvas.

– Cuidado – o coronel disse do banco do passageiro. – Se vou morrer aqui, que seja debaixo de bombas alemãs, não em um maldito acidente de carro.

No banco traseiro, Hancock notou, George Stout não tinha nem piscado.

O perigo das bombas era real. O buraco no centro de comando em Kornelimünster, aberto apenas dois ou três dias antes, era prova disso. Ao lado do buraco, um cartaz dizia, “Quando tiver entrado nesses salões, você poderá dizer que esteve no front”.^[1] E quando eles chegaram em Büsbach, Hancock calculou que Kornelimünster tinha ficado uns 5 quilômetros para trás. Este era realmente o front. No dia anterior, em sua primeira visita a um posto de comando isolado, Hancock encontrara soldados cavando no meio de escombros fumegantes. Os destroços eram de uma casinha que haviam transformado em dormitório; ela tinha sido destruída menos de meia hora antes dele chegar.

O prejuízo fez Hancock lembrar do Suermondt Museum, em Aachen, onde

tinha passado uma parte considerável do mês anterior. Exceto por obras provincianas menores, todos os quadros do museu tinham sido evacuados antes do combate. Como um Monuments Man, sua tarefa era descobrir onde eles tinham ido parar. Então, puxou uma cadeira empoeirada e começou a pesquisar nos arquivos amassados que ainda restavam nos escritórios destruídos pelas bombas. Não havia eletricidade, e as pilhas volumosas de entulho lançavam sombras estranhas no feixe de luz de sua lanterna. Seus lábios estavam constantemente escurecidos, resultado da poeira que ainda pairava no ar estagnado, e a água em seu cantil nunca durava o suficiente. Mas ele mal notava o desconforto. Suas enormes esculturas levavam anos para ser terminadas, às vezes décadas; ele havia aprendido a ser um homem meticoloso, paciente. E apesar do ocasional glamour do depósito holandês de arte em Maastricht, ou da Catedral de Chartres, este era o verdadeiro trabalho de um Monuments Man: o peneirar cuidadoso de informações, o estudo paciente, o olhar atento.

A persistência de Hancock valeu. Primeiro, ele descobriu uma relação de escolas, casas, cafés e igrejas rurais onde foram guardados quadros e esculturas. Ele conferiu vários desses lugares, o que rendeu um depósito impressionante de quadros, mas nada famoso. E aí, quase no final de sua busca, ele encontrou a Pedra de Roseta de Suermondt enterrada em uma pilha de escombros. Era um catálogo empoeirado da coleção do museu, com cada item marcado em vermelho ou azul. Uma anotação manuscrita na capa explicava que os itens em vermelho (que Hancock reconheceu imediatamente como sendo as obras mais importantes do museu) tinham sido levados para Siegen, uma cidade uns 160 quilômetros a leste atrás das linhas inimigas.

Hancock pensava nisso agora, dirigindo com atenção o carro fechado do estado-maior pela estrada até a frente de batalha – um luxo depois de todos aqueles dias pedindo carona e noites sem comer! Devia haver um depósito grande em Siegen, uma espécie de armazém. Possivelmente localizado em uma torre de concreto, igreja ou, como o depósito que ele tinha visitado com George Stout na Holanda, na base de um morro. E se as melhores obras do Museu de Suermondt estavam ali, por que não os tesouros da Catedral de Aachen? O busto de Carlos Magno; a cruz de Lothar decorada com o camafeu de César; o relicário com o manto de Maria. Estariam em Siegen também?

Mas se estivessem em Siegen... e daí? Siegen era uma cidade inteira. Havia centenas de esconderijos possíveis. E nada garantia que o depósito estivesse dentro da cidade. Poderia muito bem estar a 8, 16 ou até 32 quilômetros dela, nos arredores.

Ele tinha começado a procurar por inteligência humana. Alguém sabia mais. Ele tinha certeza disso. Mas quem? Com ajuda de um arquivista da MFAA, vasculhou todas as relações dos centros de detenção dos Aliados cruzando os dados com as listas dos líderes culturais da cidade. Acabou encontrando um pintor idoso, que o conduziu até um zelador do museu, que sugeriu alguns arquitetos, mas ninguém sabia nada sobre Siegen.

– Foram todos embora – o jovem zelador lhe disse. – Só os nazistas de confiança conheciam os detalhes da operação, e foram todos para o leste com as tropas.

Mas a busca aos tesouros da Catedral de Aachen, e informações sobre o misterioso depósito em Siegen, eram apenas parte de suas obrigações. Desde que chegou à zona de combate, ele havia passado quase o tempo todo em pequenas missões como essa, examinando monumentos liberados e atendendo a chamados de comandantes de combate. Parecia que os americanos não podiam entrar em uma casa sem encontrar um “Michelangelo” entre os quadros de ninfas da floresta e flores.

Mas esta breve visita, esta talvez fosse a decisiva. Por isso ele havia trazido George Stout com ele. Se havia alguém capaz de identificar a proverbial agulha no palheiro, essa pessoa era Stout. Não que ele não confiasse no próprio julgamento; apenas parecia um pouco conveniente. Afinal de contas, o quadro tinha surgido exatamente quando ele estava começando a se perguntar se tinha alguma agulha naquele palheiro.

Ele voltou 24 horas atrás, mentalmente, para a primeira vez que viu o quadro. Tinha reconhecido logo o estilo. Flamengo. Século XVI. Seria de Peter Breughel, o Velho – o grande mestre belga – ou de alguém que trabalhava com ele? Ele havia visto obras de qualidade comparável em Maastricht, mas nenhuma lhe tirara o fôlego como esta. Ver um quadro dessa qualidade apoiado contra a parede de um posto de comando em meio a balas e fuligem era compreender que grandes obras de arte fazem parte do mundo. São objetos. São frágeis. São

solitárias, pequenas, desprotegidas. Uma criança em um playground parece forte, mas uma criança vagando sozinha pela Madison Avenue, na cidade de Nova York – isso é assustador.

- Onde o encontrou, senhor? – ele havia perguntado ao oficial-comandante.
- Em uma cabana de camponês – o oficial tinha respondido.
- Nada junto com ele?
- Só isso.

A mente de Hancock tinha revisado rapidamente os fatos. Não era quadro de camponês, mas uma obra com qualidade de museu. Obviamente fora roubada, depois deixada para trás quando os alemães recuaram. Mas era um quadro só, deixado de lado casualmente. Provável resultado de uma pilhagem individual, encontrado por um oficial de passagem em alguma propriedade no campo e abandonado quando se tornou uma carga mortal. Não servia de pista para nada. Mas isso não o tornava menos valioso como obra de arte.

Ele ficou olhando para o quadro, pensando na estrada lamacenta de volta a Verviers, exposta durante quilômetros às bombas alemães. O jipe sem capota era proteção suficiente para sua própria vida, mas ele não se sentia confortável em lhe confiar um tesouro cultural.

- Congratulações, comandante – Hancock disse. – É um verdadeiro achado.

Uma bomba de artilharia detonou lá fora, sacudindo lascas de madeira do teto. Hancock deu um salto; o oficial pareceu nem notar.

- Eu sabia – ele disse. – Eu sabia.
- Infelizmente, senhor, não tenho um caminhão. Terei de deixá-lo aqui por enquanto, mas volto amanhã.
- Vai voltar ao quartel?
- Sim, senhor. Vou.
- Pelo amor de Deus – o oficial disse, – pede para mandarem uma lâmpada.

Não temos nada aqui para iluminar, nem uma vela, e este é um lugar infernal para ficar depois que escurece. ^[2]

No quartel-general no dia seguinte, Hancock pegou não só as lâmpadas, mas também o coronel – que tinha acabado de chegar do SHAEF e estava ansioso para assistir a um combate de verdade – e George Stout, que acabara de voltar do campo de batalha. A presença americana na Europa ocidental aumentara para

mais de um milhão de soldados, portanto Eisenhower criou uma divisão administrativa sob o comando do general Omar Bradley. O III Grupo de Exército dos Estados Unidos, de Bradley, tinha jurisdição sobre o I, o III, o IX Exércitos e o recém-chegado 15º Exército. George Stout tinha acabado de ser designado para o 12º como seu Monuments Man. Em resumo, seu grande temor tinha se tornado realidade: ele fora chutado para o setor administrativo. Hancock havia notado que Stout não estava com pressa de voltar para Paris e assumir esse comando.

O homem era um verdadeiro profissional, um companheiro de trabalho de verdade, e um conservador qualificado em um mundo de curadores, artistas e arquitetos. Um perito e detalhista primeiro analisa, Hancock pensou enquanto dirigia, lembrando do conselho de Stout numa de suas primeiras viagens juntos, depois decide.^[3] Hancock estava contente por tê-lo trazido porque George Stout sempre sabia o que fazer. Ele tomava decisões e assumia a responsabilidade. O coronel, ele podia pegar ou largar. Não passava de um fanfarrão de retaguarda, o tipo que deixava furiosos os soldados da infantaria – mas pelo menos concordar em trazê-lo para um passeio turístico pela frente de batalha significava um carro do Estado maior com capota, em vez de um arriscado caminhão pesando uma tonelada. Depois de meses no campo de batalha, Hancock sentia-se como um motorista de limusine.

– Lá está ela – o coronel disse. – Já era tempo.

O posto de comando parecia precário, uma cabana de madeira raquítica em um pátio cheio de lama. Aviões aliados rugiam lá no alto quando Hancock pisou nos freios. O ar estava pesado de fumaça e poeira. O combate, Hancock notou, parecia mais perto do que no dia anterior. Talvez o fogo esteja mais intenso, ele pensou, conforme as armas pesadas repercutiam. Ele podia escutar as bombas explodindo, mas não podia dizer se elas estavam indo ou vindo. Este obviamente não era lugar para obras de arte – ou para um Monuments Man. O plano de Hancock era simples: pegar o quadro e se mandar.

Stout tinha outras ideias.

– Você anota – ele disse a Hancock, ajoelhando diante do quadro depois de uma onda de apresentações em geral.^[4]

Delicadamente, ele passou os dedos pela superfície, como um cego

cumprimentando um velho amigo. – A quermesse – ele disse com firmeza. – Flamengo do século XVI, ateliê de Peter Breughel, o Velho.”[5]

Eu sabia, Hancock pensou. “Ateliê” significava que o mestre teria dado sugestões – no mínimo –, se não tivesse trabalhado ele mesmo em parte do quadro.

Stout virou o quadro ao contrário:

– Suporte: painel de carvalho. Pegou sua fita métrica: – 0,84 metro por... 1,2 metro por... 0,004 metro. Três elementos de igual largura unidos na horizontal.

O choque das bombas chacoalhava as vigas do teto, derrubando poeira e fragmentos de gesso solto. Do lado de fora da janela, Hancock notou o coronel de pé sobre uma pilha de entulho, observando a batalha com o binóculo.

– Chassi: baixo, sete longitudinal, carvalho, dez transversos deslizantes. Múltipla urdidura. Ligeiramente roído de traças. Cantos inferiores quebrados, aplainados na época em que foi montado.

Stout mais uma vez virou a moldura para examinar a pintura. Análise primeiro, Hancock pensou, depois a decisão. Stout nunca se apressava. Jamais adivinhava. Jamais agia por medo ou ignorância, mesmo que só por essa vez Walker Hancock desejasse isso.

– Fundo: branco, muito fino. Quebrado e descamado, esparso, empenado: inferior moderado, superior extenso.

Hancock notou homens que se reuniam saindo das sombras. Eram da infantaria, jovens soldados recrutados direto da escola, os primeiros no combate. Durante meses eles foram baleados, minados, contra-atacados e bombardeados. Lavavam-se em seus capacetes, ou não se lavavam, e comiam em latas de ração, limpando as colheres nas calças. Seus alojamentos tinham sido destruídos, então eles se jogavam no chão onde quer que encontrassem um lugar confortável. Como sempre, Hancock queria lhes dizer alguma coisa, agradecê-los de alguma forma, mas Stout falou primeiro.

– Tinta: óleo, forte, em geral fino com película translúcida em áreas escuras e desenho monocromático esparsamente visível por baixo.

Lá fora, o coronel aplaudia, encantado com seu primeiro encontro com a guerra. Lá dentro dois Monuments Men curvados sobre um quadro de quatrocentos anos de idade, na luz tênue de uma recém-chegada lâmpada. O

primeiro estava ajoelhado no chão, estudando sua superfície como um arqueólogo em uma tumba egípcia ou estudante de medicina com um homem ferido. O segundo, curvado atrás dele, concentrava-se em suas anotações. Os soldados, cansados e sujos, amontoando-se ao redor deles como os pastores na manjedoura, olhavam em silêncio para um quadro que retratava rostos expressivos de camponeses e para os dois homens adultos uniformizados esmiuçando cada centímetro quadrado de sua superfície.

Carta de George Stout a seu colega Langdon Warner
4 de outubro de 1944

Caro Langdon,

A notícia da renúncia de nossos diretores (do Fogg Art Museum) não me foi dada por eles em primeiro lugar nem de fato me informaram de coisa alguma. Margie me contou... Suponho que eu deveria lhes escrever mas não sei muito bem o que devo dizer. O livro "Social and Business Forms", de Hall, guia certo de etiqueta nessas situações e que ficava na prateleira de meu pai, não tinha nenhum exemplo de carta dirigida a co-diretores de um museu de arte, onde o escritor tivesse trabalhado, ao saber por meios indiretos, que eles tinham se aposentado...

Koehler está certo. A tarefa deve ser entregue a alguém que fará do museu parte ativa – uma parte ativa – do departamento... Acredito que jamais tive tanta certeza como tenho agora de que o desenvolvimento e a compreensão da arte humana é a necessidade fundamental do espírito humano; ou que não podemos buscar uma sociedade saudável enquanto esta necessidade, entre outras, não for satisfeita. Espero dedicar o resto de minha vida realmente a essa tarefa.

De meu ponto de vista, este (ser um Monuments Man) não é um trabalho ruim. Durante as últimas três semanas tenho trabalhado com um inglês que está terrivelmente irritado e diz que estamos perdendo nosso tempo. Não sei o que ele esperava. Alguma estranha aventura romântica, glória pessoal ou grande autoridade, talvez. Ele não me convence. Não podemos calcular o resultado, mas estou

satisfeito, não com o que fiz mas com o que o trabalho representa. Um detalhe que não está aqui nem ali e não ficará em nenhum registro me agrada. É a atitude dos homens que encontro. Eles não se preocupam realmente com o que foi danificado, mas parecem entender que faz parte do jogo e querem saber mais a respeito. Homens e oficiais, todos. Ontem, um sujeito que eu já tinha visto antes – um sargento que conheci faz tempo e um cara que não consegue juntar duas palavras consecutivas que se imprimiriam no monitor –, queria saber se os monumentos tinham sido muito atingidos por aqui. E na França, semanas atrás, lembro-me de um velho coronel rude com quem tive que argumentar. Eu lhe contei qual era minha função. Seus olhos tinham uma expressão incrédula em um rosto que parecia esculpido com um desses martelos usados para bater estacas. Ele disse: “Que diabos é isso?” Então falamos mais um pouco. Já tinha passado da hora do almoço. Ele ficou ali com seu executivo enquanto eu comia alguma coisa das rações K, as rações ditas de assalto, que tirei do para-choque de meu carro velho, e eles continuaram conversando a respeito até que eu tive muita dificuldade para ir embora. Esses sujeitos estão apenas naturalmente interessados em um bom trabalho e não têm qualquer restrição em examiná-lo. Talvez, e que os sahibs do Fogg me perdoem por pensar assim, esta simples, curiosa, perspectiva de homens saudáveis seja mais importante do que alguns dos próprios monumentos.

Seu amigo,

George

Tapeçaria

PARIS, FRANÇA

26 DE NOVEMBRO DE 1944

A mais de 400 quilômetros dali, em Paris, um museu de arte mais tradicional – o Louvre – estava finalmente ativo com produções artísticas. As peças eram na maior parte coleções de escultura clássica, e não tantas quanto James Rorimer teria preferido, mas ele sabia que mesmo isso era um feito extraordinário. O governo francês estava finalmente fechando o vácuo na liderança que havia surgido depois que os nazistas se foram, mas a burocracia era um pesadelo. E todos, em qualquer nível, pareciam estar impondo sua própria lista de prioridades. Rorimer vinha fazendo o máximo de pressão possível; ele não era, como um observador mais tarde diria, “um talento como diplomata”.^[1] Os sóbrios franceses ficavam com frequência surpresos com suas bravatas, e mais de um tinha se queixado de suas “táticas de caubói”.^[2] Mas, mesmo com sua tenacidade de buldogue e atitude radical, Rorimer não tinha conseguido fazer muito progresso.

Ele estava convencido de que isso tinha a ver com seu posto na hierarquia militar. Ele não trocava seu treinamento na infantaria se pudesse, mas começar como soldado raso o colocava em tremenda desvantagem. Ele era um segundo-tenente, e jamais seria promovido, mesmo que muitos a sua volta achassem que ele merecia um grau de major pelo trabalho que estava fazendo. Isso o aborrecia. Ele não podia evitar. E não era apenas orgulho pessoal, embora em parte fosse. Seu grau inferior estava interferindo em seu trabalho.

Ele pensou no dia, em setembro, quando soube que o gabinete do general Eisenhower em Versailles estava sendo mobiliado com peças do palácio e do Louvre. Jauyard, o diretor patricio dos museus franceses e herói do Louvre, sabia dos “empréstimos” mas havia concordado com interesse na cooperação dos Aliados. Rorimer não. Ele correu para Versailles – o gabinete de Eisenhower

ficava em uma casa na cidade ao redor, não no palácio – e encontrou soldados fazendo a mudança. Uma bela mesa de estilo Regência pousada sobre um antigo tapete persa do Mobilier National. Havia uma estátua de terracota em um canto, enquanto quadros e gravuras do Museu do Palácio de Versailles estavam encostados nas paredes.

O capitão encarregado, que tinha o encantador nome de O. K. Todd, havia selecionado pessoalmente as peças e não estava levando na brincadeira a oportunidade de cair nas graças do supremo comandante. Quando Rorimer começou a argumentar com ele, Todd simplesmente saiu da sala e chamou o coronel Brown, comandante do quartel-general de Eisenhower. Rorimer tinha discutido com ele, também: pouco prático, caro, sem proteção. Era necessário? Era sensato?

– O general Eisenhower ficaria pessoalmente constrangido – Rorimer dissera – se viesse a público que ele estava usando obras de arte protegidas para propósitos militares em contradição com suas ordens explícitas. E será que a propaganda alemã não iria adorar poder divulgar que o general Eisenhower havia se apropriado de objetos de arte de Versailles para seu uso pessoal? [3]

Ele tinha ido longe demais.

– Vamos ver o que seu general Rogers tem a dizer sobre isto – Brown esbravejou, pegando o telefone e discando para o oficial-comandante de Rorimer.[4]

Por sorte, o general Rogers não estava. O coronel Brown não estava com paciência para esperar. Na manhã seguinte, os objetos culturais foram devolvidos. O. K. Todd recebeu uma comenda da cidade de Versailles por seu ato altruísta. Eisenhower, chegando dias depois, achou até que o gabinete despojado era grande e imponente demais, então mandou instalar uma parede divisória e deu metade do espaço a seus secretários. No final, foi um acidente insignificante, uma bobagem talvez, mas, não fosse uma feliz casualidade, isso poderia ter custado a Rorimer sua patente. E esse era o problema: muitos dedões para pisar em cima, muitos egos para adular, muito tempo perdido. Era quase tão frustrante quanto o trabalho no museu!

Rorimer enxotou o pensamento. Tinha passado uma boa parte do último mês na região de Île de France, em uma série de propriedades ancestrais que

circundavam Paris. Os salões de muitos châteaux estavam negros porque nem os alemães nem os americanos sabiam usar as velhas lareiras. Quatro americanos apaixonados tinham dado quadros importantes para moças de uma aldeia local. Em Dampierre, os alemães haviam instalado um bar para coquetéis na frente do Golden Age, um dos murais mais famosos da França. Mas, no todo, tinha sido uma boa viagem. Os danos eram mínimos; o estado de espírito ainda alto. Outra história de Dampierre parecia sintetizar a situação. Os alemães tinham usado as célebres cartas de Bossuet, que estavam na biblioteca, como papel higiênico, mas depois que eles foram embora o zelador as encontrou nos bosques, limpou-as e as devolveu à biblioteca. Isso é que era dedicação. Isso é que era servir!

Além do mais, não era hora de ser negativo. Era o dia 26 de novembro de 1944 – o domingo depois do Dia de Ação de Graças nos Estados Unidos – e James Rorimer tinha muito o que agradecer. Depois de semanas de exigências, argumentações e súplicas, os caminhões do Exército tinham sido retirados do Jardim das Tulherias, e o jardim estava oficialmente aberto ao público. E agora o Louvre estava aberto, também. Vozes ecoavam onde, dois meses antes, só se escutavam os passos de Rorimer. A Tapeçaria de Bayeux, sobre a qual ele havia conversado com o diretor do Louvre, Jacques Jaujard, tantas semanas antes, estava sendo exposta em Paris pela primeira vez em quase 150 anos. Ele havia acompanhado o general Rogers à abertura da exposição duas semanas antes; estava de volta agora para perambular pelos salões. O coração de Paris estava ressuscitando e Rorimer não podia deixar de pensar em sua contribuição.

Ele precisava desse estímulo porque o resto de seu trabalho era lento. Superficialmente, a cidade de Paris parecia majestosa e indestrutível, mas por baixo os nazistas tinham aberto catacumbas de roubo e destruição. As coleções nacionais francesas tinham sido preservadas pela astúcia de Jacques Jaujard e do “bom” nazista, o conde Franz von Wolff-Metternich, mas as coleções de cidadãos privados tinham sido saqueadas. Antes da guerra, uma grande parte da riqueza artística de Paris estava nas mãos de seus cidadãos e comerciantes de arte proeminentes – os Rothschilds, David-Weill, Rosenberg, Wildenstein, Seligman, Kann –, todos eles judeus. Sob a lei nazista, os judeus não podiam ter propriedades, portanto as coleções tinham sido “apropriadas” pelo Estado alemão. Depois que os saqueadores exauriram essas coleções, os confiscos aos

poucos passaram para a aristocracia judia de nível mais baixo, depois para a classe média judia, e finalmente para qualquer um que tivesse pelo menos um nome que soasse judeu – ou possuísse algo que a Gestapo quisesse. No final, tinha sido um saque em massa, já que os oficiais da Gestapo derrubavam portões e levavam embora objetos de valor – obras de arte, mesas e até colchões. Jaujard estimava que 22 mil peças de arte importantes tinham sido roubadas.

Até então, Rorimer não conseguira encontrar informações sobre aproximadamente nada disso. Os nazistas haviam levado ou destruído quase todos seus registros. As vítimas em geral estavam ausentes, tendo fugido do país ou desaparecido nos campos de concentração nazistas. As testemunhas relutavam em falar. A onda de terror havia acalmado – não havia mais cortes de cabelo forçados em público de mulheres jovens ou execuções sumárias de supostos colaboradores –, mas a confiança na nova ordem ainda era perigosamente baixa. Os riscos eram muito grandes e a recompensa insuficiente, pelo menos por enquanto, para quem falasse. Era melhor, a maioria dos parisienses comuns acreditava, bebericar o champanhe da celebração e ficar de boca fechada.

A sociedade francesa dos museus não estava tendo melhor sorte. A primeira reunião de um grupo que se autoapelidava de Commission de Récupération Artistique (Comissão para a Recuperação de Obras de Arte) tinha ocorrido no dia 29 de setembro de 1944. O líder da comissão era Albert Henraux, patrono das artes e um dos principais contatos de Jacques Jaujard na Resistência francesa. A secretária era mademoiselle Rose Valland, a assistente encarregada do museu do Jeu de Paume. Isso foi o bastante para provar a Rorimer que, independente de quem estivesse na liderança, um poder considerável estaria sempre nas mãos de seu amigo Jaujard. E, no entanto, com toda a influência de Jaujard, a comissão só havia sido formalmente reconhecida pelo governo dois dias antes, em 24 de novembro. Pelo que Rorimer sabia, não tinham feito muitos progressos na recuperação de obras de arte também.

Portanto, depois de seu passeio pelo Louvre – talvez sua primeira tarde visitando um ponto turístico, ele percebeu, desde que chegara a Paris três semanas antes –, Rorimer parou no gabinete de seu velho amigo. Já estava quase na hora de fechar, mas Jaujard, como sempre, ainda estava em sua mesa. O homem era incansável.

– Um grande sucesso – Rorimer disse, referindo-se à abertura da exposição. Multidões tinham esperado horas na fila para ver a Tapeçaria de Bayeux apesar dos dez francos cobrados (cerca de vinte centavos de dólar americano); só os militares tinham entrada gratuita.

– O público está feliz por ter uma exposição novamente – Jaujard respondeu.
– É um passo importante.

– E, no entanto, ninguém compreende, fora da comunidade dos museus, o trabalho que deu para tornar essa exposição possível.

– É assim por toda parte, James. Tenho certeza de que os produtores de laticínios se queixam de que não compreendemos a dificuldade de colocar o leite no mercado.

– E os soldados se queixam da dificuldade de caçar mulheres parisienses e comprar perfumes. Alguns comerciantes até começaram a cobrar por isso!

Jaujard riu.

– Só vocês, americanos, poderiam brincar a respeito de sua presença aqui. Nós, parisienses... Nós nos queixamos, mas nossas lembranças da ocupação são muito recentes para não reconhecermos o valor de vocês. Mesmo que não estejamos mais dando tudo de graça para vocês.

Eles conversaram mais alguns minutos sobre a exposição e a cidade. Eram amigos agora, unidos pelas circunstâncias e mútua admiração. No final, ao perceber uma oportunidade, Rorimer mencionou a comissão.

– Estou contente por você perguntar – Jaujard disse. – Tem um assunto no qual talvez você possa ajudar. – Ele fez uma pausa, como se tentasse encontrar o modo certo de explicar a situação. – Você sabe a respeito dos saques nazistas às coleções particulares, é claro.

– Vinte e duas mil obras de arte. Quem poderia esquecer?

– Ah, talvez até mais do que isso. Eles roubaram de toda a Paris e arredores. Seguir a pista de cada fonte, como você sabe, é quase impossível. Então, por que não começar pelo fim? Antes de saírem de Paris, as obras de arte pilhadas eram todas levadas para um lugar a fim de serem catalogadas e embaladas: o Jeu de Paume, aqui perto. E nós tínhamos um espião lá dentro.

Rorimer aproximou-se mais de Jaujard. Um espião? Era essa a brecha pela qual vinha esperando?

– Quem? – ele perguntou.

– Rose Valland.

Rorimer pensou na administradora do Jeu de Paume que tinha conhecido quase dois meses antes no gabinete de Jaujard. Ele a tinha visto várias vezes desde então e, no entanto, achava difícil lembrar de muita coisa a seu respeito além das roupas desenxabidas, os óculos pequenos de aro de metal e o sempre presente coque de vovozinha. Matronal. Ainda era a palavra que lhe vinha em mente. Ela deixou a impressão de uma solteirona inofensiva.

E no entanto... Ele sempre achou que tinha alguma coisa a mais nela. E não eram apenas o fogo e a inteligência em seu olhar. Ou que ele tivesse começado a desconfiar da profundidade de seu envolvimento no mundo de Jaujard. Porque ele não tinha, não até agora. Ela, em todas essas semanas em que se encontraram ocasionalmente, permanecera tão inescrutável quanto na ocasião em que foram apresentados. Raramente falava, e quase nunca revelava nada de interessante. Ela não tinha medo de contestar as suposições dele, muitas vezes com seco sarcasmo, mas nunca de um modo que o deixasse magoado depois. Ele não podia, de fato, lembrar-se de muita coisa do que ela havia dito, o que em si mesmo, ele agora percebia, deveria ter despertado sua desconfiança. Ela não era apenas uma funcionária anônima, malvestida, de um museu, ela tinha algo mais. Ela era a espiã ideal.

Jaujard sorriu.

– Eu lhe disse que ela era um herói, mas você não compreendeu. Ninguém compreende. Rose Valland não é jovem nem muito atraente, mas ambas as características lhe serviram muito bem em sua tarefa. Ela é de meia-idade. Maneiras simples. Iminentemente esquecível. O que você está fazendo, James?

– Meia-idade. Modos simples... – Rorimer repetiu, tomando nota rapidamente em pedaços de papel.^[5]

– Confiante em si mesma. Independente – Jaujard continuou. – Não confiante em seus encantos femininos, mas tão inescrutável quanto o gato num jogo de gato e rato, se o gato puder fazer você pensar que ele é o rato. Mas um senso de humor divertido quando você a conhece. Um jeito de suspirar antes de falar, quase uma afetação feminina, mas nunca outra coisa além de jovial. E, no entanto, ela nunca valoriza seus artifícios femininos acima de sua força de

vontade. Ela sempre quis carregar sua própria mala, sabe, por mais pesada que estivesse. Vejamos. Sensível. Infatigável. Cuidadosa... Basta?^[6]

Rorimer tirou os olhos de suas anotações. – Mais do que suficiente – ele disse. – Principalmente porque não sei por que estou anotando isso.

– Porque queremos que você fale com ela, James.

– Por quê?

– Você está em Paris há três meses e nesse breve tempo viu o que está acontecendo... A ausência de confiança, a dificuldade de reiniciar um governo, os atrasos burocráticos que temos de enfrentar. Não é de surpreender que, tendo passando quatro longos anos dentro do Jeu de Paume com os nazistas, mademoiselle Volland relute em entregar todos os seus registros e informações.

Rorimer pegou os pedaços de papel e grudou no folheto da exposição da Tapeçaria de Bayeux no Louvre, que havia pegado na porta.

– Talvez ela não saiba de nada – disse.

– É o que seu colega britânico do Monuments, o oficial McDonnel, pensa. Ele vem investigando o assunto, mas acha que não tem nada ali. Mas está errado.

Rorimer pensou por um momento.

– Não faz sentido. Se ela tivesse informações, por que não dividir com os outros?

Jaujard reclinou-se na cadeira.

– Ela dividiu. Pelo menos em parte. Mas só comigo. Você precisa levar em conta a experiência de viver com o problema de colaboradores durante os quatro anos de ocupação nazista. Mesmo hoje é uma preocupação real para todos nós. Esse fato bem conhecido torna muito difícil confiar em seus compatriotas. Você não sabe em quem pode confiar, mesmo agora.

– Mas certamente ela pode confiar em você.

– Confiança é apenas uma parte da história, James. Eu sou uma criatura da burocracia francesa. Quando ela me deu informações no passado, e acredite, as informações eram valiosas, eu fiz meu dever e as passei para as devidas autoridades do governo. Infelizmente, a ação pretendida nem sempre foi tomada, ou pelo menos não com a urgência necessária. O governo levou dois meses, dois meses, James, para seguir a pista de 112 caixas com obras de arte pilhadas sobre as quais mademoiselle Volland havia me informado. Durante esse

tempo, as caixas estiveram superficialmente protegidas. Quando foram recuperadas, várias tinham sido fuziladas. – Jaujard olhou para Rorimer, mas o Monuments Man não respondeu. – Tem que ser alguém de fora, James – ele disse. – Alguém capaz de fazer as coisas. Ela não vai confiar em mais ninguém.

– Mas ela nem me conhece.

– Você pode não conhecê-la, mas ela certamente o conhece. Ela vem observando. E está impressionada com o que você fez pela França. Ela mesma lhe disse isso, quando vocês foram apresentados em meu gabinete.

Jaujard ergueu a mão.

– Não proteste. Você fez mais do que pensa. E quando teve obstáculos colocados em seu caminho... Bem, pelo menos você bateu com a cabeça na parede burocrática. Isso conta.

Jaujard levantou-se detrás de sua mesa.

– Mas não vamos passar a tarde inteira falando de Rose Valland. Converse com meu amigo Albert Henraux. Ele chefia a comissão e tem a mesma ideia. Ele lhe dirá alguma coisa. – Ele pegou o chapéu do cabide ao lado da porta e saiu para o corredor. – Nunca me canso de olhar para a Tapeçaria de Bayeux. Você acredita que ela esteja finalmente aqui, no Louvre? Sabe quando foi a última vez que ela esteve em Paris? 1804. Napoleão a confiscou em Bayeux e a trouxe para cá. Ele estava planejando invadir a Grã-Bretanha e queria inspirar seus generais.

Rorimer olhou para as paredes, ainda vazias nessa parte do museu. Só uma pequena parte da coleção tinha sido devolvida; muito menos do que o número de obras roubadas dos cidadãos da França. Mas ainda era uma visão auspiciosa.

– Detesto perguntar, Jacques, mas... Como você sabe que ela não era um deles? Quero dizer, como você sabe que Rose Valland não estava trabalhando para os nazistas?

– Porque ela espionava para mim. Eu a mandei ficar no Jeu de Paume, e ela ficou, de boa vontade, apesar do perigo. Ela me trazia informações quase todas as semanas. Informações valiosas. Por causa dela, a Resistência conseguiu retardar indefinidamente a partida dos últimos trens alemães transportando obras de arte de valor inestimável roubadas das maiores coleções particulares da França.

Jaujard parou.

– Eu a conheço, James. Sua lealdade à França e aos objetos de arte é

inquestionável. Quando você a conhecer, vai compreender isso, também. – Ele começou a andar de novo. – Se você duvida dela – ele disse sorrindo, – pergunte-lhe sobre os detalhes do trem das artes. Rose Valland provavelmente salvou mais quadros importantes – Jaujard acrescentou com ar distraído – do que a maioria dos conservadores terá nas mãos para trabalhar durante uma vida inteira. Especialmente aqueles que não tiveram de passar por essa guerra desgraçada. Ah, cá estamos.

Eles estavam entrando na sala onde a Tapeçaria de Bayeux encontrava-se estendida em todo o comprimento de duas paredes. Rorimer caminhou lentamente ao longo de toda sua extensão, absorto no trabalho artístico. A efusão de detalhes, o extraordinário alcance da narrativa e as cenas da vida medieval brilhavam diante de seus olhos em toda sua glória, um romance ilustrado.

– Venho pensando nisso desde que estive aqui há duas semanas – Rorimer disse da outra extremidade da sala. Uma das últimas cenas, que, se ele lembrava bem, mostrava soldados espalhados, braços e armas erguidos no ar, estava coberta por uma parede temporária. – Certamente não está danificada, ou está? Não depois de todos esses séculos.

Jaujard balançou a cabeça.

– Não foi a condição da tapeçaria – ele disse. – Foi a inscrição: In fuga verterunt Agli, Em fuga os ingleses viraram as costas.

Rorimer lembrou de repente o que soldados espalhados representavam: o Exército inglês recuando diante do poder dos franceses. Não pôde deixar de rir.

– Estamos um pouco sensíveis, não estamos?

Jaujard deu de ombros.

– Estamos em guerra.

Votos de Natal

METZ, FRANÇA

DEZEMBRO DE 1944

O inverno de 1944 foi talvez o período mais brutal da guerra na frente ocidental. O 21º Grupo de Exército combinado canadense e britânico do general Montgomery – forçado a recuar no Reno pelas forças alemãs entrincheiradas – passou semanas arrastando-se pelo perigoso delta do rio para abrir a importante cidade portuária de Antuérpia, na Bélgica, para entrega de suprimentos muito necessários.

O I Exército dos Estados Unidos tinha entrado na Floresta Hürtgen, um arriscado corredor de íngremes vales arborizados coalhados de fortificações alemãs, soldados entrincheirados e minas. Em dezembro, a neve estava espessa nas árvores e, em certos lugares, o chão estava congelado demais para se cavar trincheiras individuais. O avanço era árduo. Em uma área de floresta fechada, o Exército avançou pouco menos de 3 quilômetros em um mês, e perdeu 4.500 homens no processo. A Batalha da Floresta de Hürtgen, destinada a ser a mais longa da história militar americana, duraria de setembro de 1944 a fevereiro de 1945. Quando terminou, o I Exército tinha conquistado menos de 80 quilômetros quadrados.

Mais ao sul, o general Patton e o III Exército dos Estados Unidos avançaram contra a cidade intensamente fortificada de Metz, na fronteira leste da França. A cidade, cercada por fortes e postos de observação ligados por trincheiras e túneis, tinha sido uma cidadela desde os tempos dos romanos e foi a última cidade da região a se entregar às tribos germânicas. Desde então, fora um cadinho da Europa ocidental e central, uma cidade disputada por todos desde os primeiros cruzados – que mataram judeus ali em 1096 – até reis Bourbons e bandidos ingleses. Em 1870, durante a Guerra Franco-Prussiana, ela resistiu a um ataque maciço, mas caiu em um cerco prussiano e temporariamente passou a fazer parte

do Estado alemão. Os franceses a reconquistaram, mas por meios diplomáticos, não com um ataque direto. Em novembro de 1944, o III foi o seguinte na longa série de exércitos a tentar conquistar Metz.

Quando o bombardeio aéreo falhou, Patton mandou as tropas. O combate durou quase um mês, com soldados escalando as escarpadas paredes de pedra das fortificações e combatendo em túneis subterrâneos revestidos de arame farpado e barras de ferro. No final, todas as posições alemãs caíram menos Fort Driant, seu pivô defensivo, que se rendeu sem ser conquistado. O avanço desde o rio Mosela havia custado mais de 47 mil baixas de americanos e ganhou menos de 48 quilômetros. O general Patton, exasperado com as defesas alemãs e os 18 centímetros de chuva que caíram durante o avanço, escreveu ao secretário de guerra: “Espero que no ajuste final da guerra, o senhor insista para que os alemães fiquem com Lorena, porque não posso imaginar fardo maior do que ser dono dessa terra desagradável onde chove todos os dias e toda a riqueza do povo consiste de pilhas variadas de esterco.” [1]

Dezembro foi pior. Em 8 de dezembro, o dia em que os últimos alemães se renderam oficialmente em Metz, o general Patton enviou para suas tropas uma saudação de Natal contendo a seguinte oração: “Todo-poderoso e misericordioso Pai, nós humildemente Vos imploramos, de Vossa grande bondade, para que controle essas chuvas exageradas com as quais tivemos de nos bater. Concedei-nos um tempo bom para a batalha. Graciosamente escutai-nos como soldados que a Vós invocamos para que, armados com Vosso poder, possamos avançar de vitória em vitória, e esmagar a opressão e a maldade de nossos inimigos, e estabelecer a Vossa justiça entre homens e nações. Amém.”[2]

A prece do tempo não funcionou. Os céus continuaram nublados; as temperaturas caíram. A neve se amontoou até a altura dos ombros nas ravinas arborizadas e caía dos galhos em blocos congelados, perigosos. O denso nevoeiro surgia, mergulhando o mundo em sombras, só para repentinamente desaparecer de novo e deixar os soldados de roupas escuras como alvos fáceis contra a neve branca. Na Floresta das Ardenas, o chão ficou tão congelado que as pás dobráveis e picaretas dos soldados não conseguiam quebrar sua superfície. Umas poucas unidades mais afortunadas receberam bananas de dinamite para criar trincheiras individuais; outras se arrumavam com barracas de campanha

amarradas com cordas e dividiam cobertores. O frio intenso arrancava os dedos, mesmo através das luvas. Pés de trincheira, um apodrecimento do pé causado por exposição prolongada à umidade e temperaturas abaixo do ponto de congelamento, era uma epidemia entre soldados exaustos, sentindo muito frio ou inchados demais para tirar suas botas de combate. Ulcerações e hipotermia tornaram-se inimigos que rivalizavam com as posições da artilharia alemã, que parecia entrincheirada em cada centímetro quadrado de solo desde o Mar do Norte até a fronteira com a Suíça. Os exércitos ocidentais, que até pouco tempo avançavam em uma velocidade espantosa, haviam entrado em uma brutal guerra de atrito ao longo dos dois lados da fronteira alemã, uma guerra que seria medida em metros, não em quilômetros.

O Monuments Man Robert Posey, o arquiteto de Alabama, deve ter pensado em seu primeiro posto, nas gélidas regiões do norte do Canadá, e agradecido às estrelas por estar alojado na cidade francesa de Nancy em vez de em sua tenda. Em Metz, aonde ia com frequência em viagens de inspeção, o dano cultural era imenso. A famosa coleção de manuscritos medievais da cidade tinha sido destruída em um incêndio. Ele havia encontrado a maioria dos objetos de arte valiosos em depósitos, mas as relíquias da cidade – entre elas seu bem mais precioso, o manto de Carlos Magno – foram embarcadas para a Alemanha por “proteção” junto com o tesouro da catedral. Mas Nancy tinha sofrido poucos danos, e já que o III Exército ficaria aquartelado ali durante a maior parte do inverno, Posey decidiu escrever uma breve carta com anotações históricas sobre seu passado artístico e arquitetônico. Depois de suas experiências no campo de batalha, ele havia adotado a ideia de um exército instruído, interessado.

A carta seria imensamente popular entre os homens, contextualizado o solo sobre o qual estavam lutando, mas isso não facilitaria a tarefa. Nancy era um eixo comercial e artístico, mas a história sobre a qual Posey não parava de pensar naqueles dias frios de dezembro era a das tropas. Elas estavam lá fora lutando e morrendo no frio, e ele não podia nem por um momento esquecer disso. Ele era um militar, tinha começado a perceber, tanto quanto arquiteto; tinha escrito para sua mulher, Alice, que “o Exército é melhor do que a faculdade para encontrar pessoas que gostamos de conhecer. Parece haver uma ligação comum mais íntima”. [3] E ele não estava se referindo a seus colegas Monuments Men.

Posey não era um homem privilegiado. Tinha sido criado em uma fazenda poeirenta nos arredores da pequena cidade de Morris, no Alabama, onde arquitetura significava tapar com pedaços de madeira compensada a lateral da casa e arte era apenas o reflexo do céu em uma poça de lama depois da chuva. Mas o que faltava à família Posey em posição social e conforto material, eles compensavam com história. Todos os membros da família – pelo menos os homens – sabiam recitar a lista de chamada de honra da qual descendiam: Frances Posey, que lutou nas guerras coloniais contra as tropas francesas e indígenas; Hezekiah Posey, miliciano na milícia da Carolina do Sul durante a Guerra da Independência, ferido pelos tóris em 1780; Joseph Harrison Posey, que combateu os índios Creek na Guerra de 1812; Carnot Posey – o primeiro nome do filho de Robert, Dennis, era Carnot em homenagem a esse ancestral –, que sobreviveu a Gettysburg, mas morreu de um ferimento de uma das batalhas quatro meses depois; o irmão de Carnot, John Wesley Posey, que lutou com a 15ª infantaria montada do Mississípi – eles iam a cavalo até a batalha, depois lutavam a pé – e foi o único dos oito irmãos Posey combatentes que sobreviveu à Guerra Civil.

Nas províncias francesas do leste, Alsácia e Lorena, ele estava rodeado por uma história semelhante de honra e sacrifício. Como atestavam os cemitérios, dificilmente uma geração tinha vivido em paz ali desde que Átila mergulhou o Império Romano na escuridão. Antes, ele havia passado perto da cidade francesa de Verdun, o local da batalha mais sangrenta da Primeira Guerra Mundial, onde um milhão de homens foram feridos e 250 mil morreram. Ele tinha inspecionado os cemitérios militares em Meuse Argonne e Romagne sous Montfaucon, repletos de mortos dessa guerra. “A grande guerra”, eles a chamavam. “A guerra para acabar com todas as guerras.” Mas em Montsec o memorial aos heróis caídos da Primeira Guerra Mundial tinha sido mandado para o inferno pelas balas desta guerra. E em Saint Mihiel, um cemitério militar americano, soldados alemães tinham destruído todas as lápides que ostentavam a Estrela de David.

Ele pensou no Natal. Woogie sentiria sua falta? Eles teriam presentes e meias, peru e embutidos, ou isso também estaria racionado? Por aqui, haveria poucas comemorações. Natal era apenas mais um dia de trabalho, como tinha sido

quando ele era um garoto no Alabama. Em um ano bom, naquela época, o pequeno Robert ganhou um lenço e uma laranja. Houve um ano em que seu pai fez um carrinho – embora, pensando melhor, foi na primavera, não era época de Natal – e as crianças se revezavam em um passeio pelo pátio, puxadas pela cabra da família. Depois ele morreu. O pai e a cabra. E Robert, com 11 anos, tendo visto a irmãzinha ser dada à tia porque simplesmente não havia como alimentá-la, tinha começando a trabalhar em dois empregos, um na mercearia e o outro na lanchonete.

O Exército o salvou. Ele ingressou no ROTC do Exército assim que teve idade suficiente. Lá ele tinha comida, dinheiro e um futuro. O Exército pagou sua ida para a Auburn University. Era para ele frequentar um ano, depois trocar com o irmão mais novo, porque mesmo com o financiamento do ROTC a família não podia arcar com duas matrículas. Robert se mostrou um estudante tão bom que o irmão insistiu para que fosse até o final. Foi quando Robert descobriu seu segundo amor: arquitetura. E assim foi desde então: o Exército e a arquitetura, misturados em sua mente e seu coração.

Ele descansou o lápis e estendeu a mão para seus figos em compota e amendoins, um presente de Natal de Alice. Figos e amendoins: era mais do que poderia ter imaginado quando criança. E ainda havia muitas caixas de presentes para abrir, algumas ainda embrulhadas em papel. Ele estava guardando essas para a manhã de Natal.

Ele pensou no momento em que percebeu que havia um mundo lá fora. Tinha oito anos e viu o quadro de uma montanha. Havia neve no topo, mas no vale embaixo havia flores. Ele não tinha como descobrir por quê, então começou a tentar imaginar. Quanto mais pensava, mais complicada e maravilhosa a vida se tornava. Havia tantas perguntas, ele percebeu, que ficaria ocupado tentando respondê-las pelo resto de sua vida.^[4]

Tinha curiosidade em saber o que aquele menino pensaria se pudesse se ver agora. Ele tinha visto montanhas de verdade. Tinha visto gelo com 300 metros de espessura no Ártico. Tinha projetado pistas de pouso nesse gelo, caso pilotos americanos precisassem levantar voo dali. Tinha projetado uma ponte flutuante, só para vê-la partir e mergulhar um tanque nas águas lamacentas de um rio da Pensilvânia. Tinha estado em Londres. Tinha não só visitado, mas trabalhado na

cidade de Nova York.

Agora estava na Europa. Podia ir lá fora e caminhar até uma cidade antiga e ver pilhas de neve ao longo das ruas e fileiras de prédios encobertos atrás delas. Não, ele não estava simplesmente aqui. Ele era um perito; era sua tarefa de preservar essa cidade. E ele era um soldado. Tinha conhecido o general George S. Patton Jr., o maior homem combatente do Exército americano. Um homem que quando você chamava de filho da mãe – e todos os homens no III Exército às vezes o chamavam – fazia isso com admiração.

Posey lembrou de uma história que tinha escutado outros soldados contarem sobre quando Patton comandava o VII Exército dos Estados Unidos na Sicília, em 1943. O general Patton, ao ver as ruínas romanas em Agrigento, observou para um especialista local:

– O VII Exército não causou essa destruição, causou, senhor?

O homem respondeu:

– Não, senhor, isso aconteceu na última guerra.

– Que guerra foi essa?

– A Segunda Guerra Púnica. [5]

A história era engraçada, mas escondia uma mensagem séria: que a história era longa; que herança era importante; que o III Exército deveria se esforçar em todos os sentidos para ser a maior força combatente desde que Aníbal atravessou os Alpes com seus elefantes naquela Guerra Púnica e quase esmagou o recente Império Romano. Robert Posey não era um homem da infantaria. Ele não disparava uma arma. Mas seu trabalho era importante, e ele estava determinado a colocar seu coração e músculos nisso. Condições climáticas e perigo que se danassem. Não havia outro lugar no mundo em que Robert Posey preferisse estar do que no III Exército.

Exceto, talvez, em casa.

Mais uma vez, ele descansou o lápis. Olhou para as outras caixas enviadas por Alice e Woogie. Era 10 de dezembro, faltavam duas semanas para o Natal, mas ele não quis esperar mais.

A primeira caixa continha presentinhos para crianças francesas. Ele havia dito a Alice que não os mandasse, que ele estava sempre em movimento e não conhecia nenhuma criança, mas ela os mandou assim mesmo. Ele saiu com os

presentes no dia seguinte e, para sua surpresa, encontrou crianças nas ruas recolhendo punhados de folhas de estanho para decorar as árvores de Natal. Os aviões alemães tinham lançado as folhas de estanho para interromper as trasmissões de radar dos Aliados; era a única coisa em abundância naquele ano. Fez com que ele lembrasse de sua própria infância de privações, e ficou admirado com a compreensão de Alice. Ele encontrou um grupo de meninas francesas. Ofereceu-lhes os presentes que Alice enviara, mas com uma condição: que escrevessem cartas em francês para seu filho.

Carta de Robert Posey a seu filho “Woogie”
29 de novembro de 1944

Querido Dennis,

Tenho certeza de que gostaria de ter este cartão de Natal do III Exército só para você. Espero que tenha recebido a ombreira do III Exército que lhe mandei há dois meses em uma carta.

O cartão mostra nossos tanques rompendo as linhas alemãs na Normandia, avançando pela Brenhanha, atravessando a França e agora se dirigindo para Berlim. Estou aqui para ver tudo e somos tão fortes que tenho certeza de que não vai demorar muito para estarmos em Berlim.

Tudo isso é muito espetacular e dramático, mas também é ruim porque causa grande sofrimento para as pessoas que vivem onde a luta de verdade está acontecendo. Também tira soldados de suas casas e faz com que eles fiquem duros e às vezes amargos.

A Alemanha começou esta guerra invadindo um pequeno país depois do outro até que, finalmente, a França e a Inglaterra tiveram que declarar guerra contra ela. Nós ajudamos a França e a Inglaterra, mas não começamos a lutar. Então, de repente o Japão nos atacou e a Alemanha declarou guerra a nós ao mesmo tempo. E assim tivemos de lutar, a duras penas porque estávamos despreparados. Agora somos fortes; a Inglaterra é forte; a Rússia, que foi atacada pela Alemanha, é forte; a Itália que lutou junto com a Alemanha foi derrotada por nós e passou para o nosso lado; a França que foi derrotada pela Alemanha, mas libertada por

nós, está montando um poderoso Exército. A Grécia, a Bélgica, e parte da Holanda foram libertadas e estão nos ajudando; a China está penosamente se libertando do traiçoeiro domínio japonês.

E, portanto, essas são as razões pelas quais penso que em breve derrotaremos a Alemanha e o Japão e lhes ensinaremos uma lição para que quando você e outros meninos como você crescerem não tenham de lutar contra eles outra vez. E espero que nenhum outro país comece a brigar para ter as coisas do seu jeito, pois guerras são ruins.

Perceber tudo isto me ajuda a ficar satisfeito por estar longe de você e da mamãe neste Natal. Espero que você se divirta bastante com muitos belos presentes. Por favor, compre para a mamãe presentes bonitos de aniversário e de Natal por mim.

Adeus por enquanto, com amor

Bob

A Madona de La Gleize

LA GLEIZE, BÉLGICA
DEZEMBRO DE 1944

Enquanto Robert Posey trabalhava no leste da França, o escultor Walker Hancock atravessava de carro a região rural da Bélgica, consolidando seu trabalho no território conquistado logo atrás das linhas de frente. Lugares como o vilarejo belga de La Gleize, uma das paradas intermediárias de sua viagem, não ofereciam o deslumbramento de Aachen ou a emoção de descobrir um possível quadro de Breughel nas linhas de frente, mas eram tranquilos – nada mais do que um pequeno grupo de construções rústicas pousadas calmamente no alto de um morro sob um enorme céu branco de inverno. Hancock tinha vindo inspecionar a catedral, descrita em sua lista de monumentos protegidos como datando do século XI. Olhando para ela agora, ele estava profundamente desapontado. Logo viu que o prédio não tinha mais salvação. A torre estava decepada e as antigas paredes de pedra destruídas. Não tinha sido pela brutalidade da guerra, entretanto, mas pelas reformas mal-concebidas. Era óbvio que o monumento não merecia a inclusão na lista.

Ele decidiu, principalmente devido ao frio, entrar. Logo depois da porta, em um pedestal no meio da nave, estava uma pequena estátua de madeira da Virgem Maria. Ele parou. O acabamento era grosseiro, mas o exterior rude acentuava a extraordinária graça da figura. Tinha apenas poucos centímetros de altura e a aparência era frágil, mas de algum modo parecia dominar o interior da igreja. Uma das mãos estava sobre o coração, a outra aberta, e embora os dedos da mão erguida parecessem de uma delicadeza impossível, o gesto deixaria qualquer um imóvel. Era uma obra de arte rústica e contudo simples, e possuía uma beleza que transcendia seus humildes arredores.

O cura da catedral não estava, mas uma jovem mulher da agência de turismo concordou em acompanhar Hancock numa visita a La Gleize. A vista sobre os

campos inclinados até a Floresta das Ardenas era de uma beleza sublime, mas a cidade, quase deserta, era pouco mais do que moradias de fazendeiros e lojinhas. Hancock a achou sem graça, mas a jovem era um encanto. O pai dela dirigia a hospedaria local, mas, visto que o turismo era inexistente, ele passava a maior parte do tempo cuidando da fazenda. A estátua, conhecida como a Madona de La Gleize, era a inveja das paróquias vizinhas. Foi esculpida no século XIV, mas tinha sido encontrada na torre só cinquenta anos antes, durante uma das mal concebidas reformas. Estava na nave havia apenas poucos anos.

A moça deu a Hancock um cartão-postal da Virgem, a única fotografia disponível, e o convidou para jantar. A casa era uma agradável estrutura de pedra de dois andares, construída pelo pai, monsieur Geneen. A refeição foi quase boa demais – depois de um mês vivendo de rações K – e a companhia, alegre e afetuosa. A beleza simples do povo que trabalhava a terra, e do vilarejo rural que naquela mesma tarde ele havia achado tão rude, veio afluindo enquanto Hancock sentava-se à rústica mesa de madeira. As lembranças daquele jantar e da milagrosa madona desconhecida permaneceram com ele nos meses seguintes, em meio à chuva e ao frio, às trincheiras, aos bombardeios e às cidades arruinadas. Se existia um lugar que parecia intocado pela guerra, esse lugar era La Gleize.

Carta de Walker Hancock à sua recente esposa, Saima
4 de dezembro de 1944

Preciosa Saima,

Este é o grande dia de nossas vidas – aniversário do dia mais feliz da minha vida. E se eu a amava um ano atrás, eu o faço muitas vezes mais neste 4 de dezembro. Pois embora tenhamos passado juntos uma parte tão pequena deste ano, estivemos juntos o tempo todo no melhor sentido, e você tem me ajudado e nutrido ao longo desses interessantes mas difíceis meses de um modo que dificilmente teria a oportunidade de fazer em uma vida normal feliz em casa. Isso vai acontecer, e nossas alegrias serão ilimitadas, mas o que você tem sido nesses meses de separação é algo que eu jamais poderia ter imaginado sem a experiência. Suas cartas têm sido meu esteio. Apenas o simples relato do que você faz e pensa – e entre uma carta e outra eu penso em você.

Hoje foi uma amolação – e um desses dias em que parece que simplesmente se deixou de realizar alguma coisa o tempo todo. Mas espero poder compensar durante a semana. A gente precisa aprender que as coisas têm de ser feitas um pouco de cada vez no Exército – e não adianta ter os olhos maiores do que a barriga... Um soldado polonês sentado no beliche a meu lado está dizendo que este será seu sexto Natal no Exército e longe de seu povo. Ele está bastante desanimado – mas nós estamos lhe garantido que este será o seu último longe de casa.

Amanhã ou depois de amanhã espero ver George Stout. Fico me perguntando se ele voltará para o I Exército. Espero

que sim, pois há mais trabalho do que dou conta no momento. Mundos de amor para você – doce criatura – eu te amo.

Walker

CAPÍTULO 21

O trem

PARIS, FRANÇA

AGOSTO DE 1944 E

FINAL DE DEZEMBRO DE 1944

Rose Valland pensava de novo naqueles últimos dias no Jeu de Paume. Depois da derrota do embaixador Abetz por Jaujard e Wolff-Metternich, os nazistas tinham encontrado um outro jeito de transportar “legalmente” objetos culturais para fora da França. No dia 17 de setembro de 1940, o Führer deu a ERR (a Força-Tarefa Especial de Rosenberg, líder do Reich) a autorização para “dar busca em pavilhões de caça, bibliotecas e arquivos nos territórios ocupados do oeste à procura de objetos valiosos para a Alemanha, e salvaguardá-los por intermédio da Gestapo”.^[1] O papel oficial da ERR era o de fornecer material para os institutos de “estudos” de Alfred Rosenberg, cujo principal objetivo era provar cientificamente a inferioridade racial dos judeus. Não demorou muito para os nazistas perceberem que a ERR era a cobertura perfeita para tirar da França objetos de arte valiosos e tesouros culturais. No final de outubro, apenas semanas depois da autorização da ERR, uma operação para catalogar, encaixotar e transportar obras de arte tinha sido criada no Jeu de Paume.

Nos quatro anos seguintes, os nazistas haviam usado o museu, o museu de Valland, como sua central de coleta e distribuição para os espólios da França. Durante quatro anos, as coleções particulares de cidadãos franceses, principalmente judeus, passaram por suas galerias como água escorrendo morro abaixo para o Reich. Durante quatro anos, guardas da Gestapo garantiram que ninguém pudesse entrar, a não ser os escolhidos, aqueles portando o distintivo do coronel Kurt von Behr, comandante do Jeu de Paume e líder local da ERR. Os funcionários nunca tinham sido disciplinados; de fato, o Jeu de Paume foi uma estufa de traições, roubos e intrigas desde o momento em que os nazistas o ocuparam, e isso era precisamente entre seus líderes. Mas a operação tinha

sempre corrido com deprimente eficiência, transportando carga após carga de itens roubados por suas salas de processamento até sua Pátria Amada.

Mas no verão de 1944, isso estava chegando ao fim. Os Aliados estavam nas praias da Normandia; todos acreditavam que a chegada deles em Paris era apenas uma questão de tempo. Em junho, Bruno Lohse, um comerciante de arte alemão, reptiliano, que havia tramado sua passagem pela hierarquia da ERR, voltou das férias em uma estação de esqui com uma das pernas quebradas e dores nos rins; tudo fingimento, disseram as más línguas, porque os alemães desesperados estavam mandando todos os homens fisicamente capazes para as linhas de frente. No final de julho, com a luta em um estágio crítico, Lohse partiu para a Normandia com um revólver enfiado no cinto. Suas palavras de despedida foram “ao combate!”, mas ao voltar dois dias depois, seu caminhão estava cheio de galinhas, manteiga e um cordeiro inteiro assado. Houve uma grande festa em seu apartamento em Paris, e até o coronel von Behr, seu chefe e rival no Jeu de Paume, fora convidado.^[2]

E aí, de repente, eles estavam liquidados, “Ufa!”, Valland escreveu em suas anotações. Alívio, finalmente!^[3]

Mas era um misto de alívio e trepidação. Em seus quatro anos no museu, ela havia desenvolvido uma rotina, uma compreensão que fazia seu isolamento na cova do leão quase... não propriamente agradável, mas aceitável. Ela sabia o que esperar. Sabia ler as pessoas. Dr. Borchers, o historiador de arte encarregado de catalogar e pesquisar os bens pilhados, até confiava nela para suas confidências; ela o usava, sem o conhecimento dele, como uma de suas principais fontes de informação. Muitos segredos transmitidos por Borchers tinham acabado nas mãos de Jacques Jaujard e da Resistência Francesa. Ela sabia que Borchers jamais a trairia; ele a considerava sua única... não inimiga. Hermann Bunjes, um estudioso de arte corrupto que tinha sido atraído do nobre Kunstschutz de Wolff-Metternich para o serviço do Reichsmarschall Göring e a ERR, achava-a abaixo de desprezível. O ardiloso, covarde Lohse a queria ver morta. Ela tinha certeza disso. Ele era alto e bonitão e muito popular com as mulheres de Paris, mas Valland o achava sonso e insensível. Se um oficial de alta patente a mandaria matar, ela achava que seria Lohse. Ele havia dito isso em fevereiro de 1944, quando a descobriu tentando decifrar o endereço em um documento de

embarque.

– Você poderia ser executada por indiscrição – ele lhe disse, olhando firme em seus olhos.

– Ninguém aqui é idiota o bastante para ignorar o risco – ela respondera calmamente, sustentando o olhar.^[4]

Esse era o jeito de lidar com Lohse. Jamais demonstrar medo; jamais recuar. Se os nazistas descobrissem que podiam pressionar alguém, eles o fariam até a pessoa morrer. Você tinha de ser um problema bem grande para facilitar isso, mas não tanto que eles se cansassem de você. Um equilíbrio delicado, mas que ela havia aperfeiçoado. Ela fora mandada embora do museu muitas vezes sob acusações de espionagem, roubo, sabotagem ou informações ao inimigo. Ela sempre negava veementemente o envolvimento, e as recriminações continuavam durante dias. No final, eles sempre a aceitavam de volta. Quanto mais “suspeita” ela se tornasse, na verdade, mais valiosa era para seus senhores nazistas porque podiam usá-la como desculpa para todos os problemas. Principalmente Lohse, de quem todos desconfiavam por roubo de itens para seu uso pessoal ou para dar de presente – para amigos, para sua mãe. Valland sabia que ele estava roubando; ela o vira escondendo quatro quadros na mala de seu carro no início de outubro de 1942. Ela nunca disse nada. Em parte era a amarga ironia do ladrão que rouba ladrão. Em parte, porque Lohse valorizava seu silêncio e assertividade. Ela era uma grande distração. Seu maior inimigo, ela suspeitava, era também seu protetor secreto.

Mas isso foi quando era conveniente mantê-la; com a operação de pilhagem perdendo o fôlego e os Aliados a caminho de Paris, ela era uma inconveniência. Em junho, uma secretária francesa que trabalhava para a ERR tinha desaparecido, e os nazistas estavam convencidos de que ela era uma espiã. Logo depois, uma secretária alemã casou-se com um francês e foi presa acusada de espionagem. Os nazistas não estavam apenas despachando obras de arte; estavam despachando funcionários. Rose Valland tinha quase certeza, ironicamente, de ser um dos poucos funcionários franceses acima de qualquer suspeita. Mas isso não significava que eles não poderiam matá-la. Se os nazistas achassem que a causa estava perdida, eles não eliminariam espiões. Eliminariam testemunhas.

No dia 1º de agosto, o jogo estava chegando ao final. Os alemães estavam

limpando o museu, correndo para tirar tudo antes que os Aliados chegassem. Rose Valland ficou para observar e escutar. Lohse não se encontrava em lugar algum; Bunjes andava pelos corredores de mau humor. Mas, em meio à furiosa atividade, estava o comandante do Jeu de Paume, coronel Kurt von Behr. Ela se lembrava da primeira vez que o vira, em outubro de 1940. Ele estava de uniforme completo na época, de pé firme e rígido com os braços para trás, como as conhecidas gravuras de um senhor da guerra alemão em uma pose triunfante. Alto, bonito, o quepe sombreando os olhos – o que ela ficaria sabendo tinha a vantagem de ocultar seu olho de vidro. Ele era bastante charmoso, um barão alemão conhecedor do mundo, e falava bem o francês. Ainda comemorando sua vitória, o conquistador era gentil e nitidamente ansioso para convencê-la de que os nazistas não eram perfeitos selvagens. Em seu espírito magnânimo, o senhor da guerra lhe deu permissão para continuar em seu ex-museu, agora reino dele. Quatro anos depois, ele parecia bem diferente: atormentado, curvo, com rugas e ficando careca. Não melhorava sua imagem o fato de ela ter descoberto nesse meio tempo que ele vinha de uma linhagem de barões falidos, empobrecidos, e que na juventude tinha sido um desregrado fracasso. Não era nem mesmo soldado. Era, de todas as ironias, o chefe da Cruz Vermelha francesa nomeado pelos nazistas. Não tinha patente de oficial, mesmo autodenominando-se coronel. E tinha seu próprio uniforme da Cruz Vermelha: preto, decorado com suásticas e duvidosamente semelhante aos uniformes originais da Waffen-SS.

Ele era patético, mas também perigoso. Pois se havia uma coisa surpreendente nele, conforme assistia a seu reino ser rapidamente desmontado, era a expressão em seus olhos. Quatro anos antes, ele parecia cosmopolita e relaxado, o perfeito conquistador. Agora havia raiva ali, uma raiva diante da percepção de que tudo em breve estaria perdido.

– Cuidado – ele dizia para os infelizes soldados que estavam amontoando ruidosamente quadros e jogando-os dentro de caixotes sem embalagem. Havia pânico em seus olhos, o desejo deles de fugir. O que fora feito da alardeada disciplina alemã?

Rose Valland lembrava de querer se aproximar dele, dizer algo para desarmá-lo. Mas o coronel estava fortemente protegido por homens com metralhadoras. “Dommage”, ela pensou.^[5] Uma pena. Depois ele a olhou, e ela viu a raiva com

uma ponta aguçada de ameaça. Um pensamento ecoou em sua cabeça: liquidar a testemunha.

– Coronel von Behr – um soldado disse, interrompendo seu olhar. Von Behr havia se virado com uma expressão furiosa. – Os caminhões estão quase cheios, senhor.

– Arrume mais, idiota – ele rosnou.

Antes que ele pudesse se voltar novamente para ela, Rose Valland saiu de mansinho. Não era sua função desafiar von Behr, e ela certamente não era nenhuma assassina. Seu papel era espionar, ser o ratinho quieto que lentamente, mas com toda a certeza, roía um buraco nas fundações da casa. Quatro anos de ocupação estariam se encerrando em questão de dias, se não horas. Se já houve um momento para se abaixar sem reagir, era esse.

Mas sua persistência, como sempre, tinha dado resultado. Os caminhões que saíam do museu com os últimos objetos de arte franceses saqueados não estavam indo direto para a Alemanha. Em sua caminhada pelo museu, Valland ficara sabendo que iam para a estação de trem de Aubervilliers nos arredores de Paris para serem embarcados em vagões. Caminhões teriam sido quase impossíveis de acompanhar: um trem era mais fácil. Especialmente porque ela havia descoberto os números dos vagões.

No dia seguinte, 2 de agosto de 1944, cinco vagões contendo 148 caixotes de quadros roubados foram selados em Aubervilliers. A EER havia corrido para empacotar o último carregamento do Jeu de Paume, mas dias depois os vagões ainda não tinham saído da estação. O trem das artes estava programado para conter mais 46 carros de objetos saqueados obtidos por outra organização de pilhagem nazista controlada por von Behr, a “M-Aktion” (M de Möbel, mobília em alemão). Para desgosto de von Behr, esses vagões não tinham sido carregados.

O trem número 40044 ainda estava estacionado na estação ferroviária dias depois quando Rose Valland foi visitar seu chefe, monsieur Jaujard. Ela havia copiado a ordem de embarque nazista que continha os números do trem e dos vagões, os destinos dos caixotes (castelo Kogl, perto de Vöcklabruck, na Áustria, e o depósito Nikolsburg, na Morávia), e seus conteúdos. Não seria sensato tentar adiar a partida dos trens, ela sugeriu. Os Aliados podiam chegar qualquer dia desses.

– De acordo – Jaujard dissera.

Enquanto von Behr bufava irritado na plataforma da estação de trem, repreendendo os guardas armados e os soldados que tentavam desesperadamente carregar os outros vagões, os contatos de Jaujard na Resistência Francesa partiram para interceptar o trem usando as informações que Rose Valland havia obtido e em seguida passado para Jaujard. Em 10 de agosto, o trem das artes estava carregado, mas àquela altura mil funcionários das estradas de ferro francesas tinham entrado em greve, e não havia como partir de Aubervilliers. Em 12 de agosto, as linhas foram abertas de novo, mas em vez de partir para a Alemanha o trem das artes foi encostado em um desvio para dar passagem aos outros trens transportando bens pessoais e cidadãos alemães aterrorizados. Os guardas alemães, exaustos depois de dez dias, andavam nervosos de um lado para o outro, desejando já estarem em casa. O Exército francês, falava-se à boca pequena, estava a horas de distância. E, no entanto, pequenos problemas técnicos continuavam surgindo, empurrando o trem para o final da lista de prioridade. O Exército francês não apareceu. Os rapazes suspiraram aliviados. Depois de quase três semanas, o trem finalmente começou sua jornada de volta para casa na Alemanha.

Mas ele só chegou até Le Bourget, alguns quilômetros mais adiante. O trem, 51 vagões carregados de objetos saqueados, estava tão pesado que provocou um defeito mecânico (ou essa foi a desculpa), necessitando de um atraso de 48 horas. Resolvido o problema, já era tarde demais. A Resistência Francesa havia descarrilado duas locomotivas em um grande engarrafamento no sistema ferroviário. O trem das artes ficou preso em Paris. “Os vagões de carga com seus 148 caixotes de arte”, Valland escreveu a Jaujard, “são nossos”.^[6]

Mas não tinha sido assim tão simples. Quando a 2ª Divisão Armada do Exército Livre Francês chegou dias depois, a Resistência a alertou sobre a importância do trem. O destacamento enviado pelo general Leclerc encontrou vários caixotes arrombados, dois saqueados e uma coleção inteira de prataria faltando. Eles decidiram enviar 36 dos 148 caixotes com obras importantes de Renoir, Degas, Picasso, Gauguin e outros mestres para o Louvre. Era o grosso da coleção de Paul Rosenberg, o famoso comerciante de arte francês cujo filho, por coincidência, era o comandante de divisão das tropas francesas livres que

inspecionara o trem. Mas, para grande tristeza e frustração de Rose Valland, quase dois meses mais se passariam antes que os caixotes restantes fossem retirados do trem e devolvidos ao museu. Mesmo na neve fria de dezembro, esperando que o chefe da estação lhe mostrasse os últimos conteúdos do trem, foi uma supervisão que a deixou preocupada.

– Gostaríamos de ver o chefe da estação, por favor – James Rorimer disse ao atendente na Gare de Pantin, assoprando as mãos para afastar o frio do inverno.

Atrás dele, Rose Valland deu uma tragada profunda em seu cigarro, imersa nos próprios pensamentos. “Sei que é um vício”, ela lhe havia dito em uma de suas primeiras conversas, “mas se posso fumar, nada mais além de meu trabalho importa.”^[7]

Ela era assim misteriosa, sempre dizendo coisas dissimuladas, inescrutáveis. Ele não podia compreender nunca, nem que disso dependesse sua vida, exatamente em que pé estava com ela. Tinham um bom relacionamento, estava certo disso. E não era só porque Henraux, que como Jaujard insistia para que Rorimer obtivesse todas as informações possíveis de Valland, concordara que ela o vinha observando e admirando. Era o que Valland lhe havia dito uma semana antes, no dia 16 de dezembro, quando ele devolveu à comissão vários quadros e gravuras de menor importância encontrados em uma instalação militar americana.

– Obrigada – ela dissera. – Com muita frequência seus colegas libertadores nos dão a penosa impressão de terem desembarcado em um país cujos habitantes não têm mais nenhuma importância.^[8] – Foi o mais pessoal a que Rose Valland jamais chegou.

Mas até que ponto o deles era um bom relacionamento? E até onde Valland realmente confiava nele? Ele pensou na história que Jaujard lhe havia contado: Rose Valland sozinha, mantendo-se firme contra as multidões de franceses que invadiram o Jeu de Paume comemorando o dia em que o general Leclerc libertou Paris. Ela não deixou a turba entrar no porão, onde as coleções do museu tinham sido armazenadas durante a ocupação.

– Ela está escondendo alemães! – alguém gritou.

– Collaborateur! – O gritou soou por todo o prédio. – Collaborateur!

Com toda a calma, apesar da arma apontada em suas costas, Valland tinha mostrado a seus companheiros franceses que no porão, de fato, não havia nada além de caldeiras, tubos e obras de arte. E depois, apesar dos protestos deles, os chutou para fora. Ela não era uma galinha-morta, quanto a isso não havia dúvida. Era forte, de opiniões firmes, fácil de subestimar e mal interpretar. Ela tinha suas próprias ideias sobre dever e honra, e mantinha seus princípios mesmo com uma arma nas costas. Rorimer não sabia ao certo se Jaujard lhe havia contado a história para explicar sua reserva e determinação, ou para traçar uma linha sutil entre os dois. Jaujard, afinal de contas, tinha sido ameaçado por seus próprios compatriotas, também.

Mas ele fizera progressos. Enquanto entregava os objetos recuperados para Valland no Jeu de Paume, no dia 16 de dezembro, Rorimer tinha visitado Albert Henraux, diretor da Commission de Récupération Artistique. Ele informou Rorimer sobre a localização de nove armazéns da ERR e também lhe falou sobre os vagões ainda fechados. Henraux o encorajou a trabalhar com Valland para investigar os locais.

– Ela sabe mais do que tem nos revelado, James. Talvez você possa descobrir o que é.

Rorimer tinha escutado a história dos nove locais contada por Rose Valland quando viajaram juntos para inspecioná-los. Enquanto trabalhava como espiã no Jeu de Paume, ela compilou os endereços de todos os principais armazéns nazistas em Paris, assim como os endereços das casas de todos os saqueadores nazistas importantes. Ela forneceu as informações a Jaujard no início de agosto. Ele, por sua vez, deu os endereços para o novo governo francês investigar. Embora poucos objetos tivessem sido devolvidos ao Louvre, nada mais se soube. Esta era sua primeira visita aos armazéns nazistas que se esforçara tanto para descobrir.

Não encontraram muita coisa. Um local continha milhares de livros raros; uns outros poucos guardavam peças menores de arte deixadas para trás durante a varredura do governo francês no prédio. De certa forma, era simplesmente mais um beco sem saída, mais um contratempo. E embora ele ainda confessasse em

suas cartas para casa gostar muito de seu trabalho, a satisfação de Rorimer estava sendo minada por contracorrentes de dúvida e frustração.

Em primeiro lugar, ele estava com saudades de casa. Na Inglaterra, ele havia combinado não mandar cartas sentimentais porque elas “só causariam ao escritor e aos destinatários perturbações emocionais desnecessárias”.^[9] Durante seis meses ele obedeceu fielmente a esta regra. Mas, no final de outubro, ele havia sucumbido, escreveu para sua mulher, “penso em seus problemas com frequência, talvez até constantemente. Não é que eu não queira ajudá-la a levar sua vida a seu lado agora, mas sei que seria uma grande tolice fazer qualquer outra coisa que não seja planejar nosso futuro juntos. Não pergunto sobre nossa filha, nem lhe digo que desejo muito ver Anne. Isso não seria justo. É por essa mesma razão que eu lhe disse antes que não escrevo cartas muito pessoais, piegas, sobre emoções desperdiçadas. Quando vejo a filha da zeladora em nosso apartamento me dou conta de como estou privado desses momentos que deveríamos estar vivendo juntos”.^[10] Anne estava com oito meses de idade, e seu pai nunca a tinha visto. E ele não tinha esperanças de fazer isso tão cedo.

Ele estava esgotado, totalmente morto de cansaço. E as dificuldades do trabalho – os incessantes impasses, a burocracia brutal, as infinitas pequenas perturbações, o isolamento da família e dos amigos – estavam se acumulando. O que finalmente o fez perder as estribeiras foi uma coisa pequena: roubaram sua amada máquina de escrever, que ele havia comprado em sua travessia para a França. Aparentemente uma bobagem, talvez, mas não havia outras máquinas de escrever disponíveis, e ele não encontrou nenhuma para comprar, e teve de escrever para casa pedindo para a mãe lhe mandar uma, o que exigia uma permissão especial do Exército. Sua mãe queria cartas, cartas, cartas, e como as escreveria sem uma máquina de escrever?

Lembrando-se disso semanas depois (mas ainda sem a máquina de escrever), ele não compreendia por que havia explodido. Ele não sabia que era uma questão mais profunda, mais fundamental. Apesar dos jantares com figuras da sociedade, dos monumentos gloriosos de Paris, e de sua fé no trabalho, ele aos poucos percebera que Paris não era central para o esforço de preservação de monumentos. O trabalho importante não era aqui, mas na Alemanha, e Rorimer detestava estar tão distante do trabalho importante. Não teria reconhecido isso,

porque provavelmente ele mesmo ainda não o sabia, mas via a guerra como uma oportunidade para realizar “o que se chama de serviço à humanidade”, e estava ansioso para deixar sua marca.^[11]

Por isso a falta de material nos armazéns da ERR não o perturbou. Ali, olhando aquelas salas vazias, ele podia ver que eram meros pontos de entrada para um outro mundo. Pela primeira vez em meses, ele se sentiu atraído para algo maior. Só de ver os armazéns que os nazistas haviam enchido de itens “confiscados”, ele percebeu o tamanho e a complexidade da operação de saque deles. Isto não era um dano accidental ou irada retaliação, mas uma enorme teia de trapças que se estendia por toda Paris e por todas as estradas até a Alemanha e o gabinete de Hitler em Berlim. Jaujard o havia empurrado para essa teia. Ele era o regente da orquestra, o homem no centro do seu próprio círculo de intrigas, a única pessoa que tinha as conexões e a percepção para efetivamente fazer frente, tanto quanto possível, à vontade de possuir dos nazistas. Ele havia protegido museus e coleções que pertenciam ao Estado, mas, em comparação, pouco pôde fazer para salvar a riqueza artística particular da França – os objetos culturais de valor inestimável de propriedade de seus cidadãos. Jaujard tinha aberto a porta para esse mundo perdido, mas Rose Valland, James Rorimer percebeu, seria sua guia.

Os primeiros nove locais que Valland havia identificado eram prédios. O décimo, e claramente o mais importante para ela, era o trem das artes. Trinta e seis caixotes daqueles que ela havia identificado nos últimos dias angustiantes da ocupação nazista tinham sido devolvidos ao Louvre para serem guardados em agosto, mas no início de outubro os outros 112 caixotes ainda se acreditava estarem no trem... em algum lugar. E apesar das frequentes solicitações de Jaujard, ninguém dizia à comunidade das artes em que condições eles se encontravam. Alguém, em algum lugar, sabia para que trilhos os carros restantes do trem das artes tinham sido desviados, mas a informação não estava sendo comunicada por meio da burocracia. O mistério finalmente foi solucionado no dia 9 de outubro, quando a polícia municipal de Pantin entrou em contato com o Louvre. Eles haviam feito frequentes solicitações ao governo, mas ninguém tomara atitude alguma em relação ao trem estacionado perto do pátio da estrada de ferro de Pantin, debaixo da ponte Edouard Vaillant. A polícia municipal não

tinha homens suficientes para guardar as obras de arte valiosas; e, além do mais, o trem estava estacionado perigosamente próximo de vagões de carga cheios de munição. A comunidade dos museus mais uma vez entrou logo em ação.

No dia 21 de outubro, Rose Valland enviou um memorando para Jacques Jaujard dizendo que, entre os dias 17 e 19 de outubro, as últimas 112 caixas de “quadros recuperados” haviam finalmente sido transferidas para o Jeu de Paume. Várias tinham sido abertas e saqueadas, observou, e ela temia que “a maioria dos vagões de carga nesse comboio transportando os bens expropriados de judeus tivessem sido igualmente saqueados”.^[12] Eram estes 46 carregamentos que ela e James Rorimer estavam voltando para investigar.

– Sou o monsieur Malherbaud – um homem mais velho disse, saindo pela porta da estação. – Eu sou o chefe da estação.

– Foi o senhor que encaminhou o trem das artes, o que estava carregando os Cézannes e Monets?

O homem olhou desconfiado para o uniforme de Rorimer, depois para a mulher desinteressante fumando um cigarro atrás dele. Ainda havia bastantes espões e sabotadores alemães em Paris, e a maioria especialistas em retaliações. Era bom ter cautela.

– Por que pergunta?

– Sou o segundo-tenente Rorimer do Exército dos Estados Unidos, Seção do Sena. Esta é mademoiselle Valland, dos Museus Nacionais. Ela informou à Resistência sobre o embarque.

– Sinto muito – ele disse. – Os objetos de arte foram levados embora. Não sobrou nada.

– Estamos procurando o resto do trem.

O homem pareceu surpreso.

– Então, sigam-me.

Os vagões tinham sido descarregados em um armazém indescritível.

– Isso é o nada – Rorimer disse a Valland enquanto o chefe da estação abria a porta do armazém. Os nove anteriores que Valland havia identificado tinham sido quase todos esvaziados quando os dois chegaram; este prometia estar cheio. Rorimer estava excitado com a perspectiva do que encontrariam.

O cenário com que foram recebidos no frio armazém não era o que ele

esperava. Ele não sabia exatamente o que tinha esperado, mas com certeza não era uma pilha enorme, misturada, de itens domésticos comuns. Porque diante dele, pelo menos duas vezes a sua altura, erguia-se uma pilha infindável de sofás, cadeiras, espelhos, mesas, panelas, frigideiras, molduras de quadros e brinquedos de criança. O volume era desconcertante, embora na realidade não fosse nada, só 46 vagões cheios. A M-Aktion, ficou determinado depois da guerra, embarcara para a Alemanha 29.436 vagões de trem repletos desses objetos domésticos comuns.

Eles adiaram a partida do trem das artes por isso? Rorimer pensou, desanimado. É tudo inútil. É tudo lixo. Mas ele parou. Não eram coisas inúteis; esses objetos tinham pertencido a pessoas – os detritos que haviam composto suas vidas. Os nazistas entravam nas casas das pessoas e simplesmente esvaziavam tudo, até as fotografias de família.

– Não é o que você esperava, é? – Valland disse, enfiando as mãos nos bolsos.

A mensagem oculta em sua simples frase atingiu-o como um raio. Ela sabia os números dos vagões fechados onde as peças de valor estavam escondidas; Rose Valland sabia, ou pelo menos desconfiava seriamente, que não havia mais nada importante nesse trem. Mas ela queria ver com seus próprios olhos. Impedir a partida do trem das artes foi um grande triunfo pessoal seu, mas ela nunca teve permissão para vê-lo. Ela nada mais era do que uma burocrata do governo insignificante, uma mulher. Valland tinha as informações, mas, como um oficial do Exército americano, Rorimer tinha o acesso. Ele era seu ingresso para lugares onde ela nunca tivera permissão de entrar – lugares que ela havia arriscado sua vida para descobrir.

Ele pensava nas informações que ela talvez possuísse. Ela era a chave para compreender toda a operação de saque nazista; sua cooperação era a única possibilidade real de encontrar o que tinha sido roubado e trazer de volta. Mas ela estava presa no fundo de uma interminável pirâmide de funcionários, e precisava dele tanto quanto ele precisava dela.

– Você sabe onde estão – ele disse. – As peças de arte roubadas.

Ela se virou e saiu andando.

– Você sabe onde estão, não sabe, Rose? – Ele caminhava apressado para acompanhá-la. – O que está esperando? Alguém em quem possa confiar?

– Você sabe o suficiente – ela disse com um sorriso.

Rorimer a agarrou pelo braço.

– Por favor, divida comigo as informações que você tem. Você sabe que só as usarei como você deseja: para a França.

Ela soltou o braço, não sorria mais.

– Eu lhe direi onde – falou –, quando chegar a hora certa.^[13]

As Ardenas

FRENTE OCIDENTAL

16-17 DEZEMBRO DE 1944

Robert Posey não podia esperar. Ele tinha a intenção de guardar o último dos presentes de Natal enviados pela mulher, Alice – o grande escrito “Com amor de sua família” – até o dia de Natal.^[1] Mas ele havia esperado seis dias, e ainda estavam no dia 6 de dezembro. Simplesmente não aguentava esperar mais. Então rasgou a caixa e começou a cavucar ansioso o material da embalagem. Seus dedos acabaram tocando em um plástico frio. Ele tirou o presente de dentro da caixa. Era um disco de vitrola.

“A maior surpresa de todas”, ele escreveu para Alice mais tarde naquela noite, “foi o disco gravado com a carta de votos de Natal. Corri logo para a companhia de Serviços Especiais onde o sargento colocou em um daqueles circuitos de radiovitrola e eu me sentei em uma outra sala e ouvi pelo rádio. É o melhor presente que alguém poderia receber. Suas vozes estavam perfeitas; até as instruções escondidas que você deu a Dennis para ‘dizer o que quisesse’ vieram sem perda de uma só sílaba. Era o mesmo que uma retransmissão pelo rádio com vocês dois juntos participando do programa. Simplesmente virando o botão eu podia aumentar e abaixar o som à vontade. A canção era linda. Foi muito confortante ouvir vocês dois juntos. Não noto nenhuma mudança. Acho que eu esperava ouvir a voz de Dennis mais velha do que quando o vi pela última vez; mas pelo som agora ele ainda é um menininho e a Kitten (Alice) ainda é uma pouquinho tímida.”^[2]

Mais tarde naquela noite, ele teve outra surpresa. Os alemães tinham lançado uma ofensiva, o rádio de comunicação interna noticiou, e os Aliados estavam recuando.

Walker Hancock ouviu sobre a Ofensiva das Ardenas, mais conhecida como a Batalha do Bulge, no dia seguinte, quando foi parado por uma unidade

avançada e soube que o vilarejo que planejava inspecionar, Waimes, estava agora nas mãos dos alemães. Ele passou a noite seguinte dirigindo-se para o oeste em um comboio com as luzes apagadas, acompanhando durante horas a luzinha verde “olho de gato” no para-choque do jipe à sua frente. Foram bombardeados apenas uma vez. Ele passou a véspera de Natal em um celeiro em Liège, na Bélgica; na manhã seguinte, a missa foi interrompida por bombas alemãs.

Ronald Balfour, o estudioso britânico na haste norte do tridente dos Aliados no I Exército canadense, passou as Ardenas no hospital. No dia 29 de novembro, quatro dias depois de entrarem na Holanda, ele quebrou o tornozelo em um grave acidente de caminhão. Não se apresentaria de volta ao trabalho até meados de janeiro.

George Stout, apesar de suas melhores táticas de adiamento e da sincera esperança de Walker Hancock quanto ao retorno de seu mentor ao I Exército americano, tinha sido oficialmente transferido para o 12º Grupo de Exércitos americano no início de dezembro. Isso significava um prolongado serviço no quartel-general em Versailles, nos arredores de Paris. Ele passou o dia 4 de dezembro de 1944 inspecionando a coleção medieval do palácio com James Rorimer, e as semanas seguintes em um escritório, escrevendo resumos do trabalho dos Monuments Men em 1944 e refazendo seus procedimentos oficiais. “A maior parte do tempo passo em locais fechados”, ele escreveu para a mulher, Margie, “trabalhando em uma mesa. Não reclamo, pois o clima é rigoroso.” [3] Foi o pior inverno da história moderna: gelado, nebuloso e tão frio que o combustível congelava. Até Paris estava sob um desconfortável cobertor de neve.

Com a infantaria dizimada pelo súbito avanço alemão, o III Exército americano começou a procurar substituições. Encontraram um voluntário pronto em Robert Posey, o Monuments Man do Alabama, que, mais do que qualquer um dos outros, queria ser um soldado. Posey não era treinado para combate e sua visão era tão ruim que ele não conseguia enxergar um inimigo a 100 metros de distância, mas suas instruções foram simples: “Continue atirando até não poder mais.” [4] E foi o que ele fez. Ele disparou pela Floresta das Ardenas gélida, coberta de neve até não ter mais munição, depois parou para recarregar. As balas inimigas dilaceravam as árvores congeladas, mas quando seus companheiros soldados começaram a disparar e avançar ele seguiu junto,

atirando através da clareira para os bosques enevoados.

Champanhe

PARIS, FRANÇA

POUCO ANTES DO NATAL, 1944

Em Paris, Rose Valland arrastava-se pela neve que estava cobrindo a Europa ocidental. Dias antes, enquanto os alemães venciam Robert Posey e as hesitantes linhas aliadas ocidentais em Ardenas, ela enviara a James Rorimer uma garrafa de champanhe. Temia ter sido um tanto brusca no trem das artes, e não queria que ele ficasse com a impressão errada. Tinha ficado muito satisfeita com o nítido desejo dele de compartilhar suas informações, e com todos os dias que tinham passado juntos inspecionando os armazéns nazistas. Eles tinham o vínculo de profissionais de museus trabalhando pelo mesmo amor à arte, mas ela admirava também suas qualidades pessoais: diligente, com opiniões próprias, obstinado e perspicaz o suficiente para captar de imediato o alcance da situação... E o potencial. Acima de tudo, ele era respeitoso. Valorizava o que ela havia feito. Rose queria que ele soubesse o quanto era importante para ela que eles fossem amigos e parceiros. Daí o champanhe. Em troca, ele a convidara para fazer um brinde. Ela não podia deixar de pensar, enquanto se esforçava para vencer a neve, que estava caminhando para uma espécie de decisão. Não tinha exatamente certeza de qual seria.

Tinha sido uma longa estrada. Ela vinha de uma família modesta, sem o privilégio do dinheiro ou das artes. Tendo crescido em uma cidade pequena, estudou belas-artes em Lyon antes de ir para Paris como uma artista faminta, uma ideia bastante romântica até se descobrir como é difícil a existência sem um tostão no bolso. A realidade a levou a tirar um diploma de belas-artes na Ecole des Beaux-Arts e de história da arte na Ecole du Louvre e na Sorbonne. Valland estava determinada a ter sucesso na capital europeia das artes. Sua primeira oportunidade surgiu no Jeu de Paume, quando começou a trabalhar como voluntária sem vencimentos só para estar perto das artes. Isso não era incomum;

os artistas eram muito apaixonados por sua área e vários estavam dispostos a trabalhar em museus – especialmente aqueles de tanto prestígio como o Louvre – de graça. A maioria desses voluntários vinha de famílias ricas ou aristocratas; eles não precisavam do baixo salário que o museu em geral pagava. Rose Valland, sem dinheiro e mal relacionada socialmente, era uma exceção. Ela se sustentava como professora autônoma – uma professora particular. No tempo livre, fazia gravuras em madeira, pintava e estudava. Nunca foi promovida no Jeu de Paume. Os franceses eram muito rigorosos em relação ao título de “curador”; ele só podia ser usado se “oficialmente” concedido. E Valland sabia, depois de uma década em Paris, que seria muito difícil que lhe concedessem essa honra. Mas ela estava decidida a dar sua contribuição.

E aí, veio a guerra.

Em 1939, Rose ajudou Jacques Jaujard, o diretor patricio dos Museus Nacionais, na evacuação dos objetos de arte pertencentes ao Estado francês. Ela fugiu de Paris com o resto dos cidadãos quando os alemães avançaram em 1940, ficando presa no terrível trânsito nos arredores de Paris enquanto os bombardeiros da Luftwaffe rugiam lá no alto e as vacas mugiam deploravelmente nos campos porque não ficara ninguém para ordenhá-las e aliviar seu sofrimento. Mas ela tinha retornado assim que terminou o combate, de volta a seu posto sem vencimentos e ao museu que já era seu lar.

E então, em outubro de 1940, sua vida tinha mudado. Com a ocupação nazista com apenas quatro meses de existência, Jaujard tinha ordenado pessoalmente que ela continuasse no Jeu de Paume para observar as atividades nazistas e lhe relatar tudo que fosse importante. Era uma requisição e tanto, pedir a um simples funcionário para ficar, sem receber, na arriscada posição de espionar os nazistas, mas Valland não deixou a chance escapar. Ela planejava ficar de qualquer maneira – e era um dos poucos funcionários franceses que ainda vinham ao museu todos os dias – mas a confiança de Jaujard alçou sua missão a um nível mais alto. Foi sua oportunidade de contribuir de um modo significativo tanto para ela como para a França.

Logo depois, Jaujard abordou-a novamente com um projeto especial. Ele e o “bom” conde nazista Wolff-Metternich haviam negociado a transferência de objetos pilhados da embaixada alemã para três salas do Louvre. Agora essas salas

estavam cheias. O coronel von Behr e Hermann Bunjes, o corrupto estudioso de arte na época a serviço do Kunstschutz de Wolff-Metternich (um disfarce conveniente para um homem que ainda não se descobrira ser um canalha), tinham procurado Jaujard requisitando armazenamento adicional para artes confiscadas. Eram o caos, aqueles primeiros dias, logo depois da queda da cidade e todas as organizações nazistas estavam agarrando o que podiam. Jaujard viu a prudência de consolidá-las em um lugar só, portanto deu um jeito de colocar o Jeu de Paume à disposição dos oficiais nazistas. Mas com uma condição: que os franceses pudessem fazer o inventário de tudo. Ele queria que Rose Valland criasse esse inventário.

Às vezes, Rose Valland pensou enquanto as neves de dezembro de 1944 caíam flutuando à sua volta, seu destino lhe é imposto.

Essa escolha não tinha dado certo. Ela se deu conta, quase desde o início, de que algo estava terrivelmente errado. Na primeira manhã da ocupação do Jeu de Paume pelos nazistas, 1º de novembro de 1940, ela chegou esperando encontrar burocratas. Os nazistas vieram com um exército.^[1] Tinham tudo preparado. Ela pôde ver isso imediatamente. Caminhões e mais caminhões carregados de objetos de arte chegavam, descarregavam e tudo era levado por soldados de uniforme sob o comando do coronel von Behr. Era surpreendente ouvir, naquele que antigamente era um museu silencioso, o barulho das botas militares e os berros guturais das ordens germânicas. Ainda mais surpreendente era ver soldados com caixotes enfileirados até a porta de entrada, e caminhões cheios de caixotes fazendo fila do lado de fora.

Os soldados voltaram na manhã seguinte. Eles destruíam os caixotes com pés de cabra e passavam os quadros de mão em mão até as galerias dos fundos, onde eram empilhados cinco ou seis bem encostados na parede. A atividade era violenta, febril. Quadros caíam, telas eram rasgadas, tudo natural nesse tumulto. Os oficiais só gritavam “Schneller, schneller”. Mais rápido, mais rápido. Quando uma sala estava cheia, os quadros eram empilhados em outra. Rose Valland andava pelo museu atordoada. Ela estava vendo grandes obras de arte, muitas sem moldura, outras danificadas pelos movimentos apressados, e assistia a elas serem pisoteadas pelas botas alemãs. Os oficiais só gritavam, “Schneller, schneller”. No final do dia, mais de quatrocentos caixotes tinham sido

descarregados e colocados no museu, muitos trazendo os nomes de seus proprietários: Rothschild, Wildenstein, David-Weill.

No dia seguinte, Volland, junto com vários assistentes, montou uma mesa em um dos corredores. Conforme as peças de arte iam passando, eles anotavam, o mais rápido que podiam, o nome, o artista e a origem. Vermeer. Rembrandt. Tenier. Renoir. Boucher. Muitos dos quadros eram tão famosos que eram reconhecidos instantaneamente, mas passavam tão rápido que ela não pôde anotar todos. Estava mergulhada em seu trabalho quando de repente percebeu um homem uniformizado de pé atrás dela, olhando para sua lista. Era Hermann Bunjes, o corrupto oficial do Kunstschutz que havia tramado com von Behr a requisição do museu. Ele era rígido e cruel, muito jovem, mas já curvado sob o peso de seu perpétuo fastio. Bunjes, que tinha sido um estudioso de pouca importância como a própria Rose Volland, havia traído tudo aquilo em que acreditava pela ilusão do poder nazista. Ele trabalharia de mãos dadas durante os próximos anos com Lohse e outros oficiais da ERR que tramaram, roubaram, violentaram e ameaçaram. Mas naquele primeiro dia, ele simplesmente olhou para o que ela estava escrevendo – o inventário com o qual ele e von Behr haviam dito a Jaujard que concordavam, não fazia mais de dois dias – e fechou com um gesto brusco o caderno.

– Isso é o suficiente – disse. Quatro palavras, e o inventário de Jaujard estava concluído.

Mas não a demitiram. O coronel von Behr, com a generosidade de um intocável senhor da guerra, permitiu que ela ficasse como guardiã da coleção permanente do museu, que junto com artes modernas, como A mãe de Whistler, os nazistas detestavam. Destino não é um empurrão, ela pensou enquanto esperava para atravessar a tranquila rua naquele fim de tarde fria em Paris, anos depois, mas mil pequenos momentos que com boa percepção e muito trabalho você alinha na direção certa, como um ímã faz com limalhas de ferro.

Ela não precisou esperar muito para seu destino chegar – só três dias, na verdade, depois de sua nomeação por Jaujard. No primeiro, o museu estava vazio; no segundo, cheio de obras de arte empilhadas em todos os cantos e frestas. No terceiro, ele abrigava uma exposição digna de um rei. Quadros e tapeçarias estavam pendurados elegantemente nas paredes, com estatuária

complementar entre eles. Sofás para observar estavam dispostos em todas as galerias, sobre tapetes caros no chão. Champanhe gelado encontrava-se quase despercebido em todos os cantos. Os guardas em posição de sentido, braçadeiras vermelhas e suásticas pretas contrastando com os uniformes marrons. O coronel von Behr, Hermann Bunjes e outros líderes do museu vestiam uniformes, também; alguns até estavam de capacete. Ver todos esses nazistas com suas botas polidas de cano alto, em posição de sentido, era um espetáculo impressionante e assustador. Eles estavam esperando, Rose Valland sabia, seu rei.

O homem que chegou não era Hitler. E não era Alfred Rosenberg. A operação de pilhagem no Jeu de Paume talvez tenha sido dirigida em nome do Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg – Força-Tarefa Especial de Rosenberg, líder do Reich – mas só no nome. Rosenberg era um racista reacionário com o único propósito de provar a degenerescência dos judeus. Ele não estava interessado em arte. Ele não podia ver o potencial do cheque em branco que Hitler lhe dera: o direito de transportar para a Pátria tudo que o ajudasse em sua pesquisa sobre a inferioridade dos judeus. Valland lembrou-se de uma das raras visitas de Rosenberg, de Berlim ao Jeu de Paume. Naquela época, final de 1942, ele deve ter percebido que tinha perdido o controle. Andou de um lado para o outro do museu acompanhado somente por uns poucos associados. As únicas acomodações feitas para sua visita foram vasos de crisântemos em algumas salas. Cheirava a funeral.

Era muito diferente das visitas do verdadeiro grande chefe que havia surgido para explorar a oportunidade da ERR. Para ele, exposições pessoais eram montadas com cuidadoso requinte, selecionadas para combinar com seu gosto pessoal. Garrafas de champanhe não eram apenas desenvolvidas, eram abertas “a golpe de sabre”, um processo dramático e teatral no qual a força de um sabre, escorregando ao longo do corpo da garrafa em direção ao pescoço, arranca o colarinho do gargalo, deixando a rolha intacta mas a garrafa aberta. Os obsequiosos oficiais da ERR brindavam a seus gostos e triunfos, em seguida seguiam em seus calcanhares, famintos de todos os seus cumprimentos e rindo de suas piadas bobas. E o chefe adorava a atenção, pois Hermann Göring, o Reichsmarschall nazista e segundo em comando de Hitler, era um homem vaidoso e ganancioso.

Rose Valland sabia que lembraria sempre de seus excessos. Ele tinha dezenas de uniformes feitos especialmente sob medida, a maioria com bordados em ouro e alamares de seda, cada um com mais ombreiras, borlas e medalhas do que o anterior. Carregava esmeraldas nos bolsos e as fazia rolar entre os dedos como outras pessoas fazem com moedas soltas. Só bebia do melhor champanhe. Quando veio saquear a coleção de joias dos Rothschild, em março de 1941, pegou duas das melhores peças e simplesmente as colocou no bolso, como se estivesse roubando balinhas de coco em uma loja. Quando roubava peças de arte maiores, ele simplesmente acrescentava mais um vagão atrás de seu trem particular e levava embora, como César carregando os espólios de guerra atrás de sua charrete imperial.^[2] A caminho de Berlim, ele descansava vestido com um enorme quimono de seda vermelha vergado sob o peso de adornos de ouro.^[3] Todos os dias de manhã, deleitava-se em sua banheira de mármore vermelho, construída com uma largura extra para conter sua cintura. Ele detestava o balançar do trem, fazia sua banheira entornar. Quando o Reichsmarschall Göring estava tomando banho, o trem parava nos trilhos. Isto, por sua vez, obrigava todos os outros trens do sistema ferroviário próximo a parar. Só depois que o Reichsmarschall acabava de se banhar os carregamentos de armas, equipamentos e soldados prosseguiram para seus diversos destinos.

Mas isso viria depois. Em seu primeiro dia no Jeu de Paume, em meio a toda a glória montada pela ERR, o rotundo Reichsmarschall arrastava-se pelo museu em um longo sobretudo marrom, um chapéu de feltro fedora maltratado enfiado na cabeça, vestido com o terno de um dândi acentuado por um cachecol de cor forte. Ela se lembrava do que pensou logo ao vê-lo naquele dia: gordo, empolado, pretensioso, mas estranhamente medíocre em seus gostos.^[4]

Ela descobriria por que mais tarde. Além de ser Reichsmarschall, Göring era o chefe da Luftwaffe, a força aérea alemã. Ele havia escorado sua reputação com Hitler no fato de que a Luftwaffe tiraria a Grã-Bretanha da guerra. Quando apareceu no Jeu de Paume, no dia 3 de novembro de 1940, a Luftwaffe vinha lutando havia quatro meses na Batalha da Grã-Bretanha, e bombardeando Londres na guerra-relâmpago havia três. E eles estavam perdendo. Pela primeira vez, os tiranos estavam perdendo. E Göring era o responsável.

Ao mesmo tempo, a batalha pessoal de Göring pelo saque da Europa

ocidental não estava indo bem. Para o voraz Reichsmarschall, isto era um revés igual ou talvez pior do que a batalha do outro lado do Canal da Mancha. Depois da blitz nazista, os mercados de arte dos Países Baixos e da França se escancararam. Eram colmeias de vermes, cheias de colaboradores, oportunistas e intermediários de reputação duvidosa sem escrúpulos de roubar, penhorar, fraudar e trocar objetos de arte por vistos de saída da Europa. Havia centenas de alemães com as mãos estendidas, tentando tirar vantagem da revolução do século. Göring era desumano, eficiente e poderoso, mas era também vaidoso e facilmente ludibriado. Ele estava gastando uma quantidade enorme de seu tempo e energia lidando com agentes de arte e ainda não estava obtendo nem metade do que queria. Tinha vindo para Paris a fim de enxotar sua depressão com uma orgia de compras.

Neste dia frio de inverno no Jeu de Paume, 3 de novembro de 1940, seus representantes lhe mostraram não apenas o tipo de objetos de arte que ele cobiçava; eles lhe mostraram um novo mundo. Essa era a vocação deles. Eles lhe mostraram uma partícula mínima das riquezas da França, e como era fácil conseguir o resto. Por que comprar? Por que negociar e regatear e tentar ser mais esperto do que seus colegas nazistas, se haviam dado a Rosenberg uma brecha para roubar? Em retrospectiva, Rose Valland podia ver que era tudo uma encenação. O coronel von Behr, Hermann Bunjes e o curador de artes pessoal de Göring, Walter Andreas Hofer, haviam montado tudo para ele. Sabiam o que o Reichsmarschall queria, e sabiam que podiam lhe dar isso. Só precisavam lhe mostrar que agora tudo era possível. De seu próprio jeito, esses vis nazistas também tinham aproveitado seu momento. Havia alinhado as limalhas de metal de seus próprios destinos como tantos imãs covardes. Eles lhe disseram: Nós somos seus homens, sua organização, e isto é o que podemos oferecer. Basta pedir.

Quando Göring retornou ao Jeu de Paume dois dias depois, em 5 de novembro de 1940, era um novo homem. Valland podia ver o prazer lupino em seus olhos, o triunfo. Ele discutia as obras de arte em voz alta e ostensivamente com seus especialistas, sustentava as virtudes de suas peças favoritas, tirava os quadros da parede para poder examiná-los mais de perto. Naquela altura, em apenas dois dias, ele havia calculado tudo. Tinha uma proclamação já redigida. A

partir de então, por ordem do Reichsmarschall e aprovado pelo Führer, Hitler tinha o direito de escolher em primeiro lugar os confiscos da ERR. Göring seria o próximo, Rosenberg, o terceiro. Rosenberg reclamou, é claro, mas Hitler ficou do lado de Göring. Rosenberg não era respeitado nos quartéis-generais nazistas. O mundo inteiro, Volland pensou, detestava esse homem. E, é claro, Hitler estava contente de ser o primeiro a escolher. O Reichsmarschall, longe de se alienar do Führer por meio de seu poder para se apossar das coisas, havia caído nas graças de seu patrono. E, ao mesmo tempo, havia adquirido poder sobre o patrimônio da França.

Depois disso, o padrão se estabelecera. A operação ERR em Paris, para todos os propósitos, era a organização de pilhagem pessoal de Göring. Ele foi 21 vezes ao Jeu de Paume, sempre festejado pelos funcionários pessoais: coronel von Behr, Hermann Bunjes e mais tarde o traiçoeiro comerciante de artes Bruno Lohse, representante pessoal de Göring no ERR. Eles foram seduzidos porque, em um mundo nazista, a posição de Reichsmarschall vinha com todas as armadilhas de poder. Poder real, do tipo com o qual você pode ganhar uma fortuna, tirar a vida das pessoas e mudar o mundo. Os homens no Jeu de Paume engoliram tudo. Eles pensavam estar servindo na corte do rei. O ganancioso Lohse tentava fazer dinheiro sempre que possível. O alpinista social von Behr foi elevado ao mais alto nível da sociedade na Paris ocupada. O faminto por poder, Bunjes, recebeu um posto.

Quando Wolff-Metternich descobriu que Bunjes estava minando a missão do Kunstschutz, ele o despediu. Göring deu a Bunjes uma patente de oficial na Luftwaffe e o nomeou diretor do SS Kunsthistorisches Institut, em Paris. Antes, Bunjes era um funcionário menor e um estudioso; agora ele dirigia uma instituição importante. Esse era o poder do Reichsmarschall. E as corruptas jovens almas do Jeu de Paume, Bunjes e Lohse principalmente, idolatravam esse poder.

O vento soprava gelido nas ruas de Paris. Mesmo com seu casaco pesado, fazia tanto frio que Rose Volland afastou-se da calçada procurando abrigo em uma soleira de porta. Estava perto do apartamento de James Rorimer, só mais um ou dois quarteirões, e ela realmente sentia que estava se aproximando de uma decisão. Acendeu um cigarro. Ela levava uma vida ascética: um apartamento

pequeno, poucos móveis e não muitos luxos ou amigos. Fazia parte de sua concha de proteção. Não tinha ligações que os nazistas pudessem explorar. Não tinha companhias íntimas que pudessem descobrir seus segredos, pessoais e profissionais. Ela estava segura. Seu contato pessoal mais próximo, ela percebeu, podia muito bem ter sido seu chefe, Jacques Jaujard. Ela o admirava imensamente, e lhe seria para sempre grata pela oportunidade que lhe tinha dado.

Mas Jaujard agora a empurrava para Rorimer? Era uma dúvida que a intrigava há uma semana. O Monuments Man americano decididamente tinha a confiança e a admiração de Jaujard. Ele havia insistido para que trabalhassem juntos várias vezes, o que por sua vez conduzia não só ao progresso na recuperação das propriedades parisienses como a uma crescente amizade entre os dois.

Mas ela podia confiar nele? Ela havia passado quatro anos colhendo as informações. Quatro anos de privação. Nos primeiros meses, não fora outra coisa senão o medo. Mas ela crescera em seu posto. Em julho de 1941, o curador francês no Jeu de Paume adoeceu, e Jaujard a colocou encarregada do museu no posto pago de adida – e mais tarde “Assistente du Jeu de Paume”, depois de todos aqueles anos como voluntária! A essa altura, ela estava dirigindo as equipes de manutenção para os nazistas, uma tarefa que a tornava indispensável e lhe permitia livre movimento por todo o museu. Ela estava também passando informações regularmente para Jaujard, muitas vezes por intermédio da leal secretária dele, Jacqueline Bouchot-Saupique. Às vezes seus relatórios eram escritos nos papéis de carta do Louvre, com mais frequência eram rascunhados em um pedaço de papel qualquer disponível. Ocasionalmente, eram relatórios orais transmitidos durante uma breve visita ao gabinete de Jaujard. Como adida do Jeu de Paume, Valland tinha passe livre no Louvre. Ela sabia que sua aparência doméstica, cuidadosamente cultivada durante aqueles anos, lhe permitia passar pelos guardas sem ser revistada.

Nos últimos anos, seu medo se acalmara, e ela começou a aceitar o risco. Listas de embarque, números de trens e endereços eram muito difíceis de memorizar, então ela começou a tomar notas. Em seguida, passou a levá-las para casa de noite para poder copiá-las, sempre devolvendo-as aos arquivos antes que

os nazistas chegassem na manhã seguinte. Ela pescava informações de empacotadores, secretárias e oficiais nazistas. Ela decorava conversas escutadas por acaso, os nazistas jamais desconfiando que ela compreendia o alemão. Os nazistas eram exigentes a respeito de documentações; eles relatavam e fotografavam tudo. Ela surrubiava e depois revelava negativos de noite, portanto tinha fotos de todos eles: Hofer, von Behr, Lohse e Göring examinando obras de arte saqueadas. Ela até possuía o diário do vigia. Tinha informações sobre todos que tinham entrado e saído dessas salas fechadas. E ela tinha listas: de obras de arte, de vagões de trem, de destinos.

Tinham-lhe custado muito. Anos de noites insones. Semanas de terror, cedendo à apática certeza de que talvez não conseguisse sair viva da ocupação. Ela podia realmente dividir tudo o que sabia e colhera com um oficial do Exército americano?

Ela olhou para o outro lado da rua, para uma porta de entrada indescritível, observou uma mulher encapotada passar caminhando com dificuldade. Em vez da resposta para sua pergunta, o que veio foi seu júbilo, depois de todos esses anos, pela capacidade de tomar a decisão como uma mulher francesa livre. Ela lembrou aquele momento de esperança, quando os primeiros tiros de resistência soaram no dia 19 de agosto de 1944. Quem podia esquecer essa data? Os funcionários do metrô tinham entrado em greve; depois a polícia; finalmente o serviço de correio. Todos esperavam a insurreição a qualquer dia, mas quando ouviram os primeiros tiros... Os céus de Paris pipocaram. A cidade ecoava com o entusiasmo e a alegria de seus habitantes. Ela estava no Louvre com os outros curadores. Eles queriam içar a bandeira francesa sobre o museu. Jaujard disse não. O dever deles era proteger as coleções. Não podiam correr o risco de uma reação alemã.^[5]

Ela saiu do Louvre e foi para o Jeu de Paume, determinada a ficar com as obras de arte até o final. Na esquina lá fora havia uma torre de observação alemã. Nos degraus, canos de metralhadoras alemãs ainda quentes dos disparos. A noite toda, unidades alemãs baixaram para o Jardim das Tulherias para preparar suas defesas. Do outro lado do jardim, em frente ao museu, guerrilheiros derrubavam árvores e arrancavam pedras do calçamento para formar barricadas. De uma janela no andar superior, ela podia ver sedãs Citroën pintados com os emblemas

dos Franceses Livres (FFI). Mas nada acontecia; durante dias, Paris ferveu em fogo brando.

A tensão explodiu na noite de 24 de agosto. Relâmpagos rasgaram o céu; a polícia se levantou. Bombas de artilharia assobiavam pelo Sena. Os canos das armas alemãs brilhavam vermelhas de calor no meio da tempestade de raios. No dia seguinte, os soldados alemães estavam agachados por trás de estátuas no pátio do museu, rodeados de sacos de areia. Ela os viu serem mortos a tiros, um por um. Um jovem soldado aterrorizado separou-se de sua unidade e foi abatido nos degraus do museu. O resto se rendeu. Em duas horas, os tanques do general Leclerc estavam alinhados na Rue de Rivoli. Suas tropas escoradas capturavam munição e capacetes alemães dentro do Jeu de Paume, enquanto os parisienses se comprimiam no terraço, ovacionando os soldados na rua.

E então o som de tiroteio, gritos, a multidão tropeçando pelas portas e janelas do Jeu de Paume. Uma atendente do museu, que cometeu a tolice de subir no telhado a fim de observar a chegada de Leclerc, foi acusada de ser uma observadora alemã. Ela teve de implorar a vários oficiais de Leclerc até que um finalmente interveio. Quando ela não deixou a turba entrar no porão, onde a coleção permanente do Jeu de Paume estava guardada, eles a acusaram de estar abrigando alemães. Colaboradora! Colaboradora! Um soldado encostou uma arma em suas costas. Quando ela desceu as escadas para o porão, pensou no jovem soldado alemão que tinha descoberto cedo naquele dia, encolhido dentro de uma das guaritas. E se eles encontrassem outro? Ela tinha se perguntado, depois de tudo por que passara, se era assim que ia terminar. Meu dever, ela pensou então, como agora, é com a arte.

Ela pensou no quase desastre com o trem das artes; obras de valor inestimável paradas em um desvio durante dois meses por causa de uma trapalhada burocrática. Ela estava preocupada que alguns membros da sociedade artística pudessem pensar que ela era egoísta. Que estava retendo suas informações para se fazer mais importante. Alguns já sussurravam que ela tinha inventado tudo, que não havia nada que valesse a pena compartilhar. Afinal de contas, ela era uma simples assistente, não era nem mesmo uma curadora. Eles suspeitavam que estivesse apenas tentando se fazer famosa.

Talvez tivessem razão. Ela tinha ficado furiosa quando Le Figaro publicou

um artigo sobre o trem das artes, em 25 de outubro, porque isso dava ao sistema ferroviário francês o crédito pela descoberta. Ela havia escrito a Jauyard, lembrando-lhe de que o artigo “privava os Museus Nacionais do mérito a que tinham direito”. Mas sua verdadeira frustração ficara evidente em um parágrafo anterior. “Em um nível pessoal”, ela escrevera, “eu me consideraria feliz se este esclarecimento restabelecesse os fatos como eles são, pois sem as informações que pude fornecer, teria sido impossível relatar e distinguir esse carregamento de quadros roubados entre os numerosos comboios que seguiam para a Alemanha.” [6]

Ela jogou fora o cigarro e ficou olhando a rua parisiense coberta de neve. Sim, ela queria o crédito pelo que tinha feito. O destino talvez a tenha colocado no lugar certo, na hora certa, mas ela não o deixara escapar. Outros tinham corrido ou se escondido; alguns até se passaram para o lado nazista. Ela havia arriscado sua vida por seus princípios e seu país. Não foi por glória pessoal. Nunca foi. Ela havia protegido as artes. Ela havia resistido pelo que achava certo. E a melhor coisa para os objetos de arte, ela sabia, era passar por cima da burocracia e das lutas internas do governo francês e ir direto a James Rorimer. Não havia tempo para mais nada. O Exército americano seria o primeiro a chegar aos depósitos nazistas na Alemanha e na Áustria. Rorimer era o único homem em quem ela podia confiar. E Jauyard confiava nele, também. Ela estava certa de que Jauyard queria que ela fosse procurar Rorimer, mesmo que nunca tivesse dito isso em voz alta.

Ela começou a caminhar. Minutos depois chegava ao apartamento do americano. Lá dentro, a sala estava iluminada por velas por causa dos blecautes noturnos, ainda um fato da vida parisiense. Havia um pequeno fogo na lareira; a sala estava quente. Ele pegou seu casaco e a convidou a se sentar. Era um mundo distante da congelada realidade das linhas de frente, mas intimamente relacionado com elas. Às vezes os parâmetros de uma missão se decidem em uma salinha dos fundos com uma taça de champanhe.

Anos depois, James Rorimer escreveria que esse encontro no Natal foi um momento decisivo. Talvez para ele tenha sido, porque pela primeira vez Rose Valland lhe deu um sinal da amplitude e variedade das informações que possuía: em resumo, tudo que a pessoa certa precisava para encontrar o patrimônio

roubado da França.

Mas, para Valland, o que aconteceu naquela noite foi apenas mais uma confirmação de que James Rorimer era seu homem. Sua confiança, sua percepção, seu respeito, inteligência e energia de buldogue estavam todos à mostra, como sempre. Seria difícil para ele compreender o sacrifício dela, Valland percebeu com tristeza, mas essa era uma consideração pessoal sem importância. Ela podia ver que ele compartilhava algo mais importante: o senso de propósito dela. Como Valland, Rorimer acreditava que o destino dele estava ligado às informações que ela possuía.

– Por favor, me dê as informações – Rorimer disse. – Divida-as comigo.

Ela sabia que faria isso. Ela havia, é claro, dado seus relatórios e algumas das suas anotações feitas às pressas a Jacques Jaujard, porque essa era sua obrigação. Mas desconfiava muito da burocracia, porque uma pessoa descuidada ou cabeçadura, em qualquer ponto da cadeia de comando, poderia interromper o fluxo de informações. E foi isso exatamente que aconteceu. Meses depois, muito depois do final da guerra, fotografias fornecidas a SHAEF por Valland foram encontradas jogadas em uma gaveta de arquivo, em um escritório remoto, junto com um maço de outros documentos “inúteis”.

Por sorte, ela tinha outra cópia dos documentos para Rorimer. Mas não lhe deu, pelo menos não em dezembro de 1944. Ela tinha uma outra condição. Não queria que Rorimer passasse suas informações para mais ninguém. Ela não sabia dos bons, capazes, homens da MFAA já nas linhas de frente: Stout, Hancock, Posey, Balfour. Mas mesmo que ela tivesse sabido a respeito deles, isso não teria importado. Valland não queria que Rorimer dividisse informações, ela queria que ele as usasse. E isso significava que ele precisava estar no front.

Ela tinha passado semanas dando pistas, mas tentou de novo.

– Você está sendo desperdiçado aqui, James. Nós precisamos de homens como você na Alemanha, não em Paris.

– Suas informações – ele disse.

Ela sabia que ele estava indo para o front. Ele não podia resistir ao desafio... E à oportunidade. Era só uma questão de tempo. Mas tempo não era um luxo a que eles pudessem se permitir. Ela tinha apenas um trunfo nas mãos: suas informações. Sua cabeça girava. Ela teria mais vantagem se as ocultasse; era mais

seguro aguardar até ter certeza de que ele estava indo para a Alemanha. Ou talvez, pensou, ela realmente gostasse da atenção e do respeito que seus segredos provocavam.

– Rose – ele disse, pegando levemente em sua mão.

Ela virou as costas.

– Je suis désolé, James – sussurrou. – Je ne peux pas.

Sinto muito. Não posso.

Seção

III

ALEMANHA



Um judeu alemão no Exército americano

GIVET, BÉLGICA
JANEIRO DE 1945

Todas as manhãs, Harry Ettlinger, o último menino a celebrar seu bar mitzvah em Karlsruhe, Alemanha, pegava um ônibus de sua casa da alta Newark, Nova Jersey, para seu colégio no centro da cidade. Depois de três anos na América, seu pai havia finalmente conseguido seu primeiro emprego, como vigia noturno em uma fábrica de malas. A família era tão pobre que Harry mal notou o racionamento de guerra. Mas no caminho do ônibus, as mudanças eram evidentes. Nos minúsculos jardins das casas da urbana Nova Jersey, todos estavam cultivando feijões, cenouras e repolhos, assim como Eleanor Roosevelt estava fazendo no jardim na frente da Casa Branca. “Jardins da vitória”, eles os chamavam. Até os terrenos baldios tinham sido limpos por alunos de escolas e plantados com feijões. Essas crianças e seus pais agora andavam de “bicicletas da vitória”, feitas de borracha reaproveitada e metais não necessários para o esforço de guerra. O ônibus passava por um cartaz pregado em um poste de iluminação: “Quando você dirige seu carro sozinho, você dirige com Hitler.” Era um apelo para o uso do transporte público, ou pelo menos para um rodízio entre os motoristas com mesmo destino. Harry estava contente por sua família não ter carro. Ninguém mais dirigia; era quase um pecado pensar nisso. Ele ouvira boatos de que uma pessoa podia ser multada se fosse flagrada dirigindo só por prazer, sem nenhum lugar em particular para ir.

O ônibus entrava na área industrial de Newark, onde as fábricas zumbiam a noite toda. O ônibus estava sempre cheio, ainda que esse itinerário estivesse quase sempre vazio antes da guerra. Nas paradas das fábricas ele ficava lotado, sem lugar nem para passageiros de pé, com trabalhadores largando o turno da meia-noite nas fábricas de guerra. Ele os via esperando pacientes nas calçadas, a maioria homens mais velhos ou mulheres, exaustos, mas orgulhosos. A fim de

economizar tecido para tendas e uniformes, as mulheres usavam vestidos mais curtos, e ele podia ver suas pernas bem torneadas quando elas iam a pé para casa ou esperavam o próximo ônibus. Pela mesma razão, os homens não podiam usar calças com bainha. Ele não estava tão impressionado com essa mudança.

O que ele realmente notava eram as bandeiras. Todas as fábricas, e quase todas as casas, exibiam uma bandeira americana desfraldada. Nas áreas residenciais, em quase todas as janelas também havia uma flâmula branca com uma estrela azul e a borda vermelha. A flâmula dizia que alguém naquela casa estava servindo. Se a flâmula tivesse uma estrela dourada e a borda amarela, alguém ali tinha sido morto em ação.

Quando se formasse no ginásio, Harry sabia que os pais colocariam uma dessas flâmulas azuis e vermelhas; provavelmente duas, porque o irmão Klaus pretendia ingressar na Marinha assim que fizesse 17 anos. Rapazes já estavam começando a deixar o colégio, inclusive o melhor aluno, Casimir Cwiakala, que seria abatido no Pacífico. Apenas um terço dos meninos na turma de Harry, de fato, estava planejando participar da cerimônia de formatura. O resto já estava no Exército ou na Marinha, treinando para serem pilotos de avião, de tanques de guerra e soldados de infantaria.

Harry não tinha vontade de evitar a guerra, mas também não estava com pressa de se alistar. A guerra não estava indo embora; sempre haveria espaço para ele. Bem no fundo, isso não o deixava confortável, mas seu dever de combater jamais foi algo que ele questionasse. Como todos os outros rapazes na primavera de 1944, Harry Ettlinger ia ingressar no Exército, ser mandado para o outro lado do oceano e se tornar um orgulhoso, disciplinado e aterrorizado soldado. Ele não podia imaginar sua vida desenrolando-se de outro modo. Até então ele tivera responsabilidades. De manhã, ia para o colégio. Depois das aulas, trabalhava em uma fábrica para ajudar a sustentar a família. Antes da guerra, a Shiman Manufacturing fazia joias; agora produzia grandes quantidades de cinzéis descartáveis para os dentistas do exército.

O aviso de recrutamento chegou, como esperado, logo depois da formatura e, no dia 11 de agosto de 1944, Harry Ettlinger embarcou para o treinamento básico. Os Aliados tinham invadido a Normandia, e sua mãe vigiava o mapa diário no jornal, as linhas de frente espalhando-se para o norte e o leste da

Europa. Harry e seus companheiros recrutas não acompanhavam o progresso do Exército. Não tinha importância para eles. Estavam indo para a Europa, iam combater, e alguns deles iam morrer. Onde exatamente isso ia acontecer não faria diferença alguma.

Por enquanto, eles estavam cravados em um lugar chamado Macon, na Geórgia, e a vida deles era levantar cedo, tomar banho e se vestir, beliches impecavelmente arrumados, café da manhã, marchar aqui, marchar ali, desmontar um rifle M1 e montá-lo de novo, sim senhor, não senhor, marchar, comer, marchar, limpar, voltar a dormir, levantar cedo e fazer tudo outra vez. Eles viviam cada minuto do dia em uma unidade de dez homens, enfileirados do mais alto para o mais baixo (Harry era o número quatro) e essa unidade parecia seu mundo inteiro.

Em meados de novembro, perto do final do treinamento, Harry Ettlinger foi tirado da linha de chamada matinal.

– Você é um cidadão dos Estados Unidos, soldado Ettlinger? – um oficial perguntou.

– Não, senhor.

– É um alemão, certo, soldado?

– Um judeu alemão, senhor.

– Há quanto tempo está neste país?

– Cinco anos, senhor.

– Então venha comigo.

Horas depois, diante de um juiz local da Geórgia, Harry Ettlinger fez o juramento e foi declarado cidadão dos Estados Unidos. Seis semanas depois, ele estava em Givet, Bélgica, a poucos quilômetros apenas de seu país natal, aguardando as ordens que enviariam sua unidade para o front.

Givet era um depósito de substituições, conhecido pelos homens como um “enche-esvazia”, uma área de adaptação para tropas de substituição que seriam utilizadas em unidades que tivessem sofrido fortes baixas. Em Givet, Harry Ettlinger e mil colegas viviam em beliches triplos em um enorme celeiro. Era o janeiro mais frio já registrado; o calor dos fornos a carvão fugia direto para cima quando o vento congelante soprava livremente pelas fendas do velho revestimento de madeira do celeiro. A neve era tão espessa que Harry nunca viu

uma só folhinha de grama belga. O céu não clareou durante duas semanas, e quando finalmente isso aconteceu, ele saiu para ver aviões de horizonte a horizonte, sua primeira visão da magnífica máquina de guerra dos Aliados ocidentais. A Batalha das Ardenas tinha virado. Os alemães tinham sido derrotados em Bastogne e nas Ardenas, e os Aliados mais uma vez avançavam. Mas ninguém tinha ilusões. Os alemães não iam se render, não até que cada uma de suas cidades estivesse arrasada e destruída. Milhares de soldados aliados iam morrer lutando por cada centímetro de solo, e milhares de soldados alemães e civis, também. Céu claro significava bombas, morte e, o mais importante no momento para os homens em Givet, temperaturas congelantes. Essa noite foi uma das mais frias da vida de Harry.

Algumas noites mais tarde, as ordens chegaram. Os soldados de substituição estavam sendo transferidos. Na manhã seguinte, mais de uma centena de caminhões enfileirava-se na neve do lado de fora do celeiro. Os oficiais gritavam números de unidades, e os homens subiam para os caminhões com suas sacolas, armas e outros equipamentos. Não tinham ideia para onde estavam indo, só que iam se juntar a 99ª Divisão de Infantaria em algum ponto no front. Harry estava no quinto caminhão com outros oito homens de sua unidade (um havia misteriosamente deixado de comparecer), os homens com quem ele havia vivido por mais de cinco meses. Não trocaram muitas palavras entre eles enquanto os caminhões eram carregados e não disseram muita coisa quando ouviram o caminhão da frente engrenar e começar a se mover. Tinha chegado a hora, eles iam partir, juntos, e estavam tanto excitados quanto com medo.

E então, de repente, um sargento corria ao longo do comboio, acenando com os braços para o caminhão-guia parar. Quando os caminhões frearam, o sargento percorreu a fila de carros de uma ponta a outra gritando repetidas vezes para que os milhares de homens nos caminhões pudessem ouvir: “Os seguintes três homens peguem seus equipamento e venham comigo.”

Harry ficou tão chocado ao escutar seu nome, que não saiu do caminhão.

– É com você – alguém disse, cutucando-o.

Harry desceu e colocou suas coisas no chão a seus pés. No final da fila, ele viu mais dois homens, dentre os mais de 2.500, descenderem de seus caminhões e jogarem suas coisas no chão. Ele olhou para trás uma última vez, viu os oito

homens que restavam de sua esquadra, seus irmãos em armas. Dentro de um mês, três deles estariam mortos. Quatro outros, gravemente feridos. Apenas um homem sairia da guerra ileso.

– Soldado Ettlinger, senhor. – Harry bateu continência quando o sargento se aproximou.

O sargento respondeu com um movimento de cabeça, conferiu o nome em sua prancheta, depois sinalizou para o comboio seguir em frente. Conforme os caminhões se afastavam, Harry ergueu sua sacola e voltou para o celeiro, sem saber exatamente para onde estava indo ou por quê, mas com a certeza de que não era para a frente de batalha. Era o dia 28 de janeiro de 1945, seu aniversário de 19 anos. Harry Ettlinger sempre consideraria este o melhor aniversário de sua vida.



BERLIM, MARÇO DE 1945:

Semanas antes de cometer suicídio, Adolf Hitler periodicamente escapava da deprimente realidade e irremediável situação da Alemanha entrando no mundo de sonhos materializado nesta maquete de sua cidade natal Linz, incluindo o Führermuseum. (Ullstein Bild, Frentz)



BERCHTESGADEN, ALEMANHA:

Em épocas mais felizes, Hitler, Gauleiter August Eigruber (esquerda) e o professor arquiteto Hermann Giesler estudavam planos para redesenhar Linz. Esta foto foi tirada na casa de Hitler em Berchtesgaden, conhecida como o “Berghof”. (Coleção Walter Frentz, Berlim)

CLASS OF SERVICE	WESTERN UNION	1308	SYMBOLS
This is a full-rate Telegram or Cablegram unless its deferred character is indicated by a suitable symbol above or preceding the address.	A. H. WILLIAMS PRESIDENT NEWCOMB CARLTON CHAIRMAN OF THE BOARD J. C. WILLEVER FIRST VICE-PRESIDENT		DK=Day Letter NT=Overnight Telegram LC=Deferred Cable NLT=Cable Night Letter Ship Radiogram
The filing time shown in the date line on telegrams and day letters is STANDARD TIME at point of origin. Time of receipt is STANDARD TIME at point of destination.			
NA341 70 NT 1 EXTRA=NEWYORK NY 11 DAVID E FINLEY= DIRECTOR NATIONAL GALLERY OF ART WASHDC=			
AFTER CONSULTATION WITH FINLEY AND OTHERS WE BELIEVE IT NECESSARY CALL EMERGENCY MEETING ART MUSEUM DIRECTORS AT METROPOLITAN MUSEUM SATURDAY AND SUNDAY DECEMBER 20 AND 21. HOPE VERY MUCH YOU CAN COME DISCUSSION WILL BE LIMITED TO CONCRETE PROPOSALS FOR EMERGENCY. SUGGEST THAT YOU CONSULT WITH YOUR COMMITTEES BEFORE COMING SO THAT WE WILL KNOW HOW FAR YOUR TRUSTEES ARE WILLING COOPERATE NATIONAL EMERGENCIES. SESSIONS OPEN PROMPTLY 10 A.M.= FRANCIS HENRY TAYLOR PRESIDENT. 20 21 10 A.M. Y WILL APPRECIATE SUGGESTIONS FROM ITS PATRONS CONCERNING ITS SERVICE			

Emergency Storage
Art Museum Directors

Este telegrama da Western Union alertava importantes líderes de museus para a reunião urgente no Metropolitan Museum of Art, na cidade de Nova York, no dia 20 de dezembro de 1941, menos de três semanas depois do bombardeio de Pearl Harbor. (National Gallery of Art, Gallery Archives)



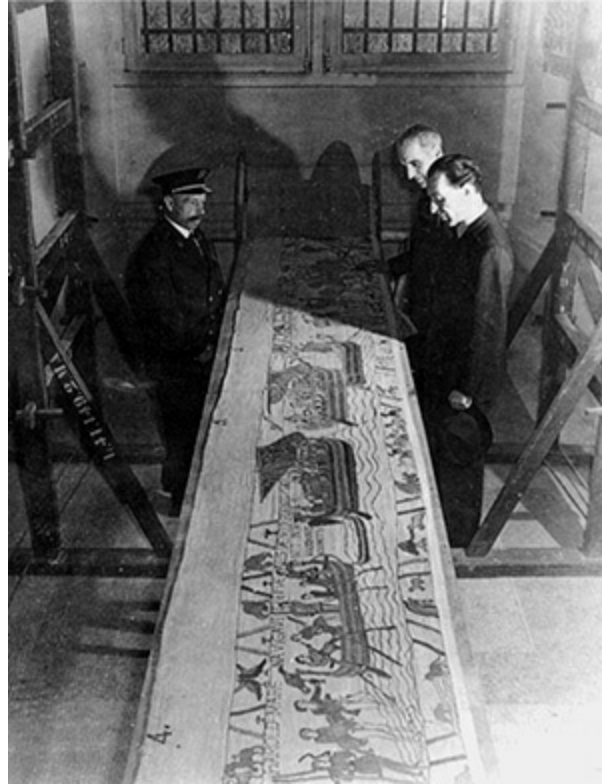
MONTE CASSINO, ITÁLIA, 27 DE MAIO DE 1944

Monuments Man tenente-coronel Ernest T. Dewald (centro) sobe até as ruínas de Monte Cassino, a abadia beneditina destruída pelo controverso bombardeio dos Aliados em fevereiro de 1944. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



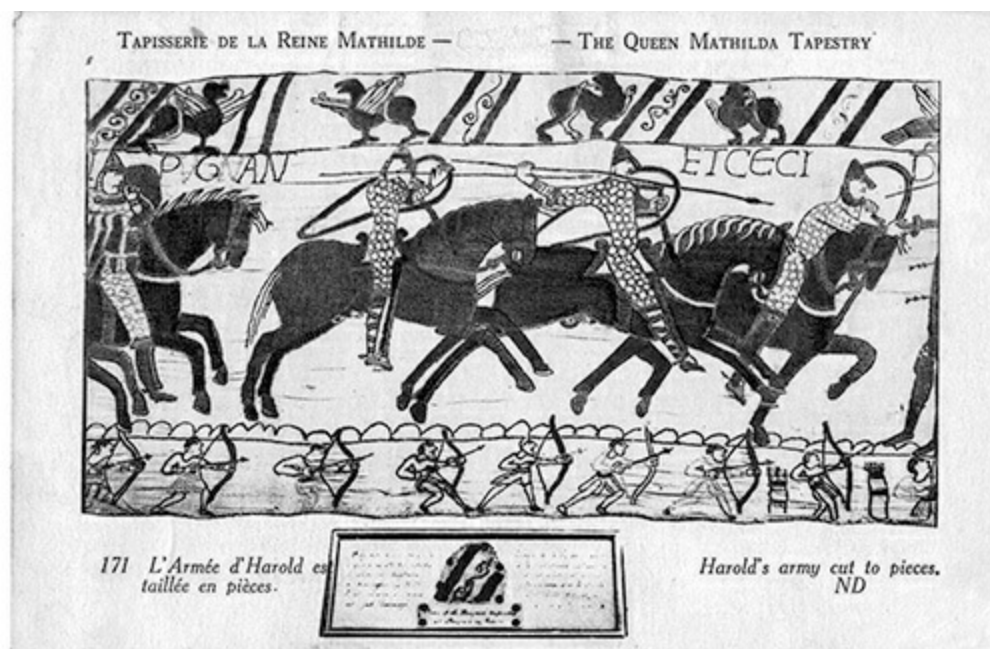
SAINT-LÔ, FRANÇA, JULHO DE 1944:

“Coberto com a bandeira americana, o corpo do major Thomas D. Howie (centro superior), comandante do III Batalhão, 116ª Infantaria, descansa em meio às ruínas da Catedral de Notre-Dame em Saint-Lô, França. Howie foi morto nos arredores da cidade em 17 de julho, por tiro e morteiro, e a força-tarefa que entrou na cidade no dia seguinte carregou seu corpo de ambulância e jipe como um símbolo de sua camaradagem e vontade de vencer.” Esta cena de devastação era uma ocorrência muito comum em muitas das cidades e vilarejos da Normandia depois da invasão do Dia D. (AP Images/Harry Harris)

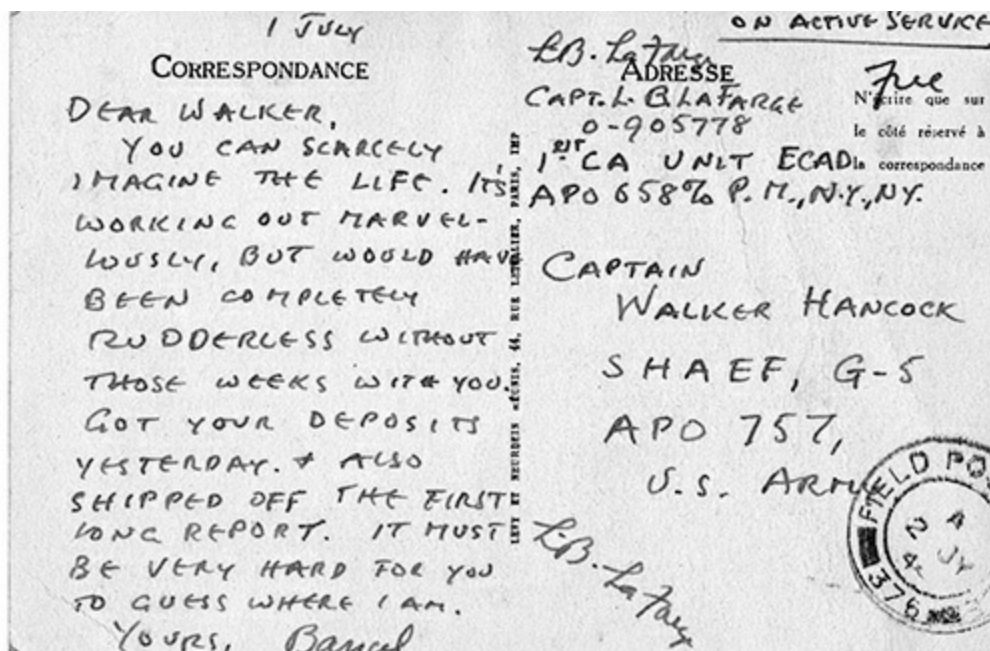


PARIS, OUTONO DE 1944

Jacques Jaujard (extrema direita, fundo), diretor dos Museus Nacionais da França, examina a Tapeçaria de Bayeux, famosa internacionalmente, com W. Verrier, inspetor geral dos Museus Históricos Franceses e adido do Louvre (esquerda) por ocasião de sua exposição no Louvre ao final de 1944. (Archives des Musées Nationaux)



TAPEÇARIA DA RAINHA MATILDE
171 Exército de Harold cortado em pedaços



Um cartão-postal enviado no dia 1º julho de 1944, do Monuments Man capitão Bancel LaFarge ao colega oficial do Monuments, capitão Walker Hancock, alertando-o para sua chegada a Bayeux, França. (Walker Hancock Collection)



PARIS, 2 DE DEZEMBRO DE 1941:

No museu Jeu de Paume, o Reichsmarschall Hermann Göring, quadro na mão esquerda e cigarro na direita, senta-se olhando para dois quadros de Henri Matisse sendo segurados por Bruno Lohse. De pé, à esquerda de Göring, está seu conselheiro para as artes, Walter Andreas Hofer. Note a garrafa de champanhe na mesa ao centro. Ambos os quadros foram roubados da coleção de Paul Rosenberg pelos nazistas e recuperados e devolvidos depois da guerra. O quadro da esquerda, intitulado Marguerites, está hoje no Art Institute de Chicago. O outro, Dançarina com tamborim, está no Norton Simon Museum, em Pasadena, Califórnia.

(Archives des Musées Nationaux)

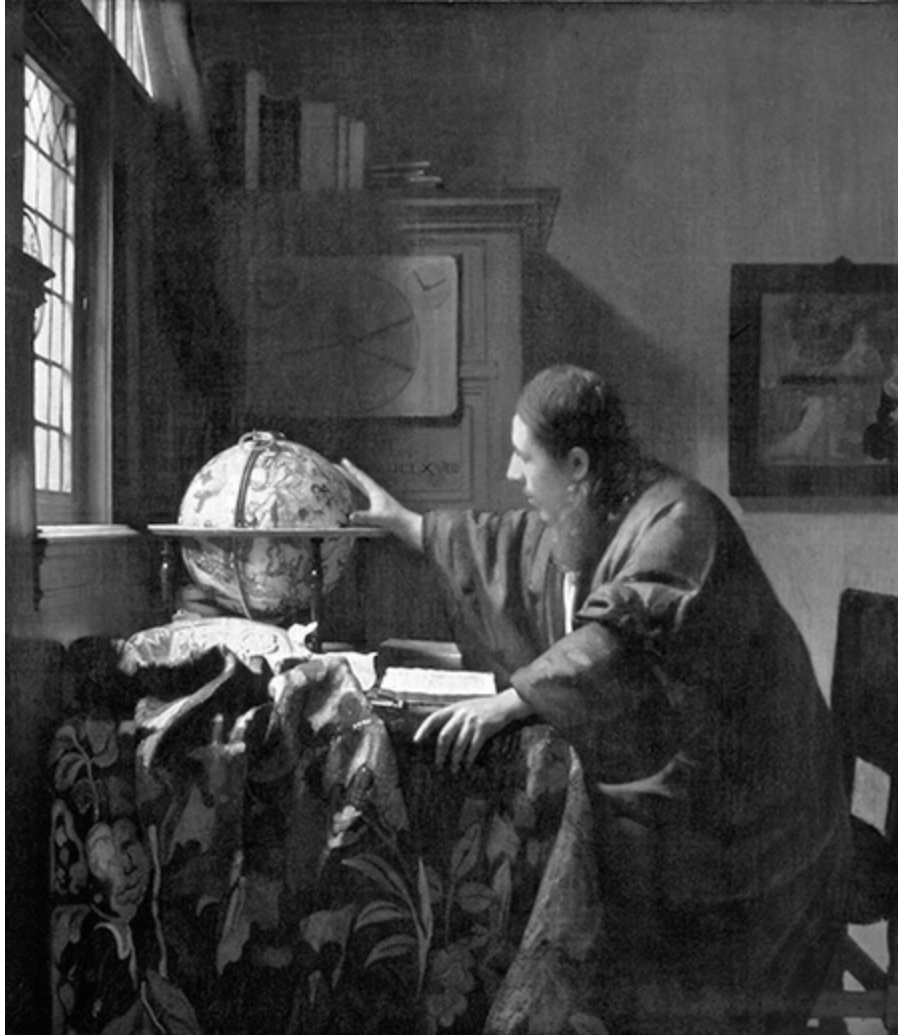


PARIS:

Göring sai do Jeu de Paume, em Paris, depois de uma de suas vinte visitas para escolher as obras de arte roubadas de colecionadores franceses a serem acrescentadas a sua vasta coleção. O coronel von Behr aparece em primeiro plano; Bruno Lohse está de pé na soleira da porta à esquerda, ao lado de Walter Andreas Hofer. (Biblioteca do Congresso, Washington, D.C.)



MICHELANGELO, MADONA DE BRUGES, 1503-04.
Mármore, altura 121,9 cm. Catedral de Notre-Dame, Bruges, Bélgica. (Scala/Art Resource, NY)



JAN VERMEER, O ASTRÔNOMO, 1668.

Óleo sobre tela, 51 x 45 cm. Louvre, Paris, França. (Réunion des Musées Nationaux/Art Resource, NY)



PARIS, 12 DE SETEMBRO DE 1944:

Monuments Man James Rorimer (direita) e o diretor da Ecole du Louvre, Robert Rey, de pé diante da parede vazia onde a Mona Lisa (La Joconde) estava antes de sua evacuação preventiva do Louvre em 1939. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)

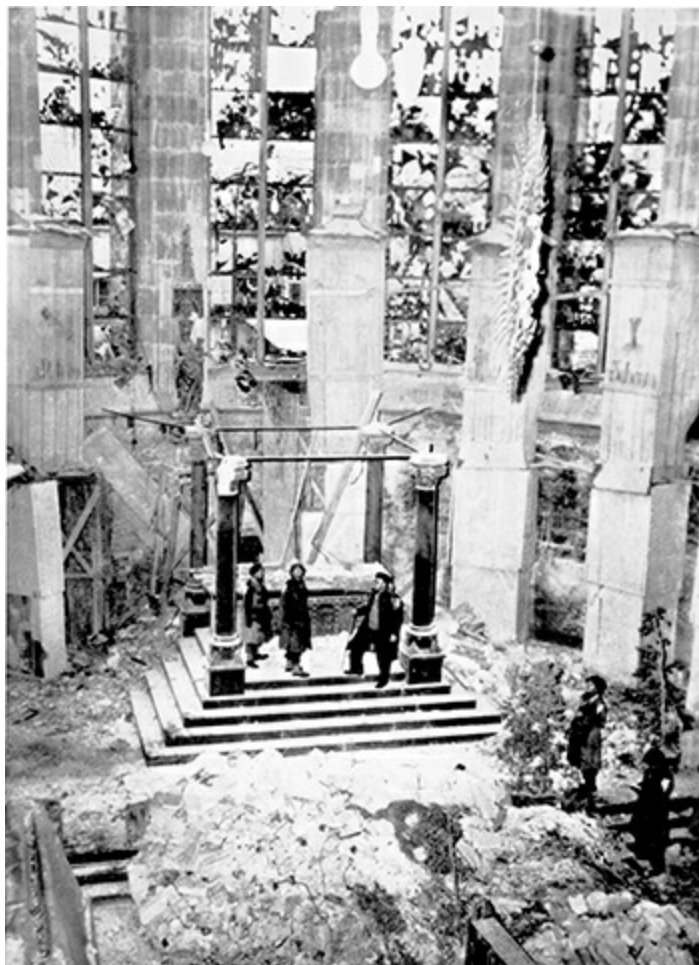


PARIS, 1945:

A Mona Lisa mudou de lugar em seis ocasiões distintas, de 1939 até 1945, antes de ser desencaixotada ao ser devolvida ao Louvre. (Roger-Viollet)



JAN VAN EYCK, RETÁBULO DE GHENT (interior), 1432.
Óleo sobre painel, 3,5 x 4,6 m. Catedral de Saint Bavo, Ghent, Bélgica.
(Reproductiefonds/photo Hugo Maertens)



AACHEN, ALEMANHA, OUTUBRO DE 1944:

Esta foi a cena de devastação com que os Monuments Man Walker Hancock e outros soldados do I Exército dos EUA se depararam ao chegar na Catedral de Aachen, no dia 25 de outubro de 1944. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)

Sobrevivendo à batalha

LA GLEIZE, BÉLGICA

1º DE FEVEREIRO DE 1945

Walker Hancock chegou em La Gleize, Bélgica, em uma tarde de fevereiro sob um frio de morrer. Antes do Bulge, ele havia passado uma tarde deliciosa aqui na companhia de uma gentil anfitriã e uma encantadora escultura desconhecida da Virgem Maria. Durante a Batalha do Bulge, ele assistira consternado às linhas inimigas avançarem para o oeste de um ponto ao outro do mapa, englobando Aachen, cruzando a Linha Siegfried e finalmente projetando-se para dentro da Bélgica, onde começaram a diminuir a marcha, depois a rastejar e então, finalmente, pararam no vale de Amblève. Bem no ponto de estagnação, debaixo do alfinete no mapa, estava a cidade de La Gleize. Sempre que ele olhava para aquele alfinete, pensava na jovem mulher e na extraordinária Madona, poucas semanas antes tão distantes da guerra. Nada escapa dessa guerra, ele não parava de pensar, imaginando se elas teriam sobrevivido. Nada está imune.

Agora que a Batalha do Bulge tinha acabado, e os Aliados haviam impedido o avanço alemão, Walker Hancock estava ansioso para ver como tinha ficado o pacífico vilarejo. Bill Lesley, o primeiro Monuments Man a fazer o circuito do vale depois da Batalha do Bulge, havia relatado que La Gleize estava praticamente destruída, mas ainda assim Hancock se surpreendeu com as horrendas condições. As casas estavam todas em ruínas, as lojas incendiadas e abandonadas, equipamentos despedaçados e cartuchos de balas detonadas cobriam as ruas. A catedral, castigada por pesada artilharia, era pouco mais do que uma casca. Parecia oscilar na encosta do morro, pronta para cair e acabar com os últimos vestígios da cidade. Estranhamente a porta estava trancada; Hancock entrou por um buraco aberto na parede. O telhado fora explodido, e as vigas quebradas inclinavam-se ao vento perverso, pesadas de neve e gelo. Os

bancos tinham sido revirados e empilhados para formar barricadas, as cadeiras jogadas no chão. Nos destroços, ele viu munição, ataduras, latas de ração e farrapos de uniformes. Os alemães tinham usado a catedral como uma fortaleza, depois como um hospital de campanha, e Hancock suspeitava que corpos, talvez tanto de alemães como de americanos, estivessem congelados debaixo da neve. Nada escapa dessa guerra, ele pensou de novo.

Mas uma coisa escapou: a Madona. Ela estava exatamente como ele a havia visto duas semanas atrás, no meio da nave, uma das mãos sobre o coração, a outra erguida para abençoar. Ela mal parecia notar o que havia ao redor, focada como estava no distante divino. Mas, nesse cenário, ela parecia mais milagrosa e cheia de esperança do que nunca, com sua beleza triunfante mesmo em meio à devastação e ao desespero.

A cidade não estava abandonada, pelo menos não totalmente. Andando pela rua principal gelada, ele notou umas poucas pessoas aqui e ali, alquebradas e em estado de choque com as bombas, espiando para fora das ruínas de suas casas. O cura da catedral mais uma vez não estava presente, mas um homem chamado monsieur George, a imagem perfeita do sobrevivente de guerra até com a atadura ensanguentada envolvendo a cabeça, se ofereceu para ajudar.

– Vim buscar a Madona – Hancock disse, sentando-se do outro lado da mesa em frente a Monsieur George e sua mulher em sua cozinha quase vazia. Ele apresentou uma carta assinada pelo bispo de Liège, que tinha autoridade sobre essa paróquia. – O bispo ofereceu a cripta no seminário em Liège até a guerra acabar. O clima é ruim, eu sei, mas não há tempo a perder. Tenho um caminhão e um bom motorista. Podemos levá-la hoje.

Monsieur George franziu a testa. O mesmo fez sua mulher.

– A Madona não vai sair de La Gleize. Nem hoje, nem nunca.

Na verdade, monsieur George não desejava nem vê-la ser retirada da catedral.

E a neve, o frio, o vento, o teto instável? Hancock argumentou o melhor que pôde, mas o homem não arredava pé.

– Vou convocar uma reunião – monsieur George disse por fim, encerrando a conversa.

Uma hora depois, uma dúzia de pessoas carrancudas – Hancock se perguntou se essas seriam todas as pessoas vivas na cidade – comprimiam-se na casa de

monsieur George, escutando Hancock defender sua ideia inutilmente.

– Esta casa tem um bom porão – monsieur George disse finalmente. – O cura ficou conosco aqui durante a batalha. Embora alguns de nós tenham se ferido com balas que entravam pela janelinha, esse perigo já passou. Proponho trazermos a Virgem para o porão. ^[1]

Hancock não estava feliz, mas parecia ser o melhor acordo possível. Pelo menos a casa não estava em risco iminente de colapso.

– Ela não pode sair de lá – alguém disse. – As junções entre seus ferros e o pedestal de pedra são inquebráveis. Eu sei. Fui eu quem as cimentou.

– Então, certamente – Hancock retrucou –, se o senhor fez um trabalho tão bom para prendê-los, sua perícia pode separá-los, também.

O pedreiro balançou a cabeça.

– Nenhum poder na terra pode quebrar essa junção. Nem mesmo eu.

– E se removermos o pedestal do chão?

O pedreiro pensou por um momento.

– Talvez.

– Ela não vai sair dali – outra voz gritou.

Hancock virou-se para ver um homem baixo, de queixo quadrado, erguendo-se de sua cadeira.

– Seja razoável agora... – Monsieur George protestou, mas o homem recusava-se a ceder. Ela havia sobrevivido à batalha, ele disse. Ela era tudo que restava de suas antigas vidas. Ela era a comunidade agora. Era a graça de Deus; a salvação deles. Quem era esse estrangeiro, esse... Americano, para lhes dizer o que tinham de fazer? Ela devia ficar onde sempre esteve, na catedral. Mesmo que a maior parte da catedral não existisse mais.

– Concordo com o tabelião – disse o pedreiro.

Uns poucos se ajeitaram nas cadeiras. Hancock olhou ao redor na sala para seus rostos desolados e ataduras visíveis. A Madona não era arte para eles, percebeu; ela representava suas vidas, sua comunidade, sua alma coletiva. Por que escondê-la em um porão, eles estavam pensando, quando nós precisamos dela agora mais do que nunca? Ela havia triunfado. Eles não conseguiam reconhecer, depois de tudo que tinham passado, que o perigo podia voltar.

Mas Hancock sabia que o perigo já estava ali, pelo menos para a escultura, na

forma de um teto estilhaçado e paredes seriamente danificadas.

– Vamos para a catedral – ele sugeriu. – Talvez possamos encontrar uma solução.

A pequena procissão atravessou a cidade vazia andando com dificuldade, abrindo caminho pela neve acumulada pelo vento, pedaços de gelo, estilhaços de artilharia e entulho. Alguém tinha a chave, então eles entraram na catedral pela porta, apesar de apenas a poucos centímetros dali a parede não existir. A neve estava caindo em grandes flocos e pousando sobre a Madona. O pequeno grupo reuniu-se à sua volta, como se aquecidos por seu brilho. Hancock olhou-a no rosto. Tristeza, paz e talvez surpresa.

Ele começou a falar em sua defesa, e foi quando o telhado cedeu. Com um súbito movimento, um enorme pedaço de madeira veio a se espatifar no chão, quebrando a tranquilidade. Neve e poeira explodiram para o alto em uma nuvem, e grandes pedaços de gelo caíram como chuva. Quando o ar clareou e os escombros se assentaram, o tabelião lentamente entrou de novo em foco, o rosto branco como a neve. Ele estava de pé quase debaixo da viga caída. Foi por pouco.

– Bem... – Hancock começou, quando outro pedaço de gelo escorregou do telhado e foi cair a poucos centímetros do pé do tabelião.

– Proponho que a estátua seja transferida para o porão da casa de monsieur George – o tabelião disse.^[2]

O pedreiro estava certo, era impossível separar a estátua de sua base. Então duas vigas quebradas do telhado foram acorrentadas ao pedestal de pedra e alguns homens começaram a balançar a estátua para frente e para trás para soltá-la do chão. Mesmo a base da Madona tendo apenas mais ou menos 1,20 metro de altura, foram necessários oito deles para transportá-la da catedral e pela ladeira escorregadia atravessando o centro da cidade. Iam todos curvados pelo peso, observando onde pisavam e escolhendo o caminho cuidadosamente pelo gelo. Hancock usava seu uniforme de combate e capacete; o pessoal da cidade usava fedoras e boinas, uns poucos homens mais idosos estavam de terno e sobretudo. Uma mulher jovem liderava a procissão de capa e capuz. A Madona erguia-se uma cabeça acima deles todos, solene e pacífica. Era o desfile mais estranho que La Gleize já vira.

Depois que a Madona já estava a salvo no porão, um rapaz convidou Hancock e seu motorista para jantar. Aceitando agradecido, Hancock ficou surpreso ao se ver de novo compartilhando a hospitalidade de monsieur Geneen, o fazendeiro-estalajadeiro cuja filha o havia recepcionado e alimentado em sua primeira visita à cidade. Hancock queria apenas suas rações K e um pouco de água quente para seu café solúvel, mas de novo a família insistiu em uma refeição completa. Isto apesar de a metade dos fundos da casa não existir mais, deixando a área de estar aberta ao frio. Por uma brecha, ele pôde ver uma grande pilha de granadas, panzerfaustes (foguetes antitanques portáteis) e outras munições não detonadas que a família havia recolhido do chão; por outra brecha, nada além de escuridão. Tudo parecia errado, irreal. E, no entanto, aqui estavam as mesmas pessoas, parecendo mais velhas e mais cansadas, porém vivas e bem, e espalhando em sua frente nada menos do que um banquete. Em meio a toda essa destruição, carne e vegetais cozidos na hora foi a visão mais maravilhosa e inesperada de todas.

Eles conversaram sobre o fracasso do avanço dos alemães; a engenhosidade dos soldados americanos; seus possíveis futuros. Hancock comeu com vontade. Ele olhava de rosto em rosto, das fendas na parede para a pilha de explosivos e para os dois quatinhos, e finalmente para o prato de comida em sua frente. Ele percebeu uma coisa.

– Esta não é a casa que visitei antes – disse.^[3]

Monsieur Geneen descansou o garfo e entrelaçou os dedos.

– No meio da noite – disse – acordei e, de minha cama, vi o céu por um buraco de bomba na parede. E quando comecei a perceber onde estava e porque eu estava ali, pensei comigo mesmo: essa não é uma coisa cruel para acontecer comigo em minha idade, depois de uma vida inteira trabalhando sem parar? Não ter nem quatro paredes firmes ao redor de mim e de minha família? Então lembrei que esta não era nem mesmo minha casa; que meu amigo que era seu dono estava morto; que da casa que eu mesmo havia construído não restara uma só parede. E fiquei muito triste. E, de repente, a realidade baixou sobre mim. Nós tínhamos sobrevivido à batalha. Durante todo esse tempo tivemos o suficiente para comer. Estávamos todos bem e podíamos trabalhar. – Ele fez um gesto com a cabeça em direção à sua família, depois para os dois soldados

americanos sentados do outro lado da mesa. – Nós – acrescentou – é que tivemos sorte!^[4]

A batalha tinha passado. Hancock estava certo agora de que o combate não retornaria a La Gleize. Mas lá para o leste, na Alemanha, a guerra continuava.

O novo Monuments Man

LUXEMBURGO E ALEMANHA OCIDENTAL

5 DE DEZEMBRO DE 1944-24 DE FEVEREIRO DE 1945

No início de dezembro de 1944, George Stout recebeu a notícia de que vários novos homens seriam designados para o MFAA do 12º Grupo de Exércitos. Eram todos recrutas com a intenção de serem assistentes de oficiais do Monuments em campo, mas eram todos profissionais competentes na área da cultura. Como de hábito, levaria semanas para se conseguir atribuições oficiais para eles, mas pelo menos ele sabia que estava chegando mais gente para ajudar.

Sheldon Keck, designado por Stout para dar assistência ao mais recente oficial Monuments do IX Exército dos Estados Unidos, Walter “Hutch” Huchthausen, era um estimado conservador de arte. Ele servia como soldado no Exército desde 1943, mas só recentemente fora designado para monumentos. Casado e com um filho – “Keckie” tinha apenas três semanas de vida quando o pai foi convocado –, “Hutch” era exatamente o tipo de profissional que Stout tinha imaginado para o esforço de conservação.

Lamont Moore, um curador da National Gallery que tinha ajudado na evacuação de suas obras valiosas para o Biltmore Estate em 1941, ficou para ajudar George Stout a dirigir o escritório do MFAA do 12º Grupo de Exércitos, uma responsabilidade essencial visto que ele se afastava com frequência em viagens ao front.

Walker Hancock devia receber um ajudante com patente, o cabo Lehman, mas sua transferência estava amarrada na burocracia do Exército. Por enquanto, Hancock estava sozinho – mas com os frequentes conselhos e assistência de George Stout.

O último homem novo era, sem dúvida, o mais impressionante. Soldado de primeira classe, Lincoln Kirstein, 37 anos de idade, era um conhecido e bem-relacionado provocador intelectual e empresário cultural. Filho de um homem de

negócios que prosperou por méritos próprios e que saíra da obscuridade para se tornar um associado do presidente Roosevelt, Kirstein havia demonstrado ser uma promessa extraordinária desde cedo. Quando estudante em Harvard, na década de 1920, ele fundou a Harvard Society for Contemporary Art, antecessora direta do Museu de Arte Moderna, na cidade Nova York. Foi também cofundador da revista literária, *Hound and Horn*, tão respeitada que publicava textos originais de escritores de fama mundial, como o romancista Alan Tate e o poeta e.e.cummings. *Hound and Horn* também publicou o primeiro alerta (escrito sob um suposto nome por Alfred Barr, o primeiro diretor do novo Museu de Arte Moderna) sobre a atitude de Hitler em relação à arte.

Depois de formado, Kirstein se tornou romancista e artista. Mas foi como um patrono das artes, não um seu criador, que ele ficou famoso. Um crítico altamente respeitado, com trinta e poucos anos era uma das principais figuras no cenário cultural da cidade de Nova York, contando entre seus amigos íntimos com Archibald MacLeish, laureado poeta dos Estados Unidos, e o escritor Christopher Isherwood, cuja crônica da Berlim nazista, *I Am a Camera* (Eu sou uma câmera), o catapultaria para a fama internacional (e acabaria se tornando a base para o musical e filme *Cabaret*).

A principal contribuição de Kirstein ao mundo das artes, entretanto, ocorreu sem grandes alardes e estava tendo, desde o início da guerra, um sucesso apenas razoável. Em 1934, ele tinha convencido o grande coreógrafo do balé russo, George Balanchine, a emigrar para os Estados Unidos. Os dois fundaram a *School of American Ballet*, assim como várias “caravanas” de balé itinerantes, e a *American Ballet Company*, na cidade de Nova York.

Mas, como todo mundo, Kirstein colocara seus planos em suspenso em 1942. Cronicamente sem dinheiro para sustentar seus vários projetos, inseguro quanto a seu futuro e determinado a não ser um simples soldado raso, ele havia se inscrito para as Reservas Navais. Foi recusado porque, como a maioria dos judeus – assim como negros, asiáticos e europeus do sul –, ele não satisfazia a exigência racialmente suspeita de ser um cidadão americano pelo menos de terceira geração.^[1] Ele foi rejeitado pela Guarda Costeira por má visão. Então ele ingressou no Exército como soldado em fevereiro de 1943. “Aos 36, eu fiz com dificuldade o que teria sido não tão difícil aos 26, e divertido aos 16”, ele

escreveu a seu bom amigo Archibald MacLeish, depois bibliotecário do Congresso, sobre suas experiências no campo de treinamento.^[2] Para outro amigo ele confessou, “Sou um homem velho e acho os procedimentos muito difíceis... Estou tão cansado que não consigo dormir, mas acredito que para eles só é importante que você durma quatro horas e meia... Aprendi (quase) a atirar e desmontar um rifle, rolar para escapar de um tanque não muito grande, fazer bem devagar uma terrível corrida de obstáculos e cair em todos os tipos de obstáculos na água. Não acho divertido – embora a maioria ache”.^[3] Pelo menos, ele brincou, conseguiu perder vinte quilos.

Depois de completar o treinamento básico, Kirstein foi rejeitado pela terceira, quarta e quinta vezes: pela divisão de contraespionagem do Departamento de Guerra, pelo serviço de Inteligência do Exército e finalmente pelo Signal Corps. Acabou treinando para ser um engenheiro de combate em Fort Belvoir, Virgínia, onde redigia manuais de instrução. Entediado com o lento ritmo do Exército, Kirstein começou a documentar obras de arte criadas por soldados, primeiro entre seus companheiros engenheiros de combate em Fort Belvoir, depois em todos os setores das Forças Armadas. Com ajuda de seus muitos amigos e correspondentes, o incansável Kirstein montou o War Art Project, em uma operação madura, apoiada pelo Exército. No outono de 1943, nove quadros e esculturas de soldados, selecionadas por Lincoln Kirstein, foram matéria na revista Life. Em seguida ele organizou essas obras e outras nas exposições American Battle Art para serem apresentadas na National Gallery of Art e na Biblioteca do Congresso, em Washington.

A essa altura, a Comissão Roberts tinha oferecido a Kirstein um posto na MFAA. Ele não era um oficial, mas a comissão tinha solicitado urgência para seu caso devido a suas evidentes qualificações. Kirstein estava dividido entre seu amor pelo War Art Project e o respeito que sentia pela importância da missão da MFAA, mas no final ele escolheu a conservação e preservação. Ele chegou à Inglaterra em junho de 1944, junto com três outros Monuments Men oficiais não comissionados, ansioso para ingressar em uma operação militar eficiente, bem definida.

Ele não encontrou nada disso. Os 15 Monuments Men originais estavam ou na Normandia ou aguardando passagem para cruzar o canal. A base em

Shrivenham estava cheia de especialistas civis e oficiais do Civil Affairs, mas não havia estrutura militar apropriada para a MFAA. Na verdade, com os oficiais treinados no serviço ativo, não havia nenhuma organização MFAA real. Ao chegar em Londres, Kirstein e seus companheiros descobriram que ninguém fora informado de que eles estavam vindo, e ninguém com quem eles falaram jamais tinha ouvido falar de Monuments, Fine Arts, and Archives. Disseram-lhes para esperar enquanto a documentação era acertada. Preocupados com a batalha pela Normandia, os militares logo esqueceram deles.

Kirstein conseguiu entrar em contato com o Monuments Man James Rorimer, que sendo um curador do Metropolitan Museum participava como ele da mesma arena social de Nova York. Rorimer escreveu para sua mulher:^[4]

É estranho pensar em homens como Lincoln, autor de seis livros e inúmeros artigos, seis anos em Harvard, responsável pelo original “Hound and Horn”, diretor da Amer. Ballet School etc. ainda fazendo faxina como soldado raso. “Maluco”, nós chamamos. Mas então Saroyan é um soldado raso. Ele fará peças sobre a guerra, entretanto. Não é de se esperar que 10 milhões ou mais de homens sejam adequadamente usados até o último deles. Não sei o que é mais importante – sorte, direção, amigos, pistolão. Certamente a competência por si só não tende a ser muito incentivada.

Infelizmente para Kirstein, Rorimer estava chegando ao fim de sua batalha pessoal de dois meses para conseguir uma missão com a MFAA e não podia fazer nada pelo brilhante, mas ignorado, soldado. O incansável, bem-relacionado Kirstein conseguiu ser transferido para a França, e no final para Paris, mas mesmo ali ele não tinha atribuição alguma. Sem ter outra coisa para fazer, montou um escritório sobre caixotes de embalagem e acordava cedo todas as manhãs para escrever cartas, poesia e artigos para revistas.

Ele estava inquieto e cada vez mais deprimido pela inutilidade de suas tarefas. Esta era uma recorrência comum em sua vida: atividade maníaca seguida por uma sensação opressiva de desespero. Seus períodos maníacos tinham resultado em surpreendentes sucessos culturais, mas em geral terminavam em uma melancolia crescente e sensação de oportunidades perdidas. Esses estados

depressivos resultavam em persistente divagação, uma aparente incapacidade de se concentrar nas coisas. Ele era um homem grande, corpulento, com olhos profundos e penetrantes e um nariz aquilino, o tipo capaz de intimidar uma pintura na parede só com o olhar, mas que também podia ser um encantador convidado para jantar ou amigo sem igual. Sob seu exterior intimidante, Lincoln Kirstein era um talento inseguro, às vezes provocador, constantemente à caça de uma válvula de escape criativa.

Preso na burocracia militar, o humor de Kirstein ficou mais sombrio durante todo o início do outono de 1944, mesmo quando os exércitos aliados avançavam pela Europa. Em outubro, no auge da depressão, ele iniciou uma correspondência cáustica com a Comissão Roberts. Explicando que havia recusado um posto de suboficial na força aérea para trabalhar na MFAA, ele lamentava a inutilidade de ser um soldado de 36 anos de idade e que “Skilton, Moore, Keck e eu estávamos simplesmente dando muito trabalho para a Comissão, ou então tinham se esquecido de nós... Eu, por mim, penso que o comportamento da Comissão tem sido, para não dizer coisa pior, insensível e ofensivo”.^[5] A não ser que uma missão estivesse prestes a chegar, escreveu, ele “não tinha nenhum desejo de permanecer nas listas (de pessoal)”.

As cartas tiveram apenas um moderado sucesso. A Comissão Roberts queria Lincoln Kirstein no front, mas ficou chocada ao descobrir que as normas militares não permitiam que soldados rasos servissem na MFAA. Foram necessários novos procedimentos subindo e descendo na cadeia de comando, enquanto os oficiais no front estavam exaustos e seus assistentes apodreciam sem nada para fazer. As ordens de Kirstein finalmente chegaram em dezembro de 1944, mais de seis meses depois de sua chegada na Inglaterra, e ele se apresentou ao III Exército dos Estados Unidos em serviço provisório no dia 5 de dezembro. A longa demora pareceu ainda mais frustrante quando ele descobriu o quanto os Monuments Men do 12º Grupo de Exércitos precisavam de ajuda.

George Stout, que tinha ensinado Kirstein em Harvard durante seus anos de pós-graduação, tinha consciência do brilhantismo do novo soldado. Ele estava também, provavelmente, consciente de suas deficiências: sua fácil frustração, suas mudanças de humor e sua repugnância pela vida militar. Seja por acaso ou intenção – e, conhecendo Stout, quase certamente por intenção –, Kirstein

recebeu o parceiro perfeito: o Monuments Man Robert Posey do III Exército do general Patton.

Se já houve uma dupla estranha, era Posey e Kirstein: um arquiteto tranquilo, da classe operária do Alabama, e um bon vivant maníaco-depressivo, casado mas homossexual, judeu de Nova York. Posey era constante, enquanto Kirstein era emocional. Posey era um planejador; Kirstein, impulsivo. Posey era disciplinado; seu parceiro, um sujeito sem papas na língua. Posey era ponderado; mas Kirstein era perspicaz, com frequência brilhantemente. Enquanto Posey só pedia que lhe mandassem de casa barras de chocolate Hershey, nos pacotes de Kirstein vinham queijos defumados, alcachofras, salmão e exemplares do New Yorker. Mas talvez o mais importante, Posey era um soldado. Kirstein irritava-se com a rigidez e a burocracia do Exército e achava a maioria dos oficiais uma frustrante chatice. Posey compreendia e respeitava os militares e suas regras. Ele os amava, de fato. Tinha sido ferido na Batalha do Bulge e voltara imediatamente ao serviço por lealdade não só à missão, mas a seus companheiros soldados do III Exército. Juntos, os dois homens podiam ir muito mais longe no Exército do que qualquer um dos dois seria capaz sozinho.

Havia também outras razões práticas para colocá-los juntos. Posey era um dos oficiais mais experientes da MFAA. Ele compreendia como o trabalho precisava ser feito e era também um especialista em construções e materiais de construção. Mas não era muito instruído nem lera muitos livros e não falava nenhuma língua estrangeira. A familiaridade de Kirstein com as culturas da França e da Alemanha e seu amplo conhecimento das belas-artes eram uma recomendação perfeita, e sua fluência em francês era inestimável. Infelizmente, havia um buraco na armadura dos dois: nenhum deles era fluente em alemão, embora Kirstein soubesse o suficiente para se virar.

Mesmo não havendo dúvidas de que Kirstein estava altamente qualificado para o trabalho no Monuments, inegavelmente mais do que seu oficial superior capitão Posey, ele ainda era um soldado e suas tarefas incluíam aquelas típicas de um recém-chegado soldado raso: bombear água de um porão inundado; encontrar uma focinheira para o cachorro de um coronel; acompanhar e entregar uma carga de madeira compensada; servir refeições; cavar latrinas e, é claro, escrever relatórios e arquivar documentos. A papelada era o pior. Cada folha

tinha de ser datilografada em oito cópias, e se alguém no processo descobrisse um erro de digitação, ele tinha de começar tudo de novo. Mas até isso não deprimiu Lincoln Kirstein. Depois de sete meses no limbo, ele estava interessado, ativo e feliz de estar perto do front.

Kirstein recebeu sua educação no ofício dos Monuments em Metz, na França. Posey e Kirstein passaram as últimas semanas de janeiro viajando pela estrada congelada entre o quartel-general do III Exército em Nancy e a cidade-fortaleza de Metz, que tinha sido capturada pelo III Exército no outono depois de uma luta feroz. Durante a Batalha do Bulge, Posey lhe dissera, os alemães tinham lançado soldados de paraquedas por trás das linhas aliadas vestidos com uniformes americanos. A única maneira de descobri-los era fazendo perguntas sobre assuntos tipicamente americanos, como beisebol. Os alemães nunca entendiam nada.

Não muito depois, em uma excursão por uma estrada secundária para algum vilarejo ou cidade afastada, Kirstein ouviu disparos vindo das árvores. Como ainda não tinham chegado às linhas de frente, ele pensou que fosse um exercício de tiro ao alvo dos Aliados. Só no dia seguinte ele descobriu que os alemães estavam atirando neles. Posey parecia não se preocupar: ossos do ofício. Kirstein não tinha tanta certeza disso. Seu único conforto era ter percebido que o velho adágio devia ser verdade: os “Jerries”, a gíria militar que significava “alemães”, eram ruins de mira. Mesmo assim, depois disso ele nunca se interessava muito por estradas secundárias.

Durante uma boa parte de janeiro, pelo menos, eles não se desviaram da estrada principal. Desde o final do Bulge, Robert Posey vinha tentando imaginar para onde teriam sido levados os tesouros de Metz. Isto implicava basicamente entrevistar funcionários e oficiais da arte menores na cidade e no superpovoado campo de prisioneiros aliado vizinho, os verdadeiros gângsteres nazistas tendo fugido para o leste, para sua Pátria amada. Era um exercício cansativo devido ao pouco que esses funcionários menores sabiam realmente. Quando pressionados, em geral, eles podiam dar apenas mais um nome, mais um endereço de alguém que poderia, apenas possivelmente, saber alguma coisa.

Esta, Lincoln Kirstein aprendeu, era a rotina da MFAA: descobrir e entrevistar oficiais relutantes até encontrar a pessoa certa. Era como um jogo

de pingue-pongue: Posey conseguia um nome, encontrava essa pessoa, obtinha poucas informações e mais alguns nomes, encontrava novas pessoas e fazia mais perguntas até que, com muito esforço e repetições, ele começava a decifrar a situação. Raramente a resposta vinha de uma só fonte. Com mais frequência, a partir de uma série de entrevistas na maior parte inúteis, um quadro completo emergia lento, sempre muito lentamente.

Para as fontes mais importantes, como o Dr. Edward Ewing, um arquivista cujo nome aparecia repetidas vezes nas entrevistas, Posey chamava o Monuments Man do 12º Grupo de Exércitos, George Stout. Kirstein logo percebera que Stout, um incentivador do esforço de conservação desde a reunião no Met, em 1941, era o especialista residente em quem todos os outros Monuments Men confiavam. Se alguma coisa precisava ser feita, Stout saberia como.

Stout foi chamado no dia 15 de janeiro. Dois dias depois interrogou o Dr. Ewing, enquanto Kirsten tomava nota. No início não houve muito o que registrar. Dr. Ewing sentou-se tranquilamente e respondeu com presteza. A propaganda alemã havia afirmado muito que os Aliados – e especificamente os americanos – planejavam confiscar obras de arte europeias e, sendo muito mal-educados para apreciá-las eles mesmos, vendiam a quem pagasse melhor. Uma das primeiras decisões mais perspicazes da MFAA tinha sido a de excluir comerciantes de arte do trabalho dos Monuments, focalizando, em vez disso, oficiais culturais nas esferas públicas e acadêmicas. Era a confiança de seus companheiros funcionários públicos que em geral conquistava os oficiais das artes europeus, mesmo aqueles que eram nazistas. E ninguém era mais confiável do que George Stout. Ele transpirava conhecimento, profissionalismo e o autêntico amor e respeito por objetos culturais.

Finalmente, Ewing começou a falar. Aos olhos dos nazistas, ele lhes disse, Metz era uma cidade alemã. A Alemanha a havia perdido para os franceses no final da Primeira Guerra Mundial, portanto essa deve ser sua verdadeira linhagem, não? Sua história era muito mais complicada do que isso, claro, mas os nazistas gostavam de simplificar as coisas. Ele citou Hitler: “A multidão irá lembrar apenas dos conceitos mais simples repetidos mil vezes.”^[6]

Em vinte minutos, Ewing abriu os olhos de Kirstein para os desafios que viriam. Sugerir que os Aliados pudessem quebrar na Alemanha era punível com a

morte, ou pelo menos com o envio para o front oriental, o que era muito pior. Até se preparar para uma tal possibilidade era traição. Por isso os especialistas em arte em Metz catalogavam os tesouros, mas não tomavam providências para transferi-los. Só quando o perigo do avanço dos Aliados se tornou inegável, eles iniciaram a evacuação. Ewing não chamava de evacuação, é claro. Ele dizia que era uma custódia temporária pela segurança dos objetos, que seriam todos devolvidos quando a Alemanha ganhasse a guerra.

– A negação é a norma – Stout contou a Kirstein depois disso. – O uso da palavra “eles”, não “nós”. A insistência de que outra pessoa cometeu os crimes. Isso não importa. Nossa função não é julgar; nossa função é salvar a arte.

Os tesouros de Metz foram acabar em vários lugares: em um hotel, na cripta de uma catedral, em uma mina. Ewing apontou para as cidades no mapa que Stout lhe deu. Kirstein viu Stout se reter de interesse apenas por um lugar: Siegen.

E o Retábulo de Gand?

Ewing sabia de sua apropriação e tinha certeza de que o retábulo ainda estava na Alemanha, possivelmente em um bunker subterrâneo perto de Koblenz. Ou na residência de Göring, Carinhall. Ou no Berghof de Hitler, em Berchtesgaden.

– Ou, quem sabe – ele disse –, a Adoração do cordeiro místico tenha sido levada para a Suíça, Suécia ou Espanha. Honestamente, não sei dizer.

Kirstein se deu conta algum tempo depois, embora não pudesse dizer exatamente onde ou quando. Não existe um tipo só de alemão, foi o que ele pensou. Existem muitos que nunca foram nazistas, mas ficaram calados por medo. Nem existe só um tipo de nazista. Existem aqueles que concordaram para sobreviver, ou para progredirem na carreira, ou por uma tímida devoção ao status quo. E tem os incorrigíveis, os verdadeiros crentes. É possível que encontremos o que estamos procurando só quando o último verdadeiro crente estiver morto.

George Stout e seus mapas

VERDUN, FRANÇA

6 DE MARÇO DE 1945

O Monuments Man George Stout olhou para os pacotes amassados, um deles estampado com “Recebido em más condições” pelo agente do correio militar. Ele pegou o primeiro e o virou. Ouviu-se um chacoalhar sinistro, como se algo tivesse quebrado no transporte. A letra na etiqueta de expedição era sem dúvida a de sua mulher Margie, mas, a não ser isso, o pacote não tinha qualquer indício de casa.^[1] O carimbo do correio dizia início de dezembro de 1944; agora era 6 de março de 1945. George Stout tinha certeza de que havia finalmente recebido seus presentes de Natal. Eles o fizeram pensar de novo no quanto as coisas haviam mudado em três meses.

As Ardenas, em primeiro lugar. E o avanço dos Aliados ocidentais. E o inverno desagradavelmente frio. E, é claro, sua transferência para o 12º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos, o grupo de comando para o grosso do Exército americano. A transferência o obrigara a trocar a zona de combate pela França, mas pelo menos isso lhe deu uma cama quente. Não tão quente, na realidade – ele amaldiçoou sua “rígida consciência” durante todo o inverno porque havia hesitado em pegar uma manta acolchoada abandonada pelos alemães no outono anterior –, mas era muito melhor do que a procissão de trincheiras e trincheiras individuais que o Exército tinha usado para pular de um ponto a outro em seu caminho até a Alemanha. De novo na França, ele estava até conseguindo ovos de verdade no café da manhã e um pouco de vinho capturado no jantar. A designação para o 12º Grupo de Exércitos também oferecia uma mesa, um pequeno escritório e autoridade sobre quatro Exércitos, somando 1,3 milhão de homens – dos quais exatamente nove eram pessoal da linha de frente da MFAA.

Talvez fosse uma promoção, mas para George Stout o posto era seu pior pesadelo: gerência média. A França tinha sido só papelada, reuniões, transmitir

mensagens de lá para cá, da SHAEF para os homens na frente. “Postos administrativos da MFAA”, dizia uma anotação típica na agenda, “vetos, seleção, qualificações, pagamentos, posse, prestação de contas com as autoridades; problema de centralização da administração do museu; procedimento na microfilmagem de qualquer documento MFA&A em campo; informações exigidas sobre MFA&A e outro pessoal civil; informações sobre depósitos na Alemanha.”[2]

Ele se sentia muito melhor desde que voltara para o quartel-general avançado em Verdun, na França, próximo da fronteira alemã e na zona de combate. Com sua mudança para o leste, as vantagens de sua posição tinham se tornado claras para ele, e estava se sentindo cada vez mais confortável em seu novo papel. Como principal oficial da MFAA, ele não estava mais limitado à área diante dele. Podia viajar para qualquer lugar no território do 12º Grupo de Exércitos – com o devido passe, que poderia levar dias para receber – e, como consequência, seus oficiais tinham começado a chamá-lo para descobertas importantes. Ele tinha estado recentemente no Vale Amblève, na Bélgica, com Walker Hancock, avaliando os danos causados a pequenos vilarejos ali durante a Batalha do Bulge. Em Metz, com o III Exército dos EUA para interrogar prisioneiros. Em Aachen, na Alemanha, para examinar o estado dos danos causados pelo ataque do I Exército dos Estados Unidos à cidade em outubro de 1944. Ele estava unindo os esforços, solidificando-os. Pela primeira vez, os homens no campo podiam entender que, pelos menos por intermédio de um oficial, eles faziam parte de uma organização maior, e que não estavam lutando pela herança cultural da Europa sozinhos. Com sua indesejada promoção para o 12º Grupo de Exércitos, George Stout havia se tornado quase por acaso o homem indispensável, a rocha sobre a qual estava construído o esforço de conservação de monumentos no norte da Europa.

Ou talvez não fosse por acaso. Talvez fosse inevitável. Desde o primeiro encontro na cidade de Nova York, em dezembro de 1941, passando por Shrivenham, na Inglaterra, as sebes da Normandia e a corrida até a fronteira alemã, George Stout tinha sido sempre o homem indispensável. A única diferença agora era que ele tinha um posto oficial.

E já era tempo, porque no dia 6 de março de 1945 o trabalho mais difícil ia

começar. Stout colocou de lado os pacotes que recebera de casa – ele os abriria mais tarde, quando pudesse realmente saboreá-los – e desenrolou seu mapa.

O II Exército britânico estava na extremidade norte do avanço nos Países Baixos. Seu antigo colega de quarto, o estudioso britânico Ronald Balfour, sem dúvida estava no controle da situação, mesmo que ainda não tivesse localizado seu principal objetivo: a Madona de Bruges, de Michelangelo.

Na margem sul do avanço, o VII Exército dos Estados Unidos ainda não havia designado um Monuments Man. O único consolo que Stout podia ter com isso era que o VII estava se dirigindo para a pesada região industrial do sudoeste da Alemanha, uma área com relativamente poucos monumentos. Mas eles necessitariam em breve de um Monuments Man e Stout esperava com todo fervor que os oficiais na SHAEF tivessem alguém excepcional em mente.

Entre esses dois exércitos ficava o comando de Stout: I, III, IX e XV Exércitos.

O esforço de conservação no XV estava sendo dirigido pelo Monuments Man Everett “Bill” Lesley, que fora transferido do I Exército.

Ao sul, no vale do Rio Mosela, estava o III Exército do general Patton. No dia 9 de janeiro de 1945, o III Exército tinha finalmente invadido a Linha Siegfried nos arredores de Metz e avançava para o coração da Alemanha. Pelo que tinha visto nas últimas semanas, Stout estava confiante de que Posey e Kirstein eram a dupla certa para o trabalho.

O IX Exército, enquanto isso, era agora responsável, entre outras coisas, pelo controle da importante cidade alemã de Aachen. Seu Monuments Man era o capitão Walter Huchthausen, um professor de arquitetura da University of Minnesota. Stout não conhecia “Hutch” antes de sua chegada ao front, e não tinha certeza de como ou quando o rapaz tinha ingressado na MFAA. Só sabia que Hutch fora ferido em um bombardeio da Luftwaffe, em Londres, em 1944, o que talvez explicasse por que ele não estivera em Shrivenham antes do Dia D. Pelo que Stout sabia, Hutch era para ter estado na primeira leva de Monuments Men.

Ele certamente tinha as credenciais: culto, conhecedor do mundo, profissional, motivado. Tinha estudado arquitetura, assim como desenho, e estava familiarizado com a cultura europeia. Completara recentemente quarenta

anos, uma idade típica para um oficial do Monuments, mas Stout não podia deixar de pensar nele como um rapaz. E não eram apenas sentimentos paternais de um oficial superior. Hutch tinha a aparência loura e jovial de um garoto tipicamente americano, adquirida sem dúvida durante sua criação na pequena cidade de Perry, Oklahoma.

Ainda mais do que seus modos suaves e o charme de garoto, entretanto, o que chamou a atenção de Stout no novo Monuments Man foi sua dedicação. Ele já havia organizado os cidadãos de Aachen em um Bauamt (autoridade de construção) para supervisionar reparos de emergência, e transformado o Suermondt Museum – onde no outono de 1944 Walker Hancock tinha descoberto o catálogo de depósitos alemães – em um ponto de coleta para obras de arte encontradas no território do IX Exército. Agora objetos culturais estavam jorrando não só do campo, mas de esconderijos que alemães comuns tinham usado para protegê-los de seu próprio governo nazista. Em uma visita recente, Stout tinha visto mais retábulos no Suermondt Museum do que imaginara que pudessem existir em toda Renânia. E se os Monuments Men tinham alguma coisa a ver com isso, todos seriam inspecionados, reparados e devolvidos a seus donos por direito.

A maior preocupação de Stout no momento, entretanto, era o I Exército, onde fora substituído como principal Monuments Man em dezembro por seu colega Hancock. O I Exército estava finalmente lutando para abrir caminho pelas florestas da Alemanha ocidental e entrar na Renânia, a área bastante povoada ao longo do Reno que compreendia uma importante região cultural alemã. Stout enrolou seu grande mapa de campanha e desenrolou o da Renânia. A cada dois ou três dias ele atualizava a transparência, portanto seu mapa estava cheio de círculos e triângulos, cada um deles marcando onde se dizia haver um oficial de arte alemão ou depósito de arte. Todos estavam no lado alemão da linha de frente, porém muitos estavam só do outro lado do rio, torturantemente próximos. Ele sabia que havia uma chance de que os alemães tentassem transferir as obras de arte mais para o leste quando os Aliados se aproximassem, como tinham feito antes da queda de Metz e Aachen. Mas embalar e transportar todo esse material exigia caminhões, gasolina e homens, tudo coisas que os alemães não podiam se dar o luxo de dispensar. Ele acreditava, ou esperava, que os

objetos ainda estivessem ali, bastando atravessar o Reno.

Ele correu o dedo, desde o sul da principal cidade de Colônia (o próximo objetivo do I Exército) ao longo do Reno até o grande triângulo em Bonn – que representava a última localização conhecida do conde Franz von Wolff-Metternich, ex-chefe do Kunstschutz em Paris e agora Konservator da Província do Reno. Wolff-Metternich era provavelmente o mais culto dos oficiais das artes fugitivo na Alemanha e, se era possível acreditar nos relatórios de Paris, um dos mais propensos a colaborar com os oficiais aliados.

Mas o dedo de Stout não parou em Bonn, assim como sua mente jamais parava de pensar com antecedência no próximo passo, e no passo seguinte e o outro depois desse. Do outro lado do Reno, a poucos centímetros a leste, estava Siegen.

Ele bateu na palavra duas vezes. Siegen. A cidade surgia e voltava a surgir. Em Aachen, em Metz, de outras fontes nazistas. Stout tinha certeza de que havia um depósito de arte ali, provavelmente grande. Tinha de ser. Em todo o território liberado, desde a costa da Bretanha até a própria Alemanha, havia objetos de arte perdidos. E não só de qualquer arte, mas obras de imortais – Michelangelo, Rafael, Rembrandt, Vermeer. Elas tinham desaparecido, mas tinham de estar em algum lugar.

E tinha as relíquias religiosas, altares, rolos da Torá, sinos de igreja, vitrais, joias, arquivos, tapeçarias, objetos históricos, livros. Até os bondes da cidade de Amsterdam dizia-se terem sido roubados. A variedade de itens roubados era superada apenas pelo volume. Afinal de contas, cinco anos era uma eternidade para se roubar, e havia milhares de pessoas envolvidas nas operações de pilhagem: especialistas em arte, guardas, empacotadores, engenheiros. Milhares de trens, dezenas de milhares de galões de combustível. Poderiam ter levado um milhão de objetos? Parecia impossível, mas Stout estava começando a pensar que os nazistas tinham feito isso. Seu apetite por saques era sem limites, e eles eram, afinal de contas, um modelo de eficiência, economia e brutalidade.

Mas os nazistas, apesar de todo seu entusiasmo artístico, não eram conservadores cuidadosos, pelo menos não pelo que ele tinha visto. Na Europa ocidental, os depósitos do governo eram lugares limpos, bem iluminados, marcados em mapas e preparados com anos, ou mesmo centenas de anos, de

antecedência. Levou um ano inteiro para os britânicos readaptarem seu grande armazém de artes subterrâneo na pedreira de Manod, em Gales. Os oficiais de arte alemães a quem Stout havia interrogado em Metz tinham dito que os alemães só começaram a preparar seus depósitos em 1944. A maioria das obras roubadas já encontradas pelos Aliados tinham sido simplesmente enfurnadas em porões úmidos, onde algumas delas amarelaram e outras ficaram cobertas de mofo. As telas de alguns quadros estavam perfuradas ou rasgadas. Objetos foram encaixotados de forma inadequada ou não foram encaixotados de forma alguma. A urgência parecia sempre ter superado o planejamento.

O que Walker Hancock repetia sempre durante os dias em que passaram na estrada? Os alemães foram maravilhosamente disciplinados e “corretos” enquanto estavam no controle – e ficaram furiosos quando se tornou óbvio que sua visita estava terminando.

E se os alemães danificaram obras de arte só por despeito? Ou destruíram as evidências de seus crimes? E se gangues desgarradas nazistas ou criminosos comuns roubaram peças valiosas? Afinal de contas, obras de arte eram muitas vezes usadas como barganha em troca de uma refeição, de salvo-conduto, ou até de uma vida durante épocas de conflito. Isso foi especialmente verdadeiro durante a ascensão nazista ao poder.

E se os nazistas tivessem mesmo tentado mudá-las de lugar? Quadros podiam ser destruídos por pilotos aliados metralhando uma coluna de caminhões alemães, só para descobrir depois que ali estava uma escultura de Michelangelo, não soldados alemães. E se os caminhões acertassem em minas? Ou ficassem presos em um bombardeio? E uma nova consideração estava começando a surgir: os soviéticos tinham lançado um avanço de 2 milhões de soldados no front oriental. Quem diria que eles não chegariam primeiro nas obras de arte?

Stout pensou em seu velho parceiro, líder do Esquadrão Dixon-Spain, que se afastara do contingente MFAA, mas lhe deixara uma pérola de sabedoria: “Na guerra, nunca há motivo para pressa.”^[3] Depois de Colônia, os Monuments Men podiam muito bem estar em uma competição: contra Hitler, contra elementos desgarrados do Partido Nazista, contra o Exército Vermelho. Eles se sentiriam tentados a correr, mas precisavam estar preparados. Fazer uma coisa uma vez só, e fazer certo, era melhor do que fazer às pressas e ter de repetir. Era

uma lição que Stout tinha aprendido muito bem ao longo dos anos.

Ele guardou os mapas e voltou para sua papelada. Os relatórios mensais tinham sido despachados para o Exército dois dias antes. O relatório mensal para a Marinha saiu logo depois. Aquele sobre sua recente viagem de inspeção, completado poucos dias atrás, foi assinado e arquivado. Ele tinha revisto os relatórios de campo do mês de fevereiro enviados por Lesley, Posey, Hancock e Hutch, então comparando os números. Havia 366 monumentos protegidos pela MFAA atualmente na zona ocupada, mas somente 253 tinham sido inspecionados.

Quase quatrocentos locais, e isso a oeste do Reno. Quando o 12º Grupo de Exércitos saltasse o Reno, poderia haver facilmente 160 quilômetros quadrados de front, e ele continuava com apenas nove oficiais do Monuments para cobri-lo. Pelo menos eles haviam finalmente conseguido quatro homens para a equipe de soldados. Pelo visto, SHAEF concordava com Dixon-Spain. Não havia necessidade de pressa.

Pelo menos ele tinha seu velho e confiável Volkswagen capturado; a maioria dos Monuments Men não possuía veículos próprios. Teriam de se satisfazer por enquanto com as novas câmeras recebidas do SHAEF. Dessa vez tinham até lhes dado filmes. As câmeras eram francesas de segunda mão, mas teriam de servir.

Droga de alemães. Por que continuavam a lutar? A guerra tinha sido decidida quando os Aliados ocidentais atravessaram as Ardenas. Todos sabiam disso. A vitória não era mais se, era quando – e a que custo para soldados, civis, culpados, inocentes, velhos, jovens, sem falar de prédios históricos, monumentos e obras de arte? Vitória no campo de batalha era muito diferente de vitória na preservação de legados culturais da humanidade, e os resultados seriam medidos de uma forma bem diferente também. Às vezes ele sentia que estava combatendo em uma outra guerra, uma guerra dentro de uma guerra, um redemoinho girando para trás em um rio correndo para baixo. E se vencermos a guerra, ele pensou, mas perdermos os últimos quinhentos anos de nossa história cultural enquanto esperamos?

“Você pergunta por que os alemães não desistem de lutar e param a matança”, Stout escreveria para a mulher. “Você sabe que eu nunca coloquei essa nação em um pedestal e minha baixa estima deles cai ainda mais conforme

prossequimos. Eu acho que eles são imaturos, maus e ardilosos no topo, e imaturos e incrivelmente estúpidos na base. Eles não têm nada a ganhar rendendo-se, em sua visão idiota, mas continuando a lutar eles podem manter a ilusão de glória militar.”^[4] E no entanto George Stout faria o possível para proteger a cultura alemã.

Ele consultou o relógio. Passava da hora do jantar, o refeitório estava fechado. De novo. Seu estômago roncava, mas ele sabia que não era de fome, era a gripe de que estava sofrendo nos últimos dias. Com todo o cuidado, ele enrolou seu mapa da Alemanha, escorregou-o para dentro do tubo e o recolocou na estante. Em seguida moveu a caixa marrom para o centro da mesa. Era um artefato do outro mundo, uma conexão com sua antiga vida, e ele o olhou com carinho. Finalmente, retirou a fita adesiva e abriu as abas. Dentro, rodeado por presentes embrulhados, estava um bolo de frutas. Ele pensou na cozinha de sua casa, e sua mulher debruçada sobre a tigela da batedeira, seus filhos – um ainda agarrado nas tiras do avental da mãe, o outro recentemente alistado na Marinha. Ele acreditava no dever e na honra, mas como todos, sentia saudades de casa. Ele queria partir um pedaço do bolo de frutas e enfiá-lo na boca, mas as boas maneiras lhe disseram que uma faca era melhor. Sacou sua adaga e cuidadosamente se serviu de uma fatia. O bolo ainda estava bom, úmido e delicioso. É espantoso como o mundo pode mudar, ele pensou, durante o tempo de vida de um bolo de frutas.

Naquela noite, como fazia com frequência no final de um longo dia, ele pegou sua caneta.^[5]

Cara Margie:

São 20:30 e interrompi o trabalho por hoje exceto um telefonema que estou esperando. E enquanto aguardo, sinto o grande prazer de lhe relatar que seus dois pacotes de Natal me encontraram esta tarde. Chegaram um tanto amassados... Mas me deixaram muito feliz. O bolo de frutas estava perfeito e agora em grande parte consumido. Eram coisas muito bonitas. Eu precisava das meias e apreciei tudo mais. O lenço de Bertha quase me fez gritar; e todas as fitas bonitas e os papéis de embrulho. A vela de Natal não é um enfeite

supérfluo. São coisas valiosas e difíceis de conseguir...

Tem muita coisa para se fazer. No momento estamos um tanto pressionados, mas se resolve. Com método essas coisas se acertam. E tem sempre o conforto de saber que você está lidando com as necessidades de uma situação e não com as excentricidades dos caprichos de um tolo. Foram essas últimas que sempre me deprimiram no Fogg. Fico imaginando como será em seguida.

Obrigado, querida.

Amor,

George

Arte em mudança

PROPRIEDADE DE GÖRING EM CARINHALL

13 DE MARÇO DE 1945

O Exército Vermelho soviético, tendo arrancado a Polônia do controle nazista, atravessou o Rio Oder entrando na Alemanha no dia 8 de fevereiro de 1945. Dias antes, uma fila de ônibus e caminhões tinha iniciado uma evacuação de Carinhall – o palácio imperial/pavilhão de caça/galeria de arte de Hermann Göring localizado na Floresta Schorfheide a nordeste de Berlim. Em uma estação de trem próxima, os itens evacuados eram carregados para transporte pelo sistema ferroviário, enchendo os dois trens particulares de Göring, mais 11 vagões de carga fechados. O carregamento era predominantemente de objetos de arte.

Um mês depois, em 13 de maio de 1945, Walter Andreas Hofer, o homem responsável pela coleção de arte de Göring, encheu um segundo trem com mais objetos da preciosa coleção de arte do Reichsmarschall. Göring, mais preocupado com o destino de seus bens pessoais do que com a perda da Alemanha oriental, tinha estado pessoalmente em Carinhall e escolhido as peças a serem enviadas em cada carregamento. Sua inclinação fora a de deixar para trás os objetos de arte que havia adquirido por intermédio de sua operação ERR, em Paris. Göring se orgulhava de sua honestidade, e essas peças – vistas por uma certa perspectiva – poderiam parecer menos do que legitimamente adquiridas. Hofer tinha argumentado veementemente com o Reichsmarschall e no final perdera. A maior parte das obras que tinham saído do Jeu de Paume para Carinhall estavam indo, junto com centenas de outras, para as residências de Göring mais ao sul, longe do Exército Vermelho.

Vários quadros surpreendentemente pequenos – entre eles seis de Hans Memling e um de Rogier van der Weyden – seguiram com ele e sua mulher. Eram sua rede de segurança financeira. Göring lhe dissera, em caso de desastre.

Ela também carregava consigo a peça mais valiosa do Reichsmarschall, o Cristo com a mulher surpreendida em adultério, de Jan Vermeer. Tendo perdido para Hitler dois Vermeers previamente disponíveis (dos 38 apenas que se acreditava na época terem sido pintados pelo mestre), Göring não deixaria este escapar de suas mãos. Havia trocado por ele um número surpreendente de quadros valiosos: 150.

Outras peças ficaram para trás. Depois de anos de “aquisições” – Hofer não podia nem pensar na palavra “pilhagem” –, o Reichsmarschall havia acumulado milhares de objetos de arte valiosos. As paredes de suas galerias e áreas residenciais em Carinhall tinham sido revestidas de quadros, às vezes com dois ou três pendurados logo acima uns dos outros por uma falta de espaço crônica. Os quadros estavam aglomerados sobre as portas e ao redor de móveis, com pouca atenção ao período ou estilo. Era uma exibição francamente ostensiva de abundância em detrimento da qualidade, pois o Reichsmarschall não tinha olho para o verdadeiro gênio. A maioria dos comerciantes de arte da Europa sabiam que ele não resistia a um nome famoso e penhorava obras nazistas inferiores e desconhecidas por artistas famosos. Ele tinha trinta quadros do mestre holandês Jacob van Ruisdael, quase o mesmo número de obras do francês François Boucher, e mais de quarenta quadros do artista holandês Jan van Goyen. Ele possuía uma quantidade chocante de sessenta quadros de seu artista favorito, o grande mestre alemão Lucas Cranach, o Velho.^[1] Hofer o havia ajudado a aprofundar e aumentar a coleção, transferindo obras de menor qualidade para as residências secundárias de Göring em Veldenstein e Mauterndorf, e guardando o que havia de melhor em sua coleção no bunker antiaéreo em Kurfürst, mas ainda não havia chances de que dois trens, mesmo extralongos, pudessem esvaziar o volume de tesouros de arte de Carinhall. Com o Exército Vermelho a menos de 80 quilômetros de distância, Hofer sabia que o segundo carregamento poderia muito bem ser o último trem a sair, e a ideia de largar para trás toda aquela arte o deixava mal.

Um último carregamento acabaria tomando forma no início de abril, mas mesmo depois de estes vagões estarem lotados, Carinhall não esvaziara. Grande parte da estatuária mais pesada e obras decorativas tinha sido enterrada nos terrenos adjacentes. Uns poucos quadros excepcionalmente grandes e numerosos

móveis saqueados pelo ERR ainda estavam nos quartos imensos. O corpo da primeira mulher de Göring – Carin, que deu nome à propriedade – foi deixado enterrado na floresta próxima.^[2] Os objetos de arte ficaram na companhia de várias centenas de quilos de explosivos. Sob as ordens de Göring, peritos da Luftwaffe haviam equipado a propriedade para ser destruída. O Reichsmarschall não tinha intenção de deixar seus bens preciosos caírem em mãos soviéticas – mesmo que isso significasse mandar para os ares seu salão imperial e tudo que restara dentro dele.

Dois momentos decisivos

CLEVES, ALEMANHA
10 DE MARÇO DE 1945

*

Paris, França
14 de março de 1945

Em Cleves, Alemanha, Ronald Balfour, o oficial britânico dos Monuments vinculado ao I Exército canadense no flanco norte do avanço aliado ocidental, inspecionou a embalagem e o encaixotamento dos tesouros da Igreja Christ the King, que tinha sido fortemente bombardeada e estava correndo risco de desabar. Os suprimentos eram escassos, como sempre, e o único transporte disponível na cidade era um carrinho de mão de madeira. Agora quatro civis alemães tinham de puxar o carrinho carregado até a estação de trem de Cleves para evacuação temporária.

Isso seria muito mais fácil com um caminhão, Balfour pensou. Mas desde seu acidente de caminhão no final de novembro de 1944 – o que o tirou do serviço ativo por quase dois meses –, as coisas tinham ficado complicadas. Os dois oficiais que ele conheceu no quartel-general do I Exército canadense tinham sido substituídos, e os novos homens sempre tinham uma desculpa. Primeiro disseram que o Exército não tinha veículos sobressalentes. Depois ele soube que não poderia ter um novo caminhão porque havia perdido o antigo. Ele o encontrou no terreno do acampamento, só para ouvir dizer que localizar o caminhão antigo não bastava; ele precisava de um “certificado BLR” – seja lá o que fosse isso! – para requisitar um novo. Os novos oficiais, é claro, recusaram-se a lhe dar o certificado BLR. Ele finalmente recebeu um, mas nunca lhe deram um caminhão, visto que a alocação mais recente de veículos não incluía nenhum para a MFAA.

Enquanto isso, ele não tinha escutado nada a respeito da Madona de Bruges. Não era de se surpreender diante da situação caótica da Bélgica. De algum estranho modo, a ausência de informações só aumentava a intriga desse trabalho em particular. Parecia apropriado, pois a estátua tinha estado muito tempo envolta em mistério. Michelangelo insistira, como um item da venda, que ninguém poderia vê-la sem autorização. Em outras palavras, ela não podia ser exposta simplesmente aos olhos do público. Alguns estudiosos pensavam que era por vergonha da qualidade do produto final, mas existe uma explicação mais provável. A escultura tinha sido prometida ao papa, mas foi vendida em segredo para uma família de comerciantes flamengos, os Mouscron, quando o jovem Michelangelo, com pouco mais de vinte anos, recebeu uma oferta que não pôde recusar.^[1]

Os Mouscron escamotearam a escultura da Itália para sua cidade natal de Bruges, em 1506. No século XV, Bruges tinha sido um centro de comércio e lar dos três artistas mais famosos da Bélgica – os irmãos Van Eyck, criadores do Retábulo de Gand cobiçado por Hitler, e Hans Memling, um dos favoritos de Göring. Mas em 1506, a cidade tinha começado a perder importância rapidamente quando seu porto, vital para o comércio naquela época, foi assoreado e se tornou impraticável para navegação. Enfiada em uma cidade europeia do norte em dificuldades, onde os habitantes nunca tinham escutado falar de um jovem artista chamado Michelangelo, a Madona caiu na obscuridade. O famoso biógrafo do artista, Giorgio Vasari, escrevendo em meados do século XVI, sabia tão pouco sobre a estátua – a única obra do mestre localizada fora da Itália durante sua vida – que pensava que ela era de bronze, não de mármore branco.

E, no entanto, olhar para a Madona – o belo rosto da Virgem, os mantos esculpidos tão remanescentes da Pietá, obra contemporânea de Michelangelo, o Menino Jesus, não aninhado nos braços da mãe, mas de pé dentro das dobras da sua saia, ainda protegido por ela – era saber imediatamente que se estava na presença de algo grandioso. No século XVII, com Michelangelo elevado ao status de sublime, os belgas passaram a considerar a estátua como um tesouro nacional, e um século mais tarde os franceses começaram a cobiçar sua glória. Em 1794, depois de conquistar a Bélgica nas Guerras Napoleônicas, eles

exigiram que a Madona de Bruges fosse embarcada para Paris. Ela foi devolvida só após a derrota de Napoleão, duas décadas mais tarde. A Madona, e o mundo, teriam tanta sorte dessa vez?

A resposta, Ronald Balfour tinha acreditado, estava em Flushing, na Holanda, uma cidade portuária próxima da foz do Reno. Se evacuada por mar – e de que outra forma ela teria sido, com os Aliados bloqueando todas as estradas e linhas férreas e sendo uma peça pesada demais para muitos aeroplanos? – a Madona de Bruges teria de ter viajado através de Flushing. Balfour estivera fazendo indagações ao longo do Reno, com pouco sucesso. Flushing, ele achava, era sua última chance de gerar um forte indício. Mas ele demorou quase até o final de fevereiro para chegar à cidade, e naquela altura a pista tinha esfriado. Os holandeses não sabiam de nada. Todos os oficiais alemães graduados o suficiente para saberem sobre o embarque tinham fugido. A Madona, movendo-se para o leste, tinha lhe escapado pelos dedos novamente.

Mas a decepção que ele sentiu em Flushing foi aliviada, até certo ponto, em Cleves. Ainda fazia frio, mas as neves do início de março tornavam a cidade histórica – o lar da quarta esposa de Henrique VIII, Ana de Cleves – mais bela. Ele tinha o gosto de um estudioso por documentos históricos, e foi uma honra pessoal resgatar os arquivos e tesouros de Cleves. Ele olhou do outro lado da rua para os quatro alemães puxando o carrinho cheio de cálices de ouro, mantos de seda e relíquias de prata. O mundo poderia se maravilhar com tamanha grandeza, mas Balfour a trocava pelo suave calor de um papel velho.

Balfour olhou para cima e notou que a estação de trem estava agora só meio quarteirão adiante.

– Espere – ele gritou para Hachmann, o sacristão da Igreja Christ the King, que estava acompanhando a carga do outro lado da rua. – Já vou para aí. – Por hábito, ele olhara para os dois lados, embora não houvesse trânsito algum na cidade deserta. E então, assim que ele desceu o meio-fio, o mundo explodiu.

Do outro lado da rua, o sacristão cambaleava com o efeito do estouro. Uma nuvem de fumaça o envolveu, e seus ouvidos soavam como alarmes de incêndio. Quando a fumaça clareou, o mundo voltou correndo. Os prédios estavam como sempre estiveram, mas ele estava sozinho na rua. Os quatro alemães tinham corrido para se abrigar. A uns dez metros de distância, o oficial do Monuments

Ronald Balfour estava apoiado em uma balaustrada, coberto de sangue.

No dia 14 de março de 1944, quatro dias depois da explosão em Cleves e no dia seguinte ao da segunda evacuação de Carinhall, o recém-promovido primeiro-tenente James Rorimer dirigiu sua bicicleta até o apartamento de Rose Valland no quinto arrondissement, uma antiga seção de Paris conhecida como o Quarteirão Latino. O bairro tinha sido popular entre os turistas antes da guerra, mas muitos deles, Rorimer suspeitava, jamais estiveram na área residencial de classe média de Valland, um trecho solitário e reservado logo depois do local de um enorme incêndio iniciado com o bombardeio alemão em agosto de 1944. Usando sua lanterna para se orientar no vão da escada às escuras – mesmo sete meses após a libertação ainda não havia eletricidade em certas partes de Paris –, Rorimer se lembrou de como teria sido fácil para os nazistas dar um sumiço em Rose Valland.

Ele estava seguindo para o front. Finalmente. Tinha discutido uma transferência com seus oficiais superiores no dia 28 de dezembro de 1944, logo depois de sua conversa regada a champanhe com Valland. Não se surpreendera ao descobrir que os franceses já haviam procurado os americanos para sugerir essa transferência, principalmente porque lembrava de ter escutado dizer que quando Jaujard reuniu sua equipe no Louvre, no dia 26 de agosto de 1944, e descreveu a primeira vez que Rorimer entrou em Paris, as lágrimas escorriam.^[2] Ele estava certo de que esse evento tão esperado era obra de Jacques Jaujard e Rose Valland nos bastidores. Ela tinha lhe dito que ele era necessário no front, e ele a conhecia muito bem para saber que, de seu jeito discreto, não invasivo, ela estivera advogando sua transferência dentro de sua própria burocracia também. Mas foram necessários mais de dois meses, até 1º de março de 1945, para Rorimer receber a notícia oficial de que em breve se tornaria o oficial do Monuments para o VII Exército dos Estados Unidos.

Valland ligou para ele logo depois e o convidou para ir a seu apartamento. Nos últimos meses, ela vinha lhe passando informações aos bocadinhos. Rorimer queria saber tudo, e Valland sabia disso. Mas, conforme o relacionamento deles

evoluía, ele aceitava o fato de que ela lhe daria as informações que ele queria e precisava, quando fosse necessário, não antes. Quanto mais ele sabia, mais excitado ficava. Ele tinha estado no apartamento de Lohse em Paris com Valland, mas estava ocupado por um coronel francês que não sabia nada do inquilino anterior. Sem se deixar intimidar, ele retornou no dia seguinte e passou uma hora dentro do prédio tentando “consertar” o pneu vazio de sua bicicleta, que ele mesmo esvaziara. Mas isso não era um filme, e ninguém suspeito entrava ou saía do prédio.

Dessa vez, quando ele chegou ao apartamento de Rose Valland, pôde sentir uma mudança em suas atitudes. Ela sabia de sua designação para o VII Exército; estava quase tão excitada quanto ele. Ela estava com todas as informações de que ele precisava.

– Aqui está Rosenberg – ela disse, mostrando-lhe a primeira fotografia de uma grande pilha –, o homem que Hitler escolheu para supervisionar o treinamento espiritual e filosófico dos nazistas. Em outras palavras, o chefe racista.

Ele estava sentado em sua sala de estar, iluminada apenas por uma pequena chama e uma lâmpada fraca. Havia flores em um vaso sobre a mesinha de centro; uma garrafa de conhaque na escrivaninha. Enquanto Valland lhe mostrava cada uma das fotografias – Göring, Lohse, von Behr e os outros personagens-chave nazistas e da ERR –, Rorimer tentava parecer interessado nos bolinhos que ela havia assado para sua visita. Mas a natureza comum da cena não podia diminuir a extraordinária natureza das descobertas.

Ela lhe mostrou mais fotografias de Göring, inspecionando obras de arte com Walter Andreas Hofer, Bruno Lohse e o coronel von Behr a seu lado. Em outra ele estava manuseando uma pequena paisagem, echarpe de seda no pescoço e charuto na mão. Lá estava Lohse entregando um quadro a seu patrão; von Behr de uniforme atrás de sua enorme mesa, seus lacaios nas cadeiras próximas. Em geral, Rorimer os reconhecia antes mesmo que ela lhe dissesse seus nomes. Ele os conhecia, percebeu, porque Valland falara sobre eles com tantos detalhes, muitas vezes antes.

Ela está me preparando, pensou. Ela vem me preparando o tempo todo.^[3]

Ela desapareceu e voltou com mais material. Recibos, cópias de listas de

passageiros de trem, tudo que os Aliados ocidentais precisariam para provar quais itens haviam sido roubados e embarcados para a Alemanha a partir do Jeu de Paume. Ela se levantou e voltou com mais uma pilha: fotografias de algumas das próprias obras, muitas arrancadas de suas molduras para facilitar o transporte e penduradas cuidadosamente nas paredes. Por trás de uma cortina fora de visão, outra fotografia mostrava obras de arte espremidas em cada centímetro de espaço na parede e cavaletes acolchoados.

– O astrônomo, de Vermeer – Valland disse, parando em uma obra particularmente importante. – Roubado pelo ERR direto da parede da sala de estar de Edouard de Rothschild. Göring tinha obsessão por quadros de Vermeer.

Mesmo depois de tudo que ele havia visto, Rorimer estava pasmo. O astrônomo era uma dessas obras raras que havia se tornado uma obra-prima reconhecida.

– Este foi para a coleção particular de Göring?

– Não. Este foi para Hitler. Dizem que ele o cobiçava mais do que qualquer outra obra na França. Portanto, Göring lhe enviou em novembro de 1940, logo depois que resolveu tomar de Rosenberg o controle das operações ERR. Göring queria provar a Hitler que a operação redundaria na glória da Alemanha, e que as melhores obras, aquelas reservadas ao Führer, estavam sendo localizadas e transportadas para casa. Muitas outras, entretanto, foram para a coleção particular de Göring.

– E o resto?

– Eles queimaram algumas delas – ela disse. – No verão de 1943.

Principalmente obras de mestres modernos, consideradas pelos nazistas degeneradas por suas distorções na representação do mundo. Guardaram várias que pensaram que poderiam ser vendidas. As peças “sem valor” foram retalhadas a faca e levadas de caminhão para o Jeu de Paume, em seguida queimadas nos jardins adjacentes. Eu estimaria um caminhão militar cheio, cerca de quinhentas ou seiscentas obras, Klee, Miró, Max Ernst, Picasso. As molduras e tensores estalavam primeiro. Em seguida os quadros explodiam em chamas, queimavam provocando um forte calor e reduziam-se a cinzas rapidamente. Era impossível salvar qualquer coisa. [4]

– Como Berlim em 1938 – Rorimer disse, lembrando uma fogueira de arte

moderna que, naqueles tempos mais inocentes, tinha deixado o mundo chocado. Mas agora o mundo sabia que não havia nada que os nazistas não fizessem.

– E o resto? – ele disse.

Valland levantou-se e foi até o quarto de dormir. Ao voltar, tinha mais uma pilha de evidências.

– O resto está na Alemanha – disse, entregando-lhe documentos sobre os depósitos de arte nazistas em Heilbronn, Buxheim, Hohenschwangau, todos nomes que ele já a ouvira pronunciar.

Conforme ela explicava suas localizações e importância, Rorimer teve uma ideia: os depósitos estavam no sul da Alemanha, o que significava que todos cairiam em território do VII Exército. O seu Exército. O seu território. De repente, ele pôde sentir o peso. Por mais de quatro anos, a preservação desses tesouros tinha estado sob a responsabilidade de Rose Valland; hoje, ela estava dividindo esse peso – esse privilégio, essa obrigação – com ele.

Ela pegou uma fotografia e lhe entregou. Não era necessário um grande conhecimento de história da arte para Rorimer reconhecer de imediato as torres altaneiras de contos de fadas do enorme castelo em Neuschwanstein.

– Neste castelo – Valland disse – os nazistas reuniram milhares de obras de arte roubadas da França. Vá até lá e encontrará todos os registros e documentações do ERR junto com as obras de arte. – Ela fez uma pausa. – Só espero que os nazistas não façam nossos tesouros pagarem por sua derrota.

Rorimer ficou olhando a fotografia. O mundo conhecia Neuschwanstein como a grande extravagância romântica de Ludwig, um rei da Baviera do século XIX conhecido como louco. Valland estava lhe dizendo que talvez fosse a maior casa de tesouro no mundo. Mas Neuschwanstein estava no alto de um afloramento rochoso nos Alpes Bávaros, isolado e quase inacessível aos veículos modernos. Seria necessário um esforço tremendo para transportar centenas de caixotes pesados contendo obras de arte para um lugar assim, muitos teriam de ser carregados, mas muito menos do que as 20 mil peças que Valland havia documentado passando pelo Jeu de Paume.

– Como pode ter certeza? – ele disse finalmente.

– Confie em mim – Rose Valland respondeu. – Isto é mais do que intuição feminina.^[5]

O Decreto Nero de Hitler

BERLIM, ALEMANHA

18-19 DE MARÇO DE 1945

Albert Speer, arquiteto pessoal de Hitler e ministro nazista de armamentos e produção de guerra, não sabia o que fazer. Speer não foi um dos adeptos iniciais do Partido Nazista – era o membro oficial do partido de número 474.481 –, mas era íntimo de Hitler desde meados da década de 1930. O Führer se imaginava um arquiteto amador, afinal de contas, e sempre teve um carinho especial por colegas “artistas”. Na década em que trabalharam juntos, Speer jamais desobedecera a uma ordem direta. Mas, recentemente, Hitler havia desenvolvido um plano para destruir a infraestrutura da Alemanha – pontes, estradas de ferro, fábricas, armazéns, qualquer coisa que pudesse ajudar o avanço do inimigo. Durante semanas, Speer havia argumentando com sucesso a favor da prudência e do controle.

Aí, no dia 18 de março de 1945, Speer recebeu a notícia de que quatro oficiais haviam sido executados por ordem de Hitler porque não tinham explodido a ponte de Remagen, permitindo aos Aliados ocidentais seu primeiro avanço cruzando o Reno. Temendo que o fracasso em Remagen fosse a desculpa que o Führer precisava para implementar sua política de “terra arrasada”, Speer compôs às pressas um memorando com 22 páginas sobre o efeitos apocalípticos da destruição planejada. “Se as numerosas pontes de ferrovias sobre os canais menores e vales ou os viadutos, forem explodidos”, ele escreveu ao Führer, “a área do Ruhr será incapaz de lidar até com a produção necessária para reparar as pontes.”^[1] Ele foi até mais pessimista quanto aos efeitos sobre as cidades alemãs. “A demolição planejada das pontes em Berlim isolaria a cidade do suprimento de comida, e a produção industrial e a vida humana nessa cidade se tornariam impossíveis durante anos no futuro. Essas demolições significariam a morte de Berlim.”

No dia 19 de março, um dia só depois, ele recebeu a resposta do Führer. Ela veio na forma de uma ordem a todos os oficiais militares:[2]

O Führer

Quartel-general do Führer

19 de março de 1945

A luta pela existência de nosso povo nos força a aproveitar todos os meios que possam enfraquecer a facilidade para o combate de nossos inimigos e impedi-los de avançar. Todas as oportunidades, diretas ou indiretas, para infligir o dano mais duradouro possível sobre o notável poder do inimigo devem ser usadas ao máximo. É um erro acreditar que quando recuperarmos os territórios perdidos seremos capazes de reaver e usar esses transportes, essas comunicações, produção e serviços de abastecimento que não foram destruídos ou que foram temporariamente danificados; quando o inimigo recuar, ele nos deixará apenas terra arrasada e não mostrará consideração com o bem-estar da população.

Portanto, ordeno:

1. Todas as instalações militares, de transporte, comunicações, industriais e de abastecimento de alimentos, assim como todos os recursos dentro do Reich que o inimigo possa usar – imediatamente ou no futuro previsível – para continuar a guerra, devem ser destruídos.
2. Aqueles responsáveis por essas medidas são: os comandos militares para todos os objetos militares, inclusive as instalações de transporte e comunicações; os gauleiters e delegados de defesa para todas as instalações industriais e de abastecimento, assim como outros recursos. Quando necessário, as tropas devem ajudar os gauleiters e os delegados de defesa na execução de suas tarefas.

3. Estas ordens devem ser comunicadas imediatamente a todos os comandantes de tropas; instruções em contrário são inválidas.

Adolf Hitler

O I Exército do outro lado do Reno

COLÔNIA, ALEMANHA; E BONN, ALEMANHA

10-20 DE MARÇO DE 1945

Walker Hancock, o Monuments Man para o I Exército dos Estados Unidos, pisou no acelerador, forçando o jipe nos arredores de Bonn, na Alemanha. Nos últimos dias, ele estivera viajando com seu novo chefe (e ex-colega), George Stout, e era excitante compartilhar tanto de sua companhia como de sua experiência. Em Aachen, Hancock caminhou pela cidade. Em um quarteirão havia um restaurante aberto, poucas pessoas na calçada, uma delas com uma sacola de armazém apoiada no quadril. Virando a esquina, Aachen era uma cidade morta. Um cemitério de fios partidos, metal enferrujado e entulho fedendo a cocô de cachorro. Ele imaginou, olhando para algumas ruas, que ninguém voltaria para lá. Talvez, pensou, estivessem todos mortos. Naquele momento, achou que Aachen não podia ficar pior do que estava. Aí ele viu Colônia.

Como uma questão de política, a Alemanha estava sendo obrigada a se render devido ao impacto das bombas. Hancock sabia disso, tinha ouvido falar muitas vezes, mas não compreendia o que “bombardeio aéreo maciço” significava até entrar em Colônia. A cidade tinha sido atingida por repetidos bombardeios aliados – 262 para ser exato, embora Walker Hancock não tivesse como saber disso – e sua área central estava totalmente destruída. Não quebrada, mas desaparecida, derrubada no chão e depois atingida de novo e de novo até ficar pulverizada. Era “mais devastação”, ele escreveu a Saima, “do que é possível à imaginação humana entender”.^[1] George Stout estimava que 75% dos monumentos na área estivessem destruídos, mas isso não contava toda a história. Aqueles poupados encontravam-se nos arredores da cidade. No centro, nem havia o que examinar. A única coisa de pé era a catedral, a Dom, intocada no meio de uma devastação. Devia ser uma visão inspiradora, um exemplo da

compaixão dos Aliados ocidentais, mas Hancock não conseguia ver assim. A enormidade da destruição – a brutalidade da campanha aliada para quebrar a determinação dos alemães – era dolorosa de contemplar. Era quase como se houvesse uma mensagem nessa loucura. Podíamos ter poupado qualquer prédio, a catedral intocada parecia sugerir. Este é o único que escolhemos.

“Tudo isso me fez gastar mais tempo”, Hancock confessou para Saima, “fugindo em pensamento para o nosso mundo, nossos planos e nossas esperanças. De certa forma, eles parecem mais reais para mim do que o que meus olhos veem.”[2]

Os Aliados estavam irados. Não havia outra conclusão. Os Aliados estavam irados com a Alemanha e tudo nela. A raiva vinha aumentando havia meses, talvez desde a Normandia, mas tinha se acelerado durante o terrível inverno. Antes da guerra, Colônia tinha uma população de quase 800 mil habitantes; Hancock calculava que havia menos de 40 mil cidadãos ainda na cidade. Os que ficaram pareciam marcados com cicatrizes e amargos, ou pior. “Eu sentia a amargura (deles), o ódio, como se sente um vento frio do norte”, Stout escreveria a respeito dos cidadãos de Colônia. “Por curiosidade, continuei procurando algum tipo de sentimento em seus rostos. Parecia sempre a mesma coisa. Uma espécie de ódio e algo como desespero – ou então um vazio.”[3]

Olhando para aqueles rostos inexpressivos e alquebrados, Walker Hancock pensava em Saima e nos planos que tinham feito de construírem uma casa (ele estava economizando seus pagamentos do Exército), se estabelecerem e terem uma família. Ele não podia deixar de se perguntar: se jantasse com uma família em Colônia, ele sentiria a mesma coisa a respeito deles que tinha sentido com monsieur Geneen e sua família em La Gleize? Ou seus sentimentos estariam associados ao fato de Geneen ser um belga, uma vítima, e não um agressor?

O pensamento lhe vinha de novo, como acontecia com frequência: salvar a cultura de seus aliados é coisa pequena. Tratar com carinho a cultura de seu inimigo, arriscar sua vida e a vida de outros homens para salvá-la, devolvê-la assim que a batalha fosse vencida... Isso era inusitado, mas é exatamente o que Walker Hancock e os outros Monuments Men pretendiam fazer.

Os tesouros de Aachen estavam ali em algum lugar. Era seu dever encontrá-los. Mas ele não podia se conduzir assim, ele sabia, só por dever. O sucesso exigia

convicção, uma crença de que a missão dos Monuments era não apenas certa, mas necessária. Não podia ser apenas um dever; tinha de ser uma paixão. Quanto mais Hancock via destruição, mais apaixonado ficava.

Colônia não tinha produzido nenhuma pista. As obras de arte móveis tinham desaparecido, evacuadas antes do pior da destruição. Ele e Stout tinham chegado com os nomes de uns poucos oficiais locais, colhidos em entrevistas anteriores em outras cidades despedaçadas, mas nenhum foi encontrado. Os monumentos eram poeira. Depois de um dia apenas, Stout partiu para inspecionar algumas cidades menores na área; Hancock seguiu para Bonn e o último escritório conhecido do ex-líder do Kunstschutz em Paris, o conde Wolff-Metternich. Informações haviam se infiltrado vindas de Paris, dizendo que Wolff-Metternich era um homem bom, que tinha sido uma figura não só simpatizante, mas ativa na causa dos franceses. De fato, ele havia perdido o posto por ficar do lado dos franceses e contra seu chefe nazista muito mais do que devia. Se alguém tinha informações, seria ele. E se ele tinha ido embora, sempre haveria documentos. Os nazistas eram exigentes com respeito à documentação. Os longos meses sem saber nada, Hancock sentia, estavam chegando ao fim.

Nos arredores de Bonn, o sol brilhava. Os prédios estavam intocados. Mas, como em tantas outras cidades, quanto mais ele se afastava do centro, mais danos via. O centro da cidade estava em sua maior parte destruído, resultado dos bombardeios aliados ocidentais, mas mesmo aqui ele viu cerejeiras em flor contorcendo-se entre as ruínas. Ele passou por uma casa do século XVIII. O pórtico de pedra em arco ficava só a poucos centímetros da rua, a grade trabalhada pendia da pedra-chave mas a porta estava aberta permitindo o acesso. Entrando no escuro corredor, ele subiu por uma pequena escadaria de madeira e momentos depois parou deslumbrado no minúsculo quarto superior onde nasceu Ludwig van Beethoven. Nos campos fora da cidade, ele tinha visto camponeses transportando suas vidas inteiras em frágeis carroças, minas de carvão em fogo, o mundo negro com sua fumaça. Mas esse santuário, esse relicário artístico, permanecia. Ele pensou nas cerejeiras entre as ruínas. Mesmo na Alemanha, fragmentos de esperança e beleza – e felicidade, e arte – sobreviviam.

O escritório do Konservator ficava em um bairro que fora ignorado pelos

pilotos aliados. Hancock se sentiu seguro de si, exultante mesmo, repleto da paz do quarto de Beethoven. Então virou a esquina e viu o espaço vazio na fileira de casas. Ele não precisava conferir o endereço; soube imediatamente o que tinha acontecido. Só um prédio no quarteirão tinha sido arrasado, e era o 9 Bachstrasse, o escritório do Konservator. O que ele estava pensando? Claro que os nazistas iriam explodi-lo em vez de deixar que caísse em mãos inimigas. Hancock sentou-se em seu jipe, consternado e frustrado. Em seguida, apertou o capacete, saiu e começou a bater nas portas dos prédios.

“Nein. Nein.” Ninguém queria falar. “Wir wissen nichts.” Eles não tinham nada a dizer.

Finalmente encontrou um homem disposto a falar com ele, mas não sabia muita coisa sobre o prédio, só que tinha sido um escritório e fora destruído por uma bomba.

E os documentos, ele perguntou? Arquivos? Inventários? O homem deu de ombros. Não sabia. Supunha que tinham sido levados embora.

– Eles partiram semanas atrás para a Vestfália – disse. – Levaram tudo.

Hancock franziu a testa. A Vestfália ficava atrás das linhas inimigas. E quando os Aliados chegassem lá, ele não tinha dúvidas de que Wolff-Metternich e seus arquivos teriam desaparecido de novo.

– Conheço um homem que ficou – o homem continuou. – Um arquiteto, o assistente do Konservator. Está em Bad Godesberg. Seu nome é Weyres.

– Obrigado – Hancock disse com alívio. Nenhuma rua sem saída, pelo menos por enquanto. Ele começou a se virar para ir embora, mas o homem o interrompeu.

– Quer o endereço dele?

Walker Hancock ligou para seu chefe, George Stout, de Bonn. Stout tinha acabado de receber notícias devastadoras. Seu antigo colega de quarto, o Monument Man britânico Ronald Balfour, tinha sido morto por um estilhaço de granada na espinha quando estava a trabalho na cidade alemã de Cleves.

Walker Hancock não conhecia Balfour muito bem, mas sem dúvida sentiu um súbito choque com a perda de um irmão na missão dos Monuments. Ele se lembrava de seu sorriso torto da época em Shrivenham, o faiscar de seus óculos de intelectual, a surpreendente força que movia sua pequena estrutura. O

“gentleman erudito” tinha sido um verdadeiro cavalheiro, uma boa companhia para uma cerveja. Mas Hancock não o conhecera, não realmente. Ficou imaginando se o homem morto deixara uma mulher, um filho, um pai de luto, uma série de promessas não cumpridas ou desejos perdidos.

Walker Hancock pensou em sua amada Saima, sua noiva agora por mais de um ano, embora tivessem passado apenas umas breves semanas juntos como marido e mulher. A morte de Balfour era uma lembrança do perigo da missão; seu tempo longe dela, ele sabia, poderia muito bem ser mais do que um adiamento temporário do que a longa vida de amor e felicidade que esperava.

E a morte de Balfour sem dúvida reforçava a solidão do trabalho, o isolamento dos amigos e companheiros mesmo em meio a um exército de um milhão de homens. Ronald Balfour morrera havia dez dias, e essa era a primeira vez que qualquer um de seus companheiros Monuments Men no front tinha ouvido falar sobre isso. Hancock não tinha assistente para viajar com ele. Depois de todo o tempo que passaram em campos de combate separados, ele se perguntava se reconheceria Robert Posey ou Walter “Hutch” Huchthausen se eles entrassem pela porta. Depois dos eventos comprimidos da guerra, quando nove meses pareciam nove anos, eles eram simplesmente nomes em relatórios que lhe chegavam. Mas sempre, quando precisava dele, em carne e osso, lá estava George Stout.

Pelo menos Hancock tinha excelentes notícias para seu chefe, mesmo compartilhando a tristeza. Ele tinha encontrado Weyres, o assistente do conde Wolff-Metternich, em Bad Godesberg, na Alemanha. O homem era uma arca do tesouro de tantas informações, e Hancock queria saber como lidar com ele. Stout, talvez preocupado, pensando em Ronald Balfour, lhe disse simplesmente:

– Não preciso lhe dizer o que fazer, Walker.

Na manhã seguinte, Hancock passava informações detalhadas sobre depósitos de arte para as unidades avançadas do I Exército. Em poucos dias, ele havia transmitido para as tropas na linha de frente a localização de 109 depósitos a leste do Reno, dobrando o número de depósitos em toda a Alemanha.

Uma semana depois, no dia 29 de março de 1945, um comandante americano passou direto no meio do combate e bateu à porta do Bürgermeister de Siegen. Quando o atônito prefeito abriu, o comandante disse apenas:

– Onde estão os quadros?

Mapa do tesouro

TRIER, ALEMANHA

20-29 DE MARÇO DE 1945

No final de março de 1945, o capitão Robert Posey e o soldado Lincoln Kirstein, os brilhantemente descombinados Monuments Men do III Exército dos Estados Unidos de Patton, estavam rodando pelo Vale Saar ao longo da fronteira entre a França e a Alemanha. Ao redor, eles podiam ver os efeitos da ocupação nazista nos campos sem cultivo e nas fábricas destruídas, enferrujadas. A carne, dizia-se, estava tão difícil de encontrar que as couves-rábano eram agora o principal produto na alimentação. Os cidadãos, a maioria simpatizantes da causa aliada ocidental, ofereciam ajuda em troca de um simples cigarro – que era tão escasso que muita gente havia acalmado seu vício durante anos com as bitucas jogadas por prisioneiros de guerra que estavam sendo levados para campos de prisão no interior do território alemão. Era uma terra empobrecida pela guerra, usada pelo III Exército como armazém e área de abastecimento, mas Kirstein via a beleza: as montanhas ondulantes começando a verdejar à medida que a neve derretia, os preguiçosos vales com rios, as florestas escuras tão reminiscentes dos contos de fadas de Grimm. As pequenas fazendas pareciam tão velhas quanto a terra, e os antigos portões da cidade e as torres o faziam lembrar-se dos reinos fantásticos aparecendo ao fundo das gravuras de Albrecht Dürer.

“Agora a gente vai ter uma chance de observar a atitude dos alemães em relação a nós”, Robert Posey escreveu para a mulher, Alice, depois de atravessar o Rio Mosela e entrar na Alemanha propriamente dita:^[1]

O avanço é tão rápido que muitas cidades não estão severamente danificadas. Nestas, e até nas que estão, o povo se enfileira nas calçadas para assistir à passagem de nossos comboios, exatamente como fizeram na Normandia.

Eles, é claro, não estão ovacionando, mas a gente quase chega a pensar que talvez seja porque são menos emotivos do que os franceses. Todos têm uma expressão de viva curiosidade. Os homens mais velhos se animam admirados com nosso soberbo equipamento manejado por soldados saudáveis, intrépidos. As crianças gritam para nós e as menininhas sorriem radiantes e acenam. Embora supostamente devamos ignorá-los, meu coração é mole demais para não retribuir esses acenos. Grupos grandes de pessoas andam de um lado para o outro observando nossos engenheiros construírem uma nova ponte de madeira, ao lado daquela que seus próprios soldados explodiram poucos dias antes para retardar a inevitável destruição de seus exércitos. Em vez da recente tricolor desfraldada, como na França, cada casa hasteia a bandeira branca de rendição incondicional... Uma senhora idosa secou uma lágrima nos olhos com a ponta do avental, mas a frágil e encurvada criatura de cabelos brancos estava provavelmente pensando em seu próprio filho que talvez tenha sido sacrificado por Hitler... Quando nossos bulldôzers afastam as longas toras de madeira da estrada, as pessoas observam até eles terminarem e aí serram as toras e as dividem para usar como lenha nas lareiras. Garotas de meia soquete tentam flertar um pouco quando têm certeza de que ninguém está olhando. Não é um quadro totalmente desolador, mas pelo qual eles lutam.

Em 20 de março de 1945, os Monuments Men chegaram à base do III Exército em Trier, uma das cidades mais históricas no norte da Europa. “Trier estava de pé 1300 anos antes de Roma; que possa continuar de pé e gozar de paz eterna”, dizia uma famosa inscrição em uma casa na principal Praça do Mercado. A data da fundação era inventada, mas Trier na verdade tinha sido uma cidade-guarnição antes ainda da chegada de legionários romanos do tempo de Augusto César. Infelizmente, não tinha passado tão bem nesta guerra como o “sereno e conquistado” vale Saar.^[2]

Posey, em um resumo do progresso do III Exército, referiu-se a Trier como “arruinada”.^[3] Kirstein suspeitava que a cidade estivesse em pior estado do que em qualquer época desde a Idade Média. “O desolamento está congelado”, ele escreveu, “como se o momento de combustão fosse de repente interrompido, e o

ar tivesse perdido seu poder de manter unidos os átomos e vários centros de gravidade travassem uma luta encarniçada por matéria, e a matéria perdesse. Por algum motivo desconhecido, restava uma ponte intacta... Havia espaço suficiente apenas para a passagem em um só sentido, porque tudo havia caído nas ruas. A cidade estava praticamente vazia. Dos 90 mil, cerca de 2 mil estavam ali, vivendo em um sistema de adegas de vinho. Eles pareciam muito animados, as mulheres de calças compridas, os homens com ternos comuns de trabalho. A convenção é não encará-los. Algumas casas têm lençóis ou fronhas brancas dependurados. Quase não sobrou nada. Fragmentos de gárgulas do século XV, frontões triangulares barrocos e torreões góticos em soberba desordem misturados com cortadores de carne novos, garrafas de champanhe, cartazes turísticos, açafrões púrpura e amarelos e um dia encantador, gás e decomposição, cartazes esmaltados e candelabros prateados, e um estarrecedor, estarrecedor amontoado de restos inexpressivos. Certamente Saint-Lô foi pior, mas não tinha nada importante. Aqui tudo era cristão primitivo, ou romano, romanesco ou maravilhosamente barroco.”^[4]

Os nazistas tinham colocado muito dinheiro na reconstrução de Trier, especialmente na Praça do Mercado, agora em grande parte arruinada, e na Simeonstrasse, conhecida como a “Rua da História Alemã”. A fachada da catedral e o claustro anexo estavam seriamente danificados. O palácio barroco dos condes de Kessel estava demolido. A casa de Karl Marx, que nasceu em Trier em 1818, fora transformada em um escritório de redação de jornal pelos nazistas. Os Aliados a destruíram totalmente em um bombardeio aéreo.

E no entanto o que restava era, em si, uma coleção de prédios de classe internacional. “O interior da catedral estava intacto”, Kirstein escreveu, “exceto pelo sino que caiu da torre, a Liebfrau(em)kirche estava muito queimada, mas de pé, St. Paulinus, uma total orgia de maravilhas em estilo rococó rosa e azul, sofreu só uma pancada por que os nazistas idiotas colocaram tanques num canto da fachada, a Porta Negra (antiga porta romana) intocada exceto onde os idiotas tinham colocado metralhadoras, a Abadia Matthias, intacta exceto pela sacristia fuzilada.”^[5] Os tesouros da catedral – inclusive o “Manto Inconsútil” que dizem ter sido roubado do Cristo moribundo por soldados romanos –, foram encontrados escondidos em bunkers secretos, construídos dentro das antigas

fundações de pedra da cidade.

Posey e Kirstein começaram logo a instruir os soldados sobre as maravilhas da cidade. As anotações históricas prévias de Posey sobre Nancy e Metz tinham agradado; portanto, quando o III Exército chegou a Trier, ele e Kirstein haviam compilado um tratado sobre a história e a importância da cidade e de seus prédios. Eles temiam que as tropas, tendo atravessado para o território inimigo, fossem menos cuidadosas com monumentos históricos e mais inclinadas a saques casuais. Ao educá-los em uma cultura alemã mais ampla, pré-nazista, os Monuments Men esperavam criar interesse e apreço, o que se traduziria em bom comportamento.

Não que eles fossem incapazes de pegar algumas lembrancinhas. Posey com frequência mandava coisas pequenas para Woogie – na maior parte, cartões e moedas alemãs. Em Trier, ele acrescentou um ornamento de mastro de bandeira de alumínio, dizendo a Woogie que a bandeira nazista tinha sido queimada e que o mastro “deve ter desaparecido durante a guerra. Os alemães não tiveram o suficiente desses metais nem para os aviões nos últimos três ou quatro anos”.^[6]

Posey e Kirstein sabiam os nomes de quase todos os oficiais da cidade pelas entrevistas que fizeram em Metz e outras cidades, e eles usaram essa informação para criar uma comissão de cinco pessoas formada por especialistas para “salvar fragmentos, paredes de barricadas danificadas, fazer reparos temporários onde fosse possível, reunir documentos espalhados, abrir passagens secretas [...] e aconselhar sobre os cuidados necessários de emergência” sob a direção do Governo Militar Aliado.^[7] Dois dias depois que Trier foi tomada pelo III Exército, a comissão estava funcionando. Esses oficiais (dos quais um se revelou membro do Partido Nazista e, portanto, foi dispensado) por sua vez passavam informações sobre oficiais alemães mais a leste. O modelo estabelecido em Trier – educação casada com participação local – seria usado pelos Monuments Men do III Exército durante o resto da campanha.

Mas, no dia 29 de março de 1945, a última coisa na mente de Robert Posey era a próxima cidade mais a leste. Naquela hora, sua única torturante preocupação era com uma dor de dente. Como muitos soldados, ele vinha sofrendo com dores durante uma boa parte de suas jornadas a serviço. Tinha machucado as costas na Normandia, quando um sargento pisou em sua mão na

hora em que as tropas pularam sobre as cordas para entrar na lancha de desembarque, fazendo com que ele caísse vários metros sobre uma torre de metralhadora. Tinha quebrado o arco do pé em Bulge. Um oficial do III Exército tinha sugerido um Purple Heart, uma condecoração para os feridos em combate, mas Posey recusou. Purple Hearts eram para soldados feridos pelo inimigo em combate, não para aqueles que caíam em buracos cobertos de neve.

Mas nenhuma das lesões doía tanto como a dor de dente. Infelizmente, o dentista do Exército mais próximo estava a 160 quilômetros dali, na França. Ele tentou trabalhar assim mesmo, mas a dor constante era demais para ignorar. Nem ele nem Kirstein falavam alemão muito bem, portanto Kirstein acabou parando um menininho louro na rua – crianças em geral eram as melhores fontes de informação – e fez uma mímica de dor de dente. Por três tiras de chiclete Pep-O-Mint, o garoto pegou Kirstein pela mão e o guiou até uma porta gótica a poucos quarteirões dali, sobre a qual havia um cartaz na forma de um dente.

O dentista, um homem idoso, falava um ótimo inglês com forte sotaque e “tagarelava mais do que um barbeiro”. [8] Parecia conhecer todo mundo em Trier, e pelo visto estava tão interessado na missão dos Monuments Mens para salvar a cultura alemã quanto em dar um jeito no dente de siso incluso do pobre Posey.

– Você poderia falar com meu genro – ele disse, guardando suas ferramentas no final do tratamento e limpando o sangue das mãos. – Ele é um estudioso de arte e conhece a França. Esteve lá durante a ocupação. – Fez uma pausa. – Mas ele mora a quilômetros daqui. Só posso levar vocês até lá se estiverem de carro.

Os três homens saíram de carro da cidade na direção leste. As estradas estavam sujas de munição e artilharia, e algumas das casas de fazenda ainda fumegavam. As árvores estavam verdes e semicobertas de folhas da primavera, mas os campos estavam nus e marrons, os vinhedos abandonados. Eles passaram por uma criança, que fez uma expressão assustada e quieta ao vê-los. O dentista estava animado.

– Maravilhoso! – ele exclamava a cada cidadezinha por onde entravam. – Maravilhoso. Parece uma eternidade desde que saí de Trier.

Ele não parava de se desculpar por parar em uma casa de fazenda a fim de

visitar amigos ou em uma lojinha para comprar suprimentos.

– Maravilhoso – ele dizia, retornando com a comida na mão. – Há meses não temos leite fresco.

– Essa é uma boa ideia? – Kirstein perguntou a Posey, enquanto os Monuments Men esperavam pelo dentista do lado de fora de uma pousada em outro vilarejo aos pedaços.

Estavam a 19 quilômetros de Trier, e a cada quilômetro as montanhas ao redor pareciam cada vez mais hostis. Todos os vilarejos pareciam abandonados, e as fronhas brancas da rendição não voavam das casas. Súbita desocupação, Kirstein pensou. Ninguém quer ser visto.

– Provavelmente não – Posey disse. Mas, em vez de falar mais alguma coisa, ele ficou só olhando para a crista que se formava no final do vale. Sua boca estava como se alguém tivesse lhe dado uma marretada, mas o desconforto era parte do ofício. Ele estava pensando era na tênue linha entre cumprir essa tarefa e o interesse essencial de chegar em casa a tempo para o jantar. O que Woogie faria sem um pai?

O dentista se aproximou, sorrindo, vegetais frescos na mão.

– Maravilhoso – ele disse. – Simplesmente maravilhoso.

– Chega de parar – Posey disse mal-humorado, passando a língua pelas gengivas inchadas. Ele desconfiava que o dentista era uma fraude inofensiva, mas quanto mais paradas fazia, e mais o final do vale se agigantava, mais a excursão inteira parecia uma armadilha.

Finalmente, na base do vale, o dentista lhes disse para estacionar. Havia uma casa grande caiada de branco no sopé de uma montanha, uma floresta erguendo-se mais adiante.

– Por aqui. – O dentista sinalizou, caminhando por trás da casa.

Subindo a montanha, havia uma pequena construção, um chalé de final de semana isolado e perfeito para uma emboscada contra incautos especialistas em arte. Posey e Kirstein olharam um para o outro. Que idiotice era essa? Mesmo que o genro fosse um estudioso de arte, e mesmo que ele estivesse sozinho em casa, o que ele poderia saber? Quase com relutância, Posey começou a subir o morro.

Lá dentro, o chalé era limpo e claro, uma homenagem à França e uma vida

de beleza e inteligência. As paredes estavam revestidas de fotografias da Torre Eiffel, Notre-Dame, Versailles e outros pontos de referência parisienses famosos. Alguns vasos recheados de flores, provavelmente colhidas nas montanhas ao redor. As prateleiras de livros estavam cheias de volumes de arte e história, tanto os comuns como os menos conhecidos. Evocavam, especialmente para Kirstein, a “agradável atmosfera da vida culta, doméstica e concentrada de um estudioso, muito distante da guerra.”^[9] Era a primeira residência particular ocupada pelo proprietário em que ele entrava na Alemanha, e o fez sentir-se em casa.

O estudioso era simpático e surpreendentemente jovem, com uns trinta e poucos anos. Devia ter sido cheio de entusiasmo no início de sua carreira, mas algo nele estava encurvado e abatido. A guerra tinha envenenado todo mundo, Kirstein pensou, até esse estudioso do campo. Não obstante, o jovem homem sorriu ao ver os oficiais das artes aliados.

– Entrez – ele disse entusiasmado em francês. – Estava ansioso esperando por vocês. Não tenho falado com ninguém desde que deixei Paris, 24 horas antes de seu exército chegar. Sinto saudades daquela grande cidade todos os dias.

Ele indicou duas cadeiras, depois se virou para apresentar os outros ocupantes do chalé.

– Esta é minha mãe. E minha mulher, Hildegard. – Ele olhou nervoso para o pai dela, o dentista. – Minha filha, Eva. E meu filho, Dietrich, o estudioso – disse orgulhoso, indicando o bebê nos braços da mulher.

Posey estendeu um dedo para a criança agarrar, mas o bebê se esquivou. Não se parecia nada com Woogie, mas todas as crianças o faziam se lembrar do menino que deixara em casa.

– Meu sogro me diz que vocês são estudiosos de arte a serviço do Exército americano – o homem disse, sentando-se. – Devem achar Trier uma maravilha. Sei que a Paulinerkirche está inteira, graças a Deus. O teto é uma coisa única, uma verdadeira obra de arte, embora tenha apenas duzentos anos de idade. A minha área de estudos é a Idade Média: o fim do velho mundo, o nascimento do nosso. Ou talvez isso seja dramático demais. Não passo de um estudioso de arte, afinal de contas, uma pessoa com alguma autoridade em esculturas francesas medievais. Estou terminando um livro sobre esculturas do século XII na Île de France. Comecei a escrever com Arthur Kingsley Porter, um inglês, talvez

tenham ouvido falar nele.

– Claro – Kirstein respondeu, imaginando o velho professor que lhe havia ensinado história da arte ainda na faculdade. – Lembro dele de Harvard.

– Como eu – o estudioso alemão disse. – Trabalho de pós-graduação. Ainda lembro com carinho de sua esposa. A doida mais inteligente que já conheci. ^[10]

Ele se virou de repente para a mulher.

– Kognak – falou.

Quando ela, as crianças e o dentista saíram da sala, o tom do estudioso mudou. Ele se inclinou para a frente e, falando rápido, começou a lhes contar um pouquinho de sua história.

– Não vou mentir para vocês – disse. – Conheci Göring em Paris. E Rosenberg. Trabalhei com eles. Como estudioso, vocês compreendem, nada muito importante, mas eu os observava e a suas operações. Estava lá quando Göring levou embora seu primeiro trem carregado de objetos de arte. Eu lhe disse que seu tratamento dos tesouros de arte judeus confiscados estava em contradição com as Normas de Guerra por Terra de Haia e a interpretação do Exército das ordens de Hitler. Ele pediu uma explicação. Quando concluí, ele disse simplesmente: “Primeiro, são as minhas ordens que você precisa seguir. Você agirá diretamente segundo as minhas ordens.”^[11] Quando eu lhe disse que o comando militar na França e o Juristen (querendo dizer os representantes legais do Reich) provavelmente pensariam de outra forma, ele me disse: “Caro Bunjes, deixe que eu me preocupe com isso; sou o mais alto jurista do Estado.” Ele me disse isso diretamente, senhores. Palavra por palavra, no dia 5 de fevereiro de 1941. O que um simples estudioso podia fazer? E, além do mais, a arte estava mais segura nas mãos de Göring do que espalhada entre os milhares de oficiais nazistas inferiores clamando para obtê-la. Os senhores veem, eu agi para proteger as artes. Era conservação por aquisição.

Sua mulher entrou com o conhaque.

– Ich danke Dir Darling – ele disse, servindo a si mesmo e a Kirstein. Posey negou, acendendo em vez disso um cigarro.

Os dois homens precisavam da distração. Era tudo que podiam fazer para impedir que ficassem de boca aberta. Este homem, este estudioso do campo, tinha estado em Paris. Ele conhecia os esquemas. Poderia dar respostas a

perguntas que eles estavam suando para conseguir havia meses.

– Eu tenho conhecimento – o estudioso disse depois de girar algumas vezes a taça –, mas também um preço: salvo-conduto para sair da Alemanha para mim e para minha família. Não quero mais do que terminar meu livro, viver em paz. Em troca, eu lhes direi não só o que foi levado, mas onde está.

– Por que precisa de um salvo-conduto? – Kirstein quis saber.

– Eu fui um capitão da SS durante cinco anos. Sim, é verdade. Só por objetivos profissionais, os senhores compreendem, sempre a serviço da arte. Mas se os cidadãos deste vale souberem... Não compreenderão. Provavelmente mandariam atirar em mim. Eles nos acusam de... Tudo isso.

Posey e Kirstein olharam um para o outro. Tinham entrevistado muitos oficiais das artes, mas nunca um oficial da SS. Que tipo de estudioso era este?

– Não tenho autoridade para oferecer acordos – Posey disse, enquanto Kirstein traduzia.

O alemão suspirou. Bebeu um gole de conhaque. Parecia considerar suas opções, então, abruptamente, levantou-se e saiu da sala. Voltou minutos depois com uma brochura. Era um catálogo de obras de arte roubadas da França: título, tamanho, taxa de câmbio, proprietário original. Explicou tudo para eles, traduzindo o texto em alemão. Em seguida, disse-lhes para abrirem os mapas sobre a mesa, e começou a mostrar onde os objetos podiam ser encontrados. Parecia saber tudo de cor, desde os mínimos detalhes.

– A coleção de Göring não está mais em Carinhall – o estudioso disse confidencialmente. – Está em Veldenstein. Aqui. Mas não tenho certeza se vai ficar lá por muito tempo.

Ele lhes contou sobre o funcionamento interno do mundo das artes alemão. Como os tesouros da Polônia e da Rússia tinham sido distribuídos em vários museus alemães. Quais comerciantes de arte em Berlim estavam ativamente negociando obras saqueadas. Que obras-primas francesas roubadas estavam escondidas na Suíça, e quais tinham ido mais longe, até a própria Alemanha.

– E o Retábulo de Gand? – Posey perguntou.

– A Adoração do cordeiro místico de Van Eyk? – o estudioso disse, entendendo o nome da obra apesar do inglês de Posey. – Os painéis estão na extensa coleção de obras-primas artísticas de Hitler.

Ele moveu o dedo para o sudoeste até a parte mais profunda dos Alpes Austríacos, não muito longe da cidade da infância de Hitler, Linz.

– Aqui, na mina de sal em Altaussee.

A coleção de Hitler? Posey e Kirstein não falaram nada. Nem se olharam. Todos aqueles quilômetros rodados, todas aquelas infrutíferas entrevistas, todos aqueles meses exaustivamente encaixando informações pedacinho por pedacinho e, de repente, estavam recebendo tudo aquilo que sempre esperaram e mais ainda. Eles não estavam apenas recebendo informações; estavam lhes dando um mapa para a sala do tesouro do Führer. E até aquele momento, ninguém do lado aliado nem sabia que o Führer tinha uma sala do tesouro.

– Os nazistas são pessoas rudes – o estudioso disse. – Fraudes completas. Eles não entendem a beleza da arte, sabem apenas que de certa forma ela é valiosa. Eles roubaram o faqueiro de prata dos Rothschilds, depois o usaram como talheres comuns em seu Aeroclube em Berlim. Vê-los comendo com aqueles garfos de valor inestimável me deixava mal.

O estudioso se levantou e se serviu de mais conhaque. Ao voltar, começou a falar sobre seu próprio trabalho, sobre Paris e as catedrais, o século XII e sua notável estatuária fúnebre, sobre quanto havia se perdido desde então para a devastação do tempo e a insensatez da guerra. “Aqui”, Kirstein escreveria, “na fria primavera do Mosela, longe dos assassinatos das cidades, trabalhava um estudioso alemão que amava a França, apaixonadamente, com esse fatalismo frustrado, sem esperanças”, tão característico dos alemães.^[12] Kirstein não pôde deixar de gostar do homem.

– Eu lhes ofereço meu serviço, senhores – o estudioso disse finalmente. – Qualquer coisa que pedirem. Tudo que eu quero é que minha família volte para Paris. – Como se aguardando a deixa, sua mulher e o bebê apareceram de repente na soleira da porta.

– Verei o que posso fazer – Posey disse, enquanto ele e Kirstein se levantavam para sair. Pareciam calmos, mas por dentro estavam excitadíssimos. Tinham sabido mais nos últimos vinte minutos do que nas últimas vinte semanas. E tinham uma missão agora; uma grande missão: encontrar e recuperar o tesouro secreto de obras-primas de Hitler.

O estudioso alemão sorriu, estendeu a mão. Se estava desapontado pela falta

de salvo-conduto, não demonstrava.

– Foi um prazer, meus amigos – disse cordialmente. – Obrigado por terem vindo.

– Obrigado ao senhor, Dr. Bunjes. Foi de grande ajuda. – Eles não tinham ideia de que tinham passado a tarde falando com o corrupto oficial do Kunstschutz de Göring, um dos principais homens na notória operação de pilhagem no Jeu de Paume.

Frustração

TEATRO DO NORTE DA EUROPA

30-31 DE MARÇO DE 1945

O soldado Richard Courtney estava frustrado. Como a maioria de seus colegas soldados no I Exército dos Estados Unidos, ele vinha lutando no solo desde a Normandia. Atravessara o anel de fogo alemão ao redor das praias e tinha sobrevivido à Linha Siegfried. Combatera para tomar Aachen em setembro, em seguida lutara para recuperá-la, depois da Batalha do Bulge. Agora procurava uma propriedade rural – o que o Exército chamava de “clareira” – do outro lado do Reno, perto de uma pequena cidade chamada Breidenbach, e mesmo depois de nove meses de combate ele não podia acreditar no que estava vendo. A casa, os soldados foram informados, pertencia a um líder do Partido Nazista, e conforme passavam de uma sala para outra olhavam abismados para a extraordinária coleção de quadros, cristais, pratarias e estatuária. Colecionar objetos de arte era moda entre a elite nazista, sem dúvida alimentada pelo desejo de adular o Führer e o Reichsmarschall. Este nazista em particular estivera nitidamente “colecionando” por toda a Europa.

Mas o soldado Courtney não ficou realmente furioso até entrar no porão e ver, empilhados do chão ao teto, pacotes da Cruz Vermelha para prisioneiros de guerra americanos. Por que estavam aqui? O que um oficial nazista de alta patente ia fazer com biscoitos duros e Band-Aids? Quanto mais ele olhava para aqueles pacotes, mais furioso ficava. Finalmente, ele pegou um pé de cabra e começou a despedaçar coisas: caixas, espelhos, porcelanas, objetos de arte, candelabros. Estava com tanta raiva que até arrancou os interruptores da parede. Ninguém tentou impedi-lo.

– Para que isso? – um colega soldado perguntou quando os golpes ritmados terminaram.

O soldado Courtney largou o pé de cabra e olhou a destruição à sua volta.

– Isso foi por nossos rapazes nos acampamentos – disse.

Enquanto isso, em um “repple depple”, o chamado depósito de recrutas de reposição, em Liège, na Bélgica, o soldado Harry Ettlinger jogava dados. Ele havia resistido durante um mês, mas não tinha mais nada para fazer. Na primeira semana, ganhou 1500 dólares com fundos de seu salário de 60 dólares mensais no Exército. Um dia depois, perdeu tudo. Ele saiu e olhou para o céu noturno. Tudo parecia a milhões de quilômetros de distância. Tinham sido dois meses de nada. Ele não estava ansioso para ir para o front, mas o pessoal que estava no “repple depple” fazia muito tempo era deprimente. Um soldado tinha comprado perfumes quando servia em Paris, e agora os vendia por preços acima do mercado. O acampamento inteiro cheirava a perfume, mas o homem só pensava em voltar a Paris para reabastecer seu suprimento. Harry Ettlinger não queria ser esse tipo de soldado. Em algum ponto a leste, a guerra estava acontecendo sem sua participação. Ele estava certo de ter um papel a representar – tinha de ter –, mas ainda não tinha ideia de por que o haviam tirado daquele caminhão no dia do seu 19º aniversário. Ninguém lhe disse nada.

Em Paris, James Rorimer recebeu sua notificação para se apresentar no front como Monuments Man para o VII Exército dos Estados Unidos, que até então tinha estado sem os serviços de um oficial do Monuments. O território do VII Exército, só na Alemanha, estendia-se por 460 quilômetros com uma amplitude média de 130 quilômetros. Mas ele possuía algo que nenhum outro Monuments Man jamais tivera: as informações que Rose Valland lhe transmitira duas semanas antes, e o conhecimento que ela havia dividido com ele durante os últimos meses. Graças a Valland, ele sabia exatamente aonde ir: o castelo de contos de fadas em Neuschwanstein. Durante meses, o nome ecoaria em seus sonhos. Exatamente o que ele iria encontrar, e como exatamente chegaria lá... Isso era algo ainda desconhecido.

“O general Rogers se desviou do que estava fazendo em meu jantar ontem à noite em Paris para me dizer que eu estava fazendo um trabalho muito bom”, Rorimer escreveu para sua mulher. “Meu chefe, o tenente-coronel Hamilton, ofereceu coquetéis para nosso grupo e tudo, mas chorou quando eu fui retirado de sua equipe para a Alemanha. Sim, eu fiz minha fama e agora devo construir uma nova em condições bem diferentes.”^[1]

Ele não tinha dúvidas. Esta era uma missão importante; era a que ele queria que lhe dessem mais do que qualquer outra coisa. Enquanto preparava seu equipamento para partir, sem dúvida lembrou com carinho de seus dias na Cidade Luz, mas olhava para o futuro ainda mais ansioso pelas aventuras que teria pela frente: os grandes depósitos da ERR, os vilões nazistas, a chance de salvar o patrimônio da França. E, apesar de sua excitação – ou talvez por causa dela –, ele pensava em Rose Valland. Jacques Jaujard estava certo. Ela era uma heroína. Talvez, a heroína da cultura francesa. Mas o que ela faria agora? Entregara a seu protegido o trabalho pelo qual havia arriscado a vida. O que faz o professor depois que o aluno vai embora?

Rorimer pensou mais a fundo sobre isso e percebeu que sabia a resposta. Rose Valland, costumeiramente subestimada porém jamais detida, estava tentando arrumar uma comissão no Exército francês. Convencera-se de ter encontrado o homem certo em James Rorimer, mas a importância de resgatar o patrimônio da França era muita para depender de uma só pessoa. Rose Valland não era uma oficial das artes tímida ou uma flor murcha; era uma lutadora oculta por trás de uma fachada. E estava no firme propósito de chegar ao front e encontrar as preciosas artes da França.

Em Berlim, Albert Speer apresentava-se mais uma vez diante de seu Führer. A artilharia soviética e os bombardeiros aliados ocidentais estavam pulverizando a cidade, e Adolf Hitler, o homem indispensável, tinha descido para seu enorme, impenetrável, bunker sob a Chancelaria do Reich. Ele havia se isolado do mundo, até dos catálogos de obras de arte destinadas para Linz, que em épocas melhores tinham iluminado seus dias sombrios. Ele não podia mais, por

exemplo, ficar olhando para a fotografia de O astrônomo de Vermeer, seu quadro mais querido, que tinha a imagem de um grande intelectual, ligeiramente de costas para o observador, com a luz vindo pela janela, a mão estendida para o globo, como se estivesse se apoderando do mundo. Mas Hitler ainda tinha os planos de construção para Linz, que tinham descido com ele para o bunker. (O modelo em escala de Linz estava ali perto em um porão na Nova Chancelaria.) Ele ainda tinha sua visão. Podia estar pálido e exaurido, mas ainda era um homem com uma vontade de ferro, consciente de sua difícil situação mas ainda incapaz de entender que seu império estava condenado.

Ninguém o detinha. Fora informado por seu secretário particular, Martin Bormann, de que Speer tinha estado no Ruhr para convencer os gauleiters a desobedecerem o Decreto Nero e deixar a infraestrutura da Alemanha intacta.

Speer não negou. Hitler, um homem de ira letal, mas de paranoia ainda não debilitante, sugeriu a seu amigo e ministro de armamentos que tirasse uma licença para tratamento de saúde.

– Speer – ele disse –, se puder se convencer de que a guerra não está perdida, pode continuar a dirigir sua pasta.

– Não posso – Speer respondeu –, mesmo com a maior vontade do mundo. E, afinal de contas, não quero ser um dos porcos de seu séquito que lhe dizem acreditar na vitória sem acreditar nela.

– Você tem 24 horas para pensar melhor em sua resposta – Hitler falou, virando as costas. – Amanhã me informe se espera que a guerra ainda possa ser vencida. [2]

Assim que Speer saiu, Hitler ordenou a seu chefe de transportes para transmitir um teletipo reafirmando o Decreto Nero. “Incluídos na lista de instalações a serem destruídas”, Speer escreveu, “estavam, mais uma vez, todos os tipos de pontes, linhas férreas, galpões de reparo para locomotivas, todas as instalações técnicas nos depósitos de carga, equipamento de oficinas, barragens e comportas em nossos canais. Junto com isso, todas as locomotivas, vagões de passageiros, vagões de carga, navios cargueiros e barcas deviam ser totalmente destruídos e os canais e rios bloqueados, afundando-se neles navios.”[3] Hitler estava pedindo nada menos do que a total destruição do Reich.

Naquela noite, Speer escreveu uma carta a Hitler. “Não posso mais acreditar

no sucesso de nossa boa causa”, dizia em parte, “se, durante esses meses decisivos, simultânea e sistematicamente destruirmos os fundamentos de nossa existência nacional. Que isso deva ser feito é uma injustiça muito grande com nosso povo, a Sorte não mais nos sorrirá... Portanto, eu lhe imploro não levar avante essa medida tão prejudicial ao povo. Se puder rever sua política nesta questão, eu mais uma vez recuperarei a fé e a coragem para continuar trabalhando com a maior energia. Não está mais em nossas mãos decidir como a Sorte irá virar. Somente uma Providência superior pode ainda mudar nosso futuro. Podemos apenas dar nossa contribuição com uma postura forte e fé inabalável no futuro eterno de nossa nação... Que Deus proteja a Alemanha.”^[4]

Hitler recusou-se a aceitar a carta e exigiu uma resposta verbal. No dia 30 de março de 1945, de pé diante do Führer, que ele havia amado e servido tão bem, Albert Speer perdeu sua determinação. “Mein Führer”, ele disse. “Eu o apoio sem reservas.”^[5]

Três dias depois, 564 quilômetros a oeste de Berlim, os Monuments Men Walker Hancock e George Stout aproximavam-se da cidade que durante meses os havia atormentado com seu mistério e promessa de tesouros artísticos: Siegen, na Alemanha.

Carta de Walker Hancock a sua mulher, Saima
4 de abril de 1945

Querida Saima:

Estes últimos dias têm sido os mais incríveis de toda minha vida. Por exemplo, outro dia fiz uma longa viagem com George Stout e o vigário de Aachen para ver um lugar onde estão escondidos os maiores tesouros de arte da Alemanha ocidental. Entramos na cidade no mesmo dia em que ela foi tomada. Só se podia usar uma estrada até lá porque ainda havia “bolsões de resistência” nas montanhas ao redor. Ouviam-se, intermitentemente, explosões de granada e tiros de metralhadora. (Nenhum perigo real, mas isso tudo aumentava a excitação.) A cidade tinha sido intensamente bombardeada durante três meses, e por duas semanas travaram-se batalhas nas ruas, portanto você pode (ou não) imaginar como estava o lugar. De vez em quando um civil se aventurava a sair do esconderijo mas, em geral, era uma total desolação – uma poça de sangue com um capacete americano do lado contava a história –, a ruína que nós conhecemos tão bem estava por toda a parte.

Nosso guia-padre encontrou para nós a entrada dos túneis onde as obras de arte estavam escondidas. Em contraste com a cidade deserta, aqui tudo fervilhava de seres humanos em estado deplorável. Entramos pela passagem estreita na mina escura, sufocante. As pessoas estavam ali tão espremidas que a sobrevivência em tais condições por um dia parecia um milagre. Nenhuma delas tinha saído dali havia 15 dias. Fomos nos aprofundando cada vez mais na encosta da montanha e, quando nossos olhos se

acostumaram com a escuridão e, nossos ouvidos, com as palavras sussurradas, tivemos uma certa consciência do drama da situação. (Nossas narinas não se acostumaram com os cheiros nauseabundos.) Éramos os primeiros americanos que essas pessoas viam. Havia gritos sufocados: “Amerikaner! Amerikaner! Sie kommen!” Mães chamavam as crianças para perto delas, assustadas.

Mas algumas outras não estavam com medo. Uma criancinha pegou George pela mão e não o largou durante uma boa parte do dia. Algumas pessoas tentavam falar em inglês. Eram os velhos, os jovens e os doentes da cidade, empilhados em beliches ou amontoados uns contra os outros. Nós continuamos andando – mais de 400 metros para dentro da montanha.

Walker

Carta de George Stout a sua mulher, Margie
4 de abril de 1945

Querida Margie,

Há quatro dias não escrevo – uma pesquisa de campo e todas as horas esgotadas... [mas] Houve uma ocorrência anteontem que foi tão especial que merece mais do que o vago relato que agora sou capaz de lhe fazer. Não posso lhe dizer o nome da cidade – é bem a leste do Reno – porque até agora o que ela guarda não pode ser revelado. Sabíamos sobre um depósito ali pela informação que obtivemos em novembro passado [em Aachen] e desde então mais informações chegaram. Sabíamos que era em algum lugar em uma mina de ferro nos arredores da cidade. Encontramos um padre alemão, um sujeito realmente destemido, que tinha estado lá e se ofereceu para ser nosso guia.

Uma força blindada tinha estado lá, e em seguida elementos de um regimento de infantaria. Houve combate durante o dia, mas a maior parte das tropas alemãs tinha ido embora. Nós entramos às 4:30 [16:30], Walker Hancock, dois soldados, o padre e eu. As ruas não eram muito seguras para um veículo por causa do entulho e das linhas de bonde caídas. Havia muito pouco fogo de artilharia, esporádico e fraco. Os soldados alemães estavam sendo capturados sem qualquer resistência evidente. Nós vimos três civis, duas enfermeiras alemãs e um homem que mancava, um homem jovem. Ele disse que estava tentando encontrar sua irmã do outro lado da cidade e queria saber se era perigoso ir até lá. Tudo isso era comum e já tinha acontecido muitas vezes.

Um dos soldados tinha ficado no carro. O resto de nós

atravessamos a cidade a pé, uns 800 metros, e chegamos à mina. Nosso intrépido padre não tinha lá muita certeza de onde ficava a entrada. O que se seguiu não foi comum.

Ao redor de um buraco na montanha íngreme estavam vinte pessoas. Elas recuaram e nós entramos. O túnel – um velho poço de mina – tinha uns 2 metros de largura por 2,50 de altura, arqueado e irregular. Uma vez longe da luz da entrada, a passagem estava densa de vapor e nossas lanternas eram apenas leves pontos de luz na escuridão. Havia gente lá dentro. Pensei que logo passaríamos por eles e que fossem apenas uns poucos desgarrados abrigados ali por segurança. Mas não passamos por eles.

Era um lugar difícil de julgar as distâncias. Caminhamos por esse corredor mais de 400 metros e provavelmente menos do que 800 metros. Outros poços se ramificavam dali. Em certos lugares, tinham sido abertos com uma largura de cerca de 6 metros.

O tempo todo caminhamos por uma trilha com não mais de 45 cm. O resto eram seres humanos espremidos. Eles estavam de pé, sentados em galhos e em pedras. Deitados em catres ou macas. Esta era a população da cidade, todos que não puderam fugir. Em um determinado momento, o padre teve de parar e falar com uma mulher que estava doente. Muitos deviam estar doentes. Havia um fedor no ar úmido. Bebês choravam impacientes.

Nós éramos os primeiros americanos que eles viam. Sem dúvida, haviam lhes dito que éramos selvagens. As faces pálidas e encardidas iluminadas por nossas lanternas estavam cheias de medo e ódio. As crianças eram arrancadas de nosso caminho. E à nossa frente seguia a palavra temerosa, entre som e sussurro – “Amerikaner”. Essa foi a parte estranha da ocorrência, o impacto de ódio e medo em centenas de corações muito perto, à nossa volta, e

nós alvos de tudo isso.

No entanto, havia uma certa indiferença. Um menino de uns dez anos de idade soprava em uma caneca. De algum ponto, no meio da umidade e do fedor ele conseguira algo quente para beber e estava tentado esfriar a uma temperatura suportável. Ele não prestou atenção em nós. E houve um pequeno sinal de uma coisa, não de medo e não de desinteresse. Devíamos estar no meio do caminho. Senti um toque em minha mão livre e virei minha luz para lá. Era um menino de uns sete anos. Ele sorriu, segurou minha mão e caminhou junto comigo. Eu não deveria ter deixado que ele fizesse isso, mas deixei e fiquei contente. Fico me perguntando por que ele se sentiu assim. O que poderia ter feito ele saber que eu não era um monstro. Ele e um outro nos seguiram até sairmos para respirar o ar puro.

Encontramos nosso depósito por uma outra entrada e não lamento realmente termos cometido um engano na primeira.

Esta foi bem longa e inadequada, mas pensei que você gostaria de saber.

Muito amor, querida

George

Dentro da montanha

SIEGEN, ALEMANHA

2 DE ABRIL DE 1945

George Stout ergueu o punho e bateu em uma porta trancada, enfiada 800 metros dentro de uma montanha. Tinha sido uma longa caminhada por uma cidade destruída, depois descendo 800 metros por um túnel errado e, finalmente, por essa passagem menor, mas depois de meses de expectativas valeu a pena. Quando a porta se abriu, Stout quase esperava ver riquezas artísticas e culturais jorrando pelo túnel. Mas, o que ele viu foi um homenzinho carrancudo.

Depois do que haviam passado, quase nada poderia surpreender os Monuments Men, mas nitidamente não foi o que aconteceu com o guarda. Ele olhou intrigado para o soldado americano, depois para o vigário de Aachen ao lado dele, e aí, finalmente, para os dois outros soldados americanos que os acompanhavam.

– Olá, Etzkorn – o vigário disse.

Os Monuments Men tinham desperdiçado horas preciosas naquela manhã voltando atrás diante da exigência do quartel-general de escolherem um “guia”, mas o vigário Stephany se revelara digno do trabalho que tiveram. Ele nada mais era do que o homem que tinha encontrado Hancock na Catedral de Aachen e lhe pedido ajuda para libertar o corpo de bombeiros da igreja. Ele tinha ficado surpreso ao ver seu antigo visitante, e constrangido ao admitir que, sim, ele sabia o tempo todo sobre Siegen, mesmo quando disse a Hancock não ter ideia de para onde haviam sido enviados os tesouros da Catedral de Aachen.

– Bem-vindo, vigário – o homenzinho conhecido como Etzkorn respondeu mal-humorado, afastando-se com relutância para deixar passar os soldados.

Quando fechou a porta, um grupo de alemães uniformizados, aparentemente guardas, ficaram em posição de sentido, mas também deixaram os Monuments

Men passar. Depois deles havia uma porta de cofre. Herr Etzkorn chegou com a chave antes que lhe pedissem.

Quando a porta se escancarou, Hancock teve um vislumbre, apenas visível no feixe de luz de sua lanterna, de uma enorme galeria com uma abóbada de tijolos. Em seguida ele sentiu o ar: quente e úmido. O sistema de ventilação fora danificado irremediavelmente pelas bombas aliadas, e a água pingava do teto. George Stout entrou primeiro, o feixe luminoso de sua lanterna caindo sobre uma série de enormes estantes de madeira. As estantes, Hancock notou, subiam até o teto. E cada escaninho estava repleto de obras de arte: esculturas, quadros, decorações, retábulos, tudo tão densamente apinhado como o povo da cidade estava naquele terrível corredor lá fora. Iluminados por sua lanterna, Hancock reconheceu obras de Rembradt, Van Dyck, Van Gogh, Gauguin, Cranach, Renoir e, especialmente, Peter Paul Rubens, o grande pintor flamengo do século XVI que nascera em Siegen. Em algumas das telas, ele notou mofo, enquanto a tinta em vários dos painéis de madeira estava visivelmente empolada e lascada.

– Ainda está aqui! – o vigário gritou de um canto escuro.

Stout e Hancock correram para o último dos 14 compartimentos na parede. Lá dentro havia seis enormes caixotes marcados “Catedral de Aachen”.

– Os selos não foram rompidos – Stout observou.

– Duas semanas atrás o Oberbürgermeister de Aachen... – o carrancudo guardinha conhecido como Etzkorn começou.

– Ex-prefeito – vigário Stephany corrigiu.

Etzkorn pareceu não notar a hostilidade do vigário para com um funcionário do partido.

– O ex-Oberbürgermeister de Aachen – ele recomeçou – tentou remover os tesouros quando os americanos se aproximavam. Os caixotes eram pesados demais.

Hancock passou as mãos pela madeira. Dentro estavam o busto em prata dourada de Carlos Magno contendo parte de seu crânio, o manto da Virgem Maria, a cruz processional de Lothar com o camafeu de Augusto César, numerosos santuários de ouro e ferro batido. Com todo cuidado, ele retirou a tampa de um caixote sem marca. Dentro estava o santuário de Santo Heriberto de Deutz, do século XII.

– Isso é ouro? – sussurrou uma voz admirada.

Hancock tinha esquecido do soldado que os acompanhava na mina. Os Monuments Men sabiam havia meses que o depósito estava aqui. Tinham uma certa ideia do que esperar, mas mesmo para eles a presença de todas essas conexões vitais com o passado da humanidade era difícil de compreender, especialmente em um ambiente tão estranho e desagradável.

– Ouro e esmalte – Hancock disse, sinalizando para o soldado ajudá-lo com a grande tampa pesada.

– Quanto vale?

– Mais do que qualquer um de nós pode imaginar.

Etzkorn deu uma volta rápida com eles. A maioria dos escaninhos continha as obras de museus da Alemanha ocidental, especialmente aqueles de Bonn, Colônia, Essen e Münster. Outros continham os tesouros das igrejas da Renânia. Para grande decepção deles, as únicas obras estrangeiras em Siegen eram as da cidade francesa de Metz, o que já lhes haviam dito para esperar. O patrimônio cultural roubado do resto da Europa ocidental estava escondido em outro lugar, talvez em outra mina, aguardando ser encontrado.

Etzkorn apontou para quarenta caixas.

– Da casa de Beethoven, em Bonn. O manuscrito original da Sexta Sinfonia está ali em algum lugar.

– Estive nessa casa – Hancock sussurrou, lembrando das cerejeiras em flor entre as ruínas.

Duas enormes portas de carvalho estavam perto da entrada. Hancock reconheceu o baixo relevo irregular de numerosos painéis retratando a vida de Cristo. Ele queria colocar suas mãos de escultor sobre eles, para sentir as marcas antigas do cinzel. Os entalhes eram primitivos, mas eram também históricos, magia indescritível para o povo medieval que originalmente os contemplou.

– As portas de Sankt Maria im Kapitol, em Colônia – Etzkorn disse, sinceramente comovido. – Conheço bem essa paróquia.

Hancock concordou, mas não disse nada. Sankt Maria tinha sido destruída. Essas portas, ele desconfiava, era tudo que restava.

– Sei o que está pensando – Stout disse para Hancock quando seu exame superficial terminou. – Parece tolice deixar tudo aqui. A umidade, o ar viciado,

os guardas pouco confiáveis. Mas não temos caminhões, empacotadores, pessoal especializado em mudanças. Nem temos um lugar melhor para colocar. Vamos colocar uma guarda armada da divisão de infantaria, voltamos amanhã e estudamos o que encontramos. Mas não podemos levar embora. Não antes das devidas providências. Mas não se preocupe, Walker, pelo menos isso está seguro. Nada o danificará agora.

Eles saíram por um túnel ainda menor do que os outros dois, que era aparentemente a entrada principal do depósito. Como a primeira, estava cheia de desalojados de guerra que tinham se refugiado ali do ataque aliado. A maioria desses desalojados, entretanto, usava uniforme. Eram de todos os estilos e cores, uma boa parte deles Hancock não reconheceu. Quando os americanos passaram, muitos ficaram em posição de sentido e bateram continência.

– Quand pourrons-nous rentrer en France? – alguém gritou.^[1]

Hancock se virou e viu um grupo de prisioneiros franceses olhando para ele esperançosos. Os Aliados viriam resgatá-los? Hancock não sabia, então ele lhes disse que nas últimas semanas tinha visto caminhões cheios de ex-prisioneiros dirigindo-se para o oeste. Na entrada, um velho agarrou Hancock pela manga, balbuciando sobre a crueldade dos nazistas. Estava tão agitado com o destino de sua família que espumava pelos cantos da boca. O velho tentou segui-los, mas estava fraco demais. Hancock deixou-o ao pé da montanha junto com os outros. Quando olhou para trás, o homem ainda estava lá, vendo-os partir. Hancock se sentiu terrível, mas estava morto de cansaço e não havia nada que ele pudesse fazer. Tinha passado uma tarde debaixo da terra, e parecia uma vida inteira.

Ele olhou para trás uma última vez. Na luz enviesada do final de tarde, a montanha parecia como qualquer outra na Alemanha, derrotada e desolada, e juncada de escombros. Não havia nada que indicasse as maravilhas e o horror que havia lá dentro.

Perdidos

LESTE DE AACHEN, ALEMANHA

4 DE ABRIL DE 1945

A norte de Essen e leste de Aachen, na área conhecida como o Bolsão do Ruhr, o capitão Walter “Hutch” Huchthausen e seu assistente, sargento Sheldon Keck, os Monuments Men para o IX Exército dos Estados Unidos, estavam indo de carro para a frente de batalha a fim de investigar relatos sobre um retábulo. Hutch era um solteirão gregário, agora totalmente recuperado dos ferimentos sofridos durante o bombardeio de Londres e, aos quarenta anos, apenas começando a ganhar independência. Keck, um conservador casado, havia iniciado o serviço militar em 1942, quando o filho “Keckie” estava com apenas três semanas de vida. Não via o filho desde então, mas a mulher, Caroline, também uma conservadora de artes, não se queixava. Ela havia estudado em Berlim na década de 1930, quando a comida era escassa, não existia emprego e a corrupção era endêmica. Em sua universidade, 15 alunos cometiam suicídio por mês até que, finalmente, fecharam a escola. Duas vezes ela ouvira Hitler em pessoa falar, e suas palavras ainda lhe davam calafrios nos ossos. Ela queria Sheldon de volta, mas sabia da importância de sua missão. Além do mais, racionalizava que, pelo menos durante alguns anos, o pequeno Keckie nem perceberia que o pai estava fora.

– Pouco trânsito por aqui – Keck observou, depois de vinte ou trinta minutos na estrada.

Os mapas tinham se mostrado inúteis, como de costume, visto que muitas das estradas estavam intransitáveis por causa de danos ou combatentes inimigos. Os Monuments Men estavam acostumados a se perder, mas também a jipes, tanques e caminhões passando, os usuais veículos de apoio para o front. Aqui não tinha nada.

– Vamos pedir orientação – Keck disse.

Não havia postos militares dos Aliados na estrada, mas 1 quilômetro ou 2 mais adiante Hutch viu soldados americanos espiando no topo de um aterro na estrada principal.

– Graças a Deus – ele disse, reduzindo a velocidade.

Mas assim que ele pisou no freio, irrompeu um fogo de artilharia. Sheldon Keck, no banco do carona, escutou a súbita explosão quase no mesmo instante que sentiu uma força violenta empurrando-o para trás até o chão. Ele viu de relance soldados americanos surgirem sobre o aterro, e então a adrenalina tomou conta, o mundo ficou escuro e tudo desapareceu. Quando percebeu, mãos gentis o puxavam para dentro de uma trincheira. O jipe estava brutalmente alvejado na estrada. Os soldados só puderam lhe dizer que Hutch fora levado embora em uma ambulância, “sangrando pelo ouvido, e seu rosto estava branco como neve”.

[1]

Durante dois dias, Sheldon Keck correu de um hospital de campanha a outro, atrás de seu oficial-superior. Não havia notícias em parte alguma; nenhum soldado ferido que coincidissem com as chapas de identificação de seu amigo. Acabou encontrando-o em um hospital de campanha, mas na lista dos mortos. Walter “Hutch” Huchthausen fora atingido em um fogo de artilharia e sofrera morte instantânea na estrada a leste de Aachen. Seu corpo tinha sido a força que derrubara Keck no chão do jipe, protegendo-o das balas e salvando sua vida. Foi um momento de que Sheldon Keck – e seu filho Keckie, que graças a Hutch foi criado por seu amado pai – sempre se lembraria.

A notícia da morte de Hutch, como a de Ronald Balfour, espalhou-se lentamente pelas tropas da MFAA. De uma força de nove oficiais nas linhas de frente, eles tinham perdido seu segundo homem bom. A reação foi de silêncio, de resignação, de uma contemplação em câmera lenta que em nada se comparava com o lento caminhar do oficial que se aproximou de uma casinha em Dorchester, Massachusetts, para dizer à idosa mãe de Walter Huchthausen que seu único filho estava morto.

“Ele era um cara maravilhoso”, Walker Hancock escreveu para sua recente esposa, Saima, muitos meses depois, quando temia que o trabalho de Hutch ficasse esquecido, “e realmente acreditava na bondade fundamental de todos. Bill (Lesley) o conhecia melhor do que eu – era um velho amigo –, mas a atitude de

Hutch em relação à sua missão na guerra foi uma de minhas melhores lembranças... Os prédios que ele esperava, como um jovem arquiteto, construir jamais existirão... mas as poucas pessoas que o viram em seu trabalho – amigos e inimigos – devem pensar melhor a respeito da raça humana por causa dele.” [2]

Uma semana inesquecível

MERKERS, ALEMANHA

8-15 DE ABRIL DE 1945

No dia 6 de abril de 1945, dois dias depois da morte de Walter Huchthausen, um jipe americano arrastava-se atrás de duas figuras encolhidas caminhando lentamente pela estrada empoeirada.

– Bom-dia, senhoras – um dos PMs disse, com o dedo no gatilho de sua arma. – Sabem que há regulamentos rígidos para o toque de recolher, certo? Ordens do general Patton. – Nisso ele notou que uma das mulheres estava grávida.

Eram pessoas francesas desalojadas, caminhando para a cidade vizinha de Kieselbach, para ir à parteira. Depois que o inquérito no gabinete do chefe de polícia militar da XII Unidade dos Estados Unidos confirmou a história que elas estavam contando, os PMs ofereceram-se para levar as mulheres de volta para a cidade. Nos arredores de Merkers, o motorista notou as cicatrizes na encosta da montanha e perguntou que tipo de mina era aquela por onde estavam passando. Uma das mulheres apontou para uma portinha e disse:

– Or. – Ouro, em francês.

Os PMs pararam.

– Or? Tem certeza?

A mulher fez que sim.

– Lingots d’or. – Barras de ouro.

Robert Posey e Lincoln Kirstein, os Monuments Men para o III Exército dos Estados Unidos, chegaram à mina dois dias depois, na tarde de 8 de abril de 1945. Não poderiam ter deixado de ver a entrada, se tentassem. A cada passo, eles cruzavam com mais um grupo de soldados montando guarda, e havia canhões antiaéreos a postos ao longo da estrada estreita. Posey supôs que uma companhia inteira estivesse de serviço (mais de cem homens), mas, ao passar por

mais postos de inspeção e pontos de sentinelas, decidiu que era meio batalhão (pelo menos duzentos homens). Na verdade, Merkers estava sendo guardada por dois batalhões de infantaria inteiros, sustentados por elementos de mais dois batalhões de tanques.

O elevador, repleto de oficiais enviados dos quartéis-generais em Frankfurt para avaliar ouro e moedas, cheirava a enxofre e rangia como as tábuas de madeira de uma velha escadaria. Logo os ouvidos de Kirstein estavam doendo com a pressão.

– Qual a profundidade desta mina? – ele perguntou ao ascensorista.

– Seiscentos e quarenta metros, mais de meio quilômetro – um oficial disse. – O ascensorista é um chucrute, por falar nisso. Não entende uma palavra.

– Espero que não seja um desses oficiais da SS que ficaram para trás. ^[1]

– Não se preocupe, soldado. Há três-estrelas por toda a parte aqui. Ele não dá a mínima para vocês.

O elevador abriu para um cenário saído do inferno de Dante: escuridão, sombras, homens correndo em todas as direções, vapor, água, cabos, equipamentos de metal espalhados como insetos, oficiais gritando ordens e cada som ecoando repetidamente na pedra. As luzes, pelo menos as que funcionavam, lançavam imagens deformadas sobre as paredes e revelavam camadas brancas de orvalho congelado nos pescoços e braços da maioria dos homens. Mangueiras estavam sendo usadas para pulverizar homens e equipamentos, e a água ia se juntando em poças lamacentas no chão. Em poucos segundos, foi o que pareceu, Kirstein estava molhado de umidade. Ele secou a testa com a mão, depois massageou a garganta dolorida.

– São os sais minerais das paredes – alguém disse, entregando-lhe um trapo. – Leve isto ao nariz. Use-o para limpar as botas quando estiver de novo lá em cima. Essa água salgada vai corroer o couro em um dia.

Eles passaram por mais soldados de guarda, e um grupo estava transportando para fora uma grande pilha de papel-moeda que tinha sido jogada perto do elevador. Funcionários nazistas do banco haviam tentado evacuar o dinheiro na semana anterior, mas era domingo de Páscoa e não havia ninguém de serviço na estação de trem. Do outro lado do dinheiro estava uma plataforma de artilharia protegida por sacos de areia manejada por dois pracinhas silenciosos com

capacetes antiaéreos. Atrás deles havia uma grande porta de caixa-forte feita de aço. Pelo visto, ninguém tinha a chave, porque havia um buraco com 90 centímetros de espessura aberto com explosivos na parede de tijolos que a cercava. Posey e Kirstein entraram rastejando pela abertura. A primeira coisa que viram foi um oficial americano se fazendo fotografar. Em suas mãos estava um capacete transbordando de moedas de ouro; atrás dele ficava a Sala 8, a grande sala do tesouro nazista.

Lincoln Kirstein olhou para cima. Sobre ele, o maciço teto de pedra cintilava com o reflexo de uma centena de luzes. Ele estimou 45 metros de comprimento, no mínimo, sem uma única coluna de sustentação, e mais 22 de largura. E quanto de altura? Talvez 6 metros, com uma fileira de luzes penduradas no centro da sala. Sob as luzes corria um trilho de trem. Havia algumas carretas no extremo oposto da sala, sendo carregadas com caixas. Posey achou que as fileiras de caixas eram baixas e insignificantes; depois percebeu que era tudo uma questão de perspectiva. Elas eram mais altas do que os soldados enchendo os carrinhos. Na frente das caixas, cobrindo a maior parte do chão, havia milhares de sacolas. Eram todas idênticas: marrom comum, mais ou menos do tamanho de um pão de forma, e amarradas na parte de cima. Estavam empilhadas quatro de altura e cinco por largura. Vinte fileiras por seção, com uma passagem entre cada uma delas. Kirstein tentou contar quantas eram, mas foi impossível. As últimas seções estavam tão distantes que ele não podia ver as passagens ou as sacolas individuais. Pareciam apenas pontinhos ao longe. E cada uma dessas sacolas, todas as mil ou dez mil ou um centena de milhão delas, estava cheia de ouro.

Os objetos de arte, armazenados em uma sala próxima, eram em sua maioria quadros. Estavam encaixotados; alguns em contêineres marcados e com tampas com dobradiça e cadeado; outros, embrulhados apenas em papel pardo. Um grande número estava empilhado de pé em cercados de madeira como cartazes em uma loja de 1,99. Kirstein dedilhou-os rapidamente. Um quadro lindo de Caspar David Friedrich de uma escuna distante tinha um rasgo feio no céu, mas os outros pareciam ilesos.

– Não muito, considerando – Posey disse.

– Ah, isso não é tudo – um oficial que passava disse rindo. – São quilômetros

de túneis aqui embaixo.

As passagens lá fora eram menos espetaculares do que a Sala 8. A atividade também era menor, e se podia experimentar pela primeira vez a claustrofobia de estar em um pequeno túnel de pedra a 800 metros de profundidade. Kirstein imaginava detonadores escondidos, os “Jerries”, como eles chamavam os soldados alemães, esperando os especialistas em arte chegarem para poderem explodir os túneis e prendê-los em uma tumba subterrânea. Atraindo suas vítimas para baixo da terra, como o vilão com seu barril de amontillado naquele velho conto de Edgard Allan Poe.

– Quantas toneladas de terra estarão por cima de nós agora mesmo? – Kirstein disse, espremendo-se por uma passagem estreita. Ele estava pensando na pequena escuna de Caspar David Friedrich sob o enorme céu.

– A única coisa pior do que ser um soldado nestes túneis – Posey disse – é ser o mineiro que os cavou.

Ele não tinha como saber que havia algo pior: todas aquelas toneladas de ouro e objetos de arte tinham sido trazidas para baixo da terra por trabalho forçado, a maioria de judeus do leste europeu e prisioneiros de guerra.

Aos poucos, os Monuments Men começaram a perceber exatamente o quanto estava escondido nas minas de Merkers. Esculturas encaixotadas embaladas às pressas com fotografias recortadas de catálogos de museus para mostrar o que estava lá dentro. Papiros egípcios antigos em estojos de metal, que o sal da mina havia reduzido à consistência de papelão molhado. Não havia tempo para examinar as inestimáveis antiguidades lá dentro, pois em outras salas estavam obras decorativas gregas e romanas, mosaicos bizantinos, tapetes islâmicos, caixas-portfólio de couro e tarlatana. Escondidas em uma sala lateral discreta, eles encontraram as gravuras originais da famosa série Apocalipse de Albrecht Dürer, de 1498. E mais caixotes de quadros – um Rubens, um Goya, um Cranach – embalados junto com obras menores.

– Não existe uma ordem – Kirstein disse. – Períodos e estilos misturados, obras-primas junto com novidades, caixas de diferentes museus. O que aconteceu aqui?

– Foram embalados por tamanho – Posey disse, apontando para a uniformidade dos quadros em um dos caixotes.

Eles saíram da mina ao entardecer e foram de carro para Frankfurt a fim de relatar o que tinham encontrado. Estavam com o major Perera, um oficial enviado pelo III Exército para examinar o ouro e o dinheiro. Perera relatou uma contagem inicial de 8.198 barras de ouro; 711 sacos com moedas de ouro americanas no valor de 20 dólares, mais de 1300 sacolas de outras moedas de ouro; centenas de sacos de moedas estrangeiras; e 2,76 bilhões de dólares em Reichsmarks, junto com várias moedas estrangeiras, prata e platina, e matrizes que o governo alemão usava para imprimir dinheiro.^[2] Um funcionário de banco encontrado na mina, Herr Veick, havia confirmado que ela representava a maior parte das reservas do tesouro nacional da Alemanha.

Posey relatou que, a partir de uma avaliação preliminar, os objetos de arte também eram de Berlim. Tudo tinha sido embalado sem cuidado, às pressas, provavelmente uma questão de agarrar só o que fosse portátil. Não obstante, a mina continha milhares de obras de arte. Nada disso parecia ter sido saqueado de outros países.

Na manhã seguinte, Robert Posey chamou George Stout. Por acaso o oficial-comandante da MFAA Geoffrey Webb, o estudioso britânico, estava em Verdun para se encontrar com Stout, e Posey sugeriu que ambos fossem até lá imediatamente. Em seguida, ele e Kirstein partiram para a cidade próxima de Hungen, recém-invadida pelo III Exército. Horas depois, no Schloss Braunfels – um castelo erguido em 1246 como uma fortaleza –, eles descobriram incunábulo, manuscritos antigos e textos sagrados judeus suficientes para encher um museu. O material pilhado tinha sido destinado para os Institutos Raciais do idealizador da ERR Alfred Rosenberg, cujo propósito era provar a inferioridade da raça judaica.

“Suponho que uma carta breve e monótona seja melhor do que nada”, Posey escreveu para a mulher, Alice, naquela noite. “Acontece que estou tão atarefado que meu trabalho me ocupa todos os dias até eu me sentir exausto e cansado demais para colocar algumas ideias em uma carta. Cerca de 16 horas por dia, sete dias na semana, não deixam ninguém com muito tempo livre.”^[3]

Quanto mais perto os Monuments Men chegavam do final da guerra, e mais importante se tornava seu trabalho, menos tempo e liberdade tinham para contar a seus entes queridos em casa sobre suas experiências.

George Stout chegou em Merkers no dia 11 de abril de 1945. Recém-chegado de sua excursão pelo depósito em Siegen, onde convenceu a 8ª Divisão de Infantaria a colocar uma guarda suficiente, ele esperava encontrar uma mina semiesquecida. Em vez disso, Merkers estava fervilhando de oficiais aliados ocidentais, guias alemães e especialistas de todos os departamentos do Civil Affairs. Os guardas agora totalizavam quase quatro batalhões (mais de 2000 homens) – incluindo um de infantaria chamado de volta do front – e ainda parecia que os soldados estavam em menor número do que os correspondentes de guerra. Como Kirstein escreveu, “Devido ao fato de as obras de arte... terem sido encontradas como um complemento da descoberta da reserva de ouro do Reich, a matéria recebeu um tratamento inusitado da imprensa”. [4] Em outras palavras, os repórteres não se importavam muito com as grandes obras de arte da Alemanha – na verdade, estavam sempre entendendo errado as informações, referindo-se, por exemplo, à famosa escultura da cabeça de Nefertiti como sendo uma múmia –, mas uma mina cheia de ouro nazista era uma manchete irresistível. Patton ficou tão furioso porque a notícia da descoberta havia vazado para a imprensa, que demitiu o censor responsável, mesmo não tendo autoridade para isso. Mas o estrago estava feito. O Stars and Stripes publicou uma matéria sobre Merkers todos os dias durante uma semana, e os jornais do mundo inteiro copiaram. Três dias depois, uma descoberta ainda maior, mais espetacular, chegou às manchetes internacionais, pelo menos até alguém perceber que a nova mina “Mercedes” era na verdade um erro de grafia de Merkers.

Disseram a Stout para chegar às 15 horas, sem o oficial de patente mais alta (mas britânico) Geoffrey Webb. O departamento financeiro do Civil Affairs havia negado permissão para Webb entrar. Stout chegou às 14:45 em um jipe providenciado pelo III Exército e foi imediatamente levado à presença de um tenente-coronel, que o designou para um alojamento e lhe disse que não podia sair até receber ordens. O alojamento estava cheio de oficiais de finanças. Às 21:15, coronel Bernstein, conselheiro financeiro de Ike para questões civis e governo militar, chegou para informar que Stout tinha sido designado oficial da MFAA para essa operação. Quando Stout se queixou da exclusão de seu chefe

Geoffrey Webb, Bernstein lhe mostrou uma carta de Patton declarando que Bernstein estava encarregado da área da mina. Sem discussões, sem equívocos na mensagem: esta era uma operação americana – que Webb desculpasse, não eram permitidos oficiais britânicos. E era uma operação financeira americana também. Os objetos de arte eram secundários. Um Stout mal-humorado, depois de despachar Lincoln Kirstein para dar a má notícia a Webb de que Patton não queria “nenhum maldito limey” na mina,^[5] passou o resto da tarde entrevistando o Dr. Schawe, um bibliotecário alemão que ele achou “deselegante e desnecessariamente vingativo”.^[6]

Na manhã seguinte, Stout encontrou o Dr. Paul Ortwin Rave, um alemão especialista em artes que vivia no local desde 4 de abril com a família, sua biblioteca pessoal e sua valiosa coleção de tapetes. A imprensa havia noticiado que Rave era o diretor-assistente dos museus estaduais prussianos; na verdade, ele era assistente do diretor. Mas não era um mero subalterno. Um dedicado e profissional homem de museu, sua carreira ficara obstruída por sua recusa em ingressar no Partido Nazista.

No início da guerra, Rave explicou, os tesouros dos museus estaduais alemães tinham sido removidos de suas galerias e colocados em cofres de bancos e torres antiaéreas dentro e nos arredores de Berlim. Em 1943, Rave sugeriu evacuar as coleções da área de Berlim, que estava começando a sofrer bombardeios aéreos aliados. Disseram-lhe que essa era uma ideia perigosamente derrotista... Talvez fatal. Não obstante, ele tentou de novo no ano seguinte; foi de novo dispensado, e sua vida mais uma vez ameaçada. Só quando a artilharia de solo de longo alcance começou a bombardear a cidade é que se obteve permissão para transferir os objetos de arte para Merkers. Quatrocentos dos quadros maiores – inclusive obras de Caravaggio e Rubens – deviam continuar nas torres de Berlim, junto com numerosas esculturas e várias antiguidades. Rave havia estimado que levaria oito semanas para transportar todo o resto; deram-lhe duas. O último carregamento chegou no dia 31 de março de 1945. Cinco dias depois, o III Exército invadia a área.

– Duas semanas para fazer a mudança dessa quantidade enorme de objetos de arte – Stout comentou ao final do relato de Rave. – Que luxo. A nós deram seis dias.

Os generais – Dwight Eisenhower, o supremo comandante no teatro europeu; Omar Bradley, comandante do 12º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos; Manton Eddy, comandante da XII Unidade; e George Patton, o irreprimível titã do III Exército – voaram para Merkers no final da manhã de 12 de abril. O general-brigadeiro Otto Weyland, comandante do XIX Comando Aéreo Tático do IX Exército, encontrou os outros generais ali. Junto com alguns membros da equipe e um ascensorista alemão, os generais desceram de elevador 640 metros para dentro da principal mina de Merkers. A lenta viagem, empreendida na total escuridão, durou vários minutos. No meio da descida, com apenas o gemido do solitário cabo de elevador como companhia, Patton brincou:

– Se essa corda de varal partir, será um grande estímulo para promoções no Exército dos Estados Unidos. [7]

– OK, George, basta – saiu da escuridão a voz de Eisenhower. – Chega de piadas até estarmos de novo acima do solo.

Entrar em uma mina de potássio – ou de cobre, sal ou qualquer outro tipo de mina alemã – era uma experiência desconfortável. Estas eram minas em funcionamento, não sítios turísticos, e as passagens eram irregulares, estreitas e apertadas. Boa parte do equipamento era velho e – como a guerra havia retirado dali homens e materiais – em mau estado de conservação. Os alemães tinham escolhido a segurança de minas profundas para seus depósitos, portanto os soldados muitas vezes viajavam 400 metros descendo e outros 400 metros horizontalmente no fundo. Existir na perpétua escuridão, muito abaixo da terra, sem um mapa da mina ou garantia de que no corredor seguinte não haveria uma armadilha ou que o próximo compartimento não estivesse cheio de dinamite, era uma experiência de deixar os nervos em frangalhos. Pior ainda, a maioria das minas ficava em áreas que tinham sido bombardeadas ou atingidas por granadas, derrubando seu suprimento de energia. Elas eram escuras, frias e úmidas.

Compreensivelmente, os generais moviam-se rápido. Na Sala 8, agora evacuada de todo o pessoal menos aqueles que eram essenciais, eles examinaram fileiras e mais fileiras de barras de ouro e cédulas valendo centenas de milhões de dólares. Na sala seguinte, eles examinaram de passagem os quadros. Patton

pensou que “valiam uns 2,50 dólares e eram mais adequados para bares”;^[8] na realidade ele estava olhando para peças da coleção do Museu Kaiser-Friedrich, de fama mundial, em Berlim. Outras salas, reservadas para a SS, estavam apinhadas de baixelas de ouro e prata e vasos: todos achatados a golpe de martelo para ficarem mais fáceis de guardar. Baús inteiros estavam cheios de joias, relógios, prataria, roupas, óculos e cigarreiras de ouro, os últimos vestígios de um enorme tesouro que a SS ainda não tinha conseguido fundir. Havia oito sacos de anéis de ouro, muitos deles alianças de casamento. Um soldado abriu uma outra sacola e tirou de dentro um punhado de obturações de ouro. Tinham sido extraídas dos dentes de vítimas do Holocausto.

– O que você faria com todo esse espólio? – Eisenhower perguntou durante o almoço, referindo-se às barras de ouro e de prata e ao papel-moeda.

Patton respondeu, em seu tom ríspido usual, que gastaria em armas ou em uma medalha de ouro “para cada filho da mãe no III Exército”.^[9] Os generais riram, mas a pergunta estava longe de ser acadêmica. Para grande tristeza de Stout e dos Monuments Men, Bernstein procedia supondo que tudo na mina, inclusive os objetos de arte, eram espólios capturados do inimigo. Levaria meses para que fosse dissuadido dessa noção.

A alegria acabou de vez naquela tarde quando os generais visitaram Ohrdruf, o primeiro campo de concentração nazista libertado pelas tropas americanas. Ohrdruf não era um campo de extermínio, como Auschwitz, para onde “indesejáveis” eram enviados para serem exterminados, mas um lugar onde o trabalho de seres humanos era explorado sistematicamente até que morressem. Em silêncio, os generais e seus oficiais do estado-maior caminharam pelo campo. “O cheiro de morte nos sufocava”, general Bradley escreveu, “antes ainda de passarmos pelo alambrado. Mais de 3.200 corpos nus, raquíticos, estavam jogados em covas rasas. Outros jaziam nas ruas onde tinham caído. Piolhos rastejavam sobre a pele amarela de suas estruturas ossudas. Um guarda (aliado) nos mostrou como o sangue havia congelado em crostas negras grosseiras onde os prisioneiros, morrendo de fome, haviam rasgado as entranhas dos mortos atrás de alimento... Eu estava muito revoltado para falar. Pois aqui a morte tinha sido tão desonrada pela degradação que ao mesmo tempo nos atordoava e entorpecia.”^[10]

Vários sobreviventes, reduzidos a meros esqueletos, levantavam-se sobre pernas encarquilhadas e batiam continência para os generais quando eles passavam. Os generais seguiam andando em um silêncio de pedra, os lábios apertados. Vários membros de seu staff, todos eles endurecidos pela guerra, choravam abertamente. O inflexível Patton, “Old Blood and Guts”, abaixou-se por detrás de um prédio e vomitou.

Todos os soldados americanos, Eisenhower insistia, todos os homens e mulheres que não estavam nas linhas de frente, deviam ver isso. “Dizem-nos que o soldado americano não sabe pelo que está lutando. Agora, pelo menos, ele saberá contra o que está lutando.”^[11]

Patton foi mais grosseiro: “Você não acredita como esses chucrutes são uns filhos da mãe, até ver você mesmo este lugar empestado.”^[12]

Foi só à meia-noite que Patton, exausto das duas viagens mais notáveis e terríveis da história, deitou-se para dormir. Antes de apagar a luz, ele percebeu que seu relógio tinha parado. Sintonizando a rádio BBC para saber a hora certa, ele ouviu a última notícia: o presidente Franklin Delano Roosevelt tinha morrido.

Enquanto os generais percorriam as principais câmaras de Merkers, Stout visitava as minas das vizinhanças. O complexo de Merkers englobava mais de 56 quilômetros de túneis e uma dúzia de entradas.^[13] Não havia um inventário das obras nas minas, mas o Dr. Rave tinha uma lista dos museus e coleções de onde elas tinham vindo. As coleções do museu de Berlim foram as primeiras a chegar e tinham sido armazenadas na mina de Ransbach. Rave não tinha ficado satisfeito com a mina e os embarques subsequentes tinham ido para Merkers. Isto deixou Stout preocupado, visto que a úmida e salgada Merkers estava abaixo do ideal para artes, mas o elevador estava parado em Ransbach e, portanto, ele não podia vistoriar o que havia lá.

Não obstante, havia muita coisa a fazer. Ao descer na mina de Philippstal, ele encontrou mapas e livros de referência. Lincoln Kirstein desceu na mina de Menzengraben, só para ver faltar energia e ficar preso em total escuridão e

silêncio centenas de metros abaixo da terra. “Em vez de subir a pé a altura de dois prédios Empire State”, ele escreveu para casa, “eu explorei um vasto depósito de uniformes da Luftwaffe e escolhi uma faca de paraquedista como souvenir.” [14]

Na manhã de 13 de abril, George Stout calculou o material necessário para embalar todos os objetos de arte para serem embarcados: caixas, engradados, arquivos, fitas, milhares de metros de material para embalagem. Sua conclusão: “Sem chances de conseguir.”[15]

Com o elevador funcionando de novo, ele desceu na mina de Ransbach com o desagradável Dr. Schawe. A mina era quase duas vezes tão profunda quanto o poço principal em Merkers, e significativamente mais apinhada. Só os livros ocupavam a maior parte do espaço. Stout estimou um milhão de volumes, talvez dois. Os 45 caixões com objetos de arte do museu de Berlim estavam onde Rave os havia deixado. Sete tinham sido saqueados, mas nas peças principais de Dürer e Holbein ninguém havia tocado. A coleção de fantasias da Ópera Estadual tinha sido saqueada.

– Operários russos e poloneses – um de seus guias alemães resmungou.

Stout sabia que ele estava querendo dizer trabalhadores “forçados”, e achou difícil culpá-los do roubo.

De volta a Merkers, Stout soube por Bernstein que os planos tinham mudado. Em vez de evacuar no dia 17 de abril, eles sairiam no dia 15 de abril. “Um procedimento precipitado”, Stout anotou em sua agenda. “É atribuído à necessidade militar.”[16]

Necessidade militar era forte demais. Conveniência militar, aquilo para o qual Eisenhower havia alertado em suas ordens iniciais sobre preservação cultural, era provavelmente mais adequado. General Patton estava avançando, e não queria deixar para trás quatro batalhões a fim de guardar uma mina de ouro. Bernstein, enquanto isso, tinha suas próprias razões para correr. Na Conferência de Yalta, no final de fevereiro, Roosevelt, Churchill e Stalin tinham dividido o Estado alemão em zonas de controle. Merkers e todos os seus tesouros estavam na zona soviética. Se as tropas soviéticas chegassem antes que a mina fosse evacuada – e havia persistentes rumores de contato entre patrulhas avançadas americanas e o Exército Vermelho na “terra de ninguém” na Alemanha central –,

seu conteúdo desapareceria nas mãos do Exército Vermelho. Os soviéticos não estavam inclinados a equanidades, e compreensivelmente. Tinham sofrido milhões de baixas na brutal e devastadora invasão de seu país pelos nazistas, incluindo mais de 1,5 milhão de mortos só no cerco de Stalingrado. Suas forças, atualmente abrindo caminho com dificuldade pelo território alemão, incluíam Brigadas Troféu: oficiais de arte e finanças cuja tarefa era encontrar e apreender bens inimigos, pilhados ou não. Stalin esperava ser indenizado em espécie, ouro, prata, mármore esculpido e obras de arte pelo que seu povo havia perdido.

Passados trinta minutos da meia-noite, no dia 15 de abril, George Stout concluiu seus planos para a evacuação de Merkers. Incapaz de conseguir materiais para embalagem, ele havia requisitado do depósito de uniformes da Luftwaffe que Kirstein encontrou na mina de Menzengraben mil casacos de couro de ovelha, do tipo que os oficiais alemães usavam no front russo. A maior parte das 40 toneladas de objetos de arte seria embrulhada nos casacos, reencaixotada com obras similares, depois organizada em coleções adequadas. Ele se encontrou com o coronel Bernstein. O ouro era pesado demais para ser transportado na parte superior dos caminhões, portanto os caixotes de quadros seriam misturados para maximizar a carga. O carregamento começaria em uma hora, às 2 horas, 36 antes da programação original. Às 4 horas, os objetos de arte já nos engradados ou caixas foram levados para a superfície e carregados. “Sem tempo para dormir”, Stout escreveu.^[17] Ele tinha de preparar faturas e instruções detalhadas para o descarregamento e armazenagem dos objetos em Frankfurt.

Às 8 horas, uma hora antes de sair o primeiro comboio, Stout começou a trabalhar nos quadros não encaixotados. Ele planejava transferi-los para um prédio acima do solo para serem guardados temporariamente, mas, mesmo com 25 homens, o trabalho se mostrava impossível. Ao meio-dia, a equipe já era de cinquenta, e Stout decidiu encaixotar os quadros no subsolo. Infelizmente, os caixotes grandes eram complicados de manusear, especialmente na confusão dos poços da mina. Baixaram jipes para ajudar a transportar o ouro, bloqueando algumas passagens. Os canos de descarga dos veículos empestevam o ar, e a

ocasional explosão de um motor ecoava sinistramente nos corredores rochosos. O ouro estava sendo pulverizado com água para remover o sal corrosivo das minas, e o poço principal que levava ao elevador estava até os joelhos com a água que escorria. Soldados corriam em todas as direções, carregando pilhas de dinheiro, sacolas de ouro e artes antigas, e era só isso que Stout podia fazer para impedir seus homens de sumirem no meio da confusão e não voltarem mais para trabalhar.

Às 00:05, cinco minutos depois da meia-noite, no dia 16 de abril, Stout reportou “todos os quadros ao nível do solo, em três lugares. Todas as caixas de gravuras no nível do solo em dois lugares. Obras em caixotes no subsolo de certa forma rearrumadas e empilhadas em parte prontas para serem carregadas no poço do elevador”.^[18] O carregamento em Ransbach começou às 8:30; o carregamento em Merkers meia hora depois, com 75 homens e cinco oficiais. Às 13 horas, prisioneiros de guerra foram trazidos para ajudar na operação. Às 21 horas todos os quadros estavam carregados. Stout foi para a mina de Dietlas, alcançada por uma passagem subterrânea a partir do poço principal em Merkers, e encontrou equipamentos fotográficos, quadros modernos e prateleiras de arquivos. Um conjunto de Weimar estava marcado 933-1931, mil anos de história municipal. “Inspeção concluída às 23 horas”, ele escreveu. “De volta a Merkers, jantar, relatar.”^[19]

O comboio das artes – 32 caminhões de 10 toneladas com escolta de infantaria motorizada e cobertura aérea – partiu para Frankfurt às 8:30. Chegou às 14 horas. Stout anotou apenas “descarregamento complicado. L. Kirsten uma grande ajuda. Tudo manuseado por 105 prisioneiros de guerra em mau estado de saúde. Armazenagem em arranjos temporários oito salas nível do porão, uma sala grande no subsolo”. O inventário de Stout relacionava 393 quadros (desencaixotados), 2.091 caixas de gravuras, 1.214 caixotes e 140 têxteis, representando a maior parte da coleção de arte estadual prussiana. “Tarefa concluída e área garantida às 23:30.”^[20]

“A última vez que os vi”, Lincoln Kirstein escreveu em seu relato da operação, “tenente Stout estava com a expressão séria fazendo rodopiar um aerômetro giratório por todos os cantos de sua nova casa, determinando a umidade.”^[21] Ele tinha passado quase quatro dias seguidos de pé, mas, como

sempre acontecia com George Stout, o trabalho foi feito – e bem-feito.

“Me senti muito mal por não conseguir escrever para você nesses cinco dias”, Stout escreveu para Margie no dia 19 de abril, com sua usual discrição. “Eu estava realmente ocupado... Um trabalho bizarro e estranho – entrando e saindo de minas de sal 360 a 760 metros abaixo do solo. Você leu alguma coisa sobre isso nos jornais. Um erro que tivesse acontecido lá, e poderia ter sido um erro muito grave. A publicidade foi naturalmente grampeada e não posso lhe dizer mais agora.

“Estava muito quente aqui hoje, e caminhei uma hora e meia. O sol está bom e, depois da rotina exaustiva, começo a me lembrar de que sou eu mesmo e não apenas um mero conjunto de funções. Às vezes é bom ser apenas uma peça de máquina, porque aí você não sonha com um lar ou deseja delícias que não pode ter. Mas não sou mórbido. O trabalho é interessante. E tem de ser feito. E estou muito bem.”^[22] Ele termina contando-lhe sobre seu troféu adquirido em Merkers: dois casacos forrados de pele do front soviético que ele poderia usar como cobertor de campanha. Esses casacos e uma faca de paraquedista foram seus únicos suvenires.

Robert Posey, que tinha trabalhado com Stout intermitentemente em Merkers, foi ainda mais trivial sobre a operação. “Na mina de ouro, encheram meu capacete com peças de ouro americanas de 20 dólares e disseram que eu poderia ficar com elas”, ele escreveu para Alice em 20 de abril, dias depois de sair da mina. “Eu não conseguia erguê-lo do chão – continha 35.000 dólares –, então as colocamos de volta nos sacos e deixamos lá. Parece que não tenho absolutamente nenhuma ganância por dinheiro, porque não senti nenhuma emoção ao ver tanta quantidade. Seu poema significa mais para mim.”^[23]

Tinham sido semanas notáveis, mas nenhum Monuments Men estava comemorando. Se as forças aliadas ocidentais podiam topar com Merkers, podiam facilmente tropeçar com algo que fosse da mesma forma tão extraordinário e inesperado, como o Monuments Man Walker Hancock descobriria. E ainda lá adiante, em algum lugar nas mãos dos nazistas, sabia-se estarem duas grandes arcas do tesouro da arte europeia saqueada: a nata do patrimônio artístico francês, segundo Rose Valland, armazenada no castelo de Neuschwanstein; e a câmara do tesouro de Hitler escondida em Altaussee, nos

Alpes Austríacos, que continha muitas das maiores obras de arte do mundo.

Seção

IV

O VAZIO



Sal

ALTAUSSEE, ÁUSTRIA

1100-1945

O s Alpes, a mais alta e escarpada cadeia de montanhas da Europa, erguem-se cerca de 1600 metros acima do nível do mar, ao longo da fronteira entre a Áustria e a Alemanha. Eles formam uma região de picos rochosos íngremes, cheia de montanhas coroadas de neve e chalés pitorescos. A estrada que sai de Salzburgo – o ponto de entrada mais importante de quem vem do norte – segue em curvas fechadas subindo e descendo para vales verdes profundos e arborizados, cada um aparentemente mais distante do que o outro. Por quilômetros, as florestas são tão fechadas que não há nada para se ver, além das árvores. Então, de repente, surge um lago alpino e, do outro lado, uma cidade parecendo um biscoito decorado, com telhados pontudos e decorações esculpidas, encravada na encosta de uma montanha. A mais ou menos 70 quilômetros de Salzburgo fica o Pötschen Pass. A estrada sobre ele é tão íngreme, contorcida e precária que se torna quase imprópria para carros, mas ele acaba se nivelando em um alto vale alpino, no final do qual está o minúsculo vilarejo de Bad Aussee e, finalmente, poucos quilômetros mais adiante, enfiado nas margens de outro espetacular lago alpino, o vilarejo ainda menor de Altaussee.

Dali, a estrada começa a subir tão íngreme que, em comparação, Pötschen Pass parece uma ladeira suave. Ao longo da estrada corre um rio alpino claro, ruidoso, e mais adiante ficam as imensas montanhas de tirar o fôlego. São depósitos de calcário, formados nas profundezas de um mar antigo, e mesmo nos dias mais ensolarados elas são de um cinza pálido sob suas coroas de neve. Uma melancólica construção de pedra, empoleirada precariamente sobre um precipício de 300 metros, marca o início do fim. Mais além estão apenas uma construção baixa irregular e uma parede de pedras. O lado escarpado da montanha Sandling. Cavado na montanha está um pequeno túnel, a entrada

principal para uma antiga mina de sal. Diz a lenda local que se extraía sal daqui há 3 mil anos – antes da fundação de Roma, no auge do antigo império egípcio. Registros escritos locais, entretanto, datam apenas do século XII.

Naquela época, na virada do primeiro milênio, o sal era um dos fundamentos da civilização. Sem ele, a comida não podia ser preparada ou transportada; assim, sociedades inteiras sobreviveram por causa do sal. Os legionários romanos às vezes eram pagos com sal (de onde veio a palavra “salário”), e mercadores trilhavam as estradas do sal em grandes caravanas, ligando o mundo ocidental da Europa com o mundo oriental da Ásia e Arábia. No Tibet, Marco Polo notou que o sal era comprimido em tabletes com a imagem do Grande Khan impressa, e usado como dinheiro. Timbuktu, a grande civilização da África, valorizava o sal tanto quanto o ouro. Os primeiros alemães, cujos ancestrais visigodos saquearam Roma e lançaram a civilização nas trevas, dependiam economicamente de suas minas de sal e, em particular, dos impostos cobrados pelo uso de suas rotas comerciais de sal. A cidade de Munique, uma das primeiras bases de poder do Partido Nazista, foi fundada em 1158 para que fosse mais fácil para o governante da Baviera coletar um imposto sobre o sal transportado da cidade de Salzburgo (do alemão “Castelo de Sal”).

E ao longo dos séculos, enquanto cidades e impérios se erguiam e caíam, a mina de Steinberg na montanha Sandling da Áustria, logo acima do vilarejo e do lago conhecidos como Altaussee, continuava produzindo sal. O sal não era extraído com pás e picaretas, mas dissolvido pela água que fluía de tubos e calhas especiais. A água vinha da montanha lá acima, especialmente durante o degelo da primavera, e descia atravessando a mina pela força da gravidade. Ali ela era inundada com sal de rocha, depois enviada montanha abaixo até Bad Ischl, a mais de 27 quilômetros, onde a água salgada era evaporada para formar cristais puros de sal. Ficava a cargo de 125 mineiros fazer a manutenção dos canos e calhas, escorar as catacumbas contra a pressão da montanha, e garantir que o vasto labirinto de salas e túneis não se fundisse e desestabilizasse toda a estrutura.

Desde o século XIV, esse trabalho tinha sido feito por membros de um pequeno grupo de famílias, todas vivendo nas montanhas próximas à mina. Ao longo dos séculos, os humanos cresceram mais; os mineiros, porém, continuaram do mesmo tamanho e acabaram parecendo anões pelas exigências da mina e do

tempo que passavam nas entranhas da terra (tipo de alimentação e endogamia sendo as causas mais prováveis). Mesmo no início do século XX, essa pequena comunidade isolada falava um dialeto popular na Idade Média. Eles exploravam seus túneis com tochas de acetileno, e usavam as roupas de linho branco e os bonés pontudos de mineiros medievais.

Mas, no inverno de 1943-1944, a mina de sal de Altaussee foi assaltada pelo mundo moderno. Primeiro chegaram os veículos com estivas, necessários para manobras pelas estradas no inverno, quando os 5 metros de neve ficavam quase nivelados com a copa das árvores. Atrás deles vieram os jipes de abastecimento e, no final, uma fila aparentemente interminável de caminhões indo e vindo pelas íngremes passagens na montanha. Oficiais nazistas invadiam as minas como guardas. Operários chegavam, expandindo catacumbas e construindo pisos de madeira, paredes e tetos em dezenas de câmaras de sal. Prateleiras gigantescas de madeira eram montadas em oficinas enfiadas bem fundo da montanha e armadas a golpes de martelo – em alguns lugares com a altura de um prédio de três andares. Especialistas e escreventes mudaram-se para lá; uma oficina foi construída no fundo da mina para que os técnicos pudessem trabalhar e até viver dias seguidos. E foi tudo feito em prol da arte.

Museus vienenses tinham sido os primeiros a armazenar seus tesouros artísticos em Altaussee, mas a mina foi logo requisitada por Hitler para seu uso pessoal. Preocupado com os crescentes raids aéreos dos Aliados, o Führer ordenou que todos os tesouros destinados a seu grande museu em Linz, espalhados até aquele momento em vários locais, ficassem bem escondidos. Não foi apenas a distância ou a relativa conveniência para chegar a Linz – que ficava apenas a uns 160 quilômetros – que fizeram de Altaussee o lugar ideal. Cavada em linha reta para dentro de uma montanha maciça, a mina horizontal era inexpugnável a ataques aéreos – mesmo que os bombardeiros pudessem localizá-la na vasta cadeia de montanhas Sandling. O sal nas paredes absorvia o excesso de umidade, deixando-a constante, em 65%. A temperatura variava apenas entre 4,5 graus (no verão, quando a mina era mais fresca) e 8 graus (no inverno). O ambiente ajudava a preservar os quadros e gravuras, e objetos de metal, tais como armaduras, podiam ser facilmente protegidos do efeito corrosivo com uma fina camada de lubrificante ou gelatina. Ninguém, nem mesmo Hitler, poderia ter

imaginado um esconderijo natural melhor para toneladas de produtos de saques roubados.

E ainda assim, os mineiros continuavam seu trabalho como tinham feito durante mil anos, desviando água para corredores vazios, derramando seu sal de rocha montanha abaixo até Bad Ischl. Mesmo enquanto os objetos de arte continuavam chegando ao longo de 1944 e até 1945, os mineiros trabalhavam. Com frequência eram convocados para ajudar a descarregar as cargas, muitas com o selo “A. H., Linz”. De maio de 1944 a abril de 1945, mais de 1.687 quadros chegaram de Führerbau, o escritório de Hitler em Munique. No outono de 1944, o Retábulo de Gand foi transferido de Neuschwanstein. A Madona de Bruges, de Michelangelo, chegou logo depois, tendo sido transportada da Bélgica de barco, em outubro de 1944.

No dia 10 de abril de 1945, e de novo três dias mais tarde, em 13 de abril, mais oito caixotes foram levados para dentro da mina. Eram propriedade não dos líderes nazistas em Berlim, mas de August Eigruber, o gauleiter (governador) nazista local. Os caixotes estavam marcados “Vorsicht – Marmor – nicht stürzen”. Atenção – Mármore – Não deixar cair.^[1] Mas eles não continham estátuas, como os mineiros que os transportaram para o fundo da mina supunham. Gauleiter Eigruber, um nazista austríaco fanático, era um entusiasta em seu apoio ao Decreto Nero de Hitler. Os caixotes não continham obras de arte, mas 500 quilos de bombas. Cada um era grande o suficiente para caberem confortavelmente seis homens. Eigruber estava determinado a destruir a mina... E seus inestimáveis conteúdos.

O supremo-comandante aliado, general Dwight Eisenhower, examinou o mapa da Alemanha com apreensão. A travessia do Reno pelas forças aliadas ocidentais, combinada com o avanço do Exército Vermelho até o Rio Oder, havia selado o destino da Alemanha. Churchill, entre outros, estava insistindo com os Aliados ocidentais para que considerassem objetivos pós-guerra, o que a curto prazo significava, acima de tudo, chegar a Berlim antes dos soviéticos. Eisenhower havia concordado de início, mas as circunstâncias em solo o estavam

levando a reavaliar a prudência de uma marcha sobre Berlim. Em uma coletiva à imprensa no dia 27 de março, perguntaram a Eisenhower se ele achava possível até que essa marcha se realizasse. Os Aliados ocidentais ainda estavam a 320 quilômetros da capital alemã; os soviéticos estavam a apenas 48 quilômetros. “Bem”, Eisenhower admitiu, “penso que apenas a quilometragem deverá possibilitar isso (aos soviéticos).” [2]

Mas não era com o Exército Vermelho que ele estava preocupado. Os alemães, embora talvez condenados, estavam longe de derrotados. A Wehrmacht ainda estava combatendo em todos os fronts, com uma sólida fortaleza às costas: os Alpes.

Durante meses, muitos planejadores de guerra Aliados ocidentais tinham suposto que a região da fronteira austro-germânica – a área de Salzburgo ao norte, Linz a leste, e o Passo de Brenner perto da fronteira italiana no oeste – seria o último baluarte do nazismo. A região, território natal de Hitler, era conhecida por conter reservas de armas e alimentos, e acreditava-se estar repleta de posições defensivas entrincheiradas, fortificadas. Como um relatório SHAEF havia resumido a situação: “A área é, em virtude de seu terreno, quase inexpugnável.”[3]

O temor de Eisenhower e de seus mais altos conselheiros, como o general Bradley, era que Hitler escapasse de Berlim e fosse se refugiar nas montanhas. Agentes do serviço secreto confirmaram que, durante semanas, divisões de primeira ordem da SS tinham se movimentado para o sul de Berlim, para o oeste do front russo e para o norte do teatro italiano. Pareciam estar convergindo para Berchtesgaden, a pequena cidade na montanha onde Hitler e seus principais assessores tinham casas de verão e onde, com frequência, conduziam negócios do governo. Com Hitler no leme – ou mesmo sem ele –, Eisenhower temia até que um número modesto de tropas bem treinadas, resistentes, isoladas nas montanhas próximas pudesse deter as forças aliadas durante anos.

Eisenhower desprezava os alemães. Ele os culpava pela guerra e por sua destrutividade muitas vezes desumana. E ainda estava contendo sua indignação com o campo de trabalhos forçados em Ohrdruf, onde estivera com alguns de seus generais no mesmo dia de sua visita a Merkers. “O que vi é indescritível”, ele escreveu a seu chefe, o general Marshall. “Visitando o campo, encontrei três

homens que tinham estado reclusos ali e que, por um stratagem ou outro, conseguiram escapar. Eu os entrevistei com a ajuda de um intérprete. A evidência visual e o testemunho verbal de fome, crueldade e bestialidade eram tão esmagadores a ponto de me embrulhar o estômago. Em uma das salas, onde eles empilharam vinte ou trinta homens nus, mortos de fome, Patton nem conseguiu entrar. Disse que vomitaria se entrasse. Eu fiz a visita deliberadamente, a fim de estar em posição de dar testemunho em primeira mão de tudo isso se um dia, no futuro, surgir uma tendência a acusar de mera ‘propaganda’ essas afirmações.”^[4] Ele escreveu com mais simplicidade para sua mulher, Mamie: “Jamais sonhei que tamanha crueldade, bestialidade e selvageria pudesse existir neste mundo! Foi horrível.”^[5] Eisenhower não pretendia dar aos nazistas qualquer refúgio ou ponta de esperança.

Em 12 de abril de 1945, no mesmo dia em que estive em Merkers e Ohrdruf, o supremo-comandante aliado disse ao general Patton que o III Exército dos Estados Unidos iria se virar para o sul, em direção a Nuremberg e Munique. Sua principal tarefa agora era proteger o sul da Alemanha e expulsar dos Alpes os nazistas restantes.

Patton discordou com veemência.

– É melhor tomarmos Berlim, e rápido – ele argumentou –, e seguirmos para o Oder. – A fronteira oriental da Alemanha.^[6]

Ansioso para que os americanos conquistassem o grande prêmio da guerra, Patton alegava que o III Exército dos Estados Unidos poderia alcançar Berlim em 48 horas.

Eisenhower contrapôs dizendo que era verdade que os Aliados ocidentais poderiam tomar Berlim, mas duvidava que pudessem chegar lá primeiro. E se chegassem, quem ia querer isso? General Bradley estimava que o esforço para capturar a cidade resultaria em 100 mil baixas – um preço muito alto para um “objetivo de prestígio”.^[7]

Assim, em abril de 1945, o III e o VII Exércitos americanos se viram seguindo não para o leste, no sentido de Berlim, mas para o sul, em direção à Áustria e o último refúgio dos nazistas, uma área conhecida no jargão militar como o “Reduto Alpino”. Somente os Monuments Men – e em particular Robert Posey, Lincoln Kirstein e James Rorimer, os homens designados para

esses exércitos – compreenderam que a decisão de Eisenhower havia colocado em seu caminho os dois depósitos de arte mais importantes da Pátria-Mãe alemã: Neuschwanstein e Altaussee. Mas nem eles sabiam das intenções do gauleiter August Eigruber, ou das tropas SS em retirada de Hitler.

Horror

CENTRO E SUL DA ALEMANHA

SEGUNDA SEMANA DE ABRIL DE 1945

Walker Hancock sentiu, mais uma vez, como se tivesse entrado em outro mundo. O I Exército americano estava avançado a leste pela Alemanha central, atravessando uma área escassamente povoada e de densas florestas. A Wehrmacht havia se dissolvido, exceto pelo ocasional ataque de morteiros ou leve fogo de artilharia, e muitos dos vilarejos pareciam intocados. Na verdade, alguns estavam cobertos de entulho militar e até prédios e casas destruídos, mas em comparação com o que Hancock tinha visto perto da fronteira alemã, esse mundo parecia inteiro. “Nós deixamos para trás a área de total destruição”, ele escreveu a Saima, “portanto errei em minha suposição de que jamais veria uma cidade na Alemanha que não estivesse destruída.” [1]

Ele lamentava, entretanto, por ter se tornado emocional e fisicamente desprendido. “O Exército está se movendo tão rápido que nossas paradas agora são como as de uma companhia de espetáculos itinerante”, ele escreveu em outra carta para a mulher. “É estranho estar presente em um lugar como este e não ter permissão para entrar em sua vida no mínimo grau. Como estar em uma garrafa térmica, olhando para o mundo lá fora.”[2]

Ele parecia não perceber que seu entorpecimento era talvez não só o endurecimento inevitável do homem combatente, mas uma tentativa deliberada de se distanciar do mundo alemão. O campo de concentração em Buchenwald tinha sido libertado pelo III Exército dos Estados Unidos no dia 12 de abril de 1945. Walker Hancock estivera na cidade de Weimar quando chegou até ele a notícia dos horrores que haviam ocorrido a poucos quilômetros dali. Ele ouviu pela primeira vez descrições de campos de morte e câmaras de gás e ficou com o estômago embrulhado com as histórias de sobreviventes raquíticos encurvados sob os corpos de seus amigos e entes amados. Era inumano. Além da

compreensão. Hancock sentiu que a visão de tamanho horror o mudaria para sempre – este homem que viu flores desabrochando da destruição – e decidiu deliberadamente não visitar o campo.

“Vários de nossos oficiais foram ver os campos”, ele escreveu. “Eu não fui porque uma boa parte de meu trabalho dependia de relações cordiais com civis alemães, e temi que, ao ver os horrores do campo, meus próprios sentimentos em relação até mesmo a estas pessoas inocentes fossem afetados. (Vários de nossos oficiais que foram não conseguiram comer durante algum tempo depois; alguns sobreviveram durante dias só à base de uísque.)”^[3]

Dias depois, ele teve uma chance de se encontrar com seu amigo, um capelão judeu. O capelão tinha estado recentemente em Buchenwald para realizar um serviço religioso pelos sobreviventes, o primeiro desde a internação. A história que o capelão contou foi “de partir o coração – de uma emoção indescritível”, especialmente quando ele mencionou a angústia pela falta de uma Torá.

– Eu não tinha ideia de onde conseguir uma – ele lamentou. – Tinham sido todas destruídas.

– Nem todas – Hancock disse. Ele tinha uma em seu escritório; fora trazida naquele mesmo dia de um quartel-general da SS.

– Um milagre – o capelão disse, antes de sair correndo para Buchenwald com o códice.

– Logo ele estava de volta a meu escritório – Hancock escreveu – para me dizer como ele tinha sido recebido, as pessoas chorando, estendendo a mão para pegar, beijando, tomadas de alegria pela visão do símbolo de sua fé.^[4] – Walker Hancock tinha de novo encontrado sua rosa nas ruínas, mas a que custo?

Felizmente, o trabalho do Monuments o mantinha tão ocupado que ele nunca precisou considerar essa questão. O Exército movia-se rapidamente para um encontro com o Exército Vermelho em Dresden e, ainda sem um assistente, isso era tudo que Hancock podia fazer para completar o básico de sua atribuição. Seus dias de 16 horas, ele contou a Saima, eram passados metade no “sofrimento de ver a beleza desnecessariamente destruída por aqueles dos quais tínhamos esperado demonstrar mais sinais de serem civilizados”, e metade na alegria de ver os dias primaveris retornando às cidades rurais alemãs.^[5] De noite, ele ficava acordado na cama pensando em sua recente esposa, e na casa que eles um dia

comprariam juntos, e nos monumentos que ele simplesmente não encontraria tempo para visitar, e na absurda quantidade de café que tinha consumido, mas o café era tudo que o mantinha funcionando às vezes.

“Como posso descrever a estranha, muito estranha, combinação de experiências que cada dia este lindo lugar traz?”, ele escreveu a Saima. “Os olhos têm um contínuo banquete. É final da primavera. Há árvores floridas por toda a parte e o encanto das cidadezinhas românticas e o campo com castelos de contos de fadas é realçado por toda essa frescura. E no meio disso tudo – milhares de estrangeiros sem teto vagando em bandos patéticos. Alemães de uniforme, a maioria faltando braços e pernas – ou mais. Crianças que são cordiais, outras mais velhas que odeiam você, crimes continuamente no primeiro plano da vida. Uma profusão, miséria, recriminações, simpatia. Tudo um quadro exagerado do estilo de vida feito pelo homem em um mundo feito por Deus. Se tudo isso não prova a necessidade do Paraíso, eu não sei o que significa. Acredito que toda essa beleza transparecendo em meio ao entulho e à destruição seja apenas prenúncio das alegrias para as quais fomos feitos.”^[6]

Mais ao sul, Lincoln tinha entrado em uma de suas fases de mau humor. A energia e o otimismo que sentira antes de Merkers desapareceram. Como Hancock, ele havia evitado Buchenwald quando Posey ali estivera no dia seguinte à sua libertação. Mas não havia como fugir ao horror. Estava no ar que ele respirava, no solo alemão sobre o qual caminhava. Em sua mente, ele podia ver as marcas na poeira por onde os sobreviventes tinham sido arrastados para fora dali. Posey tinha visto homens morrerem diante de seus olhos dos efeitos do tratamento que receberam. Estavam em um tal estado de inanição que não conseguiam digerir a carne que os soldados americanos lhes davam para comer. Simplesmente caíam, com as mãos no estômago, de dor. Só de escutar isso em segunda mão dava para fazer um homem adulto querer agarrar o próprio estômago e cair no chão.

Não adiantava ele ter entrado no “vazio”, um mundo definido pela anarquia, aparentemente sem lógica ou regras. O governo nazista estava em colapso; o

Exército alemão estava dividido; não havia nada parecido com autoridade ou estrutura social. Ele sabia que era uma situação temporária, um intervalo entre o fim de uma realidade e o início de outra. *Götterdämmerung*, eles chamavam em alemão, o período em que o duelo dos deuses dá um fim ao mundo. Os vilarejos estavam em fogo, os civis de pé nas ruas esperando que lhes dissessem o que fazer em seguida. Com frequência, juntavam-se a eles soldados alemães de uniforme esperando ser capturados ou conduzidos, seja o que fosse. E no entanto a guerra continuava. Sem uma linha de frente, sem um jeito de distinguir amigo de inimigo. Os dias passavam sem incidentes, e então, do nada, a Wehrmacht estava entrincheirada debaixo de uma ponte ou a estrada era atacada por tiros de metralhadora. E por toda parte havia destruição.

“É sempre mais da mesma total aniquilação das áreas centrais de qualquer cidade que tivesse o mais leve interesse”, Kirstein escreveu. “A maioria dos memoriais no interior recebeu proteção do *Kunstschutz* e vai se dar bem, mas os palácios barrocos e igrejas que eram as verdadeiras glórias das regiões ao sul [da Alemanha] tiveram seus interiores destruídos e não são nem mesmo ruínas românticas. Eu me pergunto o que eles vão inventar para reconstruir as cidades, onde o entulho tem 6 metros de profundidade, onde eles não possuem máquinas ou efetivo, e onde não podem se mudar para os subúrbios que estão em condição tão ruim ou pior.”^[7]

Ele não sentia pena. Tinha praticamente parado de tentar aprender alemão, ele admitiu, porque não queria mais nada com o povo alemão. Não tinha simpatia por eles, e ressentia-se de cada minuto passado no país deles. Ele sabia que vazio era um intervalo de tempo, a última fase de um longo e doloroso turno de serviço, mas isso não significava que ele pudesse ver um fim.

“O pior disso”, ele escreveu para a irmã, “é que nem haverá uma meia-paz durante cinco anos, e até no que diz respeito à Alemanha acho que eles lutarão por algum tempo. Apesar do colapso da Wehrmacht e dos jornais triunfantes, até agora não tem nenhum lugar onde uma grande quantidade de pessoas não tivesse morrido para vencer... Esperando ver você antes do início de meu salário de militar reformado.”^[8]

E, no entanto, apesar de seu desgosto pelo povo alemão, Lincoln Kirstein estava horrorizado com a destruição da cultura alemã. A visão dos monumentos

incendiados, e especialmente os fragmentos de edifícios que de alguma forma tinham sobrevivido, o deixavam nauseado. “A horrível destruição das cidades alemãs deveria, eu suponho, nos encher de imenso orgulho”, ele escreveu:[9]

Se um dia a vingança mosaica foi cobrada, veja, aqui está. Os olhos e os dentes, piscando e rangendo em hipnótica catástrofe. Mas os construtores do Kurfürstliches Palais, do Zwinger, das grandes casas de Schinkel, e os mercados das grandes cidades alemãs não foram os carrascos de Buchenwald ou Dachau. Nenhuma época na história produziu tantas ruínas preciosas. Certamente, elas são filigranas, e delicadas em comparação com a antiguidade, mas o que lhes falta de romantismo e escala é compensado pela extensão da área que cobrem...

De pouco adianta tentar imaginar agora o que pode no final ser feito – as cidades devem ser reconstruídas em torno do foco de catedrais sobreviventes, pode a Igreja reunir forças suficiente para restaurar? E de onde virão o transporte, a gasolina, o potencial humano, os materiais para remover totalmente as ruínas sólidas, mesmo antes que se possa considerar qualquer obra de reconstrução?...

Para fazer um resumo impreciso: provavelmente as coleções do Estado e as particulares de objetos portáteis não sofreram danos irreparáveis. Mas o fato de os nazistas sempre terem tido a intenção de vencer a guerra, não contando com retaliação ou derrota, é responsável pela destruição da face monumental da Alemanha urbana. Menos grandiosa do que a Itália, menos nobre do que a França, eu pessoalmente a comparo à perda das igrejas de Wren na cidade de Londres, e isso é elegância demais para retirar da face da terra.

O gauleiter

ALTAUSSEE, ÁUSTRIA

14-17 DE ABRIL DE 1945

O escritório de August Eigruber, em Linz, estava repleto de suplicantes. Quando o Dr. Emmerich Pöchmüller, diretor-geral das operações de mineração de Altaussee, forçou sua passagem no meio da multidão, viu não apenas homens de negócios mas comandantes do Exército e oficiais da SS. Todos gesticulando e clamando por uma audiência com o gauleiter. Um deles era um velho amigo, o diretor da usina elétrica em Oberdonau (distrito do Alto Danúbio). O pobre homem, Pöchmüller notou, parecia suado e pálido.

– Ele vai explodir a usina elétrica – o homem disse.

O coração de Pöchmüller quase parou de bater.

– Você está aqui para convencê-lo do contrário, não está?

– Estou. E você?

– Estou aqui para convencê-lo a não explodir a mina de sal. ^[1]

No dia 14 de abril de 1945, Pöchmüller tinha descoberto que os caixotes de Eigruber continham bombas, não mármore. Ele havia ligado para o gauleiter para reclamar, mas ninguém atendeu. Dois dias depois, o assessor de Eigruber havia ligado para dizer que a decisão do gauleiter era final. As minas seriam destruídas.

No dia 17 de abril, Pöchmüller decidiu ir de carro até Linz. Afinal de contas, novas ordens de Albert Speer tinham afirmado que a destruição não seria necessária se as instalações pudessem ser “desativadas” e tornadas inúteis para o inimigo. Em seguida, Martin Bormann, assistente pessoal de Hitler, confirmou por radiograma – depois que Pöchmüller apelou para seu assistente Dr. Helmut von Hummel – o desejo do Führer de que “os objetos de arte não deveriam de modo algum cair nas mãos do inimigo, mas em hipótese alguma seriam destruídos”.^[2] Certamente, esta era razão suficiente para Eigruber afrouxar. Mas

agora que Pöchmüller estava no gabinete do gauleiter, ele percebeu que todos no distrito de Oberdonau tinham uma razão para que suas próprias instalações em particular fossem salvas. O que provavelmente significava que nenhuma delas seria.

No final, ele conseguiu cinco minutos. Eigruber não lhe ofereceu uma cadeira. O gauleiter era metalúrgico por formação e um fervoroso e fiel adepto do partido, tendo sido um dos membros fundadores da Juventude Hitlerista da Alta Áustria. Aos 29 anos de idade, ele era o líder do distrito. Sua lealdade era ao Führer, ou pelo menos ao homem que ele sabia que o Führer era: uma força para aniquilação, sem piedade ou remorso. Eigruber desconfiou das ordens “impuras” de Speer e de outros que atenuariam o Decreto Nero do Führer. Era inconcebível para ele, um homem que havia malhado ferro nas fábricas da Áustria rural, que o Führer fosse fazer exceções, especialmente para a preservação de obras de arte. Se as ordens de Berlim fossem confusas ou contraditórias, então era direito de August Eigruber – não, seu dever – interpretá-las. E ele conhecia a mente de Hitler. O grande homem não havia pregado a destruição durante toda a sua vida? Dos judeus, dos eslavos, dos ciganos, dos doentes e inválidos? Não havia corajosamente ordenado o extermínio deles, uma ordem obedecida com entusiasmo por Eigruber no campo de concentração de Mauthausen-Gusen e por milhares de outros nos campos espalhados por toda a Europa oriental? Não havia ele condenado a corrupta, degenerada natureza da arte moderna? Não havia queimado objetos de arte em uma grande pira no centro de Berlim? Não havia destruído Varsóvia e Rotterdam, em vez de permitir que caíssem em mãos inimigas? Não havia deixado uma cicatriz no rosto da Florença rica em artes? Não fosse esse tolo e fraco general von Choltiz, Paris seria uma ruína devastada por doenças. Eigruber estava determinado, em seu domínio pelo menos, a não deixar prevalecer a fraqueza. Absolutamente nada de valor, ele jurou, cairia nas mãos do inimigo. Ele jamais duvidou da aprovação de seu Führer.

“Faça o que achar absolutamente necessário”, Eigruber disse, quando Pöchmüller continuou falando a respeito da área de explosão das bombas. “O ponto principal é a total destruição. Nós não arredaremos pé quanto a isso.”^[3]

A mina castigada

HEILBRONN, ALEMANHA

16 DE ABRIL DE 1945

James Rorimer finalmente chegou à cidade de Heilbronn, no sul da Alemanha, seu primeiro objetivo como oficial do Monuments para o VII Exército dos Estados Unidos, no dia 16 de abril de 1945. A viagem tinha sido, para não dizer coisa pior, um completo desastre. O VII Exército havia saltado o Rio Reno e estava movendo-se tão rápido que ninguém tinha certeza de onde se localizavam atualmente seus quartéis-generais. O Escritório de Transportes Ferroviários o havia encaminhado primeiro para Lunéville, depois um oficial recomendou que ele fosse para Sarrebourg, que era o final da linha. Um pracinha solidário escutou sua história e o levou até Worms em seu caminhão de duas toneladas e meia. Dali, ele pegou uma carona até o quartel-general do Governo Militar, onde foi informado de que o VII Exército estava agora ao sul de Darmstadt, do outro lado do Reno. “Eu estou esperando o senhor há meses”, o tenente-coronel Canby falou bruscamente quando ele se apresentou no quartel-general do VII Exército. “Eu concordei com a ordem para designá-lo para este quartel-general em janeiro.”

“Não há necessidade de trabalho de preservação de monumentos por aqui”, Canby disse bem claro a Rorimer, depois que ele se acomodou. “As Forças Aéreas militares destruíram totalmente todas as principais cidades no sul da Alemanha, e nossas tropas de solo estão cuidando do resto. Sua tarefa, no que me diz respeito, é localizar artes saqueadas dos países aliados ocidentais. O III Exército já teve mais do que seu quinhão de publicidade” – referindo-se a Merkers, que ainda estava ocupando as manchetes internacionais – “e está na hora de o VII Exército ter uma ou duas minas para si mesmo.” [1]

Rorimer entendeu o que Canby queria dizer com total destruição quando se aproximou de Heilbronn. Elementos da VI Unidade do VII Exército tinham

chegado à cidade em 2 de abril, o dia em que George Stout e Walker Hancock entraram na mina em Siegen. Eles tinham atravessado rápido os centros industriais do centro-sul da Alemanha a caminho de Stuttgart, e esperavam pouca resistência dessa típica cidade de tamanho médio. Heilbronn era apenas mais uma cidade destruída, eles imaginavam, despedaçada pelos ataques aéreos britânicos; um raide devastador em dezembro de 1944, em particular, tinha destruído 62% da infraestrutura e matado 7 mil civis, inclusive mil crianças com menos de dez anos de idade.

Mas as aparências podiam enganar, especialmente no vácuo do sul da Alemanha. Quando o VII Exército tentou atravessar o Rio Neckar na manhã do dia 3 de abril, a cidade destruída explodiu de vida. O Neckar tinha 100 metros de largura e a Wehrmacht, escondida nas colinas a leste da cidade, tinha linhas de visão perfeitas dos lerdos barcos de ataque. Continuamente os barcos eram afundados ou forçados a voltar. Quando os engenheiros militares tentaram lançar uma ponte flutuante, os “Jerries” a removeram com fogo de morteiros, afundando dois tanques. Os que conseguiam chegar à margem oposta eram encurralados pelo fogo inimigo. Os morteiros alemães disparavam a cada três minutos, com mais frequência quando os alvos se mostravam no rio ou na margem. Quando os soldados entravam furtivamente nas ruas, descobriam que seus cidadãos irados haviam formado barricadas com o entulho de suas casas e empresas, e tropas alemãs de elite haviam tomado posições defensivas ao longo de todas as linhas. Durante nove dias, a cidade foi sítio de uma das batalhas mais brutais da guerra, quando o VII Exército combateu abrindo caminho quarteirão a quarteirão, depois casa a casa, e aí sala a sala pela cidade em colapso.

James Rorimer, preso em Paris a maior parte do tempo em que esteve na Europa, não tinha visto nada parecido com o que sobrara desde sua inspeção de Saint-Lô, na Normandia. “O que você lê nos jornais não é exagero”, ele escreveria à sua mulher. “As cidades-fantasma são fantásticas. Elas estão particularmente mal logo depois de terem se rendido.”^[2]

Um caminho tinha sido limpo; todas as outras ruas pareciam intransponíveis. A não ser pelos buldôzeres aliados trabalhando para remover o entulho, a cidade estava deserta. Dos alemães, parecia que só restavam os mortos. O fedor tomava conta de tudo.

De acordo com o serviço secreto alemão capturado, os objetos de arte podiam ser encontrados na mina de sal da cidade, cuja superestrutura – uma grade de metal que sustentava os mecanismos de elevadores – era visível a 1,5 quilômetro de distância. Rorimer se deslocou com dificuldade pela Rua Sal, depois Praça Salinas e finalmente Rua Terreno de Sal, onde conseguiu pela primeira vez avistar o prédio de concreto e tijolos que abrigava o poço da mina. O combate tinha sido selvagem: vários prédios ainda fumegavam. Mas havia pessoas nas ruas, encurvadas e derrotadas mas ainda vivas. Rorimer parou o carro ao lado de dois homens e perguntou sobre a mina.

Eles balançaram as cabeças.

– Russo – disseram. Eram trabalhadores escravos soviéticos.

– Deutsch? – ele perguntou. Conheciam alguém que falasse alemão?

Eles sacudiram os ombros. Quem sabia qualquer coisa atualmente?

Rorimer finalmente localizou duas mulheres alemãs aterrorizadas em um complexo habitacional para funcionários. Os nazistas queriam que a mina fosse destruída, as mulheres lhe contaram.

– Nós podemos viver sem os nazistas – disseram –, mas não podemos viver sem sal.

Havia 32 quilômetros quadrados de sal que podiam ser extraídos debaixo de Heilbronn, o suficiente para empregar gerações. Isto não era algo que os mineiros estivessem dispostos a destruir; os nazistas, felizmente, estavam preocupados com outras coisas. No final, a selvageria da batalha salvou a mina.

Mas ainda havia a água.

A mina, escavada em uma profundidade média de 182 metros, consistia de dezenas de grandes câmaras em dois níveis, um sobre o outro. Uma boa parte do extenso sistema de túneis ficava sob o Rio Neckar. A água escorria em filetes continuamente pelas fendas nas pedras. Essa água tinha de ser bombeada para fora oito horas por dia para impedir que a mina ficasse inundada, mas como a energia fora cortada, as bombas não funcionavam. A falta de energia também desativara o único elevador. Ninguém tinha entrado na mina, mas as mulheres supunham que naquela altura dos acontecimentos o nível inferior estivesse cheio de água.

Rorimer havia previsto uma parada rápida. Havia numerosos depósitos na

estrada para Neuschwanstein, e ele não podia se dar o luxo de ficar muito tempo em cada um deles. Mas Heilbronn, ele percebeu, era um desastre em formação, e valia o investimento de tempo. Portanto, ele foi imediatamente até o quartel-general do Governo Militar com o prefeito de Heilbronn para arrumar uma equipe de engenharia. Tudo que o Exército faria era colocar um guarda. Então, no dia seguinte, ele voltou ao quartel-general em Darmstadt, onde o coronel lhe disse claramente:

– Ninguém pode ser dispensado. A mina é responsabilidade sua. Dê um jeito nela você mesmo.

O VII Exército queria a glória de um depósito importante, mas não queria ceder mais do que um único homem – James Rorimer – para protegê-lo.

Rorimer voltou a Heilbronn, onde apelou diretamente ao prefeito. O prefeito enviou mensageiros para acharem o engenheiro-chefe da mina e seu vice-diretor, Dr. Hans Bauer, que tinham fugido da cidade. Bauer confirmou que a mina tinha sido usada como um depósito de arte, mas seus diretores não ficaram com nenhum inventário. Bauer lembrava de um famoso Rembrandt, São Paulo na prisão, e os vitrais da catedral de Strasbourg, na França, entre outras coisas. E embora o vazamento de água fosse um sério problema – o Neckar vazava 100 mil galões de água para dentro da mina todos os dias –, ele garantiu a Rorimer que aqueles objetos talvez ainda pudessem ser salvos. Eles estavam no nível superior, que provavelmente levaria dias para ficar inundado, talvez até semanas.

– Tem certeza?

– Não, mas tem como descobrir.

Bauer conduziu Rorimer por um buraco no chão do prédio da mina.

– Nossa saída de emergência – disse.

Na lateral do buraco havia uma escada franzina, instável. Não mais do que 3 metros lá para dentro, a escada desaparecia na escuridão.

– Até onde ela alcança?

– Cento e oitenta e dois metros.

Rorimer ficou olhando para a escuridão, pensando se uma excursão pela mina seria mesmo necessária.

– Você escutou isso? – disse.

Eles espiaram pelo buraco, depois se afastaram quando dois homens sujos e

molhados emergiram do escuro.

– Soldado Robert Steare, Companhia B, 2826 de Engenheiros, senhor. – Um deles bateu continência.

Era apenas um garoto.

– O que estava fazendo lá embaixo, filho?

– Explorando a mina, senhor. Com um dos mineiros.

– Com ordem de quem?

– De ninguém, senhor.

Rorimer ficou olhando para seu rosto sujo e exausto, imaginando por que um garoto assumiria a responsabilidade de descer 183 metros em uma mina saqueada. Insensatez e bravura típicas da juventude, ele supôs.

– O que você viu?

– Não tem nada funcionando lá embaixo, senhor. Um breu. Está tudo coberto por 90 centímetros de água, inclusive as bombas. Há salas de armazenamento trancadas no final do corredor. Não tentamos abri-las.

– Algum indício do que tem lá dentro?

– Uma delas dizia “Strasbourg” escrito a giz. Outras, “Mannheim”, “Stuttgart” e “Heilbronn”. Mas foi só o que vimos.

– E a água chegou até elas?

– Ah, sim, senhor, tem água por toda parte.

Bauer levou duas semanas, até 30 de abril, para implementar um plano de trabalho viável. Os motores a vapor sobressalentes não estavam muito danificados, e havia carvão suficiente para fazê-los funcionar por alguns meses. Depois de reparos e ajustes, eles puderam operar os elevadores e as caçambas, que eram as bandejas que transportavam o sal do fundo da mina para a superfície. Modificando as caçambas e soldando um enorme balde no fundo da plataforma do elevador, era possível retirar a água da mina. Não interromperia o vazamento, mas manteria o nível da água baixo enquanto as bombas e a usina elétrica fossem reparadas. Diante das circunstâncias, era uma solução elegante. Na cidade morta de Heilbronn, havia uma única besta viva e roncando: as mãos de ferro da mina de sal, rebocando água para proteger as artes.

Quando o plano foi implementado, James Rorimer não estava mais lá. O VII Exército estava se aproximando de Munique, e ele não tinha tempo a perder.

Último aniversário

BERLIM, ALEMANHA

20 DE ABRIL DE 1945

No dia 20 de abril de 1945, o 56º e último aniversário do Führer, a elite nazista reuniu-se rapidamente na Chancelaria do Reich para uma comemoração combinada às pressas e uma série de “adeuses”. A maior parte da hierarquia do partido desejava estar em qualquer outro lugar, menos em Berlim. Podia ser o aniversário do Führer, mas estava longe de ser uma ocasião festiva. Naquele dia, as tropas aliadas ocidentais haviam tomado Nuremberg, a primeira base de operações do Partido Nazista, e erguido a bandeira americana sobre o estádio onde os nazistas antes encenavam os imensos espetáculos dos comícios anuais. A casa do legendário artista alemão do século XV, Albrecht Dürer, tinha sido seriamente danificada; os andares superiores do prédio que abrigara um dos objetos mais queridos de Hitler, o Retábulo de Veit Stoss – que ele tinha roubado da Polônia no início da guerra –, foram demolidos. Felizmente, o retábulo estava guardado em segurança no subsolo.

Esta salvação pode ter sido um consolo para o mundo, mas os homens que se reuniam em torno do Führer não poderiam ter se importado menos. Seu mundo estava encolhendo dia a dia, e o tempo que tinham era curto. Não havia maior lembrança de sua iminente destruição do que essa festa de improviso. Nos anos anteriores eles haviam se banquetado, e aqueles que ocupavam os postos mais altos festejaram o líder com presentes, muitas vezes objetos de arte pilhados – o que ele mais gostava de receber. Agora o Exército Vermelho estava fazendo fogo sobre Berlim, e as explosões de sua artilharia podiam ser ouvidas até no fundo do subsolo. Quem não estava servindo em Berlim estava ansioso para sair da cidade; quem permanecia com Hitler estava desesperado por uma folga. Durante dias, o estado de espírito no bunker tinha sido imprevisível. Fortes esperanças desabavam em desespero. Rumores de sucesso degeneravam em esquálidos

relatos de deserção e rendição. Hitler raramente era visto. O principal assunto das conversas era o suicídio – com cianureto ou com uma bala? A principal atividade era beber.

A visão de Adolf Hitler, atrasado para sua própria comemoração, de nada serviu para animar seus seguidores. De repente, ele parecia um velho, extremamente pálido e grisalho. Ele arrastava o pé esquerdo, e o braço esquerdo pendia frouxamente ao seu lado. A postura era tão curva que a cabeça parecia enterrada nos ombros. Ainda podia ser agressivo com seus subordinados, especialmente seus generais, mas em vez de seu antigo fogo ele agora exibia uma ira gelada.^[1] Ele acreditava que tinha sido traído. Ele via fraqueza por toda a parte. Mas, nesta festa, ele não pôde nem mesmo demonstrar desprezo. Estava tão deprimido que seus médicos o haviam medicado antes que aparecesse diante de seus assistentes mais leais, os homens e mulheres que o haviam acompanhado em cena para o ato final. Seus olhos, um dia tão carismáticos que levaram uma nação à loucura, estavam vazios.

Depois de apertar a mão de Hitler e explicar que precisava se juntar à sua equipe, Hermann Göring deixou o prédio, sabendo que nunca mais voltaria. Albert Speer observou: “Senti que estava vivenciando um momento histórico. A liderança do Reich se despedia.”^[2] No dia seguinte, 21 de abril, Göring chegou em Berchtesgaden, o refúgio nazista no centro do Reduto Alpino. Esperando por ele, estava Walter Andreas Hofer, seu curador pessoal. Sua coleção de arte havia saído de sua propriedade em Veldenstein no início de abril e, após numerosos atrasos no trôpego sistema ferroviário alemão, chegou em Berchtesgaden no dia 16 de abril. Dias depois, os oito vagões contendo os objetos de arte foram enviados para o noroeste até Unterstein. Quando Göring chegou, os únicos vagões que restavam em Berchtesgaden eram os dois ou três que continham sua mobília, seus discos e sua biblioteca. Hofer estava morando em um dos vagões.

A situação, Göring sabia, era sinistra. O Führer estava nitidamente doente; qualquer um com um mínimo de bom-senso sabia que o Führerbunker em breve seria sua tumba. A guerra estava perdida; as recompensas de todos aqueles anos, dispersas; o movimento nazista, dividido. O Reichsmarschall, momentaneamente seguro nos Alpes germânicos, acreditava-se o único homem capaz de unir o que restara do Reich e apelar com sucesso pela paz. E, afinal de

contas, ele era o sucessor designado de Hitler.

No dia 23 de abril, Göring enviou um radiograma para Hitler. Sem saber que Berlim estava cercada e a situação era irremediável, o Reichsmarschall estava preparado para intervir e liderar o Partido Nazista. Se não tivesse resposta até às dez horas daquela noite, entenderia que o Führer estava incapacitado e assumiria o comando. Hitler não respondeu até 25 de abril de 1945, mas sua reação foi furiosa e determinada: ordenou à SS que prendesse seu segundo no comando. O III Reich estava se desintegrando.

Enquanto isso, em Altaussee, o restaurador de obras de arte, Karl Sieber, passava a mão pela textura de sua maior obra. É aqui que o painel estava rachado, ele pensou, deslizando os dedos pela madeira. E aqui a pintura estava empolada. Antes da guerra, Sieber tinha sido um restaurador de arte modesto porém muito respeitado em Berlim, um homem tão tranquilo, paciente e apaixonado por seu trabalho que as opiniões a seu respeito variavam de o último artesão honesto na Alemanha a um total simplório. Ele ingressara no Partido Nazista por motivos profissionais, seguindo o conselho de um amigo judeu e, como consequência, sua clientela aumentou. Obras de arte vinham inundando Berlim, vindas dos territórios conquistados e, mesmo tendo sido roubadas ou adquiridas por meios duvidosos, ainda assim precisavam de cuidados e restaurações. Talvez mais ainda, na verdade, visto que os oficiais nazistas eram menos amantes das artes do que acumuladores gananciosos, e muitas vezes tratavam suas posses grosseiramente. Sieber havia trabalhado em mais peças de qualidade internacional nos últimos quatro anos do que a maioria dos restauradores veem em uma vida inteira. Mas nunca imaginara trabalhar em uma peça dessa magnitude, uma das maravilhas da civilização ocidental: o Retábulo de Gand. E ele nunca imaginara trabalhar assim: 1,5 quilômetro dentro de uma montanha, em uma remota mina de sal austríaca.

Ele deu a volta no painel de modo a poder olhar São João de frente. Quanta humanidade nesses velhos olhos! Que habilidade ao evocar os detalhes mais exatos! Cada fio de cabelo era pintado com uma única pincelada de uma única

cerda. Ele podia quase sentir as dobras do manto, o pergaminho da Bíblia, a tristeza e espanto nos olhos do velho santo. A única coisa que ele não podia mais ver era a rachadura no painel de madeira que tinha acontecido enquanto a peça estava em trânsito, a restauração na qual ele havia trabalhado tantos meses para que ficasse totalmente invisível até ao olho mais treinado.

Era uma pena que Sieber tivesse de deixá-lo nessa câmara pouco segura. Mas o painel de madeira era mais alto do que ele, e pesado demais para carregar. Precisou de ajuda para transportá-lo para as câmaras mais profundas na montanha, para onde ele e outros estavam levando as melhores peças desde o dia anterior. Então ele se virou para O astrônomo, pintado por Jan Vermeer, em 1668, quase 250 anos depois do Retábulo de Gand, ainda mostrando a mesma delicadeza de pinceladas e atenção aos mínimos detalhes.

Mas aí terminavam as semelhanças. O Retábulo de Gand era uma obra de arte reconhecida, adorada, desde o momento de sua criação, a peça central do Renascimento holandês. Vermeer era um pintor provinciano de Delft, morreu mergulhado em dívidas e totalmente desconhecido do mundo mais amplo. Ele foi redescoberto no final do século XIX, duzentos anos depois de sua morte. Agora era considerado um líder da era de ouro da pintura holandesa, o grande mestre da luz, o insuperável cronista da vida doméstica. Sua Moça com brinco de pérola era conhecida como a “Mona Lisa holandesa”;^[3] mas seu quadro, O astrônomo, era em cada mínimo detalhe tão vigoroso e impenetrável quanto. Ele mostrava um estudioso em seu quarto, um livro de observações aberto em sua frente, estudando atento o objeto de sua obsessão: um globo do universo. Que artesão, que cientista ou restaurador de arte, não havia experimentado um momento assim, quando o resto do mundo desaparece e apenas os fatos nas pontas de seus dedos postam-se diante de você? Quem não se apaixonou pela descoberta ou sentiu essa sede de conhecimento?

Mas então, quem poderia algum dia dizer o que um homem em um momento desses estava pensando? O toque do astrônomo era delicado, quase tímido. Uma luz natural vinda da janela aberta roçava o globo e sua mão estendida. Estava ele simplesmente medindo mais outra de uma interminável série de distâncias, ou tinha encontrado o que vinha procurando? Aqui estava um homem mergulhado totalmente em seu trabalho, um momento universal e

idiossincrático, solene e inconsequente.

E isso era irreal. Não havia astrônomo impassível, não havia artesão desprendido. O principal restaurador de arte em Altaussee sabia disso melhor que qualquer um. Enterre um homem 1,5 quilômetro dentro de uma montanha, centenas de quilômetros longe da civilização, dê-lhe o trabalho de uma vida inteira e todos os recursos necessários para isso, e ele ainda estaria sujeito aos caprichos do mundo.

Com um último olhar para o estudioso – parecendo agora, ele pensou, quase temeroso de suas descobertas –, Karl Sieber pegou o quadro preferido de Hitler. Depois, novamente olhando para trás, desapareceu no corredor escuro. Estava voltando, mais para o interior da montanha, para o Schoerckmayerwerk, uma das poucas câmaras da mina que ele acreditava – esperava – resistir até a explosão mais cataclísmica de uma bomba.

Planos

ALEMANHA CENTRAL, SUL DA ALEMANHA, E ALTAUSSEE, ÁUSTRIA
27-28 DE ABRIL DE 1945

No dia 27 de abril de 1945, um jovem capitão-ordenança entrou no escritório do oficial do Estado-maior da seção avançada do I Exército dos Estados Unidos. Sorrindo, ele depositou na mesa uma vareta de metal e uma bola. O oficial-comandante olhou para elas por um momento, depois pegou a vareta e a examinou-a de uma ponta a outra. A peça intrincadamente decorada, cravada com pedras preciosas, parecia um cetro feito para um rei. De fato, era exatamente isso. O soldado havia lhe trazido o cetro e o orbe da coroação do rei prussiano do século XVIII conhecido como Frederico, o Grande.

- Onde encontrou isto, soldado?
- Num paiol de munições, senhor.
- Onde?
- Em um buraco na floresta, no meio do nada, senhor.
- Tem mais alguma coisa?
- Senhor, não vai acreditar no que tem lá embaixo.

Dias depois, na manhã de 29 de abril de 1945, George Stout recebeu um telefonema do Monuments Man do I Exército, Walker Hancock. Stout tinha acabado de enviar um pedido urgente ao quartel-general do SHAEF na França, implorando por suprimentos: caminhões, jipes, material para embalagem, pelo menos 250 homens para guardar os depósitos. Ele não havia recebido qualquer garantia.

– Estou nos arredores de Bernterode, uma cidadezinha na floresta ao norte da Turíngia – Hancock lhe disse, quase tropeçando nas palavras. – Tem uma mina aqui, George, com 400 mil toneladas de explosivos dentro dela.^[1] Não posso lhe dizer o que tem lá embaixo, não por telefone, mas é importante, George. Talvez até mais importante do que Siegen.

Enquanto Hancock explorava a mina em Bernterode, Emmerich Pöchmüller, o general-diretor de Altaussee, estava sentado em seu escritório na mina de sal. Em sua mão estava uma ordem que ele acabara de datilografar; no final estava sua assinatura. Ver seu próprio nome ali, em sua mão, dava-lhe náuseas.

Ele não queria enviar a ordem, mas não via outra opção. Depois de semanas de esforços, haviam lhe concedido autoridade sobre o destino da mina de sal, mas essa autorização não viera de Eigruber. Tinha vindo de um oficial de museu menor, agindo de acordo com informações em terceira mão – vindas supostamente de assistente de Martin Bormann, Helmut von Hummel, em Berchtesgaden. Era boato na melhor das hipóteses, e, provavelmente, era tudo inventado. Se a ordem de Pöchmüller caísse nas mãos de Eigruber, o gauleiter a veria como insubordinação e isso significaria sua prisão – se não sua imediata execução. Mas com o louco Eigruber no poder, e nenhuma notícia da Berlim cada vez mais isolada, Altaussee estava condenada. Alguma coisa tinha de ser feita. Ao entrar no escritório de Otto Högler – o engenheiro-chefe da mina –, Pöchmüller não pôde deixar de sentir que estava carregando sua própria sentença de morte.

– Novas ordens – Pöchmüller disse, entregando a Högler uma folha de papel.
– Estou partindo para Bad Ischl. Não espere por meu retorno.^[2]

28 de abril de 1945

Sr.

Engenheiro de minas Högler

Mina de Sal de Altaussee

Assunto: Depósito

O senhor está por meio desta sendo instruído a retirar todos os oito caixotes

de mármore recentemente armazenados dentro das minas de acordo com o Bergungsbeauftragter Dr. Seiberl e depositá-los em um abrigo que lhe pareça adequado como depósito temporário.

O senhor também está sendo instruído a preparar a paralisação combinada assim que possível. O momento em que a paralisação deve ocorrer lhe será apresentada apenas por mim pessoalmente.

Diretor-geral
Emmerich Pöchmüller

No mesmo dia – 28 de abril de 1945 – o Stars and Stripes noticiou que o VII Exército dos Estados Unidos tinha chegado a Kempten, uma cidade perto do castelo de Neuschwanstein. Era a notícia que James Rorimer estava esperando desde que saíra de Paris. Imediatamente ele telefonou pedindo confirmação, para ouvir o major encarregado dizer que o Stars and Stripes estava errado.

– Mas se há alguma verdade nisso – Rorimer insistiu –, nossas tropas devem estar em Neuschwanstein em breve. Esse castelo contém depósitos secretos de obras de arte pilhadas da França. Estou no rastro há meses. Eu preciso chegar lá o mais cedo possível. Vocês precisam chegar lá assim que puderem.^[3]

– Estamos fazendo o possível, senhor.

Se havia um leve sinal de desespero em seu apelo, era porque na semana em que saíra da mina em Heilbronn, Rorimer tinha feito um curso de imersão nas realidades do trabalho dos Monuments. Por um lado, ele havia descoberto o grande Retábulo de Riemenschneider ileso em um porão úmido em Rothemburgo, a cidade medieval murada mais famosa da Alemanha. Havia até convencido o oficial do Governo Militar a retirar o retábulo do porão úmido onde estava guardado. Com grande satisfação, ele garantira à imprensa que os danos à cidade tinham sido muito exagerados.

Dias depois, ele recebeu informações falsas de um tipo mais perigoso quando, em uma missão a um depósito da ERR, descobriu que a ponte sobre o Rio Kocher tinha sido explodida. A área estava parcialmente sob controle alemão,

mas isso não impediu Rorimer de tentar encontrar uma outra forma de atravessar. Infelizmente, seu motorista se perdeu nas florestas cerradas alemãs. Conforme anoitecia, os homens perceberam que não conseguiam encontrar nem o caminho de volta para a estrada principal. Duas vezes eles passaram pelo mesmo vilarejo ainda ardendo em fogo lento, as brasas eram a única luz na noite escura feito breu. Perto do amanhecer, eles viram dois soldados aliados caminhando pela estrada.

– Jesus – os soldados disseram, depois de orientar os dois homens para seu acampamento. – Vocês passaram a noite toda dirigindo? Tem alemães espalhados por todos esses bosques.

No final da manhã, depois de um breve cochilo, Rorimer e seu motorista atravessaram o Rio Kocher em um ponto em que ele era mais raso, na companhia de um caminhão aliado. Mais tarde, eles finalmente chegaram a seu destino: um castelo local. Era, conforme prometera Rose Valland, outra estação intermediária do Jeu de Paume repleta de obras de arte de valor inestimável.

Mas não eram os quase erros que assustavam Rorimer, ou mesmo os sucessos que os inspiravam. Era a grande recompensa que havia escapado. Enquanto ainda no quartel-general em Darmstadt, Rorimer recebera a notícia de que o barão Kurt von Behr, o flagelo do Jeu de Paume, estava residindo em seu castelo em Lichtenfels, uma área que acabara de cair sob o controle americano. Ocupado demais para fazer uma longa viagem até Lichtenfels ele mesmo, Rorimer mandou um telegrama para o Supremo Quartel-General, requisitando que enviassem alguém imediatamente para capturar o nazista que sabia mais do que ninguém sobre as operações de pilhagem na França. Dias depois, ele descobriu que o telegrama estava sendo retido em Heidelberg, na dependência de instruções suas para receber o selo de “Prioridade” ou de “Rotina”. Quando as tropas americanas chegaram ao castelo em Lichtenfels, o coronel von Behr tinha ido embora. Aristocratas até o final, ele e a esposa se suicidaram na biblioteca bebendo taças de champanhe envenenado.

O laço

BERLIM, ALEMANHA, E SUL DA ALEMANHA

30 DE ABRIL DE 1945

No dia 30 de abril de 1945, Adolf Hitler cometeu suicídio em seu bunker debaixo da Chancelaria do Reich, na cidade de Berlim. Ele havia sofrido um esgotamento nervoso durante uma reunião sobre a situação militar no dia 22 de abril, admitindo em um ataque histérico para seus comandantes que a Alemanha estava condenada. Seu Partido Nazista estava destruído. Sua nova Berlim estava sendo dilacerada por bombas e fogos de artilharia. Seus amigos e generais o haviam traído, ou assim ele, em sua paranoia, acreditava. Ele era capaz de acessos terríveis de mau humor, quando se enfurecia com aqueles que o haviam abandonado. Insistia que a vitória era possível e jurava continuar lutando, mas também estava cada vez mais taciturno e consumido pelo ódio e um desejo de destruir: matar o máximo possível de judeus; lançar seus exércitos, incluindo velhos e meninos, nas linhas inimigas como buchas de canhão; despedaçar cada tijolo e destruir cada elemento de infraestrutura na Alemanha até que o país que o traía, que em sua covardia havia provado ser a raça mais fraca, e não a raça dominante, fosse enviado de volta à Idade da Pedra. Seu fracasso o despojara de tudo até que, naqueles últimos dias, em seu bunker enterrado sob a Chancelaria do Reich em Berlim, com o som dos projéteis da artilharia soviética explodindo lá em cima, uma das poucas coisas que permaneceram em seu coração deformado – talvez a única coisa que o fazia humano e, portanto, realmente aterrorizante – foi seu amor pela arte.

Durante os meses precedentes ele passava horas sozinho ou com seus fiéis assistentes – gauleiter August Eigruber tinha sido um visitante habitual – contemplando sua maquete de Linz no porão de sua nova chancelaria: suas grandes galerias e ruas secundárias, a altaneira catedral das artes. Às vezes ele gesticulava com energia, ressaltando um elemento brilhante do projeto ou uma

verdade essencial. Às vezes ele se debruçava lentamente em sua cadeira, apertando mais e mais a luva de sua mão esquerda em um movimento involuntário, os olhos saltando sob a aba de seu boné militar enquanto, em silêncio, olhava fixo, talvez pela última vez, o símbolo de tudo que existiu um dia ou poderia ter existido.

Agora estava acabado. Durante o jantar no dia 28 de abril, apenas horas antes de se casar com sua amante de longos anos, Eva Braun, Hitler olhou para sua secretária, Traudl Junge, e disse:

– Senhorita, seus serviços são necessários imediatamente. Traga seu bloco de estenografia e lápis. Quero lhe ditar meu último desejo e testamento.^[1]

[Selo]

[ADOLPH HITLER]

Meu desejo e testamento particulares

Como eu não considerava poder assumir, durante os anos de luta, a responsabilidade de contrair um matrimônio, agora decidi, antes de encerrar minha carreira neste mundo, tomar como minha esposa essa moça que, depois de muitos anos de fiel amizade, entrou, por sua própria vontade, na cidade praticamente sediada a fim de compartilhar seu destino comigo. Por seu próprio desejo ela vai como minha esposa comigo para a morte. Isso nos compensará pelo que ambos perdemos ao longo de meu trabalho a serviço de meu povo.

O que eu possuo pertence – desde que tenha algum valor – ao Partido. Se este não mais existir, ao Estado, se o Estado também for destruído, nenhuma outra decisão minha é necessária.

Meus quadros, nas coleções que comprei ao longo dos anos, jamais foram colecionados com propósitos particulares, mas apenas para a extensão de uma galeria em minha cidade natal de Linz a.d. Donau.

É meu mais sincero desejo que essa doação seja devidamente executada.

Nomeio como meu testamenteiro meu mais fiel camarada do Partido,
Martin Bormann.

A ele é concedida plena autoridade legal para tomar todas as decisões. A ele é permitido retirar tudo que tenha um valor sentimental ou seja necessário para a manutenção de uma vida simples e modesta, para meus irmãos e irmãs. Também, acima de tudo, para a mãe de minha esposa e meus leais colaboradores que ele conhece bem, principalmente minhas antigas secretárias Frau Winter etc. que durante tantos anos me auxiliaram com seu trabalho.

Eu e minha esposa – a fim de escapar à desgraça da deposição ou capitulação – escolhemos a morte. É nosso desejo sermos cremados imediatamente no local onde cumpri a maior parte de minha tarefa diária no decorrer de 12 anos de serviço a meu povo.

Concedido em Berlim, 29 de abril de 1945, às 4 horas.

(Ass.) A. Hitler

Sua família e leais associados eram considerações práticas. O partido, ele compreendia, estava condenado. Sua recente esposa, Eva Braun, era simplesmente “essa moça”, mesmo que estivesse a poucas horas de se matar com veneno a seu lado. Tudo aquilo por que havia trabalhado não existia mais. Destruido, mas mesmo no final um dos homens mais loucos do século XX viu uma última chance de legado: a conclusão de um museu em Linz, o seu museu em Linz, cheio dos tesouros pilhados da Europa.

No dia seguinte, horas depois da morte de Hitler, três mensageiros de motocicleta deixaram o Führerbunker, cada um carregando um original do último desejo e testamento de Adolf Hitler.^[2] Todos tomando direções

diferentes, mas todos com um só objetivo: garantir que o desejo agonizante do líder do Partido Nazista sobrevivesse à total destruição que ele mesmo infligira a seu povo, a seu país e ao mundo.

E, no entanto, mesmo nesse momento, os próprios seguidores de Hitler – alguns pela confusão e mal orientada lealdade; outros por interesse pessoal; e outros ainda por uma crença fundamental de que o homem que lhes havia pedido para aniquilar milhões de pessoas e destruir cidades inteiras jamais lhes pediria para salvar qualquer coisa, especialmente algo tão decadente e inexpressivo como arte – estavam trabalhando para contrariar seus desejos e destruir a coleção de artes roubadas que ele tanto amava.

E em lugar algum isso foi mais verdadeiro do que nos Alpes Austríacos, onde o gauleiter August Eigruber era como sempre “um cabeça-dura” em sua insistência na total destruição da mina de sal em Altaussee. Pior ainda, ele havia descoberto a tentativa de Pöchmüller de frustrar seus planos. Seu adjunto, inspetor distrital Glinz, escutou por acaso Högler, o capataz da mina que havia recebido a ordem de Pöchmüller, providenciando para que caminhões removessem as bombas do gauleiter.

– Os caixotes ficam onde estão – Glinz disse a Högler, sacando a arma. – Estou sabendo de tudo e posso ver o que está acontecendo aqui. Se ousar tocar nesses caixotes eu o mato. [3]

Högler implorou a Glinz para falar com Pöchmüller, que estava na parte baixa da montanha em uma outra mina de sal em Bad Ischl. Em uma tensa conversa com Glinz pelo telefone, Pöchmüller insistiu que a ordem do Führer do dia 22 de abril – que a qualquer custo eles deviam impedir que os objetos de arte caíssem em mãos inimigas, mas de modo algum destruí-los – era perfeitamente clara. Não era para destruir as obras de arte.

– O gauleiter considera a ordem de 22 de abril antiga – Glinz respondeu – e, portanto, obsoleta. Ele considera todas as ordens desde então impuras visto não virem do próprio Führer.[4]

Com Hitler morto, parecia não haver como desviar o gauleiter de seu propósito, mas Helmut von Hummel foi convencido pelos administradores da mina mais uma vez. No dia 1º de maio, von Hummel enviou uma carta a Karl Sieber, o restaurador de arte em Altaussee, declarando que “semana passada” o

Führer reconfirmou que “não se deve permitir que obras de arte na área de Oberdonau caiam em mãos inimigas, mas de modo algum elas devem ser totalmente destruídas”.^[5]

O telegrama não funcionou. Quando Pöchmüller voltou à mina, descobriu que o gauleiter havia colocado mais seis guardas fortemente armados na entrada. As bombas ainda estavam lá dentro; agora só precisavam dos detonadores – e eles já estavam a caminho.

Para Robert Posey, o sul da Alemanha era o pior lugar possível: um mundo sem regras. A sociedade entrara em colapso, e com ela o campo de batalha. As cidades e vilarejos despedaçados jaziam um após o outro, destruídos seja pelas forças aliadas, por nazistas incorrigíveis sem outra saída ou gauleiters locais inclinados a executar o Decreto Nero de Hitler. Barcos eram afundados nos rios; fábricas incendiadas; pontes rompidas. Civis vagavam por toda a parte, buscando comida e abrigo. Era comum ver uma centena ou mais de refugiados esfarrapados caminhando em grupo sem qualquer rumo em particular. Vinham de cidades locais, mas também do leste, fugindo da vingança do avanço soviético.

Ele estava cruzando as linhas de frente? Era impossível dizer. Em muitos lugares, soldados alemães estavam dirigindo de um lado para o outro em comboios, esperando desesperadamente para se render aos americanos. Ao longo das estradas, Posey podia ver os rostos deles por trás dos arames farpados, a maioria sorrindo agora que sua guerra terminara. Mas, com frequência, na cidade seguinte, as forças alemãs estariam entrincheiradas, lutando até o último homem. Um vilarejo abandonado irromperia com tiros de tocaia que vinham de janelas escuras. Bases invisíveis para metralhadoras metralhavam a estrada. Algumas unidades americanas experimentavam pouco ou nenhum combate: outras perdiam mais homens durante o vazio do que nos seis meses anteriores. Ambas, violência e paz, eram aleatórias e caóticas. Os mapas eram inúteis. Às vezes Posey se perguntava se sua bússola ainda apontava para o norte. Não havia magnetismo aqui, ele calculava, nenhuma força mantendo as coisas unidas.

Parecia que as leis da natureza, todas as leis, na verdade, estavam suspensas. O melhor conselho que o Exército podia dar a seus soldados era não se afastarem de suas unidades e jamais vagarem sozinhos. Mas, e se você não tivesse uma unidade? E se sua tarefa, por sua própria natureza, fosse vagar quase sozinho por essa terra queimada?

Posey pensava com frequência em Buchenwald, mesmo enquanto o mundo à sua volta se deteriorava. Em um escritório abandonado ali, ele havia encontrado a foto de um oficial alemão. O homem batia continência com um enorme sorriso no rosto, erguendo em direção à câmera sua valiosa posse: o laço que usava para estrangular prisioneiros até a morte. Posey guardou a foto em seu kit e, com frequência, olhava para ela antes de se recolher à noite. A visão do sorriso desse alemão o deixava alternadamente com uma raiva dos diabos, depois triste a ponto de chorar. Em tantos rostos alemães Posey agora via esse terrível oficial, até, às vezes, nas crianças que por tanto tempo o fizeram se lembrar de seu filho. Ele estava insensível à destruição, mas terrivelmente perturbado. Um dia, surpreendido longe do acampamento e sem rações, ele e Kirstein encontraram uma companhia de infantaria que acabara de decidir matar um coelho que tinham visto em um viveiro atrás de uma casa de campo. Quando entraram no quintal, uma mulher abriu a porta e gritou.

– Por favor – ela disse em um inglês estropiado –, esse é o coelho do meu filho.

Os soldados estavam impassíveis.

– Por favor – ela falou de novo. – Meu marido era um oficial da SS. Sei, é terrível, mas sem dúvida está morto. Ele deu esse coelho a meu filho antes de partir para a guerra. Meu filho tem oito anos, esse coelho é a única coisa que lhe resta para lembrar do pai.

Robert Posey olhou para a mulher por um bom tempo. Em seguida, enfiou a mão em seu kit. Tirou um pedaço de papel, mas não era a fotografia de Buchenwald. Era um dos cartazes “Proibido Entrada” que, com tanta frequência, colocava em monumentos protegidos. Ele escreveu na parte inferior, “Por ordem do capitão Robert Posey, III Exército dos Estados Unidos”, depois pendurou o cartaz na gaiola.

– Ninguém vai incomodar o coelho do seu menino – ele disse, antes de sair

dali com os soldados da infantaria.^[6]

“A história (em sua última carta) do menino de cor de dois anos de idade”, ele escreveu a Alice dias depois, “de certa forma me fez lembrar da coisa mais horrível que já vi. Foi em um campo de concentração nazista perto de Weimar, onde estive no dia depois de sua rendição. Ainda não acredito no que vi. Foi simplesmente fantástico demais. Nada que eu tenha lido sobre a sádica crueldade dos nazistas agora parece exagero. É um ótimo tributo a Roosevelt o fato de que ele, quase sozinho, tenha se levantado contra eles quando o resto do mundo era derrotado. O povo de Weimar, a 6,5 quilômetros apenas, alega não saber do que estava acontecendo, mas ele sabia apesar de estar a 6.500 quilômetros de distância. Mas eu me pergunto se nossa sociedade não é um pouquinho sem cor própria quando um garotinho preto é abandonado e deixado sozinho por sua família. Talvez eu seja apenas um sentimental. Quando estou alojado em um lar alemão, mesmo que só por uma noite, saio e procuro galinhas, coelhos e animaizinhos de estimação e lhes dou água e comida se possível. Em geral, a família partiu com pressa demais para cuidar dessas coisas. Suponho que os rígidos e cruéis governem o mundo. Se é assim, eu me contentarei em tentar viver cada dia dentro dos limites de minha consciência e deixarei os grandes aplausos para aqueles dispostos a pagar seu preço.”^[7]

Descobertas

TURÍNGIA, ALEMANHA, E BUXHEIM, ALEMANHA

1 DE MAIO DE 1945

George Stout chegou a Bernterode no dia 1º de maio de 1945. Exatamente como Walker Hancock dera a entender em seu telefonema, a mina ficava em uma área rural, com nada para se ver além de florestas. Até o vilarejo vizinho havia sido evacuado por oficiais nazistas de modo que ninguém soubesse sobre a frenética atividade na mina. O único sinal de civilização – se assim se pode chamar – era um campo de internação para pessoas desalojadas, a maioria trabalhadores escravos franceses, italianos e soviéticos que haviam trabalhado na mina. O poço da mina era fundo, 550 metros, e os túneis espalhavam-se por quase 24 quilômetros debaixo da terra. Os trabalhadores escravos tinham sido basicamente utilizados para carregar e descarregar munições, visto que Bernterode era um dos maiores locais de produção de munição na Alemanha central. O grupo de oficiais da artilharia que a havia explorado estimou que a mina continha 400 mil toneladas de explosivos.

– Éramos castigados, no mínimo, se levássemos um fósforo que fosse para a mina – um dos trabalhadores franceses havia dito a Walker Hancock.

– Os civis foram mandados embora há seis semanas – Hancock comentou com Stout enquanto os dois faziam a longa, lenta e escura descida de elevador até o fundo da mina –, e no dia seguinte soldados alemães começaram a aparecer. Eles trabalhavam em total sigilo. Duas semanas depois, a mina foi trancada. Foi no dia 2 de abril, George, quando entramos em Siegen.

O elevador parou no fundo do poço, e os homens ligaram as lanternas. Havia lâmpadas elétricas no teto, mas a luz era fraca e a energia intermitente.

– Por aqui – Hancock disse, indicando o corredor principal.

Estavam a mais de 500 metros debaixo da terra, e não se ouvia outro som além de seus passos. Túneis secundários desapareciam na escuridão, crivados de

compartimentos cinzelados na pedra. Sempre que Stout apontava o feixe de luz de sua lanterna para uma dessas câmaras, iluminava pilhas de morteiros e explosivos. Quatrocentos metros abaixo ficava uma parede recentemente rebocada com argamassa. Não tinha porta – os nazistas não esperavam que alguém entrasse nesse depósito – portanto, um buraco ainda mais recente fora aberto no meio. Do outro lado do corredor estava um depósito de dinamite.

– Você primeiro – Hancock disse.

George Stout entrou rastejando pela abertura na parede em uma sala que até ele, que tinha estado em Siegen e Merkers, jamais imaginara. Havia uma ampla passagem central, feericamente iluminada e revestida de prateleiras de madeira e compartimentos para armazenagem. Dos compartimentos pendiam 225 bandeiras e flâmulas, todas desenroladas e com efeitos decorativos nos arremates. Eram flâmulas alemãs de regimentos datando desde o início das guerras prussianas até a Primeira Guerra Mundial. Perto da entrada para a câmara havia caixas e quadros, e nas baías Stout podia ver tapeçarias e outras peças decorativas cuidadosamente arrumadas. Em algumas das baías, Stout notou, havia grandes esquiifes.^[1] Três eram simples; um tinha uma coroa, fitas vermelhas e um nome: Adolf Hitler.

– Não é ele – Hancock disse sobre os ombros de Stout. – Os homens da artilharia pensaram que fosse, mas não é.

Stout entrou na baía que continha o esquife decorado. Por cima dele as flâmulas caíam frouxas, algumas das mais antigas em redes para não se desfazerem. Ele viu caixas de munição de aço no chão ali perto e suásticas nas fitas. Hancock estava certo; não era Hitler. Uma etiqueta grosseira, escrita a lápis de cera vermelho e presa com fita adesiva, dizia: “Friedrich Wilhelm Ier, der Soldaten König”. Frederico Guilherme I, o Rei Soldado, morto em 1740. As decorações, Stout percebeu, eram o tributo de Hitler ao fundador do moderno Estado alemão.

Ele examinou os outros caixões, cada um com sua etiqueta grosseira em vermelho presa com fita adesiva. Lá estavam o Feldmarschall von Hindenburg, o maior herói alemão da Primeira Guerra Mundial, e a seu lado Frau von Hindenburg, sua esposa. O quarto esquife continha os restos mortais de “Friedrich der Grosse” – Frederico, o Grande, filho do Rei Soldado.

Onde Hitler conseguiu esses esquifes?, Stout se perguntou. Ele arrombou seus túmulos?

– É uma sala da coroação – Hancock disse. – Eles iam coroar Hitler imperador da Europa.

– Ou do mundo – Stout disse, examinando as fotografias em uma pequena caixa de metal.

Ela continha fotos e retratos de todos os líderes militares do Estado prussiano desde o Rei Soldado até Hitler. Nas três caixas seguintes estavam os troféus da monarquia prussiana: a espada do Reich do Príncipe Albrecht, forjada em 1540; o cetro, orbe e coroa usados na coroação do Rei Soldado em 1713. As pedras preciosas tinham sido retiradas da coroa, segundo uma etiqueta, “para louvável venda”.^[2]

Stout examinou o resto da sala. As caixas de munições de aço continham livros e fotografias da biblioteca de Frederico, o Grande. Os 271 quadros na baia mais distante eram de seus palácios em Berlim, e Sanssouci, em Potsdam.

– Isto não é uma sala da coroação – Stout disse. – É um relicário. Eles estavam escondendo os artefatos mais preciosos do Estado militar alemão. Esta sala não era para Hitler; era para o próximo Reich, para que eles pudessem fundamentar sua glória.

Hancock riu.

– E nem mesmo continuou escondida até o final deste.

Quinhentos e sessenta e três quilômetros ao sul, James Rorimer finalmente recebia as notícias pelas quais estava esperando: o VII Exército dos Estados Unidos estava fechando o cerco sobre Neuschwanstein. Ele correu imediatamente para o depósito de transportes só para descobrir que, visto a unidade de comando estar partindo em breve para Augsburg ou Munique, não havia veículos disponíveis.

Astuto e determinado como sempre, especialmente com seu objetivo tão próximo depois de todos esses meses, ele arrumou um jipe com um amigo na Cruz Vermelha e logo estava a caminho. Visto que Neuschwanstein não estava

ainda libertada, ele pegou um desvio para Buxheim, onde Rose Valland havia relatado que os nazistas vinham armazenando o excedente de itens de Neuschwanstein desde 1943. Sem hesitar, o policial alemão deu as orientações para que chegasse ao mosteiro a poucos quilômetros fora da cidade, onde todos sabiam que as obras de arte nazistas estavam guardadas. Os soldados americanos ali, entretanto, pareciam não saber do esconderijo. As salas externas do mosteiro tinham sido invadidas por ladrões, e as tropas aliadas estavam ocupadas protegendo farinhas e grãos franceses saqueados de pessoas desalojadas famintas. Nos fundos de uma das salas, totalmente ignorados pelas tropas americanas, Rorimer notou caixotes contendo estatuária e marcados com “D-W”, o símbolo pessoal de Pierre David-Weill, um dos maiores colecionadores de arte do mundo. Na seção principal do mosteiro, até os corredores estavam com pilhas de móveis renascentistas saqueados. As salas, que abrigavam um sacerdote, 13 freiras e 22 crianças refugiadas, estavam cheias de cerâmicas, quadros e peças decorativas. O chão da capela tinha quase 30 centímetros de tapetes e tapeçarias, muitos roubados diretamente das paredes e pisos das várias propriedades dos Rothschild.

Os supervisores alemães do mosteiro foram intencionalmente pouco prestativos, mas Rorimer teve mais sorte com Martha Klein, uma restauradora de Colônia e a superintendente do depósito. O mosteiro era, Rorimer descobriu com Klein, o principal estúdio de restauração de itens roubados da França pelo ERR. À sua volta estavam as ferramentas de seu ofício: câmeras, pincéis, tintas, desbastadores, luzes, instrumentos de medição e leite, que era usado para realinhar as telas. Rorimer notou um quadro pequeno jogado casualmente em cima de uma das mesas. Klein lhe disse que era um Rembrandt, descoberto pelos nazistas em um cofre de banco em Munique. Quando Rorimer pediu, ela lhe ofereceu uma relação dos quadros que ela mesma e outros haviam restaurado naquelas salinhas nos últimos dois anos.

“Poucos museus no mundo poderiam se gabar de uma coleção como a que encontramos aqui [em Buxheim]”, Rorimer mais tarde escreveu. “Obras de arte não podiam mais ser pensadas em termos comuns – uma sala cheia, um vagão, um castelo, eram as quantidades que tinham de ser consideradas.”^[3]

E isto era só o excedente. Neuschwanstein ainda estava a quilômetros de

distância.

O laço aperta

ALEMANHA E ÁUSTRIA

2-3 DE MAIO DE 1945

A guerra, é claro, não estava sendo travada apenas pelos Aliados ocidentais. Na Itália, as forças alemãs se renderam oficialmente no dia 2 de maio. No front oriental, os mais de 2 milhões de homens do Exército Vermelho soviético haviam atravessado a Polônia e estavam se movendo para o interior da Alemanha, fazendo com que tropas alemãs e civis fugissem para o oeste para não serem aniquiladas. No dia 4 de maio, as forças americanas alcançaram Hans Frank, o notório general governador da Polônia ocupada, em sua casa em Neuhaus no Lago Schliersee a apenas 16 quilômetros da fronteira com a Áustria.

O reinado de Frank na Polônia tinha sido brutal e sangrento. “Não devemos ter escrúpulos quando sabemos que um total de 17 mil foram baleados [na Polônia]”, ele disse em um discurso aos fiéis do partido em 1943. “Temos agora que nos manter unidos por uma questão de dever; nós que aqui estamos reunidos figuramos na lista de Mr. Roosevelt como criminosos de guerra. Eu tenho a honra de ser o Número Um.”^[1] Certa vez, visitando outro território, ele notou um cartaz proclamando que sete guerrilheiros tinham sido executados; ele teria de derrubar uma floresta inteira, vangloriou-se com a comitiva, se fosse pregar um cartaz todas as vezes que matasse sete poloneses.

Tão rápido ao condenar os outros, Frank demonstrou ser muito frágil ao enfrentar seus próprios crimes. Impotente, e sem qualquer alternativa, o pusilânime Frank entregou 43 volumes de seus diários pessoais a seus captores. Em sua primeira noite no cativeiro, ele tentou cometer suicídio cortando os pulsos e a garganta. Falhou até nisso. Em uma busca que fizeram em sua casa, os soldados encontraram nove quadros mundialmente famosos, inclusive duas das três obras-primas roubadas da Coleção Czartoryski, na Cracóvia: Paisagem com o bom samaritano, de Rembrandt, e Dama com um arminho, de Leonardo da

Vinci. O terceiro, Retrato de um homem, de Rafael, estava oficialmente relacionado como perdido.

Na cela de uma prisão perto de Trier, Hermann Bunjes estava desanimado pensando em sua vida. Os Monuments Men Robert Posey e Lincoln Kirstein não haviam retornado para aceitar sua oferta de ajuda; em vez disso, Posey enviara um interrogador do Exército a seu pequeno esconderijo de estudioso nos arredores de Trier. Logo depois, Bunjes foi preso pelas forças aliadas.^[2] Ele havia ajudado Göring a saquear a França; ele havia intimidado Rose Valland no Jeu de Paume; ele havia traído todas as virtudes culturais, intelectuais e pessoais em busca de poder nazista, e no entanto havia se convencido de que poderia de algum modo ficar livre. Talvez imaginasse que poderia escapar na confusão do avanço aliado, ou comprar sua liberdade dizendo a Posey e Kirstein a localização da sala do tesouro de Hitler em Altaussee. Mas ele havia vendido sua alma, e isso é algo que não se pode jamais comprar de volta a qualquer preço. Hermann Bunjes havia ansiado pelo poder, a riqueza e o prestígio nazista, mas tudo isso não passou de uma cruel ilusão para um homem tolo.

Na Baviera, Hermann Göring viajava, com todas as borlas e insígnias de sua elevada patente (oficialmente arrancadas dele por Hitler dias antes), em um carro aberto e na custódia de guardas da SS. Os guardas tinham recebido ordem de matar o Reichsmarschall e sua família, mas até a SS sabia que a Alemanha havia entrado em um vácuo desgovernado, e a ignoraram. O comboio seguia para Mauterndorf, uma das muitas propriedades rurais de Göring; o Reichsmarschall planejava esperar ali até lhe ser concedida uma audiência com Eisenhower. Ele estava certo de que os dois iriam se encontrar e ter uma conversa juntos, de um militar para outro.

Suas obras de arte, enquanto isso, estavam em trânsito para a cidade de Unterstein, a 9,5 quilômetros de Berchtesgaden. Nas últimas duas semanas, elas

havam feito uma viagem perigosa sobre as linhas férreas alemãs bombardeadas. Primeiro, elas tinham ido para Berchtesgaden, onde três carros foram desacoplados apesar de os abrigos antiaéreos estarem úmidos e se mostrarem pequenos demais para conter toda a coleção. Os carros restantes tinham ido para Unterstein, mas, quando chegaram, o Reichsmarschall pensou melhor e decidiu levar a coleção de volta para ficar guardada nos abrigos antiaéreos nos arredores de Berchtesgaden. Os quadros foram cobertos com tapeçarias como proteção, depois as portas dos abrigos foram seladas com uma parede de concreto com 30 centímetros de espessura e disfarçada com pranchas de madeira que pareciam vigas de teto. O grosso das obras de arte ainda não cabia ali, é claro, então enquanto bombas caíam sobre a Alemanha, tropas aliadas atravessavam correndo o entulho que um dia foram suas grandes cidades, e fanáticos nazistas trabalhavam para explodir todas as estradas de ferro, fábricas e cabeças de ponte de sua Pátria, o Reichsmarschall mandava o excedente de sua imensa coleção de quadros, esculturas, tapeçarias e outros tesouros culturais roubados de volta para Unterstein. Ele guardou consigo e a esposa apenas as dez pequenas obras-primas que vinham segurando desde a evacuação de Carinhall, que eram valiosas o suficiente para os dois viverem como reis pelo resto de suas vidas.

Do outro lado da fronteira austríaca, no Reduto Alpino, os defensores de Altaussee não sabiam o que fazer. Eigruber havia enviado uma equipe de demolição para armar e detonar as bombas. Uma fonte confiável – o marido da amiga de um mineiro solidário – tinha visto os especialistas em demolição em um vale a poucos quilômetros dali, aguardando escolta da Gestapo. Pöchmüller e Högler tinham discutido durante alguns dias antes de mandar alguém descer a montanha até Salzburgo para informar as forças aliadas ocidentais sobre a situação. Concluíram que era arriscado demais. A ideia de rebelião contra os guardas armados parecia tolice, especialmente se a Gestapo estava chegando com os especialistas em demolição. E não havia tempo ou meios para tirar as pesadas bombas de dentro da mina.

Nesse momento crucial, um dos mineiros, Alois Raudaschl, veio com uma

ideia. O Dr. Ernst Kaltenbrunner, chefe da polícia de segurança de Hitler e detentor da segunda maior patente da SS, havia fugido do bunker de Hitler e estava a caminho da área para visitar sua amante. Raudaschl, um membro do Partido Nazista, sabia como entrar em contato com ele. Kaltenbrunner ajudaria?

O cenário era atraente. Como chefe de segurança nazista, Kaltenbrunner estava acima de Eigruber. Ele tinha estado no bunker e sabia o que Hitler pensava. E tinha muitos traços pessoais que o gauleiter sem dúvida admiraria. Austríaco de nascimento, ele era conhecido por sua violenta adesão às práticas mais vis de Hitler: a criação de campos de concentração, a execução de prisioneiros de guerra e o desaparecimento de milhares de “indesejáveis” dos territórios ocupados pelos alemães. Em resumo, ele era um canalha cruel, desalmado: exatamente o tipo de homem para impor respeito a August Eigruber.

Mas um homem assim realmente sairia de seu caminho para salvar objetos de arte?

A corrida

BERCHTESGADEN, ALEMANHA, E
NEUSCHWANSTEIN, ALEMANHA

4 de maio de 1945

A 1ª Divisão de Infantaria do VII Exército dos Estados Unidos, “a Rocha do Marne”, havia aberto caminho lutando desde o norte da África, atravessando a Sicília, Anzio, França e sul da Alemanha, e finalmente entrando nos Alpes da Baviera. Havia participado da captura de Munique no final de abril e visitado o campo de concentração de Dachau que ficava perto dali. No dia 2 de maio de 1945, seu 7º Regimento de Infantaria, conhecido como os “Cottonbalers”, avançou sobre Salzburgo, a porta de entrada da Áustria para o Reduto Alpino. Eles esperavam um combate, mas nos últimos dias a resistência havia de repente desaparecido, e eles tomaram a cidade sem disparar um tiro. Isto os deixou em perfeita posição para avançar até a última joia da guerra: a cidadela nazista em Berchtesgaden, o coração do Reduto Alpino.

Na manhã do dia 4 de maio, o comandante da 3ª Divisão de Infantaria, major-general John “Iron Mike” O’Daniel, visitou o coronel John A. Heintges, comandante do 7º Regimento de Infantaria.

– Acha que chegaremos até Berchtesgaden? – ele perguntou.

– Sim, senhor – Heintges respondeu. – Tenho um plano já preparado.

Ele havia mandado seus engenheiros trabalharem a noite toda para reforçar a ponte local caso a divisão recebesse a ordem de avançar.

Em uma hora, o I e o III Batalhões estavam se movendo em uma formação bifurcada para Berchtesgaden. Enquanto o I Batalhão rastejava apreensivamente pelas passagens na montanha, o III Batalhão dava uma ampla volta e rodava pela estrada de rodagem ilesa. O I Batalhão entrou em Berchtesgaden às 3:58 da tarde, do dia 3 de maio de 1945, seguido dois minutos depois pelo III batalhão. As duas forças encontraram as ruas ladeadas por oficiais alemães batendo

continência de pé em seus sobretudos cinza. Um deles deu um passo à frente, pegou sua pistola e a adaga, e as apresentou ao coronel Heintges. Era Fritz Göring, sobrinho do Reichsmarschall. Heintges aceitou a rendição, depois convidou o rapaz para ir a uma gasthaus tomar uma garrafa de vinho. O Reichsmarschall havia partido recentemente; Fritz ficara para entregar os arquivos da Luftwaffe aos Aliados.

Enquanto Heintges conversava, outros Cottonbalers desciam o morro até a Berghof de Hitler, na Montanha Kehlstein. A casa tinha sido bombardeada pela RAF britânica, depois incendiada pela SS, mas as despensas ainda estavam repletas de comida e as paredes, revestidas de prateleiras com bebidas alcoólicas. Isadore Valentini, estudante de medicina e ex-minerador de carvão, sentou-se no grande salão de Hitler e bebeu o vinho do Führer com seus amigos. A bandeira nazista flutuando sobre o Berghof foi arrancada, cortada em pedacinhos e distribuída aos oficiais da 3ª Divisão de Infantaria. Em uma casa vizinha, um soldado pegou a Luger alemã da mão do tenente-general Gustav Kastner-Kirkdorf, que havia se suicidado com ela. Não demorou muito e os homens do 7º Regimento de Infantaria estavam rolando rodela gigantes de queijo pelas ruas e se servindo da coleção pessoal dos destilados de Göring – retirados de sua casa ali perto, e somavam 16 mil garrafas. Não havia, nitidamente, nenhum Reduto Alpino, como Eisenhower e seus conselheiros temiam. O último bastião de resistência nazista havia murchado com menos do que um tiro.

Neuschwanstein ficava no final de uma longa e traiçoeira estrada de curvas fechadas através das densas montanhas da fronteira entre a Alemanha e a Áustria – um reflexo perfeito, James Rorimer pensou, do curso tomado por sua busca desde o encontro com Rose Valland em Paris. Ele tinha ido à Cidade Luz esperando salvar seus grandes prédios e monumentos; agora estava dirigindo um caminhão da Cruz Vermelha pelos campos alemães, esperando encontrar socada em um castelo remoto uma das maiores coleções de obras de arte jamais reunida. Teria sido levada embora ou, pior, destruída? Os documentos da ERR, que seriam essenciais para desvendar o que tinha sido roubado e de quem, ainda

estariam lá? Estaria ele se dirigindo para o lugar certo?

– Sim, tem objetos de arte em Neuschwanstein – Martha Klein, a restauradora que ele encontrara em Buxheim, lhe havia dito. – Mas a mina de sal em Altaussee é de longe o esconderijo mais rico.

Ele havia hesitado ao ouvir isso, mas só por um momento. Os Aliados ainda não tinham tomado a região próxima a Altaussee, um vale rural no alto da montanha e longe de qualquer objetivo militar, portanto não havia realmente outra opção. E ele vinha sonhando com Neuschwanstein havia meses. Não tinha como voltar agora; não quando estava tão perto, e não depois das promessas que tinha feito a Rose Valland. Com um pouco de sorte, talvez tivesse tempo para chegar à mina de sal, também.

Qualquer dúvida que ainda persistisse desapareceu com a visão do castelo. “O castelo de contos de fadas em Neuschwanstein, perto de Füssen”, Rorimer escreveu, “tinha sido construído em um estilo fantástico pseudogótico pelo Louco Ludwig da Baviera. Quando nos aproximamos, vindo do norte por um vale aberto, ele parecia, em seu posicionamento na montanha, o protótipo de todos os castelos dos contos da carochinha. Era um castelo no ar, tornado real para sedentos de poder egocêntricos e loucos; um cenário pitoresco, romântico e remoto para um bando de gângsteres realizar suas atividades de pilhagem de obras de arte.”^[1]

Os grandes portões de ferro estavam guardados por dois canhões montados sobre carros blindados. Fora isso, os alemães tinham fugido, deixando o castelo totalmente indefeso. A unidade americana que havia tomado o castelo relatou não ter encontrado nenhuma resistência, e o total de armas confiscadas dos alemães residentes somava umas duas espingardas de caça. Graças às informações de Rose Valland e aos esforços de Rorimer, a unidade sabia da importância do castelo e ele fora trancado e proibida sua entrada imediatamente após a captura. Ninguém, de qualquer patente, havia entrado nas salas do tesouro.

Com o guardião do castelo que trabalhava ali havia muito tempo para guiá-los – os nazistas tinham conservado a equipe de funcionários do castelo anterior à guerra, confiando nesses criados mais do que em seus próprios homens –, James Rorimer, seu novo assistente (o Monuments Man John Skilton) e um pequeno complemento de guardas entraram no castelo. O interior era um

labirinto de escadas, projetado não por um arquiteto, mas por um cenógrafo teatral que o Louco Ludwig admirava. As escadas eram íngremes e precárias, todas com uma porta em cima destrancadas por um vigia alemão com uma penca de chaves comicamente grande, depois trancadas de novo quando eles passavam. Atrás da maioria das portas havia salas claustrofóbicas, com paredes de 30 centímetros de espessura e minúsculas janelinhas. Outras levavam a salões magníficos, às vezes uma sacada dava para uma paisagem de montanha, seguidas por outro conjunto de vãos de escada precários, estes do lado de fora do prédio. O castelo subia cada vez mais em ângulos aparentemente impossíveis, uma sala bizarra após outra, e em cada uma Rorimer via caixas e engradados, prateleiras e plataformas, todas contendo o patrimônio da França que havia sido embarcado diretamente de Paris. Salas inteiras abrigavam nada mais do que decorações em ouro; outras tinham quadros socados em prateleiras ou pilhas de caixotes com as iniciais ERR impressas sobre os símbolos de colecionadores parisienses. Rorimer podia ver que muitos deles nunca tinham sido abertos.

Outras áreas do castelo estavam apinhadas de móveis. Algumas continham tapeçarias; outras serviços de mesa, taças, candelabros e vários artigos domésticos. Havia muitas salas de livros, com estampas e gravuras jogadas ao acaso entre eles ou caídas por trás das prateleiras. Atrás de uma porta de aço, trancada com duas chaves, estava a mundialmente famosa coleção de joias Rothschild e mais de mil moedas de prata pertencentes a Pierre David-Weill. “Passei pelas salas como se estivesse em transe”, Rorimer escreveu, “esperando que os alemães tivessem honrado sua reputação de pessoas metódicas e terem fotografias, catálogos e registros e todas essas coisas. Sem isso levaria vinte anos para identificar o aglomerado de objetos saqueados.” [2]

No kemenate, uma parte do castelo contendo a sala da lareira e à qual se chegava por uma porta separada, os nazistas tinham queimado uniformes e documentos. Rorimer viu a assinatura de Hitler ainda legível em um canto enrolado de um papel queimado e temeu que os arquivos estivessem destruídos. Mas a sala seguinte estava revestida de arquivos contendo fotografias, catálogos e registros. Havia um cartão de catálogo para cada confisco realizado pela ERR na França – mais de 21 mil ao todo, inclusive expedições que tinham ido para outros depósitos. Era evidência do quanto os nazistas haviam roubado da Europa

ocidental; e, como Rose Valland deu a entender ao lhe falar da importância de Neuschwanstein, era essencial identificar e trazer tudo de volta para casa.

– Ninguém entra aqui – Rorimer disse ao sargento da guarda, que estava acompanhando o grupo de inspeção. – Nem mesmo os guardas. É proibida a entrada neste prédio.

Havia um alçapão no chão. Rorimer mandou fechar com pregos, depois um baú de aço foi colocado em cima. Em seguida, James Rorimer, com a elegância de um homem de teatro, pegou um antigo carimbo Rothschild que tinha encontrado entre os tesouros saqueados – SEMPER FIDELIS, “sempre fiel”, dizia – e marcou com um brasão a fenda entre as portas fechadas com lacre.

Últimos dias

BERLIM, ALEMANHA E SUL DA ALEMANHA

5-6 DE MAIO DE 1945

No dia 2 de maio, o Exército Vermelho entrou na metade superior de uma área no meio de Berlim que abrigava vários museus alemães famosos. As tropas alemãs haviam fugido da área (conhecida como Ilha dos Museus) horas antes, depois que os curadores responsáveis pelo Altar de Pergamon os havia convencido a não usar partes do famoso altar grego como uma barricada de proteção para o combate.

Com os museus da cidade seguros, os especialistas em artes do Exército Vermelho voltaram-se para as enormes torres Flak (torres para defesa antiaérea) que continham muitos dos grandes quadros e outras obras de arte que não puderam ser evacuados para Merkers ou outros depósitos alemães. A Torre Flak do Zoológico, a maior das três, tinha 41 metros de altura e descia seis andares no subsolo. As paredes de concreto tinham 2,5 metros de espessura, as janelas eram cobertas por venezianas de aço. Além de um hospital, quartéis militares, estação de rádio nacional, armazéns para munição e peças de museu, ela podia abrigar 30 mil pessoas.^[1]

No dia 1º de maio, as tropas soviéticas haviam invadido a Torre Flak do Zoológico para procurar ouro, o corpo de Hitler e de outros nazistas com altas patentes. Tinham encontrado apenas soldados e civis feridos, deitados pelos médicos desesperados sobre caixotes que continham relevos entalhados do Altar de Pergamon, os tesouros da antiga Troia (conhecidos como o Ouro de Príamo), e inúmeras outras obras-primas. No dia 4 de maio, os feridos tinham sido evacuados e a torre Flak estava sob controle das Brigadas de Troféus de Stalin, encarregadas de transportar tudo que fosse de valor (desde arte até comida e máquinas) para a União Soviética como indenizações não oficiais em espécie pela devastação sofrida nas mãos dos nazistas. As Brigadas de Troféus começaram

imediatamente a organizar os conteúdos para transportar para o leste; em um mês, a torre estava em grande parte vazia.

A Torre Flak Friedrichshain, que continha 434 quadros grandes e muito importantes, centenas de esculturas, objetos de porcelana e antiguidades (tesouros que Rave não tinha conseguido levar para Merkers), teve um destino diferente. Entre os dias 3 e 5 de maio, as tropas soviéticas inspecionaram a torre e notaram que ela havia sido invadida. Havia 800.000 trabalhadores escravos do leste europeu libertados vagando pela cidade, e muitos alemães mais, desesperados, tentando sobreviver no vazio da melhor forma possível. A pilhagem era desenfreada. Os ladrões na Torre Flak tinham sido atraídos pela comida estocada no primeiro andar; eles não haviam tocado nos quadros valiosos armazenados nas proximidades. Mas os tesouros não estavam seguros, pois na noite do dia 5 de maio a torre pegou fogo. Os estoques de alimento e obras de arte guardados no primeiro andar foram destruídos.

Foram ladrões comuns que botaram fogo na torre? Ou o incêndio foi resultado das tochas acesas que muitos carregavam, já que a cidade estava sem energia elétrica? Ou os fanáticos nazistas e oficiais da SS estavam tão desesperados para impedir que os tesouros do Estado caíssem em mãos soviéticas que estenderam o Decreto Nero a essas obras de arte?

A resposta não importava, pelo menos não para esses soldados soviéticos em particular. Eles se recusaram a colocar guardas, ainda que peças valiosas continuassem inteiras nos segundo e terceiro andares. Enquanto as Brigadas dos Troféus trabalhavam na Torre Flak do Zoológico, a Torre Flak Friedrichshain foi deixada para o usual sortimento de predadores em desespero. Não demorou muito para começar um segundo incêndio, mais extenso do que o primeiro. O conteúdo – esculturas, porcelanas, livros e os 434 quadros, inclusive um de Botticelli, um de van Dyck, três de Caravaggio, dez de Rubens e cinco do pintor preferido de Göring, Lucas Cranach, o Velho – foi considerado destruído, as últimas vítimas do vazio.

Em Unterstein, os habitantes da cidade frenéticos e famintos, excitados pelos

rumores de que os vagões continham gim e outras bebidas alcoólicas fortes, atacaram o trem pessoal de Hermann Göring. Alguns saíram com pão e vinho – o Reichsmarschall havia acrescentado vagões de cargas extras a seu trem, com suprimentos para sustentá-lo no exílio – enquanto, como um investigador aliado e Monuments Man Bernard Taper mais tarde descobriu, “aqueles que chegaram mais tarde tiveram de se contentar com coisas como um conjunto de quadros de Rogier van der Weyden, um relicário de Limoges do século XIII, quatro estátuas de madeira do período gótico tardio, e outras ninharias, o que eles pudessem pegar. Era uma cena real de turba enfurecida. Três mulheres colocaram as mãos no mesmo tapete Aubusson, e uma luta ferrenha se seguiu até aparecer um dignitário local que lhes disse:

– Mulheres, sejam civilizadas, dividam o tapete entre vocês.

Assim elas fizeram. Duas das mulheres usaram seus pedaços como colchas de cama, mas a terceira recortou o seu para fazer cortinas para as janelas.^[2]

Todas os fins de tarde, Robert Posey e Lincoln Kirstein (a brilhante combinação de Monuments Men para o III Exército) examinavam o grande mapa preso na parede de sua base de operações avançada. O mapa estava coberto por uma folha de acetato, e o avanço de cada dia era marcado em lápis de cera vermelho. Todas as noites, as linhas eram ajustadas conforme rumores eram peneirados em busca de fatos reais. Os soviéticos tinham sido encontrados em Torgau no final de abril. A Itália se rendera. Um subtenente afirmava ter ido e voltado da Boêmia sem encontrar resistência. Posey e Kirstein notavam apenas uma constância: a área de controle alemão sempre diminuía, mas o território ainda fora do alcance dos Aliados ocidentais sempre dava um jeito de conter a mina de sal em Altaussee.

Nem era essa sua única frustração. Conforme os exércitos aliados fechavam o cerco nos Alpes Austríacos, outra realidade estava se tornando cada vez mais evidente: Altaussee não ia cair no território do III Exército americano, como Posey e Kirstein tinham sempre esperado e acreditado, mas no do VII Exército dos Estados Unidos. James Rorimer seria o Monuments Men encarregado da

mina; Posey e Kirstein ficariam com cidades destruídas e castelos menores.

Robert Posey estava incomodado com a injustiça, não tanto por ele mesmo – como todos os Monuments Men, ele sempre dividia informações assim que as recebia –, mas pelo III Exército. Para ele, parecia um absurdo que um outro grupo de exército ficasse com as honras de uma descoberta como Altaussee quando, nos últimos meses, o III Exército havia destruído um exército alemão inteiro a leste do Rio Mosela, saltado o Reno e quebrado o brio do inimigo com suas profundas arremetidas no coração da Alemanha. Não foi o III Exército que liderou o ataque através da França? Que havia vencido a invencível cidadela em Metz? Que havia esquadrinhado as regiões industriais do centro-sul da Alemanha? E não foi ele e Lincoln Kirstein, homens do III Exército, quem tinham descoberto não só a existência, mas a localização da sala do tesouro de Hitler?

“Lamento que não tenha sido nosso exército a ter de enfrentar os russos, se você estava muito ansiosa por isso”, ele escreveu a Alice, com o típico orgulho do III Exército. “Posso lhe garantir que este é o exército do glamour de todos os aliados, e o papel que somos convocados a representar é sempre o difícil e, por conseguinte, o que é importante. Esta unidade militar se sente personagem principal tanto quanto um time de futebol sempre vencedor se sente. Os outros exércitos são considerados corretos, mas não brilhantes, e qualquer um de volta da zona de combate é simplesmente muito inferior até para ser levado em conta. Se estão distantes como na Inglaterra, são simplesmente civis em uma espécie de uniforme. Quem não se sente assim aos poucos sai para um outro tipo de organização. Em geral estão ali porque escolheram isso, pois estar em um clube que clamorosamente se declara ser a coisa mais importante de todos os tempos seria demais para soldados de convicções menos fortes.”^[3]

Kirstein, longe de estar motivado por desfeitas percebidas ou pela camaradagem do III Exército, achava este novo mundo deprimente. “Se você trabalha durante muito tempo nos esqueletos de belos prédios”, ele escreveu, “avaliando o amor e o cuidado da criação deles, a irrelevância de sua destruição, a energia necessária para sua restauração aproximada – indagando-se até sobre a possibilidade dessa restauração –, sua confusão vira tristeza. Depois de ver os espetaculares cadáveres de Mainz e Frankfurt, Würzburg, Nuremberg e

Munique, é sempre um alívio deparar com uma cidade mercado-pequena, intocada.”^[4]

Alguns dias mais enfiado na área rural do sul da Alemanha, ele estava além até do conforto de pequenas cidades intocadas. O povo alemão – e especialmente a aristocracia alemã – o estava oprimindo tanto quanto a destruição. No dia 6 de maio, ele escreveu:^[5]

Recentemente a atividade louca cedeu à atividade louca. Em nossa trilha no rastro de tesouros pilhados, encontramos a aristocracia local em uma série de castelos enormes espalhados por toda esta pitoresca província, repletos de caixas com os conteúdos de todos os museus, mais as caixas de pertences pessoais, livros e comerciantes que foram convidados ao castelo para salvarem suas vidas do avanço do exército russo-judeu-negro-americano. Uma encantadora condessa idosa nos recebeu na cama. Estava doente, ah, tão doente, e sua casa era um hospital para alemães (levemente) feridos. Ela tinha apenas um quatinho pobre nessa elegante mansão antiga, e quase quebrou o pescoço voando para a cama, sem dúvida, quando entramos de rompante no pátio. Era uma antiga prostituta italiana, que se casou com um importante nome alemão, e está abrigando uma quantidade de comerciantes de arte, jovens condes e barões “doentes”... E, meu Deus, que momentos terríveis eles passaram. Quase não conseguiram sair de Paris a tempo, e com seus pulmões fracos... Ela esperava tanto que seus lindos meninos (mostrou as fotos), e eles eram loucamente lindos, seus dois adoráveis oficiais da SS fossem privilegiados por se renderem aos americanos que eram todos encantadores (onde eu estive toda a minha vida?), e não aos não democráticos, feios e sujos russos-judeus-polacos, que TEMOS de combater rapidamente, e além disso ela tinha apenas um pequeno e insignificante pedido a fazer. Parece que alguns desalojados russos-judeus-polacos-americanos-negros estavam atirando em cervos no parque dos animais, e não era temporada, e estavam fazendo o guarda-florestal chefe ter PESADELOS... Ela bateu seus dentes falsos. Sua irmã solteirona, com título de princesa e uns 58 anos de idade, foi pelo menos honesta em sua grosseria. Ela disse que apertaria as mãos se isso fosse permitido. Ah, eu ri, você sabe que na guerra eu não me importo de quem eu

aperto a mão. De qualquer maneira, a velha condessa foi útil, e nós descobrimos o que queríamos descobrir, e ela nos deu bilhetes escritos em seu papel de carta com brasão para todos os seus primos em todos os outros castelos, cada um deles abrigando um ninho de víboras impacientes... Os comerciantes [de arte] foram outro pequeno nó de crueldade... Todos eles tinham enriquecido na mira da pistola, e nunca haviam comprado bens roubados de coleções expropriadas dos judeus, a não ser que tivessem sido purificadas depois de passarem por dois ou três intermediários que ficavam com sua parte. Certamente os americanos não os forçariam a entregar propriedades assim adquiridas perfeitamente de boa-fé. Quanto ao que vai acabar acontecendo com os materiais, as belas porcelanas, bons mestres menores sem muito interesse, selos, caixas de rapé, móveis etc. eu não dou a mínima se os proprietários originais, que sem dúvida estão mortos, ou os donos atuais, que sem dúvida são pessoas encantadoras que amam cachorros e cavalos, os recebam de volta, os conservem ou os deixem apodrecer, ou os quebrem em seus porões. Estou interessado apenas em um pedacinho da história da arte. Como faço para voltar para casa?

Era a eternidade da operação, a falta de limites do roubo, do esnobismo e das desculpas. Isso é que o deprimia, mesmo enquanto ele e Posey entravam na região dos Alpes onde se encontrava a maioria dos grandes depósitos nazistas de arte roubada. Como ele resumiu a situação em uma carta para casa, “Como podem ver, meu humor melhora e meu cabelo cai, à medida que cada dia sem nome e sem número passa centímetro por centímetro. Cheguei ao ponto mais baixo do desprezo de todos os tempos, conforme tudo fica cada vez mais glamuroso, e mais glamuroso... Não estou interessado no repugnante velho futuro da repugnante velha Alemanha”.^[6]

O tradutor

MUNIQUE, ALEMANHA

7 DE MAIO DE 1945

Enquanto os Monuments Men no campo corriam em direção a seus destinos, o soldado Harry Ettlinger ficava sentado taciturno em uma enorme Kaserne, ou alojamento militar alemão, nos arredores de Munique. Era 7 de maio, quase quatro meses desde que o retiraram do caminhão das tropas na Bélgica, e ele não tinha feito outra coisa senão comer e dormir. Os pensamentos de Harry vagavam para uma tarde muitas semanas antes em seu último bivaque, um acampamento de barracas fora de Worms, na Alemanha, quando havia escalado um morro próximo dali. O tempo estava finalmente quente, e as árvores florindo. Sombras caíram sobre ele, e Harry olhou para cima esperando ver aviões. Era apenas um bando de aves. Lá na estrada, ele notou uma figura solitária. Durante vinte minutos, ficou observando o homem subir. Quando estava a poucos passos de distância, Harry percebeu que ele tinha uma perna artificial. Harry lhe ofereceu a mão, mas o homem recusou. Era o padre da capela da crista do morro. Tinha perdido a perna havia mais de dois anos no front soviético. Eles falaram pouco, mas Harry partiu com a sensação de que tinha tido, pela primeira vez em meses, uma conversa de verdade com outro ser humano. Até aquele momento, ele estivera em contato apenas com o inimigo.

– Soube que você fala alemão. – Foi tão inesperado, que Harry ergueu os olhos para ver se o soldado estava falando com ele.

– Sim, senhor – o soldado Harry Ettlinger disse, quase batendo continência antes de notar que o outro era um soldado-raso.

– Venho traduzindo nos últimos dois dias – o homem disse. – É um trabalho interessante, mas não é para mim. Eu quero estar na inteligência militar. Uma menina alemã foi estuprada por quatro soldados americanos. Quero investigar isso. Está interessado?

– No estupro?
– Não, na tradução.
– Sim, senhor – Harry disse de novo, sem nem parar para perguntar sobre o trabalho.

O escritório para onde o soldado o orientou ficava do outro lado da pista de desfile da Kaserne, no que se revelou ser o prédio do quartel-general do VII Exército dos Estados Unidos. Era uma sala pequena no segundo andar, cheia de mesas e documentos. Dois homens trabalhavam nas mesas, enquanto outro estava de pé no meio dando ordens.

– Você é o novo tradutor? – o homem falou bruscamente.
– Sim, senhor. Soldado Harry Ettlinger, senhor.
– Você parece alemão, Ettlinger.
– Americano, senhor. Mas nascido judeu alemão. De Karlsruhe.
– Foi designado para uma unidade, Ettlinger?
– Não que eu saiba, senhor.

O homem entregou-lhe uma pilha de papéis.

– Leia estes documentos e nos diga o que há neles. Só o essencial, e qualquer coisa que seja específica: nomes, localidades, obras de arte.

– Obras de arte?

Antes mesmo que Harry pronunciasse a pergunta, o homem tinha se virado e saído. Agora esse é um homem que consegue que as coisas sejam feitas, Harry pensou. Ele sabia que, se fizesse um bom trabalho com as traduções, esse homem conseguiria que ele fosse designado para esta divisão, seja qual fosse ela, e por causa desse homem ele não podia imaginar um trabalho melhor. Só mais tarde Harry Ettlinger descobriu que, antes de trocar de unidade, ele havia sido designado para o corpo de tradutores no julgamento de Nuremberg. Isso, aparentemente, era o que ele vinha esperando nos últimos quatro meses.

– Que cara esperto – Harry disse, voltando-se para um dos homens no escritório.

– Você não viu nem a metade – o homem respondeu. – Ele está tentando defender os dois prédios mais procurados em Munique, o escritório de Hitler e o quartel-general do extinto Partido Nazista. Patton os quer para seu quartel-general regional, mas conhecendo nosso tenente eles em breve serão Pontos de

Coleta da MFAA. Teremos o prédio só para nós. Nós e as centenas de milhares de coisas sobre as quais você vai ler nesses documentos, quer dizer.

Harry olhou para o documento.

– Sobre o que eu vou ler?

O homem riu.

– Bem-vindo ao trabalho dos Monuments. Sou o tenente Charles Parkhurst, de Princeton.

– Harry Ettlinger, de Newark. – Ele aguardou, esperando mais. – E quem era aquele? – perguntou finalmente.

– Aquele era o tenente James Rorimer. Seu novo chefe.

Novo chefe. Harry gostou de ouvir isso.

– Para onde ele foi?

– Salzburgo. Vai montar uma expedição armada às minas de sal de Altaussee.



LA GLEIZE, BÉLGICA, 1º DE FEVEREIRO DE 1945:

Durante a Batalha do Bulge, a igreja em La Gleize foi bastante danificada. Esta estátua, conhecida como a Madona de La Gleize, ficou totalmente exposta a um dos invernos mais rigorosos já registrados. Atenção para o buraco escancarado no telhado no alto. (Walker Hancock Collection)



LA GLEIZE, BÉLGICA, 1º DE FEVEREIRO DE 1945:
O Monuments Man Walker Hancock (esquerda, frente, com capacete do Exército americano)
ajudado por moradores da cidade de La Gleize na transferência da Madona de La Gleize para
um lugar mais seguro. (Walker Hancock Collection)



MERKERS, ALEMANHA, ABRIL DE 1945:

Escondidas dentro da mina de sal de Merkers estavam a maioria das reservas em ouro e papel-moeda da Alemanha nazista. Todos os quadros, menos os maiores do Museu Kaiser-Friedrich, em Berlim, também foram colocados ali como proteção. Em valores atuais, o ouro encontrado em Merkers somaria quase 5 bilhões de dólares. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



MERKERS, ALEMANHA, 12 DE ABRIL DE 1945:

O general Omar N. Bradley, o general de divisão George S. Patton Jr. e o general Dwight D. Eisenhower inspecionam os tesouros dos museus alemães armazenados na mina de Merkers. Também retratado no centro está o major Irving Leonard Moskowitz. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



NEUSCHWANSTEIN, ALEMANHA:

O castelo de Neuschwanstein foi o principal depósito nazista para as maiores obras de arte roubadas da França. Construído pelo “Louco Ludwig” da Baviera no século XIX, ele continha tantas obras de arte roubadas que os Monuments Men levaram seis semanas para esvaziá-lo. A extrema altura na vertical e a ausência de elevadores obrigaram a descida da maioria das obras por inúmeros lances de escada. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



NEUSCHWANSTEIN, ALEMANHA, MAIO DE 1945:

O Monuments Man James Rorimer (esquerda) e o sargento Antonio T. Valim examinam valiosos objetos de arte roubados pela ERR da coleção Rothschild, na França, e encontrados no castelo. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



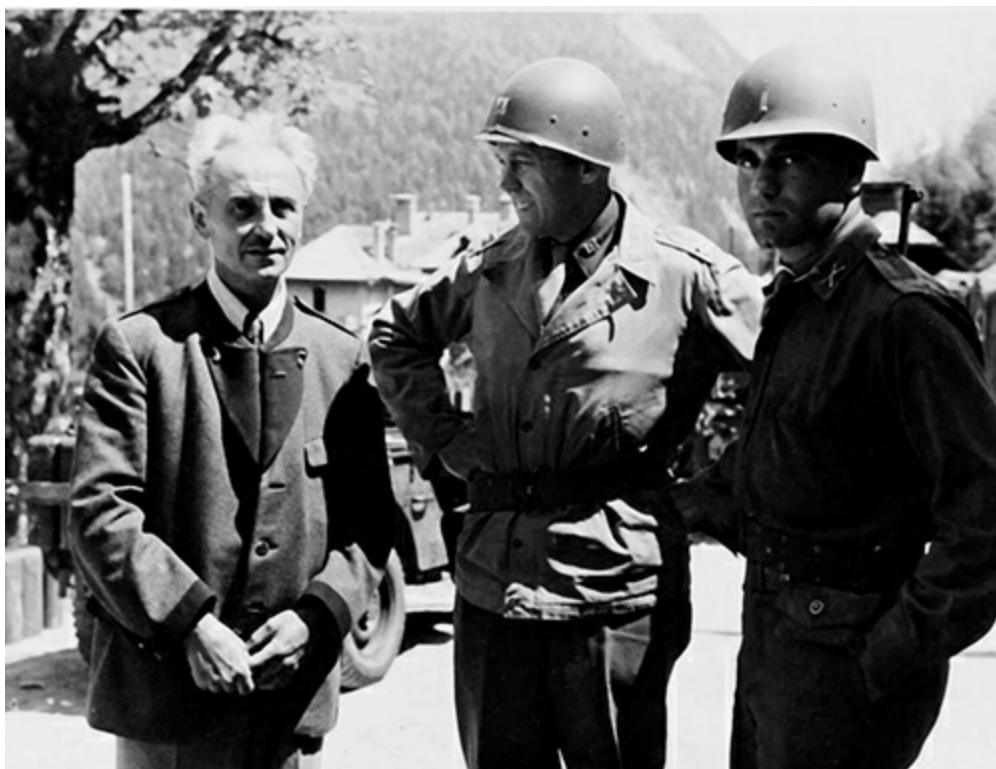
BERNTERODE, ALEMANHA, MAIO DE 1945:

O caixão de bronze de Friedrich Wilhelm da Prússia era um dos quatro enormes caixões encontrados no depósito de Bernterode pelo Monuments Man Walker Hancock. (Walker Hancock Collection)



BERNTERODE, ALEMANHA, MAIO DE 1945:

Os Monuments Men George Stout (esquerda), Walker Hancock (ao centro e à direita) e Steven Kovalyak (direita) durante a escavação de Bernterode. O soldado entre Stout e Hancock é o sargento Travesse. (Walker Hancock Collection)



ALTAUSSEE, ÁUSTRIA, MAIO DE 1945:

Dr. Hermann Michel, Monuments Man Robert Posey e um oficial do Exército americano não identificado, de pé em frente ao prédio da administração da mina de Altaussee, durante os confusos primeiros dias depois de sua chegada ao local. (Robert Posey Collection)



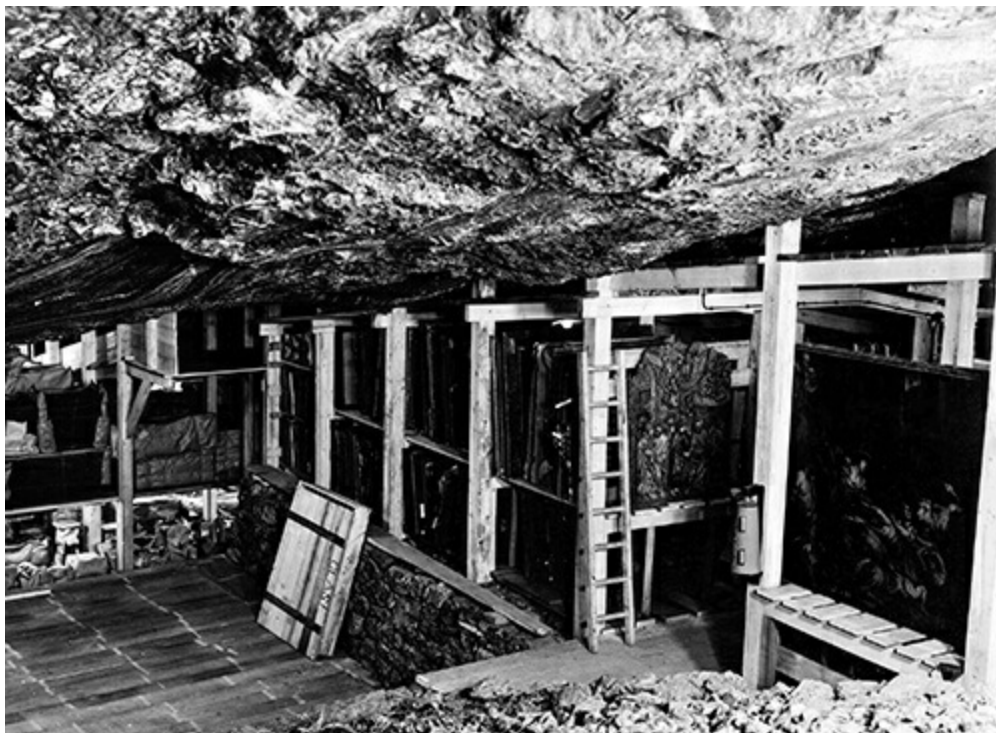
ALTAUSSEE, ÁUSTRIA, MAIO DE 1945:

Mineiros austríacos, inclusive Karl Sieber (sentado à esquerda inferior, de terno) e o Dr. Hermann Michel (sentado entre dois soldados do Exército americano), sentados sobre duas das bombas de meia tonelada que estavam guardadas em caixotes marcados com “Atenção – Mármore – Não Deixar Cair”. (Robert Posey Collection)



ALTAUSSEE, ÁUSTRIA, 17 de MAIO DE 1945:

Monuments Men Robert Posey e Lincoln Kirstein foram recebidos pela aterrorizante cena de túneis “paralisados” ao chegarem no dia 13 de maio de 1945. Dias depois, entretanto, eles puderam inspecionar o conteúdo da mina. Aqui, um mineiro e um pracinha americano sentam-se sobre o entulho, pás em primeiro plano, depois de terem criado espaço suficiente para passarem para o outro lado. (Robert Posey Collection)



ALTAUSSEE, ÁUSTRIA, MAIO DE 1945:

Uma das muitas câmaras da mina onde os nazistas tinham construído prateleiras de madeira para abrigar a enorme quantidade de obras de arte roubadas. Para compreender o volume de espaço só nesta câmara, observe a escada com nove degraus no centro à direita da fotografia.

(Robert Posey Collection)



ALTAUSSEE, ÁUSTRIA, 10 DE JULHO DE 1945:

A retirada de obras de arte de valor inestimável da mina de sal em Altaussee apresentou problemas para o Monuments Man George Stout como jamais se podia imaginar. Stout montou uma polia para içar a Madona de Bruges de Michelangelo para o vagonete de sal, a fim de iniciar sua longa jornada de volta para casa na Bélgica. Visível na extrema esquerda está o Monuments Man Steve Kovalyak, especialista em embalagem de obras de arte, que foi uma grande ajuda para Stout. (National Gallery, Washington, D.C., Gallery Archives)



ALTAUSSEE, ÁUSTRIA, JULHO DE 1945:

O painel central do Retábulo de Gand, devido a seu tamanho e peso, foi um grande desafio para transportar pelos corredores estreitos. Outros painéis do retábulo podem ser vistos ao fundo, atrás de Stout. Observe o papel de seda aplicado à superfície pintada para proteger a tinta solta ou lascando, um processo conhecido como “reforço”. Stout tinha orgulho de seus antecedentes na Marinha americana e costumava usar um “N”, de “Navy” (Marinha) na jaqueta ou no capacete. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



HEILBRONN, ALEMANHA, 1945:

Este Autorretrato de Rembrandt, inspecionado pelos Monuments Men Dale V. Ford e Harry Ettlinger (direita), estava guardado sob proteção de oficiais do museu de Karlsruhe na mina de Heilbronn. O quadro foi, no final das contas, devolvido ao Museu Karlsruhe. Este foi apenas um dos milhares de quadros e outras obras de arte encontrados em Heilbronn, como se pode ver pelos caixotes empilhados atrás de cada um dos homens. (National Archives and Records Administration, College Park, MD)



NOVA JERSEY:

Quase 65 anos depois, Harry Ettlinger reflete com orgulho sobre uma vida bem vivida como Monuments Man diante da gravura de seu avô daquele quadro, que ele nunca pôde ver quando era um menino judeu sendo criado em Karlsruhe, Alemanha. (Bill Stahl)

A noviça rebelde

BERNTERODE, ALEMANHA

7 DE MAIO DE 1945

Em Bernterode, George Stout não tinha pressa. Mais de vinte pessoas tinham sido designadas para remover os tesouros da mina – inclusive a unidade de artilharia que havia encontrado o santuário, um pequeno grupo de engenheiros, e 14 ex-trabalhadores escravos franceses que tinham trabalhado ali nos últimos anos – e todos queriam acabar o mais rápido possível. A mina era escura e bolorenta, pingava água e sofria interrupções de energia elétrica que duravam horas. Até Walker Hancock, que a esta altura tinha vasta experiência em lidar com arte em zonas de guerra, estava ansioso para terminar. Afinal de contas, toda a operação estava sendo conduzida sobre 400 mil toneladas de explosivos.

George Stout não queria saber disso. O que importava no mundo exterior, onde corriam rumores sobre o fim da guerra, não tinha nada a ver com o que acontecia a 580 metros abaixo do solo da floresta da Turíngia. Antes de retirar qualquer coisa dali, era necessária uma inspeção completa. Felizmente, a unidade de artilharia já havia conferido a maior parte dos 24 quilômetros de túneis. Não encontraram mais nenhum tesouro, mas localizaram vários armazéns de suprimentos militares alemães. Stout mandou cortar botas à prova de gás em acolchoados de borracha para evitar o atrito de uns objetos contra os outros; mantos à prova de gás eram perfeitos para embrulhar os quadros, algo especialmente importante na mina pingando água. Resolvido o problema dos materiais para embalagem, os conteúdos do santuário foram inventariados e organizados para remoção. Walker Hancock ergueu os olhos uma tarde – ele supunha que fosse de tarde, visto que vivera dois dias em perpétua escuridão – e notou Stout olhando carrancudo para ele. Hancock percebeu que estava pensando em sua terra, em Saima e na casa que comprariam juntos e um dia, quem sabe, até nos filhos que teriam, e vinha enrolando a corda com o

movimento oscilante e exagerado dos pescadores de Massachusetts que observara tantas vezes em casa. Stout, por outro lado, enrolava a corda em movimentos deliberados sobre a mão e o cotovelo, em laços medidos, precisos.

Assim que Stout virou as costas, o homem perto de Hancock sussurrou:

– Por quanto tempo ele acha que a gente vai continuar enrolando essas cordas em comprimentos de apenas 59,5 cm, todas apontando um grau a leste do norte?^[1]

O homem era Steve Kovalyak, um tenente de infantaria de combate que havia sido designado para ajudar depois que Walker Hancock entregara a parafernália da coroação às altas patentes em Frankfurt. Um jipe carregado de ouro coberto de pedrarias significava pouco para Hancock, que já tinha visto tanta coisa, mas deixava de olhos arregalados os meninos lá nos quartéis. Hancock havia simplesmente pedido emprestado o jipe de Stout para levar de carro as insígnias reais até o quartel general em Weimar, mas o general Hodges não queria correr riscos. Ele ordenou uma escolta de duas motocicletas, três jipes, dois carros blindados, uma viatura do armamento e 15 soldados para Hancock e os tesouros, mesmo que a área entre Weimar e Frankfurt não tivesse mais nenhum exército inimigo e fosse mais segura, Hancock achava, do que o Merritt Parkway, em Connecticut. Ele ficou imaginando o que o general teria pensado da primeira parte da viagem, quando Hancock dirigira com as joias sozinho pela floresta da Turíngia por uma estrada em que só na semana anterior seis comboios tinham sofrido emboscadas.

– Não se preocupe – Hancock disse ao jovem tenente –, George Stout sabe o que está fazendo.

Ele contou a Kovalyak e a uns poucos oficiais-ordenanças sobre Büsbach, onde Stout, com a maior calma, tinha registrado tudo sobre um quadro mesmo com bombas caindo lá fora.

– Trabalho com esse homem há muito tempo – disse –, e posso lhes dizer isto: somos todos amadores comparados com George Stout.

Horas depois, a energia acabou, mergulhando a mina nas trevas. De novo. Hancock ligou a lanterna. O feixe de luz brilhou sobre livros, ouro, quadros, caixões e, tão de repente que o fez dar um salto, sobre o rosto de George Stout.

– Vou mandar Kovalyak – Hancock disse.

Era um procedimento padrão de Stout, durante um blecaute, mandar o tenente Kovalyak adular o Bürgermeister local para que ele mantivesse seus geradores funcionando, mesmo que Kovalyak fosse um dos poucos oficiais presentes que não falava uma palavra de alemão. Era um trabalho entediante, mais finura do que força, mas anos na infantaria haviam ensinado a Kovalyak todos os truques para contornar jogos de poder locais, procedimentos intocáveis e papeladas burocráticas. Hancock tinha a impressão de que ele havia driblado a corte marcial muitas vezes, algumas por prazer, mas quase sempre para que um trabalho fosse bem-feito.

Não demorou muito e Hancock se viu sozinho no escuro, e como acontecia em seus momentos de depressão, sentiu saudades de casa. Parecia tudo tão próximo agora – a nova casa, o retorno às esculturas, o abraço de Saima – mas ao mesmo tempo isso nunca lhe parecera tão distante. Ele estava em um buraco, em uma floresta na Alemanha, no escuro. Até a luz do dia parecia para sempre distante. Para o inferno com a economia de suas pilhas. Ele ligou a lanterna, puxou uma caixa para o meio da sala e, usando o fundo de madeira de um quadro de Cranach com quatrocentos anos de idade como mesa, escreveu uma carta para Saima.^[2]

Preciosa Saima,

Você não poderia jamais imaginar em que circunstâncias escrevo esta carta. Não posso lhe dizer agora, mas quero que você tenha algumas linhas escritas no mais inacreditável dos lugares... Geo. Stout está trabalhando aqui para me ajudar – e a urgência de nosso trabalho provocada pelo súbito colapso da Alemanha é tão grande que cartas estão fora de questão ... Nada mais até depois – exceto que eu a amo mais do que posso dizer –, mas isso não é novidade. Algum dia em breve vou poder me acomodar em uma sala com uma cama e uma mesa e colocar as cartas em dia.

Dedicadamente,
Walker

O encaixotamento começou no dia 4 de maio e só foi interrompido de novo por uma grande falha na energia elétrica. Kovalyak deixou a mina para se encontrar com o prefeito da cidade mais próxima; o 305º Batalhão de Engenheiros de Combate improvisou um gerador de emergência 550 metros abaixo do solo; os trabalhadores franceses, ex-trabalhadores escravos, escaparam silenciosamente por corredores secundários, algo que vinham fazendo cada vez com mais frequência; Hancock pegou sua lanterna e, usando o caixão do Feldmarschall von Hindenburg como sua mesa desta vez, escreveu para Saima que “estes são dias de muitas saudades de casa” apesar da excitação do trabalho. [3] Ele gostava muito da companhia de almas irmãs, fossem soldados no campo ou amigos em sua sala de estar em Massachusetts, e ficar meses sozinho, sem nem mesmo um assistente para lhe fazer companhia, o deixara arrasado. “Geo. Stout está aqui para me dar um estímulo necessário com urgência”, ele escreveu. “Ele é realmente um amigo nas horas de dificuldade.”[4]

No dia 5 de maio, as equipes de embaladores foram distribuídas em dois turnos, uma das oito horas às 16 horas e a outra das 16 horas às 22 horas. Este não era um lugar para se ter claustrofobia, visto que os homens e os materiais para embalagem entupiam o santuário e o corredor. No final do dia seguinte, a maioria dos objetos tinha sido acolchoada, embrulhada, protegida da chuva e depois colocada no elevador para a lenta viagem até a superfície, onde eram reempilhadas em uma meia-água ao nível do solo – e onde Steve Kovalyak havia aprendido a apreciar o cuidadoso planejamento e seus pedaços de corda pré-cortados com precisão.

Outro discípulo de George Stout, Hancock pensou.

No dia seguinte, foi a hora dos caixões. Frau von Hindenburg, a mais leve, foi primeiro. Eram 400 metros do santuário até o poço da mina. Uns dois soldados se benzeram enquanto ela ascendia lentamente até a superfície no elevador raquítico.

– Nunca mais ela será enterrada tão fundo – Stout disse, como em uma bênção.

Em seguida foi o Rei Soldado e depois, com Walker Hancock montado no topo do caixão, Feldmarschall von Hindenburg. Agora sobravam apenas os restos mortais de Frederico, o Grande e seu imponente caixão de aço. Os

engenheiros haviam insistido dizendo que o caixão não caberia no elevador, mas Stout lembrou que, se ele conseguiu descer pelo poço, poderia subir. Eles mediram outra vez; colocado com muito esforço ocupando todo o elevador, ele caberia com menos de 1,5 centímetro de folga.

Infelizmente, o caixão pesava, pela estimativa deles, de 550 a 640 quilos. Primeiro, ele teria de ser virado para que uma série de lingas pudesse correr por baixo. Em seguida, a equipe de 15 homens teve de içá-lo, fazer com que passasse espremido pela porta do santuário, e manobrá-lo na curva para dentro do poço escuro da mina, irregular e pingando água. A procissão fúnebre seguia lentamente, os carregadores gemendo com suas correias. Levou mais de uma hora para enfiar a grande fera de aço no elevador, colocando-a na posição centímetro por centímetro. Finalmente, pouco antes das 11 horas da noite, eles estavam prontos para a ascensão até a superfície. Os homens levaram o dia inteiro para desenterrar os caixões.

O elevador subiu devagar uns poucos centímetros e parou. George Stout e seis homens da equipe montaram nos cabos inferiores da cabine e, lentamente, o elevador começou a subir. Demorou 15 minutos para subir 550 metros, os homens só pensando em sua esperança de que o velho elevador realmente fosse capaz de suportar uma tonelada, porque isso era quase o peso que ele estava levantando. Ao se aproximarem do topo, os homens começaram a escutar música. Em algum lugar acima deles, um rádio tocava “The Star-Spangled Banner”. Quando o caixão emergiu na noite escura e límpida, outra canção se seguiu: “God Save the King”. Era o dia 7 de maio de 1945, os alemães tinham se rendido incondicionalmente em Reims. Os Aliados haviam oficialmente vencido a guerra.

O fim da estrada

ALTAUSSEE, ÁUSTRIA

12 DE MAIO DE 1945

A notícia chegou inesperadamente: o III Exército dos Estados Unidos tinha virado para o sul. Eles, não o VII Exército americano, estavam indo para os Alpes, perto de Altaussee. James Rorimer, que vinha planejando uma expedição armada até a mina de sal, foi desviado para Berchtesgaden, onde os rumores de saques por pessoas desalojadas estavam correndo tão quentes quanto os boatos sobre tesouros armazenados. Altaussee era agora, de repente, responsabilidade de Robert Posey e Lincoln Kirstein. Infelizmente, eles estavam a mais de 320 quilômetros de distância em uma outra tarefa.

Dessa vez, não demorou para os Monuments Men obterem autorizações e um veículo, embora as informações que chegavam da área fossem vagas e os relatórios da mina em si, inexistentes. Logo eles estavam adentrando as áreas devastadas do sul da Alemanha, onde até as estradas tinham sido bombardeadas e arrasadas. Na falta de bandeiras, civis alemães dependuravam fronhas brancas nas casas em sinal de rendição, mas, apesar das roupas de cama, todas as janelas pareciam negras e sinistras. Havia inúmeras histórias de soldados abatidos a tiros em vilarejos aparentemente tranquilos; da Juventude Hitlerista, inflamada pela paixão e pela ignorância infantis, de pé na escuridão de janelas no segundo andar e com suas armas apontadas para a parte estreita da rua. As multidões de pessoas desalojadas estavam repletas de soldados, principalmente do front oriental, que haviam despido seus uniformes para melhor se misturarem com os civis. Muitos grupos pareciam desesperados e cheios de más intenções. Em um determinado ponto de suas viagens recentes, Kirstein tinha tomado um desvio errado entrando no meio de um comboio de soldados alemães. Não havia para onde se virar, portanto ele e Posey passaram alguns minutos tensos cercados pelo inimigo, na dúvida se haviam sido feitos prisioneiros ou se era o contrário.

Acabaram saindo dali sem incidentes; os alemães seguiram em frente.

Quando os Monuments Men cruzaram a fronteira austríaca, o horror pareceu se dissipar e, pela primeira vez, eles puderam respirar. Em vez de fronhas, as casas exibiam bandeiras vermelhas e brancas, o sinal da Resistência Austríaca. As estradas começaram a serpentear em curvas pelas montanhas. Ao longe, erguiam-se picos cobertos de neve, e os vilarejos alpinos espalhados eram como cidades de biscoitos decorados, com chalés coloridos e madeiras recortadas em forma de balas e doces.

Do outro lado de Bad Ischl, eles encontraram o VI Exército alemão estendendo-se pelo que parecia 1,5 quilômetro de “ambulâncias e caminhões queimadores de carvão, com os motores em ponto morto, puxados a cavalos. Havia mulheres e feridos, unidades Panzer húngaras a pé, sem blindagem – milhares de soldados derrotados, voltando para casa, eminentemente satisfeitos”.

[1]

Eles pararam rapidamente em uma pousada perto da cidade de Altaussee, um vilarejo arrumadinho enfiado nos bosques próximos a um lago alpino límpido. Lá fora, oficiais da SS elegantemente uniformizados ofereciam seus serviços aos libertadores, que, eles estavam certos, em breve estariam em guerra com os soviéticos. Não? Então os oficiais da SS estavam felizes em se renderem, desde que pudessem conservar suas armas pessoais. Eles temiam ser baleados por suas próprias tropas pelas costas.

Lá dentro, soldados americanos comemoravam. Guiados por montanhistas austríacos, alguns de seus colegas soldados haviam seguido a pista de Ernst Kaltenbrunner – o notório comandante da polícia de segurança nazista – pelas montanhas quase toda a noite, alcançando-o finalmente ao alvorecer. O astuto nazista havia jogado suas medalhas em um lago e conseguira se passar com sucesso por médico. Mas foi identificado quando a amante gritou seu nome e acenou quando ele passou com um grupo de prisioneiros alemães por uma cidade vizinha. Posey e Kirstein se apressaram. Restava apenas uma subida íngreme em curvas até a mina, mas a estrada deserta os fez sentir que tinham deixado para trás a segurança dos colegas. Para sua surpresa, os prédios do lado de fora da mina de sal – uma guarita indescritível e uma casamata baixa funcionando como escritório sob montanhas altíssimas – estavam fervilhando de

atividade. Dois jipes e um caminhão carregado de soldados da 80ª Divisão de Infantaria haviam tomado os poucos prédios sem luta, mas o que exatamente eles haviam tomado ainda estava para ser discutido. Nenhum dos grupos inimigos – mineiros, homens das artes, guardas, nazistas – parecia concordar a respeito do que tinha acontecido. E, principalmente, sobre quem havia feito o quê.

Depois de uma rápida conversa com o oficial-comandante, major Ralph Pearson, que lhes garantiu não haver armadilhas no poço principal, Posey e Kirstein pegaram algumas lâmpadas de acetileno e entraram na mina. O túnel virava direto para a encosta da montanha. Instintivamente, os dois homens baixaram as cabeças, embora a entrada do túnel tivesse uns 2,5 metros de altura. A luz de suas lanternas oscilava de um lado para o outro conforme eles corriam, a escuridão se abrindo diante deles e depois fechando de novo em sua esteira. Kirstein tocou a parede e sentiu um leve choque elétrico – fios de demolição com energia, seja danificados ou cortados – ele não tinha certeza. Cerca de uns 400 metros, ou 600 – difícil dizer no escuro – de fragmentos de rocha jaziam espalhados pelo chão. Os homens passaram por cima rapidamente. Na parede, Kirstein notou um buraco cheio de tubos, e ele sabia devido a seu breve treinamento com materiais bélicos que eram dinamite. Embaladas para destruição, mas apagadas. Ele escalou as lajes de pedra e pulou para o chão de terra batida, seguindo seu capitão mais para dentro da montanha. Os passos deles ecoavam agora, repercutindo nos fragmentos de pedra espalhados. Suas lanternas oscilavam para a frente e para trás. Fazia frio no túnel, mas não o bastante para provocar o calafrio que Kirstein sentiu quando Posey parou de repente e ergueu sua tocha de acetileno. Diante deles, refletindo o brilho fraco da lanterna, havia uma sólida parede de pedras caídas. A mina tinha sido explodida.

Seção

V

O RESULTADO

Nós não queremos destruir desnecessariamente o que homens gastaram tanto tempo, cuidado e habilidade para construir... [pois] estes exemplos de engenho e arte nos dizem tanta coisa sobre nossos ancestrais... Se essas coisas se perderem, quebrarem ou forem destruídas, nós perderemos uma parte valiosa de nosso conhecimento a respeito de nossos antepassados. Nenhuma era existe totalmente sozinha; cada civilização é formada não apenas por suas próprias conquistas mas pelo que herdou do passado. Se essas coisas forem destruídas, nós perderemos uma parte de nosso passado, e seremos mais pobres por isso.

– MONUMENTS MAN BRITÂNICO RONALD BALFOUR, rascunho de palestra para soldados, 1944

Todas as obras de arte por cujo destino ainda trememos retornarão para nós, trazendo a luz de sua beleza para atrair, como antes, peregrinos de todos os países e inspirar ideias de paz.

– DR. CESARE FASOLA, bibliotecário de Uffizi, The Florence Galleries and the War

Compreendendo Altaussee

ALTAUSSEE, ÁUSTRIA

30 DE MARÇO-5 DE MAIO DE 1945

Há muito se discute quais seriam as intenções de Hitler para o tesouro em Altaussee. No entanto parece claro em seu testamento final, o último documento que assinaria poucas horas antes de se suicidar, que ele jamais pretendeu que as obras de arte fossem destruídas.

De certo modo, o significado de seu desejo consciente e claramente expresso – de que os “quadros” por ele colecionados para o grande museu em Linz fossem entregues ao Estado alemão – foi tudo menos ignorado por historiadores que examinaram o documento. Visto no pleno contexto de Adolf Hitler e de sua ambição a vida inteira de ser um artista, o testamento deveria calar qualquer discussão de que ele quisesse destruir obras de arte. Isto não é um crédito a seu favor, entretanto, visto que está igualmente claro que suas decisões ainda no poder tornaram a destruição da mina de Altaussee quase inevitável. Recusando-se a fixar um plano para a derrota ou a rendição quando tudo estava perdido, ele criou um vazio onde atores independentes determinariam o destino de dezenas de milhares de vidas, prédios e tesouros artísticos. Ele também não disse, em nenhum termo que não deixasse dúvidas, que as obras de arte não deveriam ser destruídas.

Mais importante, porém, é que suas ordens no decorrer de muitos anos – inclusive a queima de livros; a destruição de arte “degenerada”; a pilhagem de propriedades pessoais; a prisão, detenção e sistemática aniquilação de milhões de seres humanos; e a premeditada e vingativa destruição de grandes cidades – colocaram as obras de arte, e tudo mais que estivesse ao alcance de qualquer nazista em qualquer lugar do mundo, em tremendo risco. O Monuments Man S. Lane Faison Jr. certa vez comentou que Hitler “escreveu um livro chamado Minha luta. E se as pessoas tivessem lido com atenção, cada coisa que aconteceu

já estava prevista... toda a situação dos judeus está ali escrita preto no branco”.^[1] O mesmo é verdade para a maioria de suas outras ações. O Decreto Nero de Hitler de 19 de março de 1945 simplesmente formalizou tudo que ele havia pregado e feito ao longo das duas décadas anteriores, autorizando seus seguidores a desencadear a violência e a fúria de seu reino. Nas mãos de um homem como August Eigruber, era um chamado messiânico.

Mas o que aconteceu exatamente naquelas remotas montanhas austríacas durante o vazio entre a perda de controle de Hitler e a chegada dos Monument Men? Quem foi basicamente o responsável pelas atitudes tomadas ali? E quem deveria receber o crédito e a culpa pelo resultado? As linhas gerais há muito são conhecidas, mas levou décadas para se montar a verdadeira sequência dos acontecimentos e os papéis representados pelos oficiais das minas, os mineiros, os oficiais nazistas, os combatentes da resistência e as forças aliadas ocidentais. Até hoje, estudos mais profundos de documentos alemães originais revelam novas visões de um dos maiores (embora em grande parte desconhecido) momentos decisivos na história das conquistas culturais da humanidade. Como é tão frequente na vida – e na história – não é só o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido, que exige análise.

Os fatos básicos não estão em discussão.

Não fosse a heroica ação de vários indivíduos, o depósito de arte de Altaussee teria sido destruído pelas bombas ali colocadas por ordem de August Eigruber. Mas ele não foi destruído, e nenhuma das peças de arte ali guardadas ficou seriamente danificada. Pelo contrário, em algum momento entre 1º de maio e 7 de maio (as forças americanas, lideradas pelo major Ralph Pearson, chegaram no dia 8 de maio), as oito enormes bombas foram retiradas e escondidas ao longo da estrada sob um grupo de árvores. Os túneis da mina estavam abarrotados de carga. As explosões resultantes – os conspiradores se referiam a elas como “paralisia”^[2] – desmoronaram os túneis e selaram a mina, colocando as obras de arte longe das intenções destrutivas de Eigruber. A pergunta sempre foi: quem ordenou e executou a paralisia?

Escrevendo na revista *Town and Country*, no outono de 1945, Lincoln Kirstein admitiu que “tantas testemunhas contavam tantas histórias que, quanto mais informações acumulávamos, menos verdade elas pareciam conter”.^[3] Não

obstante, ele acreditava que os heróis eram os mineiros austríacos. No cenário de Kirstein, que se tornou a explicação não oficial da MFAA, os mineiros acidentalmente descobriram os caixotes de Eigruber contendo bombas e secretamente os removeram das câmaras na calada da noite. Em seguida, eles selaram as entradas da mina, sabendo que esta era melhor maneira de impedir danos mais graves à sua fonte de subsistência. De certo modo, o sal salvou a arte. Quando Eigruber descobriu a traição, “mandou fuzilar todos os austríacos, mas já era tarde: os americanos estavam do outro lado da montanha. Era 7 de maio”.^[4]

Os mineiros confirmaram esse relato em 1948 quando, em um relatório para o governo austríaco assinado por “Combatentes pela Libertação de Altaussee”, afirmaram terem agido sozinhos para salvar a mina.^[5] O relato deles esqueceu que, entre outras incoerências, os mineiros jamais poderiam ter preparado a complicada paralisia (explosões controladas) sem a perícia técnica de engenheiros como Högler e Mayerhoffer. O governo, entretanto, jamais questionou seus argumentos.

O governo austríaco, de fato, foi a fonte mais importante de desinformação sobre Altaussee. A opinião de Kirstein sem dúvida havia sido influenciada por um equívoco comum: o de que os austríacos eram vítimas inocentes dos nazistas, não seus cúmplices voluntários. Não era este o caso, como filmes e documentos da época provam. O governo austríaco, entretanto, foi rápido em reforçar esta aura de inocência, e até apresentou uma defesa de suas ações conhecida como o Red-White-Red Book (Livro vermelho branco vermelho – ridicularizado por muitos como “Baile de máscaras vienense”) em 1946.^[6] Nele, a autodenominada Resistência Austríaca alegava saber da existência dos tesouros artísticos em Altaussee e que tinha forçado Kaltenbrunner, sob ameaça de execução, a invalidar a ordem de Hitler para destruí-los. A alegação era absurda. Embora a Resistência Austríaca fosse ativa na área de Altaussee, eles não tinham conhecimento das obras de arte e nenhuma influência sobre as atividades na mina. Seu único papel foi, semanas depois, suplementar a insuficiente guarda americana. Não obstante, em 1948, a Resistência, com o apoio do governo austríaco, reivindicava a principal responsabilidade pelo salvamento de Altaussee. Escritores posteriores até afirmaram que os mineiros eram membros da

Resistência Austríaca; na verdade, muitos eram membros do Partido Nazista.

Dentro desse quadro de bradada bravura austríaca, muitos indivíduos se apresentaram para levar o crédito de terem contrariado Eigruber. Sepp Plieseis, um líder da Resistência Austríaca de verdade (ao contrário dos autores do Livro vermelho branco vermelho), afirmava que seu grupo tinha salvado a mina.^[7] Um austríaco chamado Albrecht Gaiswinkler dizia ter sido lançado de paraquedas na área pelos britânicos para organizar a resistência.^[8] Entre suas histórias absurdas: ele havia forçado Kaltenbrunner a rescindir a ordem de Hitler, ordenado pessoalmente a remoção das obras de arte para câmaras mais seguras e, em uma só noite, supervisionado a montagem e detonação das cargas de paralisia – um procedimento complicado que na verdade demorou semanas. Em 1946, ele até afirmava que Eigruber havia ordenado que as obras de arte fossem destruídas com lança-chamas. Nas costas dessas mentiras, ele foi eleito para a Assembleia Nacional Austríaca. Mas conforme suas mentiras foram ficando mais fantásticas, seu apoio diminuiu. Ele foi expulso da assembleia em 1950.

Muito mais eficientes foram os esforços do Dr. Hermann Michel, chefe do Departamento de Mineralogia do Museu de História Natural, em Viena. Michel, supostamente, enviou a mensagem alertando o major Pearson, que liderava uma unidade de infantaria na ponta de lança do avanço do III Exército dos Estados Unidos, para os tesouros escondidos em Altaussee, incluindo as joias da coroa húngara. (Elas não estavam na mina. As joias da coroa húngara foram encontradas em um barril de óleo afundado no pântano perto do vilarejo de Mattsee, na Baviera.) Apesar de todos os esforços de Posey e Kirstein para alertar as tropas americanas mais avançadas sobre o tesouro de Hitler, essa foi a primeira vez que Pearson ouviu falar de Altaussee. A mensagem era real, mas não está claro se Michel foi quem a enviou.

Quando Pearson chegou, no dia 8 de maio, com dois jipes e um caminhão carregado de soldados, Michel estava lá para recebê-lo. Passando-se por um especialista, ele percorreu a área com o comandante americano, explicando que tesouros culturais no valor de meio bilhão de dólares estavam dentro da mina desmoronada. Ele também sugeriu – e mais tarde sustentado por documentos obtidos por intimidação de outros participantes – que estivera intimamente envolvido na trama para retirar as bombas de Eigruber. Pearson acreditou na

história de Michel por uma simples razão: ele era a única pessoa na mina que falava inglês. Na verdade, Michel na melhor das hipóteses teve um papel tangencial no que aconteceu em Altaussee.

Em 1938, Dr. Michel havia sido deposto do cargo de diretor do Museu de História Natural de Viena, apesar de exaustivos esforços para se acomodar na elite nazista.^[9] Sob seu novo diretor, o museu se tornou um instrumento de propaganda da ideologia racial. O castigado Michel, agora chefe do Departamento de Mineralogia, clamorosamente apoiou as exposições do departamento focadas nas divisões raciais entre humanos, na aparência “racial e emocional” de judeus, e no homem e na mulher “ideais” – nórdicos, é claro.^[10] Com frequência ele falava em funções públicas apoiando Hitler, ingressou no Rotary Club “para enfraquecer a influência judia”,^[11] e foi o relações-públicas da filial local do Partido Nazista.

Michel, entretanto, era menos um racista do que um oportunista amoral.^[12] Durante anos, ele havia tentado ser amigo dos piores assassinos e racistas da história, mas percebeu mais cedo do que a maioria que os novos poderes seriam os libertadores de lugares como Altaussee. O vazio de abril a maio de 1945 foi um período no qual ações do passado podiam ser rapidamente enterradas ou descaracterizadas, e a mentira de hoje podia se tornar a verdade de amanhã. Quem se adiantasse, Michel sabia, poderia não apenas salvar seu próprio pescoço, mas ser de valor inestimável para os conquistadores aliados.

Isto estava acontecendo por toda a Alemanha e Áustria, quando pessoas de todas as camadas sociais – nazistas endurecidos e bravos resistentes, igualmente – pescavam a melhor posição possível na nova ordem mundial. George Stout não se deixou enganar pelos atos deles. “Estou farto de todos os espertalhões”, ele escreveu, “de todos os vaidosos sapos rastejantes que agora se introduzem em posições vantajosas e procuram obter de todo esse sofrimento ganhos egoístas ou glórias egoístas.”^[13] Posey estava igualmente desconfiado, mandando prender todos os nazistas óbvios em Altaussee, mas a história de Michel colou. Não demorou muito e o mineralogista se apresentava nos jornais americanos como o herói de Altaussee.

E aí as coisas se acalmaram. A história de Altaussee, tão monumental no mundo das artes e da cultura, foi rapidamente absorvida por histórias maiores –

Auschwitz, a bomba atômica e as relações com a União Soviética desintegrando-se e passando a definir a nova ordem mundial com a Guerra Fria. Kirstein havia previsto isto ao escrever em 13 de maio de 1945, que “quando você receber esta carta talvez tenha lido sobre ela [a descoberta em Altaussee], mas a maioria dos correspondentes está comemorando em Paris, e devido à sua natureza fora do comum isto pode não receber nenhuma cobertura da imprensa”. Ainda assim, ele acrescentou: “Embora eu duvide.”^[14] Afinal de contas, como um dos momentos mais importantes e inacreditáveis na história da arte – sem falar da história de uma guerra mundial – podia simplesmente virar uma nota de rodapé esquecida?

Mas foi isso exatamente o que aconteceu. Uns poucos artigos e livros foram escritos ao longo dos anos, mas até a comunidade das artes esqueceu os dramáticos acontecimentos em Altaussee rapidamente. Foi só na década de 1980 que um historiador austríaco chamado Ernst Kubin localizou as fontes de material – cartas, ordens, entrevistas e relatos na primeira pessoa – para determinar o que realmente aconteceu em Altaussee. Esse material, examinado de novo para este livro, oferece uma surpreendente história com heróis ainda mais surpreendentes. É também um resumo quase perfeito do que acontece no vazio da guerra e de como a história é, com frequência, uma confusa combinação de intenção, coragem, preparação e acaso.

Se as ordens de Hitler criaram o impulso e a oportunidade para destruir as maiores obras de arte da história – como eu acredito –, foi seu fiel assessor Albert Speer quem criou o contraimpulso para impedir a destruição. No dia 30 de março de 1945, Speer convenceu Hitler a mudar seu Decreto Nero de “destruição total” de sítios não industriais para “mutilá-los para sempre”. Speer em seguida emitiu ordens secretas por sua própria conta para reduzir e enfraquecer essas regras. Tais ordens deram aos oficiais mineradores em Altaussee a cobertura e a coragem de que precisavam para enfrentar o plano de Eigruber.

Eles não ficaram sabendo desse plano por acaso, como Kirstein acreditava. Foram informados no dia 13 de abril de 1945, pelo Dr. Helmut von Hummel, que, como secretário de Martin Bormann no bunker com Hitler, estava a par da maioria dos comunicados oficiais no III Reich.^[15] A intenção de von Hummel era impedir as ações de Eigruber, mas ele não confessaria publicamente seu papel

– os últimos dias do III Reich foram perigosos, e von Hummel era um típico covarde nazista –, deixando o diretor da mina, Dr. Emmerich Pöchmüller, enfrentar Eigruber sem o apoio de altas patentes do partido. Quando Eigruber se recusou a atender o telefonema de Pöchmüller, o diretor da mina foi de carro até Linz, no dia 17 de abril, na esperança de um encontro cara a cara. Seu plano, se não conseguisse chamar o gauleiter à razão, era enganá-lo. Com ajuda do diretor técnico da mina, Eberhard Mayerhoffer, Pöchmüller havia imaginado um plano para explodir as entradas da mina e selar as bombas lá dentro, não deixando a Eigruber nenhum jeito de detoná-las. Eles venderiam o plano ao gauleiter como um meio de reforçar as explosões das bombas e garantir a destruição da mina.

O ocupado Eigruber (seu escritório, você se lembra, estava cheio de suplicantes) concordou com as explosões menores. Mas sua afirmação de que “continuará obstinado”^[16] na total destruição e a declaração de que “iria pessoalmente lançar granadas dentro da mina”,^[17] se os nazistas perdessem a guerra, chocou Pöchmüller a ponto de fazê-lo compreender a gravidade da situação. No dia 19 de abril, ele havia desenvolvido os aspectos específicos do plano com seu conselheiro de minas [contramestre] Otto Högler. Era uma tarefa difícil e complicada, necessitando de centenas de peças móveis e cuidadoso planejamento para garantir, ao máximo, que os estouros não causassem colapsos não pretendidos dentro das várias câmaras da mina onde as obras de arte estavam armazenadas. No dia 20 de abril, o trabalho começou. Högler acreditava que a tarefa demoraria no mínimo 12 dias – até 2 de maio.

No dia 28 de abril de 1945, Pöchmüller assinou o que poderia ter sido sua própria sentença de morte ao ordenar que Högler removesse as bombas. A “paralisia combinada” que ocorreria em uma hora “apresentada a você por mim pessoalmente” (ver página 265 para o texto integral) referia-se às explosões que derrubariam as entradas para a mina.^[18] Pöchmüller deve ter ficado horrorizado quando, dois dias depois, o diretor distrital adjunto de Eigruber ouviu por acaso Högler falando de caminhões para a retirada das bombas e descobriu a ordem. No final do dia, seis guardas armados fiéis a Eigruber estavam postados na entrada da mina.

No dia 3 de maio, a situação era desesperadora. Os americanos pareciam estar presos em Innsbruck, a 240 quilômetros de distância; os guardas de Eigruber

controlavam a entrada da mina; as bombas ainda estavam lá dentro; e uma equipe de demolição fora avistada em um vale vizinho. Mas nem tudo estava perdido. As cargas de “paralisa” estavam quase montadas e Karl Sieber, o restaurador de arte e confidente de Pöchmüller, tinha convencido dois dos guardas de Eigruber da barbaridade do plano do gauleiter.^[19] Enquanto isso, espalhava-se a notícia entre os mineiros de que os caixotes continham bombas, e não as esculturas anunciadas do lado de fora. Um mineiro e nazista ativo, chamado Alois Raudaschl, soube que Ernst Kaltenbrunner, um rapaz da região que havia subido à camada superior do Partido Nazista, estava a caminho e sugeriu contactar o notório delegado da SS e líder da Gestapo.

Às duas horas da tarde do dia 3 de maio de 1945, Raudaschl encontrou-se com Kaltenbrunner na casa de um amigo em comum. Logo depois, Kaltenbrunner encontrou-se com Högler e concordou que nem as grandes obras de arte roubadas por Hitler nem o meio de subsistência dos mineiros deveriam ser desnecessariamente destruídos. Quando Högler perguntou se ele tinha autorização de Kaltenbrunner para retirar as bombas, o oficial da SS respondeu que “sim, tenho”.^[20]

Naquela noite, as bombas foram removidas pelos mineiros, com a implícita sanção dos guardas de Eigruber. O trabalho demorou quatro horas. Os mineiros não sabiam nada a respeito das três semanas de planejamento e da coragem que haviam criado essa oportunidade; eles pensavam que estavam surrupiando as bombas por sua iniciativa. Este erro honesto, assumido como fato, fez os americanos e a história entenderem a situação de modo totalmente errado.

Por volta da meia-noite, outro dos adjuntos fiéis a Eigruber, Haider, o segundo-sargento de tanques, chegou em Altaussee. Se as bombas forem removidas, Haider avisou, Högler seria considerado responsável e “impiedosamente eliminado”.^[21] As bombas ficariam nas minas a qualquer custo. Se não fizessem isso, o gauleiter “viria ele mesmo a Altaussee na manhã seguinte e enforcaria cada um deles”.^[22] (Daí os rumores subsequentes de que os mineiros estavam sendo ameaçados, quando na realidade eram os conspiradores que corriam perigo.) Kaltenbrunner foi alertado sobre a ameaça e falou com Eigruber por telefone à 1:30 da manhã do dia 4 de maio. Depois de uma violenta descompostura, o gauleiter cedeu.^[23] Ele pediu apenas que as bombas

fossem deixadas ao lado da estrada para seus homens recolherem, não jogadas em um lago como era a intenção de Högler.

Um dia depois, ao alvorecer de 5 de maio de 1945, Emmerich Pöchmüller e Otto Högler, dois dos verdadeiros heróis de Altaussee, pararam em frente à entrada da mina. Os mineiros tinham trabalhado vinte horas sem parar a fim de concluir os preparativos para a paralisia, que incluía não apenas as seis toneladas de explosivos mas 386 detonadores e 502 interruptores com timer. Sob ordens de Pöchmüller, os timers foram acionados e 76 estouros de bomba ecoaram da montanha, selando 137 túneis nas antigas minas de sal de Altaussee.

[24]

Evacuação

ALTAUSSEE, ÁUSTRIA

1º MAIO-10 DE JULHO DE 1945

Quando os Monuments Men Robert Posey e Lincoln Kirstein chegaram em Altaussee, no dia 16 de maio de 1945, o pequeno vilarejo de mineradores estava sendo ocupado por um punhado de soldados da infantaria americana. Havia também dezenas de mineiros e vários oficiais austríacos e alemães, e quase tantas histórias conflitantes. Segundo Kirstein, “uma colmeia de boatos desenfreados zunia nas imediações da entrada: a mina tinha sido explodida; não podíamos ver nada; não adianta tentar entrar”.^[1] Mas os Monuments Men entraram, forçando a passagem na mina fria até a imensa parede em declive de terra e pedra colocada abaixo por ordem de Pöchmüller. A explosão pretendia criar uma barreira de 12 metros de profundidade, mas ninguém tinha certeza se era isso que tinha acontecido. E ninguém sabia o que encontraria do outro lado.

Os mineiros estimaram que levaria duas semanas para abrir um espaço através das rochas bombardeadas. Posey, tendo estudado arquitetura, estava certo de que engenheiros de combate poderiam abri-lo em menos de uma semana. Os mineiros, agora sob as ordens dos americanos, se puseram a trabalhar com pás e picaretas antiquadas. Na manhã seguinte, eles haviam aberto uma brecha no alto de um túnel, o suficiente para um homem se esgueirar por ela.

Robert Posey passou primeiro, seguido por Lincoln Kirstein. Outro mundo os aguardava além da parede: empoeirado, escuro e fantasmagoricamente silencioso. Suas tochas de acetileno antigas iluminavam poucos metros mais adiante por um corredor principal cheio de entulho. As portas de segurança de ferro, destruídas pela força das detonações, pendiam desoladamente das dobradiças. O ar era úmido, sugerindo calhas quebradas e câmaras inundadas. Do outro lado da porta, uma estreita passagem secundária se bifurcava para dentro da montanha. A segunda porta era de ferro maciço, e precisou de duas

chaves para abrir. Lá dentro, lendo um livro em silêncio, estava a Virgem Maria de Van Eyck. A seu lado, sobre quatro caixas de papelão vazias, estavam mais sete painéis do Retábulo de Gand. “As milagrosas joias da Virgem Coroada pareciam atrair a luz de nossas tremeluzentes lâmpadas de acetileno”, Kirstein escreveu mais tarde. “Calmo e belo, o retábulo estava simplesmente ali.”^[2]

Os Monuments Men retrocederam e, através de túneis semiocultos, escuros feito breu, conseguiram se desviar da explosão da bomba. Um guia os levou mais para dentro do frio coração da montanha, por corredores ramificados, até uma grande câmara abobadada na rocha. A luz de suas tochas, oscilando na escuridão, iluminou prateleira por prateleira de caixas de pinho natural repletas de algumas das maiores obras-primas do mundo, antes de caírem, finalmente, na leitosa superfície da Madona de Bruges de Michelangelo. Ela estava deitada de lado sobre um colchão sujo marrom e branco, quase certamente o mesmo para onde fora empurrada dias antes de o Monuments Men Ronald Balfour chegar em Bruges, havia oito meses. O Monuments Man Thomas Carr Howe Jr. (que chegou em junho) escreveria mais tarde, “a luz de nossas lâmpadas brincava sobre as suaves dobras do manto da Madona, a delicada modelagem de seu rosto. Seus olhos sérios olhavam para baixo, parecia apenas semiconsciente do Menino robusto aconchegando-se, uma das mãos segurando firme a dela”.^[3] Dias depois, em uma câmara profunda, os Monuments Men descobriram os quatro painéis restantes do Retábulo de Gand, O ateliê do artista, de Vermeer e mais enfiado nos escuros recessos da câmara outro Vermeer, o da família Rothschild, O astrônomo.

No dia 18 de maio, com o tamanho da descoberta entrando em foco, Lincoln Kirstein foi enviado de volta ao quartel-general para conseguir “um especialista em ar, umidade e química de tintas para que pudéssemos ver o que os quadros haviam sofrido. O especialista”, ele escreveu, “é sempre George Stout, que talvez seja o homem mais gentil do mundo”.^[4]

O indispensável Stout chegou a Altaussee no dia 21 de maio. Sua primeira atitude foi conscienciosamente registrar os conteúdos conhecidos da mina, que tinham sido resumidos em um relatório pelos funcionários Karl Sieber e Max Eder e entregues a Stout pelo solícito Dr. Michel:^[5]

6.577 quadros
230 desenhos ou aquarelas
954 gravuras
137 esculturas
129 peças de armas e armaduras
79 cestas de objetos
484 objetos como caixas que se pensa serem arquivos
78 peças de mobília
122 tapeçarias
181 arquivos
1.200-1.700 caixas aparentemente com livros ou similares
283 caixas com conteúdo totalmente desconhecido

Em seguida ele começou a entrevistar o pessoal da mina e inspecionar as câmaras. “Era fascinante”, Kirstein escreveu, “ouvi-lo comparar métodos americanos para determinar a total, relativa ou alguma espécie de umidade com os métodos austríacos usados pelo professor de Mineralogia da Universidade de Viena (o notório D. Michel), que sempre estivera no depósito, e que nos mostrou suas credenciais do Movimento de Resistência Austríaca.”^[6] Depois de três dias de estudos, Stout declarou as obras de arte na mina a salvo por mais um ano. Em seguida, deixando a mina sob o comando de Posey, ele viajou para retaguarda do III Exército para solicitar uma investigação de crimes de guerra sobre o que tinha acontecido na remota mina de sal nos Alpes Austríacos. Nunca investigaram nada.

No dia 14 de junho, George Stout retornou a Altaussee com o tenente Steve Kovalyak, seu novo discípulo de Bernterode. Os corredores da mina estavam finalmente limpos no dia seguinte e todos os túneis “paralisados” reabertos. O esforço havia exigido 253 trocas de turno dos mineiros, que removeram 879 carretas de entulho.

Dez dias depois, em 25 de junho, Stout recebeu notícias graves. O presidente Harry Truman havia cedido a Stalin. Os Aliados ocidentais não ficariam com seu território conquistado, mas recuariam para as fronteiras pós-guerra determinadas pelos Três Grandes (Roosevelt, Churchill e Stalin) na Conferência

de Yalta, em fevereiro. Oficiais americanos militares temiam que outros depósitos ficassem na Zona de Ocupação Soviética. Tudo em Altaussee, Stout percebeu, seria entregue a Stalin. Os Monuments Men não teriam um ano para retirar os tesouros de Altaussee, como Stout tinha suposto. Eles tinham até 1º de julho. Quatro dias.

Stout estalou o chicote. Karl Sieber e os dois novos assistentes de Stout, os Monuments Men Thomas Carr Howe Jr. e Lamont Moore, foram mandados para o fundo da mina para selecionar as peças mais importantes para prioridade de remoção. Stout havia trazido com ele os casacos alemães de pele de ovelha que usara para embrulhar obras de arte em Merkers; eles agora eram usados com o mesmo propósito em Altaussee. Uma vez embrulhadas e encaixotadas, as obras de arte foram colocadas nos pequenos carrinhos sobre trilhos (chamados de “cães de mina”) que serpenteavam por trilhas estreitas em toda a mina. Os mineiros caminhavam ao lado dos cães de mina enquanto um pequeno motor os puxava para a superfície. Do lado de fora, as obras de arte eram carregadas em caminhões e, acompanhadas por dois semitratores, levadas pelas perigosas estradas montanha abaixo até um centro de coleta de artes do MFAA, conhecido como o Ponto de Coleta de Munique, criado por James Rorimer. Ali, os caminhões eram descarregados e os casacos de pele de ovelha – assim como todos os caixotes e outros materiais para embalagem disponíveis – levados de volta a Altaussee para serem usados no próximo embarque.

As condições se deterioravam rapidamente. Atrasado, Stout implementou um dia de trabalho de 16 horas, das quatro horas da manhã às oito horas da noite. Lá fora chovia sem parar, complicando o carregamento dos caminhões; até ir a pé para o alojamento era uma tristeza. Lá dentro, os sistemas elétricos e de iluminação, desligados pelas explosões de Pöchmüller, ainda não funcionavam. Não havia lugar suficiente para dormir; a comida era escassa; comunicações com o mundo exterior, quase inexistentes. Stout ralou os nós dos dedos nas paredes da mina salgada e pegou uma infecção. Todas as noites, ele tinha de ficar horas com os dedos mergulhados em um capacete cheio de água quente para diminuir o inchaço. “Todas as mãos se queixando”, ele escreveu em seu diário, no estilo eufemista típico.^[7]

Eles perderam o prazo final de 1º de julho. Felizmente houve uma

divergência nos altos círculos políticos sobre o prazo final, se ele se aplicava apenas à Alemanha ou também à Áustria. Os homens continuaram trabalhando. No café da manhã do dia 10 de julho, George Stout anunciou:

– Este parece um bom dia para os produtos com selo de ouro.^[8]

Ele tinha passado vários dias com Steve Kovalyak embrulhando a Madona de Bruges com casacos, papéis e cordas até ela parecer, nas palavras do assistente de Stout, Thomas Carr Howe Jr., “um presunto amarrado pronto para assar”.^[9]

Um presunto de uma tonelada, isto é, no qual até um arranhão mínimo seria para sempre notado pelo mundo. Mas Stout estava confiante. Usando um sistema de corda e roldana concebido especialmente para isso, ele içou a estátua com todo o cuidado para um cão de mina à espera, declarando:

– Acho que poderíamos chacoalhá-la de montanha em montanha pelos Alpes, até Munique, sem lhe causar dano algum.^[10] E continuou acompanhando pessoalmente a pé o cão de mina e a estátua até a entrada da mina.

O Retábulo de Gand, cada painel cuidadosamente colocado em seu próprio caixote, veio em seguida. O caminhão foi preparado de maneira semelhante às dezenas que já haviam retirado outros objetos de arte de valor inestimável da mina. Primeiro, forravam a base com papel impermeável, que era usado pela Wehrmacht para se proteger dos ataques a gás. Uma tira de feltro era passada sobre o papel, em seguida “salsichas” eram colocadas no feltro. Estas salsichas eram basicamente travesseiros de 45 centímetros de largura feitos por George Stout com tecido de cortina de linho cru encontrado na mina. No caso do retábulo, os caixotes foram amarrados de pé às salsichas, com caixas de embalagem dos dois lados para dar equilíbrio e absorver choques. Quando todos os 12 painéis estavam de pé, paralelos um ao outro, no caminhão, mais uma camada de feltro e papel impermeável foi colocada por cima de toda a carga, amarrada firme nas laterais.

As embalagens da Madona de Bruges e do Retábulo de Gand, empreendidas com extraordinário cuidado, consumiram um dia inteiro. Na manhã seguinte, com George Stout na liderança e semitratores seguindo atrás, duas das maiores obras-primas da Europa tomaram o rumo de Munique pelos 241 quilômetros de estradas sinuosas nas íngremes montanhas alpinas. Suas jornadas de volta para casa tinham começado.

Menos de um mês depois, no dia 6 de agosto de 1945, George Stout deixou a Europa. Ele também estava a caminho de casa: 47 anos de idade, cansado, mas não exaurido. Em pouco menos de 13 meses, ele havia descoberto, analisado e embalado dezenas de milhares de peças de arte, inclusive oitenta caminhões carregados só em Altaussee. Ele havia organizado os oficiais de campo da MFAA na Normandia, insistido com o SHAEF para expandir e apoiar o esforço dos monumentos, sido o mentor de outros Monuments Men por toda a França e Alemanha, interrogado muitos dos oficiais das artes nazistas importantes, e inspecionado a maioria dos depósitos nazistas ao sul de Berlim e a leste do Reno. Não seria exagero supor que ele rodou 80 mil quilômetros com seu velho fusca capturado e visitou quase todas as áreas de ação no território do 12º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos. E durante todas as viagens a serviço pelo continente, ele havia tirado exatamente um dia e meio de folga.^[11]

Carta de James Rorimer à sua mulher, Katherine
17 de maio de 1945

Você pode mesmo se queixar de não ter recebido notícias minhas nestes últimos dias. Nunca em minha vida trabalhei em um ritmo mais excitante e com mais resultados do que nestas últimas duas ou três semanas em que cobri nossa área que me levou a Salzburgo e Füssen (a cidade mais próxima do Castelo de Neuschwanstein) duas vezes cada, às destruídas Munique, Worms, Frankfurt, Darmstadt, Mannheim, Heidelberg e dezenas de lugares menores. A esta altura você vai concluir que temos permissão para mencionar localidades como não foi possível quando saí de casa há mais de um ano, e mais, estou estacionado em Augsburg por enquanto, mas mal tive chance de ver a cidade porque estou sempre correndo de um lado para o outro quando não estou fazendo alguma coisa no quartel-general. Examinei as mais excitantes informações e documentos sobre a pilhagem em massa de obras de arte na Europa pelos nazistas e tenho trabalhado com mandachucas nazistas do passado e conferido pistas e encontrado tesouros de arte tais como raramente esperei achar. [Monuments Man] Kuhn e tenente-coronel McDonnell estiveram aqui de novo para ver algumas das coisas que descobri. Descobri alguns dos principais culpados no contrabando, e informações que estão chegando às manchetes da imprensa internacional se não me engano. Vá aos cinejornais e veja você mesma. Meu contato com a imprensa internacional terá de ser por seu intermédio.

O colecionador de arte de Göring, seu trem particular, sua casa em Berchtesgaden, assim como a de Hitler e a

Braunhaus em Munique e os castelos em Füssen (Neuschwanstein) e os Monastérios que foram usados para esconder coisas têm sido o cenário de meu trabalho. Estou bem atrasado em meus relatórios, mas meu diário está atualizado. Que excitantes histórias agora posso escrever no livro que espero publicar. Agora eu realmente posso dizer que cumpri meu papel no esforço de guerra. Tive uma agradável entrevista com o major-general Taylor da 101 Airborne que me mandou chamar outro dia. Vou vê-lo de novo no domingo. Harry Anderson do American Institute está se ocupando das coisas de Göring sob minha supervisão, por assim dizer. Ele é um capitão. Espero ter outro oficial para me ajudar em poucos dias. [Monuments Man] Calvin Hathaway ainda está aqui e é de grande ajuda. Skilton também está aqui e alguns soldados sem dúvida ajudarão – que vida para um primeiro-tenente. Penso que fui finalmente liberado de Paris depois da não concorrência de dois generais. Sinto-me feliz de estar aqui. Trens carregados de obras de arte são relatados o tempo todo. Simplesmente não consigo controlar meus pensamentos estes dias...

Ainda não vi no jornal notícia de minha atividade que tenha incluído obter nomes de pessoas importantes, informações e obras de arte do Einsatzstab Rosenberg. Essa era minha ambição pessoal quando ingressei no Exército, quando entrei para o Civil Affairs, quando disse à diretoria do American School Center, em Shrivenham, e quando trabalhei em outras questões durante os oito meses em Paris. Eu quase não cheguei à Alemanha. Não posso explicar como tive tanta sorte a ponto de conseguir que nosso Exército fosse a estes lugares que, com duas importantes exceções, são os mais importantes... Agora o que mais desejo é encerrar minha carreira militar e voltar à vida civil.

Não se preocupe em me enviar nada... No momento nada

me é de muita utilidade, pois guardo tudo em um saco de campanha. Aonde vou em seguida eu não sei, mas tenho de me manter em movimento o tempo todo.

Agora preciso voltar ao trabalho. Amor e mais quando as coisas se acalmarem.

Jim

A jornada de volta para casa

HEILBRONN, ALEMANHA

SETEMBRO-NOVEMBRO DE 1945

O fim das hostilidade ativas não foi o fim do trabalho dos Monuments Men. Como a situação em Altaussee demonstrou, encontrar tesouros saqueados pelos nazistas era apenas o primeiro passo em um processo muito longo. Os tesouros tinham de ser inspecionados e catalogados, depois embalados e embarcados para fora de minas, castelos, mosteiros ou simplesmente buracos no chão onde tinham sido armazenados. Quase todos os locais continham arquivos nazistas, que também precisavam ser transportados para que pesquisadores pudessem determinar de onde vinham as obras de arte e quem eram seus legítimos donos. Os arquivos inevitavelmente levavam à descoberta de outros depósitos, assim como entrevistas com os nazistas agora sendo capturados no Estado austro-germânico desmoronado. E quase todos os dias unidades militares tropeçavam em tesouros incomensuráveis escondidos em porões, vagões de trem, armazéns secretos de alimentos e barris de óleo.

No dia 4 de junho, menos de um mês depois do fim das hostilidades, 175 depósitos tinham sido encontrados apenas no território do VII Exército dos Estados Unidos. O MFAA estava acrescentando oficiais e recrutas o mais rápido possível – uma grande maioria dos quase 350 homens e mulheres que serviram no esforço multinacional do MFAA se juntaria depois do final do combate –, mas ainda só uma pequena parte dessas minas e castelos tinha sido esvaziada. E cada peça tirada de um buraco tinha de ser levada para algum lugar. Por sorte, o diligente e perspicaz James Rorimer tinha conseguido proteger os prédios mais cobiçados em Munique: o complexo de quartéis do extinto Partido Nazista. Logo, objetos de arte e outros itens culturais roubados jorravam para dentro dos prédios, agora conhecidos como o Ponto de Coleta de Munique, vindos de toda parte do sul da Alemanha e da Áustria. Em julho, o espaço utilizável estava quase

cheio, então Rorimer conseguiu outro prédio quase do mesmo tamanho em Wiesbaden. Semanas depois, um prédio na Universidade de Marburg foi requisitado para a coleta de arquivos. Walker Hancock, o otimista Monuments Man do I Exército dos Estados Unidos, ficou como responsável.

James Rorimer, enquanto isso, jamais ficava por muito tempo em um só lugar. Não demorou muito e ele trazia Harry Ettlinger, o soldado raso alemão-judeu-americano de Karlsruhe que tinha entrado em seu escritório por acaso um dia antes da rendição da Alemanha, como seu tradutor pessoal. De repente, o serviço era vertiginoso e interessante tanto quanto seus quatros meses anteriores tinham sido lentos e monótonos.

Em meados de maio, Rorimer o levou a uma penitenciária em Munique para um interrogatório de quatro horas com um cidadão alemão. Rorimer vinha trabalhando havia dias com o homem; tentando ser seu amigo, dando-lhe cigarros, fingindo solidariedade. O nazista havia finalmente se aberto, e agora Rorimer precisava de Harry para anotar informações específicas sobre sua coleção de arte. O homem era Heinrich Hoffman, amigo íntimo e fotógrafo pessoal de Hitler. Como deve ter sido para um judeu alemão perseguido ficar assim tão perto de um homem que havia jantado regularmente com o Führer, e que tinha sido seu dedicado defensor e confidente por mais de vinte anos? Hoffman, é claro, insistia em ser um espectador. Ele havia tirado fotos de propaganda de Hitler só porque recebia direitos autorais sempre que eram reimpressas, até em selos alemães. Ele havia comprado objetos de arte de origem duvidosa de comerciantes “conceituados” só para poder reproduzi-los em fotos. Tinha enriquecido com o nazismo, mas nunca fora um... Crente, apenas um oportunista econômico. Não era este o estilo americano?

Logo depois, Harry acompanhou Rorimer a Berchtesgaden. Enquanto Rorimer lidava com os tesouros de arte no vilarejo – o Reichsmarschall não era o único alto oficial nazista a esconder o produto de seu roubo perto da ex-cidadela nazista –, Harry subiu a montanha até o chalé do Führer, conhecido como o Berghoff. Ele ficou sozinho na sala de estar do Führer e olhou pela enorme janela (o vidro se fora havia tempo) de onde Adolf Hitler tinha com tanta frequência observando seu império. Como se sentiu um judeu alemão, cujos amigos e parentes tinham morrido no Holocausto, ao se ver entre os conquistadores nos

salões do ditador derrotado? Bem. A casa tinha sido examinada por tropas visitantes, mas Harry conseguiu surrupiar algumas dragonas e papéis com o timbre de um alto general da SS. Ele olhou para a Alemanha do alto, agora livre, e pensou naquelas quatro palavras simples: “É uma sensação boa.”

Próximo do final de maio, o capitão Rorimer levou o soldado Ettlinger a Neuschwanstein. Neuschwanstein! Harry Ettlinger viu o castelo elevando-se do vale alpino diante dele quase exatamente como acontecera com James Rorimer semanas antes, com suas torres sublimes contra um céu enorme. Somente Altaussee podia rivalizar com ele tanto em cenário como em qualidade de objetos de arte roubados. Mas Altaussee não tinha história. Como muitas crianças alemãs, Ettlinger crescera ouvindo histórias sobre esse castelo e suas enormes riquezas; passar por seus portões era como entrar em um conto de fadas de sua infância. Aqui estava a Alemanha das lendas, com seu famoso salão do trono dourado. Mas era também a Alemanha do presente, uma sala após a outra cheias de obras de arte roubadas. Na entrada, Ettlinger havia observado Rorimer mandar embora um general britânico de duas estrelas. O capitão americano foi inflexível: não era permitido ninguém lá dentro. Mas aqui estava Harry Ettlinger, um soldado raso, pasmo diante da variedade de artes, ouro e tesouros – tesouro dos Rothschild! –, nem mesmo sonhada na época em que era um menino em Karlsruhe. Ele vinha traduzindo documentos havia semanas, mas eram simplesmente palavras e números. Ver quadros reais de artistas como Rembrandt empilhados como butim era outra coisa bem diferente. “Meu conhecimento sobre o Holocausto”, Harry diria mais tarde, “começou realmente com a percepção de que não se tratou apenas de tirar as vidas – isso eu aprendi muito mais tarde em minha experiência – mas de privá-las de todos os seus pertences... [Para mim] Neuschwanstein foi o início do verdadeiro desvendar dessa parte da história que não deve jamais ser esquecida.”^[1]

Em setembro de 1945, James Rorimer mandou Harry Ettlinger a Heilbronn, para a mina que ele havia salvo da inundação em abril. Os sons da guerra haviam recuado para o passado, mas os ecos não. O Kronprinz Hotel, onde Harry morou com vinte outros recrutas era o único prédio de pé em um quarteirão antes cheio de construções de pedra. As ruas estavam vazias de gente, mas cheias de entulho, nada havia sido feito para limpá-las. O centro devastado da cidade

mostrava poucos sinais de vida. O principal ponto de referência de Harry ao caminhar até a mina de sal era a estação de trem Bockingen, também totalmente destruída. Do outro lado da estação, um grande bloco de concreto marcava o local de um abrigo antiaéreo. A entrada fora selada depois dos devastadores bombardeios aliados de 4 de dezembro de 1944. O abrigo havia pegado fogo; dentro estavam os restos de 2 mil alemães que ali tinham se refugiado. Se Harry precisava de uma lembrança mais pessoal dos horrores da guerra, bastava olhar para Ike, um sobrevivente de Auschwitz e Dachau pesando 31 quilos e que tinha sido “adotado” por seu destacamento.

Mas, graças a James Rorimer, a mina de Heilbronn estava de novo funcionando, aparentemente a única fera acordada nessa terra entorpecida. As bombas tinham sido consertadas e estavam fazendo circular a água infiltrada do Rio Neckar para fora das câmaras subterrâneas. Os vagonetes carregavam grandes quantidades de pedras salgadas para a superfície. Dali, elas eram transferidas para um enorme forno, onde eram liquefeitas a 648° C para que os cristais de sal pudessem ser escumados. O forno funcionava a coque, um produto do carvão, e como havia coque em excesso na mina, a fábrica de vidro vizinha estava ativa também. Em meio a toda destruição e tristeza, onde era difícil para a maioria das pessoas encontrar até uma migalha de comida ou cama decente, a fábrica estava produzindo milhares de garrafas de Coca-Cola.

Em Heilbronn, o soldado Harry Ettlinger sentiu pela primeira vez a imensidão da tarefa do MFAA. Havia apenas dois Monuments Men em Heilbronn, mas esperava-se que eles removessem do subsolo, literalmente, toneladas de objetos de arte. Na superfície, trabalhava o comandante de operações, Monuments Man tenente Dale Ford, um designer de interiores recentemente tirado pela Comissão Roberts de uma unidade de camuflagem no norte da África. Ford e três alemães – um historiador de arte, um administrador e um membro júnior da equipe da ERR designado durante a guerra para Paris (e possivelmente o Jeu de Paume, isso nunca ficou claro) – passavam o dia em um pequeno escritório ao lado do elevador da mina, pesquisando os arquivos da ERR. Sua principal tarefa era encontrar os objetos mais importantes escondidos no meio dos detritos.

A tarefa de Harry era transportá-los até a superfície. Todas as manhãs, depois

de passar pela cripta antiaérea e pela fábrica de garrafas de Coca-Cola, ele recebia uma lista de objetos e suas localizações. Em seguida, ele descia 213 metros no escuro com dois mineiros alemães. Duas minas tinham na verdade sido usadas (a segunda, localizada nas proximidades, era conhecida como Kochendorf) e juntas elas somavam quilômetros de câmaras. Dentro dessas câmaras havia mais de 40 mil caixotes, do quais esperava-se que Harry retirasse dezenas de peças por dia. Era uma tarefa assustadora, mas Harry tinha duas coisas funcionando a seu favor. Primeiro, os registros da ERR eram excelentes, descrevendo até o número do engradado na prateleira do cesto da parede exatamente onde cada peça estava. Segundo, como o engenheiro-chefe da mina havia garantido a Rorimer em abril, os objetos de arte estavam todos armazenados em uma série de câmaras menores no nível superior da mina. Os níveis inferiores maiores, muitos inundados durante ou logo depois da batalha por Heilbronn, continham equipamentos de fábricas.

Mesmo assim, a mina era escura e fria. Túneis se ramificavam em inúmeras direções, e uma vez saindo do poço principal era fácil se perder. O número de câmaras era intimidante, mas nada comparado com o fato de que cada uma delas continha centenas de caixotes marrons de aparência semelhante, qualquer um deles podia conter tesouros culturais, moedas de ouro, bombas, armadilhas... Ou algo tão comum como fotografias pessoais. A tarefa era imprevisível. Harry havia aprendido isto com poucas semanas de trabalho ao notar uma câmara murada com tijolos. Ninguém sabia o que estava por trás, então ele ordenou que derrubassem a parede. Dentro havia longas mesas cheias de garrafas. Cada garrafa continha um líquido pouco consistente separado de uma lama mais espessa. Os mineiros reconheceram logo: nitroglicerina. O alarme soou, e todos saíram correndo da mina. Em seguida, especialistas foram enviados para levar as garrafas para a superfície com todo o cuidado. A separação dos líquidos, os mineiros contaram a Harry, tornava a solução volátil. Mais um mês e o líquido mais fino teria explodido. Parecia não haver muitas dúvidas de que esse “acidente” era exatamente o que a pessoa que construiu a parede tinha em mente.

Apesar do perigo, o esforço de recuperação seguiu em frente. Quando a luta se aproximava de sua conclusão, houve algumas discussões quanto ao que fazer

exatamente com os tesouros encontrados na Alemanha e na Áustria. No final, ficou decidido que todos os objetos culturais, até os que pertenciam à Alemanha, seriam devolvidos a seus países de origem. Uma vez tomada essa decisão, os Aliados ocidentais estavam determinados a devolver os tesouros o mais rápido possível. Em primeiro lugar, o Exército não podia dispensar pessoal para o serviço. E uma restituição nessa escala era inédita: o mundo estava em dúvida com toda a razão. Os Aliados ocidentais haviam sacrificado suas fortunas nacionais e uma geração de homens jovens; eles realmente iriam devolver os espólios de sua vitória?

No final do verão, o general Eisenhower respondeu a essa questão em um estilo retumbante. Sempre atento à importância de seus Aliados ocidentais, Ike ordenou a devolução imediata das obras de arte mais importantes a seus respectivos países até ser possível implementar o processo mais sistemático de devoluções. A primeira a ser devolvida foi o Retábulo de Gand. Logo outras se seguiram, inclusive os famosos vitrais da Catedral de Strasbourg, que os franceses consideravam um tesouro nacional. A mensagem foi transmitida de comandante a comandante e, finalmente, a 213 metros abaixo do solo ao soldado Harry Ettlinger. Os vitrais não foram difíceis de achar, mesmo em Heilbronn – eram muito grandes –, mas retirar obras-primas tão delicadas de uma mina de sal em funcionamento era um trabalho enervante. Em seguida foi a embalagem: 73 caixotes ao todo. Em meados de outubro, os vitrais estavam inventariados, empacotados e prontos para serem transportados. Em vez de seguirem para um ponto de coleta da MFAA, os vitrais foram levados em comboio diretamente da mina para Strasbourg. No dia 4 de novembro de 1945, seu retorno foi comemorado com uma cerimônia pomposa, durante a qual James Rorimer foi condecorado com a Legião de Honra Francesa, tornando-se o primeiro Monuments Man a receber tamanha honra.

Enquanto isso, Harry estava com outra tarefa importante. A história da pilhagem nazista, afinal de contas, não era meramente a de roubar tesouros de nações e a raça humana de seus fundamentos históricos e culturais. Mais do que tudo, os nazistas roubaram famílias: tiraram seus meios de subsistência, suas oportunidades, suas heranças, lembranças das coisas que os identificavam e definiam como seres humanos. Isto foi demonstrado a Harry Ettlinger na forma

de uma carta do avô, Opa Oppenheimer, em outubro de 1945. Pouco antes de fugir da Alemanha em 1939, Opa foi obrigado a esconder em um armazém perto de Baden-Baden sua amada coleção de ex-libris e gravuras de arte. Ele guardou o nome do estabelecimento, o número do armazém, a combinação das fechaduras e a esperança de que seu tesouro pessoal sobrevivesse à guerra e de alguma forma voltasse às suas mãos. Agora, seis anos depois, seu neto estava servindo na Alemanha central como um Monuments Man, recuperando obras de arte. Opa Oppenheimer esperava que Harry pudesse facilitar o retorno de sua coleção – se ela ainda existia.

A oportunidade só se apresentou em novembro, quando o criado do governador da Zona Ocupada Francesa veio se hospedar no Kronprinz Hotel. O criado, Jacques, era um especialista em conserto de automóveis, e tinha vindo examinar a fábrica de motores Mercedes na cidade vizinha de Stuttgart. Harry perguntou se ele podia lhe facilitar uma viagem até Baden-Baden, que estava na Zona Francesa. O criado concordou logo.

Então, em uma ensolarada manhã de novembro de 1945, Jacques, o soldado Harry Ettlinger e o membro “adotado” de seu destacamento, Ike, sobrevivente do Holocausto, partiram em um jipe para encontrar a coleção de gravuras e ex-libris que representavam as recordações de uma vida comum bem vivida. A viagem levou pouco mais de uma hora. Eles encontraram o estabelecimento sem dificuldade. Escancarando as portas do armazém, o coração de Harry Ettlinger disparou quase como naquele dia, tempos atrás, na Bélgica, quando o sargento o retirou do comboio que se dirigia para o front. Aqui nesta sala escura e empoeirada estavam as maravilhas que Harry conhecia desde a infância – milhares de ex-libris originais, assinados; centenas de gravuras de impressionistas alemães da virada do século; e a bela gravura autografada de um desenho do Rembrandt de Karlsruhe. Estavam exatamente como Opa Oppenheimer os havia deixado.

Com um tapinha nas costas de Harry, o criado sugeriu que fossem celebrar comendo alguma coisa. Ele os levou a um vale rural, onde jantaram trutas pescadas direto do riacho e brindaram com a especialidade local: schnapps de cerejas. Quando deixaram o criado em Baden-Baden, Harry e Ike estavam se sentindo bem. Talvez bem demais. Ike, que gostou de sua bebida, errou uma

curva na estrada montanhosa para Heilbronn e caiu em uma vala. Foram necessários dez homens para colocar o jipe de volta na estrada, quando então eles descobriram que estavam sem freio. Ike deu meia-volta e foi dirigindo “no embalo” quase 5 precários quilômetros até Baden-Baden outra vez.

Harry era agora AWOL (ausente sem licença, punível com uma sentença de prisão no Exército), visto não ter se preocupado em obter um passe de pernoite. E, pior ainda, pelo menos no momento, os dois homens não tinham onde dormir. Eles tentaram encontrar a única pessoa que conheciam na cidade, Jacques, o criado-pessoal, que felizmente tinha uma namorada que trabalhava no melhor hotel da cidade. Ela os recebeu na porta dos fundos e os fez subir furtivamente as escadas para o único lugar onde ninguém na recepção pensaria em procurá-los: a suíte na cobertura. Naquela noite, um sobrevivente do Holocausto de Auschwitz e um soldado raso do Exército americano – um ex-judeu alemão que fora obrigado a deixar sua terra natal devido aos implacáveis expurgos nazistas – dormiram em camas reservadas para o Kaiser da Alemanha. Nem Adolf Hitler e Eva Braun tiveram direito a tamanho luxo.

Semanas depois, enquanto milhares de pessoas entravam em Strasbourg para se maravilharem com os recém-instalados vitrais de sua catedral internacionalmente famosa, outro carregamento de objetos preciosos chegava de caminhão à mina de Heilbronn. Ali, Harry Ettlinger e dois mineiros alemães os empacotaram com todo o cuidado exatamente como haviam feito com os grandes vitrais da catedral e os quadros do Velho Mestre. Estes objetos preciosos, entretanto, não eram para um governo europeu ou um grande colecionador, mas para um apartamento no terceiro andar de uma casa velha no endereço 419 Clinton Avenue, em Newark, Nova Jersey. O tesouro da família Oppenheimer-Ettlinger tinha voltado da guerra para casa.

Heróis da civilização

ALEMANHA, GRÃ-BRETANHA, FRANÇA, AMÉRICA E O MUNDO
NAQUELE TEMPO, AGORA E SEMPRE

A reconstrução da Europa depois da Segunda Guerra Mundial foi um dos esforços internacionais mais complicados e abrangentes dos tempos modernos. A identidade e a infraestrutura das nações do continente tinham de ser reconstruídas, e a restituição de obras de arte foi um fator vital. Dizer que a guerra foi a maior ruptura de itens culturais da História seria um grave eufemismo. No final, os Aliados ocidentais descobriram mais de mil depósitos só no sul da Alemanha, contendo milhões de obras de arte e outros tesouros culturais, incluindo sinos de igreja, vitrais, artigos religiosos, registros municipais, manuscritos, livros, bibliotecas, vinho, ouro, diamantes e até coleções de insetos. A tarefa de embalar, transportar, catalogar, fotografar, arquivar e devolver estes saques a seus países de origem – os respectivos países eram então responsáveis pela devolução a cada um de seus donos – ficou quase que exclusivamente nas mãos da seção MFAA. A tarefa levaria seis longos anos.

Apesar de todos os esforços dos homens e mulheres da MFAA, centenas de milhares de obras de arte, documentos e livros ainda precisam ser encontrados. A mais famosa talvez seja o Retrato de um jovem, de Rafael, roubado da Coleção Czartoryski, na Cracóvia, Polônia, e que esteve de posse do notório governador-geral nazista Hans Frank, segundo as últimas notícias que se tem dele. Dezenas de milhares foram, sem dúvida, destruídas. Entre elas a coleção pessoal do chefe da SS Heinrich Himmler, queimada pelas tropas de assalto da SS antes que as tropas britânicas pudessem intervir. Os famosos Painéis Âmbar de Pedro, o Grande, pilhados pelos nazistas do Palácio de Catarina nos arredores de São Petersburgo (outrora Leningrado), foram provavelmente outra vítima cultural da guerra, com toda a probabilidade destruídos durante uma batalha de artilharia que aconteceu em Königsberg; exceto os pequenos mosaicos portáteis, um dos

quais reapareceu em Bremen em 1997. Milhares de quadros e outras obras de arte nunca foram reivindicados, seja porque não foi possível determinar sua procedência ou seus donos estavam entre os milhões que morreram ou foram assassinados nas cruzadas raciais e militares de Hitler. Infelizmente, nem todos os museus, os guardiões interinos de algumas dessas obras de arte, demonstraram a determinação dos Monuments Men em localizar seus donos ou herdeiros por direito.

Mais de sessenta anos depois da morte de Adolph Hitler, ainda vivemos em um mundo alterado por seu legado. Seus pertences pessoais estão espalhados, embora muitos tenham chegado a museus públicos e coleções. A maioria dos livros de sua biblioteca estão na Divisão de Coleções Especiais e Livros Raros da Biblioteca do Congresso dos EUA, e oitenta volumes talvez se encontrem na Brown University da Coleção de Livros Raros da Biblioteca John May. Muitas de suas pinturas e aquarelas estão armazenadas no Museu Nacional do Exército Americano de Arte Militar. As duplicatas originais de sua última vontade e testamento político estão no National Archives em College Park, Maryland, e no Imperial War Museum, em Londres. Sua amada Haus der Deutschen Kunst (Casa da Arte Alemã) ainda está de pé em Munique, embora hoje como Haus der Kunst, sede de exposições temporárias de arte contemporânea. Mas o duradouro impacto de seu amargo reinado se mede melhor em modos mais efêmeros: cinquenta milhões de entes queridos que jamais voltaram para casa da guerra para se reunirem a suas famílias ou iniciar uma própria; contribuições criativas, brilhantes, jamais dadas a nosso mundo porque cientistas, artistas e inventores perderam a vida cedo demais ou não chegaram a nascer; culturas construídas ao longo dos séculos reduzidas a cinzas e entulho porque um ser humano julgava grupos de outros seres humanos menos dignos do que o seu.

Os mais altos oficiais do governo de Hitler foram processados por crimes contra a humanidade em julgamentos em Nuremberg iniciados em outubro de 1945. O provável sucessor de Hitler e rival pelos tesouros culturais da Europa, Reichsmarschall Hermann Göring, foi preso por soldados americanos no dia 9 de maio de 1945. Vestido com seu uniforme mais resplandecente e carregando seu bastão de estado, ele tinha tentado conseguir uma audiência com o Supremo-comandante Aliado Eisenhower. Em vez disso, ele foi levado para uma

cela de prisão em Augsburg. Como outros líderes do partido em Nuremberg, de início ele negou seu papel no Holocausto, proclamando “Respeito às mulheres e acho indigno matar crianças... Por mim, sinto-me isento da responsabilidade pelos assassinatos em massa”.^[1] No final, entretanto, ele foi um dos poucos a reconhecer participação pessoal nos piores aspectos do III Reich.

Göring economizou suas negativas para acusações sobre sua coleção de arte. “De todas as acusações que a mim têm sido dirigidas”, ele é citado no Nuremberg Interviews, “a suposta pilhagem de tesouros de arte por mim tem me causado a maior angústia.”^[2]

Em outra seção do Nuremberg Interviews, ele explicou sua opinião: “Eles tentaram me pintar como um saqueador de tesouros de arte. Em primeiro lugar, durante a guerra todo mundo saqueia um pouco. Entretanto, nenhum de meus assim chamados saques foi ilegal... Eu sempre paguei por eles e eles foram entregues por intermédio da Divisão Hermann Göring, que, junto com a Comissão Rosenberg, abastecia minha coleção de arte. Talvez uma de minhas fraquezas tenha sido a de que me agrada estar rodeado de luxo e tenho temperamento tão artístico que as obras-primas me fazem sentir vivo e resplandecente por dentro. Mas minha intenção sempre foi a de contribuir com estes tesouros de arte... Para um museu do Estado depois de morto ou antes, para a maior glória da cultura alemã. Olhando por esta perspectiva, não vejo que fosse eticamente errado.”^[3]

O golpe mais duro para o Reichsmarschall veio quando ele se confrontou em sua cela com o fato de que uma de suas valiosas posses, Cristo com a mulher surpreendida em adultério de Jan Vermeer, pelo qual havia trocado 150 quadros, era uma falsificação. (O falsificador, Han van Meegeren, tinha sido preso na Holanda por colaboração com os nazistas e por saquear a cultura holandesa. Quando se revelou que ele havia enganado o odiado Reichsmarschall, foi ovacionado como um herói nacional.) O Monuments Man Stewart Leonard deu a notícia a Göring e disse depois que ele “parecia como se pela primeira vez tivesse descoberto que havia maldade no mundo”.^[4] O Reichsmarschall havia se imaginado um homem do Renascimento; no final, ele se revelou nada mais do que tolo ingênuo e ganancioso.

Herman Göring não apelou de sua sentença de morte em Nuremberg. Pediu

apenas para ser executado com dignidade, por um pelotão de fuzilamento, em vez de ser enforcado como um criminoso comum. Seu pedido foi negado. No dia 15 de outubro de 1946, na noite anterior ao dia marcado para seu enforcamento, o prostrado Reichsmarschall se suicidou com uma cápsula de cianeto de potássio. Ainda não está claro como o veneno entrou em sua cela.

Alfred Rosenberg, líder da ERR e teórico racial chefe de Hitler, mostrou não se sentir nem um pouco arrependido e negou cumplicidade em qualquer crime. Ele foi julgado culpado e executado na forca no dia 16 de outubro de 1945.

Ernst Kaltenbrunner, o líder da Gestapo, foi julgado culpado por assassinato em massa de civis, selecionar e executar indesejáveis raciais e políticos, criar campos de concentração, trabalhos forçados e execução de prisioneiros de guerra, e muitos outros crimes hediondos e inimagináveis. Ele também foi executado na forca no dia 16 de outubro de 1945. A intercessão para ajudar a salvar os tesouros artísticos em Altaussee revelou ser o único feito positivo em uma vida em outros aspectos totalmente miserável e podre.

Hans Frank, o notório governador-geral nazista apanhado com obras-primas roubadas próximo do final da guerra, renovou sua fé no catolicismo e expressou algum remorso por seu reinado de terror na Polônia. Ele expressou alívio ao ser enforcado com seus colegas líderes nazistas, mas jamais revelou a localização do quadro de Rafael perdido.

Albert Speer, arquiteto pessoal e amigo de Hitler, que havia quase se declarado contra o Decreto Nero do Führer, foi o único outro nazista de alto nível a expressar remorso por seus atos. Ele foi julgado culpado por crimes de guerra e contra a humanidade e, depois de intensa divergência entre os jurados, sentenciado a vinte anos de prisão. Solto em 1966, ele se tornou escritor. Suas três memórias da vida no governo de Hitler, e mais notavelmente seu primeiro livro, *Inside the Third Reich*, tornaram-se inestimáveis para historiadores. Albert Speer morreu de ataque cardíaco em 1981.

August Eigruber foi preso em maio de 1945 e processado no Julgamento de Mauthausen, em março de 1946. Ele foi julgado culpado por crimes de guerra cometidos no campo de concentração de Mauthausen, inclusive a execução de prisioneiros de guerra. Uma boa parte das evidências usadas para condená-lo eram de arquivos encontrados na mina de sal de Altaussee, provavelmente outra

razão para ele estar tão interessado em destruir a mina. Ele foi sem remorsos para a forca no dia 28 de maio de 1947. Suas últimas palavras, pouco antes do alçapão se abrir, foram, “Heil Hitler! ”.

Hermann Bunjes, o estudioso de arte que havia vendido a alma em Paris e tentado comprá-la de volta contando aos Monuments Men Posey e Kirstein sobre Altaussee, enforcou-se na janela de sua cela na prisão no dia 25 de julho de 1945. Mais tarde foi relatado por Lincoln Kirstein, e repetido em inúmeros livros de história, que Bunjes não só havia se matado, como mortos a tiros também a sua mulher e filhos. Isso não foi verdade. Ele deixou a família sem um tostão, passando fome e aterrorizada em uma Alemanha falida, mas todos bem vivos. Sua mulher, Hildegard, na verdade, viveu até agosto de 2005. Ela foi para o túmulo declarando: “Meu marido não era um nazista ativo; ele era um idealista.”^[5]

Bruno Lohse, representante de Göring da ERR em Paris, foi preso por James Rorimer no dia 4 de maio de 1945. Rorimer havia encontrado seu nome no livro de registro em Neuschwanstein e o informaram de que ele vivia em uma clínica de repouso no vilarejo vizinho. Ao ser confrontado, Lohse tentou se passar por um simples cabo da Luftwaffe (que era sua patente técnica). Rorimer, alertado por Volland de que Lohse era “o maior tratante, que não merecia confiança, um traidor”, não se deixou enganar.^[6] O “cabo” foi preso.

Lohse admitiu ter estado envolvido com a operação da ERR no Jeu de Paume, mas insistiu que não tinha feito nada de errado. Ele era um funcionário de Göring, disse, e portanto suas ações eram legítimas. Ele foi ficando cada vez mais desiludido à medida que os interrogadores descreviam o comportamento de Göring, especialmente o fato de que o Reichsmarschall jamais se preocupou em pagar sua dívida para com o ERR. Lohse tinha sido um fervoroso admirador de Göring, e ficou desconsolado ao saber que seu chefe era tão mesquinho que não havia nem pago os preços absurdamente baixos atribuídos a suas artes pilhadas pelos intimidados assessores de Paris.

Em troca de clemência, Bruno Lohse testemunhou contra colegas saqueadores e ajudou os franceses a localizar vários depósitos de arte roubada. (Favoreceu-lhe o fato de que seus colegas conspiradores, Kurt von Behr e Hermann Bunjes, cometeram suicídio.) Ele foi solto em 1950, e logo depois

tornou-se um “legítimo” comerciante de arte em Munique. Em meados da década de 1950, negava publicamente ter cometido qualquer crime e trabalhava ativamente para reabilitar sua reputação. Uma boa parte desse esforço envolvia a intimidação e assédio de sua principal acusadora, Rose Valland. Em uma carta de 1957, Valland alertou James Rorimer, com quem ainda mantinha uma boa amizade, que “Lohse, que em sua frente se mostra uma vítima, assume uma personalidade totalmente diferente quando está em Munique, julgando-se pelas conversas que me relataram, e de novo se torna o nazista ansioso para se vingar e desacreditar as restituições. Por exemplo, ele lamenta não ter seguido as instruções de von Behr e não ordenar meu desaparecimento (deportação e execução) segundo os planos de von Behr. Na Alemanha, ele se tornou o paladino de todas aquelas deploráveis pessoas que foram forçadas a obedecer as ordens da polícia nazista e cujos sentimentos ferimos ao lhes pedir para serem responsáveis por seus atos”.^[7]

Lohse morreu em março de 2007, aos 95 anos, tendo passado suas últimas décadas de vida em relativa calma e anonimidade. Em maio de 2007, descobriram em um banco em Zurique, na Suíça, um cofre que ele controlava. Dentro estava um quadro de Camille Pissarro roubado pela Gestapo em 1938, assim como quadros de Monet e Renoir. Registros mostraram que pelo menos 14 outros quadros tinham sido retirados do cofre desde 1983. Uma investigação internacional continua.

E havia personalidades menores de Altaussee. Estes homens comuns, desconhecidos das altas autoridades, tinham encontrado seu próprio caminho em meio à desordem da Áustria e da Alemanha no pós-guerra. Esta tarefa se complicou pelo fato de terem sido membros de um Partido Nazista. Nenhum, entretanto, era membro ativo do partido. Na Áustria e na Alemanha na década de 1930, uma pessoa tinha de ser membro do Partido Nazista se quisesse ser um profissional. Junto com tratantes e vilões, a “de-nazificação” da Alemanha nos anos do pós-guerra pegou muitos homens inocentes, até ocasionalmente heroicos.

Um desses homens foi Otto Högl, o capataz de mina cujo apoio e conhecimento tornou possível a paralisia de Pöschmüller em Altaussee. Högl foi preso no dia 9 de maio de 1945, o dia seguinte ao da chegada dos americanos.

Curiosamente, uma cópia do relatório de prisão foi enviada ao Dr. Michel, com uma nota garantindo-lhe que “o relatório foi assinado apenas por aqueles claramente dedicados à causa”. Högler foi afastado para que Michel pudesse ficar com o crédito pelo resgate de Altaussee? Impossível dizer. Não obstante, Högler passou oito meses preso. Foi solto em dezembro de 1945, mas preso de novo três meses depois. Demitido da mina, ele estava trabalhando como exterminador de ratos.

Högler foi solto da prisão em 1947 e, depois de anos de petições, recontratado pela companhia mineradora em 1951, com a condição de jamais mencionar seja o que fosse a respeito do resgate dos tesouros de arte. Depois de sua aposentadoria, em 1963, entretanto, ele trabalhou para corrigir os registros. Não teve sucesso. Em 1971, ele resumiu a situação em uma carta a uma revista que havia publicado recentemente um relato errado do resgate. “Uma coisa em seu artigo é verdade – não houve gratidão para com o salvador dos tesouros de arte (possivelmente apenas para com um ou dois impostores) e esta talvez seja a razão pela qual este feito digno de reconhecimento tenha sido mal usado para todos os tipos de romances de gângsteres.” Em 1972, ele fez uma última tentativa, compilando um relatório com o apoio de vários mineiros sobre o que realmente aconteceu em abril e maio de 1945. O relatório foi polidamente aceito pelo governo austríaco porém jamais examinado. Otto Högler morreu em 1973.^[8]

O Dr. Herbert Seiberl, o oficial de artes austríaco que tinha sido um dos primeiros conspiradores com Pöchmüller, perdeu seu emprego e foi proibido de exercer sua profissão por causa de seu registro no Partido Nazista. Ele tentou trabalhar fazendo cartões de Natal, como pintor, restaurador e autor, mas sem sucesso. Morreu em 1952 aos 48 anos, deixando viúva e quatro filhos. Sua família foi salva da pobreza por presentes de uma Mrs. Bondi e um Mr. Oppenheimer, ambos que tiveram obras de arte resgatadas de Altaussee.^[9]

Karl Seiber, o restaurador, continuou na mina e foi uma valiosa fonte de informações para os americanos. Embora jamais falasse publicamente sobre seu papel, suas descrições das preparações na mina foram relatadas pelo assistente de George Stout, o Monuments Man Thomas Carr Howe Jr., em seu livro *Salt Mines and Castles*. O livro se tornou a fonte de teorias posteriores atribuindo o

resgate ao discreto restaurador. Os americanos o ajudaram a voltar para a Alemanha, e mais tarde o libertaram da prisão domiciliar, mas Sieber nunca mais trabalhou como restaurador. Ele morreu em 1953.^[10]

O pior destino, infelizmente, coube ao desconhecido herói de Altaussee, o diretor de mina Dr. Emmerich Pöchmüller. Ele foi preso ali, no dia 17 de junho de 1945, e acusado de tentar explodir os tesouros em Altaussee. Durante seu interrogatório, ele foi espancado tão impiedosamente por um oficial americano que perdeu seis dentes e passou um dia sem conseguir ficar de pé. Em novembro de 1945, sua irmã obteve uma audiência com o Ministro da Educação austríaco. Ela lhe mostrou o diário do irmão, que detalhava suas ações na mina. A resposta do consultor do tribunal foi: “O que seu irmão escreve está correto. Nós conferimos. Mas não podemos influenciar em sua absolvição.”^[11]

Pöchmüller foi finalmente solto em julho de 1947, e começou imediatamente a lutar para reabilitar sua reputação. No outono de 1947, ele confrontou o Dr. Michel a respeito de suas falsas alegações, que estiveram na imprensa por dois anos. No dia 15 de dezembro de 1947, Michel escreveu ao ministro austríaco, detalhando o verdadeiro papel de Pöchmüller em Altaussee. (Michel mais tarde retirou esta declaração, a única verdadeira que ele chegou a fazer a respeito de Altaussee.)^[12] Mayerhoffer, o engenheiro com quem ele planejara a paralisação, confirmou que Pöchmüller era um patriota e um herói. Uma investigação da polícia na mina não encontrou nenhum abuso de poder ou atividade nazista por parte de seu diretor. O arcebispo de Viena apelou por clemência em seu nome, e seu arquivo oficial no governo austríaco reconheceu que ele tinha “representado um papel inestimável no salvamento dos tesouros de arte”.^[13] Não obstante, a petição de Pöchmüller por um Ato de Misericórdia (dispensa das acusações de atividade nazista ilegal) foi rejeitada em 1949. Ela tinha sido apoiada até chegar ao gabinete do presidente, onde foi sumariamente rejeitada. Aqueles que haviam se beneficiado com as falsas histórias de Altaussee trabalharam por trás dos panos para derrotar a petição.

Sem o Ato de Misericórdia, Pöchmüller não podia trabalhar. Ele havia ingressado no Partido Nazista em 1932 e em 1934 fora nomeado membro honorário do Corpo Motorizado Nacional Socialista, uma divisão composta em sua maioria por industriais e homens de negócios apolíticos. Por causa dessa

associação, ele foi barrado de empregos na Áustria e na Alemanha. Em 1950, os tribunais alemães decretaram que os portadores deste cargo honorário deveriam ser retirados das listas de ex-nazistas, liberando Pöchmüller para procurar emprego. O estigma permaneceu, entretanto, e ele não conseguia encontrar um emprego firme. Desempregado, vilificado e empobrecido, sua saúde se deteriorou.

Finalmente, uma pequena editora concordou em publicar seu livro, *World Art Treasures in Danger*, que ele havia sem sucesso publicado por si próprio em 1948. Karl Sieber o apoiou, escrevendo que “todos os fatos descritos neste relatório são, até onde estive presente, verdadeiros. Pelos eventos aos quais não estive presente, mas que correspondem aos relatórios de diferentes pessoas de que tenho conhecimento, concluo que o engenheiro Dr. E. Pöchmüller tentou ao máximo escrever um relatório verdadeiro absolutamente objetivo”.^[14] Ninguém deu atenção. Quase nenhuma cópia foi impressa, e hoje é muito difícil encontrar (mas não impossível, visto que nós acabamos encontrando).

Devastado e amargo, Pöchmüller abriu um processo recorrendo a uma lei austríaca de que quem tivesse salvado obras de arte para terceiros poderia reivindicar 10% de seu valor como recompensa. Embora ele publicamente afirmasse não querer dinheiro, somente um Ato de Misericórdia e reconhecimento público de seu papel no resgate dos tesouros de arte, foi criticado severamente pela imprensa e outras partes interessadas – como o Dr. Michel – como ganancioso e egoísta.

Durante toda a década de 1950, ele continuou abrindo processos em uma tentativa de limpar seu nome, com limitado sucesso. Em 1954, ele foi categorizado como “menos culpado”, tornando-o qualificado para emprego em sua antiga profissão. Finalmente encontrou um trabalho em 1955, mas na Alemanha, não em sua amada Áustria. Ele fez uma última tentativa de limpar seu nome em 1959, escrevendo ao governo austríaco que “Gostaria que meus esforços para resgatar os tesouros de arte fossem oficialmente reconhecidos, para que meu desejo (por motivos familiares) de ser capaz de trabalhar em uma posição adequada na Áustria seja satisfeito. Para isto, estou disposto a renunciar a tudo mais”. Nunca lhe responderam.

O Dr. Emmerich Pöchmüller morreu de um ataque cardíaco em 1963, sem

jamais receber o reconhecimento pelo que fez nem se ver livre de suspeitas e censuras. Sua longa luta por justiça o havia arrasado, corpo e alma.

O Dr. Hermann Michel, enquanto isso, não escapou ileso. Embora tivesse sido readmitido em seu antigo emprego como diretor do Museu de História Natural de Viena, sempre foi visto com desconfiança. Em 1945, ele havia convencido o Ministério da Educação de que ingressara no Partido Nazista “para poder facilmente trabalhar pelo movimento de resistência no museu”.^[15] O Ministério do Interior não se convenceu, e o colocou na lista dos ex-nazistas em 1947.

Em 1948, depois que vieram à tona os relatos de Pöchmüller, Michel recebeu ordens de explicar por escrito suas ações em Altaussee. Michel adiou a escrita do relatório até 1950, e então entregou apenas um rascunho parcial. Quando lhe perguntaram por quê, ele alegou que Pöchmüller – que ele dizia querer gananciosamente o dinheiro da recompensa pelo resgate para si próprio – o estava ameaçando.

O relatório nunca foi protocolado com o governo, mas o esforço para manter seu vasto complexo de mentiras finalmente deixou Michel esgotado. Ele começou a atacar com violência seus conhecidos, e até processou um colega curador dizendo que ele havia roubado coisas do museu. O juiz, ao julgar o homem inocente, disse que “quanto à testemunha, o Conselheiro do Tribunal Dr. Michel, uma coisa precisa ser dita com clareza. Esta testemunha tem dado comprovadamente falsos testemunhos. Ele também tentou influenciar outras testemunhas e é, portanto, culpado de incitação ao perjúrio”.

Michel foi colocado em dispensa administrativa em dezembro de 1951, enquanto as acusações eram investigadas. Em maio de 1952, ele foi forçado a aceitar uma aposentadoria precoce. Morreu em outubro de 1965. Embora tivesse saído em desgraça, o Museu de História Natural – tentando desesperadamente limpar a vergonha de seu passado nazista racista – alegou em 1987 que “o Dr. Michel junto com combatentes pela liberdade impediram a destruição dos tesouros artísticos [em Altaussee]”.^[16]

Enquanto isso, na França, Jacques Jaujard era ovacionado como herói nacional por seu papel protegendo as coleções de arte dos nazistas. Ele foi nomeado Comandante da Legião de Honra, recebeu a Medalha da Resistência e

foi promovido a secretário-geral para assuntos culturais no governo francês pós-ocupação de André Malraux. Quando se retirou para a Académie des Beaux-Arts, em 1955, seu antecessor o elogiou como um defensor das artes, dizendo que “ele encara o futuro com o maravilhoso rastro de todas as obras-primas que preservou”.^[17]

Ao contrário de muitas outras figuras de museu proeminentes na França, Jauyard jamais escreveu sobre seu serviço como diretor nos Museus Nacionais Franceses durante a Segunda Grande Guerra, ou seu papel no salvamento do patrimônio francês. Ele foi firme em sua descrição e sua crença de que aqueles que permaneceram em silêncio fizeram mais do que aqueles que falaram publicamente de seus atos. Seu único relato por escrito conhecido da guerra foi uma descrição com sete páginas sobre o serviço prestado por Rose Valland durante a ocupação de Paris pelos alemães. Se foi escrito a pedido dela ou para contestar dúvidas sobre seu heroísmo ou ações, não está claro. Mas nitidamente, ele permaneceu como seu defensor.

Jacques Jauyard morreu inesperadamente de um ataque cardíaco em 1967. Tinha 72 anos. O amigo e famoso historiador André Chamson disse em sua memória: “[Seu] momento transcendental ocorreu durante os anos de ocupação, [um] interminável momento de verdade, quando tudo dependia, em um estilo cara ou coroa, de coragem e lucidez... [ele] lutou como um soldado, com a mente clara, com hábil persuasão, um servo dos deveres que ele havia acrescentado às responsabilidades de sua posição, já responsável diante da liberada pátria da República que renasceria.”^[18] Em 1974, um livro das filosofias de Jauyard foi publicado em uma edição limitada. Uma delas, “Pouco importa se você tem medo, se consegue escondê-lo. Você está então à beira da coragem”. Outra: “Há lutas que se pode perder sem perder a dignidade; o que faz você perder a dignidade é não lutar.”^[19] Seu amigo Albert Henraux, o líder da Resistência Francesa, citou o lema elegantemente modesto de Jauyard para todos os funcionários do Louvre: “Maintenir.” Preservar. ^[20]

O conde Franz von Wolff-Metternich, o oficial alemão do Kunstschutz que ajudou Jauyard a frustrar os nazistas, foi também saudado como um herói pelos franceses. Depois da guerra, ele ajudou os Aliados ocidentais a restituir obras de arte alemãs. Em seguida, trabalhou no Ministério de Relações Exteriores da

Alemanha Ocidental localizando obras pilhadas. Em 1952, Metternich tornou-se diretor da estimada Biblioteca Hertziana, em Roma, uma biblioteca alemã confiscada no passado por Hitler. Morreu em 1978.

Rose Valland, colaboradora de Jaujard, continuou sua vigorosa defesa do patrimônio cultural francês muito depois da saída de Jaujard de Paris. No dia 4 de maio de 1945, quase um mês depois da designação de Rorimer para o VII Exército dos Estados Unidos, Valland recebeu um cargo no I Exército francês. “Ao longo das estradas (alemãs)”, ela escreveu, “assisti a procissões de refugiados de cortar o coração, passando como fantasmas de cinco anos de idade dela [evacuação de Paris em 1940]... Era o mesmo tipo de miséria... Ao vê-los, perdi a noção muito clara do inimigo que havia me sustentado até então. Aprendi que só podemos realmente saborear a vitória depois de termos deixado os horrores da guerra.”^[21]

Ela chegou em Neuschwanstein entre 14 e 16 de maio de 1945, uma semana e meia apenas depois de Rorimer. Ali, aparentemente, era o ponto final de sua jornada, um lugar que parecia tão inacessível a ponto de ser quase mítico durante seus anos no Jeu de Paume, mas pelo qual ela havia arriscado a vida inúmeras vezes. Ela chegou até o portão, onde o sentinela americano, não tendo ideia de quem ela era, negou-lhe entrada. Rorimer havia declarado que ninguém podia entrar; sem exceções. Visto que o enérgico Monuments Man estava longe, resolvendo outros assuntos, não adiantava argumentar. Rose Valland foi proibida de entrar em sua própria maior conquista.

Mas foi só neste dia. Ela continuou na Alemanha por vários anos como uma oficial das belas-artes vinculada ao I Exército francês. Ela gostava da companhia de homens, e existem muitas fotografias suas nos pontos de coleta da MFAA com a farda de capitão, misturando-se com oficiais do sexo masculino. Em geral com um sorriso no rosto e um cigarro na mão.

Longe de ser a “envergonhada, tímida curadora” retratada pela história, Rose Valland foi uma incansável e sonora advogada da restituição das obras de arte. Ela era capaz de ficar discretamente em segundo plano se necessário, mas, como quando desafiou Bruno Lohse depois que ele lhe disse que “você pode ser fuzilada por qualquer indiscrição”,^[22] não tinha medo de questionar os métodos e ações de ninguém naquela época. Ao voltar da Alemanha em 1951, Valland

continuou procurando obras de arte saqueadas de franceses. Seu sucesso nesta e outras tentativas provaram que ela não era uma flor murcha, mas uma mulher ousada, decidida, corajosa e inteligente, inflamada por uma paixão para cumprir o destino que a sorte e Jaujard lhe haviam oferecido em 1940.

Por seus esforços, Rose Valland recebeu a Legião de Honra Francesa e a Medalha da Resistência. Foi nomeada Comandante da Ordem de Artes e Letras, tornando-se uma das mulheres mais condecoradas da França. Recebeu dos Estados Unidos também a Medalha da Liberdade em 1948, e a Cruz da Ordem do Mérito dos Oficiais da República Federal Alemã. Em 1953, depois de vinte anos de serviço às instituições culturais francesas, ela finalmente foi premiada com o cargo de “curador”. Seu livro de 1961, *Le Front de L’Art*, virou um filme em 1965 com o título *O Trem*, estrelado por Burt Lancaster. O filme era um relato ficcionalizado do resgate do trem da arte; o *Jeu de Paume* e um personagem chamado “Mlle. Villard”, que deveria personalizar Rose Valland, foram mencionados apenas de passagem.

Apesar de suas condecorações e medalhas, os feitos de Rose Valland nunca foram amplamente conhecidos ou admirados na França. Em parte pode-se atribuir isso a seus antecedentes. Ela era uma mulher de poucos recursos financeiros, de uma pequena cidade rural, trabalhando em uma área dominada por homens da aristocracia. O fato de, nas palavras de Jaujard, “a senhorita Valland assumir o risco calculado, a fim de salvar da guerra e depois recuperar dezenas de milhares de obras de arte, dar esta informação diretamente aos americanos”^[23] foi para alguns franceses uma grave quebra de protocolo beirando a falta de patriotismo. Finalmente, muitos de seus contemporâneos se ressentiam com sua incansável busca de informações sobre os nazistas e restituições de artes roubadas. Houve um período em que muitos queriam esquecer os horríveis acontecimentos da guerra; Valland não esquecia e não dava trégua. Talvez, apesar do apoio de Jaujard, ela sempre estivesse condenada a ser uma estranha.

Rose Valland passou as últimas duas décadas de sua vida em relativa tranquilidade e morreu no dia 18 de setembro de 1980. Depois de um velório público em Les Invalides, em Paris, ela foi enterrada em um túmulo simples em sua cidadezinha natal de Saint Etienne de Saint Geoirs. Sua colega curadora do

Louvre, Magdeleine Hours, mais tarde comentaria:[24]

Ela foi pouco compreendida por seus colegas; ela despertou inveja e paixão, e fomos poucos a mostrar nossa admiração. No dia de seu funeral em Les Invalides, a administração do Diretor dos Musées de France, o curador-chefe do departamento de desenho e eu mesma, com poucos assessores de museus, fomos praticamente as únicas pessoas presentes a prestar as homenagens que lhe eram devidas. Esta mulher, que havia arriscado sua vida com tanta frequência e persistência, que trouxe dignidade ao corpo de curadores e salvou a propriedade de tantos colecionadores, foi tratada por muitos com indiferença, se não com hostilidade.

No dia 27 de abril de 2005, cinquenta anos depois do final da guerra, uma placa foi finalmente colocada na parede sul do Jeu de Paume para lembrar o extraordinário serviço de Rose Valland e seu compromisso “em salvar um pouquinho da beleza do mundo”. [25]

Mas, se a história e o povo da França nunca compreenderam e reconheceram verdadeiramente seu heroísmo, seus colegas Monuments Men o fizeram. Nos anos seguintes, eles repetidas vezes descreveram Rose Valland como uma grande heroína da guerra e uma das poucas pessoas indispensáveis no esforço de preservação de monumentos. Sem ela, eles acreditavam, o esforço da MFAA para localizar não só milhares de obras de arte roubadas da França, mas também os registros importantíssimos da ERR, poderia jamais ter tido sucesso.

Como Rose Valland, os outros Monument Men continuaram trabalhando para a preservação da arte depois do final das hostilidades ativas, mas seus serviços tiveram em sua maior parte vida curta.

No dia 21 de agosto de 1945, o Retábulo de Grand saiu do Ponto de Coleta de Munique para a Bélgica. Era a peça mais importante das obras de arte roubadas pelos alemães, e portanto a primeira a ser devolvida. Um avião especial foi fretado, e 12 painéis do retábulo presos com correias no compartimento dos passageiros. Só havia lugar para mais um passageiro: o Monuments Man Robert Posey.

Às duas horas da manhã do dia 22 de agosto, o avião chegou a um campo de

aviação britânico na Bélgica. Era para ter aterrissado horas antes no aeroporto de Bruxelas, mas uma violenta tempestade causou uma mudança de planos. Em vez da grande recepção que o governo belga havia planejado, o campo de aviação estava deserto. Posey telefonou para um oficial americano, que tirou uns vinte soldados à força de bares belgas. Os painéis foram descarregados debaixo de forte chuva e chegaram no Royal Palace em Bruxelas às 3:30 da manhã. Posey partiu algumas horas depois com um recibo de entrega. Quando chegou de novo no quartel-general do III Exército dos Estados Unidos, depois de uma breve estadia em Paris, o oficial-comandante lhe deu sua recompensa: a Ordem de Leopoldo, uma das mais altas honras da Bélgica. O governo belga pretendia lhe fazer a homenagem na cerimônia de chegada, mas não teve chance. Mais tarde, ele foi condecorado com a Legião de Honra Francesa.

Entretanto, essa foi a última conquista militar de Posey, porque ele achou o trabalho no pós-guerra entediante e entrou em conflito com os recém-chegados Monuments Men. No início de maio, antes do final dos combates, ele havia zombado daqueles atrás das zonas de combate como “lentos demais para serem até mesmo considerados. Se estão longe como na Inglaterra, não passam de civis fardados”. Agora que a Alemanha tinha se tornado um mundo “civil”, ele se sentia perdido. Concordava com a rígida disciplina de seu chefe, general Patton, que insistia que o café da manhã para todos os homens do III Exército, inclusive os Monuments Men, fosse servido de manhã bem cedo e rápido, exatamente como tinha sido durante o combate. Os recém-chegados Monuments Men queriam dormir até tarde. Pior ainda, eles contrataram uma secretária alemã peituda, quando era proibido contratar pessoas de nacionalidade alemã (mesmo louras voluptuosas); Posey a demitiu.

Posey deixou a Europa em setembro de 1945, um mês depois do retorno do Retábulo de Gand e três meses antes de seu mentor e ídolo, general George S. Patton, morrer de ferimentos sofridos em um acidente de jipe perto de Mannheim, Alemanha, em dezembro. Em 1946, Posey havia retomado seu trabalho como arquiteto, e começou sua carreira na proeminente firma Skidmore, Owings & Merrill. Como um associado sênior, ele trabalhou em projetos notáveis como o Union Carbide Building e a Lever House, em Nova York, e a Sears Tower, em Chicago. Aposentou-se em 1974 e morreu em 1977.

Seu parceiro, Lincoln Kirstein, que se desesperava com a possibilidade de partir “antes do início do pagamento da aposentadoria”^[26] voltou para os Estados Unidos em setembro de 1945 em uma desistência atribulada, depois que a mãe foi diagnosticada com câncer. Em 1946, ele e seu sócio nos negócios, o coreógrafo George Balanchine, fundaram uma nova companhia de dança, a Ballet Society (renomeada New York City Ballet em 1948), uma das companhias de dança mais influentes do século XX. Kirstein atuou como seu diretor geral até 1989. Os poemas que compôs enquanto estava no Exército foram publicados, em 1964, como *Rhymes of a PFC*. A não ser isso, ele raramente falava do tempo que serviu na Europa, embora tivesse se correspondido com Posey durante muitos anos e chegado a pensar em escrever um livro com ele. Ele até incentivou George Stout na co-autoria de um livro sobre os *Monuments Men*, dizendo “Não é um livro de fotografias, mas uma história”.^[27] Longe de ver seu papel como glamuroso, entretanto, Kirstein com frequência se sentia culpado por não ter enfrentado mais perigos. Ele era o tipo de homem que se esforçava para encontrar satisfação em suas muitas e consideráveis realizações.

No final de sua vida, Lincoln Kirstein foi amplamente considerado como uma das principais figuras de sua geração, e talvez o maior patrono das artes. “Ele foi um desses raros talentos que influenciaram toda a vida artística de seu tempo”, escreveu o crítico Clement Crisp. “Balé, filmes, literatura, teatro, pintura, escultura, fotografia, tudo ocupava sua atenção.”^[28] Em 1984, ele foi presenteado com a Presidential Medal of Freedom por Ronald Reagan. Recebeu também a National Medal of Arts (1985) e, com Balanchine, a National Gold Medal of Merit Award da National Society of Arts and Letters. Lincoln Kirstein morreu em 1996, aos 88 anos.

Walker Hancock deixou a Europa no final de 1945, depois de criar o Ponto de Coleta de Marburg. Ele voltou e construiu a casa com a qual havia passado tantos meses sonhando durante a guerra, e ele e sua recente esposa, Saima, viveram e trabalharam em Gloucester, Massachusetts, pelo resto de suas vidas. Ele retomou as atividades de professor na Pennsylvania Academy of Fine Arts, permanecendo ali até 1967. Continuou também a ser um escultor muito procurado, e entre suas obras se incluem peças monumentais como as famosas figuras entalhadas dos generais confederados, na encosta da Stone Mountain, nos

arredores de Atlanta, Georgia. Sua obra mais duradoura talvez seja o Pennsylvania War Memorial, localizada na estação ferroviária da 30th Street, na Filadélfia. Completada em 1952, a peça é um tributo aos 1300 ferroviários que morreram na Segunda Grande Guerra, e retrata um soldado sendo erguido por Miguel, o arcanjo da ressurreição. Uma de suas últimas obras foi o busto oficial do Presidente George H. W. Bush.

Hancock recebeu a National Medal of Arts (concedida pelo primeiro presidente Bush), em 1989, e a Presidential Medal of Freedom, em 1990. Sua preciosa Saima morreu em 1984; Walker Hancock sobreviveu a ela por mais 14 anos, morrendo em 1998, aos 97 anos, amado até os últimos dias por todos que o conheceram. Ele manteve sua atitude positiva até o final, escrevendo em 1997, aos 96 anos: “Embora eu tenha vivido uma vida excepcionalmente feliz, sempre acompanhado pela boa fortuna, possuo, é claro, meu quinhão de tristes memórias – algumas destas trágicas, na verdade. Entretanto, tenho me apegado à prerrogativa – talvez, na velhice, necessidade – de me demorar o mínimo possível nesses assuntos.”[29]

James Rorimer ficou na Europa até início de 1946 como o chefe do U.S. Seventh Army/Western Military District MFAA. Em seguida, em 1949, retornou ao Metropolitan Museum, em Nova York, tornando-se diretor dos Cloisters, sede da coleção de arte medieval do Met, que havia ajudado a fundar e construir quando era um jovem curador. Suas cartas para casa durante a guerra indicavam que ele estava interessado em escrever um livro; depois de muitas tentativas, *Survival*, uma memória de suas experiências na MFAA, foi publicado em 1950. Naquela altura dos acontecimentos, o país estava inundado de memórias de guerra, e o público não se interessou muito pelo livro. Foi uma de suas poucas decepções em uma vida de quase constantes sucessos. Em 1955, James Rorimer, tenaz e esforçado como sempre, sucedeu ao membro da Comissão Roberts, Francis Henry Taylor, em um dos postos mais altos no mundo dos museus americanos: diretor do Metropolitan Museum of Art.

Em muitos aspectos, James Rorimer era o homem certo no momento certo – embora isto dificilmente fosse por acaso, visto que homens com a energia, ambição e inteligência de James Rorimer em geral encontram seu lugar no mundo. No final da década de 1940 e início dos anos cinquenta, os Estados

Unidos transformaram-se de remanso cultural em palco central da cultura e das artes do mundo. A Segunda Guerra Mundial havia exposto milhões de jovens homens e mulheres americanos à arte e arquitetura da Europa e da Ásia e, quase da noite para o dia, criou um gosto e um interesse pelas artes que normalmente requerem várias gerações para se desenvolver. A “nova” nação da América pela primeira vez – e de repente – tinha uma ampla audiência que queria aprender, ser exposta e emocionada, e simplesmente desfrutar quadros, músicas e esculturas. Os Monuments Men, eles mesmos iluminados por suas experiências além-mar, estiveram na linha de frente ao proporcionar a seus concidadãos essa oportunidade. Usando a mesma clarividência e habilidades diplomáticas que havia demonstrado durante a guerra, James Rorimer aproveitou o entusiasmo da nação para construir a reputação internacional do Met, transformando sua Biblioteca Watson em uma das maiores bibliotecas de arte do país e adquirindo algumas das peças mais famosas da coleção do museu, tais como Aristóteles contemplando o busto de Homero, de Rembrandt, e a Anunciação (também conhecido como o Retábulo de Mérode), do mestre primitivo holandês Robert Campin. Durante seu mandato, o Met viu um extraordinário aumento na frequência, que passou de 2 milhões para 6 milhões de visitantes por ano.

Extremamente orgulhoso de seu serviço na MFAA, Rorimer usava suas botas militares de combate quase todos os dias, até para trabalhar, e mesmo com smokings e ternos. Foi uma terrível perda, tanto para a memória dos Monuments Men como para o mundo das artes, quando ele morreu inesperadamente de um ataque cardíaco, dormindo, em 1966. Tinha apenas sessenta anos.

Apropriadamente, sua missa fúnebre foi feita em seu amado Cloisters, a primeira a ser realizada ali. Estiveram presentes mais de mil de seus muitos amigos e admiradores, pois James Rorimer era famoso no mundo inteiro. “Imerso na história”, disse no discurso em sua homenagem o Monuments Man Sherman Lee, “ele cultivou as virtudes da paciência e direção. Possuído pela compreensão da qualidade e pela perícia de conhecedor, ele sabia e media o valor da herança visível da humanidade e determinava, em meio a constantes mudanças, preservar e realçar essa herança para que pudesse ser visível a quem tiver olhos para ver.”^[30]

As próprias palavras de Rorimer, entretanto, podem resumir melhor sua vida. Ao lhe perguntarem qual era sua fórmula para o sucesso, ele respondia: “Um bom início, uma disposição – até ânsia – de trabalhar além do dever, uma noção de jogo limpo, e um reconhecimento de oportunidades, antes e quando elas aparecem. Em outras palavras, é importante encontrar um rumo e ficar nele.”^[31] Ele poderia muito bem estar descrevendo a MFAA e seu papel dentro dele.

No verão de 1946, somente dois Monuments Men do grupo original continuavam no continente: os dois que tinham morrido ali.

Walter “Hutch” Huchthausen, morto na Alemanha ocidental, foi enterrado no cemitério militar dos Estados Unidos, em Margraten, Holanda. Em outubro de 1945, a universidade de Harvard recebeu uma carta de Frieda van Schaïk, que havia feito amizade com Hutch quando ele servia no IX Exército dos Estados Unidos, em Maasricht, e estava cuidando de seu túmulo. “Depois que o conheci, várias vezes ele visitou nossa casa e, portanto, tornou-se um grande amigo nosso... Ficamos profundamente tristes com a mensagem de sua morte súbita... Eu gostaria muito de poder entrar em contato com sua família. Ele está enterrado no grande cemitério militar americano em Margraten, Holanda (um lugar a 9,5 quilômetros de onde moro) e tenho cuidado de seu túmulo... Se os senhores souberem o endereço da mãe de Walter Huchthausen, eu ficaria muito agradecida se me informasse.”^[32] Um dos chefes dele no SHAFF escreveu à sua mãe dizendo: “Ele estava tão feliz em seu trabalho quando o visitei em Maastricht fevereiro passado e tão orgulhoso do que era capaz de fazer. A senhora – assim como o resto de nós – pode se orgulhar dele. Ele é uma grande perda.”^[33] A observação de Walker Hancock de que “as poucas pessoas que o viram trabalhar – amigo ou inimigo – devem pensar melhor a respeito da raça humana por causa dele”, tinha se mostrado verdadeira.^[34]

Ronald Balfour foi enterrado no cemitério britânico nos arredores de Cleves, Alemanha. Em 1954, sua fotografia foi colocada no prédio dos arquivos restaurados da cidade, ao lado de uma placa dizendo: “Major Ronald E. Balfour, professor no King’s College da Universidade de Cambridge, morreu em ação em março de 1945 perto de Kloster Spyck. Este cavalheiro salvou, como British Monument Officer, preciosos arquivos medievais e itens de cidades do baixo Reno. Honra à sua memória.”^[35] Quando a mãe de Balfour visitou Cleves um

ano depois, no décimo aniversário de sua morte, os líderes da cidade lhe garantiram que guardavam “a memória desse homem em alta estima”^[36] e prometeram “fazer o máximo para proporcionar a seu túmulo cuidados especiais permanentes”.^[37] Era, sem dúvida, um pequeno consolo pela morte de seu filho.

O último dos Monuments Men originais na ativa em um teatro de combate foi, claro, George Stout. Ele trocou a Europa pelos Estados Unidos no final de julho de 1945, mas apenas durante dois meses de licença. Ele pediu para ser transferido para o teatro do Pacífico, e foi atendido. Chegou no Japão em outubro de 1945, onde serviu como chefe da Divisão de Artes e Monumentos no Quartel-General do Supremo Comando para as Potências Aliadas, em Tóquio. Deixou o Japão em meados de 1946. Durante os anos em que serviu, Stout recebeu a Bronze Star e Army Commendation Medal.

Depois de sua turnê no Japão, Stout retornou brevemente ao Fogg Museum de Harvard. Em 1947, tornou-se diretor do Worcester Art Museum em Massachusetts, onde serviu até se tornar diretor do Isabella Stewart Gardner Museum, em Boston. O Gardner Museum, que tinha uma coleção estática, era o emprego ideal para George Stout.

Quando Stout se aposentou em 1970, era considerado um dos gigantes na área de conservação das artes. Ele publicou um artigo sobre seus primeiros anos no Fogg – proclamado na época como “o primeiro departamento de conservação das artes nos Estados Unidos” – em 1977. Em 1978, foi aclamado nas revistas de comércio, junto com seu amigo, o químico John Gettens, como um dos “dois fundadores importantes do Fogg” que haviam introduzido a era da conservação moderna.^[38] Seu legado, outra revista proclamava, era sua reconciliação de novas tecnologias com “as sensibilidades estéticas da restauração de arte tradicional e erudição histórica”.^[39] Ele foi um modernizador, em outras palavras, que jamais esqueceu a importância dos indivíduos por trás das máquinas.

Seu serviço na Segunda Grande Guerra, enquanto isso, permanecia quase totalmente desconhecido. Uma das principais razões era que Stout raramente falava sobre o assunto. Quando o Smithsonian foi entrevistá-lo no início de 1978 para sua coleção de entrevistas para o Arquivos de Arte Americana, Stout simplesmente contou ao entrevistador, em seu estilo discreto típico, que foi convocado para o trabalho do Monuments e cumpriu seu dever como qualquer

soldado. Não mencionou que havia, mais do que qualquer outra pessoa, criado e moldado a missão dos Monuments. Quando George Stout morreu em Menlo Park, Califórnia, em julho de 1978, seu obituário mencionou apenas que ele era “conhecido internacionalmente como um especialista e autor de livros sobre restauração de artes” e que, durante a Segunda Grande Guerra, havia ajudado a desenvolver técnicas de camuflagem e “mais tarde foi designado para o comando do general Dwight D. Eisenhower como um membro da equipe do general para monumentos, belas-artes e arquivos”.^[40]

Quem o conheceu, entretanto, não tinha dúvidas quanto ao significado de sua contribuição para a MFAA e a preservação da cultura europeia. O Exército, em seu relatório oficial, observou que, “motivado pela urgência de sua tarefa, ele passou quase todo seu tempo no campo, não fazendo caso de conforto e conveniências pessoais... Seu relacionamento com muitas unidades táticas com as quais trabalhou foi administrado com infalível tato e hábil trabalho de equipe”.^[41] Vale a pena também repetir a avaliação do Monuments Man Craig Hugh Smyth, que trabalhou com Stout perto do final de seu serviço na Europa: “Stout era um líder – calmo, altruísta, modesto, mas muito forte, muito solícito e extraordinariamente inovador. Seja falando ou escrevendo, ele era econômico nas palavras, preciso, vívido. Acreditava-se no que ele dizia; queria-se fazer o que ele propunha.”

Nem um nem outro chegam perto da realidade das contribuições de Stout, ou da estima e amor que seus companheiros Monuments Men sentiam por ele. Suas cartas e memórias estavam repletas de elogios a este incansável, eficiente e agradável oficial, mas Lincoln Kirstein expressou melhor porque falou bem claro. “[George Stout] foi o maior herói de todos os tempos – ele na verdade salvou todas as artes de que todos os outros falavam.”^[42]

Não obstante, não surpreende que a contribuição de George Stout à MFAA jamais tenha sido realmente apreciada porque, nas décadas que se seguiram à guerra, a seção da MFAA e sua obra, elas mesmas, se perderam na bruma da história. Em parte foram as circunstâncias. Os Monuments Men eram típicos homens da “Greatest Generation” – a geração que cresceu nos Estados Unidos durante a Grande Depressão – e tendiam a minimizar seus papéis na guerra. Visto não servirem como uma unidade, não houve nenhuma história oficial. Uns

poucos homens criaram e mantiveram laços fortes, mas a maioria não se conhecia muito bem, ou não sabiam um quem era o outro. Daí não haver um líder único que se tornasse emblemático desses modestos especialistas em cultura, muito menos falasse de seus feitos.

Talvez por causa disso, o Exército basicamente esqueceu o esforço de conservação de monumentos. Em 1957, Robert Posey apresentou-se como voluntário para reingressar no Exército a fim de servir como um Monuments Man na Guerra da Coreia. Não é de surpreender que o Exército o tenha rejeitado, visto ele estar com 53 anos e reformado como reservista. Mas o fato é que, mesmo que tivesse sido aceito, não havia lugar para ele. Não havia uma unidade destinada só para isso, equivalente à seção do Monuments, Fine Arts and Archives, na Guerra da Coreia, e não tem havido uma em nenhuma guerra desde então.

O legado do Monuments, Fine Arts, and Archives foi imortalizado nas palavras do oficial do Monuments Edith Standen, que afirmou que “não basta ser virtuoso, devemos também parecer virtuosos”.^[43] Standen compreendeu, assim como o presidente Roosevelt e o general Eisenhower antes dele, que a primeira impressão é a que fica. Todos os países ignoram o legado dos Monuments Men por sua própria conta e risco. Por exemplo, muitos anos atrás falei com um dos principais oficiais encarregados de encontrar algumas das 15 mil obras de arte pilhadas do Museu Nacional do Iraque, em Bagdá, durante e após a invasão liderada pelos Estados Unidos em 2003. Ele reconheceu que nunca tinha escutado falar dos Monuments Men.

Hoje, oficiais e soldados dedicados do Civil Affairs junto com especialistas civis, inclusive o coronel Matthew Bogdanos (aposentado), major Corine Wegener (aposentado) e professor John Russell, galante e incansavelmente vêm tentando reparar o dano a este grande museu, inclusive encontrando e devolvendo cerca de metade dos itens que estavam faltando até agora. Eles também realizaram seminários de treinamento para tropas servindo na seção do Civil Affairs. Mas, apesar de seus esforços, as primeiras impressões da experiência dos Estados Unidos ao lidar com as consequências do saque ao Museu Nacional do Iraque permanecem indelevelmente gravadas nas mentes do público no mundo inteiro.

Mais notável, talvez, é que até a comunidade das artes tem há décadas fechado os olhos para as conquistas desses homens e mulheres extraordinários. Depois da guerra, os Monuments Men voltaram para seus países de origem e assumiram papéis de liderança em importantes instituições culturais. Nos Estados Unidos, entre outros, o Metropolitan Museum of Art, MoMA, National Gallery of Art, Toledo Museum of Art, Cleveland Museum of Art, Frick Collection, Fogg Art Museum, Brooklyn Museum, Nelson-Atkins Museum of Art, Isabella Stewart Gardner Museum, Legion of Honor Museum em São Francisco, Yale University Art Gallery, Worcester Art Museum, Baltimore Museum of Art, Philadelphia Museum of Art, Dallas Museum of Art, Amon Carter Museum e a Biblioteca do Congresso. Os Monuments Men e seus conselheiros dos tempos de guerra participaram na criação de duas das mais poderosas organizações culturais da nação: o National Endowment for the Humanities e o National Endowment for the Arts. Na verdade, pesquise nas listas de líderes de qualquer instituição cultural americana importante durante as décadas de 1950 e 1960 e é quase certo encontrar um ex-membro da seção do Monuments, Fine Arts, and Archives do Exército dos Estados Unidos. E, no entanto, quando falo a estas organizações, poucas estão conscientes de que um de seus antigos diretores ou curadores ajudaram a preservar a herança cultural do mundo durante e depois da Segunda Grande Guerra.

Mesmo quando, em 1990, recomeçaram as buscas para encontrar e repatriar obras de arte roubadas pelos nazistas, o Monuments Men e seus incríveis feitos foram em grande parte desprezados. Ocasionalmente, um deles era convidado a participar de uma conferência, mas só se estivessem interessados em sua experiência específica. Parafraseando um importante ator no movimento de restituição que frequentava tais conferências, até seus dedicados e cultos colegas não notavam os tesouros na frente deles: não os bilhões de dólares de obras de arte recuperadas, não as centenas de milhares de itens ainda perdidos, mas os 350 e tantos veteranos de ombros caídos da seção da MFAA. Mesmo hoje, relatos na mídia sobre a recuperação ou restituição de obras de arte importantes, quase sem exceção, enfocam o valor em dólares e incluem a frase “devolvido após a guerra pelas Forças Aliadas”. Na verdade, foi o trabalho dos Monuments Men que, repetidas vezes, possibilitou essas restituições.

Em 2007, os Monuments Men finalmente começaram a receber uma pequena parte do reconhecimento que merecem. No dia 6 de junho de 2007, o 63º aniversário do desembarque no dia D na Normandia, resoluções em ambas as casas do Congresso dos Estados Unidos reconheceram oficialmente, pela primeira vez, as contribuições dos Monuments Men e de mulheres de 13 nações. As resoluções, propostas tanto pelo membros conservadores como pelos liberais da Casa e do Senado, foram aprovadas por unanimidade.

Logo depois, os Monuments Men e seu principal grupo de defensores, a Monuments Men Foundation for the Preservation of Art, foram condecorados com a 2007 National Humanities Medal, que alguns dizem ser o equivalente nos Estados Unidos da consagração de “cavaleiro”. Quatro dos 12 Monuments Men vivos puderam viajar até Washington, para assistir à cerimônia, inclusive um lépido Harry Ettlinger de 81 anos. Como um soldado raso recém-saído da escola, Harry era vinte anos mais novo do que a maioria dos outros Monuments Men que serviram na zona de guerra.

Diferente de todos os outros Monuments Men, Harry Ettlinger não buscou uma carreira nas artes depois da guerra. Ele foi desligado em agosto de 1946 e, ao retornar a Nova Jersey, cursou a faculdade pelo GI Bill, o programa de reajustamento de veteranos de guerra e seus dependentes. Formou-se em engenharia mecânica e conseguiu um emprego supervisionando a produção de motores para máquinas de costura Singer. Em meados de 1950, passou para a indústria de defesa, acabando por trabalhar em indicadores de voo, sistemas de radar portáteis, sonares e, finalmente, como um diretor-adjunto no programa de desenvolvimento e produção dos sistemas de direção para o míssil Trident lançado de submarinos.

Ele foi também ativo em grupos de veteranos e causas dos judeus. Foi por colegas membros do Jewish War Veterans of the USA, na verdade, que Harry soube do trabalho de Raoul Wallenberg, o rico diplomata sueco de fé luterana. Em 1944, Wallenberg inspirou outros a ajudá-lo a salvar as vidas de 100 mil judeus húngaros. Em janeiro de 1945, ele e seu motorista foram presos pelos soviéticos e nunca mais foram vistos. Quando se aposentou em 1992, Harry coliderou uma comissão para levantamento de fundos para uma escultura em homenagem a Wallenberg e depois cofundou a Wallenberg Foundation de Nova

Jersey para reconhecer estudantes que seguem o exemplo de seu caráter, assim conduzindo a um mundo melhor, mais piedoso. Foi nessa função que Harry soube de outra história a respeito das minas em Heilbronn e Kochendorf.

Os níveis inferiores da mina, Harry sabia, tinham sido usados como fábricas. As câmaras com 18 metros de largura por 14,5 de altura tinham sido revestidas com pisos de concreto e fiações elétricas para acionar as máquinas. Na mina de Kochendorf, uma ou mais câmaras tinham sido projetadas como centros de manufatura secretos para a produção em massa de uma invenção crucial nazista: o motor a jato. Se os nazistas pudessem ter colocado a fábrica em Heilbronn funcionando – e supostamente faltavam apenas semanas quando os americanos chegaram –, isso poderia ter mudado radicalmente a guerra. Esta deve ter sido a razão para a posição desafiadora da Wehrmacht nos morros acima de Heilbronn.

Em 2001, Harry soube por dois dos poucos sobreviventes daqueles dias terríveis o que aconteceu naquela mina em Kochendorf. O trabalho físico na mina, tal como a expansão das câmaras subterrâneas, tinha sido executado por 1500 escravos judeus húngaros enviados de Auschwitz para a Alemanha. Em setembro de 1944, os britânicos bombardearam Heilbronn transformando-a em um monte de cacos, arrasando a usina elétrica e mergulhando a região em silêncio e escuridão. Conforme o rugido dos aviões recuava, um canto ergueu-se misteriosamente do ventre negro da mina. Primeiro, mal dava para se ouvir. Depois foi repetido mais alto, e uma terceira vez mais alto ainda, nitidamente audível dessa vez no mundo da superfície fora da mina. Era Yom Kippur, o Dia do Perdão, e os judeus húngaros estavam cantando a oração de Kol Nidre. Para quase todos eles, era a última vez. Em março de 1945, menos de um mês antes da chegada dos americanos, os trabalhadores escravos foram embarcados para Dachau. A maioria morreu congelada durante a viagem de cinco dias. Os outros foram enviados diretamente para a câmara de gás.

Hoje, o Monuments Man Ettlinger vive em um condomínio na região noroeste de Nova Jersey. Ele continua participando das atividades da Wallenberg Foundation; de organizações de veteranos em níveis locais, estaduais e nacionais; e fala sobre o Holocausto e outras questões relacionadas com os judeus. A amada coleção de arte de seu avô foi dividida entre seus descendentes, mas Harry ainda possui a maior parte. Ele admite que a maioria está em seu armário. Até a

gravura do Rembrandt está pendurada discretamente, embora ele a mude para o lugar de honra sobre o sofá se lhe pedirem.

A única lembrança visível dos anos de guerra de Harry é uma pequena fotografia sobre uma mesinha de canto próxima. Tirada na mina de Heilbronn no início de 1946, ela mostra o oficial do Monuments tenente Dale Ford e o (recém-promovido) sargento Harry Ettlinger olhando para um autorretrato de Rembrandt. O quadro está pousado sobre um carrinho, com as paredes de pedra e trilhos de aço da mina claramente visíveis. Em 1946, a fotografia foi usada pelo Exército com propósitos promocionais e reimpressa pelo mundo todo. A legenda dizia simplesmente, “Soldados americanos com um Rembrandt”. Ninguém parecia interessado no fato de que o quadro era o Rembrandt do museu em Karlsruhe, e que o soldado de 19 anos de idade, de pé ao lado dele, era um judeu alemão que havia crescido a três quarteirões do museu, e por acaso descera 213 metros dentro de uma mina para olhar, pela primeira vez, o quadro de que sempre tinha escutado falar, mas jamais tivera o direito de ver.

ELENCO

FIGURAS SECUNDÁRIAS

- John Edward Dixon-Spain: Veterano da Primeira Guerra Mundial; Monuments Man britânico designado para o I Exército dos Estados Unidos com George Stout.
- S. Lane Faison Jr.: Serviu na OSS, precursora da CIA; interrogou muitos nazistas envolvidos nas pilhagens artísticas e culturais.
- Dale V. Ford: Designer de interiores; Monuments Man designado para o VII Exército dos Estados Unidos depois do final das hostilidades ativas; trabalhou com Harry Ettlinger na mina de Heilbronn.
- Ralph Hammett: Arquiteto; Monuments Man designado para a Zona de Comunicações.
- Mason Hammond: Estudioso de letras clássicas; conselheiro em belas-artes e monumentos, na Sicília, e primeiro Monuments Man não oficial.
- Albert Henraux: Presidente da Comissão de Récupération Artistique francesa.
- Thomas Carr Howe Jr.: Diretor do California Palace of the Legion of Honor, em San Francisco; oficial do Monuments designado para Altaussee.
- Sheldon Keck: Conservador; oficial-assistente do Monuments designado para Walter “Hutch” Huchthausen no IX Exército dos EUA.
- Stephen Kovalyak: Treinador esportivo; oficial do Monuments designado para várias evacuações de depósitos.
- Bancel LaFarge: Arquiteto; primeiro Monuments Man a desembarcar na Normandia, quando vinculado ao II Exército Britânico; promovido ao quartel-general da SHAEF, na França, no início de 1945.
- Everett “Bill” Lesley: Professor; Monuments Man para o I Exército dos Estados Unidos com Walker Hancock, e depois XV Exército dos EUA.
- Lord Methuen: Monuments Man britânico designado para a Zona de Comunicações.
- Lamont Moore: Curador de Educação na National Gallery of Art, Washington; oficial-assistente do Monuments para o 12º Grupo de Exércitos, I Exército

dos EUA e IX Exército dos EUA.

Paul Sachs: Fundador do “Museum Course” de Harvard e chefe de George Stout no Fogg Museum; chefe do Harvard Group que criou mapas de monumentos e guias para uso em campo; útil, como membro da Comissão Roberts, no recrutamento dos oficiais do Monuments no norte da Europa.
Francis Henry Taylor: Diretor do Metropolitan Museum of Art; presidente da American Association of Museum Directors; importante membro da Roberts Commission.

John Bryan Ward-Perkins: Estudioso de Arqueologia; oficial da artilharia britânica no norte da África que ajudou nos esforços de conservação; mais tarde diretor-assistente da MFAA na Itália.

Geoffrey Webb: Historiador de Arquitetura; conselheiro britânico da MFAA no SHAEF e principal oficial da MFAA no norte da Europa.

Sir Eric Mortimer Wheeler: Oficial da artilharia britânica e arqueólogo do Museu de Londres; sua conservação de ruínas romanas e gregas no norte da África em 1942 foi o primeiro desses esforços aliados.

Sir Charles Leonard Woolley: Conselheiro para Arqueologia do Ministério da Guerra britânico e líder civil da MFAA; dirigiu a MFAA sob o lema: “Nós protegemos as artes com o menor custo possível”, com frequência para seu próprio prejuízo.

ALEMÃES E NAZISTAS

Coronel barão Kurt von Behr: Chefe do Dienststelle Westen no Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR); supervisor da operação de pilhagem nazista no quartel-general francês no museu Jeu de Paume.

Martin Bormann: Reichsminister; secretário particular de Hitler.

Dr. Hermann Bunjes: Ex-funcionário do Kunstschutz na França que se tornou um participante-chave no ERR em Paris; leal a Von Behr e ao Reichsmarschall Göring.

August Eigruber: Nazista fanático e gauleiter (líder distrital) de Oberdonau, que incluía Linz, a cidade natal da infância de Hitler na Áustria, e a mina de sal de Altaussee.

Dr. Hans Frank: Reichsleiter; governador geral da Polônia.

Hermann Giesler: Arquiteto de Linz.

Hermann Göring: Reichsmarschall da Alemanha nazista; chefe da Luftwaffe; segundo em comando nazista e principal rival de Hitler saqueando a Europa.

Heinrich Himmler: Reichsführer SS; chefe da Waffen-SS e da Gestapo.

Adolf Hitler: Führer do Reich; “purificador” da Alemanha que destruiu a arte moderna; “glorificador” da Alemanha que achava que o Reich deveria possuir os tesouros culturais da Europa, muitos para serem exibidos em seu Führermuseum em Linz.

Walter Andreas Hofer: Comerciante de arte; diretor da coleção de arte de Göring e figura central na operação de pilhagem no Jeu de Paume, em Paris.

Dr. Helmut von Hummel: Assistente pessoal de Martin Bormann, secretário particular de Hitler, e principal canal de informações com Berlim nos últimos dias do Reich.

Ernst Kaltenbrunner: Eminente nazista austríaco; chefe do principal gabinete de segurança do Reich (RSHA, ou Reichssicherheitshauptamt); SS Obergruppenführer (líder de grupo sênior); chefe da Polícia de Segurança (Gestapo) e da SD.

Professor Dr. Otto Kümmel: Diretor do Museu Estadual de Berlim que compilou uma lista de todas as artes “germânicas” na Europa e a justificativa para repatriá-las para suas pátrias.

Dr. Bruno Lohse: Representante de Göring na operação de pilhagem da ERR no museu Jeu de Paume.

Dr. Hans Posse: Diretor original do Führermuseum em Linz; morreu de câncer em 1943.

Alfred Rosenberg: Chefe do Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR), uma organização racista que se tornou o principal caminho “legal” para a pilhagem nazista na Europa ocidental.

Prof. Dr. Albert Speer: arquiteto pessoal de Hitler e confidente íntimo; Reichsminister de Armamentos e Produção de Guerra.

Prof. Dr. conde Franz von Wolff-Metternich: Chefe do Kunstschutz em Paris, o programa de proteção de artes e monumentos alemão.

FIGURAS-CHAVE EM ALTAUSSEE

Max Eder: Engenheiro.

Glinz: Gauinspektor (inspetor distrital) trabalhando para Eigruher.

Otto Högl: Engenheiro e conselheiro de minas (Oberberggrat).

Eberhard Mayerhoffer: Engenheiro; diretor-técnico das minas de sal (Oberberggrat DI).

Prof. Dr. Hermann Michel: Ex-diretor do Museu de História Natural de Viena e chefe do Departamento de Mineralogia do museu.

Ralph E. Pearson: Coronel do Exército dos Estados Unidos com a 318ª Infantaria; liderou a “Força Tarefa Pearson” à mina de sal de Altaussee.

Dr. Emmerich Pöchmüller: Diretor-geral das minas de sal em Altaussee.

Alois Randaschl: Mineiro e membro do Partido Nazista.

Dr. Herbert Seiberl: Oficial austríaco; Instituto de Preservação de Monumentos, Viena.

Karl Sieber: Restaurador de Berlim que trabalhou dentro da mina de sal.

ABREVIACÕES

Ad Sec – Advance Section (Seção Avançada)

CAO – Civil Affairs Officer

Comm Zone – Communications Zone (Zona de Comunicações)

CO – Commanding officer (oficial-comandante)

ERR – Eisantzstab Reichsleiter Rosenberg

HD – Headquarters (quartel-general)

MFAA – Monuments, Fine Arts, and Archives (Monumentos, Belas-Artes e Arquivos)

PM – Polícia Militar

ROTC – Reserve Officers’ Training Corps (Corpo de Treinamento de Oficiais de Reserva)

SHAEF – Supreme Headquarters Allied Expeditionary Force (Supremo Quartel-General da Força Expedicionária Aliada)

NOTAS

ABREVIACÕES

AAA	Smithsonian Archives of American Art, Washington, DC
DÖW	Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes, Wien, Austria
NHM	Naturhistorisches Museum, Wien
NARA	National Archives and Records Administration, College Park, MD
NGA	National Gallery of Art, Washington, DC
RG	Record Group

As epígrafes do livro foram retiradas de: president Franklin D. Roosevelt, “Remarks made at the dedication ceremony of the National Gallery of Art, March 17, 1941”, Gallery Archives, NGA; e Robert Edwin Herzstein, *World War II: The Nazis* (Alexandria, VA: Time-Life Books, 1980), 107.

SEÇÃO I

As epígrafes desta seção foram retiradas de Eisenhower, *At Ease*, 254; e Stout, “Our Early Years at the Fogg”, 13.

1. Stout to Margie, 16 de junho de 1994, roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 1: SAINDO DA ALEMANHA

1. Ettlinger, “Ein Amerikaner”, 18.
2. Ibid., 19.

CAPÍTULO 2: O SONHO DE HITLER

1. Spotts, *Hitler and the Power of Aesthetics*, 323.
2. Tutaev, *The Consul of Florence*, 11.

O documento no fim do capítulo é reproduzido de Aksenov, Favorite Museum of the Führer, foto página 3; a legenda é retirada de Art Looting Investigation Unit, “Consolidated Interrogation Report #4: Linz”, attachment 1, NARA.

CAPÍTULO 3: O CHAMADO ÀS ARMAS

1. Carta de Godwin a Finley, December 5, 1940, RG 7, Box 77, Museum Correspondence, Conservation of Cultural Resources, Defense, Gallery Archives, NGA.
2. “Minutes of a Special Meeting of the Association of Museum Directors on the Problems of Protection and Defense held at the Metropolitan Museum of Art”, pp. 134-135, RG 7, Box 77, Publications, Metropolitan Museum, Conservation of Cultural Resources, Defense, Gallery Archives, NGA.
3. Stout a Taylor e Constable, “General Museum Conservation”, 31 de dezembro de 1942, Section 6a, W. G. Constable Papers, Smithsonian AAA.
4. Stout, Protection of Monuments: A Proposal for Consideration During War and Rehabilitation, 6a, Constable Papers.

O documento no fim do capítulo é retirado de Nazi Conspiracy and Aggression, Vol. III, 186.

CAPÍTULO 4: UM MUNDO MONÓTONO E VAZIO

1. Stout, “Our Early Years at the Fogg”, 11.
2. Ibid., 13.
3. Hancock, “Experiences of a Monuments Officer in Germany”, 279.
4. Stout a Warner, 4 de outubro de 1944, roll 1421, Stout Papers.
5. Nicholas, The Rape of Europa, 214.
6. Stout a Margie, 20 de março de 1943, roll 1420, Stout Papers.
7. Stout a Margie, 16 de março de 1943, roll 1420, Stout Papers.
8. Constable a Stout, 1º de junho de 1943, 6a, Constable Papers.

9. Stout a Constable, 3 de abril de 1943, 6a, Constable Papers.
10. Stout a Constable, 28 de março de 1943, 6a, Constable Papers.
11. Stout a Margie, 12 de julho de 1943, roll 1420, Stout Papers.

O documento no fim do capítulo é retirado de Nazi Conspiracy and Aggression, Vol. III, 188-189.

CAPÍTULO 5: LEPTIS MAGNA

1. A coleção do antigo London Museum é hoje parte do Museu de Londres.
2. Woolley, The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas, 14.

CAPÍTULO 6: A PRIMEIRA CAMPANHA

1. Woolley, The Protection of Treasures, 18.
2. Carta de Hammond a Reber, 24 de julho de 1943, RG 165, NM-84, Entry 463, NARA.
3. Smyth, Repatriation of Art from the Collecting Point in Munich after World War II, 77.
4. Carta de Stout a Sachs, 13 de setembro de 1943, RG 239, M1944, roll 57, Frame 180, NARA.

O documento nas páginas documento no fim do capítulo é retirado de Nazi Conspiracy and Aggression, Vol. III, 40-41.

CAPÍTULO 7: MONTE CASSINO

1. Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas, 68.
2. Ibid., 48.
3. Majdalany, Cassino, 122.

4. Ibid., 121-122.

5. Hapgood and Richardson, Monte Cassino, 227.

O documento no fim do capítulo é retirado de Nazi Conspiracy and Aggression, Vol. III, 1.

CAPÍTULO 8: MONUMENTOS, BELAS-ARTES E ARQUIVOS

1. Ambrose, Eisenhower, 177.

2. Stout a Margie, 31 de outubro de 1943, roll 1420, Stout Papers.

3. Stout a Margie, 17 de janeiro de 1944, roll 1421, Stout Papers.

4. Piña, Louis Rorimer, 123.

5. Woolley, The Protection of Treasures, 6.

CAPÍTULO 9: A TAREFA

1. Report of the American Commission, 102.

2. Ambrose, Eisenhower, 301.

SEÇÃO II

A carta que inicia a Seção II é de James J. Rorimer Papers, Nova York, NY.

CAPÍTULO 10: CONQUISTANDO RESPEITO

1. D'Este, Eisenhower, 534.

2. Ambrose, Citizen Soldiers, 43.

3. Rorimer, Survival, 3-4.

4. Skilton, Defense de l'art Européen, 19.

5. Rorimer, Survival, 2.

6. Carta de Rorimer, 4 de fevereiro de 1944, Rorimer Papers.

7. Carta de Rorimer, 10 de março de 1944, Rorimer Papers.

8. Carta de Rorimer, 6 de junho de 1944, Rorimer Papers.
9. Carta de Rorimer, 30 de abril de 1944, Rorimer Papers.
10. Ibid.
11. Ibid.
12. Carta de Rorimer, 7 de maio de 1944, Rorimer Papers.
13. Carta de Rorimer, 6 de abril de 1944, Rorimer Papers.
14. Rorimer, Survival, 4.
15. Ibid., 8.
16. Ibid., 14.

A carta no fim do capítulo é de roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 11: UM ENCONTRO NO CAMPO DE BATALHA

1. Ambrose, Citizen Soldiers, 75.
2. Rorimer, Survival, 15.
3. “The Capital of the Ruins” foi o título de um breve relatório de Samuel Beckett, 1946.
4. Carta de Rorimer, sem data, Rorimer Papers.
5. Ibid.
6. Smyth, Repatriation of Art, 16.
7. Rorimer, Survival, 19.
8. Ibid., 37.
9. Ibid.
10. Ibid., 39.

A carta no fim do capítulo é de roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 12: A MADONA DE MICHELANGELO

Detalhes deste capítulo foram retirados de “Removal of Works of Art from the Church of Notre-Dame at Bruges”, 24 de setembro de 1944. King’s College Archive Centre, Cambridge, The Papers of Ronald Edmond Balfour, Misc. 5.

CAPÍTULO 13: A CATEDRAL E A OBRA-PRIMA

1. Hancock para Saima, 20 de setembro de 1944, Walker Hancock Papers, Gloucester, MA.
2. Rorimer, *Survival*, 47.
3. Hancock para Saima, 30 de outubro de 1943.
4. Hancock, *A Sculptor’s Fortunes*, 129.
5. Hancock para Saima, 31 de outubro de 1943, Hancock Papers.
6. Hancock para Saima, 30 de outubro de 1943, Hancock Papers.
7. Hancock para Saima, 28 de janeiro de 1944, Hancock Papers.
8. Hancock para Saima, 11 de abril de 1944, Hancock Papers.
9. Ambrose, *Citizen Soldiers*, 110.
10. Hancock para Saima, 6 de outubro de 1944, Hancock Papers.
11. Entrevista com Bernard Taper.
12. Hancock, *A Sculptor’s Fortunes*, 136.
13. Hancock para Saima, 6 de outubro de 1944, Hancock Papers.
14. Hancock para Saima, 10 de outubro de 1944, Hancock Papers.

CAPÍTULO 14: O CORDEIRO MÍSTICO DE VAN EYCK

1. Entrevista com Robert Posey.
2. Posey para Alice, 23 de setembro de 1944, Robert Posey Papers, Scarsdale, NY.

CAPÍTULO 15: JAMES RORIMER VISITA O LOUVRE

1. Carta de Rorimer, 8 de setembro de 1944, Rorimer Papers.

2. Ibid.
3. Taylor, “The Rape of Europa”, 52.
4. Diário de Rorimer, 27 de setembro de 1944 entry, 28MFAA-J:1-1, James J. Rorimer Papers, Gallery Archives, National Gallery of Art, Washington, DC.
5. Simon, The Battle of the Louvre, 26.
6. Chamson, “In Memoriam, Jacques Jaujard”, 151.
7. Franz Graf Wolff-Metternich, “Concerning My Activities as Adviser on the Protection of Works of Art to O.K.H. from 1940-1942 (Kunstschutz)”, p. 3, RG 239, M1944, Roll 89, frames 352-372, NARA.
8. Ibid.
9. Ibid., p. 12.
10. Ibid., attachment “Re: Professor Dr. Graf Franz Wolff-Metternich, born 31.12.99 in Felkingen, Catholic, married, Provinzialkonservator for the Rhine, living in Bonn, Blücherstrasse 2”.
11. Rayssac, L’Exode des Musees, 853.
12. Ibid., 706.
13. Von Choltitz, “Pourquoi en 1944 je n’ai pas détruit Paris”.

A carta no fim do capítulo é de Rorimer Papers.

CAPÍTULO 16: ENTRANDO NA ALEMANHA

1. Hancock para Saima, 25 de outubro de 1944, Hancock Papers.
2. Foto nº 00060179, Ullstein Bild.
3. Hancock para Saima, 25 de outubro de 1944, Hancock Papers.
4. Hancock, “Experiences of a Monuments Officer in Germany”, 273.
5. Hancock, A Sculptor’s Fortunes, 139.
6. Ibid., 140.

7. Ibid.
8. Diário de Hancock, Hancock Papers.

CAPÍTULO 17: UMA VIAGEM DE PESQUISA

1. Hancock, “Experiences of a Monuments Officer in Germany”, 277.
2. Ibid.
3. Ibid., 279.
4. Ibid.
5. As notas de análise são retiradas do diário de Hancock, 18 de novembro de 1944, Hancock Papers.

A carta no fim do capítulo é de roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 18: TAPEÇARIA

1. Canady, “James Rorimer Left Cloisters to Excel in a Bigger Job”.
2. Rayssac, L’Exode des Musées, 695.
3. Rorimer, Survival, 93.
4. Ibid.
5. Notas de Rorimer sobre Volland, 28MFAA-J:2-11, Rorimer Papers, NGA.
6. Ibid.

CAPÍTULO 19: VOTOS DE NATAL

1. Sasser, Patton’s Panthers, 127.
2. D’Este, Patton, 685.
3. Posey para Alice, 9 de julho de 1944, Posey Papers.
4. Posey para Dennis, 1º de março de 1945, Posey Papers.
5. Nicholas, The Rape of Europa, 224.

A carta no fim do capítulo é de Posey Papers.

CAPÍTULO 20: A MADONA DE LA GLEIZE

A carta no fim do capítulo é de Hancock Papers.

CAPÍTULO 21: O TREM

1. Nazi Conspiracy and Aggression, Vol. III, 186.
2. Nota de Rose Valland, 28 de julho de 1944, R32-1, Archives des Musées Nationaux.
3. Nota de Rose Valland, 16 de agosto de 1944, R32-1, Archives des Musées Nationaux.
4. Nota de Rose Valland, fevereiro de 1944, R32-1, Archives des Musées Nationaux.
5. Nota de Rose Valland, 20 de agosto de 1944, R32-1, Archives des Musées Nationaux.
6. Michel Rayssac, Historail, janeiro de 2008.
7. Rorimer, Survival, 112.
8. Valland, Le Front de L'Art, 218.
9. Carta de Rorimer, 23 de abril de 1944, Rorimer Papers.
10. Carta de Rorimer , 22 de outubro de 1944, Rorimer Papers.
11. Carta de Rorimer, 6 de junho de 1944, Rorimer Papers.
12. Carta de Rose Valland, 21 de outubro de 1944, Archives des Musées Nationaux.
13. Manuscrito de Rorimer, 28MFAA-J:3-14, Rorimer Papers, NGA.

CAPÍTULO 22: AS ARDENAS

1. Posey para Alice, 16 de dezembro de 1944, Posey Papers.
2. Ibid.

3. Stout para Margie, 10 de janeiro de 1945, Roll 1421, Stout Papers.
4. Entrevista do autor com Robert Posey.

CAPÍTULO 23: CHAMPANHE

1. Os detalhes da chegada dos alemães no Jeu de Paume foram retirados de Valland, *Le Front de l'Art*, capítulo 7.
2. Ibid., 67.
3. Ibid., 68.
4. Ibid., 59.
5. Os detalhes da libertação de Paris foram retirados de Valland, *Le Front de l'Art*, capítulo 23.
6. Carta de Valland, 27 de outubro de 1944, Archives des Musées Nationaux.

CAPÍTULO 24: UM JUDEU ALEMÃO NO EXÉRCITO AMERICANO

O material deste capítulo foi retirado da entrevista do autor com Harry Ettlinger, 2008; e Ettlinger, “Ein Amerikaner”.

CAPÍTULO 25: SOBREVIVENDO À BATALHA

1. Hancock, “Experiences of a Monuments Officer in Germany”, 285.
2. Ibid.
3. Ibid.
4. Ibid.

CAPÍTULO 26: O NOVO MONUMENTS MAN

1. Duberman, *The Worlds of Lincoln Kirstein*, 373.
2. Ibid., 387.
3. Ibid.
4. Carta de Rorimer, 27 de junho de 1944, Rorimer Papers.

5. Carta de Kirstein a Cairns, 13 de outubro de 1944, box 13-202, MGZMD, 97, Lincoln Kirstein Papers, ca. 1914-1991, New York Public Library for the Performing Arts, Jerome Robbins Dance Division, Archives.
6. Adolf Hitler, *Mein Kampf*, conforme citado em Martin Gray and A. Norman Jeffares, eds., *A Dictionary of Quotations* (Nova York: Barnes and Noble Books, 1995), 323.

CAPÍTULO 27: GEORGE STOUT E SEUS MAPAS

1. Stout para Margie, carta sem data, 30/1-8/2 de 1945, roll 1421, Stout Papers.
2. Anotação em diário, 29 de janeiro de 1945, roll 1378, Stout Papers.
3. Stout para Margie, 6 de março de 1945, roll 1421, Stout Papers.
4. Stout para Margie, 6 de abril de 1945, roll 1421, Stout Papers.
5. Stout para Margie, 6 de março de 1945, roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 28: ARTE EM MUDANÇA

1. Yeide, *Beyond the Dreams of Avarice*, 17.
2. Sigmund, *Die Frauen der Nazis*, 65.

CAPÍTULO 29: DOIS MOMENTOS DECISIVOS

Os detalhes da morte de Ronald Balfour foram retirados de “Translation of Article in Rheinpost 12th September 1985, Hachmann, The Sexton, Eyewitness of Major Balfour’s Death”, King’s College Archive Centre, Cambridge, The Papers of Ronald Edmond Balfour, Misc. 5.

1. Hobbs, “A Michelangelo in Belgium?”
2. Carta de Rorimer, 18 de fevereiro de 1945, Rorimer Papers.
3. Manuscrito de Rorimer, ERR 20, box 3-9, Rorimer Papers.
4. Os detalhes da queima de obras de arte pelos nazistas em 1943 foram tirados de anotações de Rose Valland e Jacqueline Bouchot-Saupique baseadas no relato testemunhal de Valland, 20 e 23 de julho de 1943, Archives des

Musées Nationaux. Esta história tem sido contestada por alguns historiadores, inclusive Matila Simon em *The Battle of the Louvre*.

5. Rorimer, *Survival*, 114.

CAPÍTULO 30: O DECRETO NERO DE HITLER

1. Speer, *Inside the Third Reich*, 437.

2. *Ibid.*, 562.

CAPÍTULO 31: O I EXÉRCITO DO OUTRO LADO DO RENO

1. Hancock para Saima, 12 de março de 1945, Hancock Papers.

2. *Ibid.*

3. Stout para Margie, 19 de março de 1945, roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 32: MAPA DO TESOURO

1. Posey para Alice, 18 de março de 1945, Posey Papers.

2. Kirstein para Groozle, 24 de março de 1945, box 2-25, MGZMD 97, Kirstein Papers. Kirstein usava diversos apelidos para as pessoas de seu círculo mais íntimo, a maioria deles uma variação de “Goosie”; por isso é difícil determinar com certeza quem recebia uma carta assim endereçada.

3. “St. Lô to Alt Aussee”, Posey Papers.

4. Kirstein para Groozle, 24 de março de 1945, box 2-25, MGZMD 97, Kirstein Papers.

5. *Ibid.*

6. Posey para Dennis, 23 de março de 1945, Posey Papers.

7. Posey, “Protection of Cultural Monuments During Combat”, 130.

8. Kirstein, “Arts and Monuments”, *The Poems of Lincoln Kirstein*, 264.

9. Kirstein, “Quest for the Golden Lamb”, 183.

10. Kirstein, “Arts and Monuments”, 265.

11. Carta de Bunjes apresentada nos julgamentos de Nuremberg, Nuremberg Trials, Volume 9, 547-549.
12. Kirstein, “Quest for the Golden Lamb”, 183.

CAPÍTULO 33: FRUSTRAÇÃO

1. Carta de Rorimer, sem data, Rorimer Papers.
2. Speer, Inside the Third Reich, 452-453.
3. Ibid., 453.
4. Ibid., 453-454.
5. Ibid., 455.

A carta de Walker Hancock no fim do capítulo é de Hancock Papers. A carta de George Stout no fim do capítulo é de roll 1421, Stout Papers.

CAPÍTULO 34: DENTRO DA MONTANHA

1. Hancock para Saima, 4 de abril de 1945, Hancock Papers

CAPÍTULO 35: PERDIDOS

1. Nicholas, The Rape of Europa, 332.
2. Hancock para Saima, 25 de novembro de 1945, Hancock Papers.

CAPÍTULO 36: UMA SEMANA INESQUECÍVEL

1. Kirstein, “The Mine at Merkers”, box 13-206, MGZMD 97, Kirstein Papers.
2. Bradsher, “Nazi Gold: The Merkers Mine Treasure”, 8.
3. Posey para Alice, 9 de abril de 1945, Posey Papers.
4. Kirstein, “The Mine at Merkers”.
5. Kirstein, “Hymn”, The Poems of Lincoln Kirstein, 274.
6. Diário de Stout, 11 de abril de 1945, roll 1378, Stout Papers.

7. Bradsher, “Nazi Gold: The Merkers Mine Treasure”, 8.
8. D’Este, Eisenhower, 686.
9. David Eisenhower, Eisenhower at War, 763.
10. Bradley, A General’s Life, 428.
11. D’Este, Eisenhower, 720.
12. Ibid.
13. Kirstein, “The Mine at Merkers”.
14. Kirstein para Ma and Goosie, 13 de abril de 1945, box 2-24, MGZMD, Kirstein Papers.
15. Diário de Stout, 13 de abril de 1945, roll 1378, Stout Papers.
16. Ibid.
17. Diário de Stout, 15 de abril de 1945, roll 1378, Stout Papers.
18. Diário de Stout, 16 de abril de 1945, roll 1378, Stout Papers.
19. Ibid.
20. Diário de Stout, 17 de abril de 1945, roll 1378, Stout Papers.
21. Kirstein, “The Mine at Merkers”.
22. Stout para Margie, 19 de abril de 1945, roll 1421, Stout Papers.
23. Posey para Alice, 20 de abril de 1945, Posey Papers.

CAPÍTULO 37: SAL

1. Fotografia, Posey Papers. A palavra stürzten estava escrita errada no engradado; stürzen seria o correto.
2. Ambrose, Eisenhower, 392.
3. Ibid., 391.
4. Hobbs, Dear General, 223.
5. Ambrose, Eisenhower, 400.
6. Hirshon, General Patton, 628.

7. Ambrose, Eisenhower, 393.

CAPÍTULO 38: HORROR

1. Hancock para Saima, 9 de abril de 1945, Hancock Papers.
2. Hancock para Saima, 12 de abril de 1945, Hancock Papers.
3. Hancock, *A Sculptor's Fortunes*, 157.
4. Ibid., 158.
5. Hancock para Saima, 20 de abril de 1945, Hancock Papers.
6. Hancock para Saima, 15 de abril de 1945, Hancock Papers.
7. Kirstein para Goosie, 20 de abril de 1945, box 2-24, MGZMD 97, Kirstein Papers.
8. Ibid.
9. Kirstein para Miss Marshall, 24 de abril de 1945, box 8-90, MGZMD 123, Kirstein Papers.

CAPÍTULO 39: O GAULEITER

1. Pöchmüller, *Welt-Kunstschatze in Gefahr*, 57.
2. Kubin, *Sonderauftrag Linz*, 100.
3. Pöchmüller, *Welt-Kunstschatze in Gefahr*, 58.

CAPÍTULO 40: A MINA CASTIGADA

Os detalhes da cena em Heilbronn são de Rorimer, *Survival*, 135-143.

1. Rorimer, *Survival*, 137.
2. Carta de Rorimer, 25 de abril de 1945, Rorimer Papers.

CAPÍTULO 41: ÚLTIMO ANIVERSÁRIO

1. Joachimsthaler, *The Last Days of Hitler*, 105-106.
2. Ibid., 97.

3. Wheelock, ed., Johannes Vermeer, 168.

CAPÍTULO 42: PLANOS

1. Diário de Stout, May 1, 1945, Stout Papers.
2. Pöchmüller, *Welt-Kunstschatze in Gefahr*, 68.
3. Rorimer, *Survival*, 160-161.

CAPÍTULO 43: O LAÇO

Os detalhes sobre a redação do testamento, casamento e suicídio de Hitler foram retirados de Joachimsthaler, *The Last Days of Hitler*, 128-130.

1. Adolf Hitler, “Last Will and Testament”, 30 de abril de 1945, RG 238 Entry 1 NM-66, U.S. Counsel for the Prosecution of Axis Criminality, Box 189, F: 3569-PS, NARA.
2. Hitler ditou um “testamento político” e um “testamento privado” no dia 29 de abril de 1945. No dia seguinte, suicidou-se. No mínimo três, mas provavelmente quatro cópias foram assinadas e testemunhadas. Três foram despachadas do abrigo subterrâneo na Reichschancellery depois da morte de Hitler; a cópia principal para o almirante Dönitz (mensageiro especial Zander); outra (sem o “testamento privado”) ao marechal de campo Schörner (mensageiro Johannmayer); e a terceira para os arquivos do Partido Nazista em Munique (mensageiro Lorenz). Nenhum dos três mensageiros especiais carregando esses documentos chegou a seu destino, e os testamentos e vontades foram mais tarde descobertos em diferentes esconderijos. O conjunto que deveria ir para Dönitz está agora no National Archives, em College Park, Md., e os outros estão de posse do Imperial War Museum, em Londres. É possível que Bormann levasse com ele o terceiro testamento privado ao deixar o bunker na noite do dia 1º de maio de 1945. Parece que um quarto conjunto foi provavelmente entregue ao general de divisão soviético Vasily Ivanovich Chuikov durante as infrutíferas negociações de cessar-fogo do general alemão Hans Krebs no dia 1º de maio de 1945. É pouco provável que Hitler tenha pretendido que uma quarta cópia fosse

transmitida aos russos. É mais provável que essa tenha sido uma manobra combinada por Goebbels e Boermann na noite de 30 de abril de 1945. Dependendo de a assinatura de Hitler no quarto conjunto poder ser determinada como falsa, ele ou não teria conhecimento desse quarto conjunto (todas as testemunhas teriam estado ainda no bunker, entretanto, para assinarem e Bormann ou Goebbels poderiam ter dado um jeito de Frau Jung enfiar furtivamente uma quarta folha de papel carbono na máquina de escrever), ou talvez a quarta cópia fosse para o Generalfeldmarschall Kesselring, que no dia 29 de abril de 1945 ainda estava envolvido em uma rendição independente aos Aliados na Itália, mas ainda continuava tendo a confiança de Hitler. Não há evidências de que na hora em que Hitler estava fazendo seu testamento ele teve de retirar sua confiança em Kesselring. Portanto, Kesselring como um potencial receptor de um quarto conjunto de “testamento político” e “testamento privado” não é improvável.

3. Högler, Bericht über die Verhinderung der von Gauleiter Eigruber geplanten Vernichtung der Kunstschatze im Salzbergwerk Altaussee, 30 de dezembro de 1945, Archiv Linz, Sch 0018, Högler Papers, 4.
4. Ibid.
5. Kubin, Sonderauftrag Linz, 115.
6. Entrevista com Robert Posey, 2008.
7. Posey para Alice, 18 de abril de 1945, Posey Papers.

CAPÍTULO 44: DESCOBERTAS

1. Os detalhes dos caixões em Bernterode foram tirados de Hancock, A Sculptor's Fortunes, 159-160.
2. Ibid., 160.
3. Rorimer, Survival, 181-182.

CAPÍTULO 45: O LAÇO APERTA

1. Davidson, The Trial of the Germans, 439.

2. Rayssac, L'Exode des Musées, 758-760, 803.

CAPÍTULO 46: A CORRIDA

Os detalhes da captura de Berchtesgaden foram retirados de McManus, "The Last Great Prize", 51-56.

1. Rorimer, Survival, 183.
2. Ibid., 185.

CAPÍTULO 47: ÚLTIMOS DIAS

1. Os detalhes das torres Flak de Berlim foram tirados de Akinsha and Kozlov, Beautiful Loot, 52-95.
2. Bernard Taper, "Investigating Art Looting for the MFAA", em Simpson, ed., Spoils of War, 137.
3. Posey para Alice, 2 de maio de 1945, Posey Papers.
4. Kirstein, "Quest for the Golden Lamb", 183.
5. Kirstein para Grooslie, 6 de maio de 1945, box 2-25, MGZMD 97, Kirstein Papers.
6. Ibid.

CAPÍTULO 48: O TRADUTOR

O material neste capítulo baseia-se nas entrevistas do autor com Harry Ettlinger, 2008, e Ettlinger, "Ein Amerikaner".

CAPÍTULO 49: A NOVIÇA REBELDE

1. Hancock, "Experiences of a Monuments Officer in Gemany", 299.
2. Hancock para Saima, 4 de maio de 1945, Hancock Papers.
3. Hancock para Saima, carta não datada #151, Hancock Papers.
4. Hancock para Saima, carta não datada #150, Hancock Papers.

CAPÍTULO 50: O FIM DA ESTRADA

1. Kirstein, “Quest for the Golden Lamb”, 184.

SEÇÃO V

As epígrafes desta seção foram retiradas de Balfour, “Draft Lecture”, 9, Balfour Papers; and Fasola, *The Florence Galleries and the War*, 75.

CAPÍTULO 51: COMPREENDENDO ALTAUSSEE

1. Entrevista com S. Lane Faison Jr., cortesia de Actual Films.
2. Pöchmüller, *Welt-Kunstschatze in Gefahr*, 57-59.
3. Kirstein, “Quest for the Golden Lamb”, 184.
4. Ibid., 185.
5. *Freiheitskämpfer von Altaussee, Bericht über die Aktion zur Rettung und Sicherstellung der im Salzbergwerk verlagerten Wert- und Kunstgegenständen Europas in den April- und ersten Maitagen des Jahres 1945, fevereiro de 1948*, Archiv Linz, Sch 0042-0046, Michel Papers.
6. Kubin, *Sonderauftrag Linz*, 231-238.
7. Plieseis, Letter to the Editor of the Magazine “Neuer Mahnruf”, 27 de outubro de 1960, Kubin Estate, Linz Archive.
8. Kubin, *Sonderauftrag Linz*, 211-225.
9. Michel, *Bergungsmassnahmen und Widerstandsbewegung*, *Annalen des Naturhistorischen Museums in Wien*, 56. Band, 1948. AuW, NHM, 3-6.
10. Riedl-Dorn, *Das Haus der Wunder*, 220.
11. Kubin, *Sonderauftrag Linz*, 196.
12. Michel, *Bericht über die ereignisreiche und denkwürdige Bewahrung unschätzbarer Kunstwerke in den Salzberg-Anlagen in Alt Aussee vor nazistischer Zertörung durch die Eigruher-Bande*, undated report, Archiv Linz, Sch 0042-0046, Michel Papers.
13. Roll 1421, Stout Papers.

14. Kirstein para Goosie, 13 de maio de 1945, box 13-206, MGZMD 97, Kirstein Papers.
15. Kubin, Sonderauftrag Linz, 99.
16. Pöchmüller, Welt-Kunstschätze in Gefahr, 58.
17. Ibid., 51.
18. Ibid., 68.
19. Sieber, Bericht über die Verlagerung von Gemälden innerhalb des Salzberges, Altaussee, 12 de maio de 1945, DÖW 3296a/b.
20. Högler, Bericht über die Verhinderung der von Gauleiter Eigruber geplanten Vernichtung der Kunstschätze im Salzbergwerk Altaussee, Archiv Linz, Sch 0018, Högler Papers, 11.
21. Ibid., 12.
22. Pöchmüller, Welt-Kunstschätze in Gefahr, 82-83.
23. Kubin, Sonderauftrag Linz, 128.
24. Ibid., 85.

CAPÍTULO 52: EVACUAÇÃO

1. Kirstein, “Quest for the Golden Lamb”, 184.
2. Ibid., 186.
3. Howe, Salt Mines and Castles, 183.
4. Kirstein para Grooslie, 22 de maio de 1945, box 13-206, MGZMD 97, Kirstein Papers.
5. Eder, Zusammenfassung der mir bekannten Einlagerungen im Salzbergwerk Altaussee, DÖW 10610, 4.
6. Kirstein, “Quest for the Golden Lamb”, 190.
7. Diário de Stout, 3 de julho de 1945, Stout Papers.
8. Howe, Salt Mines and Castles, 159.
9. Ibid.

10. Ibid.

11. Nicholas, *The Rape of Europa*, 373.

A carta no fim do capítulo é de Rorimer Papers.

CAPÍTULO 53: A JORNADA DE VOLTA PARA CASA

Os detalhes sobre Harry Ettlinger e Heilbronn foram tirados da entrevista do autor com Harry Ettlinger, 2008, e Ettlinger, “Ein Amerikaner”.

1. Entrevista com Harry Ettlinger, cortesia de Actual Films.

CAPÍTULO 54: HERÓIS DA CIVILIZAÇÃO

1. Goldensohn, *Nuremberg Interviews*, 132.

2. Ibid., 129.

3. Ibid., 128.

4. Bernard Taper, “Investigating Art Looting for the MFAA”, in Simpson, ed., *Spoils of War*, 138.

5. Rayssac, *L’Exode des Musées*, 955.

6. Rorimer, *Survival*, 187.

7. Valland para Rorimer, 25 de junho de 1957, Rorimer Papers, NGA.

8. Kubin, *Sonderauftrag Linz*, 189-191.

9. Ibid., 191-192.

10. Ibid., 193-194.

11. Ibid., 172-189.

12. Michel, Carta ao Bundesministerium für Unterricht, 1947, Archiv Linz, Sch 0042-0046, Michel Papers.

13. Kubin, *Sonderauftrag Linz*, 175.

14. Ibid., 194.

15. Michel, *Bergungsmassnahmen und Widerstandsbewegung*, *Annalen des*

- Naturhistorischen Museums in Wien, 56. Band, 1948. AuW, NHM, 3-6.
16. Kubin, Sonderauftrag Linz, 195-204.
 17. Rayssac, L'Exode des Musées, 847.
 18. Chamson, "In Memoriam, Jacques Jaujard", 152.
 19. "A l'Institut: Gaston Palewski fait l'éloge d'un grand défenseur des Beaux-Arts Jacques Jaujard", Le Figaro, 21 de novembro de 1968.
 20. "Albert Henraux (1881-1953)", p. XXII, Archives des Musées Nationaux.
 21. Valland, Le Front de l'Art, 221.
 22. Anotação de Rose Valland, fevereiro de 1944, R32-1, Archives des Musées Nationaux.
 23. Jacques Jaujard, "Activités dans la Résistance de Mademoiselle Rose Valland Conservateur des Musées Nationaux", R32-1, Archives des Musées Nationaux.
 24. Rayssac, L'Exode des Musées, 850.
 25. Ibid.
 26. Kirstein para Goosie, 20 de abril de 1945, box 2-24, MGZMD 97, Kirstein Papers.
 27. Carta de Kirstein para Stout, 16 de março de 1947, Stout Papers.
 28. Ver wikipedia.org/wiki/Kirstein.
 29. Hancock, A Sculptor's Fortunes, vii.
 30. "1,000 Pay Tribute at Rorimer Rites", New York Times, 17 de maio de 1966.
 31. Houghton, "James J. Rorimer", 39.
 32. Carta a Harvard de Frieda van Schaïk, novembro de 1945, Huchthausen Papers, Universidade de Harvard.
 33. Carta de Marvin Ross, Huchthausen Papers.
 34. Hancock para Saima, 25 de novembro de 1945, Hancock Papers.
 35. Carta para Mr. Kenneth Balfour, 1º de outubro de 1954, Balfour Papers.

36. Carta para Mr. and Mrs. Balfour, 17 de novembro de 1955, Balfour Papers.
37. Carta para Mr. Kenneth Balfour, 1º de outubro de 1954, Balfour Papers.
38. Stoner, "Changing Approaches in Art Conservation", 41.
39. Cohn, "George Stout's Legacy", 8.
40. "George L. Stout, at 80; Expert on Restoration of Works of Art", New York Times, 3 de julho de 1978.
41. "Report on Lieutenant George L. Stout, USNR, by Damon M. Gunn", 19 de novembro de 1944, roll 1420, Stout Papers.
42. Duberman, The Worlds of Lincoln Kirstein, 403.
43. Standen, "Report on Germany", 213.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- Akinsha, Konstantin, and Grigorii Kozlov. *Beautiful Loot: The Soviet Plunder of Europe's Art Treasures*. Nova York: Random House, 1995.
- Aksenov, Vitali. *Favorite Museum of the Führer, Stolen Discoveries*. St. Petersburg: Publishing House Neva, 2003.
- Ambrose, Stephen. *Citizen Soldiers: The U.S. Army from the Normandy Beaches to the Bulge to the Surrender of Germany, June 7, 1944, to May 7, 1945*. Nova York: Simon and Schuster, 1997.
- _____. *D-Day: June 6, 1944; The Battle for the Normandy Beaches*. Londres: Pocket Books, 2002.
- _____. *Eisenhower: Soldier, General of the Army, President-Elect 1890-1952*. Norwalk, CT: Easton Press.
- Bouchoux, Corinne. *Rose Valland: La Résistance au Musée*. France: Geste Editions, 2006.
- Bradley, Omar N., e Clay Blair. *A General's Life: An Autobiography by General of the Army Omar N. Bradley*. Nova York: Simon and Schuster, 1983.
- Bull, George. *Michelangelo: A Biography*. Nova York: St. Martin's Press, 1995.
- Busterud, John A. *Below the Salt: How the Fighting 90th Division Struck Gold and Art Treasure in a Salt Mine*. United States: Xlibris Corporation, 2001.
- Butcher, Capt. Harry C. *My Three Years with Eisenhower: The Personal Diary of Captain Harry C. Butcher, USNR, Naval Aide to General Eisenhower, 1942-1945*. Nova York: Simon and Schuster, 1946.
- Che cosa hanno fatto gli Inglesi in Cirenaica*. Roma: Ministero Della Cultura Popolare, 1941.
- Davidson, Eugene. *The Trial of the Germans: An Account of the Twenty-two Defendants Before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: Macmillan, 1996.

- D'Este, Carlo. *Patton: A Genius for War*. Nova York: HarperCollins, 1995.
- _____. *Eisenhower: A Soldier's Life*. Nova York: Henry Holt, 2002.
- Duberman, Martin. *The Worlds of Lincoln Kirstein*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2007.
- Dulles, Allen W. *Secret Surrender: The Classic Insider's Account of the Secret Plot to Surrender Northern Italy During WWII*. Guilford, CT: Lyons Press, 2006.
- Edsel, Robert M. *Rescuing Da Vinci: Hitler and the Nazis Stole Europe's Great Art, America and Her Allies Recovered It*. Dallas: Laurel Publishing, 2006.
- Eisenhower, David. *Eisenhower at War, 1943-1945*. Nova York: Random House, 1986.
- Eisenhower, Dwight D. *At Ease: Stories I Tell to Friends*. Nova York: McGraw-Hill, 1988.
- Esterow, Milton. *The Art Stealers*. Nova York: Macmillan, 1966.
- Fasola, Cesare. *The Florence Galleries and the War*. Florence: Casa Editrice Monsalvato, 1945.
- Feliciano, Hector. *The Lost Museum: The Nazi Conspiracy to Steal the World's Greatest Works of Art*. Nova York: Basic Books, 1995.
- Fest, Joachim. *Inside Hitler's Bunker: The Last Days of the Third Reich*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.
- Flanner, Janet. *Men and Monuments*. Nova York: Harper & Brothers, 1957.
- Friemuth, Cay. *Die Geraubte Kunst*. Berlin: Westermann, 1989.
- Goldensohn, Leon. *Nuremberg Interviews*. Nova York: Knopf, 2004.
- Gray, Martin, e A. Norman Jeffares, eds. *A Dictionary of Quotations*. Nova York: Barnes and Noble Books, 1995.
- Hammer, Katharina. *Glanz im Dunkel: Die Bergung von Kunstschatzen im Salzkammergut am Ende des 2. Weltkrieges*. Wien: Österreichischer Bundesverlag, 1986.
- Hancock, Walker, com Edward Connery Lathem. *A Sculptor's Fortunes*. Gloucester, MA: Cape Ann Historical Association, 1997.
- Hapgood, David, and David Richardson. *Monte Cassino: The Story of the Most Controversial Battle of World War II*. Cambridge, MA: Da Capo, 2002.

- Hastings, Max. *Victory in Europe: D-Day to VE Day in Full Color*. Boston: Little, Brown, 1985.
- Hirshon, Stanley P. *General Patton: A Soldier's Life*. Nova York: Perennial, 2003.
- Hitler, Adolf. *Mein Kampf*. Traduzido por Ralph Manheim. Nova York: Houghton Mifflin, 1943.
- Hobbs, Joseph. *Dear General: Eisenhower's Wartime Letters to Marshall*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- Howe, Thomas Carr, Jr. *Salt Mines and Castles*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1946.
- Hughes, Anthony. *Michelangelo*. Londres: Phaidon, 1997.
- Joachimsthaler, Anton. *The Last Days of Hitler: The Legends – The Evidence – The Truth*. Traduzido por Helmut Böglér. Londres: Arms and Armour Press, 1996.
- Kirstein, Lincoln. *The Poems of Lincoln Kirstein*. Nova York: Atheneum, 1987.
- Kubin, Dr. Ernst. *Sonderauftrag Linz: Die Kunstsammlung Adolf Hitler, Aufbau, Vernichtungsplan, Rettung. Ein Thriller der Kulturgeschichte*. Wien, Áustria: ORAC Buch-und Zeitschriftenverlag, 1989.
- Kurtz, Michael J. *America and the Return of Nazi Contraband: The Recovery of Europe's Cultural Treasures*. Cambridge, Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 2006.
- Linklater Eric. *The Art of Adventure*. Londres: Macmillan & Co, Ltd., 1947.
- Lohr, Hanns Christian. *Das Braune Haus der Kunst: Hitler und der "Sonderauftrag Linz"*. Berlin: Akademie Verlag, 2005.
- Majdalany, Fred. *Cassino: Portrait of a Battle*. Londres: Cassell &c Co., 1999.
- Methuen, Lord. *Normandy Diary: Being a Record of Survivals and Losses of Historical Monuments in North-Western France, Together with Those in the Island of Walcheren and in That part of Belgium Traversed by 21st Army Group in 1944-45*. Londres: Robert Hale Limited, 1952.
- Nazi Conspiracy and Aggression, Vol. III*. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1946.
- Nicholas, Lynn. *The Rape of Europa*. Nova York: Vintage, 1995.

- Petropoulos, Jonathan. *Art as Politics in the Third Reich*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.
- _____. *The Faustian Bargain: The Art World in Nazi Germany*. Oxford University Press, 2000.
- Piña, Leslie A. *Louis Rorimer: A Man of Style*. Kent, OH: Kent State University Press, 1990.
- Pöchmüller, Dr. Ing. Emmerich. *Welt-Kunstschatze in Gefahr*. Salzburg: Pallas-Verlag, 1948.
- Puyvelde, Leo van. *Van Eyck: The Holy Lamb*. Londres: Collins, 1947.
- Rayssac, Michel. *L'Exode des Musées: Histoire des Oeuvres d'Art Sous l'Occupation*. Paris: Editions Payot & Rivages, 2007.
- Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historic Monuments in War Areas. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1946.
- Riedl-Dorn, Christa. *Das Haus der Wunder: Zur Geschichte des Naturhistorischen Museums in Wien*. Wien, Áustria: Holzhausen, 1998.
- Rorimer, James J. *Survival: The Salvage and Protection of Art in War*. Nova York: Abelard Press, 1950.
- Roxan, David, and Ken Wanstall. *The Rape of Art*. Nova York: Coward-McCann, 1964.
- Sasser, Charles W. *Patton's Panthers: The African-American 761st Tank Battalion in World War II*. Nova York: Pocket Books, 2005.
- Schrenk, Christhard. *Schatzkammer Salzbergwerk: Kulturgüter überdauern in Heilbronn und Kockendorf den Zweiten Weltkrieg*. Heilbronn, Germany: Stadtarchiv, 1997.
- Sereny, Gitta. *Albert Speer: His Battle with Truth*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1995.
- Shirer, William L. *Berlin Diary: The Journal of a Foreign Correspondent: 1934-1941*. Norwalk, CT: The Easton Press, 1991.
- _____. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*, Volumes I and II. Norwalk, CT: The Easton Press, 1991.
- Sigmund, Anna Maria. *Die Frauen der Nazis*. Munique: Wilhelm Heyne Verlag, 2000.

- Simon, Matila. *The Battle of the Louvre: The Struggle to Save French Art in World War II*. Nova York: Hawthorne Books, 1971.
- Simpson, Elizabeth, ed. *Spoils of War*. Nova York: Harry N. Abrams, 1997.
- Skilton, John D., Jr. *Defense de l'art Européen: Souvenirs d'un officier américain "Spécialiste des Monuments"*. Paris: Les Editions Internationales, 1948.
- Smyth, Craig Hugh. *Repatriation of Art from the Collecting Point in Munich after World War II*. Nova Jersey: Abner Schram Ltd., 1988.
- Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. Nova York: Macmillan, 1970.
- Spotts, Frederic. *Hitler and the Power of Aesthetics*. Woodstock e Nova York: Overlook Press, 2002.
- Trial of the Major War Criminals before the International Military Tribunal: Nuremberg 14 November 1945 – 1 October 1946*. Nuremberg: International Military Tribunal, 1947.
- Tutaev, David. *The Consul of Florence*. Londres: Seeker and Warburg, 1966.
- Valland, Rose. *Le Front de l'Art: 1939-1945*. Paris: Librairie Plon, 1961.
- Vasari, Giorgio. *Lives of the Artists: Volume I*. Traduzido por George Bull. Londres: Penguin, 1987.
- Wheelock, Arthur K., ed. *Johannes Vermeer. The Hague: Royal Cabinet of Paintings, Mauritshuis and the Board of Trustees, National Gallery of Art, Washington, 1995*. Publicado em conjunto com a exposição "Johannes Vermeer" na National Gallery of Art, Washington, and the Royal Cabinet of Paintings Mauritshuis, The Hague.
- Whiting, Charles. *Bloody Aachen*. Nova York: Stein and Day, 1976.
- Woolley, Lt. Col. Sir Leonard. *The Protection of the Treasures of Art and History in War Areas*. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1947.
- Yeide, Nancy. *Beyond the Dreams of Avarice: The Hermann Goering Collection*. Dallas: Laurel Publishing, 2009.

ARTIGOS

- "1,000 Pay Tribute at Rorimer Rites". *New York Times*, 17 de março de 1966.
- "A l'Institut: Gaston Palewski fait l'éloge d'un grand défenseur des Beaux-Arts

- Jacques Jaujard.” *Le Figaro*, 21 de novembro de 1968.
- Bradsher, Greg. “Nazi Gold: The Merkers Mine Treasure”. *Prologue Magazine* 31, nº 1 (primavera, 1999).
- Canady, John. “James Rorimer Left Cloisters to Excel in a Bigger Job”. *New York Times*, 12 de maio de 1966.
- Chamson, André. “In Memoriam, Jacques Jaujard”. *Musées et Collections Publiques* (1967): 151-153.
- Cohn, Marjorie B. “George Stout’s Legacy”. *Journal of the American Institute for Conservation* 18, nº 1 (1978).
- Esterow, Milton. “Europe is Still Hunting its Plundered Art”. *New York Times*, 16 de novembro de 1964.
- Gibson, Michael. “How a Timid Curator with a Deadpan Expression Outwitted the Nazis”. *ARTnews* 80 (verão, 1981): 105-111
- Hammett, Ralph. “Comzone and the Protection of Monuments in North-West Europe”. *College Art Journal* 5, nº 2 (janeiro de 1946): 123-126.
- Hammond, Mason. “The War and Art Treasures in Germany”. *College Art Journal* 5, nº 3 (março de 1946): 205-218.
- Hancock, Walker. “Experiences of a Monuments Officer in Germany”. *College Art Journal* 5, nº 4 (maio de 1946): 271-311.
- Houghton, Arthur A., Jr. “James J. Rorimer”. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin* (verão, 1966, Part Two).
- Kirstein, Lincoln. “Quest for the Golden Lamb.” *Town and Country* 100, nº 428 (setembro de 1945): 115.
- McGregor, Neil. “How Titian Helped the War Effort”. *The Times* (Londres), 5 de junho de 2004.
- McManus, John C. “The Last Great Prize”. *World War II Magazine* (maio de 2005): 51-56.
- Norris, Christopher. “The Disaster at Flakturm Friedrichshain; A Chronicle and List of Paintings”. *The Burlington Magazine* 94, nº 597 (dezembro de 1952): 337-347.
- Plaut, James S. “Loot for the Master Race”. *Atlantic Monthly* 178, nº 3 (setembro de 1946): 57-63.
- _____. “Hitler’s Capital”. *Atlantic Monthly* 178, nº 4 (outubro de 1946):

73-78.

Posey, Robert. "Protection of Cultural Monuments During Combat". *College Art Journal* 5, nº 2 (janeiro de 1946): 127-131.

Rayssac, Michel. "Extrait de Historail: Janvier 2008".

<http://www.rosevalland.eu/hist-train.htm>.

Standen, Edith. "Report on Germany". *College Art Journal* 7, nº 3 (primavera, 1948): 209-215.

Stoner, Joyce Hill. "Changing Approaches in Art Conservation: 1925 to the Present", in *Scientific Examination of Art: Modern Techniques in Conservation and Analysis* (Washington, DC: National Academies Press, 2003).

Stout, George. "Our Early Years at the Fogg". *Art Dealer & Framer* (junho de 1977): 10-13, 16, 92-93, 96-97.

Taylor, Francis Henry. "The Rape of Europa". *Atlantic Monthly* 175 (janeiro de 1945): 52.

Von Choltitz, Dietrich. "Pourquoi en 1944 je n'ai pas détruit Paris – IX: Hitler: Vous réduirez Paris en un tas de décombres". *Le Figaro*, 12 de outubro de 1949.

MATERIAL NÃO PUBLICADO

Duncan, Sally Anne. "Paul J. Sachs and the Institutionalization of Museum Culture Between the World Wars". PhD diss., Tufts University, 2001.

Harry Ettlinger. "Ein Amerikaner: A Collection of Anecdotes in the Life of Harry Ettlinger". Nova Jersey, 2002.

Jerry R. Hobbs. "A Michelangelo in Belgium? The Bruges Madonna". Menlo Park, CA, 2004.

FILMES

Berge, Richard, and Bonni Cohen. *The Rape of Europa Collector's Edition*. Dallas: Agon Arts & Entertainment, 2008.

Bricken, Jules, and John Frankenheimer. *The Train (O trem)*. Santa Monica, CA: MGM Home Entertainment, 1964.

Eichinger, Bernd, and Oliver Hirschbiegel. *Downfall*. Culver City, CA: Sony Pictures with Newmarket Films and Constantin Film, 2005.
Heller, André, and Othmar Schmiderer. *Blindspot: Hitler's Secretary*. Culver City, CA: Sony Pictures Classics Release DOR Film, 2002.

COLEÇÕES PÚBLICAS

Archives des Musées Nationaux, France:
Rose Valland Papers

Archiv der Stadt Linz, Áustria:
Nachlass Dr. Ernst Kubin
Högl, Otto. Papers, Sch 0018
Michel, Prof. Dr. Hermann. Papers, Sch 0008, Sch 0011, Sch 0042-0046
Plieseis, Sepp. Papers, Sch 0042-0046
Pöchmüller, Dr. Ing. Emmerich. Papers, Sch 0016, Sch 0032

Archiv und Wissenschaftsgeschichte des Naturhistorischen Museums Wien,
Áustria:
Annalen, 56. Band, 1948

Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes, Wien, Áustria:
Eder, Max. Papers, DÖW 10610
Michel, Prof. Dr. Hermann. Papers, DÖW 8378
Seiberl, Dr. Herbert. Papers, DÖW 3296a 1-2, DÖW 3296b
Sieber, Karl. Papers, DÖW 3296a 1-2, DÖW 3296b

King's College Archive Centre, Cambridge:
The Papers of Ronald Edmond Balfour, Misc. 5

Metropolitan Museum of Art, Nova York City, The Cloisters Archives:
James J. Rorimer Papers

National Gallery of Art, Washington, DC:
Gallery Central Files
Walter Farmer Papers

James J. Rorimer Papers
Edith Standen Papers

National Archives and Records Administration, Washington, DC:
RG 165, 238, 239, and 331
OSS Art Looting Investigation Unit Reports, 1945-46 M1782

Nova York Public Library for the Performing Arts, Jerome Robbins Dance
Division, Archives:

Lincoln Kirstein Papers, ca 1913-1994 MGZMD 123

Lincoln Kirstein Papers, ca 1914-1991 MGZMD 97

[Copyright © 2009 Nova York Public Library (Astor, Lenox and Tilden
Foundations). Não pode ser reproduzido sem autorização por escrito.]

Smithsonian Archives of American Art, Washington, DC:

W. G. Constable Papers

James J. Rorimer Papers

George Stout Papers

Smithsonian Archives of American Art, Oral History Interviews:

George Stout

COLEÇÕES PARTICULARES

Dale V. Ford Papers, East Grand Rapids, MI

Walker Hancock Papers, Gloucester, MA

Robert Posey Papers, Scarsdale, NY

James J. Rorimer Papers, New York City, NY

ENTREVISTAS E CONVERSAS DO AUTOR

Horace Apgar

Daniel Altshuler

Richard Barancik

Anne Olivier Bell

Corinne Bouchoux

Dr. Bruce Cole
Jill Croft-Murray
Harry Ettlinger
S. Lane Faison Jr.
Betsy Ford
Dorothy Ford
Deanie Hancock French
Thomas Hoving
William Keller
Kenneth Lindsay
Jim Mullen
Lynn Nicholas
Alessandro Olschki
Charles Parkhurst
Dr. Edmund Pillsbury
Emmanuelle Polack
Col. Seymour Pomrenze
Dennis Posey
Robert Posey
Alain Prévét
Hedy Reeds
James Reeds
Agnes Risom
Anne Rorimer
Louis Rorimer
Salvatore Scarpitta
Craig Hugh Smyth
Richard Sonnenfeld
Mark Sponenberg
Thomas Stout
Bernard Taper
Nancy Yeide

ENTREVISTAS CORTESIA DA ACTUAL FILMS

Harry Ettlinger
S. Lane Faison Jr.
Kenneth Lindsay
Charles Parkhurst
Seymour Pomrenze
Craig Hugh Smyth
Bernard Taper

ENTREVISTAS DO SMITHSONIAN ARCHIVES OF AMERICAN ART ORAL HISTORY
INTERVIEWS

William Constable
S. Lane Faison Jr.
Walker Hancock
Thomas Carr Howe Jr.
Charles Parkhurst
James Plaut
George Stout

AGRADECIMENTOS

Treze anos de conscientização e curiosidade, nove anos de tempo investido e cinco anos de focada pesquisa: a menos que você tenha dado origem a um projeto desta magnitude, é difícil compreender a importância dos agradecimentos em um livro. Não importa a quantidade de sacrifício pessoal, essas conquistas raramente são singulares. Muitas pessoas, algumas almas gêmeas, outras que deram contribuições específicas, me permitiram contar esta história.

Ninguém fez mais sacrifícios pessoais para me ajudar de todos os modos possíveis do que Christy Fox. Sua fé nesta história, seu amor pelo Monuments Men e seu firme apoio e incentivo nessa longa jornada estão presentes em todas as páginas. A calma e amadurecida experiência de meu advogado e conselheiro, Michael Friedman, demonstra por que o “conselheiro” em seu título é com frequência mais valioso do que o “advogado”. Peter McGuigan e sua equipe na Foundry Literary & Media, incluindo Stéphanie Abou e Hannah Brown Gordon, compartilharam minha visão sobre a magnitude desta história. Ele tem me representado habilmente no mundo editorial. Ele também me apresentou a Bret Witter, cujo profissionalismo e ética no trabalho só se comparam ao altruísta comprometimento em contar uma grande história usando apenas palavras. A nossa foi uma colaboração prazerosa. Michelle Rapkin, minha editora, adorou a história dos Monuments Men desde o momento em que soube da existência deles. Seu apoio e endosso a meu trabalho têm sido exemplares, ainda mais considerando-se a súbita perda de seu amado marido, Bob. Sua equipe em Center Street dedicou-se a este projeto a cada etapa do caminho. Em particular, Pamela Clements, Preston Cannon e Jana Burson da equipe do Center Street Marketing and Publicity; Chris Barba, Chris Murphy, Gina Wynn, Karen Torres e todo o grupo da Hachette Sales, e Jody Waldrup merecem reconhecimento. Rolf Zettersten e Harry Helm se mostraram entusiasmados com este livro desde o início, e eu agradeço a ambos.

Quando se trabalha na área temática da Segunda Guerra Mundial, o volume de documentos, fotos e imagens filmadas é desconcertante. Sobrecarregados com problemas de tradução envolvendo, neste livro, francês, alemão e italiano, os

desafios a serem vencidos eram às vezes desnordeantes. Tive sorte de contar com dois ilustres pesquisadores a meu lado. Elizabeth Ivy Hudson treinou ao me ajudar em meu primeiro livro, *Rescuing Da Vinci*, e foi minha principal pesquisadora para todo este. Dorothee Schneider uniu-se a nosso time no último ano de pesquisa e deu inestimáveis contribuições, das quais não menos importante foi sua fluência em alemão e a capacidade de estar onde quer que precisássemos dela no mundo. Sinto-me muito orgulhoso de ambas. James Early, Karen Evans, Jamie Lewis, Tom Repreth e Anne Edsel Jones também contribuíram. Viagens em tempo integral a arquivos e entrevistas marcadas são uma responsabilidade assustadora com a qual minha assistente Michele Brown lidou com paciência e um sorriso. Ajudando nas traduções estiveram Arlette Quervel e seu marido, Yves, e Carol Brick-Stock.

Os vários arquivos que visitamos e seus funcionários foram uniformemente instruídos e úteis. O National Archives and Records Administration em College Park, Maryland, é uma maravilha de se ver. Sou agradecido aos Drs. Greg Bradsher e Michael Kurtz, e a muitas pessoas gentis no NARA. Na National Gallery, em Washington, quero agradecer a Maygene Daniels e sua assistente Jean Henry. Charles Perrier na Biblioteca Pública de Nova York também foi extremamente útil. No Museu do Louvre, em Paris, tivemos a sorte de contar com a entusiasmada assistência de Alain Prévot, que foi capaz de localizar quase todos os documentos de memória. Um muito obrigado também a Catherine Granger, Nicholas Jenkins, Laura Moore, Gene Fielden, Corinne Bouchaux e Desiree Wöhler.

Dr. Bruce Cole, Dr. Edmund Pillsbury, Jim Mullen, Claire Barry e Emmanuelle Polack, cada um deu assistência distinta, mas todos tinham algo em comum: uma conexão direta com os Monuments Men. Nenhuma conexão, entretanto, foi mais importante do que os próprios Monuments Men e seus familiares. Alguns tinham suas cartas e documentos de família organizados e disponíveis na hora; outros tiveram de gastar tempo e esforço consideráveis para localizá-los. Tornar disponíveis cartas de natureza tão pessoal envolve total confiança, e por isso estaremos sempre em dívida com os membros de suas famílias. Em particular, quero dizer uma palavra especial de agradecimento a Deanie Hancock French, Anne Rorimer, Tom Stout, Robert e Dennis Posey, e

Dorothy e Elizabeth Ford.

Durante minha vigília, conheci e fiquei amigo de 15 Monuments Men e suas famílias. Ao escrever este agradecimento, nove ainda estão conosco. Para aqueles que partiram (Lane, Craig, Salvatore, Charles, Sherman e Ken) e aqueles que ainda estão por aqui (Seymour, Bernie, Anne, James, Horace, Richard, Mark, Robert e Harry) e suas famílias, eu agradeço a vocês por acreditarem e confiarem em mim para preservar e colocar em uso sua extraordinária herança.

Especial reconhecimento deve ser sempre dirigido a Lynn Nicholas, cujo trabalho erudito na área de pilhagens nazistas durante a Segunda Guerra Mundial continua sendo a fonte essencial de informações para quem quer que esteja trabalhando nesse assunto.

Nove figuras-chave assumiram o risco de dar visibilidade ao Monuments Men. Sua assistência foi essencial, cada uma a seu próprio modo. Ao nos proporcionar essa chance quero expressar meus agradecimentos à congressista Kay Granger, a Steve Glauber, Charlie Rose, Randy Kennedy, Melik Kaylan, Eric Gibson, Susan Eisenhower, Dick Bass e ao já falecido William F. Buckley Jr.

Vários amigos queridos ajudaram a manter meu ânimo. Estendo meus agradecimentos a George e Fern Watcher, Leslie Tcheyan, June Terry, Mike Madigan, Allen Cullum e Rod Laver. A música de Keith Jarrett acalmou minha alma muitas vezes angustiada.

Finalmente, quero dizer uma palavra especial de agradecimento a Kathleen Kennedy-Marshall, cujo preciso e persistente questionamento me fez descobrir a melhor forma de contar esta história.

QUAL É SUA CONEXÃO COM A HISTÓRIA?

Para uma relação completa dos Monuments Men e mulheres de todas as treze nações, e para ler outros documentos nazistas e cartas dos Monuments Men não incluídos neste livro, visitar o site www.monumentsmen.com

A Monuments Men Foundation for the Preservation of Art é uma organização não lucrativa, aprovada pela Receita Federal 501(C) (3) dedicada à coleta de informações sobre os Monuments Men e mulheres de todas as treze nações junto com funcionários das artes e voluntários que, arriscando-se, ajudaram a proteger os grandes tesouros artísticos da Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Ela também dá seguimento à missão dos Monuments Men ao localizar e devolver algumas centenas de milhares de obras de arte ainda perdidas e que foram roubadas durante a Segunda Grande Guerra. Caso tenha informações sobre os Monuments Men e outros que ajudaram a salvar os maiores tesouros da civilização durante a guerra, ou possua obras de arte e documentos que acredite terem sido roubados ou “libertados” durante a guerra, favor entrar em contato com a Monuments Men Foundation em www.monumentsmenfoundation.org

Para mais informações sobre o The Greatest Theft in History Educational Program, visite www.greatesttheft.com

Título original

THE MONUMENTS MEN

Allied Heroes, Nazi Thieves, and the Greatest Treasure Hunt in History

Todos os documentos citados neste livro estão referenciados nas notas.

A maioria dos diálogos que aparecem sem nota foi adaptada pelo autor com o objetivo de conferir ao texto o tom de urgência que havia dentro de um contexto histórico preciso. Se as verdadeiras palavras podem não gerar citações diretas, os fatos estão documentados.

Copyright © 2009 by Robert M. Edsel

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Danielle Vidigal

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Fatima Agra

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Joana De Conti

REVISÃO DE ARQUIVO E-PUB

Rodrigo Octávio Cardoso

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E26c

Edsel, Robert M.

Caçadores de obras - primas [recurso eletrônico] : salvando a arte ocidental da pilhagem nazista / Robert M. Edsel ; tradução Talita M. Rodrigues. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital : il.

Tradução de: The monuments men: Allied heroes, Nazi thieves, and the greatest treasure hunt in history

ISBN 978-85-8122-348-3 (recurso eletrônico)

1. Roubo de objetos de arte - Alemanha - História - Séc. XX. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 - Confisco e contribuições - Alemanha. 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Destruição e pilhagem - Europa. 4. Guerra Mundial, 1939-1945 - A arte e a guerra. 5. Patrimônio cultural - Proteção - Europa - História - Séc. XX. 6. Livros eletrônicos. I. Witter, Bret. II. Título.

14-08364

CDD: 940.531

CDU: 94(100)'1939/1945'

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

OS AUTORES

ROBERT M. EDSSEL nasceu em 1956. Começou sua carreira no mercado de extração de óleo e gás. Em 1996, mudou-se para Florença para estudar artes, quando questionou-se como as obras-primas da civilização ocidental tinham sobrevivido à Segunda Guerra Mundial. É coprodutor do documentário *The Rape of Europe* e autor do livro *Rescuing Da Vinci*. É o criador da *Monuments Men Foundation for the Preservation of Art*. Atualmente, vive em Dallas.

BRET WITTER é coautor do bestseller *Dewey: Um gato entre livros*. Vive em Louisville, no estado de Kentucky, com a família.